Celso Ferreira da Cunha

Gramática da Língua Portuguesa

2.ª edição
(revista e atualizada)

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
FENAME — FUNDAÇÃO NACIONAL DE MATERIAL ESCOLAR
1975

Aos queridos amigos Oswaldo Serpa e Matilde Matarazzo Gargiulo, que tanto nos animaram a escrever este livro.

Professor Celso Ferreira da Cunha

Bacharel em Direito pela Faculdade Nacional de Direito
Licenciado e Doutor em Letras pela Faculdade Nacional de Filosofia
Professor Titular de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Granada
Ex-membro do Conselho Federal de Educação
Membro da Academia Brasileira de Filologia, da Société de Linguistique de Paris, da Société de Linguistique Romane, da Société des Etudes Latines, da Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina, da Oficina Internacional de Información y Observación del Español, da Association Internationale de Sémiotique, da Hispanic Society of America, do PILEI e da Association des Etudes Tsiganes
Professeur Associé à l'Université de Paris IV (Sorbonne)
Decano de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro
Diretor da Faculdade de Humanidades Pedro II
Autor de vários trabalhos filológicos e diversos compêndios didáticos

Gramática da Língua Portuguesa

Impresso no Brasil

ANO INTERNACIONAL DA MULHER

Cunha, Celso Ferreira da, 1917 —
C972g Gramática da língua portuguesa. 2. ed. rev. e atual. [Rio de Janeiro] FENAME, 1975.
656 p. ilust. 24 cm.
"Noções históricas": p. 10-33.
Mingograma: p. 176-179.
Bibliografia, desenvolvimento das abreviaturas usadas, p. 633-642.
1. Português — Gramática. I. Brasil. Fundação Nacional de Material Escolar, ed. II. Título.
MEC/FENAME/RJ CDD - 469.5 75-006

Esta edição foi publicada pela FENAME — Fundação Nacional de Material Escolar, sendo Presidente da República Federativa do Brasil o Excelentíssimo **General-de-Exército Ernesto Geisel** e Ministro de Estado da Educação e Cultura o **Senador Ney Braga.**

Prefácio

Doutrinava Heinicke, ilustre pedagogo alemão: "Toda lição deve ser ao mesmo tempo uma lição de língua pátria", porque ela é, por excelência, o órgão de comunicação, de expressão e de compreensão. Assim todos os professores, quer de nível fundamental, médio ou superior, ao ministrarem os seus ensinamentos, precisam revesti-los da melhor linguagem possível, para tornar cada aula uma lição de vernaculidade. Daí ter Jonathas Serrano afirmado: "Zelar a língua, apurar a forma, trabalhar o estilo, polindo-o e repolindo-o, consoante o velho preceito, é obra de são patriotismo e de alta apologética."

Neste mesmo sentido, o grande poeta Gonçalves Dias ponderava: "O conhecimento da própria língua é sem dúvida de uma grande vantagem; escrevê-la bem, qualquer que ela seja, só é dado aos grandes engenhos.

"Convençam-se, pois, aqueles que aspiram à imortalidade das letras que não há obra alguma que se recomende à imaginação sem o estilo.

"E isso assim foi, e é, e há de ser por séculos, porque a língua é a parte material, mas indispensável, das concepções do espírito. E assim como o operário não fará nem uma obra perfeita, se não tem os seus instrumentos ou se mal sabe manejar os que possui, o escritor não atingirá nunca o belo da forma, se se não tiver preparado de antemão com o estudo e com o exercício do mais rebelde, do mais intratável de todos os instrumentos — a língua."

Rui Barbosa, mestre do vernáculo, ensina: "Aspirar à clareza, à simplicidade e à precisão sem um bom vocabulário e uma gramática exata seria querer o fim sem os meios.

"Mas nem sempre, quando se pauta a escrita pelo fio da gramática, se tem dado conta da mão, no escrever bem, e no escrever para o povo. Há gramáticos provectos, filólogos consumados, que nunca escreveram senão com pena de chumbo em papel borrador. Não pecando contra a gramática, poder-se-á pecar, todavia, contra a boa linguagem.

"A lexiologia e a sintaxe não são tudo num idioma.

"Cada língua tem no seu gênio uma força de espontaneidade e seleção, um critério de acerto e um tipo de beleza, que se exercem, ou se anunciam, pela sensibilidade e o instinto que a falam. É essa intuição de vernaculidade, esse como sexto sentido, o da linguagem, que parece ter por órgão o ouvido, e do ouvido recebe o nome."

Cumpre, pois, à cultura brasileira estudar profundamente a língua materna, para enriquecê-la de novos vocábulos, adquiridos através da moderna tecnologia e dos progressos da ciência e da civilização contemporânea, e embelezá-la por meio de uma forma mais perfeita. E isto só poderemos conseguir com lógica gramatical e estética de linguagem.

Os nossos grandes escritores já demonstraram sobejamente que existe tal possibilidade.

Acentuamos, mais de uma vez, que a Fundação Nacional de Material Escolar, na sua programação cultural, considera o estudo do idioma nacional como dever cívico e excelente processo de estimular o civismo, porque a linguagem é expressão direta da espiritualidade. De acordo com a pedagogia moderna, admite que a Educação Moral e Cívica, instituída pelo Decreto-Lei n.º 869, de 12-9-69, em caráter obrigatório, como disciplina e, também, como prática educativa, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País, possa realizar-se, na sua plenitude, na esfera de outras disciplinas, partindo do estudo da Geografia e História, e principalmente do culto da Língua Pátria, para prosseguir nas relações com as Ciências Naturais e Ciências Culturais.

A cultura brasileira em formação quer a língua materna ao seu gosto, como língua viva, movimentada e espontânea, expressa numa linguagem modernizada, que todos falam como o "português do Brasil".

Cultivamos, desse modo, a nossa língua, que deve ser dinâmica, aberta, receptiva e criadora, para exprimir, com substância e graça, o rico conteúdo da cultura nacional.

Seguiu essa diretriz, com prudência e muita erudição, ao redigir a presente Gramática, o ilustre Professor Celso Ferreira da Cunha, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Colégio Pedro II, consagrado autor de diversos trabalhos sobre a lingüística e filologia, que procurou servir ao estudante brasileiro, escrevendo-lhe este volume, onde ministra não só lições de lógica gramatical como de estética da língua. Em outra oportunidade, acentuou o mestre: "Entre as atitudes extremadas — dos que advogam o rompimento radical com as tradições clássicas da língua e dos que aspiram a sujeitar-se a velhas normas gramaticais — há sempre lugar para uma posição moderada, termo médio que represente o aproveitamento harmônico da energia dessas forças contrárias e que, a nosso ver, melhor consubstancia os ideais de uma sã e eficaz política educacional e cultural verdadeiramente brasileira."

Está convencida a FENAME que a 2.ª edição da GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA será recebida com bastante entusiasmo por alunos e professores que amam o idioma materno.

Rio de Janeiro, maio de 1974.

Humberto Grande
Diretor Executivo da
Fundação Nacional de Material Escolar

SUMÁRIO

Capítulos

Cavaleiro — Xilogravura de Adir Botelho

Capítulo I

Noções históricas

O latim e a expansão romana

1. A língua portuguesa provém do latim, que se entronca, por sua vez, na grande família das línguas indo-européias, representada hoje em todos os continentes.

2. De início, simples falar de um povo de cultura rústica, que vivia no centro da Península Itálica (o Lácio), a língua latina veio, com o tempo, a desempenhar um extraordinário papel na história da civilização ocidental, "menos por suas virtudes intrínsecas do que pelo êxito político do povo que dela se servia". [1]

Foram as vitórias de seus soldados e o espírito de organização de seus homens de governo que estenderam, e em parte consolidaram, o enorme império, que, no auge de sua expansão, ia da Lusitânia à Mesopotâmia, e do Norte da África à Grã-Bretanha.

3. Enumeremos, cronologicamente, as conquistas que dilataram de tal forma os domínios do Império Romano.

Até meados do IV século antes de Cristo, os romanos pouco haviam ampliado as fronteiras do antigo Lácio. Foi com a guerra contra os samnitas, iniciada em 326 A.C. e terminada com a decisiva batalha de Sentino (295 A.C.), que começou a irresistível penetração romana na parte meridional da Península Itálica, concluída em 272 A.C., com a anexação de Tarento.

Principia, então, o longo período das conquistas externas. Sucessivamente, vão sendo subjugados os territórios da Sicília (241 A.C.), da Sardenha e da Córsega (238 A.C.), da Ilíria (229 A.C.), da costa este e sul da Península Ibérica (218-197 A.C.), dos reinos helenísticos do Oriente (200-168 A.C.), da Gália Cisalpina (191 A.C.), da Ligúria (154 A.C.), de Cartago e Norte da África (146 A.C.), da Macedônia e da Grécia (146 A.C.), da Gália Narbonense (118 A.C.), da Gália do Norte (50 A.C.), da Mésia (29 A.C.), do Noroeste da África (25 A.C.), do resto da Península Ibérica (19 A.C.), da Nórica

---

1) Edouard Bourciez. *Eléments de linguistique romane*. 4e éd., Paris, 1946. p. 26. Com razão, afirma Antoine Meillet: "A história política de Roma e a história da civilização romana explicam a história da língua latina." (*Esquisse d'une histoire de la langue latine*. 3e éd. Paris, 1933. p. 5.)

(16 A.C.), da Récia (15 A.C.), da Panônia (10 D.C.), do resto da Mauritânia (42 D.C.), da Bretanha (43 D.C.), da Trácia (46 D.C.), da Dácia (107 D.C.), da Arábia Petréia, da Armênia e da Mesopotâmia (107 D.C.).

Com a anexação da Dácia (Romênia) e, sem caráter permanente, dessas regiões da Ásia Menor, o Império atingia, sob o governo de Trajano, o máximo de sua expansão geográfica.

4. Ao mesmo tempo que estendiam os seus domínios, os romanos levavam para as regiões conquistadas os seus hábitos de vida, as suas instituições, os padrões de sua cultura. Em contato com outras terras, outras gentes e outras civilizações, ensinavam, mas também aprendiam. Aprenderam, por exemplo, muito com os gregos, e isso desde épocas antigas, através dos etruscos e, principalmente, das colônias helênicas do Sul da Itália, que formavam a Magna Grécia. Lívio Andronico, o primeiro que tentou elevar à altura de língua poética aquele rude idioma de agricultores e pastores, que era então o latim, procurou diretamente em Homero e nos trágicos gregos os modelos para suas experiências de tradução e adaptação literárias. Ele próprio era um grego de Tarento. E, na sua trilha, Plauto, Ênio, Névio e todos os que, pioneiramente, se impuseram a árdua tarefa de criar obras de arte na língua nacional não deixaram de inspirar-se nos estimulantes exemplos da Hélade, cuja influência vai ampliar-se mais ainda a partir de 146 A.C., quando, vencida pelas armas, acabou dominando pelo espírito o cruel vencedor.

> "*Graecia capta ferum victorem cepit et artes*
> *Intulit agresti Latio*",[1]

diz-nos Horácio.

Latim literário e latim vulgar

1. Desde o século III A.C., pois, sob a benéfica influência grega, o latim escrito com intenções artísticas foi sendo progressivamente apurado até atingir, no século I A.C., a alta perfeição da prosa de Cícero e César, ou da poesia de Vergílio e Horácio. Em conseqüência, acentuou-se com o tempo a se-

---

1) Entenda-se: "A Grécia subjugada subjugou o cruel vencedor e introduziu as artes no agreste Lácio."

paração entre essa língua literária, praticada por uma pequena elite, e o latim corrente, a língua usada no colóquio diário pelos mais variados grupos sociais da Itália e das províncias.

2. Tal diferença era já sentida pelos romanos, que opunham ao conservador latim literário ou clássico (sermo litterarius) o inovador latim vulgar (sermo vulgaris), compreendidas nesta denominação as inúmeras variedades da língua falada, [1] que vão do colóquio polido às linguagens profissionais, e até às gírias (sermo quotidianus, urbanus, plebeius, rusticus, ruralis, pedestris, castrensis, etc.).

Foi esse matizado latim vulgar que os soldados, colonos e funcionários romanos levaram para as regiões conquistadas e, sob o influxo de múltiplos fatores, diversificou-se com o tempo nas chamadas línguas românicas

As línguas românicas

1. Se dos gregos os romanos foram discípulos atentos, dos outros povos vencidos souberam eles ser os mestres imitados. Não só na Itália, mas também na Gália, na Hispânia, na Récia e na Dácia, as tribos mais diversas cedo assimilaram os seus costumes e instituições, adotaram como própria a língua latina, *romanizaram-se*.

2. É fácil concluir que, falado em tamanha área geográfica, por povos de raças tão diversas, o latim vulgar não poderia conservar a sua relativa unidade, já precária como a de toda língua que serve de meio de comunicação a vastas e variadas comunidades de analfabetos.

Nos centros urbanos mais importantes, o ensino do latim difundia o padrão literário e, com isso, retardava até certo ponto os efeitos das forças de diferenciação. Mas no campo ou nas vilas e aldeias a língua, sem nenhum controle normativo, ia voando com suas próprias asas.

A partir do século III da nossa era, podemos dizer que a unidade lingüística do Império não mais

---

1) A denominação latim vulgar, embora um tanto imprópria, tornou-se termo técnico da lingüística. Por ela devemos entender, de acordo com B. E. Vidos, "a língua falada por todas as camadas da população e em todos os períodos da latinidade". (*Manuale de linguistica romanza*. Traduzione dall'olandese di G. Francescato. Firenze, 1959. p. 201.)

existia, embora continuassem os contatos políticos entre as suas diversas partes, interligadas por uma certa comunidade de civilização.[1] É o que se entende por *Romania*, em contraste com *Barbaria*, as regiões habitadas por outros povos.

3. Alguns fatos históricos vieram contribuir para ativar o processo de dialectalização. Enumeremos os principais.

Desde 212, o edito de Caracala estendera o direito de cidadania a todos os indivíduos livres do Império, com o que Roma e a Itália perderam a situação privilegiada que desfrutavam.

Diocleciano, que governou de 284 a 305, instituiu a obrigatoriedade do latim como língua da administração. Mas, contraditòriamente, anulou os efeitos dessa medida unificadora ao descentralizar política e administrativamente o Império em doze dioceses, caminho aberto para o aguçamento de nacionalismos regionais e locais.[2] Não sendo mais capital, Roma deixou, conseqüentemente, de exercer a função reitora da norma lingüística.

Em 330, Constantino, que se tornara defensor do Cristianismo, transferiu a sede do Império para Bizâncio, a nova Constantinopla.

Com a morte de Teodósio em 395, o vasto domínio foi dividido entre os seus dois filhos, cabendo a Honório o Ocidente, e a Arcádio o Oriente. O Império do Oriente teve vida longa. Conservou-se até 1453. O do Ocidente, porém, depois de sucessivas invasões de hunos, visigodos, ostrogodos, burguinhões, suevos, alanos e vândalos, sucumbe em 476, quando Odoacro destrona o imperador fantoche Romulus Augustus, apelidado com o diminutivo *Augustulus*, "Augustinho".

---

1) Vi. G. Straka. Observations sur la chronologie et les dates de quelques modifications phonétiques en roman et en français prélittéraire. In: *Revue des langues romanes*, LXXI. Montpellier, 1953. p. 307; Idem, La dislocation linguistique de la Romania et la formation des langues romanes à la lumière de la chronologie relative des changements phonétiques. In: *Revue de linguistique romane*, XX. 1956. p. 249-267.

2) "L'Empire fut donc divisé en 12 diocèses, et c'est une chose surprenante de voir naître à ce moment les nationalités modernes: il y eut une Afrique, une Espagne, une Grande-Bretagne, deux Frances (celle de Trèves et celle de Vienne), deux Italies (celle de Milan et celle de Rome)." (André Piganiol. *Histoire de Rome*. Paris. 1939. p. 446.)

As forças lingüísticas desagregadoras puderam então agir livremente, e de tal forma que, em fins do século V, os falares regionais já estariam mais próximos dos idiomas românicos do que do próprio latim. Começa então o período do romance ou romanço, denominação que se dá à língua vulgar nessa fase de transição que termina com o aparecimento de textos redigidos em cada uma das línguas românicas: francês (séc. IX), espanhol (séc. X), italiano (séc. X),[1] sardo (séc. XI), provençal (séc. XII), rético (séc. XII), catalão (séc. XII ou princípios do séc. XIII), português (séc. XIII), franco-provençal (séc. XIII), dálmata (séc. XIV) e romeno (séc. XVI).

A romanização da Península

1. Os romanos chegaram à Península Ibérica no século III A.C., por ocasião da 2.ª Guerra Púnica, mas só conseguiram dominá-la por completo, ao fim de longas e cruentas lutas, em 19 A.C., quando Augusto venceu a resistência dos altivos povos das Astúrias e da Cantábria.

2. Muito pouco se sabe das antigas populações ibéricas. No início da romanização habitava a Península uma complexa mistura racial: celtas, iberos, púnico-fenícios, lígures, gregos e outros grupos mal identificados.

Das línguas desses povos quase nada conservaram os idiomas hispânicos. Com relativa segurança, atribui-se origem pré-romana apenas a uns quantos sufixos — como *-arra* (*bocarra*), *-orro* (*beatorro*), *-asco* (*penhasco*) e *-ego* (*borrego*) — e algumas palavras de significação concreta: *arroio, balsa, barro, braga(s), carrasco, gordo, lama, lança, lousa, manteiga, tamuge, tojo, veiga*, etc.

3. A romanização da Península não se processou uniformemente. Das três províncias em que Agripa (27 A.C.) dividiu a Hispânia — a Tarraconense,

---

1) O primeiro texto em que o vulgar italiano aparece conscientemente contraposto ao latim é uma carta capuana de 960 (vj. Bruno Migliorini. *Storia della lingua italiana*. Firenze, 1960. p. 93). Em 1924, porém, Luigi Schiaparelli descobriu o texto de uma adivinha popular (o chamado "Indovinello Veronese"), de fins do séc. VIII ou princípios do séc. IX, que pode ser considerado o mais antigo monumento redigido em um dialeto românico. Sobre os numerosos problemas que encerra o precioso códice da Biblioteca Capitolare di Verona, leia-se o informativo estudo de Matilde Matarazzo Gargiulo, O "Indovinello Veronese". In: *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Rio de Janeiro, s./d. p. 147-158.

LÍNGUAS ROMÂNICAS

FRANCÊS

FRANCO PROVENÇAL

PROVENÇAL

GALEGO

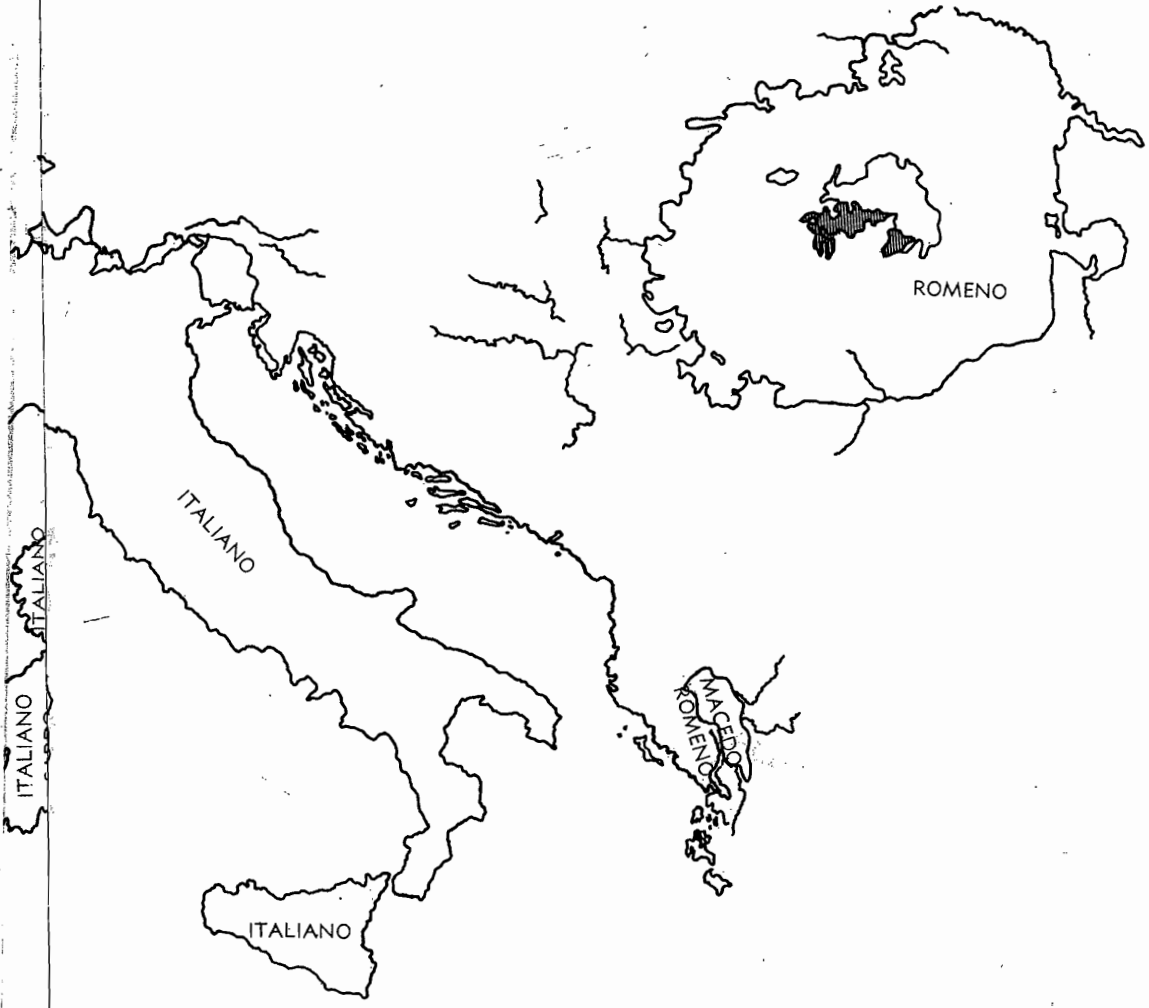
PORTUGUÊS

ESPANHOL

CATALÃO

ITALIANO

ITALIANO

ROMENO
ITALIANO
ITALIANO
ITALIANO
ITALIANO
MACEDO
ROMENO
ITALIANO

correspondente à antiga Hispânia Citerior, a Bética e a Lusitânia, desmembradas da Hispânia Ulterior — foi a Bética a que mais cedo assimilou a civilização romana. No alvorecer da nossa era, o geógrafo grego Estrabão testemunhava que "os turdetanos, especialmente os que habitavam as margens do Bétis, haviam adotado os costumes romanos, e até já nem se lembravam da própria língua". E acrescentava: "Não falta muito para que todos se convertam em romanos." [1]

4. Por esse tempo, nas outras províncias a romanização estava atrasada. Mais na Lusitânia do que na Tarraconense. Nas regiões do Norte, em terras da Galiza, das Astúrias e da Cantábria, ainda não se fazia sentir a presença de Roma: os seus habitantes conservavam intactos os rudes costumes transmitidos através de gerações que se perdiam na noite dos séculos.

5. Em 216, a *Gallaecia et Asturia*, que desde a época de Antonino Pio era uma subdivisão militar e financeira da antiga Hispânia Citerior, tornou-se uma província à parte, com o nome de *Nova Hispania Citerior Antoniniana*. Compreendia então o Noroeste peninsular até a Cantábria.

6. Com a reforma de Diocleciano, todas essas províncias — e mais a Baleárica, a Tingitana e a Cartaginense, destacada da Tarraconense — passaram a constituir a diocese da Hispânia, que dependia da prefeitura das Gálias.

O domínio visigótico

1. Tal a organização administrativa da Península, quando, em 409, foi invadida por um grupo heterogêneo de povos germânicos — vândalos, suevos e alanos. Os alanos desapareceram rapidamente; os vândalos, depois de se haverem fixado na Bética, transportaram-se, em 429, para a África, onde fundaram um reino, que durou cem anos; os suevos estabeleceram-se na Galécia e na Lusitânia, mas no século VI foram absorvidos pelos visigodos. Estes, que eram os mais civilizados dos povos germânicos, já mantinham antigos contatos com os romanos. Desde 425 estavam sediados na Aquitânia, ao su-

---

1) Cf. Rafael Lapesa. *Historia de la lengua española*. 5.ª edición. Madrid, 1962. p. 41.

doeste da Gália. Daí atravessaram os Pireneus e se estenderam por toda a Península, que iriam dominar durante dois séculos e meio.

2. Os visigodos cedo se fundiram com a população românica. Três fatos concorreram poderosamente para isso: *a)* a abolição da lei que proibia o casamento de godos com hispanos, ato de Leovegildo; *b)* a conversão, em 586, de Recaredo ao Cristianismo; *c)* o código, promulgado por Recesvindo em 654, que não mais distinguia os direitos das comunidades goda e hispana. Assim, quando Rodrigo, o último rei godo, não pôde deter, em 711, a invasão árabe, com ele ruía não apenas o *império visigótico,* mas o *império romano-visigótico,* que tinha como religião o Cristianismo e como língua o hispano-românico, legítimo continuador do latim vulgar.

3. Excluindo os nomes próprios de pessoas e de lugares, a contribuição goda para a formação do léxico português não ascende a mais de quarenta termos, [1] dos quais cerca de trinta se encontram em outras línguas românicas.

Seguindo o exemplo de Gamillscheg, o professor Joseph M. Piel distribui por quatro grupos as palavras godas que se conservaram em português:

1.º) Palavras de origem gótica que já pertenciam ao latim vulgar ou medieval: *albergue, arrear, bramar, bando, elmo, espora, guarda, guerra, rapar, trégua;*

2.º) Palavras comuns a todas as regiões primitivamente ocupadas pelos godos: *aspa, espeto, espia, estala, garbo, mofo, mofino, roca, taco, ufanar-se;*

3.º) Palavras peculiares à Península Ibérica e à França, ou à Península e à Itália: *agasalhar, brotar, estaca, fato, roupa, sítio, triscar;*

4.º) Palavras privativas dos idiomas ibero-românicos: *aio, aia, aleive, enguiçar, escanção, ganso, guarecer, íngreme, luva, malado* (arc.), *tascar.* [2]

---

1) Cf. Joseph M. Piel. *O patrimônio visigodo da língua portuguesa.* Coimbra, 1942. p. 18.

2) Veja-se Joseph M. Piel. *Op cit.,* p. 13-17.

O domínio árabe

1. Movidas pela guerra santa, as tribos árabes conquistam o Norte da África e, em 711, desembarcam na Península. Sete anos depois, com exclusão do pequeno reino do duque Teodomiro, que por meio século ainda conservou sua autonomia, e de alguns focos de resistência nas montanhas das Astúrias, de onde partiria o movimento de Reconquista, o domínio muçulmano cobria toda a anterior Espanha visigótica.

2. "Os árabes, sírios e berberes que invadem a Península não trazem mulheres: casam com hispano-godas, têm escravas galegas e bascas. Entre os muçulmanos permanecem muitos hispano-godos, os moçárabes, conservadores do saber isidoriano: uns conseguem certa autonomia; os mais exaltados sofrem perseguições e martírio; outros se islamizam; mas todos influem na Espanha moura, onde se fala romance ao lado do árabe."[1]

3. Com os árabes floresceram na Península as ciências e as artes: houve grande incremento da agricultura, da indústria e do comércio; introduziram-se inúmeras palavras para designar novos e variados conhecimentos. Calcula-se em quatro mil o número de vocábulos espanhóis de origem árabe, excluídos os topônimos. Em português o léxico de proveniência árabe tem sido estimado entre quatrocentos e mil termos.

4. As palavras portuguesas de origem árabe, quase todas substantivos, referem-se, em geral:

a) à organização guerreira: *acicate, adail, adarga, alcaide, alfange, alferes, algarada, aljava, ameia, arrebatar, atalaia, ronda, zaga,* entre outras;

b) à agricultura e à jardinagem: *açafrão, açúcar, açucena, alcachofra, alecrim, alface, alfafa, alfazema, algodão, almécega, benjoim, beringela,* etc.;

c) ao comércio, a pesos e medidas: *aduana, armazém, arroba, quilate, quintal,* etc.;

d) a ofícios, cargos: *adail, alfageme, alfaiate, algibebe, almocreve, almotacel, almoxarife, arrais, califa, emir,* etc.;

---

[1] Rafael Lapesa. *Op. cit.*, p. 95-96.

e) a instrumentos musicais: *adufe, alaúde, anafil, arrabil, tambor,* etc.;

f) às ciências: *álgebra, algoritmo, cifra, zênite, nadir, álcool, álcali,* etc.

5. Em alguns casos os árabes foram apenas os intermediários de palavras que haviam tomado a outras línguas. São, por exemplo, de origem grega: *alambique, alcaparra, alfândega, alquimia, acelga* e *arroz,* de origem sânscrita: *alcanfor* e *xadrez;* de origem persa: *azul, escarlate, jasmim* e *laranja.* Do próprio latim há uma série de palavras introduzidas sob forma arabizada: *abricó, alcácer, albornoz, almude, alporão.*

O português primitivo

1. Foi durante o domínio árabe que se acentuaram as características distintivas dos romances peninsulares.

Na região que compreendia a Galiza e a faixa lusitana entre o Douro e o Minho constituiu-se uma unidade lingüística particular que conservaria relativa homogeneidade até meados do século XIV — o galego-português.

2. O galego-português, provavelmente, teria contornos definidos desde o século VI, mas é só a partir do século IX que podemos atestar a sua existência através de palavras que se colhem em textos de latim bárbaro. [1]

Períodos evolutivos da língua portuguesa

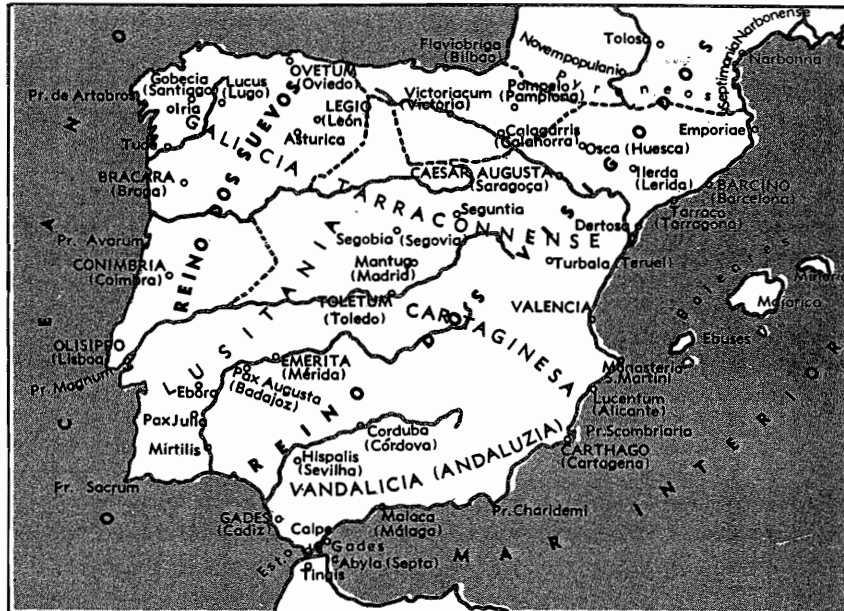
1. Datam do século XIII os primeiros documentos que chegaram até nós integralmente redigidos em galego-português. Inicia-se então a fase propriamente histórica de nossa língua, que, como todo idioma dotado de vitalidade, não se tem mantido uniforme nem no tempo, nem no espaço.

2. Baseando-nos em parte numa conhecida periodização proposta pelo sábio lingüista José Leite de

---

1) Chama-se latim bárbaro a língua dos documentos forenses da Idade Média, em que, não raro, aparecem vocábulos do romance regional.

SÉCULO V

A Península Ibérica no século V, depois de consolidado o domínio político dos invasores germânicos com a formação do Reino dos Suevos e dos Visigodos.

SÉCULO X

A Península Ibérica no século X, no auge do domínio árabe através do Califado de Córdova, com os cristãos confinados ao norte no Reino de Leão, Castela, Navarra, Urgelo e Condado de Barcelona.

SÉCULO XII

A Península Ibérica em meados do século XII, com os progressos da Reconquista Cristã. Portugal já ocupa uma faixa do Minho ao Tejo, depois da Tomada de Lisboa aos árabes por D. Afonso Henriques (1147).

SÉCULO XV

A Península Ibérica em meados do século XV. O domínio árabe reduzido ao Reino de Granada, que ruiria em 1492. Portugal, depois da conquista do Algarve (1249) por D. Afonso III, havia atingido praticamente o território atual.

Vasconcelos, [1] distinguiremos as seguintes etapas na evolução do latim ao português atual:

a) latim lusitânico, língua falada na Lusitânia, desde a implantação do latim até o século V;

b) romance lusitânico, língua falada na Lusitânia, do século VI ao século IX, da qual, como da fase anterior, não temos nenhum documento escrito;

c) português proto-histórico, língua falada na Lusitânia, do século IX até fins do século XII, e da qual podemos vislumbrar algumas características nas palavras intercaladas em textos do latim bárbaro;

d) português arcaico, que vai de princípios do século XIII (1211?) até a primeira metade do século XVI, quando a língua começa a ser codificada gramaticalmente; [2]

e) português moderno, que se estende da segunda metade do século XVI até os dias que correm.

3. Os períodos arcaico e moderno da língua portuguesa comportam subdivisões, como reconhecia o próprio Leite de Vasconcelos.

Parece-nos particularmente aconselhável distinguir duas épocas no período compreendido entre o século XIII e a primeira metade do século XVI; uma, a do português arcaico propriamente dito, que abarcaria a língua dos séculos XIII e XIV; outra, a do português médio, que iria do século XV a fins da primeira metade do século XVI e representaria a fase de transição entre a antiga e a moderna do idioma.

---

1) Cf. *Lições de filologia portuguesa*. 2.ª edição. Lisboa, 1926. p. 16-17. Advirta-se que Leite de Vasconcelos situava o começo da fase histórica da língua portuguesa em fins do século XII e chegou a publicar dois textos, originários do Mosteiro de Vairão, datados respectivamente de 1192 e 1193: o primeiro, um *Auto de Partilhas* dos bens herdados de seus pais pelos irmãos Sánchez; o segundo, o *Testamento* pelo qual Elvira Sánchez deixava todos os seus bens ao Mosteiro de Vairão. Estudo posterior do ilustre filólogo português Luís Filipe Lindley Cintra (Cf. Les anciens textes portugais non littéraires — classement et bibliographie. In: *Les anciens textes romans non littéraires*. Paris, 1963. p. 169-187), para o qual solicitou a ajuda de dois eminentes paleógrafos, Rui de Azevedo e o padre Avelino Costa, veio provar que os textos em causa não passam de falsificações de fins do século XIII, ou mesmo do século XIV.

2) A primeira gramática de nossa língua — a *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira — foi publicada em 1536.

Domínio atual da língua portuguesa

1. Com os descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI, os portugueses ampliaram enormemente o império de sua língua, levada que foi para os vastos territórios por eles conquistados na África, na América e na Oceânia. Ainda hoje, apesar das consideráveis perdas sofridas, o seu domínio político abarca mais de dez milhões de quilômetros quadrados, aproximadamente a sétima parte da Terra.

2. É o português a língua oficial de duas nações soberanas, Portugal e o Brasil, [1] sendo portanto falado nos territórios que as integram:

a) na Europa: Portugal continental, o arquipélago dos Açores e a Ilha da Madeira;

b) na África: o arquipélago de Cabo Verde, as ilhas de São Tomé e Príncipe e, no continente, Angola e Moçambique;

c) na Ásia: Macau;

d) na Oceânia: a metade ocidental da ilha de Timor;

e) na América: o Brasil.

3. Fora das regiões pertencentes ao domínio político de Portugal e do Brasil, o português é falado em povoações espanholas da zona raiana, tal o caso de Ermisende, na província de Zamora; em Alamedilla, na província de Salamanca; em San Martín de Trevejo, Eljas, Valverde del Fresno, Herrera de Alcântara e Cedillo, na província de Cáceres; em Olivença e arredores, na província de Badajoz. Também nas áreas fronteiriças do Brasil a língua portuguesa tem penetrado em território de língua espanhola, formando não raro um dialeto misto, como o falado nos departamentos uruguaios de Artigas, Rivera, Cerro Largo, Salto e Tacuarembó.[2]

4. Não levando em linha de conta os usuarios desses falares fronteiriços, nem os do crioulo de Surinam e do papiamento de Curaçau, que o têm por

---

1) E deverá sê-lo da Guiné-Bissau e de outras antigas colônias portuguesas, prestes a se tornarem nações soberanas.

2) Este dialeto foi descoberto pelo sábio lingüista José Pedro Rona, que dele nos deu uma excelente descrição em *El dialecto "fronterizo" del norte del Uruguay*. Montevidéo, 1965.

base, nem os do galego, sua co-variante; abstraindo-nos também dos núcleos de imigrantes, por vezes consideráveis, como acontece nos Estados Unidos, na França e na Alemanha, ainda assim o português é o meio natural de comunicação de cerca de cento e vinte milhões de pessoas, o que vale dizer que ocupa o 5.º lugar entre as línguas mais faladas do mundo, superado que é apenas pelo chinês, pelo inglês, pelo russo e pelo espanhol.

Unidade e diversidade da língua portuguesa

1. Em sua longa e complexa vida, a língua portuguesa tem conseguido manter uma apreciável unidade, principalmente na variante européia e na americana.

O testemunho dos dialectólogos é uniforme no particular.

Com relação a Portugal, observa o professor Manuel de Paiva Boléo: "Uma pessoa, mesmo alheia a assuntos filológicos, que haja percorrido Portugal de norte a sul e conversado com gente do povo, não pode deixar de ficar impressionada com a excepcional homogeneidade lingüística do País e a sua escassa diferenciação dialetal — ao contrário do que sucede noutros países, quer de língua românica, quer germânica."[1]

Com referência à situação lingüística do Brasil, escreveu o saudoso filólogo Serafim da Silva Neto: "É preciso ter na devida conta que *unidade* não é *igualdade;* no tecido lingüístico brasileiro há, decerto, gradações de cores. Minucioso estudo de campo determinaria, com segurança, várias *áreas.* O que é certo, porém, é que o conjunto dos falares brasileiros se coaduna com o princípio da *unidade na diversidade* e da *diversidade na unidade.*[2]

2. Essa reconhecida unidade superior da língua portuguesa no Brasil e no Portugal peninsular não impede que haja sensíveis diferenças de pronúncia, de vocabulário e de construções de região para região dos dois domínios, pois que em lingüística a unidade nem sempre é incompatível com a varie-

---

1) Manuel de Paiva Boléo e Maria Helena Santos Silva. O "Mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental". In: *Boletim de filologia,* XX. 1961. p. 85.

2) *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.* 2.ª edição. Rio de Janeiro, 1963. p. 271.

dade. Por vezes, até a pressupõe, como é o caso das relações entre uma língua nacional e seus dialetos, falares e subfalares.

Os dialetos e falares de Portugal continental

1. O português europeu está muito melhor estudado que o brasileiro, graças principalmente ao incansável labor pioneiro do sábio Leite de Vasconcelos. A ele devemos, além de numerosas monografias regionais, uma análise de conjunto[1] e um mapa dos dialetos e falares de Portugal continental.[2]

2. Distinguia Leite de Vasconcelos, no português peninsular, quatro dialetos, que, por sua vez, apresentavam subdialetos:

a) *Dialeto interamnense*, ou de Entre-Douro-e-Minho;
b) *Dialeto trasmontano*, ou de Trás-os-Montes;
c) *Dialeto beirão;*
d) *Dialeto meridional.*

Classificava, por outro lado, como co-dialetos portugueses:

a) o *galego;*
b) o *rionorês;*
c) o *guadramilês;*
d) o *mirandês* (e *sendinês*).

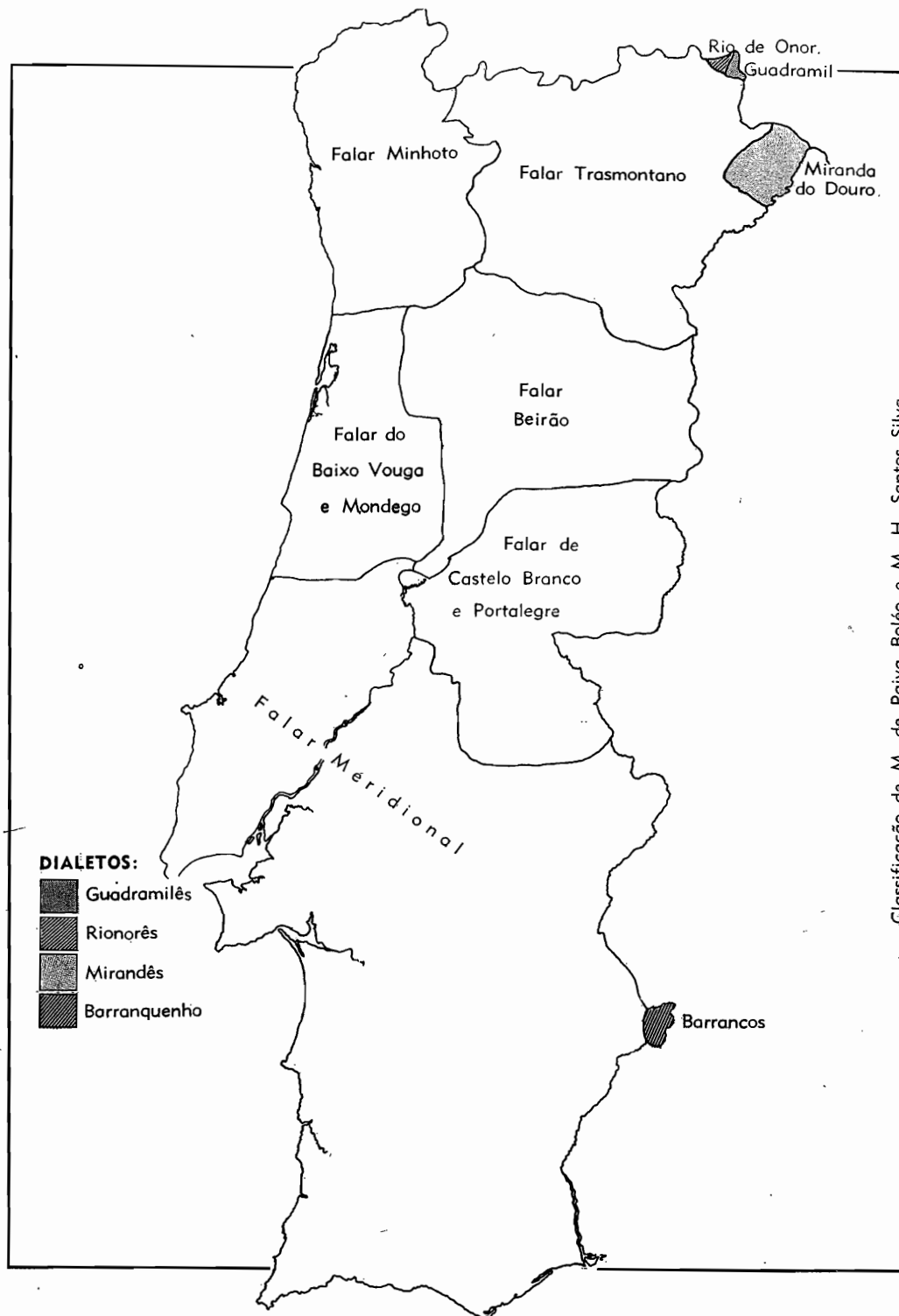
3. A divisão dialectológica de Leite de Vasconcelos tem sido aperfeiçoada, e mesmo retificada em alguns pontos, por pesquisadores modernos, especialmente os professores Manuel de Paiva Boléo e Luís Filipe Lindley Cintra.

4. Em seu *Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental*, feito em colaboração com a professora Maria Helena Santos Silva, emprega o professor Paiva Boléo o termo falar para exprimir o que Leite de Vasconcelos chamava dialeto, reservando este termo para o que ele denominava co-dialeto

5. Razões de ordem fonética aconselharam Paiva Boléo a distinguir não quatro, mas seis falares:

---

1) *Esquisse d'une dialectologie portugaise.* Paris-Lisboa, 1901.

2) *Mappa dialectologico do continente português.* Paris, 1897. Reproduzido com alterações nos *Opúsculos*, IV. Coimbra, 1929. p. 791-796.

Rio de Onor.
Guadramil
Falar Minhoto
Falar Trasmontano
Miranda
do Douro.
Falar
Beirão
Falar do
Baixo Vouga
e Mondego
Falar de
Castelo Branco
e Portalegre
Falar Meridional
DIALETOS:
Guadramilês
Rionorês
Mirandês
Barranquenho
Barrancos
Classificação de M. de Paiva Boléo e M. H. Santos Silva

a) *Falar minhoto;*

b) *Falar trasmontano;*

c) *Falar beirão;*

d) *Falar do Baixo Vouga e Mondego;*

e) *Falar de Castelo Branco e Portalegre;*

f) *Falar meridional.*

Entre os dialetos, o mestre de Coimbra inclui o *barranquenho*, falado na região de Barrancos, no Baixo Alentejo. E exclui da classificação o *galego*, por sua notória autonomia.

6. Em 1971, publicou o professor Lindley Cintra a sua *Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses*,[1] fundada numa seleção de traços fonéticos hierarquizados.

Esta nova classificação afasta-se das anteriores:

a) no considerar em conjunto o território de Galiza e de Portugal, assim como as áreas lingüisticamente portuguesas das províncias espanholas de Salamanca, Cáceres e Badajoz;

b) em não incluir os territórios do distrito de Bragança, politicamente portugueses, mas que, lingüisticamente, fazem parte do domínio leonês.

Além disso, nela se adota o termo *dialeto* para designar todas as variedades regionais, não importando o grau de distanciamento da língua padrão.

Admite o professor Lindley Cintra a existência de apenas três grandes zonas ocupadas por três grupos de dialetos:

a) *dialetos galegos;*

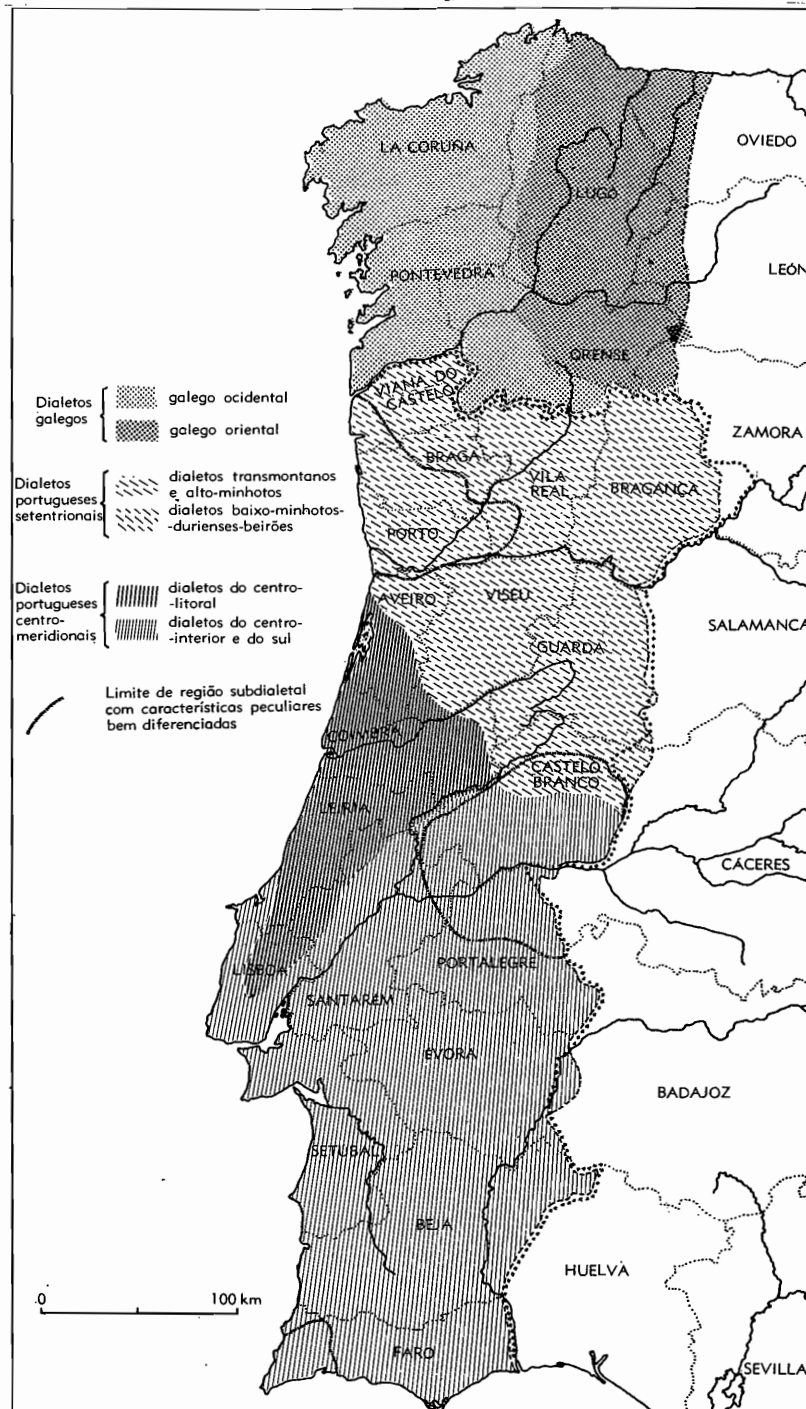
b) *dialetos portugueses setentrionais;*

c) *dialetos portugueses centro-meridionais.*

Cada um desses grupos dialetais divide-se em dois subgrupos, conforme se vê no mapa da página 30.

---

1) In *Boletim de filologia*, XXII (1964-1971). Lisboa, 171. p. 81-116.

Classificação dos dialetos galego-portugueses
de L. F. Lindley Cintra

Os falares brasileiros

1. Os estudos dialectológicos de caráter científico iniciaram-se no Brasil com o *Dialeto caipira,* de Amadeu Amaral, publicado em 1920. De data anterior possuímos apenas alguns glossários regionais, sendo o primeiro a *Coleção de vocábulos e frases usados na província de São Pedro do Rio Grande do Sul* (1852), de Antônio Álvares Pereira Coruja.

O trabalho de Amadeu Amaral teve o mérito de chamar a atenção para a importância e a urgência de uma recolha sistemática dos nossos falares, condenados a perecerem pela progressiva nivelação cultural. Foi ele quem animou, confessadamente, as pesquisas de Antenor Nascentes sobre o linguajar carioca (1922) e outras que se lhe seguiram.

2. Infelizmente, ainda hoje, dispomos apenas de um atlas lingüístico regional [1] e de um número reduzido de monografias dialetais, material que não nos permite traçar, com precisão, as fronteiras dos falares brasileiros.

3. Entre as divisões propostas em caráter provisório, sobreleva a de Antenor Nascentes, fundada em observações pessoais colhidas em suas viagens por todos os Estados do País.

Eis como justificava o eminente professor a sua divisão dialectológica:

"Dividi o falar brasileiro em seis subfalares que reuni em dois grupos a que chamei do *norte* e do *sul.*

O que caracteriza estes dois grupos é a cadência e a existência de protônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em *mente.* Basta uma singela frase ou uma simples palavra para caracterizar as pessoas pertencentes a cada um destes grupos.

Eles estão separados por uma zona que ocupa uma posição mais ou menos eqüidistante dos extremos setentrional e meridional do País. Esta zona se estende, mais ou menos, da foz do rio Mucuri, entre Espírito Santo e Bahia, até a cidade de Mato Grosso, no Estado do mesmo nome."[2]

---

1) Nelson Rossi. *Atlas prévio dos falares baianos.* Rio de Janeiro, 1963.

2) O *linguajar carioca.* 2.ª edição completamente refundida. Rio de Janeiro, 1953. p. 25. Por ser praticamente despovoada, Nascentes considerava incaracterística a área compreendida entre parte da fronteira da Bolívia e a fronteira de Mato Grosso com Amazonas e Pará.

BRASIL — ÁREAS LINGÜÍSTICAS (Divisão proposta por Antenor Nascentes)

Quanto aos subfalares, Nascentes distinguia dois no grupo Norte:

a) o *amazônico;*
b) o *nordestino;*

e quatro no grupo Sul:

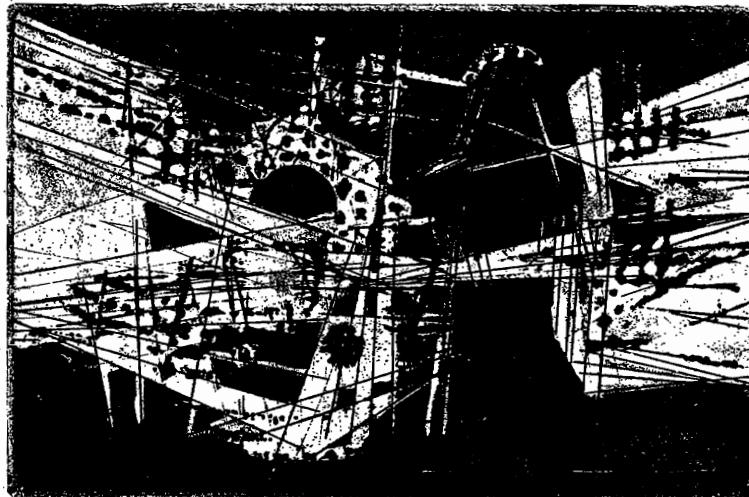
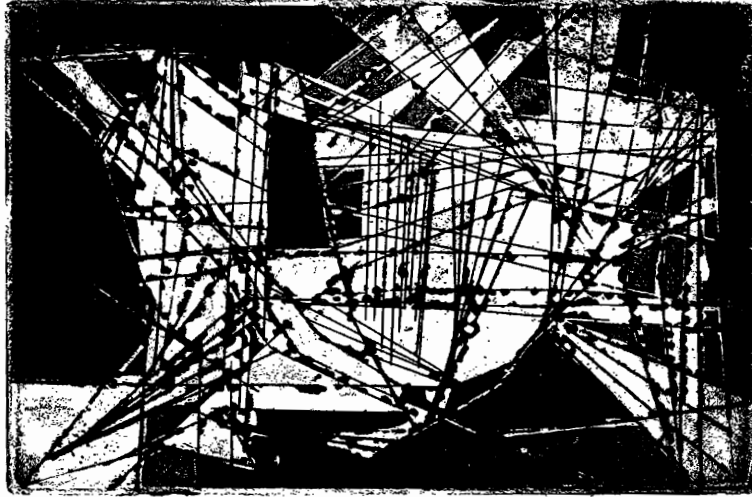
a) o *baiano;*
b) o *fluminense;*
c) o *mineiro;*
d) o *sulista;*

cada um deles com variedades de importância secundária.

Conclusão

As condições peculiares de nossa formação lingüística revelam uma dialectalização que não parece tão variada e tão intensa quanto a portuguesa. Revelam, também, estas condições que a referida dialectalização é muito mais instável que a européia.

Estas duas características — número relativamente restrito de falares, e falares relativamente instáveis — são, do nosso ponto de vista, as coordenadas sociais e culturais que não só os justificam, mas também os condicionam. Porque, em verdade, tudo faz crer que estamos no limiar de uma era sociopolítica em que as grandes línguas nacionais tendem a apresentar progressivamente uma coesão mais profunda, uma unidade superior, fruto da disseminação do ensino e, sobretudo, da consciência cada vez mais viva da nacionalidade.

Gravura em metal de Farnese de Andrade, 1961.

Capítulo II

Fonética e fonologia

Os sons da fala

Os sons de nossa fala resultam quase todos da ação de certos órgãos sobre a corrente de ar vinda dos pulmões. [1]

Para a sua produção, três condições se fazem necessárias:

a) a corrente de ar;
b) um obstáculo encontrado por essa corrente de ar;
c) uma caixa de ressonância.

Estas condições são criadas pelos órgãos da fala, denominados, em seu conjunto, aparelho fonador.

O aparelho fonador

É constituído das seguintes partes:

a) os pulmões, os brônquios e a traquéia — órgãos respiratórios que fornecem a corrente de ar, matéria-prima da fonação;

b) a laringe, onde se localizam as cordas vocais, que produzem a energia sonora utilizada na fala;

c) as cavidades supralaríngeas (faringe, boca e fossas nasais), que funcionam como caixas de ressonância, sendo que a cavidade bucal pode variar profundamente de forma e de volume, graças aos movimentos dos órgãos ativos, sobretudo da língua que, de tão importante na fonação, se tornou sinônimo de "idioma".

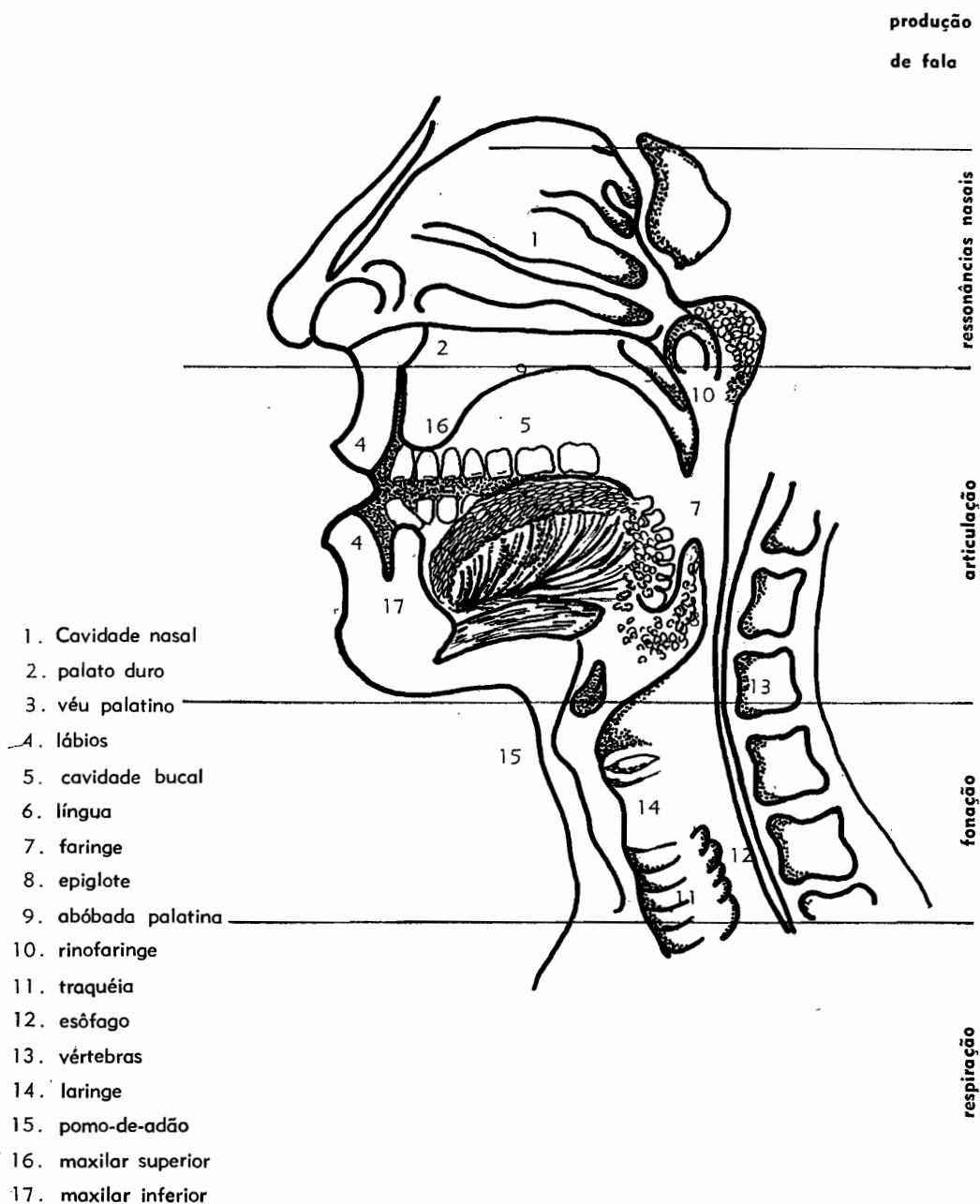
Funcionamento do aparelho fonador

O ar expelido dos pulmões, por via dos brônquios, penetra na traquéia e chega à laringe, onde, ao atravessar a glote, costuma encontrar o primeiro obstáculo à sua passagem.

---

1) Os sons de nossa fala são produzidos normalmente na expiração. A inspiração funciona para nós, em geral, como um instante de silêncio, um momento de pausa na elocução. Línguas há, porém, como o hotentote, o zulo e o boximane, que apresentam uma série de fonemas consonânticos articulados na inspiração, os ruídos que se denominam cliques. Em português praticamos alguns cliques, mas sem valor fonêmico. Assim o beijo, o muxoxo, e certos estalidos bucais de que nos servimos para degustar uma bebida, para animar a marcha de cavalgaduras, etc. Sobre o assunto consulte-se Rodrigo de Sá Nogueira, *Dos cliques em geral*. Lisboa, 1957.

O aparelho fonador (A laringe e as cavidades supralaríngeas)

1. Cavidade nasal
2. palato duro
3. véu palatino
4. lábios
5. cavidade bucal
6. língua
7. faringe
8. epiglote
9. abóbada palatina
10. rinofaringe
11. traquéia
12. esôfago
13. vértebras
14. laringe
15. pomo-de-adão
16. maxilar superior
17. maxilar inferior

A glote, que fica na altura do chamado *pomo--de-adão* ou *gogó*, é a abertura entre duas pregas musculares das paredes superiores da laringe, conhecidas pelo nome de cordas vocais. O fluxo de ar pode encontrá-la fechada ou aberta, em virtude de estarem aproximados ou afastados os bordos das cordas vocais. No primeiro caso, o ar força a passagem através das cordas vocais retesadas, fazendo-as vibrar e produzir o som musical característico das articulações sonoras. No segundo caso, relaxadas as cordas vocais, o ar escapa sem vibrações laríngeas. As articulações produzidas denominam-se, então, surdas.

A distinção entre sonora e surda pode ser claramente percebida na pronúncia de duas consoantes que no mais se identificam. Assim:

/b/ (= sonoro)   */p/ (= surdo)*

Ao sair da laringe, a corrente expiratória entra na cavidade faríngea, uma encruzilhada, que lhe oferece duas vias de acesso ao exterior: o canal bucal e o nasal. Suspenso no entrecruzar desses dois canais fica o véu palatino, órgão dotado de mobilidade capaz de obstruir ou não o ingresso do ar na cavidade nasal e, conseqüentemente, de determinar a natureza oral ou nasal de um som.

Quando levantado, o véu palatino cola-se à parede posterior da faringe, deixando livre apenas o conduto bucal. As articulações assim obtidas denominam-se orais (adjetivo derivado do latim *os, oris* "a boca"). Quando abaixado, o véu palatino deixa ambas as passagens livres. A corrente expiratória então se divide, e uma parte dela se escoa pelas fossas nasais, onde adquire a ressonância característica das articulações, por esse motivo, também chamadas nasais.

Compare-se, por exemplo, a pronúncia das vogais:

/a/ (= oral)   */ã/ (= nasal)*

em palavras como:

lá e *lã*

É, porém, na cavidade bucal que se produzem os movimentos fonadores mais variados, graças à

maior ou menor separação dos maxilares, das bochechas e, sobretudo, à mobilidade da língua e dos lábios

Som e fonema

Nem todos os sons que pronunciamos em português têm o mesmo valor no funcionamento de nossa língua.

Alguns servem para diferenciar palavras que no mais se identificam. Por exemplo, em:

réis *pós*
reis *pôs*

a diversidade de timbre da vogal é suficiente para estabelecer uma oposição entre substantivos, ou entre substantivo e verbo.

Na série:

vá	*má*	*dá*	*já*
fá	*pá*	*cá*	*chá*

temos oito palavras que se distinguem apenas pelo elemento consonântico inicial.

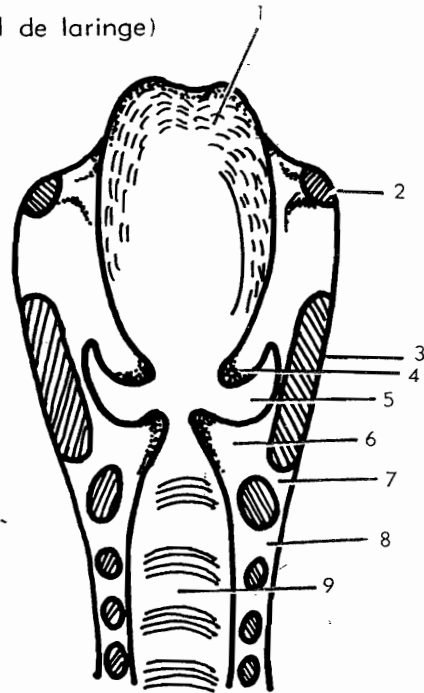
Todo som capaz de estabelecer distinção significativa entre duas palavras de uma língua, sem apresentar no entanto significação própria, recebe o nome de fonema

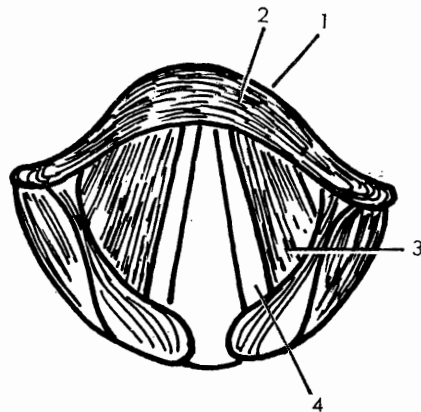
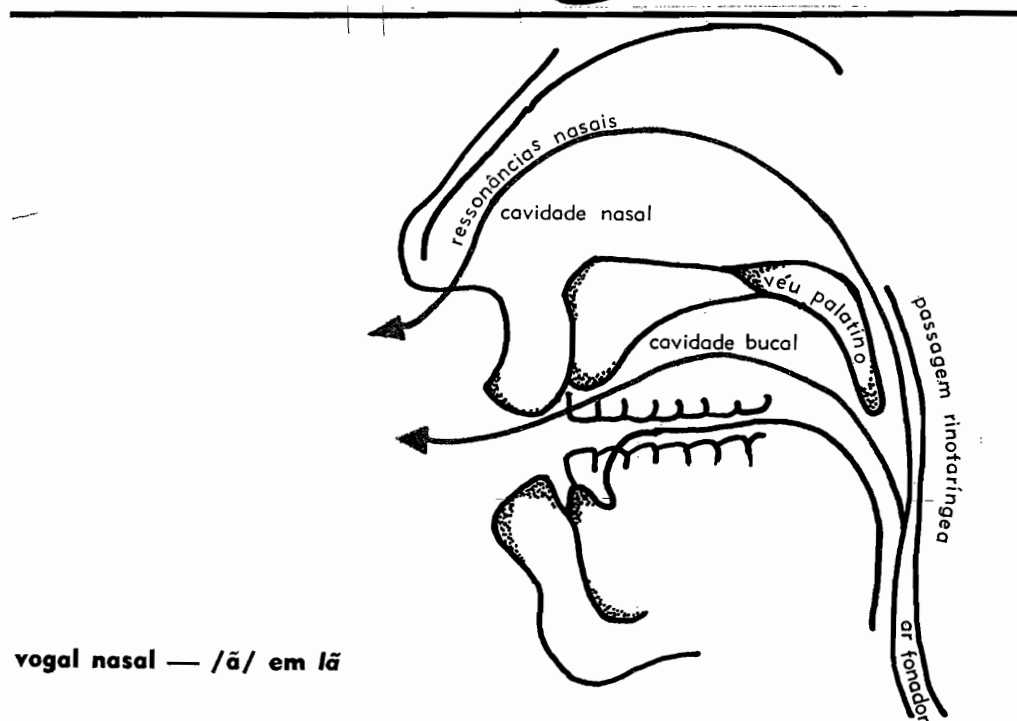
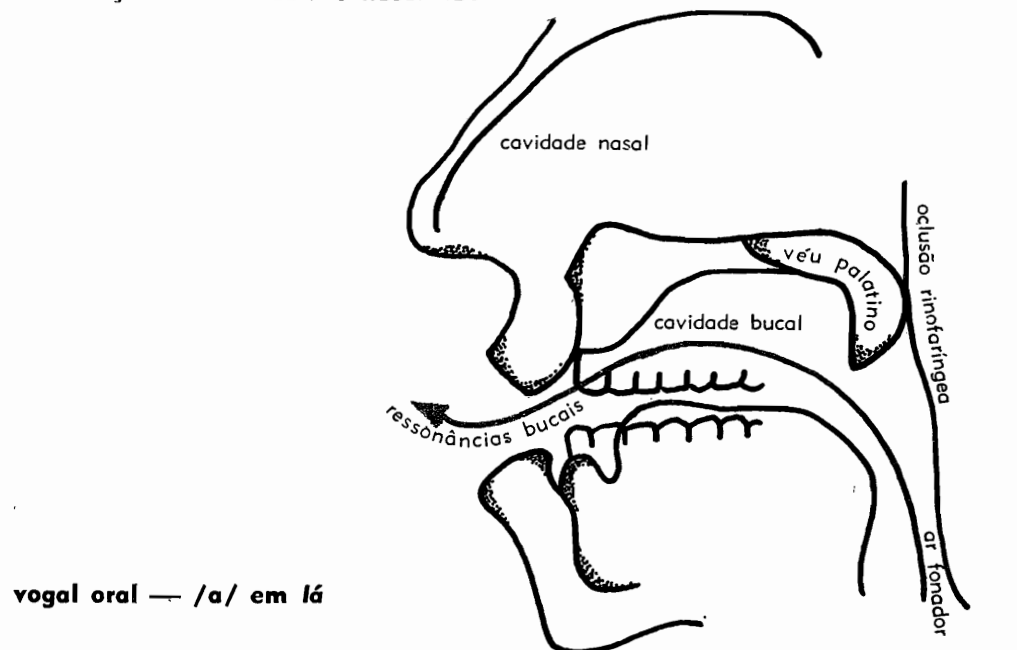
São, pois, fonemas os sons vocálicos e consonânticos diferenciadores das palavras atrás mencionadas.

Observação

Ao lado da função distintiva, o fonema possui uma função identificadora. Quando opomos **reis** *a* **réis**, *admitimos implicitamente que excluídos os fonemas /ẹ/ — /ę/, os demais são idênticos. Se compararmos as palavras* **pula** *e* **lupa**, *concluímos que apresentam os mesmos fonemas, agrupados diversamente. "É a função identificadora do fonema que permite reduzir todos os segmentos fônicos a um número muito limitado: com cerca de trinta e cinco fonemas uma língua pode construir todas as palavras de que precisa, e até mais. Sem a função identificadora dos fonemas, não se conheciam nem as famílias de palavras ou de monemas, nem a flexão." (Eric Buyssens.* **La communication et l'articulation linguistique.** *Bruxelles — Paris, 1967, p. 135.)*

A laringe e as cordas vocais (corte vertical de laringe)

1. epiglote
2. osso hióide
3. cartilagem tiróide
4. cordas vocais superiores (falsas)
5. ventrículo de Morgagni
6. cordas vocais inferiores (verdadeiras)
7. cartilagem cricóide
8. anéis cartilaginosos
9. traquéia

cordas vocais

1. epiglote
2. mucosa
3. cordas vocais
4. glote

Articulação oral (bucal) e nasal (buco-nasal)

Descrição fonética e fonológica

A descrição dos sons da fala (descrição fonética), para ser completa, deveria considerar sempre:

a) como são eles produzidos;
b) como são transmitidos;
c) como são percebidos.

Sobre a impressão auditiva deveria concentrar-se o interesse maior da descrição, pois é ela que nos deixa perceber a variedade dos sons e sua funcionalidade, sua delimitação em fonemas. A descrição fonológica mal se compreende que não seja de base acústica.

Acontece, porém, que a descrição do efeito acústico de um fonema não se faz com termos precisos, semelhantes aos que se usam para descrever os movimentos dos órgãos que participam de sua produção. É que a fonética acústica está em seus começos. [1]

A fonética fisiológica, de base articulatória, é uma especialidade antiga e muito desenvolvida, porque bem conhecidos são os órgãos fonadores e o seu funcionamento. Esta a razão por que os fonemas continuam, em geral, a ser descritos e classificados em função de suas características articulatórias, critério que, por ser o recomendado pela *Nomenclatura Gramatical Brasileira,* também aqui adotamos.

Transcrição fonética e fonológica

Para simbolizar na escrita a pronúncia real de um som usa-se um alfabeto especial, o alfabeto fonético.

Os sinais fonéticos são colocados entre colchetes.

Por exemplo: [kaw], pronúncia popular carioca, [kal], pronúncia gaúcha, para a palavra sempre escrita *cal.*

---

1) Data de 1952, com o trabalho *Preliminaries to speech analysis*, de R. Jakobson, C. G. M. Fant e M. Halle, a primeira tentativa convincente de uma classificação acústica dos fonemas. De então para cá, a utilização de uma nova aparelhagem e, principalmente, o esforço coordenado de foneticistas e engenheiros do som têm permitido progressos sensíveis no particular, de que nos dão mostras as penetrantes análises acústicas de Pierre Delattre, enfeixadas em *Studies in french and comparative phonetics*. London — The Hague — Paris, Mouton & Co., 1966.

Os fonemas transcrevem-se entre barras oblíquas //.

Por exemplo: o fonema /s/ pode ser representado ortograficamente por *s*, como em *soco*; por *ss*, como em *posso*; por *c*, como em *cego*; por *ç*, como em *poço*; por *x*, como em *próximo*.

Alfabeto fonético utilizado

Empregamos em nossas transcrições fonéticas o alfabeto adotado nas *Normas para a Língua Falada no Teatro*, consideradas exemplares de nossa pronúncia pelo Conselho Federal de Educação. [1]

É o seguinte:

1. Vogais:

[ạ] — português normal do Brasil: *casa, fala*
[ɐ̣] — português normal do Brasil: *cama, cana*
[ẹ] — português normal do Brasil: *pé, ferro*
[ẹ] — português normal do Brasil: *sede, prevê*
[ọ] — português normal do Brasil: *pó, cola*
[ọ] — português normal do Brasil: *morro, fôrça*
[i] — português normal do Brasil: *vir, bico*
[u] — português normal do Brasil: *bambu, sul*

2. Semivogais:

[y] — português normal do Brasil: *pai, feito*
[w] — português normal do Brasil: *água, quatro*

3. Consoantes:

[b] — português normal do Brasil: *boi, aba*
[d] — português normal do Brasil: *dar, espada*
[d'] — português do Rio, São Paulo e extensas zonas do País: *dia, sede, adjunto*
[d̂] — português popular do Rio e algumas zonas próximas (nos exemplos anteriores, pronúncia = *dj*)
[g] — português normal do Brasil: *guarda, agrado.*

---

1) As *Normas* foram aprovadas pelo Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro, realizado na cidade do Salvador (Bahia), em setembro de 1956. Os *Anais* do Congresso saíram em 1958, editados pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro; das *Normas* se fez, então, uma separata de larga tiragem.
Transcrevemos aqui apenas os sinais que representam os sons mais freqüentes no português do Brasil.

[p] — português normal do Brasil: *pai, caprino*
[t] — português normal do Brasil: *tu, teto*
[t'] — português do Rio, São Paulo e extensas zonas do País: *tio, sete, ritmo*
[t̂] — português popular do Rio e algumas zonas próximas (nos exemplos anteriores, pronúncia = *tch*)
[k] — português normal do Brasil: *casa, porca, que*
[m] — português normal do Brasil: *mar, amigo*
[n] — português normal do Brasil: *nada, cano*
[n̮] — português normal do Brasil: *venho, nhato*
[l̮] — português normal do Brasil: *filho, lhe*
[l] — português normal do Brasil: *lama, calo*
[ľ] — português de certas zonas do Rio Grande do Sul: *alto, Brasil*
[l̄] — português do Rio, São Paulo e outras zonas do País (nos exemplos anteriores)
[r] — português normal do Brasil: *caro, cores*
[r̄] — português do Rio Grande do Sul e outras zonas do País: *roda, carro, dar*
[ṝ] — português do Rio e de extensas zonas do País (nos exemplos anteriores)
[r̤̄] — português popular do Rio e outras zonas do País (nos exemplos anteriores)
[ṛ] — português "caipira" do Brasil: *caro, cores*
[r̤̄] — português "caipira" do Brasil: *roda, carro, dar*
[f] — português normal do Brasil: *filho, afiar*
[v] — português normal do Brasil: *vinho, uva,*
[s] — português normal do Brasil: *saber, posso, céu*
[z] — português normal do Brasil: *azar, casa*
[š] — português do Rio e de extensas zonas do Brasil: *chave, xarope, este*
[ž] — português do Rio e de extensas zonas do Brasil: *já, genro, mesmo*

Classificação dos fonemas

Os fonemas classificam-se em *vogais, consoantes* e *semivogais*.

Vogais e consoantes

1. Do ponto de vista articulatório, as vogais podem ser consideradas sons formados pela vibração das cordas vocais e modificados segundo a forma da cavidade bucal, que deve estar sempre aberta ou entreaberta à passagem do ar. Na pronúncia das consoantes, ao contrário, há sempre na cavidade bucal obstáculo à passagem da corrente expiratória.

2. Quanto à função silábica — outro critério de distinção — cabe salientar que, em nossa língua, as vogais são sempre centro de sílaba, ao passo que as consoantes são fonemas marginais: só aparecem na sílaba junto a uma vogal. [1]

Semivogais

Entre as vogais e as consoantes situam-se as semivogais, que são os fonemas /i/ e /u/ quando, juntos a uma vogal, com elas formam sílaba. Foneticamente, estas vogais assilábicas se transcrevem [y] e [w].

Exemplificando:

Em *pito* ['pitu] e *viu* ['viw] o /i/ é vogal, mas em *dói* ['doy] e *Mário* ['Maryu] é semivogal. Também o /u/ é vogal em *duro* ['duru] e *rui* ['ruy], mas semivogal em *céu* ['sęw] e *quatro* ['qwatru].

Classificação das vogais

1. De acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, as vogais de nossa língua devem ser classificadas:

a) quanto à zona de articulação, em { anteriores / médias / posteriores

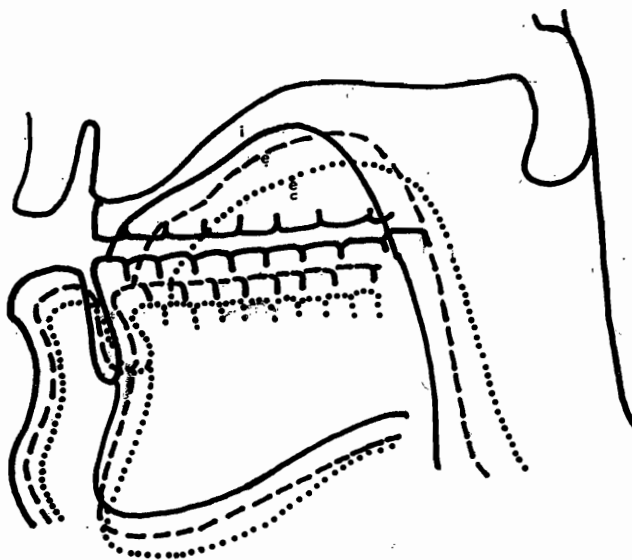
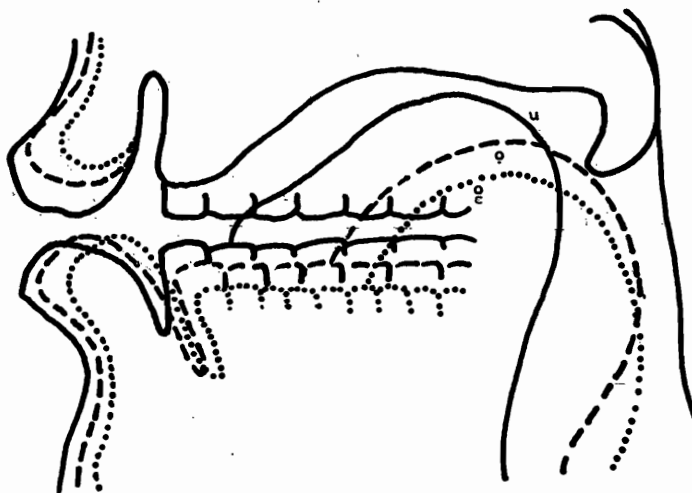
b) quanto ao timbre, em { abertas / fechadas / reduzidas

c) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, em { orais / nasais

d) quanto à intensidade, em { átonas / tônicas

2. Embora não conste da *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, é conveniente incluir nesta classificação articulatória das vogais um quinto critério — o da elevação da língua: baixa (/a/), medial (/ę/, /ẹ/, /ǫ/, /ọ/) e alta (/i/, /u/).

---

1) "Vogais e consoantes são então categorias de sons, não determinadas por sua própria natureza fonética, mas de acordo com seu agrupamento em específicas funções silábicas contextuais." (Kenneth Pike. *Phonetics*. Ann Harbor, Michigan Press, 1961. p. 78.)

vogais anteriores
i em riso
ẹ em reis
ę em réis

vogais posteriores
u em muro
ọ em morro
ǫ em moro

Teríamos, então, o seguinte quadro de classificação das vogais, que seria mais preciso se às vogais médias chamássemos centrais:

Zona de articulação		Anteriores		Médias (centrais)		Posteriores	
Papel das cavidades bucal e nasal		Orais	Nasais	Orais	Nasais	Orais	Nasais
Elevação da língua	Timbre						
Altas	Fechadas Reduzidas	/i/ /ẹ/	/ĩ/ /ĩ/			/u/ /ọ/	/ũ/ /ũ/
Mediais	Fechadas Abertas	/ẹ/ /ę/	/ẽ/			/ọ/ /ǫ/	/õ/
Baixas	Fechada Aberta Reduzidas			/a/ /a/	/ã/ /ã/		

3. Note-se ainda que as vogais consideradas reduzidas pela *NGB* são conseqüências de uma posição átona Na realidade, /e/ e /o/ reduzidos identificam-se a /i/ e /u/.

A zona de articulação

Dissemos que as vogais são os sons que se pronunciam com a via bucal livre. Desta afirmação não se deve concluir que seja indiferente para a distinção das vogais o movimento dos diversos órgãos da boca. Pelo contrário. Basta elevarmos a língua progressivamente em direção ao palato duro ou ao palato mole (véu palatino) para termos séries de vogais diferentes, como nos mostram os esquemas que adiante apresentamos.

No primeiro caso, produzimos a série das vogais anteriores (ou palatais).

/ę/, /ẹ/, /i/.

No segundo, a das vogais posteriores (ou velares):

/ǫ/, /ọ/, /u/.

Dentro desta classificação, que considera a boca dividida em duas regiões (anterior e posterior),

denominamos média a vogal /a/, articulada com a língua baixa, quase em repouso.

O timbre e a intensidade

O timbre é qualidade mais relevante e distintiva da vogal. Do ponto de vista físico, resulta de uma composição do tom fundamental com os harmônicos. Do ponto de vista fisiológico, depende essencialmente da forma tomada pela cavidade faríngea e pela cavidade bucal, que funcionam como tubo de ressonância.

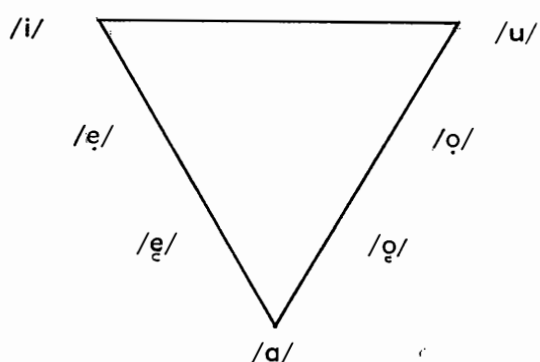
A maior largura do tubo de ressonância produz as vogais chamadas abertas, que são:

/ę/, /a/, /ǫ/.

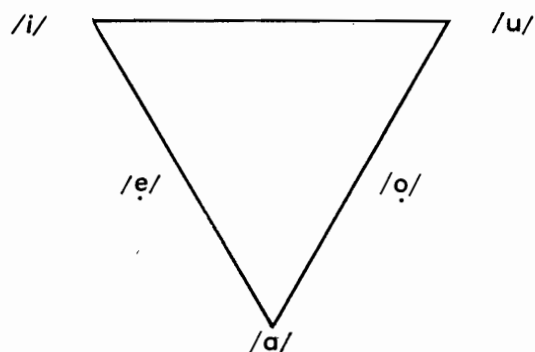
O seu estreitamento dá origem às vogais fechadas:

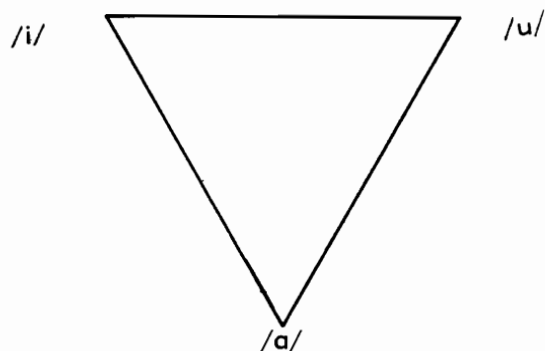
/i/, /ẹ/, /u/, /ọ/.

A diferença entre timbre aberto e fechado é menos sensível em posição átona do que em posição tônica.

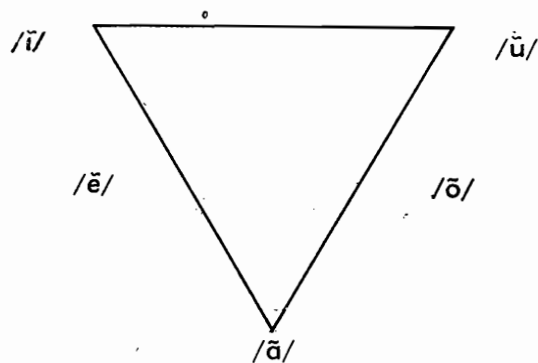
Em sílaba tônica, isto é, pronunciada com maior força expiratória (intensidade), distinguimos sete vogais, que se opõem sistematicamente:

/i/	/ẹ/	li/lê	/a/	/ọ/	saco/soco
/ẹ/	/ę/	reis/réis	/ǫ/	/ọ/	possa/poça
/ę/	/a/	pé/pá	/ọ/	/u/	todo/tudo
/i/	/u/	lixo/luxo	/ę/	/ǫ/	neve/nove
/ẹ/	/ọ/	terço/torço			

Em sílaba átona, porém, anula-se a distinção entre /ę/ — /ẹ/, /ǫ/ — /ọ/, do que resulta um

sistema de cinco vogais, mais estável em sílaba pretônica:

/ẹ/	/i/	*pesar/pisar*	/i/	/u/	*rimar/rumar*
/a/	/ẹ/	*lavar/levar*	/ẹ/	/ọ/	*ferrar/forrar*
/a/	/ọ/	*arar/orar*	/ọ/	/u/	*corar/curar*

Em sílaba postônica, o vocalismo do português do Brasil tende a simplificar-se ainda mais pela identificação do timbre das vogais finais /e/ — /i/ e /o/ — /u/. As palavras *tarde* e *povo*, por exemplo, soam efetivamente [ˈtardi] e [ˈpọvu].

/i/	/a/	*mexe/mecha*
/a/	/u/	*braça/braço*
/i/	/u/	*leite/leito*

Vogais orais e vogais nasais

Além das sete vogais orais que examinamos — emitidas todas com o véu palatino levantado contra a parede posterior da faringe — possui a nossa língua cinco vogais nasais, em cuja articulação o véu palatino, abaixado, permite que uma parte da corrente expiratória ressoe na cavidade nasal:

Em português, as vogais nasais são sempre fechadas e podem empregar-se com fins distintivos. Comparem-se estas palavras:

canta	*sendo*	*rim*	*bomba*	*funga*
cata	*cedo*	*ri*	*boba*	*fuga*

Classificação das consoantes

O sistema consonântico da língua portuguesa consta de 19 fonemas, que, de acordo com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, devem ser classificados em função de quatro critérios, de base essencialmente articulatória:

a) quanto ao modo de articulação, em
- oclusivas
- constritivas
  - fricativas
  - laterais
  - vibrantes

b) quanto ao ponto de articulação, em
- bilabiais
- labiodentais
- linguodentais
- alveolares
- palatais
- velares

c) quanto ao papel das cordas vocais, em
- surdas
- sonoras

d) quanto ao papel das cavidades bucal e nasal, em
- orais
- nasais

O modo de articulação

A articulação das consoantes não se faz, como a das vogais, com a passagem livre do ar através da cavidade bucal. Em sua pronúncia, a corrente expiratória encontra sempre, em alguma parte da boca, ou um obstáculo total, que a interrompe mo-

mentaneamente, ou um obstáculo parcial, que a comprime. No primeiro caso, as consoantes se dizem oclusivas; no segundo, constritivas

São oclusivas as consoantes /p/ — /b/, /t/ — /d/, /k/ — /g/:

pala	*tala*	*cala*
bala	*dá-la*	*gala*

Entre as constritivas, distinguem-se as:

1. Fricativas, caracterizadas pela passagem do ar através de uma estreita fenda formada no meio da via bucal, o que produz um ruído comparável ao de uma fricção.

São fricativas as consoantes /f/ — /v/, /s/ — /z/, /š/ — /ž/:

fala	*vala*
selo	*zelo*
queixo	*queijo*

2. Laterais, caracterizadas pela passagem da corrente expiratória pelos dois lados da cavidade bucal, em virtude de obstáculo formado no centro desta pelo encontro da língua com os alvéolos dos dentes ou com o palato.

São laterais as consoantes /l/ — /ľ/:

cala — *calha*

3. Vibrantes, caracterizadas pelo movimento vibratório rápido de um órgão ativo elástico (a língua ou o véu palatino), que provoca uma série de brevíssimas oclusões da corrente expiratória.

São vibrantes as consoantes /r/ — /r̄/:

caro — *carro*

O ponto de articulação

O obstáculo (total ou parcial) necessário à articulação das consoantes pode produzir-se em diversos lugares da cavidade bucal. Daí o conceito de ponto de articulação, segundo o qual as consoantes se classificam em:

1. Bilabiais, formadas pelo contato dos lábios — /p/ — /b/ — /m/:

pato — *bato* — *mato*

2. Labiodentais, formadas pela constrição do ar entre o lábio inferior e os dentes incisivos superiores — /f/ — /v/:

faca — *vaca*

3. Linguodentais, formadas pelo contato da ponta da língua com a face interna dos dentes superiores — /t/ — /d/ — /n/:

tato — *dato* — *nato*

4. Alveolares, formadas pela aproximação da língua aos alvéolos superiores dos dentes, ou pelo encontro desses órgãos — /s/ — /z/ — /l/ — /r/:

cinco — *zinco* — *cala* — *cara*

5. Palatais, formadas pelo encontro do dorso da língua com o palato duro, ou céu da boca — /š/ — /ž/ — /l̮/ — /n̮/:

acho — *ajo* — *alho* — *anho*

6. Velares, formadas pelo encontro da parte posterior da língua com o palato mole, ou véu palatino — /k/ — /g/ — /r̄/:

calo — *galo* — *ralo*

O papel das cordas vocais

Enquanto as vogais são sempre sonoras, as consoantes podem ser ou não produzidas com vibração das cordas vocais

São surdas as consoantes: /p/ — /t/ — /k/ — /f/ — /s/ — /š/.

As demais são sonoras: /b/ — /d/ — /g/ — /v/ — /z/ — /ž/ — /l/ — /l̮/ — /r/ — /r̄/ — /m/ — /n/ — /n̮/.

Como vemos, a presença ou a ausência de sonoridade numa consoante reveste, em português, alta importância por ser o único traço distintivo de algumas delas. Assim:

		Surdas	Sonoras	Exemplificação	
Oclusivas	Bilabiais	/p/	/b/	pato	bato
	Linguodentais	/t/	/d/	tato	dato
	Velares	/k/	/g/	cato	gato
Fricativas	Labiodentais	/f/	/v/	faca	vaca
	Alveolares	/s/	/z/	selo	zelo
	Palatais	/š/	/ž/	chato	jato

O papel das cavidades bucal e nasal

Como as vogais, as consoantes podem ser orais ou nasais. Por outras palavras: em sua emissão, a corrente expiratória pode passar apenas pela cavidade bucal, ou ressoar na cavidade nasal, caso encontre abaixado o véu palatino.

São nasais as consoantes /m/ — /n/ — /n̮/:

amo — *ano* — *anho*

As outras são orais.

Quadro das consoantes

Resumindo, podemos dizer que o sistema consonântico da língua portuguesa no Brasil consta de 19 fonemas, cujos traços distintivos nos mostra com nitidez o seguinte quadro:

Papel das cavidades bucal e nasal	Orais							Nasais
Modo de articulação	Oclusivas		Constritivas					
			Fricativas		Laterais	Vibrantes		
						Simples	Múltipla	
Papel das cordas vocais	Surdas	Sonoras	Surdas	Sonoras	Sonoras	Sonoras	Sonoras	Sonoras
Ponto de articulação								
Bilabiais	/p/	/b/						/m/
Labiodentais			/f/	/v/				
Linguodentais	/t/	/d/						/n/
Alveolares			/s/	/z/	/l/	/r/		
Palatais			/š/	/ž/	/l̮/			/n̮/
Velares	/k/	/g/					/r̄/	

Observação

Procuramos harmonizar nesta classificação a Nomenclatura Gramatical Brasileira *com as normas estabelecidas para a língua do teatro culto no* Primeiro Congresso de Língua Falada no Teatro, *consideradas, como dissemos, exemplares de nossa pronúncia pelo Conselho Federal de Educação. Devemos, no entanto, fazer algumas advertências:*

1.ª) Classificamos o /r̄/ como uma consoante velar por ser esta a sua pronúncia normal no Rio

de Janeiro e em extensas áreas do País. Saliente-se, porém, que na pronúncia normal portuguesa ele é uma vibrante ápico-alveolar múltipla, realização que também ocorre no Rio Grande do Sul e em outras partes, não bem delimitadas, do nosso território. Apontem-se ainda, entre as realizações que apresenta no Brasil, a de vibrante dorso-uvular múltipla [ṝ] *(no português popular do Rio de Janeiro e de outras áreas) e a de vibrante linguopalatal velarizada múltipla, que é a do* [ṛ] *chamado caipira, característico da região Norte de São Paulo e Sul de Minas Gerais.*

2.ª) Na pronúncia normal do Rio de Janeiro e de vastas zonas do País, a consoante /l/, quando final de sílaba, tende a vocalizar-se [w̬], anulando as oposições /mal/ — /mau/, /alto/ — /auto/.

3.ª) No português do Brasil, as consoantes /t/ e /d/, quando antes de /i/ vogal ou semivogal, palatalizam-se, chegando a realizarem-se como africadas linguopalatais, em transcrição fonética [t͡] e [d͡]: ['nọyt͡i] *"noite"*, ['ọd͡u] *"ódio"*.

Classificação fonêmica

Cabe aqui a observação de que essa classificação das consoantes portuguesas é de natureza essencialmente fonética.

No plano fonêmico, levando-se apenas em consideração os traços fônicos distintivos — localização articulatória, natureza do impedimento criado pela boca e atuação das cordas vocais — teríamos o seguinte quadro:

Consoantes	Oclusivas		Fricativas		Nasais	Líquidas
	Surdas	Sonoras	Surdas	Sonoras	Sonoras	Sonoras
Labiais	/p/	/b/	/f/	/v/	/m/	
Ântero-linguais	/t/	/d/	/s/	/z/	/n/	/l/ /r/
Póstero-linguais	/k/	/g/	/š/	/ž/	/n̬/	/l̬/ /ṝ/

Observação

Apresentar as consoantes fricativas como subdivisão das constritivas não nos parece a melhor solução uma vez que os termos são sinônimos, dife-

rindo apenas quanto ao critério de classificação. Com base num critério articulatório, teríamos consoantes constritivas; com base num critério auditivo, teríamos consoantes fricativas, uma vez que a fricção é o efeito que a constrição produz em nosso ouvido.

Fonema e variante

O fonema pode variar na sua realização.

Aos vários sons que realizam um mesmo fonema dá-se o nome de variantes ou alofones. Essas variantes de pronúncia, que não impedem a identificação da palavra em que aparecem, podem ser de natureza individual, social ou regional.

Ninguém ignora, por exemplo, que o /l/ final é no Brasil muito instável. Num vocábulo como *animal* podemos ouvir a consoante em matizadas articulações que vão desde a característica maneira gaúcha [l̥] até a forma identificada à semivogal [w], de vastas regiões do País, sem falarmos na sua freqüente perda, principalmente em áreas do interior.

Outras variantes decorrem do próprio contexto fônico em que são realizadas. Comparando os vocábulos

tira *tara* *tora*

sentimos que eles se diferenciam apenas pela vogal interna:

/i/ /a/ /o/

Se, no entanto, observarmos com atenção a pronúncia da consoante na forma *tira*, de um lado, e em *tara* e *tora*, de outro, percebemos que o /t/ da primeira é emitido [t̂], à semelhança do som inicial do vocábulo *tcheco*.

Fonética e fonologia

A disciplina que estuda minuciosamente os sons da fala em suas múltiplas realizações chama-se fonética.

A parte da gramática que estuda o comportamento dos fonemas numa língua, isto é, que estuda os sons que têm a função de distinguir significações, denomina-se fonologia (fonemática ou fonêmica).

Observação

Esta divisão é apenas de ordem didática, pois, em verdade, fonética e fonêmica são duas disciplinas interdependentes: o estudo do som da fala deve

ser complementado pela determinação do seu valor funcional, assim como o estudo das distinções funcionais deve ser melhor esclarecido pelo conhecimento da realidade física que as traduz. Veja-se, a propósito, Bertil Malmberg, La phonétique. *Paris, 1954. p. 108-116;* Les nouvelles tendances de la linguistique, *trad. de Jacques Gengoux, 2.ª ed. Paris, 1968. p. 150.*

Encontros vocálicos

O encontro de uma vogal + uma semivogal, ou de uma semivogal + uma vogal recebe o nome de ditongo

Ditongos

Os ditongos podem ser:

a) decrescentes ou crescentes;
b) orais ou nasais.

Ditongos decrescentes e crescentes

Quando a vogal vem em primeiro lugar, o ditongo se denomina decrescente. Assim:

pai *céu* *muito*

Quando a semivogal antecede a vogal, o ditongo se diz crescente. Assim:

qual *lingüiça* *freqüente*

Em português apenas os decrescentes são ditongos estáveis. Os ditongos crescentes aparecem com freqüência no verso. Mas na linguagem do colóquio normal só apresentam estabilidade aqueles que têm a semivogal /w/ precedida de /k/ (grafado q), ou de /g/. Assim:

quase	*igual*	*quando*	*enxaguando*
eqüestre	*goela*	*lingüeta*	*qüinqüênio*
quota	*qüiproquó*	*tranqüilo*	*sagüiguaçu*

Ditongos orais e nasais

Como as vogais, os ditongos podem ser orais e nasais, segundo a natureza oral ou nasal dos seus elementos.

São os seguintes os ditongos orais decrescentes

Ditongo	Exemplificação	Ditongo	Exemplificação
[ay]	*pai*	[iw]	*viu*
[aw]	*mau*	[ọy]	*boi*
[ẹy]	*sei*	[ǫy]	*herói*
[ęy]	*réis*	[ọw] [1]	*vou*
[ẹw]	*meu*	[uy]	*azuis*
[ęw]	*céu*	[ǫw] [2]	*sol*

Observações

1.ª) Na pronúncia normal do Brasil o ditongo [ow] *reduz-se a* [o], *desaparecendo, com isso, a distinção de formas como* /poupa/ — /popa/, /bouba/ — /boba/.

2.ª) Admitindo a vocalização do /l/ final, de que falamos há pouco, temos de considerar o ditongo [ow] *em* sol, terçol, *realização esta bastante geral na pronúncia carioca.*

Há os seguintes ditongos nasais decrescentes

Pronúncia	Escrita		Exemplificação	
[ãy]	ãe,	ãi	mãe,	cãibra
[ãw]	ão,	am	mão,	vejam
[ẽy]	em,	en	vem,	benzinho
[õy]	õe		põe,	sermões
[ũy]	ui		mui,	muito

Tritongos

Denomina-se tritongo o encontro formado de semivogal + vogal + semivogal De acordo com a natureza (oral ou nasal) de seus componentes, classificam-se também os tritongos em orais e nasais.

São tritongos orais:

Tritongo	Exemplificação	Tritongo	Exemplificação
[way]	Uruguai	[wiw]	delinqüiu
[wey]	enxagüei	[wow]	enxaguou

São tritongos nasais:

Pronúncia	Escrita	Exemplificação
[wãw]	uão, uam	saguão, enxáguam
[wẽy]	üem	delinqüem
[wõy]	uõe	saguões

Hiatos

Dá-se o nome de hiato ao encontro de duas vogais. Assim, comparando-se as palavras *pais* (plural de *pai*) e *país* (região), verificamos que:

a) na primeira, o encontro *ai* soa numa só sílaba [pays];

b) na segunda, o /a/ pertence a uma sílaba e o /i/ a outra: *pa-ís*.

Conclui-se, portanto, que em *pais* há ditongo; em *país*, hiato.

Observação

Quando átonos finais, os encontros -ia, -ie, -io, -oa, -ua, -ue e -uo *são normalmente ditongos crescentes:* gló-ria, cá-rie, vá-rio, má-goa, á-gua, tê-nue, ár-duo. *Podem, no entanto, ser emitidos com separação dos dois elementos, formando assim um hiato:* gló-ri-a, cá-ri-e, vá-ri-o, *etc. Ressalte-se, porém, que na escrita, em hipótese alguma, os elementos desses encontros vocálicos se separam no fim da linha, como salientamos no Capítulo 3.º.*

Encontros intraverbais e interverbais

Os encontros vocálicos podem ocorrer no interior do vocábulo ou entre dois vocábulos, isto é, podem ser intraverbais (= intravocabulares) ou interverbais (= intervocabulares).

Há encontros absolutamente estáveis. Assim, quer no verso, quer na prosa, a palavra *lua*, possuirá sempre duas sílabas, ao passo que as palavras *lei* e *quais* terão invariavelmente uma. O hiato [*ua*], da primeira, bem como o ditongo [ẹy], da segunda, e o tritongo [way], da terceira, são, pois, as únicas pronúncias que a língua admite para tais encontros nessas palavras.

Muitos, porém, são instáveis. Por exemplo: numa pronúncia normal, as palavras *luar* e *leais* são dissílabos [lu'ar], [li'ays]. Emitidas rapidamente, podem elas, no entanto, passar a monossílabos pela transformação do hiato [ua] no ditongo [wa] e pela criação do tritongo [yay]. Por outro lado, palavras como *vaidade* e *saudade*, trissílabos na língua viva, costumam aparecer no verso com quatro sílabas métricas. Veja-se o exemplo que ocorre no segundo verso desta quadrinha setissilábica:

"*A ausência tem uma filha,*
Que se chama saudade:
Eu sustento mãe e filha,
Bem contra minha vontade."

À passagem de um hiato a ditongo no interior da palavra dá-se o nome de sinérese. E chama-se diérese o fenômeno contrário, ou seja, a transformação de um ditongo normal em hiato.

Quando a ditongação do hiato se verifica entre vocábulos, diz-se que há sinalefa

Encontros consonantais

Dá-se o nome de encontro consonantal ao agrupamento de consoantes num vocábulo. Entre os encontros consonantais, merecem realce, pela freqüência com que se apresentam, aqueles inseparáveis cuja segunda consoante é /l/ ou /r/. Assim:

Encontro consonantal	Exemplificação		Encontro consonantal	Exemplificação	
bl	bloco,	abluir	gl	glutão,	aglutinar
br	branco,	rubro	gr	grande,	regra,
cl	claro,	tecla	pl	plano,	triplo
cr	cravo,	Acre	pr	prato,	sopro
dr	dragão,	vidro	tl	———,	atlas
fl	flor,	ruflar	tr	tribo,	atrás
fr	francês,	refrão	vr	———,	palavra

Encontros consonantais como *gn, mn, pn, ps, pt, tm* e outros não aparecem em muitos vocábulos.

Quando iniciais, são naturalmente inseparáveis:

gno-mo *pneu-má-ti-co* *pti-a-li-na*
mne-mô-ni-co *psi-co-lo-gi-a* *tme-se*

Quando mediais, em pronúncia tensa, podem ser articulados numa só sílaba, ou em sílabas distintas:

a-pto *di-gno* *ri-tmo*
ap-to *dig-no* *rit-mo*

Na linguagem coloquial brasileira há, porém, uma acentuada tendência a destruir estes encontros de difícil pronúncia pela intercalação da vogal i (ou e):

dí-gui-no *pe-neu* *rí-ti-mo*

Não raro, temos de admitir a existência desta vogal epentética, embora não escrita, para que versos de poetas nossos conservem a regularidade. Por exemplo, no segundo destes setissílabos de Gonçalves Dias:

> "*Deixa-me ouvir teus cantores,*
> *Admirar teus verdores.*"
>
> (PCPE, 376.[2])

a palavra *admirar* deve ser emitida em quatro sílabas *(a-di-mi-rar)* para que o verso mantenha aquela medida.

Dígrafos

Não é demais recordar ainda uma vez que não se devem confundir consoantes e vogais com letras, que são sinais representativos daqueles sons.

Assim, nas palavras *carro, pêssego, chave, malho* e *canhoto* não há encontro consonantal, pois as letras *rr, ss, ch, lh* e *nh* representam uma só consoante. Também não existe encontro consonantal em palavras como *campo* e *ponto*: nelas o *m* e o *n* são apenas sinal de nasalidade da vogal anterior, equivalendo, no caso, a um til (*cãpo, põto*).

A esses grupos de letras que simbolizam apenas um som dá-se o nome de dígrafos.

São dígrafos, pois:

1.º) *ch*, que simboliza o fonema palatal /š/ também representado por x: *ficha* (compare-se com *lixa*);

2.º) *lh* e *nh*, únicas formas de representar na língua a lateral /l̮/ e a nasal palatal /n̮/: *velho, unha*;

3.º) *rr* e *ss*, que só se empregam entre letras-vogais para representar os mesmos fonemas (/r̄/ /s/), que se escrevem com r e s simples no início de vocábulo: *prorromper* (compare-se com *romper*), *assimetria* (compare-se com *simetria*).

Entre os dígrafos devem ainda ser incluídas as combinações de letras:

a) *gu* e *qu* antes de e e i, quando representam os mesmos fonemas oclusivos (/g/ /k/) que se escrevem, respectivamente, g e c antes de *a*, o e *u*: *guerra, seguir* (comparar a: *galo, gole, gula*); *querer, quilo* (comparar a: *calar, cobre, cubro*);

b) *sc, sç* e *xc* que, entre letras-vogais, podem representar o mesmo fonema /s/, que se transcreve também por c ou ç: *florescer* (comparar a *amanhecer*), *desça* (comparar a *pareça*), exceder (comparar a *preceder*);

c) *am, an, em, en, im, in, om, on, um, un*, que servem para representar as cinco vogais nasais: *tampo, tanto, tempo, tento, limbo, lindo, pombo, tonto, comum, mundo*.

Sílaba

Quando pronunciamos lentamente uma palavra, sentimos que não o fazemos separando um som de outro, mas dividindo a palavra em pequenos grupos, que serão tantos quantas forem as vogais. Assim, uma palavra como:

Paraguai

não será por nós emitida

P-a-r-a-g-u-a-i

mas sim:

Pa-ra-guai

A cada vogal ou grupo de sons pronunciados numa só expiração damos o nome de sílaba

A sílaba pode ser formada:

a) por uma vogal, um ditongo ou um tritongo:

é *eu* *uai!*

b) por uma vogal, um ditongo ou um tritongo acompanhados de consoantes:

tra-du-zir *neu-tro* *Pa-ra-guai*

Sílabas abertas e sílabas fechadas

1. Chama-se aberta a sílaba que termina por uma vogal:

e-le-va-do

2. Diz-se fechada a sílaba que termina por uma consoante:

al-tar

Classificação das palavras quanto ao número de sílabas

Quanto ao número de sílabas, classificam-se as palavras em monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas:

Monossílabas, quando constituídas de uma só sílaba:

o	*quer*	*pão*
se	*vou*	*quais*

Dissílabas, quando constituídas de duas sílabas:

ru-a	*so-nhou*	*que-reis*
tá-bua	*bran-do*	*sa-guões*

Trissílabas, quando constituídas de três sílabas:

Á-fri-ca	*pau-lis-ta*	*mi-nei-ro*
por-tu-guês	*sub-li-nhar*	*re-dar-güiu*

Polissílabas, quando constituídas de mais de três sílabas:

co-or-de-nar	*u-ni-ver-si-da-de*
or-ga-ni-za-ção	*i-na-cre-di-ta-vel-men-te*

Acento tônico

Examinando a frase seguinte, emitida pausadamente:

Lindas crianças de azul e branco vinham correndo pela rua abaixo.

distinguimos, numa análise fonética elementar, as sílabas acentuadas (em verde) das inacentuadas.

A percepção distinta das sílabas acentuadas (tônicas) das inacentuadas (átonas) provém da dosagem maior ou menor de certas qualidades físicas que, vimos, caracterizam os sons da fala humana:

a) a intensidade, isto é, a força expiratória com que são pronunciados;

b) o tom (ou altura musical), isto é, a freqüência com que vibram as cordas vocais em sua emissão;

c) o timbre (ou metal de voz), isto é, o conjunto sonoro do tom fundamental e dos tons secundários produzidos pela ressonância daquele nas cavidades por onde passa o ar;

d) a quantidade, isto é, a duração com que são emitidos.

Assim, pela intensidade, os sons podem ser fortes (tônicos) ou fracos (átonos); pelo tom, serão agudos (altos) ou graves (baixos); pelo timbre, abertos ou fechados; pela quantidade, longos ou breves.

Em geral, porém, esses elementos estão intimamente associados. O conjunto deles, com predominância da intensidade, do tom e da quantidade, é o que se chama acento tônico.[1]

---

[1] V. Navarro Tomás. *Manual de pronunciación española*. 14.ª ed. Madrid, 1968. p. 26; Armando de Lacerda. *Características da entoação portuguesa*, I. Coimbra, s/d. p. 30-44; Pierre Delattre, *Op. cit.* p. 70.

Observações

1.ª) A Nomenclatura Gramatical Brasileira *classifica as vogais, quanto à intensidade, em átonas e tônicas. Também as sílabas, quanto à intensidade, se dizem átonas (pretônicas e postônicas), subtônicas e tônicas. Pela nomenclatura oficial, tom é, pois, o mesmo que acento de intensidade. Cabe advertir no entanto que, se na maioria dos casos os dois elementos vêm unidos, por vezes eles não coincidem. "Na linguagem, como na música, qualquer som, seja* **agudo** *ou* **grave**, *pode tornar-se* **forte** *ou* **débil**, *segundo convenha." (Navarro Tomás. Obra cit. p. 25, nota 1.)*

2.ª) A quantidade longa ou breve das vogais, fundamental em latim, não tem valor distintivo em português. Os contrastes que nos oferecem, em pronúncia tensa, pares de formas como **caatinga** / **catinga**, **coorte** / **corte**, *explicam-se não pela oposição de quantidade vocálica, mas pela de duas vogais em face de uma vogal. Sobre fenômeno semelhante que se observa no espanhol, leia-se A. Quilis,* Phonologie de la quantité en espagnol, *in* Phonetica, *XIII, 1965. p. 82-85.*

Em nosso idioma, como nas demais línguas românicas, a duração maior de uma vogal é recurso de ênfase, e está condicionada pelo acento, pelo contexto fonético ou por múltiplas razões de ordem afetiva.

Classificação das palavras quanto ao acento tônico

1. Quanto ao acento, as palavras de mais de uma sílaba se classificam em oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

Oxítonas, quando o acento recai na última sílaba:

saguão	*abril*	*herói*
compor	*mandarim*	*armazéns*

Paroxítonas, quando o acento recai na penúltima sílaba:

baiano	*sacola*	*losango*
braseiro	*criança*	*transtorno*

Proparoxítonas, quando o acento recai na antepenúltima sílaba:

tônico	*crítica*	*botânica*
vocábulo	*pássaro*	*quilométrico*

2. Pela variabilidade de sua posição, o acento tônico pode ter em português valor distintivo, fonológico.

Comparando os vocábulos

sábia *sabia* *sabiá*

percebemos que a posição do acento tônico é suficiente para estabelecer uma oposição, uma distinção significativa.

3. Os monossílabos podem ser átonos ou tônicos.

Átonos são aqueles pronunciados tão fracamente, que, na frase, precisam apoiar-se no acento tônico de um vocábulo vizinho, formando, por assim dizer, uma sílaba deste. Por exemplo:

ouviam-se / de longe / uns gritos.

São monossílabos átonos:

a) o artigo definido (*o, a, os, as*) e o indefinido (*um, uns*);

b) os pronomes pessoais oblíquos *me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes* e suas combinações: *mo, to, lho*, etc.;

c) o pronome relativo *que*;

d) as preposições *a, com, de, em, por, sem, sob*;

e) as combinações de preposição e artigo: *à, ao, da, do, na, no, num*, etc.;

f) as conjunções *e, mas, nem, ou, que, se*;

g) as formas de tratamento *dom, frei, são*.

Tônicos são aqueles emitidos fortemente. Por terem acento próprio, não necessitam apoiar-se noutro vocábulo. Exemplos: *céu, flor, lá, lei, mão, pó, sou, três, vós, zás!*, etc.

Observação

Em nenhuma palavra portuguesa o acento tônico pode recair antes da antepenúltima sílaba. Apenas quando se combinam certas formas verbais com pronomes átonos, formando um só grupo acentual (ou vocábulo fonético), é possível o acento recuar mais uma sílaba:

faça-se-lhes *converte-se-me*

Diz-se bisesdrúxula a acentuação dessas combinações.

Acentuação viciosa 1. Atente-se na exata pronúncia das seguintes palavras, para evitar uma silabada, que é a denominação que se dá ao erro de prosódia:

a) são oxítonas

aloés	*Nobel*	*recém*	*sutil*
Gibraltar	*novel*	*refém*	*ureter*

b) são paroxítonas:

alanos	*efebo*	*inaudito*	*pletora*
avaro	*erudito*	*maquinaria*	*policromo*
avito	*estalido*	*matula*	*pudico*
aziago	*êxul*	*misantropo*	*quiromancia*
barbaria	*filantropo*	*mercancia*	*refrega*
batavo	*gólfão*	*nenúfar*	*rubrica*
cartomancia	*grácil*	*Normandia*	*Salonica*
ciclope	*gratuito (úi)*	*onagro*	*têxtil*
decano	*hosana*	*opimo*	*táctil*
diatribe	*Hungria*	*pegada*	*Tibulo*
edito (lei)	*ibero*	*periferia*	*tulipa*

c) são proparoxítonas:

ádvena	*areópago*	*éolo*	*Niágara*
aeródromo	*aríete*	*égide*	*Nínive*
aerólito	*arquétipo*	*êmbolo*	*númida*
ágape	*autóctone*	*etíope*	*ômega*
álacre	*azáfama*	*êxodo*	*páramo*
álcali	*azêmola*	*fac-símile*	*Pégaso*
alcíone	*bátega*	*fagócito*	*périplo*
alcoólatra	*bávaro*	*farândula*	*plêiade*
álibi (latinismo)	*bígamo*	*férula*	*prístino*
âmago	*bímano*	*gárrulo*	*prófugo*
amálgama	*bólido (-e)*	*héjira*	*protótipo*
anátema	*brâmane*	*hipódromo*	*quadrúmano*
andrógino	*cáfila*	*idólatra*	*revérbero*
anêmona	*cânhamo*	*ímprobo*	*sátrapa*
anódino	*crástino*	*ínclito*	*Tâmisa*
antífona	*Cérbero*	*ínterim*	*trânsfuga*
antífrase	*cotilédone*	*invólucro*	*végeto*
antístrofe	*édito (ordem judicial)*	*leucócito*	*zéfiro*
apódose		*lêvedo*	*zênite*

Prefiram-se ainda as pronúncias:

barbárie *boêmia* *estratégia* *sinonímia*

2. Para alguns vocábulos há, mesmo na língua culta, oscilações de pronúncia. É o caso de:

ambrosia	ou	*ambrósia*	*Oceania*	ou	*Oceânia*
anidrido	ou	*anídrido*	*ortoepia*	ou	*ortoépia*
crisantemo	ou	*crisântemo*	*projetil*	ou	*projétil*
Dario	ou	*Dário*	*reptil*	ou	*réptil*
hieroglifo	ou	*hieróglifo*	*soror*	ou	*sóror*
négus	ou	*negus*	*zangão*	ou	*zângão*

Acento principal e acento secundário

Normalmente os vocábulos de pequeno corpo só possuem uma sílaba acentuada, em que se apóiam as demais, átonas. Os vocábulos longos, principalmente os derivados, costumam no entanto apresentar, além da sílaba tônica fundamental, uma ou mais subtônicas.

Dizemos, por exemplo, que as palavras *gostosamente* e *indubitavelmente* são paroxítonas, porque sentimos que em ambas o acento básico recai na penúltima sílaba *(men)*. Mas percebemos também que, nas duas palavras, as sílabas restantes não são igualmente átonas. Em *gostosamente*, a sílaba *-to-* mais fraca do que a sílaba *-men-* é sem dúvida mais forte do que as outras. Em *indubitavelmente*, as sílabas *-du-* e *-ta-* embora mais débeis do que a sílaba *-men-* são sensivelmente mais fortes do que as demais. Daí considerarmos principal o acento que recai sobre a sílaba *-men-* (nos dois exemplos) e secundários os que incidem sobre a sílaba *-to-* (em *gostosamente*) ou sobre as sílabas *-du-* e *-ta-* (em *indubitavelmente*).

Grupo acentual (ou de intensidade)

As palavras não costumam vir isoladas. Geralmente se unem, articulando-se umas com as outras, para formar frases, que são as verdadeiras unidades da fala.

Materialmente, a frase constitui uma cadeia sonora com seus acentos principais e secundários a que pode estar subordinado mais de um vocábulo. Cada segmento de frase dependente de um acento tônico chama-se grupo acentual, ou de intensidade.

Por exemplo, no período atrás mencionado:

Lindas crianças de azul e *branco vinham correndo pela rua abaixo.*

há onze vocábulos, que, de acordo com a rapidez ou lentidão da pronúncia, podem agrupar-se diversamente.

Numa emissão pausada, que ressalte os elementos significativos, o período em exame terá sete grupos acentuais:

/ *Lindas* / *crianças* / *de azul* / e *branco* / *vinham correndo* / *pela rua* / *abaixo.* /

ou mesmo oito, se, com uma pausa interna que ressalte a circunstância gerundial, destruirmos a perífrase *vinham correndo.*

Se imprimirmos, porém, ritmo acelerado à pronúncia, estes grupos se reduzirão a quatro:

/ *Lindas crianças* / *de azul* e *branco* / *vinham correndo* / *pela rua abaixo.* /

A sílaba tônica das palavras *lindas, azul, vinham* e *rua* se enfraquece, e este enfraquecimento impede que ela continue a servir de suporte fônico de um grupo acentual. O acento que nela recai de principal se torna secundário e, conseqüentemente, o grupo que o tinha por centro de apoio passa a integrar o seguinte, subordinado, respectivamente, ao acento das palavras *crianças, branco, correndo* e *abaixo.*

Ênclise e próclise

Denomina-se ênclise a situação de uma palavra que depende do acento tônico da palavra anterior, com a qual forma, assim, um todo fonético. Próclise é a situação contrária: a vinculação de uma palavra átona à palavra seguinte, a cujo acento se subordina. São proclíticos, por exemplo, o artigo, as preposições e as conjunções monossilábicas. São geralmente enclíticos os pronomes pessoais átonos.

A ênclise e, sobretudo, a próclise são responsáveis por freqüentes alterações vocabulares. Perdendo o seu acento tônico (a "alma da palavra",

no dizer de Diomedes), um vocábulo perde o seu centro de resistência e fica sujeito a reduções violentas.[1]

Vejam-se, por exemplo, estes passos de Mário de Andrade:

"*Vieram prá cidade outra vez.*" (B, *54.*)
"*Ia pro quintal, e a terra estava tão úmida, era uma tentação danada!*" (*Ibid.*, 37.)

em que aparecem as formas *prá* e *pro*, abreviações de *para a* e *para o* provocadas pela próclise.

Neste outro passo do mesmo escritor:

— "*Seu Belazarte, vinha também saber se o senhor queria ser padrinho do tiziu*"... (*Ibid*, 55.)

aparecem contrastando as formas *seu* e *senhor*: a primeira, um caso de redução proclítica, justificável por vir a palavra subordinada foneticamente a *Belazarte*; a segunda, a palavra resguardada de qualquer mutilação por sua plena autonomia acentual.

Acento de insistência

Além dos acentos normais (principal e secundário), uma palavra pode receber outro, chamado de insistência, que serve para realçá-la em determinado contexto, quer impregnando-a de afetividade, quer dando ênfase à idéia que expressa. Daí distinguirmos dois tipos de acento de insistência: o acento afetivo e o acento intelectual.

Acento afetivo

Se enunciarmos calmamente, sem intenção particular, a frase:

É um homem miserável.

a pronúncia da palavra *miserável* caracteriza-se por apresentar acentuada apenas a sílaba *-rá-*. É ela emitida com maior intensidade, com maior altura e, às vezes, com maior duração que as demais.

[1] Explicam-se também como conseqüências da próclise as formas *cem* (por *cento*), *grão* (por *grande*), *quão* (por *quanto*), *são* (por *santo*), *tão* (por *tanto*) e freqüentes elisões, sinalefas e sinéreses; que se observam no enunciado versificado ou na linguagem popular. Veja-se, a propósito, Sousa da Silveira. *Fonética sintática*. Rio de Janeiro, 1952, especialmente p. 86-125.

Mas a mesma frase pode ser enunciada num momento em que nos achamos presos de certa emoção. Podemos, por exemplo, estar possuídos de um sentimento de cólera ou de desprezo em relação ao indivíduo que consideramos *miserável*. Esse nosso sentimento exprime-se então foneticamente por um realce particular dado à sílaba inicial *-mi-*, que passa a competir na palavra com a tônica *-rá-*. Chega a igualá-la, quanto à intensidade e à altura, e até a superá-la, quanto à duração da vogal e, principalmente, da consoante que a antecede.

No primeiro caso, a palavra recebe apenas um acento; no segundo, ela possui dois, quase equivalentes. A esse novo acento, de caráter emocional, chamamos acento afetivo.

Acento intelectual

Com o acento afetivo impressionamos determinada palavra de emoção particular. É ele uma espécie de comentário sentimental que fazemos a um elemento do enunciado.

Mas nem sempre o realce sonoro de uma sílaba diversa da tônica normal põe em jogo a nossa sensibilidade aguçada. É por vezes um recurso eficaz de que dispomos para valorizar uma noção, para defini-la, para caracterizá-la, geralmente contrastando-a com outra. Por sua função, denominamos acento intelectual a esse tipo de acento de insistência.

Exemplifiquemos com os seguintes dizeres:

Irreal e real se confundem neste romance.
Foi um ato arbitrário do chefe.
Desejava razões objetivas e não subjetivas.

Se quisermos dar relevo significativo às palavras *irreal, real, arbitrário, objetivas* e *subjetivas*, imprimiremos à sílaba inicial de cada uma delas maior duração, maior altura e, sobretudo, maior intensidade.

Tal como o acento afetivo, o acento intelectual é inesperado, brusco, violento, características que os estremam do acento tônico normal, suporte do grupo rítmico e, portanto, esperado, regular. São justamente essas peculiaridades dos dois tipos de acento de insistência que fazem ressaltar vivamente num contexto as palavras sobre as quais eles incidem.

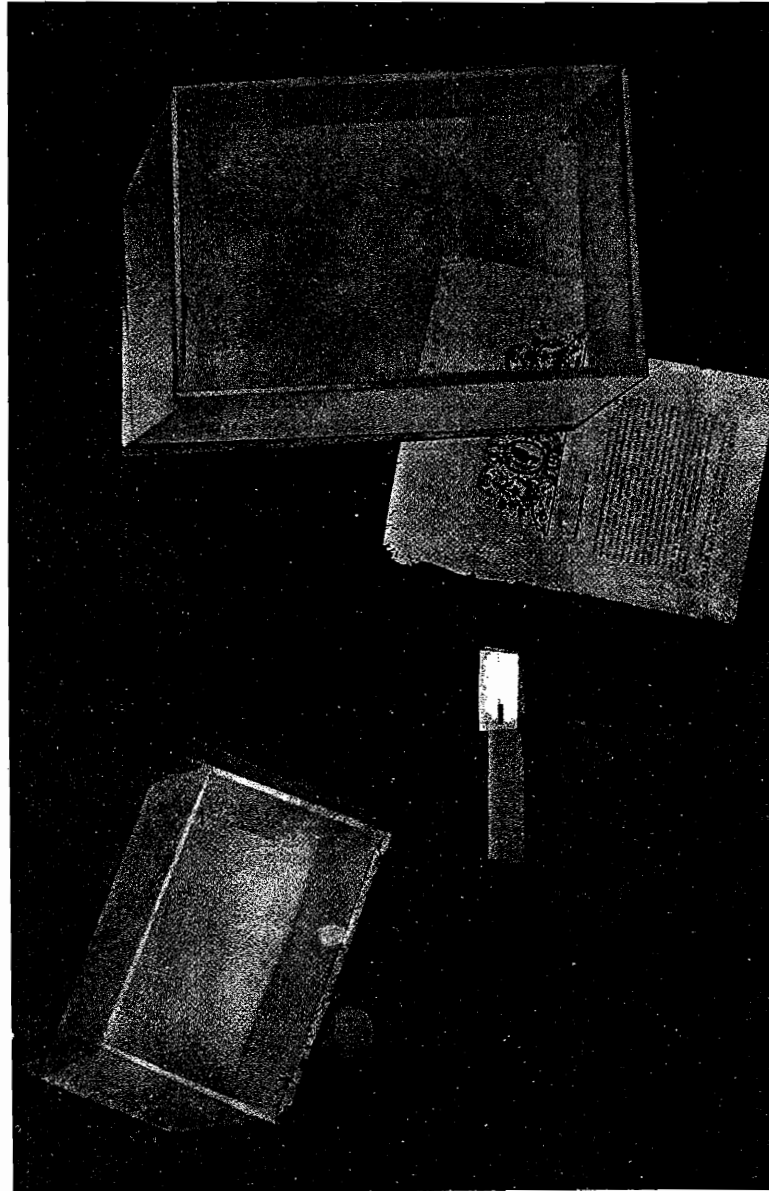
Distinções fundamentais

O acento intelectual distingue-se do acento afetivo não só pela função, mas também por particularidades fonéticas. Assim:

a) O acento intelectual recai sempre na primeira sílaba da palavra, seja ela iniciada por consoante, seja por vogal. O acento afetivo incide na primeira sílaba da palavra quando esta se inicia por consoante, mas pode recair na sílaba seguinte, se ela começar por vogal. Nas palavras de pequeno corpo o acento afetivo costuma coincidir com o acento tônico normal. Comparem-se:

Acento intelectual	Acento afetivo
São razões subjetivas!	*Ê um homem miserável!*
Foi um ato arbitrário!	*Ê uma pessoa abominável!*
Este romance tende para o irreal.	*Esta criança é um amor!*

b) Ambos reforçam a consoante que inicia a sílaba sobre a qual recaem, mas o realce que dão à vogal seguinte é de natureza diversa. O acento intelectual aumenta-a em duração, em altura e, sobretudo, em *intensidade*. O acento afetivo aumenta-a em intensidade, mas principalmente em *duração* e *altura*.

Caixas, Bule e Castiçal Levitando — Vinil e colagem, de Carlos Scliar, 1966.

Schiar 1966

Capítulo III

Ortografia

Letra e alfabeto

O conjunto ordenado das letras de que nos servimos para transcrever os sons da linguagem falada denominamos alfabeto.

O alfabeto da língua portuguesa consta fundamentalmente das seguintes letras:

a b c d e f g h i j l m n o p q r s t u v x z

Além dessas, há as letras *k*, *w* e *y*, que hoje só se empregam em dois casos:

a) na transcrição de nomes próprios estrangeiros e de seus derivados portugueses:

Kant	*Darwin*	*Byron*
kantismo	*darwinismo*	*byroniano*

b) nas abreviaturas e nos símbolos de uso internacional:

K. (= potássio)	*kg* (= quilograma)	*km* (= quilômetro)
W. (= oeste ou volfrâmio)	*w* (= watt)	*wh* (= watt-hora)
Y. (= ítrio)	*Yb* (= itérbio)	*yd* (= jarda)

Emprego do h

O *h* não corresponde a nenhum som. Usa-se apenas:

a) no início de certas palavras, que o possuíam de origem:

haver *Helena* *hoje*

b) no fim de algumas interjeições:

ah! *oh!* *uh!*

c) no interior de palavras compostas, em que o segundo elemento, iniciado por *h*, se une ao primeiro por meio de hífen:

anti-higiênico *pré-histórico* *super-homem*

d) nos dígrafos *ch*, *lh* e *nh*:

chave *talho* *banho*

Notações léxicas

Além das letras do alfabeto, servimo-nos, na língua escrita, de um certo número de sinais auxiliares, destinados a indicar a pronúncia exata da palavra. Estes sinais acessórios da escrita, chamados notações léxicas, são os seguintes:

O acento

O acento pode ser agudo (´), grave (`) e circunflexo (^).

1. O acento agudo é empregado para assinalar:

a) as vogais tônicas *a*, *i* e *u*:

cá	*durável*	*pássaro*
aí	*sofrível*	*místico*
baú	*açúcar*	*lúgubre*

b) as vogais tônicas abertas e e o:

pé	*quiséssemos*	*exército*
pó	*heróico*	*hóspede*

2. O acento grave é empregado para indicar a crase da preposição *a* com a forma feminina do artigo *(a, as)* e com os pronomes demonstrativos *a(s)*, *aquele(s)*, *aquela(s)*, *aquilo*:

à	*àquele(s)*	*àquilo*
às	*àquela(s)*	

3. O acento circunflexo é empregado para indicar o timbre fechado das vogais tônicas e e o, bem como o do *a* seguido de *m* ou *n*:

mês	*vêem*	*trêmulo*
avô	*pôs*	*abdômen*
câmara	*lâmpada*	*hispânico*

O til

O til (~) emprega-se sobre o *a* e o o para indicar a nasalidade dessas vogais:

irmã	*mãe*	*pão*
caixões	*põe*	*sermões*

O trema

O trema (¨) emprega-se sobre o *u* que se pronuncia nas sílabas *gue*, *gui*, *que* e *qui*:

agüentar	*cinqüenta*
argüição	*tranqüilo*

O apóstrofo

O apóstrofo (') serve para assinalar a supressão de um fonema — geralmente a de uma vogal — no verso, em certas pronúncias populares ou em palavras compostas ligadas pela preposição *de*:

pau-d'alho	*pau-d'arco*	*galinha-d'água*
c'roa	*esp'rança*	*'tá bem!*

A cedilha

A cedilha (‚) coloca-se debaixo do c, antes de *a*, o e *u*, para representar a fricativa linguodental surda [s]:

caçar	*castiço*	*jararacuçu*
praça	*cresço*	*muçulmano*

O hífen

O hífen (-) usa-se:

a) para ligar os elementos de palavras compostas ou derivadas por prefixação:

tenente-coronel	*guarda-roupa*	*pão-de-ló*
pré-fabricado	*sul-continental*	*ex-presidente*

b) para unir pronomes átonos a verbos:

disseram-me	*encontrei-o*	*lavá-la-ei*

c) para, no fim da linha, separar uma palavra em duas partes:

liberda-/-de	*liber-/-dade*	*li-/-berdade*

Emprego do hífen nos compostos

O emprego do hífen é simples convenção. O *Formulário Ortográfico* estabelece que "só se ligam por hífen os elementos das palavras compostas em que se mantém a noção da composição, isto é, os elementos das palavras compostas que mantêm a sua independência fonética, conservando cada um a sua própria acentuação, porém formando o conjunto perfeita unidade de sentido".

Dentro desse princípio, deve-se empregar o hífen:

1.º) nos compostos, cujos elementos, reduzidos ou não, perderam a sua significação própria: *água-marinha, arco-íris, pé-de-meia* (= pecúlio), *pára-quedas, bel-prazer, és-sueste, tenente-coronel;*

2.º) nos compostos com o primeiro elemento de forma adjetiva, reduzida ou não: *anglo-brasileiro, greco-romano, histórico-geográfico, ínfero-anterior, latino-americano, dólico-louro, lusitano-castelhano, luso-brasileiro, euro-africano;*

3.º) nos compostos com os radicais *auto-, neo-, proto-, pseudo-* e *semi-*, quando o elemento seguinte começa por *vogal, h, r* ou *s*: *auto-educação, auto-retrato, auto-sugestão, neo-escolástica, neo-humanismo, neo-republicano, proto-árico, proto-histórico, pro-*

to-renascença, proto-sulfureto, pseudo-herói, pseudo--revelação, pseudo-sábio, semi-homem, semi-reta, semi--selvagem;

4.º) nos compostos com os radicais *pan-* e *mal-* quando o elemento seguinte começa por *vogal* ou *h: pan-americano, pan-helênico, mal-educado, mal--humorado;*

5.º) nos compostos com *bem*, quando o elemento seguinte tem vida autônoma, ou quando a pronúncia o requer: *bem-ditoso, bem-aventurança, bem-te-vi;*

6.º) nos compostos com *sem, além, aquém* e *recém: sem-cerimônia, além-mar, aquém-fronteiras, recém-casado.*

Advirta-se, por fim, que as abreviaturas e os derivados desses compostos conservam o hífen: *ten.-cel* (= tenente-coronel), *pára-quedista, bem-te--vizinho, sem-cerimonioso.*

Emprego do hífen na prefixação

O prefixo geralmente se escreve aglutinado ao radical. Há casos, porém, em que o *Formulário Ortográfico* manda que a ligação dos dois elementos se faça por hífen. Assim, nos vocábulos formados pelos prefixos:

a) *contra-, extra-, infra-, intra-, supra-* e *ultra-*, quando seguidos de radical iniciado por *vogal, h, r* ou *s: contra-almirante, extra-regimental, intra-hepático, supra-sumo, ultra-rápido;* exclui-se a palavra *extraordinário*, cuja aglutinação está consagrada pelo uso;

b) *ante-, anti-, arqui-* e *sobre-*, quando seguidos de radical principiado por *h, r* ou *s: ante-histórico, anti-higiênico, arqui-rabino, sobre-saia;*

c) *super-* e *inter-*, quando seguidos de radical começado por *h* ou *r: super-humano, super-revista, inter-helênico, inter-resistente;*

d) *ab-, ad-, ob-, sob-* e *sub-*, quando seguidos de radical iniciado por *r: ab-rogar, ad-rogação, ob--reptício, sob-roda, sub-reino;*

e) *sota- soto-, vice-* (ou *vizo*) e *ex-* (este último com o sentido de cessamento ou estado anterior): *sota-piloto, soto-ministro, vice-reitor, vizo-rei, ex-diretor;*

f) *pós-*, *pré-* e *pró-*, quando têm significado e acento próprios; ao contrário das formas homógrafas inacentuadas, que se aglutinam com o radical seguinte: *pós-diluviano*, mas *pospor*; *pré-escolar*, mas *preestabelecer*; *pró-britânico*, mas *procônsul*.

Partição das palavras no fim da linha

Quando não há espaço no fim da linha para escrevermos uma palavra inteira, podemos dividi-la em duas partes. Esta separação, que se indica por meio de um hífen, obedece às regras de silabação. São inseparáveis os elementos de cada sílaba.

Convém, portanto, serem respeitadas as seguintes normas:

1.ª) Não se separam as letras com que representamos:

a) os ditongos e os tritongos, bem como os grupos *ia*, *ie*, *io*, *oa*, *ua*, *ue* e *uo*, que, quando átonos finais, soam normalmente numa sílaba (ditongo crescente), mas podem ser pronunciados em duas (hiato):

Eu-ro-pa	*Pa-ra-guai*	*má-goa*
mui-to	*gló-ria*	*ré-gua*
fu-giu	*cá-rie*	*tê-nue*
fre-qüen-tar	*Má-rio*	*con-tí-guo*

b) os encontros consonantais que iniciam sílaba e os dígrafos *ch*, *lh* e *nh*:

pneu-má-ti-co	*ca-bro-cha*	*mar-char*
psi-có-lo-go	*es-cla-re-cer*	*fi-lho*
mne-mô-ni-co	*pro-gre-dir*	*ma-nhã*

2.ª) Separam-se as letras com que representamos:

a) as vogais de hiatos:

co-o-pe-rar	*cru-el*	*ta-i-nha*
ca-í-eis	*a-po-te-o-se*	*sa-ú-de*

b) as consoantes seguidas que pertencem a sílabas diferentes:

ad-ju-di-car	*bis-na-ga*	*sub-tra-ir*
sub-ju-gar	*oc-ci-pi-tal*	*subs-cre-ver*

3.ª) Separam-se também as letras dos dígrafos *rr*, *ss*, *sc*, *sç* e *xc*:

ser-ra	*cres-cer*	*nas-ça*
con-fes-sor	*abs-ces-so*	*ex-cên-tri-co*

Observações

1.ª) Quando a palavra já se escreve com hífen — quer por ser composta, quer por ser uma forma verbal seguida de pronome átono — e coincide o fim da linha com o lugar onde está o hífen, pode-se repeti-lo, por clareza, no início da linha seguinte. Assim:

couve-flor = couve-/-flor
unamo-nos = unamo-/-nos

2.ª) Embora o sistema ortográfico vigente o permita, não se deve escrever no princípio ou no fim da linha uma só vogal. Evite-se, por conseguinte, a partição de vocábulos como **água, aí, aqui, baú, rua,** *etc. Melhor será também que se dividam vocábulos, como* **abrandar, afugentar, açoitar, equivalente, ortografia, extravio** *e outros apenas nos lugares indicados pelo hífen:*

abran-dar	*afu-gen-tar*	*açoi-tar*
equi-va-len-te	*or-to-gra-fia*	*ex-tra-vio*

Ditongos

Vimos no capítulo anterior que, normalmente, se representam por *i* e *u* as semivogais dos ditongos orais.

Observe-se, porém, que:

a) a 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular do presente do subjuntivo, bem como a 3.ª pessoa do singular no imperativo dos verbos terminados em *-oar*, escrevem-se com *-oe*, e não *-oi*:

abençoe	*amaldiçoes*	*perdoe*

b) as mesmas pessoas dos verbos terminados em *-uar* escrevem-se com *-ue*, e não *-ui*:

cultue	*habitues*	*preceitue*

Regras de acentuação

A acentuação gráfica obedece às seguintes regras[1]:

1. Assinalam-se com o acento agudo os vocábulos oxítonos e os monossílabos tônicos que terminam em *a, e, o* abertos, e com o acento circunflexo os que acabam em *e, o* fechados, seguidos, ou não, de *s*: *cajá, hás, jacaré, pés, seridó, sós, dendê, lês, pôs, trisavô*, etc.

---

[1] Adaptamos a terminologia do *Formulário Ortográfico* oficial à *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, e nas regras do *Formulário* introduzimos as alterações determinadas pela Lei n.º 5.765, de 18 de dezembro de 1971.

Observação

Nesta regra se incluem as formas verbais em que, depois de a, e, o, se assimilaram o **r**, *o* **s**, *e o* **z** *ao l do pronome* lo, la, los, las, *caindo depois o primeiro* l: dá-lo, contá-la, fá-lo-á, fê-los, movê-las-ia, pô-los, qué-los, sabê-los-emos, trá-lo-ás, *etc.*

2. Todas as palavras proparoxítonas devem ser acentuadas graficamente: recebem o acento agudo as que têm na antepenúltima sílaba as vogais *a, e, o* abertas ou *i, u;* e levam acento circunflexo as em que figuram na sílaba predominante as vogais e, o fechadas ou *a, e, o* seguidas de *m* ou *n*: *árabe, exército, gótico, límpido, louvaríamos, público, úmbrico; devêssemos, fôlego, lâmina, lâmpada, lêmures, pêndula, quilômetro, recôndito,* etc.

Observação

Incluem-se neste preceito os vocábulos terminados em encontros vocálicos que costumam ser pronunciados como ditongos crescentes: área, espontâneo, ignorância, imundície, lírio, mágoa, régua, tênue, vácuo, etc.

3. Os vocábulos paroxítonos finalizados em *i* ou *u*, seguidos, ou não, de *s*, marcam-se com acento agudo quando na sílaba tônica figuram *a*, e, o abertos, *i* ou *u;* e com acento circunflexo quando nela figuram e, o fechados ou *a*, e, o seguidos de *m* ou *n*: *beribéri,* bônus, *dândi, íris, júri, lápis, miosótis, tênis,* etc.

Observações

1.ª) Os paroxítonos terminados em um, uns *têm acento agudo na sílaba tônica:* álbum, álbuns, *etc.*

2.ª) Não se acentuam os prefixos paroxítonos acabados em i: semi-histórico, *etc.*

4. Põe-se acento agudo no *i* e no *u* tônicos que não formam ditongo com a vogal anterior: *aí, balaústre, cafeína, caís, contraí-la, distribuí-lo, egoísta, faísca, heroína, juízo, país, peúga, saía, saúde, timbaúba, viúvo,* etc.

Observações

1.ª) Não se coloca o acento agudo no **i** *e no* **u** *quando, precedidos de vogal que com eles não forma ditongo, são seguidos de* **l, m, n, r** *ou* **z** *que não iniciam sílabas e, ainda,* nh: adail, contribuinte, demiurgo, juiz, paul, retribuirdes, ruim, tainha, ventoinha, *etc.*

2.ª) Também não se assinala com acento agudo a base dos ditongos tônicos iu *e* ui *quando precedidos de vogal:* atraiu, contribuiu, pauis, *etc.*

5. Assinala-se com o acento agudo o *u* tônico precedido de g ou q e seguido de e ou *i*: *argúi, argúis, averigúe, averigúes, obliqúe, obliqúes*, etc.

6. Põe-se o acento agudo na base dos ditongos abertos *éi, éu, ói*, quando tônicos: *assembléia, bacharéis, chapéu, jibóia, lóio, paranóico, rouxinóis*, etc.

7. Marca-se com o acento agudo o e da terminação *em* ou *ens* das palavras oxítonas: *alguém, armazém, convém, convéns, detém-lo, mantém-na, parabéns, retém-no, também*, etc.

Observações

1.ª) Não se acentuam graficamente os vocábulos paroxítonos finalizados por ens*:* imagens, jovens, nuvens, *etc.*

2.ª) A terceira pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos ter, vir *e seus derivados recebe acento circunflexo no* e *da sílaba tônica:* (eles) contêm, (elas) convêm, (eles) têm, (elas) vêm, *etc.*

3.ª) Conserva-se, por clareza gráfica, o acento circunflexo do singular crê, dê, lê, vê, *no plural* crêem, dêem, lêem, vêem *e nos derivados desses verbos, como* descrêem, desdêem, relêem, revêem, *etc.*

8. Sobrepõe-se o acento agudo ao *a, e, o* abertos e ao *i* ou *u* da penúltima sílaba dos vocábulos paroxítonos que acabam em *l, n, r* e *x*; e o acento circunflexo ao e, o fechados e ao *a, e, o* seguidos de *m* ou *n* em situação idêntica: *açúcar, afável, alúmen, córtex, éter, hífen, aljôfar, âmbar, cânon, êxul, fênix, vômer*, etc.

Observação

Não se acentuam graficamente os prefixos paroxítonos terminados em r: inter-helênico, super-homem, *etc.*

9. Marca-se com o competente acento, agudo ou circunflexo, a vogal da sílaba tônica dos vocábulos paroxítonos acabados em ditongo oral: *ágeis, devêreis, escrevêsseis, faríeis, férteis, fósseis, fôsseis, imóveis, jóquei, pênseis, pusésseis, quisésseis, tínheis, túneis, úteis, variáveis*, etc.

10. Recebe acento circunflexo o penúltimo o fechado do hiato oo, seguido, ou não, de *s*, nas palavras paroxítonas: *abençôo, enjôos, perdôo, vôos*, etc.

11. Usa-se o til para indicar a nasalização, e vale como acento tônico se outro acento não figura no vocábulo: *afã, capitães, coração, devoções, põem*, etc.

Observação

Se é átona a sílaba onde figura o til, acentua-se graficamente a predominante: acórdão, bênção, órfã, *etc.*

12. Emprega-se o trema no *u* que se pronuncia depois de *g* ou *q* e seguido de e ou i: *agüentar, argüição, eloqüente, tranqüilo*, etc.

Observação

Não se põe acento agudo na sílaba tônica das formas verbais terminadas em qüe, qüem: apropinqüe, delinqüem, *etc.*

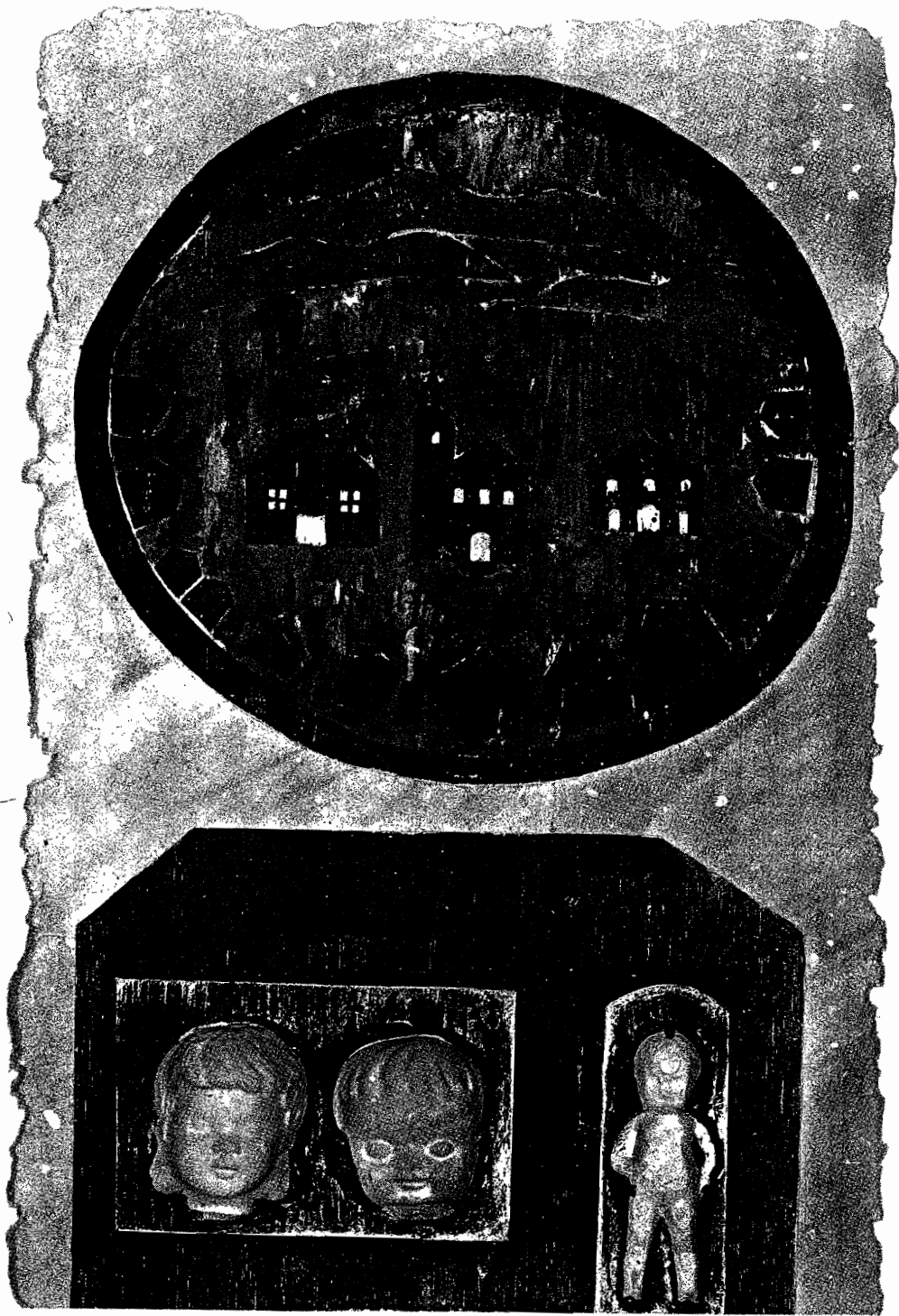
13. Emprega-se o acento circunflexo na forma *pôde* (pret. perf. ind.) para distingui-la de *pode* (pres. ind.).

14. Recebem acento agudo os seguintes vocábulos que estão em homografia com outros: *ás* (s. m.), cf. *às* (contr. da prep. *a* com o art. ou pron. *as*); *pára* (v.), cf. *para* (prep.); *péla, pélas* (s. f. e v.), cf. *pela, pelas* (agl. da prep. per com o art. ou pron. *la, las*); *pélo* (v.), cf. *pelo* (agl. da prep. per com art. ou pron. *lo*); *péra* (el. do s. f. comp. *péra-fita*), cf. *pera* (prep. ant.); *pólo, pólos* (s. m.), cf. *polo, polos* (agl. da prep. por com o art. ou pron. *lo, los*); etc.

Observação

Não se acentua graficamente a terminação -amos do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da primeira conjugação.

15. O acento grave assinala as contrações da preposição *a* com o artigo *a* e com os pronomes demonstrativos *a, aquele, aqueloutro, aquilo*, os quais se escreverão assim: *à, às, àquele, àquela, àqueles, àquilo, àqueloutro, àqueloutra, àqueloutros, àqueloutras*.

Paisagem de Bom Jesus — Xilogravura de Walter Belizário, 1970.

Capítulo IV

Classe, estrutura, formação e significação dos vocábulos

"O trabalho constante vence tudo."

Partindo deste enunciado, procuraremos mostrar que a unidade de significação que é a frase pode ser subdividida em unidades significativas cada vez mais simples, até um limite além do qual a análise somente nos daria unidades desprovidas de significado, que são sílabas e fonemas.

Frase	**O trabalho**							
Sintagmas { **nominal (1)**, **verbal (2)**, **nominal (3)** }	**1** **O trabalho constante**						**2** **vence**	**3** **tudo**
Vocábulos	**O**	**trabalho**		**constante**		**vence**		**tudo**
Unidades mínimas de significação ou morfemas	**O**	**trabalh**	**o**	**constant**	**e**	**venc**	**e**	**tudo**

Por agora, somente dois tipos de entidades lingüísticas serão objeto de nosso interesse: as unidades mínimas de significação, também conhecidas por morfemas, e os vocábulos.

Observação

Entendemos por sintagma uma unidade lingüística dotada de significação, geralmente constituída de duas outras unidades significativas menores, sendo uma de ocorrência obrigatória (determinado) *e a outra, facultativa* (determinante). *Nesse sentido, a maior parte dos vocábulos podem ser considerados sintagmas. Não é raro encontrar tais entidades definidas como sintagmas elementares, nos quais o radical opera como* determinado *e os demais elementos como* determinantes. *Da mesma maneira, uma frase é um sintagma: o sujeito é o determinado e o predicado, o determinante. Vê-se, então, que o sintagma é uma unidade de complexidade variável. O que, na frase acima, distinguimos como sintagma nominal pode sofrer a seguinte análise sintagmática:*

		Grupo substantival	**Grupo adjetival**
Sintagma nominal sujeito	**Determinado**	**O trabalho**	
	Determinante		**constante**
	Determinado	**trabalho**	
	Determinante	**O**	
Sintagmas vocabulares	**Determinado**	**trabalh-**	**constant-**
	Determinante	**-o**	**-e**

Unidades mínimas de significação

1. São unidades mínimas de significação aquelas que não admitem subdivisão em unidades significativas menores. Assim, a unidade ou morfema *trabalh-*, que depreendemos acima, figura com a mesma significação em diversos vocábulos da língua:

trabalh-o	*trabalh-a-dor*	*trabalh-ismo*
trabalh-a-r	*trabalh-eira*	*trabalh-os-o*

Mas não podemos subdividir *trabalh-* senão em sílabas *(tra-balh)* ou em fonemas *(t-r-a-b-a-lh)*, unidades sonoras despidas de significação.

2. Se voltarmos a examinar os morfemas a que reduzimos os vocábulos de nossa frase-exemplo, notaremos entre eles diferenças de mais de uma ordem.

Em sua absoluta maioria são formas presas, isto é, formas que só aparecem ligadas a outras para constituir vocábulos. Dois deles, no entanto, são formas não-presas ou livres, pois formam vocábulos por si só: o artigo o e o pronome *tudo*.

Concluímos daí que há morfemas que são formas presas e outros que são vocábulos.

3. Os morfemas ainda se distinguem quanto à natureza da significação. Uns têm significação dita *externa*, porque referente ao homem e a tudo o que faz parte do mundo. Outros a têm *interna*, pois que o seu sentido está relacionado ao universo lingüístico ou sistema, que é a língua.

Os primeiros, conhecidos como morfemas lexicais[1], são, no plano da língua, representantes ou símbolos básicos de tudo o que os falantes distinguem na realidade subjetiva ou objetiva, como:

trabalh(-o)	*constant(-e)*	*azul*
cas(-a)	*pens(-a-ment-o)*	*am(-a-r)*
menin(-a)	*trist(-ez-a)*	*venc(-e-r)*

Compreendem uma série aberta, infinitamente renovável e ampliável, já que podem ser criados sempre que surjam fatos, coisas, idéias, ações, etc., que precisem ser designados lingüisticamente.

Os morfemas de significação interna, também chamados morfemas gramaticais[2], pertencem a uma

1) Também chamados lexemas ou semantemas.

2) Também conhecidos por gramemas ou formantes.

série fechada, de número limitado na língua. Assim: o artigo *o*, o -e (de *constante*), o -e (de *vence*) e o pronome *tudo*, em nossa frase-exemplo. Não significam nada parecido com as noções de *trabalh(o)*, *cas(a)*, *menin(a)*, *constant(e)*, *pens(amento)*, *trist(eza)*, *azul*, *am(ar)* e *venc(er)*, mas são eles que permitem que símbolos dessa natureza tenham suas noções básicas derivadas para outros símbolos, ou que sejam utilizadas em frases, simplificando grandemente o esforço humano no processo de comunicação pela palavra. Se a cada noção correspondesse um vocábulo específico, se tivéssemos, por exemplo, para cada pessoa, número, tempo e modo de uma ação um verbo diferente, a memória humana dificilmente poderia suportar a carga de informação.

Vocábulo e palavra

1. Ainda não se encontrou um critério para caracterizar de modo plenamente satisfatório a entidade vocábulo, vale dizer, uma definição que a abarque a um só tempo como unidade sonora, formal, funcional e significativa.

De um ponto de vista didático, podemos, no entanto, dizer que o vocábulo é a menor unidade significativa autônoma da frase, constituída por um ou mais morfemas, associados segundo uma ordem própria da língua. Entendemos por autonomia, no caso, a possibilidade que existe para essas unidades de mudarem de posição no enunciado ou de figurarem num dicionário. Por ordem própria da língua queremos dizer que os morfemas não se combinam de modo arbitrário para formar os vocábulos. Assim, em português, pôde-se formar o vocábulo *embarcação*, mas *çãobarcaem* não seria possível.

2. Servindo-nos de uma distinção terminológica que se tem mostrado útil, dividiremos os vocábulos em dois grupos:

1.°) vocábulos dotados de morfema lexical, que serão palavras;

2.°) vocábulos desprovidos de tais morfemas, ou seja, constituídos por morfemas gramaticais, que serão vocábulos ou instrumentos gramaticais.

No enunciado de onde partimos, são exemplos dos primeiros *trabalho*, *constante* e *vence*; e, dos segundos, o artigo *o* e o pronome *tudo*.

Observação

Nem todos os autores distinguem palavra de vocábulo gramatical. Até há bem pouco tempo reservava-se o termo palavra para designar o que acima conceituamos como vocábulo, enquanto o termo vocábulo era usado de preferência para significar o que hoje se denomina vocábulo fonológico, isto é, o vocábulo considerado em sua face sonora (significante).

Classes de vocábulos

1. A diferença que acabamos de estabelecer entre palavras e vocábulos gramaticais implica uma primeira divisão dos vocábulos da língua em duas classes.

À classe das palavras pertencerão os substantivos, os adjetivos, os numerais, os advérbios de modo e os verbos.

Na classe dos vocábulos gramaticais se incluirão o artigo, os pronomes, as preposições, as conjunções e os demais advérbios.

2. Se nos situarmos, porém, num plano puramente formal, dividiremos os vocábulos em variáveis e invariáveis

No primeiro grupo estarão os substantivos, o artigo, os adjetivos, os verbos e alguns numerais e pronomes, que apresentam morfemas gramaticais flexionais, isto é, as unidades mínimas de significação que exprimem as categorias:

a) de gênero e número (identificadoras de substantivos, adjetivos e certos numerais e pronomes);

b) de tempo-modo e número-pessoa (identificadoras de verbo).

Na classe dos invariáveis estarão as preposições, as conjunções, uma parte dos numerais e dos pronomes e os advérbios, a que jamais se associam aqueles morfemas.

A interjeição, como vocábulo-frase, fica excluída de qualquer das classificações.

Estrutura das palavras

Examinando estas duas séries de palavras:

dente *dentes* *dentinho* *dentuça* *desdentado*
seco *seca* *secante* *secamente* *ressecávamos*

verificamos que apresentam:

a) uma parte constante em cada série: *dent-* (na primeira) e *sec-* (na segunda);

b) uma parte que varia de palavra para palavra: *-e, -s, -inho, -uça, des-* e *-ado* (na primeira); *-o, -a, -ante, -mente, -re, -va-* e *-mos* (na segunda).

Radical

As partes invariáveis *dent-* e *sec-* representam o radical de cada uma das séries enumeradas. O radical irmana as palavras da mesma família e lhes dá uma base comum de significação. É o termo tradicionalmente usado para designar o que antes denominamos morfema lexical.

As outras formas resultam da ligação ao radical de certos elementos, que, como veremos, podem ser uma desinência, um afixo (sufixo ou prefixo) ou uma vogal temática. A essas unidades mínimas de significação foi dada acima a denominação conjunta de morfemas gramaticais.

Desinência

As desinências são morfemas flexionais ou flexivos que servem para indicar:

a) nos nomes (substantivos e adjetivos) e em certos pronomes, o gênero (masculino ou feminino) e o número (singular ou plural);

b) nos verbos, o número (singular ou plural) e a pessoa (1.ª, 2.ª, ou 3.ª).

Assim, em *dentes, moça* e numa forma verbal como *ressecávamos* aparecem as seguintes desinências:

-s, para denotar o plural (em *dentes*);
-a, para caracterizar o feminino (em *moça*);
-mos, para expressar a 1.ª pessoa do plural (em *ressecávamos*).

Há, por conseguinte, em português, desinências nominais e desinências verbais.

Afixos

Os morfemas gramaticais chamados morfemas derivacionais correspondem ao que tradicionalmente se conhece pelo nome de afixos

Aqueles que se antepõem ao radical denominam-se prefixos; os que a ele se pospõem, sufixos.

Os prefixos modificam geralmente de maneira precisa o sentido do radical. Assim, em *desdentado* e *ressecávamos* aparecem os prefixos:

des-, que empresta ao primeiro verbo a idéia de separação, de privação;
re-, que ao segundo acrescenta o sentido de repetição de um fato.

Os sufixos, como as desinências, unem-se à parte final do radical. Mas, enquanto estas caracterizam apenas o gênero, o número ou a pessoa da palavra, os sufixos podem ter dois valores distintos:

a) um flexional, quando exprimem a categoria de tempo e modo, ou caracterizam uma forma nominal do verbo;

b) outro derivacional, quando alteram substancialmente o sentido ou a classe do radical a que se juntam.

Observação

Esta distinção entre sufixo e desinência, nem sempre observada pelos lingüistas modernos, pertence à análise mórfica tradicional.

Poderíamos simplificar a classificação desses morfemas gramaticais:

1.°) Considerando-os apenas sob o aspecto formal, caso em que a denominação de sufixo, com abarcá-la, dispensaria a de desinência.

2.°) Distinguindo-os pelo aspecto funcional: as desinências se identificariam com os morfemas flexionais, e os sufixos seriam somente morfemas derivacionais.

Nesta última hipótese, as características de tempo e modo e, por extensão, as das formas nominais do verbo, ficariam incluídas nas desinências.

Vogal temática

Na análise da forma verbal *ressecávamos*, distinguimos quatro elementos formativos:

a) o radical: *sec-*
b) a desinência número-pessoal: *-mos*
c) o prefixo: *re-*
d) o sufixo: *-va-*.

Falta identificarmos apenas a vogal *a*, que aparece entre o radical *sec-* e o sufixo *-va-*, vogal que encontramos também na forma do infinitivo *andar*, entre o radical *and-* e o sufixo *-r*.

Nos dois casos, vemos, ela está indicando que os verbos em causa pertencem à 1.ª conjugação. A essas vogais que caracterizam a conjugação dos verbos dá-se o nome de vogais temáticas. São elas:

-a-, para os verbos da 1.ª conjugação (*and-a-r, ressec-á-va-mos*);

-e-, para os da 2.ª (*vend-e-r, receb-ê-ra-mos*);

-i-, para os da 3.ª (*part-i-r, repet-i-mos*).

O radical acrescido de uma vogal temática, isto é, pronto para receber uma desinência (ou um sufixo), denomina-se tema.

Observação

Certos autores consideram vogais temáticas as vogais átonas -o, -e *ou* -a, *que seguem os radicais de muitos nomes em português. Teríamos, assim, três classes de temáticos (tipos:* **banco, rosa, estudante**), *contrastando com a dos atemáticos, terminados em consoantes ou vogal tônica (tipos:* **lar, café**).

Não há acordo entre os lingüistas quanto à inclusão das vogais temáticas entre os morfemas. Parece-nos que, assim como as desinências, elas fazem parte dos morfemas gramaticais categóricos, pois também distribuem os radicais em classes. Por si mesmas nada significam, mas poder-se-ia talvez dizer que, no caso, a função é a significação.

Vogal e consoante de ligação

Os elementos mórficos até aqui estudados entram sempre na estrutura do vocábulo com determinado valor significativo externo ou gramatical. Há, porém, outros que são insignificativos, e servem apenas para evitar dissonâncias (hiatos, encontros consonantais) na juntura daqueles elementos.

Se examinarmos, por exemplo, os vocábulos *gasômetro* e *paulada*, verificamos que:

a) o primeiro é formado de dois radicais — *gás* + *metro* —, ligados pela vogal -o-, sem valor significativo;

b) o segundo é constituído do radical *pau* + o sufixo *-ada*, entre os quais aparece a consoante insignificativa *-l-*, para evitar o desagradável encontro *-auá-*.

A esses sons, empregados para tornar a pronúncia das palavras mais fácil ou eufônica, dá-se o nome de vogais ou consoantes de ligação.

Observação

Observa-se, na lingüística moderna, a tendência generalizada de não isolar tais elementos na análise mórfica, preferindo-se considerá-los como parte do radical ou do afixo, que, então, se apresentariam sob a forma de variantes (ou alomorfes) relativamente a outras ocorrências suas em contextos diversos. Com efeito, à semelhança dos fonemas, os morfemas podem apresentar variantes em sua forma, embora se mantenham semântica e funcionalmente inalterados. Assim, do prefixo **in-** *(***im-***) há uma variante* **i-**, *fonologicamente condicionada, porquanto ocorre tão-somente antes de consoante nasal, lateral e vibrante:* **infeliz,** *mas* **imoral, ilegal, irregular.**

Formação de palavras

Palavras primitivas e derivadas

Chamam-se primitivas as palavras que não se formam de nenhuma outra e que, pelo contrário, permitem que delas se originem novas palavras no idioma. Assim:

cara *seco* *pedra* *roupa*

Denominam-se derivadas as que se formam de outras palavras da língua, mediante o acréscimo ao seu radical de um prefixo ou um sufixo. Assim:

careta	*secura*	*pedreiro*	*rouparia*
encarado	*ressecar*	*empedrar*	*enroupar*

Palavras simples e compostas

As palavras que possuem apenas um radical, sejam primitivas, sejam derivadas, se denominam simples. Assim:

encarado *seca* *pedreiro* *roupa*

São compostas as que contêm mais de um radical:

mal-encarado	*ama-seca*
guarda-roupa	*pedreiro-livre*

Famílias de palavras

Denomina-se *família de palavras* o conjunto de todas as palavras que se agrupam em torno de um radical comum, do qual se formaram pelos processos de derivação ou de composição.

Às vezes o radical se conserva intacto em toda a família. Este, por exemplo, o caso do radical *fum-*, de *fumo* (do latim *fumus, -i*), em sua rica descendência:

fumar	*fumeiro*	*esfumar*
fumaça	*fúmeo*	*esfumado*
fumaceira	*fumicultor*	*esfumador*
fumada	*fumicultura*	*esfumaçar*
fumador	*fúmido*	*esfumação*
fumagem	*fumífero*	*esfumarar*
fumal	*fumífico*	*defumar*
fumante	*fumiflamante*	*defumação*
fumaraça	*fumífugo*	*defumador*
fumarada	*fumigação*	*defumadouro*
fumarento	*fumigar*	*defumadura*
fumarola	*fumigatório*	*perfume*
fumatório	*fumilho*	*perfumar*
fumável	*fumista*	*perfumado*
fumear	*fumívomo*	*perfumador*
fumegante	*fumívoro*	*perfumaria*
fumegar	*fumoso*	*perfumista*
fumeira	*fumosidade*	*perfumoso*

Com freqüência, porém, o radical das palavras de uma mesma família se apresenta sob várias formas em virtude de alterações sofridas através dos tempos. Assim, a palavra portuguesa *povo* provém do latim *populus, -i,* substantivo a que correspondia o adjetivo *publicus, -a, -um.*

Da forma portuguesa *pov-* possuímos numerosos derivados, entre os quais:

povoar	*povoamento*	*despovoamento*
povoação	*povaréu*	*repovoar*
povoado	*povinho*	*repovoamento*
povoador	*despovoar*	*superpovoado*

O radical originário *popul-* conserva-se em um certo número de palavras, algumas já existentes em latim, outras formadas em nosso idioma. Assim:

popular	*popularidade*	*popularização*
populaça	*populário*	*populista*
população	*popularismo*	*populismo*
populacho	*popularizar*	*superpopulação*

Finalmente, a forma *public-* aparece em derivados e compostos como os seguintes:

público	*pública-forma*	*republicar*
publicar	*publicidade*	*república*
publicação	*publicismo*	*republicano*
publicador	*publicista*	*republiqueta*

Observação

Embora conste da Nomenclatura Gramatical Brasileira, *o termo raiz parece-nos que, por desnecessário e até perturbador, deve ser evitado numa análise morfológica elementar. No sentido próprio, raiz é o elemento significativo originário e irredutível da palavra, cuja determinação exige um largo conhecimento não só da história do português e do latim, mas, principalmente, das formações primitivas das línguas indo-européias. Só pelo estudo comparativo dessas línguas se pôde, por exemplo, chegar à conclusão de que a raiz de* fumus *é *dhem-. Mas até hoje nenhuma hipótese satisfatória se aventou para explicar a de* populus. *Em decorrência, julgamos também prescindível o uso do termo cognatos, que, na acepção precisa, designa as palavras irmanadas pela mesma raiz. A nosso ver, o estudo das famílias de palavras deve fazer-se exclusivamente com base em radicais portugueses, latinos ou gregos que se podem caracterizar com segurança.*

Significação das palavras

Quanto à significação, as palavras podem ser:

a) sinônimas, quando apresentam uma semelhança geral de sentido, como: *feliz* e *ditoso*, *achar* e *encontrar*, *perto* e *próximo*, *longe* e *distante*;

b) antônimas, quando têm significação contrária, como: *feliz* e *infeliz*, *bonito* e *feio*, *amor* e *ódio*, *longe* e *perto*;

c) homônimas, quando se escrevem ou se pronunciam de modo idêntico, mas diferem pelo sentido, como: *são* (= verbo), *são* (= sadio), *são* (= santo); *vês* (= verbo), *vez* (= substantivo).

Entre os homônimos distinguem-se os homógrafos dos homófonos.

Homógrafos são os que têm a mesma grafia, embora possam distinguir-se pelo timbre da vogal tônica. Assim os substantivos *gelo* e *almoço* (com e e o fechados) são homógrafos das formas verbais *gelo* e *almoço* (com e e o abertos).

Homófonos são os que têm a mesma pronúncia, mas grafia diferente: *vês* (= verbo), *vez* (= substantivo).

Denominam-se homônimos perfeitos os que se pronunciam e se escrevem da mesma forma: *são* (= verbo), *são* (= sadio), *são* (= santo).

Observações

1.ª) As palavras que se assemelham na forma, sem que tenham qualquer parentesco significativo, são conhecidas geralmente por parônimos. Assim: **descrição** e **discrição**, **infligir** e **infringir**, **intimorato** e **intemerato**, *etc. O termo, pela imprecisão do conceito que encerra, não foi incluído na* Nomenclatura Gramatical Brasileira.

2.ª) Sentido figurado. É o sentido em que se toma uma palavra quando denota idéia diversa da que normalmente exprime. Está em sentido figurado, por exemplo, o verbo **morrer** *neste passo de Vicente de Carvalho:*

"Tarde triste e silenciosa
De vila de beira-mar:
Uma tarde cor-de-rosa
Que vai morrendo em luar..."
(PC, 225.)

Famílias ideológicas

Vimos que as palavras podem irmanar-se por um radical comum. Neste caso, o parentesco se funda essencialmente numa comunidade de origem. Mas podem agrupar-se também, independentemente de sua formação, pela comunidade de sentido. Temos, então, séries sinonímicas, famílias ideológicas, cujos componentes se relacionam por uma noção comum fundamental. Por exemplo:

a) *casa, domicílio, habitação, lar, mansão, morada, residência, teto, vivenda;*

b) *mar, oceano, pego, pélago, ponto.*

O estudo sistemático dos grupos de sinônimos é, como o das famílias de palavras, de importância capital para a aquisição e domínio do vocabulário da língua. Não se deve, porém, esquecer de que esse estudo não consiste apenas em juntar palavras enlaçadas pelo sentido; é indispensável que nele se considerem também os matizes que as distinguem.

Não basta, por exemplo, dizer-se que *mar* tem como sinônimo *oceano, pego, pélago* e *ponto*. É necessário que se esclareça:

"*Mar* é uma vasta extensão de água salgada que cobre grande parte da superfície da Terra. Em sentido restrito, é parte do domínio marítimo geral, a que seus limites geográficos precisos ou certas particularidades do seu regime, tais como marés, correntes, etc. constituem uma sorte de individualidade: *mar do Norte, mar Báltico*. / *Oceano*, em sentido geral, é a vasta extensão do mar e, em sentido restrito, grande espaço marítimo, cuja constituição é ou parece sensivelmente uniforme: "Já no largo *Oceano* navegavam" (*Lusíadas*, I, 19, 1), *Oceano Atlântico, Oceano Pacífico, Oceano Índico*. / *Pego*, forma popular do latim *pelagu*, é a parte mais profunda do mar: "Deitando para o *pego* toda a armada" (*Lusíadas*, V, 73, 4). *Pélago*, palavra erudita, é o alto mar. / *Ponto* é designação do mar, de origem grega, aplicada especialmente ao Ponto Euxino, isto é, o mar Negro (*Eúxeinos Póntos*)."[1]

Estudada uma série sinonímica, deve-se passar ao exame das idéias sugeridas por ela ou pelo termo básico que a identifica.

Bom e adequado exemplo desse excelente exercício para o enriquecimento do vocabulário é o que nos dá o professor Sousa da Silveira nas seguintes considerações:

"Tomemos a palavra *mar* e vamos registrando as idéias que ela nos sugerir:

vastidão, amplidão, imensidade, infinito; mobilidade; horizonte; planície, campo, e aqui se recordarão expressões como *azul campina, cerúleo campo*, com que os poetas às vezes designam o mar, e, ainda dentro da comparação deste com um campo, indicaremos o verbo *arar*, em frases como *mares nunca arados de estranho ou próprio lenho*. E assim como a relha do arado abre um rego na face da terra, assim a quilha da embarcação rasga um sulco no dorso das águas: é o *friso, listão* ou *esteira*. Mas *esteira* é, além disto, aquela espécie de rede de prata ou de ouro que a lua e o sol estendem na superfície do mar; chama-se-lhe também *tremulina*.

A superfície do mar ora ondula brandamente: o mar está *banzeiro*; ora empola-se em *ondas, vagas, marouços, escarcéus*, que por vezes se levantam

---

1) Antenor Nascentes. *Dicionário de sinônimos*, 2.ª edição revista e aumentada. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1969. p. 316.

tão alto, que os poetas os comparam a *serras*, e a *vales* as depressões que entre eles se cavam: o mar está *encapelado, agitado, revolto, crespo, alterado;* ora, varejada de vento teso, a face das águas apenas se erriça em *carneirada*, que recorda um rebanho de ovelhas pastando.

Pode, debaixo de seu sorriso azul, esconder perigos aos nautas: mencionar-se-ão, a propósito, os *baixos* ou *baixios, bancos de areia, sirtes, vaus, marachões;* pode semear-se de *fragas, penhascos, rochedos, penedos, rochas, penhas, cachopos, abrolhos, recifes, parcéis;* pode crescer na *preamar*, minguar na *vazante*, na *baixa-mar*, que são movimentos da *maré;* agitar-se com as *ressacas*, com os *macaréus*, e com o encontro do caudal de um rio rebentar e rugir nas *pororocas*."

"O vocábulo *mar* evoca-nos ainda um quadro comum: roçando a líquida esmeralda passam as gaivotas, e num bafejo de vento palpitam as velas brancas de um barco. Acodem-nos então expressões com que se designam as velas das embarcações: *pano, brim, grandes lenços, asas. . .*

E aqui nos sairá dos lábios aquela quadra de Paranapiacaba:

"*Desenham-se, às vezes, arfando nas ondas,*
As velas de um barco, do vento enfunadas,
Quais alvas gaivotas, que à flor do oceano,
Brincando, resvalam coas asas nevadas."

Ou diremos os versos de Camões:

"*Estas sentenças tais o velho honrado*
Vociferando estava, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos."
(L, *V, 1.*)

De *asas*, significando velas, se passa, muito naturalmente, a *nadantes aves*, com que Camões designou *navios, embarcações*, a que os poetas chamam ainda *lenho, madeiro, pau, pinho, faia.* O mastro se diz *árvore*, o conjunto deles *arvoredo*, e daí a expressão *nau desarvorada*. Os movimentos que o bulir das águas imprime à embarcação enunciam-se com os verbos *balançar* ou *balouçar, arfar, zimbrar.* Se o barco inclina um lado, *aderna*, e está *varado* quando se acha em seco, ou encalhado."[1]

1) Cf. *A língua nacional e o seu estudo.* Rio de Janeiro, 1921. p.14-15.

Viúva e Filho — Xilogravura de Lasar Segall, 1922.

Capítulo V

Derivação e composição

Derivação prefixal

Os prefixos são mais independentes que os sufixos, pois se originam, em geral, de advérbios ou de preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua. A rigor, poderíamos até discernir as formações em que entram prefixos que são meras partículas, sem existência própria no idioma (como *dis-* em *dispor*, *re-* em *reter*), daquelas de que participam elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (assim: *contra-* em *contrapor*, *entre-* em *entreter*). No primeiro caso haveria derivação; no segundo, seria justo falar-se em composição.

Mas nem sempre é fácil estabelecer tal diferença, razão por que preferimos considerar a formação de palavras mediante o emprego de prefixos um tipo de derivação — a derivação prefixal. Tanto os sufixos como os prefixos formam novas palavras que conservam de regra uma relação de sentido com o radical derivante; processo distinto da composição, que forma palavras não raro dissociadas pelo sentido dos radicais componentes. Assim:

De *vagar*, "andar sem destino", se originaram, entre outras, as palavras:

a) *circunvagar* "vagar em torno de", pelo acréscimo do prefixo *circum-*;

b) *vagante* "que ou aquele que vagueia", pela adição do sufixo *-ante*;

c) *vaga-lume* "pirilampo", pela justaposição do radical *lume*.

Enquanto nas duas primeiras continua presente a noção de "vagar, errar", na forma composta ela se enfraqueceu. Da ligação dos radicais de *vagar* e *lume* nasceu uma nova palavra, portadora de um sentido único e autônomo — o nome de um inseto.

Feitas essas considerações, passemos ao exame dos prefixos que aparecem em palavras portuguesas.[1]

São eles de origem latina ou grega. Alguns sofrem apreciáveis alterações em contato com a vogal e, principalmente, com a consoante inicial da palavra derivante. Assim, o prefixo grego *an-*, que

---

1) Quanto à vitalidade dos prefixos utilizados na língua contemporânea, leia-se Li Ching. Sobre a formação de palavras com prefixos no português actual. In: *Boletim de filologia*, XXII. Lisboa, 1971-1973. p. 117-176 e 197-234.

indica "privação" (*an-alfabeto*), assume a forma *a-* antes de consoante: *a-teu*; *in-*, o seu correspondente latino, toma a forma *i-* antes de *l* e *m*: *in-fiel*, *in-ação*, mas *i-legítimo*, *i-móvel*.

Não se devem confundir tais alterações com as formas vernáculas, oriundas de evolução normal de certos prefixos latinos. Assim: *a-*, de (*a-ferrar*); *em-* ou *en-* (*em-baralhar*, *en-toar*), etc.

Na lista abaixo, colocaremos em chave as formas que podem assumir o mesmo prefixo: em primeiro lugar daremos a forma originária; em último, a vernácula, quando houver.

Prefixos de origem latina

Prefixo	Sentido	Exemplificação
ab- abs- a-	afastamento, separação	abdicar, abjurar abster, abstrair amovível, aversão
ad- a- (ar-, as-)	aproximação, direção..	adjunto, adventício abeirar, arribar, assentir
ante-	anterioridade.........	antebraço, antepor
circum- (circun-)	movimento em torno...	circum-adjacente, circunvagar
cis-	posição aquém.......	cisalpino, cisplatino
com- (con-) co- (cor-)	contigüidade, companhia.............	compor, conter cooperar, corroborar
contra-	oposição, ação conjunta	contradizer, contra-assinar
de-	movimento de cima para baixo.........	decair, decrescer
des-	separação, ação contrária..............	desviar, desfazer
dis- di- (dir-)	separação, movimento para diversos lados, negação...........	dissidente, distender dilacerar, dirimir
ex- es- e-	movimento para fora, estado anterior......	exportar, extrair escorrer, estender emigrar, evadir
extra-	posição exterior (fora de)..........	extra-oficial, extraviar
in-[1] (im-) i- (ir-) em- (en-)	movimento para dentro	ingerir, impelir imigrar, irromper embarcar, enterrar
in-[2] (im-) i- (ir-)	negação, privação....	inativo, impermeável ilegal, irrestrito

Prefixo	Sentido	Exemplificação
inter- entre-	posição intermediária	internacional, interromper entreabrir, entrelinha
intra-	posição interior......	intramuscular, intravenoso
intro-	movimento para dentro	introduzir, intrometer
justa-	posição ao lado.....	justapor, justalinear
ob- o-	posição em frente, oposição.............	ob-reptício, obstáculo ocorrer, opor
per-	movimento através....	percorrer, perfurar
pos-	posterioridade........	pospor, postônico
pre-	anterioridade........	prefácio, pretônico
pro-	movimento para frente	progresso, prosseguir
re-	movimento para trás, repetição..........	refluir, refazer
retro-	movimento mais para trás..............	retroceder, retrospectivo
soto- sota-	posição inferior	soto-mestre, soto-soberania sota-vento, sota-voga
sub- sus- su- sob- so-	movimento de baixo para cima, inferioridade.............	subclasse, subdelegado suspender, suster suceder, supor sobestar, sobpor soerguer, soterrar
super- sobre-	posição em cima, excesso.............	superfície, superpovoado sobrepor, sobrecarga
supra-	posição acima, excesso	supracitado, supra-sumo
trans- tras- tra- tres-	movimento para além de, posição além de	transpor, transalpino trasladar, traspassar tradição, traduzir tresloucado, tresmalhar
ultra-	posição além do limite	ultrapassar, ultra-sensível
vice- vis- (vizo-)	substituição, em lugar de...............	vice-reitor, vice-cônsul visconde, vizo-rei

Observações

1.ª) As alterações sofridas pelos prefixos são provocadas quase sempre pelo fenômeno chamado assimilação, que consiste em absorver um fonema as características de outro que lhe está contíguo. Como, em geral, a assimilação identifica os dois fonemas, é comum o desaparecimento do primeiro deles: in-legal > il-legal > ilegal.

Advirta-se, em tempo, que a assimilação é um fato fonético, e não deve ser confundida com as acomodações que, na escrita, sofrem certos prefixos por exigência do nosso sistema ortográfico. Assim: **in-fiel**, *mas* **im-produtivo; i-migrar**, *mas* **ir-romper;** *etc. São essas variantes puramente gráficas que colocamos entre parênteses.*

2.ª) Cumpre não confundir os dois prefixos que aparecem sob a mesma forma **in-** *(ou* **i-**). *Um indica "movimento para dentro"* (ingerir, imigrar); *o outro denota "privação, negação"* (inativo, ilegal).

3.ª) As formas numerais **uni-** (unipessoal) **bis-** *ou* **bi-** (bisneto, bimestral) *e semelhantes são, em geral, tidas por prefixos. Como, pelo emprego, não se diferenciam substancialmente dos elementos numerais que ocorrem em compostos aritméticos e geométricos — tais como* **deci-, centi-** *(latinos),* **deca-, quilo-** *(gregos), julgamos mais acertado considerá-las verdadeiros radicais, e o processo formativo de que participam um caso de composição.*

Prefixos de origem grega

Eis os principais prefixos de origem grega com as formas que assumem em português:

Prefixo	Sentido	Exemplificação
an- (a-)	privação, negação	anarquia, ateu
aná-	ação ou movimento inverso, repetição	anagrama, anáfora
anfi-	de um e outro lado, em torno	anfíbio, anfiteatro
anti-	oposição, ação contrária	antiaéreo, antípoda
apó-	afastamento, separação	apogeu, apóstata
árqui- (arc-) / arque-(arce-)	superioridade	arquiduque, arcanjo / arquétipo, arcebispo
catá-	movimento de cima para baixo, oposição	catadupa, cataplasma
diá- (di-)	movimento através de, afastamento	diagnóstico, diocese
dis-	dificuldade, privação	dispnéia, disenteria
ec- (ex-)	movimento para fora	eclipse, êxodo
en- (em-, e-)	posição interior	encéfalo, emplastro, elipse
endo- (end-)	posição interior, movimento para dentro	endotérmico, endosmose
epi- (ep-)	posição superior, movimento para, posterioridade	epiderme, epônimo
eu- (ev-)	bem, bom	eufonia, evangelho
hiper-	posição superior, excesso	hipérbole, hipertensão
hipo-	posição inferior, escassez	hipodérmico, hipotensão
metá- (met-)	posterioridade, mudança	metacarpo, metátese
pará- (par-)	proximidade, ao lado de	paradigma, parasita
peri-	posição ou movimento em torno	perímetro, perífrase
pró-	posição em frente, anterior	prólogo, prognóstico
sin- (sim-, si-)	simultaneidade, companhia	sinfonia, simpatia, sílaba

Derivação sufixal

Pela derivação sufixal[1] se formaram, e ainda se formam, novos substantivos, adjetivos, verbos e, até, advérbios (os advérbios em *-mente*). Daí classificar-se o sufixo em:

a) nominal, quando se aglutina a um radical para dar origem a um substantivo ou a um adjetivo:

barb-eiro *barb-aça* *barb-udo*

b) verbal, quando, ligado a um radical, dá origem a um verbo:

got-ejar *salt-itar* *escur-ecer*

c) adverbial, que é o sufixo *-mente* acrescentado à forma feminina de um adjetivo:

linda-mente *pia-mente* *risonha-mente*

Sufixos nominais

Entre os sufixos nominais mencionaremos em primeiro lugar os sufixos aumentativos e diminutivos, cujo valor é mais afetivo do que lógico.

Sufixos aumentativos

Eis os principais sufixos aumentativos usados em português:

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-ão	caldeirão, paredão	-anzil	corpanzil
-alhão	grandalhão, vagalhão	-aréu	fogaréu, povaréu
-(z)arrão	gatarrão, homenzarrão	-arra	bocarra, naviarra
-eirão	asneirão, toleirão	-orra	beiçorra, cabeçorra
-aça	barbaça, barcaça	-astro	medicastro, poetastro
-aço	animalaço, ricaço	-az	lobaz, roaz
-ázio	copázio, gatázio	-alhaz	facalhaz
-uça	dentuça, carduça	-arraz	pratarraz

Valor e emprego dos sufixos aumentativos

1. O sufixo *-ão* é, por excelência, o formador dos aumentativos em português. Pode juntar-se a radicais de substantivos (*pared-ão*), de adjetivos (*valent-ão*) e de verbos (*brig-ão*), quer diretamente, como nos exemplos citados, quer por intermédio de consoantes de ligação (*chape-l-ão*) ou de outros sufixos (*-alho, -arro, -eiro, -il*), donde os sufixos compostos *-alhão* (*bob-alhão*), *-arrão* (*doid-arrão*), *-eirão* (*voz-eirão*), *-ilão* (*com-ilão*).

---

1) Sobre a origem e a vitalidade nos sufixos empregados em português, consulte-se especialmente Joseph H. D. Allen Jr., *Portuguese word-formation with suffixes*. Supplement to *Language*, vol. 17, n.º 2. Baltimore, 1941.

Advirta-se também que, nos aumentativos em *-ão*, o gênero normal é o masculino, mesmo quando a palavra derivante é feminina. Assim:

uma mulher — *um mulherão*
a casa — *o casarão*

Só os adjetivos fazem diferença entre o masculino e o feminino, diferença que, naturalmente, conservam quando substantivados:

solteirão — *solteirona*
chorão — *chorona*
valentão — *valentona*

2. Os sufixos *-aça*, *-aço* e *-uça* formam substantivos com força aumentativa e pejorativa. Prendem-se a radicais de outros substantivos e, muito raramente, a de adjetivos (*ric-aço*), sendo de notar ainda que *-uça* apresenta acentuado valor coletivo. A forma *-ázio* parece ser adaptação do espanhol *-azo*.

3. O sufixo *-anzil*, que ocorre em *corpanzil*, deve ser composto de *-ão* + *-il*, com a consoante de ligação *-z*. Será, pois, uma formação inversa da de *-ilão* (*-il* + *-ão*). Quanto ao valor, é nitidamente pejorativo.

4. O sufixo *-aréu*, de origem obscura, nem sempre é aumentativo. Em *mastaréu* (= pequeno mastro suplementar), por exemplo, é antes diminutivo. Em *fogaréu*, *fumaréu*, *mundaréu* e *povaréu* sente-se que o valor aumentativo está associado ao coletivo.

5. Os sufixos *-arra* e *-orra*, formas femininas dos sufixos *-arro* e *-orro*, ligam-se a radicais de substantivos de qualquer gênero:

bocarra *naviarra* *beiçorra* *cabeçorra*

Nas formações de adjetivos, com base em radicais de verbos ou de outros adjetivos, há, segundo a regra geral, oposição de gênero:

bebarro — *bebarra* *beatorro* — *beatorra*

Em épocas mais antigas, estes sufixos não tinham o forte valor depreciativo de hoje. A forma *-orro*, por exemplo, aparece em *cachorro*, palavra que, na acepção primitiva de "filhote de cão e de algumas feras", deveria ter sido um diminutivo.

6. No sufixo *-astro*, que aparece em poucas palavras portuguesas, o valor pejorativo é o mais saliente: *medicastro* "médico ruim, charlatão"; *poetastro* "mau poeta, versejador ordinário". Este sufixo tem a forma *-asto, -asta*, em *padrasto* e *madrasta*.

7. Tal como -ão, o sufixo *-az* pode juntar-se diretamente ao radical (*lob-az*), ou admitir a inserção de uma consoante eufônica (*ladra-v-az*), ou de outros sufixos (*-alho, -arro*), com os quais passa a formar compostos: *-alhaz* (*fac-alhaz*), *-arraz* (*prat-arraz*).

Sufixos diminutivos

São estes os principais sufixos diminutivos empregados em português:

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-inho, -a -zinho, -a -ino, -a -im	toquinho, vozinha cãozinho, ruazinha pequenino, cravina espadim, fortim	-ete -eto, -a -ito, -a -zito, -a -ote, -a	artiguete, lembrete esboceto, saleta rapazito, casita jardinzito, florzita velhote, velhota
-acho -icho, -a -ucho, -a	fogacho, riacho governicho, barbicha papelucho, casucha		
-ebre	casebre	-isco, -a -usco, -a	chuvisco, talisca chamusco, velhusca
-eco, -a -ico, -a -ela	livreco, soneca burrico, marica(s) ruela, viela	-ola	fazendola, rapazola
-elho -ejo -ilho, -a	folhelho, rapazelho animalejo, lugarejo pecadilho, tropilha	-ulo, -a -culo, -a -únculo, -a	glóbulo, nótula corpúsculo, gotícula homúnculo, questiúncula

Valor e emprego dos sufixos diminutivos

1. Os sufixos *-inho* e *-ino* provêm do latim *inus*. A forma tipicamente portuguesa é *-inho*; *-ino*, variante erudita, só aparece com valor diminutivo em um restrito número de palavras; *-im* é importação do francês *-in*, ou do italiano *-ino*, através da forma francesa. Compare-se: *tamborim*, do francês *tambourin*; *festim*, do francês *festin*, por sua vez derivado do italiano *festino*.

O sufixo *-inho* (*-zinho*) é de enorme vitalidade na língua, desde tempos antigos. Junta-se não só a substantivos e adjetivos, mas também a advérbios e outras palavras invariáveis:

agorinha *devagarinho* *sozinho* *adeusinho!*

Excetuando-se o caso das palavras terminadas em *-s* e *-z*, que naturalmente exigem a forma *-inho* (*pires-inho, rapaz-inho*), não é fácil indicar as razões que comandam a escolha entre *-inho* e *-zinho*. Sente-se que muitas vezes a seleção está ligada ao ritmo da frase. Por outro lado, verifica-se uma preferência na linguagem culta pelas formações com *-zinho*, no evidente intuito de manter íntegra a pronúncia da palavra derivante; a linguagem popular, no entanto, simplificadora por excelência, tende para as formações com *-inho*.

Do ponto de vista morfológico, acentue-se que, ao contrário dos aumentativos em *-ão*, os diminutivos em *-inho* (e também em *-ito*) não sofrem mudança de gênero. O diminutivo conserva o gênero da palavra derivante: *casa* — *casinha* — *casita*; *cão* — *cãozito* — *canito*. Em formações com outros sufixos, não é, porém, estranha tal mudança: *ilha* — *ilhote* — *ilhéu*; *chuva* — *chuvisco*, etc.

Convém notar ainda que nas formações populares em que o sufixo *-inho* se junta a particípios, caso sejam estes irregulares, tornam-se regulares. Assim:

> *Aquele prêmio foi muito bem* ganhadinho e o *dinheiro muito bem* gastadinho *por mim.*

2. Os sufixos *-acho*, *-icho* e *-ucho* originam-se da acumulação dos sufixos latinos *-ascu* (*-iscu-* e *-uscu-*) + *ulus*, e têm geralmente valor pejorativo. As variantes *-echo* e *-ocho* são de emprego raro. Ocorrem em formas dialetais portuguesas, como *ventrecha* "posta de peixe, imediata à cabeça"; *bagocho* "novelo pequeno"; e *realocho* "moeda antiga". A última é a que entra, provavelmente, no brasileirismo *cabrocha* "moça mestiça escura".

3. O sufixo *-ebre*, de origem desconhecida, aparece apenas em *casebre*, onde, vemos, tem caráter pejorativo.

4. Também não está suficientemente esclarecida a origem dos sufixos *-eco* e *-ico*. O primeiro tem acentuado valor pejorativo: *folheca, jornaleco, livreco*, etc. O segundo aparece como diminutivo afetivo não só de substantivos comuns (*abanico, amorico, burrico*), mas também de nomes próprios: *Anica, Joanico*, etc.

5. O sufixo *-ela* continua o latim *-ella*, que tinha força diminutiva e largo emprego na língua vulgar

(assim: *dominicella* "senhorita" > português *donzela)*. No português moderno é pouco produtivo; só nas formas nominais em *-dela* apresenta vitalidade: *mordidela, esbarradela,* etc.

6. Os sufixos *-elho* e *-ilho* representam, em português, a evolução normal dos sufixos diminutivos latinos *-ĭculus* e *īculus*, respectivamente. A forma *-ejo* é o desenvolvimento de *-iculus* para o espanhol. Importada dessa língua, tornou-se, em certos casos, autônoma em português. Assim: *lugarejo, quintalejo,* etc.

7. É um tanto obscura a origem dos sufixos *-ete, -eto, -ito (-zito)* e *-ote*. Deles o mais usado, principalmente em Portugal e no Sul do Brasil, é *-ito*, com a variante *-zito*. O sufixo *-eto*, como diminutivo, não apresenta vitalidade em português; as palavras que o contêm são, em geral, empréstimos do italiano: *poemeto, verseto,* etc. Já as formas *-ete* e *-ote*, provavelmente originárias do francês, aparecem hoje em formações genuinamente portuguesas: *artiguete, lembrete, malandrete; meninote, serrote, velhote,* etc. As formas *-ato* e *-oto* são raras e improdutivas. Ocorrem nuns poucos substantivos, que, de regra, designam crias de animais. Assim: *chibato, lobato, lebroto, perdigoto* são nomes que se dão, respectivamente, ao filhote da *chiba* (cabra nova), do *lobo*, da *lebre* e da *perdiz* (masculino = *perdigão*). *Perdigoto* emprega-se também na acepção de "salpico de saliva que se lança ao falar".

8. O sufixo *-isco* é forma erudita do latim *-iscus*, provavelmente originado da fusão do grego *-iskós* com o germânico *-isk-*. O descendente popular de *-iscus* é *-esco*, que forma adjetivos denotadores de "referência ou semelhança" *(burlesco, principesco)*, sentido que também possui *-isco* em palavras como *levantisco, mourisco*. Por analogia com *-isco*, a língua criou *-usco*: *chamusco*.

9. O sufixo *-ola* não deve representar diretamente o latim *-ola*. Possivelmente nos chegou por intermédio do italiano *-ola*, ou do francês *-ole*. Comparem-se por exemplo, as palavras portuguesas *bandeirola* e *camisola* às italianas *banderuola* e *camiciuola*, ou às francesas *banderole* e *camisole*. Hoje, porém, *-ola* tem largo emprego no idioma, principalmente na formação de substantivos sobrecomuns de caráter irônico-pejorativo: *gabola, mariola,* etc.

10. Os sufixos *-ulo*, *-culo* e *-únculo* aparecem apenas em palavras eruditas, especialmente em termos científicos. Saliente-se que nestas formações latinas, ou feitas nos mesmos moldes, os sufixos *-culo* e *-únculo* podem juntar-se ao radical diretamente (*mús-culo*, *hom-únculo*), ou por intermédio da vogal de ligação *-i-* (*vers-í-culo*, *quest-i-úncula*).

Outros sufixos nominais

1. Formam substantivos de outros substantivos

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ada	a) multidão, coleção......	boiada, papelada
	b) porção contida num objeto................	bocada, colherada
	c) marca feita com um instrumento............	penada, pincelada
	d) ferimento ou golpe....	dentada, facada
	e) produto alimentar, bebida................	bananada, laranjada
	f) duração prolongada...	invernada, temporada
	g) ato ou movimento enérgico...............	cartada, saraivada
-ado	a) território subordinado a titular..............	bispado, condado
	b) instituição, titulatura....	almirantado, doutorado
-ato	a) instituição, titulatura....	baronato, cardinalato
	b) na nomenclatura química = sal.............	carbonato, sulfato
-agem	a) noção coletiva.........	folhagem, plumagem
	b) ato ou estado.........	aprendizagem, ladroagem
-al	a) cultura de vegetais....	arrozal, cafezal
	b) noção coletiva ou de quantidade..........	areal, lamaçal
-alha	coletivo-pejorativo........	canalha, gentalha
-ama	noção coletiva e de quantidade..................	dinheirama, mourama
-ame		vasilhame, velame
-aria	a) atividade, ramo de negócio..............	carpintaria, livraria
	b) noção coletiva.........	gritaria, pedraria
	c) ação própria de certos indivíduos...........	patifaria, pirataria
-ário	a) ocupação, ofício, profissão...............	operário, secretário
	b) lugar onde se guarda algo...............	herbário, vestiário
-edo	a) lugar onde crescem vegetais..............	olivedo, vinhedo
	b) noção coletiva.........	lajedo, passaredo

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-eiro (-a)	a) ocupação, ofício, profissão	barbeiro, copeira
	b) lugar onde se guarda algo	galinheiro, tinteiro
	c) árvore e arbusto	laranjeira, craveiro
	d) idéia de intensidade, aumento	nevoeiro, poeira
	e) objeto de uso........	perneira, pulseira
	f) noção coletiva	berreiro, formigueiro
-ia	a) profissão, titulatura ...	advocacia, baronia
	b) lugar onde se exerce uma atividade	delegacia, reitoria
	c) noção coletiva	cavalaria, clerezia
-io	noção coletiva, de reunião	gentio, mulherio
-ite	inflamação............	bronquite, gastrite
-ugem	semelhança (pejorativo) ..	ferrugem, penugem
-ume	noção coletiva e de quantidade	cardume, negrume

Observação

Na terminologia científica empregam-se sufixos com valor particular.

Na química, por exemplo, usam-se:

a) -ato, -eto e -ito — *na formação dos nomes de sais:*

clorato cloreto clorito

b) -ina — *na dos alcalóides e álcalis artificiais:*

cafeína anilina

c) -io — *na dos corpos simples:*

potássio sódio

d) -ol — *na dos derivados de hidrocarbonetos:*

fenol naftol

A nomenclatura da mineralogia e da geologia adota os sufixos:

a) -ita — *para os nomes das espécies minerais:* pirita;

b) -ito — *para os das rochas:* granito;

c) -ite — *para os dos fósseis:* amonite.

A lingüística moderna faz largo uso do sufixo -ema *com o sentido de "menor unidade distintiva", ou "significativa":* fonema *"menor segmento distinto numa enunciação";* morfema *"menor unidade gramatical de forma".*

2. Formam substantivos de adjetivos

Os substantivos derivados, geralmente nomes abstratos, indicam qualidade, propriedade, estado ou modo de ser:

Sufixo	Exemplificação	Sufixo	Exemplificação
-dade	crueldade, dignidade	-ice	tolice, velhice
-(i)dão	gratidão, mansidão	-ície	calvície, imundície
-ez	altivez, honradez	-or	alvor, amargor
-eza	beleza, riqueza	-(i)tude	altitude, magnitude
-ia	alegria, valentia	-ura	alvura, doçura

Observações

1.ª) Antes de receberem o sufixo -dade, *os adjetivos terminados em* -az, -iz, -oz *e* -vel *retomam a forma latina em* -ac(i), -ic(i), -oc(i) *e* -bil(i). *Assim:*

capaz > capacidade atroz > atrocidade
feliz > felicidade estável > estabilidade

2.ª) O sufixo -ície *só aparece em palavras modeladas sobre o latim:* calvície (*do latim* calvities), planície (*do latim* planities), *etc. Também* justiça *não apresenta propriamente o sufixo* -iça, *porque a palavra é continuação do latim* justitia. *Da mesma forma* cobiça (*do baixo latim* cupiditia), preguiça (*do latim* pigritia), *etc.*

3. Forma substantivos de substantivos e de adjetivos

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ismo	a) doutrinas ou sistemas — artísticos	realismo, simbolismo
	a) doutrinas ou sistemas — filosóficos	kantismo, positivismo
	a) doutrinas ou sistemas — políticos	federalismo, fascismo
	a) doutrinas ou sistemas — religiosos	budismo, calvinismo
	b) modo de proceder ou pensar	heroísmo, cinismo
	c) forma peculiar da língua	galicismo, solecismo
	d) na terminologia científica	daltonismo, reumatismo

4. Forma substantivos e adjetivos de outros substantivos e adjetivos

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ista	a) partidários ou sectários de doutrinas ou sistemas (em -ismo) — artísticos	realista, simbolista
	a) partidários ou sectários de doutrinas ou sistemas (em -ismo) — filosóficos	kantista, positivista
	a) partidários ou sectários de doutrinas ou sistemas (em -ismo) — políticos	federalista, fascista
	a) partidários ou sectários de doutrinas ou sistemas (em -ismo) — religiosos	budista, calvinista
	b) ocupação, ofício	dentista, pianista
	c) nomes pátrios e gentílicos	nortista, paulista

Observação

Nem todos os designativos de sectários ou partidários de doutrinas ou sistemas em -ismo *se formam com o sufixo* -ista. *Por exemplo: o* protestantismo *corresponde* protestante; *o* maometismo, maometano; *o* islamismo, islamita.

5. Formam substantivos de verbos

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ança -ância -ença -ência	ação ou o resultado dela, estado................	lembrança, vingança observância, tolerância descrença, diferença anuência, concorrência
-ante -ente -inte	agente................	estudante, navegante afluente, combatente ouvinte, pedinte
-(d)or -(t)or -(s)or	agente, instrumento da ação................	jogador, regador inspetor, interruptor agressor, ascensor
-ção -são	ação ou o resultado dela	nomeação, traição agressão, extensão
-douro -tório	lugar ou instrumento da ação................	bebedouro, suadouro lavatório, vomitório
-(d)ura -(t)ura -(s)ura	resultado ou instrumento da ação, noção coletiva	pintura, atadura formatura, magistratura clausura, tonsura
-mento	a) ação ou o resultado dela b) instrumento da ação... c) noção coletiva........	acolhimento, ferimento ornamento, instrumento armamento, fardamento

Observações

1.ª) Os sufixos -ância *e* -ência *são semi-eruditos. Aparecem em palavras de criação recente e modeladas sobre o latim.*

2.ª) Os sufixos -ante, -ente *e* -inte *procedem das terminações do particípio presente latino, com aglutinação da vogal temática da conjugação correspondente.*

3.ª) Em -dor, -tor *e* -sor, *bem como em* -dura, -tura *e* -sura, *os sufixos são propriamente* -or *e* -ura. *As consoantes* d, t *e* s *pertencem ao tema do particípio latino. Apenas as formas* -dor *e* -dura *são evolutivas; as demais são eruditas: só ocorrem em palavras latinas ou formadas sobre o seu modelo.*

6. Formam adjetivos de substantivos

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-aco	estado íntimo, pertinência, origem	maníaco, austríaco
-ado	a) provido ou cheio de...... b) que tem o caráter de	barbado, denteado adamado, amarelado
-aico	referência, pertinência.......	judaico, prosaico
-al -ar	relação, pertinência.........	campal, conjugal escolar, familiar
-ano	a) proveniência, origem, pertença................. b) sectário ou partidário de c) semelhante ou comparável a	romano, serrano luterano, parnasiano bilaquiano, camoniano
-ão	proveniência, origem........	alemão, beirão
-ário -eiro	relação, posse, origem......	diário, fracionário caseiro, mineiro
-engo	relação, pertinência, posse...	mulherengo, solarengo
-enho	semelhança, procedência, origem....................	ferrenho, estremenho
-eno	referência, origem..........	terreno, chileno
-ense -ês	relação, procedência, origem	forense, parisiense cortês, norueguês
-(l)ento	a) provido ou cheio de..... b) que tem o caráter de....	ciumento, corpulento barrento, vidrento
-eo	relação, semelhança, matéria	róseo, férreo
-esco -isco	referência, semelhança......	burlesco, dantesco levantisco, mourisco
-este -estre	relação..................	agreste, celeste campestre, terrestre
-eu	relação, procedência, origem	europeu, hebreu
-ício	referência................	alimentício, natalício
-ico	participação, referência.....	geométrico, melancólico
-il	referência, semelhança......	febril, senhoril
-ino	relação, origem, natureza....	londrino, cristalino
-ita	pertinência, origem	ismaelita, israelita
-onho	propriedade, hábito constante	enfadonho, risonho
-oso	provido ou cheio de........	brioso, venenoso
-tico	relação..................	aromático, rústico
-udo	provido ou cheio de........	pontudo, barbudo

Observações

1.ª) Alguns desses sufixos servem também para formar adjetivos de outros adjetivos. Por exemplo: -al *junta-se a* angélico, *formando* angelical; -ento *liga-se a* cinza, *originando* cinzento; -onho *acrescenta-se a* triste, *produzindo* tristonho.

2.ª) São peculiares aos adjetivos os sufixos eruditos -imo *e* -íssimo, *que se ligam a radicais latinos:* humíl-imo, fidel-íssimo.

7. Formam adjetivos de verbos

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ante -ente -inte	ação, qualidade, estado......	semelhante, tolerante doente, resistente constituinte, seguinte
-(á)vel -(í)vel	possibilidade de praticar ou sofrer uma ação...........	durável, louvável perecível, punível
-io -ivo	ação, referência, modo de ser	fugidio, tardio afirmativo, pensativo
-(d)iço -(t)ício	possibilidade de praticar ou sofrer uma ação, referência. .	movediço, quebradiço acomodatício, factício
-(d)ouro -(t)ório	ação, pertinência............	duradouro, vindouro preparatório, satisfatório

Observação

Os sufixos -ante, -ente *e* -inte *provêm, como dissemos, das terminações do particípio presente latino com aglutinação da vogal temática de cada uma das conjugações. Servem para formar substantivos e, com mais freqüência, adjetivos, que se substantivam facilmente.*

Sufixos verbais

Os verbos novos da língua formam-se em geral pelo acréscimo da terminação *-ar* a substantivos e adjetivos. Assim:

rotul-ar   *(a)fin-ar*
telefon-ar   *(a)frances-ar*

A terminação *-ar*, já o sabemos, é constituída da vogal temática *-a-*, característica dos verbos da 1.ª conjugação, e do sufixo *-r*, do infinitivo impessoal.

Por vezes, a vogal temática *-a-* liga-se não ao radical propriamente dito, mas a uma forma dele derivada, ou melhor dizendo, ao radical com a adição de um sufixo. É o caso, por exemplo, dos verbos:

esbrav-ej-ar   *salt-it-ar*
american-iz-ar   *espe-zinh-ar*

em que encontramos alguns sufixos anteriormente estudados:

-ej(o)   *-zinh(o)*   *-it(o)*

São tais sufixos que transmitem a esses verbos matizes significativos especiais: freqüentativo (ação repetida), factitivo (atribuição de uma qualidade ou

modo de ser), diminutivo e pejorativo. Mas, como neles a combinação de sufixo + vogal temática *(-a-)* + sufixo do infinitivo *(-r)* vale por um todo, costuma-se considerar não o sufixo em si, mas o conjunto daqueles elementos mórficos, o verdadeiro sufixo verbal. Esta conceituação, por simplificadora, apresenta evidentes vantagens didáticas, razão por que a adotamos aqui.

Eis os principais sufixos verbais, com a indicação dos matizes significativos que denotam:

Sufixo	Sentido	Exemplificação
-ear -ejar	freqüentativo, durativo......	cabecear, folhear branquejar, forcejar
-entar	factitivo..................	apoquentar, amolentar
-icar -ilhar	freqüentativo-diminutivo......	beberricar, depenicar dedilhar, fervilhar
-inhar	freqüentativo-diminutivo- -pejorativo	escrevinhar, cuspinhar
-iscar -itar	freqüentativo-diminutivo.....	chuviscar, lambiscar dormitar, saltitar
-izar	factitivo..................	civilizar, utilizar

Das outras conjugações, apenas a 2.ª possui um sufixo capaz de formar verbos novos em português. É o sufixo *-ecer* (ou *-escer*), característico dos verbos chamados incoativos, ou seja, dos verbos que indicam o começo de um estado e, às vezes, o seu desenvolvimento:

amanh-ecer   *endur-ecer*
empobr-ecer   *flor-escer*

Em verdade, também *-ecer* não é sufixo. Decompõe-se esta terminação em: sufixo *(-e[s]c)* + vogal temática *(-e-)* + sufixo *(-r)*.

Sufixo adverbial

O único sufixo adverbial que existe em português é *-mente*, oriundo do substantivo latino *mens, mentis* "a mente, o espírito, o intento". Com o sentido de "intenção" e, depois, com o de "maneira", passou a aglutinar-se a adjetivos para indicar circunstâncias, especialmente a de modo. Assim: *boa-mente* = com boa intenção, de maneira boa.

Como o substantivo latino *mens* era feminino (compare-se o português *a mente*), junta-se o sufixo à forma feminina do adjetivo:

benigna-mente   *franca-mente*
estreita-mente   *luxuosa-mente*

Desta norma excetuam-se os advérbios que se derivam de adjetivos terminados em *-ês*: *burgues-mente, portugues-mente,* etc. Mas o fato tem explicação histórica: tais adjetivos eram outrora uniformes, uniformidade que alguns deles, como *pedrês* e *montês*, ainda hoje conservam. Assim: *um galo pedrês, uma galinha pedrês; um cabrito montês, uma cabra montês.* A formação adverbial continua a seguir o antigo modelo.

Derivação parassintética

Os vocábulos formados pela agregação simultânea de prefixo e sufixo a determinado radical chamam-se parassintéticos, palavra derivada do grego *pará* (= justaposição, posição ao lado de) e *synthetikós* (= que compõe, que junta, que combina).

A parassíntese é particularmente produtiva nos verbos, e a principal função dos prefixos vernáculos *a-* e *em-* *(en-)* é a de participar desse tipo especial de derivação:

a-doç-ar	*en-tard-ecer*
a-munhec-ar	*en-velh-ecer*

Derivação regressiva

Nos tipos de derivação até aqui estudados, a palavra nova resulta sempre do acréscimo de afixos (prefixos ou sufixos) a determinado radical. Neles há, pois, uma constante: a palavra derivada amplia a primitiva.

Existe, porém, um processo de criação vocabular exatamente contrário. É a chamada derivação regressiva, que consiste na redução da palavra derivante por uma falsa análise da sua estrutura.

A derivação regressiva tem importância maior na criação dos substantivos deverbais ou pós-verbais, formados pela junção de uma das vogais -o, -a, ou -e ao radical do verbo.

Exemplos:

Verbo	Deverbal	Verbo	Deverbal	Verbo	Deverbal
abalar	abalo	amostrar	amostra	alcançar	alcance
adejar	adejo	aparar	apara	atacar	ataque
afagar	afago	buscar	busca	cortar	corte
amparar	amparo	caçar	caça	debater	debate
apelar	apelo	censurar	censura	enlaçar	enlace
arrimar	arrimo	ajudar	ajuda	levantar	levante
chorar	choro	comprar	compra	rebater	rebate
errar	erro	perder	perda	resgatar	resgate
recuar	recuo	pescar	pesca	tocar	toque
sustentar	sustento	vender	venda	sacar	saque

Alguns deverbais apresentam, simultaneamente, forma masculina e feminina:

Verbo	Deverbais		Verbo	Deverbais	
ameaçar	ameaço	ameaça	gritar	grito	grita
custar	custo	custa	trocar	troco	troca

Observação

Nem sempre é fácil saber se o substantivo se deriva do verbo ou se este se origina do substantivo. Há um critério prático para a distinção, sugerido pelo filólogo Mário Barreto: "se o substantivo denota ação, será palavra derivada, e o verbo palavra primitiva; mas, se o nome denota algum objeto ou substância, se verificará o contrário" **(De gramática e de linguagem,** *II, Rio de Janeiro, 1922, p. 247.) Assim:* dança, ataque e amparo, *denotadores, respectivamente, das ações de* dançar, atacar e amparar — *são formas derivadas;* âncora, azeite e escudo, *ao contrário, são as formas primitivas, que dão origem aos verbos* ancorar, azeitar e escudar.

Derivação imprópria

As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. Basta, por exemplo, antepor-se o artigo a qualquer vocábulo da língua para que ele se torne um substantivo. Assim:

"Não te embales muito na miragem do longe e do depois, a fim de não perderes o que arde invisível no perto e sopra em silêncio no agora."
(A. M. Machado, **CJ**, *79.)*

"Vou fazer as malas para o Definitivo..."
(F. Pessoa, **OP**, *341.)*

A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de derivação imprópria e por ele se explica a passagem:

a) de substantivos próprios a comuns:

damasco *narciso* *quixote*

b) de substantivos comuns a próprios:

Castelo *Figueira* *Pinto*

c) de adjetivos a substantivos:

circular *persiana* *veneziana*

d) de substantivos a adjetivos:

burro *(manga) rosa* *(colégio)-modelo*

e) de substantivos, adjetivos e verbos a interjeições:

silêncio! *bravo!* *viva!*

f) de verbos a substantivos:

afazer *jantar* *prazer*

g) de verbos e advérbios a conjunções:

seja... seja *ora... ora* *já... já*

h) de adjetivos a advérbios:

(ler) alto *(falar) baixo* *(custar) caro*

i) de particípios (presentes e passados) a preposições:

mediante *tirante* *visto*

j) de particípios (passados) a substantivos e adjetivos:

conteúdo *absoluto* *resoluto*

Observação

A rigor, a derivação imprópria (também denominada conversão ou habilitação por lingüistas modernos) não deve ser incluída entre os processos de formação de palavras que estamos examinando, pois pertence à área da semântica, e não à da morfologia.

Composição

A composição consiste, como vimos, em formar uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma idéia única e autônoma, não raro dissociada das noções expressas pelos seus componentes. É o caso, por exemplo, de *beija-flor,* que é nome de um pássaro; *sempre-viva,* nome de uma planta; *criado-mudo,* denominação de um móvel.

Tipos de composição

1. Quanto à forma, os elementos de uma palavra composta podem estar:

a) simplesmente justapostos, conservando cada qual a sua integridade:

belas-artes *meio-dia* *malmequer*
quinta-feira *mel-de-anta* *varapau*

b) intimamente unidos, por se ter perdido a idéia da composição, caso em que se subordinam a um único acento tônico e sofrem perda de sua integridade silábica:

aguardente (água + ardente)
planalto (plano + alto)
embora (em + boa + hora)
viandante (via + andante)

Daí distinguir-se a composição por justaposição da composição por aglutinação, diferença que a escrita procura refletir, pois que na justaposição os elementos componentes vêm em geral ligados por hífen, ao passo que na aglutinação eles se juntam num só vocábulo gráfico.

Observação

Não se deve esquecer que o hífen é uma simples convenção ortográfica. Nem sempre os elementos justapostos vêm ligados por ele. Há os que se escrevem unidos: madrepérola, malmequer e passatempo.

E outros que conservam sua autonomia gráfica: estrada de rodagem, Idade Média, pai de família.

2. Quanto ao sentido, distingue-se numa palavra composta o elemento determinado, que contém a idéia geral, do determinante, que encerra a noção particular. Assim, em *escola-modelo,* o termo *escola* é o determinado e *modelo* o determinante. Em *mãe-pátria,* ao inverso, *mãe* é o determinante, e *pátria* o determinado.

Nos compostos tipicamente portugueses, o determinado de regra precede o determinante, mas naqueles que entraram por via erudita, ou se formaram pelo modelo da composição latina, observa-se exatamente o contrário — o primeiro elemento é o que exprime a noção específica, e o segundo a geral. Assim: *agricultura* (= cultivo do campo), *suaviloqüência* (= linguagem suave), etc.

Observação

Como o determinante encerra a noção mais característica, muitas vezes por si só designa o objeto:

capital (= cidade capital)
diagonal (= linha diagonal)
circular (= carta circular)
vapor (= navio a vapor)

3. Quanto à classe gramatical dos seus elementos, uma palavra composta pode ser constituída de:

a) substantivo + substantivo:

arco-íris *pombo-correio*

b) substantivo + preposição + substantivo:

chapéu-de-sol *estrada de rodagem*

c) substantivo + adjetivo:

— com o adjetivo posposto ao substantivo:

pernalta *sangue-frio*

— com o adjetivo anteposto ao substantivo:

alto-mar *livre-câmbio*

d) adjetivo + adjetivo:

franco-brasileiro *herói-cômico*

e) numeral + substantivo:

mil-folhas *sexta-feira*

f) pronome + substantivo:

meu bem *Vossa Senhoria*

g) verbo + substantivo:

passatempo *porta-bandeira*

h) verbo + verbo:

perde-ganha *vaivém*

i) advérbio + adjetivo:

não-euclidiana *sempre-viva*

j) advérbio (ou adjetivo com valor adverbial) + verbo:

bem-aventurar *maldizer*

Observações

1.ª) No último grupo poderíamos incluir os numerosos compostos de **bem** e **mal** + *substantivo ou adjetivo porque, neles, tanto o substantivo como o adjetivo são quase sempre derivados de verbos, cuja significação ainda conservam. Assim:* **bem-aventurança, bem-aventurado, benquerença, bem-**

-vindo, mal-dizente, mal-encarado, malfeitor, mal-soante, *etc.*

2.ª) Nem todos os compostos da língua se distribuem pelos tipos que enumeramos. Há, ainda, uma infinidade de combinações, por vezes curiosas, como as seguintes: bem-te-vi, bem-te-vi-do-bico-chato, disse-que-disse, louva-a-deus, malmequer, não-me-deixes, não-me-toques, não-te-esqueças-de-mim (miosótis), não-sei-que-diga *(nome do diabo), etc.*

3.ª) Empregamos muitas palavras compostas que não são, propriamente, formações portuguesas. Assim, couve-flor *é tradução do francês* chou-fleur; café-concerto *é também de origem francesa;* bancarrota *provém do italiano* bancarrotta; vinagre *nos chegou, provavelmente, por intermédio do espanhol* vinagre, *originário, por sua vez, de uma forma catalã idêntica.*

4.ª) Algumas palavras de importação que aparentam forma simples são compostas nas línguas de origem. É o caso, por exemplo, de oxalá, *derivado do árabe* wa sa llâh *(= e queira Deus); de* aleluia, *proveniente do hebraico* hallelu Yah *(= louvai o Senhor).*

Compostos eruditos

A palavra está sempre ligada à coisa que designa. Uma coisa nova exige uma denominação também nova. Por isso, vemos entrar em nossa língua, todos os dias, um número apreciável de vocábulos, criados por exigência do espantoso progresso da ciência e da técnica. Assim: *cromógrafo, televisão, tonômetro,* etc.

A nomenclatura científica, técnica e literária é fundamentalmente constituída de palavras formadas pelo modelo da composição greco-latina, que consistia em associar dois termos, o primeiro dos quais servia de determinante do segundo.

Examinaremos, a seguir, os principais radicais latinos e gregos que participam dessas formações, distribuindo-os por dois grupos, de acordo com a posição que ocupam no composto.

Radicais latinos

1. Entre outros, funcionam como primeiro elemento da composição os seguintes radicais latinos, de regra terminados em *-i:*

Forma	Origem latina	Sentido	Exemplo
agri-	ager, agri	campo	agricultura
ambi-	ambo	ambos	ambidestro
arbori-	arbor, -oris	árvore	arborícola
avi-	avis. -is	ave	avifauna
bis- bi-	bis	duas vezes	bisavô bípede
calori-	calor, -oris	calor	calorífero
cruci-	crux, -ucis	cruz	crucifixo
curvi-	curvus, -a, -um	curvo	curvilíneo
equi-	aequus, -a, -um	igual	equidistante
ferri- ferro-	ferrum, -i	ferro	ferrífero ferrovia
igni-	ignis, -is	fogo	ignívomo
loco-	locus, -i	lugar	locomotiva
morti-	mors, mortis	morte	mortífero
multi-	multus, -a, -um	muito	multiforme
olei- oleo-	oleum, -i	azeite, óleo	oleígeno oleoduto
oni-	omnis, -e	todo	onipotente
pedi-	pes, pedis	pé	pedilúvio
pisci-	piscis, -is	peixe	piscicultor
pluri-	plus, pluris	muitos, vários	pluriforme
quadri- quadru-	quattuor	quatro	quadrimotor quadrúpede
radio	radius, -ii	raio	radiografia
reti-	rectus, -a, -um	reto	retilíneo
semi-	semi	metade	semicírculo
sesqui-	sesqui	um e meio	sesquicentenário
tri-	tres, tria	três	tricolor
uni-	unus, -a, -um	um	uníssono
vermi-	vermis, -is	verme	vermífugo

Como segundo elemento da composição, empregam-se:

Forma	Sentido	Exemplos
-cida	que mata	regicida, suicida
-cola	que cultiva, ou habita	vitícola, arborícola
-cultura	ato de cultivar	apicultura, piscicultura
-fero	que contém, ou produz	aurífero, flamífero
-fico	que faz, ou produz	benéfico, frigorífico
-forme	que tem forma de	cuneiforme, uniforme
-fugo	que foge, ou faz fugir	centrífugo, febrífugo
-gero	que contém, ou produz	armígero, belígero
-paro	que produz	multíparo, ovíparo
-pede	pé	palmípede, velocípede
-sono	que soa	horríssono, uníssono
-vomo	que expele	fumívomo, ignívomo
-voro	que come	carnívoro, herbívoro

Observação

Entre estes compostos alatinados devem incluir-se:

a) os adjetivos formados de dois adjetivos ou de um adjetivo e um substantivo:

auriverde *multicor*

b) os verbos formados com o elemento -(i)ficar *(do latim* -ficare, *de* facere "fazer"):

bonificar *eletrificar*

Radicais gregos

Mais numerosos são os compostos eruditos formados de elementos gregos. "Nos radicais gregos reside a fonte inexaurível de onde tem jorrado a água viva de quase todos os neologismos literários, técnicos e científicos. Deles dimanam expressões de gramática, retórica ou filosofia, com eles se formam termos de matemática, mecânica ou astronomia, neles encontram denominação os fenômenos físicos, químicos ou biológicos, deles se derivam apelativos numerosos empregados em zoologia ou botânica, geologia, mineralogia ou paleontologia, neles se fundamenta a nomenclatura de vocábulos usados em anatomia ou fisiologia, em clínica, cirurgia ou patologia, com eles o comércio e a indústria batizam multivariados objetos, aparelhos, produtos e invenções."[1]

Entre os mais usados, podemos indicar os seguintes, que servem geralmente de primeiro elemento da composição:

Forma	Sentido	Exemplos
aero-	ar	aerofagia, aeronave
anemo-	vento	anemógrafo, anemômetro
antropo-	homem	antropófago, antropologia
arqueo-	antigo	arqueografia, arqueologia
auto-	de si mesmo	autobiografia, autógrafo
biblio-	livro	bibliografia, biblioteca
bio-	vida	biografia, biologia
caco-	mau	cacofonia, cacografia
cali-	belo	califasia, caligrafia
ciclo-	círculo	ciclometria, ciclotímico
cito-	cavidade, célula	citologia, citoplasma
cosmo-	mundo	cosmógrafo, cosmologia
criso-	ouro	crisógrafo, crisólita
cromo-	cor	cromolitografia, cromossomo
crono-	tempo	cronologia, cronômetro
dactilo-	dedo	dactilografia, dactiloscopia
deca-	dez	decaedro, decalitro
demo-	povo	democracia, demagogo
di-	dois	dipétalo, dissílabo

[1] J. L. de Campos. Formação de palavras derivadas da língua grega. In: *RLP*, ano XVI, n.º 68, 1935. p. 17.

Forma	Sentido	Exemplos
ele(c)tro-	(âmbar) eletricidade	eletroímã, electroscopia
enea-	nove	eneágono, eneassílabo
etno-	povo, raça	etnografia, etnologia
farmaco-	medicamento	farmacologia, farmacopéia
filo-	amigo	filologia, filomático
fisio-	natureza	fisiologia, fisionomia
fono-	voz, som	fonógrafo, fonologia
foto-	fogo, luz	fotômetro, fotosfera
gastro-	estômago	gastrocolite, gastrônomo
geo-	terra	geografia, geologia
helio-	sol	heliografia, helioscópio
hemi-	metade	hemisfério, hemistíquio
hemo- } hemato- }	sangue	hemoglobina, hematócrito
hepta-	sete	heptágono, heptassílabo
hetero-	outro	heterodoxo, heterogêneo
hexa-	seis	hexágono, hexâmetro
hidro-	água	hidrogênio, hidrografia
hipo-	cavalo	hipódromo, hipopótamo
hom(e)o-	semelhante	homeopatia, homófono
ictio-	peixe	ictiófago, ictiologia
iso-	igual	isócrono, isóscele
lito-	pedra	litografia, litogravura
macro-	grande, longo	macróbio, macrodáctilo
mega(lo)-	grande	megatério, megalomaníaco
melo-	canto	melodia, melopéia
meso-	meio	mesóclise, mesopotâmia
micro-	pequeno	micróbio, microscópio
miria-	dez mil, numeroso	miriâmetro, miríade
miso-	que odeia	misógino, misantropo
mito-	fábula	mitologia, mitômano
mono-	um só	monarca, monótono
necro-	morto	necrópole, necrotério
neo-	novo	neolatino, neologismo
neuro- } nevro- }	nervo	neurologia, neurastenia nevrotomia, nevralgia
octo-	oito	octossílabo, octaedro
odonto-	dente	odontologia, odontalgia
oftalmo-	olho	oftalmologia, oftalmoscópio
onomato-	nome	onomatologia, onomatopéia
oro-	montanha	orogenia, orografia
orto-	reto, justo	ortografia, ortodoxo
oxi-	agudo, penetrante	oxígono, oxítono
paleo-	antigo	paleografia, paleontologia
pan-	todos, tudo	panteísmo, pan-americano
pato-	(sentimento) doença	patogenético, patologia
ped(o)-	criança	pediatria, pedologia
penta-	cinco	pentágono, pentâmetro
piro-	fogo	pirosfera, pirotecnia
pluto-	riqueza	plutocrata, plutomania
poli-	muito	poliglota, polígono
potamo-	rio	potamografia, potamologia
proto-	primeiro	protótipo, protozoário
pseudo-	falso	pseudônimo, pseudo-esfera
psico-	alma, espírito	psicologia, psicanálise
quilo-	mil	quilograma, quilômetro
quiro-	mão	quiromancia, quiróptero
rino-	nariz	rinoceronte, rinoplastia
rizo-	raiz	rizófilo, rizotônico
sídero-	ferro	siderólito, siderurgia
taqui-	rápido	taquicardia, taquigrafia
tecno-	arte, ciência	tecnografia, tecnologia
tele-	longe	telefone, telegrama
teo-	deus	teocracia, teólogo
termo-	quente	termômetro, termoquímica

Forma	Sentido	Exemplos
tetra-	quatro	tetrarca, tetraedro
tipo-	figura, marca	tipografia, tipologia
topo-	lugar	topografia, toponímia
tri-	três	tríade, trissílabo
xeno-	estrangeiro	xenofobia, xenomania
xilo-	madeira	xilógrafo, xilogravura
zoo-	animal	zoógrafo, zoologia

Observações

1.ª) Como vemos, a maioria destes radicais assume na composição uma forma terminada em -o. *Alguns se empregam também como segundo elemento do composto. É o caso, por exemplo, de* -antropo (filantropo), -crono (isócrono), -dáctilo (pterodáctilo), -filo (germanófilo), -lito (aerólito), -pótamo (hipopótamo), *e outros.*

2.ª) Certos radicais gregos adquiriram sentido especial nas línguas modernas. Assim auto- *(do grego* autós *= próprio, de si mesmo), que ainda se emprega com o valor originário em numerosos compostos (por ex.:* autodidata *= que estudou por si mesmo;* autógrafo *= escrito do próprio autor), passou, com a vulgarização de* auto, *forma abreviada de automóvel (= veículo movido por si mesmo), a ter este significado em uma série de novos compostos:* autolotação, auto-ônibus, autopista, *etc. Também o radical* electro- *(do grego* eléctron *= âmbar), pela propriedade que apresenta o "âmbar" de atrair os corpos leves, veio a aplicar-se a tudo o que se relaciona com "eletricidade":* electrodinâmica, electroscópio, electroterapia, *etc.*

2. Funcionam, preferentemente, como segundo elemento da composição, entre outros, estes radicais gregos:

Forma	Sentido	Exemplos
-agogo	que conduz	demagogo, pedagogo
-algia	dor	cefalalgia, nevralgia
-arca	que comanda	heresiarca, monarca
-arquia	comando, governo	autarquia, monarquia
-astenia	debilidade	neurastenia, psicastenia
-céfalo	cabeça	dolicocéfalo, microcéfalo
-cracia	poder	democracia, plutocracia
-doxo	que opina	heterodoxo, ortodoxo
-dromo	lugar para correr	hipódromo, velódromo
-edro	base, face	pentaedro, poliedro
-fagia	ato de comer	aerofagia, antropofagia
-fago	que come	antropófago, necrófago
-filia	amizade	bibliofilia, lusofilia
-fobia	inimizade, ódio, temor	fotofobia, hidrofobia
-fobo	que odeia, inimigo	xenófobo, zoófobo

Forma	Sentido	Exemplos
-foro	que leva ou conduz	electróforo, fósforo
-gamia	casamento	monogamia, poligamia
-gamo	que casa	bígamo, polígamo
-gêneo	que gera	heterogêneo, homogêneo
-glota -glossa	língua	poliglota, isoglossa
-gono	ângulo	pentágono, polígono
-grafia	escrita, descrição	ortografia, geografia
-grafo	que escreve	calígrafo, polígrafo
-grama	escrito, peso	telegrama, quilograma
-latria	culto	idolatria, zoolatria
-logia	discurso, tratado, ciência	arqueologia, filologia
-logo	que fala ou trata	diálogo, teólogo
-mancia	adivinhação	necromancia, quiromancia
-mania	loucura, tendência	megalomania, monomania
-mano	louco, inclinado	bibliômano, mitômano
-maquia	combate	logomaquia, tauromaquia
-metria	medida	antropometria, biometria
-metro	que mede	hidrômetro, pentâmetro
-morfo	que tem a forma	antropomorfo, polimorfo
-nomia	lei, regra	agronomia, astronomia
-nomo	que regula	autônomo, metrônomo
-péia	ato de fazer	melopéia, onomatopéia
-pode	pé	gastrópode, miriópode
-pólis -pole	cidade	Petrópolis, metrópole
-ptero	que tem asas	díptero, helicóptero
-scopia	ato de ver	macroscopia, microscopia
-scópio	instrumento para ver	microscópio, telescópio
-sofia	sabedoria	filosofia, teosofia
-stico	verso	dístico, monóstico
-teca	lugar onde se guarda	biblioteca, discoteca
-terapia	cura	fisioterapia, hidroterapia
-tomia	corte, divisão	dicotomia, nevrotomia
-tono	tensão, tom	barítono, monótono

Hibridismo

São palavras híbridas, ou hibridismos, aquelas que se formam de elementos tirados de línguas diferentes. Assim, em *automóvel* o primeiro radical é grego e o segundo latino; em *sociologia*, ao contrário, o primeiro é latino e o segundo grego.

As formações híbridas são em geral condenadas pelos gramáticos, mas existem algumas tão enraizadas no idioma que seria pueril pretender eliminá-las. É o caso das palavras mencionadas e de outras, como:

autoclave	*decímetro*	*monocultura*
bicicleta	*endovenoso*	*neolatino*
bígamo	*monóculo*	*oleografia*

Observação

Com razão, pondera Matoso Câmara Júnior *que "esses compostos decorrem, em princípio, da circunstância de os elementos se terem integrado no mecanismo da língua que faz a composição, e a sua origem diversa só ter um sentido diacrônico, que não é levado em conta na sincronia".* (**Dicionário de filologia e gramática**, *2.ª ed., 1964, p. 180.)*

Onomatopéia

As onomatopéias são palavras imitativas, isto é, palavras que procuram reproduzir aproximadamente certos sons ou certos ruídos:

tique-taque	*zás-trás*	*zunzum*

Em geral, os verbos e os substantivos denotadores de vozes de animais têm origem onomatopéica. Assim:

ciciar	*cicio*	*(da cigarra)*
chilrear	*chilreio*	*(dos pássaros)*
coaxar	*coaxo*	*(da rã, do sapo)*

Abreviação vocabular

O ritmo acelerado da vida intensa de nossos dias obriga-nos, necessariamente, a uma elocução mais rápida. Economizar tempo e palavras é uma tendência geral do mundo de hoje.

Observamos, a todo momento, a redução de frases e palávras até limites que não prejudiquem a compreensão. É o que sucede, por exemplo, com os vocábulos longos, e em particular com os compostos greco-latinos de criação recente: *auto* (por *automóvel*), *foto* (por *fotografia*), *moto* (por *motocicleta*), *ônibus* (por *auto-ônibus*), *pneu* (por *pneumático*), *quilo* (por *quilograma*), etc. Em todos eles a forma abreviada assumiu o sentido da forma plena.

Siglas

Também moderno — e cada vez mais generalizado — é o processo de criação vocabular que consiste em reduzir longos títulos a meras siglas, constituídas das letras iniciais das palavras que os compõem.

Atualmente, instituições de natureza vária — como organizações internacionais, partidos políticos, serviços públicos, sociedades comerciais, associações estudantis, culturais, recreativas, etc. — são,

em geral, mais conhecidas pelas siglas do que pelas denominações completas. Assim:

ARENA	=	Aliança Renovadora Nacional
FENAME	=	Fundação Nacional de Material Escolar
IBGE	=	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	=	Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
MDB	=	Movimento Democrático Brasileiro
MEC	=	Ministério da Educação e Cultura
OEA	=	Organização dos Estados Americanos
ONU	=	Organização das Nações Unidas
OTAN	=	Organização do Tratado do Atlântico Norte
VARIG	=	Viação Aérea Rio-Grandense.

E não é só. Uma vez criada e vulgarizada, a sigla passa a ser sentida como uma palavra primitiva, capaz, portanto, de formar derivados: *arenista*, *emedebista*, etc.

Problemas e Preocupados — Xilogravura de Roberto Magalhães, 1964.

Capítulo VI

A oração e seus termos

Frase, oração, período

A frase e sua constituição

1. A *frase* é uma enunciação de sentido completo, a verdadeira unidade da fala.

A frase pode ser formada:

1.º) de uma só palavra:

Fogo! Socorro!

2.º) de várias palavras, entre as quais se inclui ou não um verbo:

a) com verbo:

"A excursão durou cerca de meia hora."
(M. de Assis, *OC*, I, 196.)

b) sem verbo:

"Que noite de inverno! Que frio! Què frio!"
(A. Nobre, *Só*, 13.)

2. A frase é sempre acompanhada de melodia, de entoação particular. A melodia caracteriza o fim do enunciado e, nas frases organizadas com verbo, geralmente anuncia a pausa forte que vem depois dele. É o caso, por exemplo, das seguintes:

"Põe-me as mãos nos ombros...
Beija-me na fronte...
Minha vida é escombros,
A minha alma insonte."
(F. Pessoa, *OP*, 72.)

Se a frase não possui verbo, é a melodia a única marca por que podemos reconhecê-la. Sem ela, frases como:

Silêncio! Atenção! Que frio!

seriam simples vocábulos, unidades léxicas sem função, sem valor gramatical.

Frase e oração

A *frase* pode conter uma ou mais orações.

1.º) Contém apenas uma oração, quando apresenta:

a) uma só forma verbal, clara ou oculta:

"Raiava o ano de 1609."
(J. de Alencar, *OC*, II, 417.)

"No céu azul, dois fiapos de nuvens."
(A. F. Schmidt, AP, 176.)

b) duas ou mais formas verbais, integrantes de uma locução verbal:

"O dia vinha rompendo."
(J. de Alencar, OC, II, 266.)

"Grossos pingos de chuva começavam a rufar nas árvores."
(M. de Assis, OC, I, 293.)

"Talvez aquilo tivesse sido feito por gente."
(G. Ramos, VS, 125.)

2.º) Contém mais de uma oração, quando há nela mais de um verbo (seja em forma simples, seja em locução verbal), claro ou oculto:

"Era o meu delírio / que começava."
(M. de Assis, OC, I, 420.)

"Se pudesse haver epopéia nacional, / esta seria sem dúvida a dos bandeirantes."
(A. Arinos, OC, 613.)

"Poeta sou; / pai, pouco; / irmão, mais."
(M. Bandeira, PP, I, 354.)

Observação

A locução verbal é constituída de um verbo auxiliar + um verbo principal. Enquanto o último vem sempre numa forma nominal (infinitivo, gerúndio, particípio), o verbo auxiliar pode vir:

a) numa forma finita (indicativo, imperativo, subjuntivo):

"A chuva de repente começa a cair."
(A. F. Schmidt, AP, 95.)

"Ó verdilhões, ide cantar-lhes sobre os ramos!"
(A. Nobre, Só, 56.)

"Nem parecia um corpo humano, um corpo que tivesse vivido."
(R. M. F. de Andrade, V, 61.)

b) numa forma nominal (infinitivo ou gerúndio):

"Saber estudar, possuir a arte de aprender, habilitar-se a navegar seguro por essas águas e através desses escolhos, já é ser abastado nas posses, e ter aproveitado o tempo."
(R. Barbosa, EDS, 652-653.)

"*Doente, quase não podendo andar, fui ter com o Evaristo.*"

(A. Nobre, Cl, 156.)

Oração e período

1. Período é a frase organizada em oração ou orações.

Pode ser:

a) simples, quando constituído de uma só oração:

"*Eles viam longe.*"

(A. Arinos, OC, 678.)

b) composto, quando formado de duas ou mais orações.

"*Lia, / comentava, / divergia.*"

(J. Ribeiro, CD, 27.)

2. O período termina sempre por pausa bem definida, que se marca na escrita com ponto, ponto de exclamação, ponto de interrogação, reticências e, algumas vezes, com dois pontos.

A oração e os seus termos essenciais

Sujeito e predicado

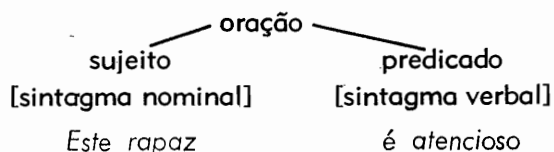
1. São termos essenciais da oração o sujeito e o predicado.

O sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração; o predicado é tudo aquilo que se diz do sujeito. Assim, na oração:

Este rapaz é atencioso.

temos:

oração

sujeito	predicado
[sintagma nominal]	[sintagma verbal]
Este rapaz	*é atencioso*

2. Nem sempre o sujeito e o predicado vêm materialmente expressos.

Assim em:

"*Choraríeis em segredo*
Uma lágrima por mim?"

(A. de Azevedo, PC, 60.)

o sujeito de *choraríeis* é *vós*, indicado apenas pela desinência verbal.

Já em:

"Sobre o campo verde,
ondas de prata."
(*C. Meireles, OP, 233.*)

é o verbo da oração que está subentendido.

Chamam-se elípticas as orações a que falta um termo essencial. E, conforme o caso, diz-se que o sujeito ou o predicado está elíptico.

O sujeito

Representação do sujeito

Os sujeitos da 1.ª e da 2.ª pessoas são, respectivamente, os pronomes pessoais *eu* e *tu*, no singular; *nós* e *vós* (ou combinações equivalentes: *eu* e *tu*, *tu* e *ele*, etc.), no plural.

Os sujeitos da 3.ª pessoa podem ter como núcleo:

a) um substantivo:

"As crianças patinam nas praças."
(*C. Meireles, OP, 1.000.*)

b) os pronomes pessoais *ele*, *ela* (singular); *eles*, *elas* (plural):

"Ela sorriu tristemente."
(*J. de Alencar, OC, I, 224.*)

c) um pronome demonstrativo, relativo, interrogativo, ou indefinido:

"Aquilo não seria gente para eles."
(*J. L. do Rego, U, 21.*)

"Vejo o céu que ao longe caminha."
(*C. Meireles, OP, 406.*)

"Quem te pôs tão taciturno?"
(*J. de Lima, OC, 636.*)

"Ninguém acreditava no que estava vendo."
(*A. Arinos, OC, 381.*)

d) um numeral:

"Dormíamos as duas numa cama estreita."
(*G. Ramos, SB, 173.*)

"Desceram ambos para o armazém."
(*C. Neto, OS, I, 538.*)

e) uma palavra ou uma expressão substantivada:

"O humilde não teme julgamento alheio."
(*G. Amado, HMI, 148.*)

"*Vulgar é o ler, raro o refletir.*"
(*R. Barbosa, EDS, 689.*)

"*O amar-te é uma cousa e o querer-te para compartir dos seus imensos bens é outra.*"
(*C. C. Branco, OS, I, 984.*)

f) uma oração substantiva subjetiva:

"*Parece-me que o mundo desabava sobre mim . . .*"
(*A. Peixoto, RC, 407.*)

"*Pior seria se o testamento ficasse nulo.*"
(*M. de Assis, OC, 564.*)

Sujeito simples e composto

Sujeito simples

Quando o sujeito tem um só núcleo, isto é, quando o verbo se refere a um só substantivo, ou a um só pronome, ou a um só numeral, ou a uma só palavra substantivada, ou a uma só oração substantiva, o sujeito é simples. Esse o caso do sujeito de todos os exemplos atrás mencionados.

Sujeito composto

É composto o sujeito que tem mais de um núcleo, ou seja, o sujeito constituído de:

a) mais de um substantivo:

"*Oração e trabalho são os recursos mais poderosos na criação moral do homem.*"
(*R. Barbosa, EDS, 686.*)

b) mais de um pronome:

"*Passeamos juntos eu e ela*
Toda esta tarde."
(*A. de Oliveira, P, IV, 127.*)

c) mais de um numeral:

"*Passavam devagar, em fila, seis ou sete.*"
(*G. Amado, HMI, 41.*)

d) mais de uma palavra ou expressão substantivada:

"*Ser amável e ser egoísta são coisas ao meu parecer distintas.*"
(*J. Ribeiro, CD, 188.*)

e) mais de uma oração substantiva:

"*Que duas pessoas se amem e se separem é, na verdade, coisa triste, desde que não há entre*

elas nenhum impedimento moral ou social."
(M. de Assis, OC, II, 941.)

Observação

Outras combinações podem entrar na formação do sujeito composto, sendo particularmente comum a de pronome + substantivo, ou vice-versa:

"Eduardo e eu nos espalhávamos pelos domínios da fantasia."
(A. F. Schmidt, AP, 74.)

Sujeito oculto (determinado)

1. É aquele que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado. A identificação se faz:

a) pela desinência verbal:

"Acordo, sempre, antes do sol."
(A. F. Schmidt, AP, 19.)

[O sujeito de *acordo*, indicado pela desinência -o, é *eu*.]

b) pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo:

"Enquanto isso, o mico espiralava tronco abaixo e pulava para o vinhático, e do vinhático para o sete-casacas, e do sete-casacas para o jequitibá; desceu na corda quinada do cipó-cruz, subiu pelo rastilho de flores solares do unha-de-gato, galgou as alturas de um angelim; sumiu-se nas grimpas; e, dali, vaiou."
(G. Rosa, S, 174.)

[O sujeito de *espiralava, pulava, desceu, subiu, galgou, sumiu* e *vaiou* é *o mico*, mencionado na primeira oração, antes de *espiralava*.]

"Venâncio não se perturbou. Abriu um guarda-chuva para não ser inteiramente desmentido pelas goteiras e continuou, na guarita, a falar entusiasticamente ao sol, à limpidez do azul."
(R. Pompéia, A, 185.)

[O sujeito de *abriu, ser desmentido* e *continuou a falar* é *Venâncio*, mencionado na primeira oração, antes de *perturbou*.]

2. Pode ocorrer que o verbo não tenha desinência pessoal e que o sujeito venha sugerido pela desinência de outro verbo. Por exemplo, neste período:

"*Antes de iniciar este livro, imaginei construí-lo pela divisão do trabalho.*"
(G. Ramos, SB, 61.)

[O sujeito de *imaginei*, indicado pela desinência verbal, é *eu*, também sujeito de *iniciar*, verbo de forma infinitiva sem desinência pessoal.]

Neste outro passo o verbo está em forma finita:

"*Dessa impassibilidade guardo uma visão que não quisera também antecipar.*"
(G. Amado, DP, 113.)

[*Eu*, sujeito de *guardo*, é também o sujeito de *quisera antecipar*, perífrase em que o auxiliar de forma verbal finita não apresenta desinência pessoal.]

Sujeito indeterminado

Algumas vezes o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento. Dizemos, então, que o sujeito é indeterminado.

Nestes casos em que o sujeito não vem expresso na oração nem pode ser identificado, põe-se o verbo:

a) ou na 3.ª pessoa do plural:

"*Nunca lhe deram nada.*"
(C. Meireles, OP, 792.)

"*Mandaram chamar Isabela.*"
(A. M. Machado, HR, 190.)

b) ou na 3.ª pessoa do singular, com o pronome *se*:

"*Falava-se baixo, num burburinho, num zunzum.*"
(G. Amado, HMI, 144.)

"*Precisa-se de operários.*"
(A. M. Machado, CJ, 120.)

Os dois processos de indeterminação podem concorrer no mesmo período:

"*— Mataram uma moça! — comentava-se dentro dos bares.*"
(A. M. Machado, HR, 286.)

Não deve ser confundido o sujeito indeterminado, que existe, mas não se pode ou não se deseja identificar, com a inexistência do sujeito.

Em orações como as seguintes:

Chove. *Amanhece.* *Faz calor.*

interessa-nos o processo verbal em si, pois não o atribuímos a nenhum ser. Diz-se, então, que o verbo é impessoal; e o sujeito, inexistente.

Eis os principais casos de inexistência do sujeito:

a) com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza:

"Chovia o dia inteiro, a noite inteira."
(G. Ramos, VS, 109.)

"No Nordeste faz calor também."
(M. Bandeira, PP, I, 331.)

b) com o verbo *haver* na acepção de "existir":

"Há poemas perfeitos, não há poetas perfeitos."
(M. Bandeira, PP, II, 25.)

"Há dores secas, como há cóleras mudas."
(M. de Assis, OC, I, 393.)

c) com os verbos *fazer*, *haver* e *ir*, quando indicam tempo decorrido:

"Aí vai esse poema escrito faz um ano."
(M. de Andrade, CMB, 65.)

"Mas há muitos anos que o Paraíba não repetia a façanha."
(J. L. do Rego, ME, 26.)

"Levava a preocupação absorvente de encontrar cartas de casa porque vai para dois meses que não as recebo."
(E. da Cunha, OC, II, 661.)

d) com o verbo *ser*, na indicação do tempo em geral:

"Era noite fechada."
(C. Neto, OS, I, 932.)

"É tarde, e eles não vêm!"
(R. Correia, PCP, 316.)

Observações

1.ª) Nas orações impessoais o verbo ser *concorda em número e pessoa com o predicativo. Veja-se, a propósito, o Capítulo VII, 6.*

2.ª) Também ocorre a impessoalidade nas locuções verbais. Neste caso, o verbo principal transmite sua impessoalidade ao verbo auxiliar:

"Lá não pode haver *mais bichos do que no meu sertão e eu, graças a Deus, ainda estou aqui, vivo."*

(C. Neto, OS, I, 99.)

3.ª) Na linguagem coloquial do Brasil é corrente o emprego do verbo **ter** *como impessoal, à semelhança de* **haver**. *Escritores modernos — e alguns dos maiores — não têm duvidado em alçar a construção à língua literária:*

*"*Tem *noites em que me dá vontade de gritar, berrar, não sei, fico numa irritação que só vendo."*

(M. de Andrade, CMB, 97.)

"Em Pasárgada tem *tudo,*
É outra civilização..."

(M. Bandeira, PP, I, 222.)

4.ª) Em sentido figurado, os verbos que exprimem fenômenos da natureza podem ser empregados com sujeito:

*"*Os oficiais anoiteceram *e não* amanheceram *na propriedade."*

(J. L. do Rego, ME, 70.)

"Também a esperança
Orvalhou *os campos da minha visão involuntária..."*

(F. Pessoa, OP, 371.)

"De quando em quando rumores surdos trovejavam *ao longe."*

(C. Neto, OS, I, 1.428.)

Da atitude do sujeito

Quando o verbo exprime uma ação, a atitude do sujeito com referência ao processo verbal pode ser de atividade, de passividade, ou de atividade e passividade ao mesmo tempo.

Com verbos de ação

1. Neste exemplo:

A madrinha penteava *o menino doente.*

o sujeito *a madrinha* executa a ação expressa pela forma verbal *penteava*. O sujeito é, pois, o agente.

2. Neste exemplo:

O menino doente era penteado pela madrinha.

a ação não é praticada pelo sujeito o *menino*, mas pelo agente da passiva — *a madrinha*. O sujeito, no caso, sofre a ação; é dela o paciente.

3. Neste exemplo:

A madrinha penteava-se.

a ação é simultaneamente exercida e sofrida pelo sujeito *a madrinha*. O sujeito é então, a um tempo, o agente e o paciente dela.

Observação

Como vemos, na voz ativa, o termo que representa o agente é o sujeito do verbo; o que representa o paciente é o objeto direto. Na voz passiva, o paciente torna-se o sujeito do verbo.

Com os verbos de estado

1. Quando o verbo evoca um estado, a atitude da pessoa ou da coisa que dele participa é de neutralidade. O sujeito, no caso, não é o agente nem o paciente, mas a sede do processo verbal, o lugar onde ele se desenvolve:

"*Pedro estava alegre, Paulo preocupado.*"
(*M. de Assis, OC, 929.*)

"*O velho parecia em êxtase.*"
(*A. Arinos, OC, 332.*)

2. Incluem-se naturalmente entre os verbos que evocam um estado, ou melhor, uma mudança de estado, os incoativos como *adoecer*, *emagrecer*, *empobrecer*, equivalentes a *ficar doente*, *ficar magro*, *ficar pobre*.

O predicado

Ao estudarmos a natureza do predicado, vimos que ele pode ser nominal, verbal ou verbo-nominal.

Predicado nominal

O predicado nominal é formado por um verbo de ligação + predicativo.

1. O verbo de ligação pode expressar:

a) estado permanente:

"*As almas são incomunicáveis.*"
(*M. Bandeira, PP, I, 365.*)

b) estado transitório:

"*Ambos estavam acanhados.*"
(*M. de Assis, OC, I, 75.*)

"*Meu Deus, como ando ocupado!*"
(*M. de Andrade, CMB, 74.*)

c) mudança de estado:

"*Fiquei perplexo.*"
(*R. Pompéia, A, 94.*)

"*Gerebita tornara-se enfadonho.*"
(*M. Lobato, U, 101.*)

d) continuidade de estado:

"*Os dentes continuavam alvíssimos.*"
(*G. Amado, HMI, 54.*)

"*A terra, porém, permanece elevada...*"
(*E. da Cunha, OC, II, 98.*)

e) aparência de estado:

"*As moças não pareciam tristes.*"
(*A. M. Machado, HR, 77.*)

Observação

Os verbos de ligação (ou copulativos) servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal. Não trazem propriamente idéia nova ao sujeito; funcionam como elo entre este e o seu predicativo.

Como há verbos que se empregam ora como copulativos, ora como significativos, convém atentar sempre no valor que apresentam em determinado contexto a fim de classificá-los com acerto. Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Ando ocupado.	*Andei duas léguas.*
Fiquei perplexo.	*Fiquei em casa.*
Permanece elevada.	*Permanece no cargo.*

Nas primeiras, os verbos **andar, ficar** *e* **permanecer** *são verbos de ligação; nas segundas, verbos significativos.*

2. O predicativo pode ser representado:

a) por substantivo ou expressão substantivada:

"*A mãe é a flor, os filhos são o fruto.*"
(*C. C. Branco, OS, I, 828.*)

"*Tenho saudades de mim,*
De quando, de alma alheada,
Eu era não ser assim,
E os versos vinham de nada."
(F. Pessoa, OP, 92.)

b) por adjetivo ou locução adjetiva:

"*Era ruim, era ingrata, sem préstimo.*"
(J. L. do Rego, FM, 279.)

c) por pronome:

"*Talvez nós não sejamos nós.*"
(C. Meireles, OP, 362.)

"*Tudo isto é nada.*"
(F. Pessoa, OP, 114.)

d) por numeral:

"*Todos eram um.*"
(A. Peixoto, RC, 269.)

e) por oração substantiva predicativa:

"*O difícil era conter a turma nos seus excessos.*"
(A. M. Machado, CJ, 235.)

Observações

1.ª) O pronome o, *quando funciona como predicativo, é demonstrativo:*

"*Eu sou o que de mim fazem...*"
(A. Peixoto, RC, 833.)

"*Não podia crer que o amor de Jorge não fosse sincero; era-o; parecia-o, ao menos.*"
(M. de Assis, OC, 393.)

2.ª) O predicativo pode referir-se ao objeto, aplicação esta que estudaremos adiante.

3.ª) Quando se deseja chamar a atenção para o predicativo, costuma-se repeti-lo:

"*Orgulhoso, apaixonado pela própria imagem — isso ele o foi!*"
(A. F. Schmidt, F, 131.)

É o que se chama **predicativo pleonástico.**

Predicado verbal

O predicado verbal tem como núcleo, isto é, como elemento principal da declaração que se faz do sujeito, um verbo significativo.

Verbos significativos são aqueles que trazem uma idéia nova ao sujeito. Podem ser intransitivos e transitivos

Verbos intransitivos

Nestas orações:

"*O cocheiro parou. Os passageiros saltaram.*"
(*L. Barreto, REIC, 242.*)

verificamos que a ação está integralmente contida nas formas verbais *parou* e *saltaram*. Tais verbos são, pois, intransitivos, ou seja, não transitivos; a ação não vai além do verbo.

Verbos transitivos

Nestas orações:

"*Helena desvia a cabeça. Mário acaricia-lhe os cabelos.*"
(*A. M. Machado, HR, 212.*)

vemos que as formas verbais *desvia* e *acaricia* exigem termos para completar-lhes o significado. Como o processo verbal não está integralmente contido nelas, mas se transmite a outros elementos (o substantivo *cabeça* na primeira oração, o pronome *lhe* e o substantivo *cabelos* na segunda), estes verbos se chamam transitivos.

Os verbos transitivos podem ser diretos, indiretos, ou diretos e indiretos ao mesmo tempo.

1. Verbos transitivos diretos. Nestas orações:

"*— Cumpra o seu dever. Mantenha a ordem.*"
(*G. Amado, HMI, 123.*)

a ação expressa por *cumpra* e *mantenha* se transmite a outros elementos (*o seu dever* e *a ordem*) diretamente, ou seja, sem o auxílio de preposição. São, por isso, chamados transitivos diretos, e o termo da oração que lhes integra o sentido recebe o nome de objeto direto.

2. Verbos transitivos indiretos. Nestes exemplos:

"*Assisti a algumas touradas.*"
(*A. F. Schmidt, AP, 175.*)

"*Lembro-me dos mais longínquos tempos.*"
(*A. F. Schmidt, GB, 265.*)

a ação expressa por *assisti* e *lembro-me* transita para outros elementos da oração (*algumas touradas* e *os mais longínquos tempos*) indiretamente, isto é, por meio das preposições *a* e *de*. Tais verbos são,

por conseguinte, transitivos indiretos. O termo da oração que completa o sentido do verbo transitivo indireto denomina-se objeto indireto.

3. Verbos simultaneamente transitivos diretos e indiretos. Nestes exemplos:

"*Contaria tudo ao marido.*"
(*M. de Assis, OC, I, 687.*)

"*O povo deu-lhe razão.*"
(*J. de Alencar, OC, II, 502.*)

a ação expressa por *contaria* e *deu* transita para outros elementos da oração, a um tempo direta e indiretamente. Por outras palavras: estes verbos requerem simultaneamente objeto direto e objeto indireto para completar-lhes o sentido.

Predicado verbo-nominal

Não são apenas os verbos de ligação que se constroem com predicativo do sujeito. Também verbos significativos podem ser empregados com ele.

Nestas orações:

"*Virgília entrou risonha e sossegada.*"
(*M. de Assis, OC, I, 491.*)

"*Luís abaixou os olhos, pensativo.*"
(*A. Peixoto, RC, 277.*)

os verbos *entrou* e *abaixou* são significativos. Na primeira oração *risonha* e *sossegada* referem-se ao sujeito *Virgília*, qualificando-o. Também *pensativo* é uma qualificação de *Luís*, o sujeito da segunda oração.

A este predicado misto, que possui dois núcleos significativos (um verbo e um predicativo), dá-se o nome de verbo-nominal.

Observação

No predicado verbo-nominal o predicativo anexo ao sujeito pode vir antecedido de preposição, ou do conectivo como:

"*A descrição poderia ser acoimada de desgraciosa; mas de hipérbole não.*"
(*C. C. Branco, OS, I, 699.*)

"*Gomes Ribeiro, que não se misturava com quem quer que fosse, era conhecido como o Fonema.*"
(*A. F. Schmidt, GB, 107.*)

Variabilidade de predicação verbal

A análise da transitividade verbal é feita dentro da frase. Considerado isoladamente, um verbo não é transitivo nem intransitivo. Esta a razão por que o mesmo verbo pode estar empregado ora intransitivamente, ora transitivamente; ora com objeto direto, ora com objeto indireto. Comparem-se os seguintes exemplos:

"— *Enchei-vos d'água, meus olhos,*
Enchei-vos d'água, chorai!"
(*A. Boto, C, 28.*)

"*Pobre José Dias! Por que hei de negar que chorei por ele?*"
(*M. de Assis, OC, I, 866.*)

"*Choraram* ambos *algumas lágrimas furtivas.*"
(*M. de Assis, OC, II, 153.*)

A regência verbal será estudada com maior desenvolvimento no Capítulo VII, 6.

A oração e os seus termos integrantes

Examinando as partes assinaladas nas orações abaixo:

"*Dava azo à dúvida uma luz vermelha a piscar na escuridão da noite.*"
(*M. Lobato, U, 91.*)

"*A noite parisiense é rica de mistérios.*"
(*A. F. Schmidt, AP, 89.*)

"*O forasteiro desviou os olhos.*"
(*J. de Alencar, OC, III, 247.*)

"*Não sei que diga do marido relativamente ao baile da ilha.*"
(*M. de Assis, OC, I, 935.*)

verificamos: no primeiro exemplo, o substantivo *dúvida* está relacionado com o substantivo *azo* por meio da preposição *a*; no segundo, o substantivo *mistérios* se relaciona com o adjetivo *rica* através da preposição *de*; no terceiro, o substantivo *olhos* integra o sentido da forma verbal *desviou*; no quarto, o *baile da ilha* prende-se ao advérbio *relativamente* por intermédio da preposição *a*.

Vemos, assim, que há palavras que completam o sentido de substantivos, de adjetivos, de verbos e de advérbios. As que se ligam por preposição a substantivo, adjetivo ou advérbio chamam-se complementos nominais. Denominam-se complementos verbais as que integram o sentido do verbo.

Complemento nominal

O complemento nominal representa o alvo para o qual tende um sentimento, disposição ou movimento, e desempenha em relação ao nome o mesmo papel que o complemento verbal em relação ao verbo.

Pode ser representado por:

a) substantivo (acompanhado de seus modificadores):

"Fiquei ansioso pelo sábado."
(M. de Assis, OC, I, 796.)

"Fiquei indiferente a todos os seus agrados."
(J. L. do Rego, E, 112.)

b) pronomes:

"Você, que é íntimo dele, não nos podia dizer o que há, o que houve, que motivo. . ."
(M. de Assis, OC, II, 265.)

"Não estava contente comigo."
(M. de Assis, OC, II, 973.)

c) numeral:

"A vida dele era necessária a ambas."
(M. de Assis, OC, I, 393.)

d) A palavra ou expressão substantivada:

"Passo, fantasma do meu ser presente,
Ébrio, por intervalos, de um Além."
(F. Pessoa, OP, 392.)

"A certeza do hoje nasce da lembrança do ontem."
(O. Bilac, DN, 51.)

e) oração completiva nominal:

"Tomei consciência de que era um poeta menor. . ."
(M. Bandeira, PP, II, 22.)

Observações

1.ª) O complemento nominal pode estar integrando o sujeito, o predicativo, o objeto direto, o objeto indireto, o agente da passiva, o adjunto adverbial, o aposto e o vocativo.

2.ª) *Convém ter presente que o nome cujo sentido o complemento nominal integra corresponde, geralmente, a um verbo transitivo de radical semelhante:*

conhecimento da verdade ..... conhecer a verdade
defesa da lei .... defender a lei

Complementos verbais

1. Objeto direto é o complemento de um verbo transitivo direto, ou seja, o complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a ação verbal.

Pode ser representado por:

a) substantivo:

"Amava a vida, a esposa e tinha muitos planos."
(A. F. Schmidt, F, 171.)

b) pronome (substantivo):

"Não direi nada; essa palavra explica tudo."
(M. de Assis, OC, I, 400.)

c) numeral:

"Nessa noite deixou cinco ou seis estirados."
(G. Amado, HMI, 185.)

d) palavra ou expressão substantivada:

"Com que ânsia tão raiva
Quero aquele outrora!"
(F. Pessoa, OP, 71.)

"Se a melodia me cerca
Vivo só o me cercar..."
(F. Pessoa, OP, 76.)

e) oração substantiva (objetiva direta):

"Os prelúdios da música anunciavam que a festa ia começar."
(J. de Alencar, OC, II, 482.)

"Não sei se viu alguma coisa."
(C. Neto, OS, I, 501.)

2. Saliente-se, ainda, que na constituição do objeto direto podem entrar mais de um substantivo ou mais de um dos seus equivalentes:

"Ouviria Rubião louvar-lhe a afouteza e o garbo..."
(M. de Assis, OC, I, 678.)

"*Inácio ponderou tudo isto. Mediu prós e contras.*"

(*M. Lobato, U, 187.*)

Objeto direto preposicionado [1]

1. O objeto direto costuma vir regido da preposição *a*:

a) com os verbos que exprimem sentimentos:

"— *Ama a outro, não é? perguntou ele com a voz trêmula.*"

(*M. de Assis, OC, I, 167.*)

b) para evitar ambigüidade:

"*Sabeis, que ao Mestre vai matá-lo!*"

(*M. Mesquita, LT, 66.*)

c) quando vem antecipado, como no provérbio:

"*A homem ruivo e mulher barbuda de longe os saúda.*"

2. O objeto direto é obrigatoriamente preposicionado quando expresso por pronome pessoal oblíquo tônico:

"*Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala, a mulher e a si.*"

(*M. de Assis, OC, I, 679.*)

Objeto direto pleonástico

1. Quando se quer chamar a atenção para o objeto direto, que precede o verbo, costuma-se repeti-lo. É o que se chama objeto direto pleonástico. No objeto direto pleonástico uma das formas é sempre um pronome pessoal átono.

"*A educação cívica, devemos ser os primeiros a aprendê-la, meditá-la e praticá-la.*"

(*O Bilac, DN, 40.*)

"*O retrato guardei-o com recato, depois de ver e rever: contudo prefiro o original. As cartas, abri-as e li.*"

(*A. Peixoto, RC, 417.*)

---

1) Sobre o emprego do objeto direto preposicionado em português, leia-se a excelente monografia de Karl Heinz Delille: *Die geschichtliche Entwicklung des präpositionalen Akkusativs im Portugiesischen*. Bonn, 1970.

2. O objeto direto pleonástico pode ser constituído de um pronome átono e de uma forma pronominal tônica preposicionada:

> "*Otelo diz de sua mulher, — que ela o amara a ele pelas suas desgraças; e ele a ela porque dele se apiedava.*"
> (*G. Dias, PCPE, 817-818.*)

> "*Algumas pessoas começaram a mofar do Rubião e da singular incumbência de guardar um cão em vez de ser o cão que o guardasse a ele.*"
> (*M. de Assis, OC, I, 563.*)

Objeto indireto

1. Objeto indireto é o complemento de um verbo transitivo indireto, isto é, o complemento que se liga ao verbo por meio de preposição.

Pode ser representado por:

a) substantivo ou palavra substantivada:

> "*Quincas Borba divergiu do alienista em relação ao meu criado.*"
> (*M. de Assis, OC, I, 546.*)

b) pronome (substantivo):

> "*Sofia foi apresentá-lo a elas.*"
> (*M. de Assis, OC, I, 580.*)

c) numeral:

> "*Rubião gostava de ambos, mas diferentemente; não era só a idade que o ligava mais ao Freitas, era também a índole deste homem.*"
> (*M. de Assis, OC, I, 575.*)

d) palavra ou expressão substantivada:

> "*Na praia só um cabo morto e uns restos de vela falam*
>
> *Do Longe, das horas do Sul...*"
> (*F. Pessoa, OP, 37.*)

e) oração substantiva (objetiva indireta):

> "*Mandamos avisá-la de que o senhor não desembarcaria com os demais passageiros.*"
> (*G. Amado, DP, 146.*)

2. Como o objeto direto, o objeto indireto pode ser constituído de mais de um substantivo ou mais de um dos seus equivalentes:

"*Devia tudo às irmandades e à fazenda.*"
(*C. C. Branco, OS, II, 481.*)

3. Não vem precedido de preposição o objeto indireto representado pelos pronomes pessoais oblíquos *me, te, lhe, nos, vos, lhes*, e pelo reflexivo *se*. Note-se que o pronome oblíquo *lhe (lhes)* funciona essencialmente como objeto indireto:

"*Entregou-lhe a carta.*"
(*A. M. Machado, JT, 69.*)

"*Rubião deu-se pressa em soltá-lo.*"
(*M. de Assis, OC, I, 574.*)

Observação

A propósito do emprego dos pronomes oblíquos (tônicos e átonos), bem como do modo por que se podem combinar, leia-se o que dizemos no Capítulo VII, 4.

Objeto indireto pleonástico

Com a finalidade de realçá-lo, costuma-se repetir o objeto indireto. Neste caso, uma das formas é obrigatoriamente um pronome pessoal átono. A outra pode ser um substantivo ou um pronome oblíquo tônico precedido de preposição:

"*Aos meus escritos, não lhes dava importância nenhuma.*"
(*G. Amado, HMI, 190.*)

"*A mim ensinou-me tudo.*"
(*F. Pessoa, OP, 145.*)

Observação

Sobre o claro valor significativo da preposição que encabeça um adjunto adverbial em contraste com o acentuado esvaziamento de sentido da que introduz um objeto indireto, veja-se o que escrevemos no Capítulo VII, 8.

Predicativo do objeto

1. Tanto o objeto direto como o indireto podem ser modificados por predicativo. O predicativo do objeto só aparece no predicado verbo-nominal, e é expresso:

a) por substantivo:

"*O trabalho raivoso formara-o homem.*"
(*O. de Andrade, MSJM, 163.*)

"*Promete que algum dia me fará baronesa?*"
(M. de Assis, *OC*, I, 462.)

b) por adjetivo:

"*Vi Raul Soares sério, nunca o vi triste.*"
(G. Amado, *PP*, 203.)

"*Subimos a ladeira, achamos a igreja aberta e entramos.*"
(M. de Assis, *OC*, II, 568.)

2. Como o predicativo do sujeito, o do objeto pode vir antecedido de preposição, ou do conectivo *como*:

"*Conheciam-no por Tonico Ferreiro, mas, à sua vista, todos o tratavam por Mestre ou Seu Mestre.*"
(A. Arinos, *OC*, 397.)

"*Deram-no afinal como morto.*"
(A. M. Machado, *JT*, 218.)

Observação

Somente com o verbo **chamar** *pode ocorrer o predicativo do objeto indireto:*

"*— Lisboa, você chama ao padrinho cavalheiro de indústria.*"
(A. Peixoto, *RC*, 680.)

Chamava-lhe perversa."
(M. de Assis, *OC*, I, 807.)

Com os demais verbos que admitem esse predicativo (por exemplo: **crer, eleger, encontrar, estimar, fazer, nomear, proclamar** *e sinônimos), ele é sempre um modificador do objeto direto. Por isso, filólogos como Epifânio da Silva Dias e Martinz de Aguiar preferem considerar o complemento no caso — seja expresso pelo pronome* **lhe**, *seja por um substantivo antecedido de preposição — como objeto direto.*

Agente da passiva

Agente da passiva é o complemento que, na voz passiva com auxiliar, designa o ser que pratica a ação sofrida ou recebida pelo sujeito. Este complemento verbal — normalmente introduzido pela preposição *por* (ou *per*) e, algumas vezes, por *a* e *de* — pode ser representado:

a) por substantivo ou palavra substantivada:

"*— A mulher foi educada por minha mãe.*"
(M. de Assis, *OC*, I, 343.)

"*Por felicidade, D. Pedro não estava na Quinta do Azeitão na noite em que foi ela cercada de tropas para a prisão do Duque de Aveiro.*"
(A. Arinos, OC, 411.)

"*O velho autêntico tinha sido substituído pelo velho fingido.*"
(M. Bandeira, PP, II, 366.)

b) por pronome:

"*Acreditava realmente que nada seria ignorado por ele, quando quisesse saber.*"
(A. Arinos, OC, 200.)

"*Não ignora V. Ex.ª que o Doutor Samuel é estimado de todos.*"
(J. de Alencar, OC, IV, 479.)

c) por numeral:

"*Tudo quanto os leitores sabem de um e outro foi ali exposto por ambos, e por ambos ouvido entre abatimento e cólera.*"
(M. de Assis, OC, II, 212-213.)

"*Aires era amado dos dous.*"
(M. de Assis, OC, I, 929.)

d) por oração substantiva:

"*Poucas linhas, corteses, símplices, naturais, feitas por quem parecia senhor da situação.*"
(M. de Assis, OC, I, 172.)

"*O elenco era formado por quem soubesse ao menos ler as 'partes', velhos, moços, crianças.*"
(G. Amado, HMI, 130.)

Transformação de oração ativa em passiva

1. Quando uma oração apresenta um verbo construído com objeto direto, ela pode assumir a forma passiva, mediante as seguintes transformações:

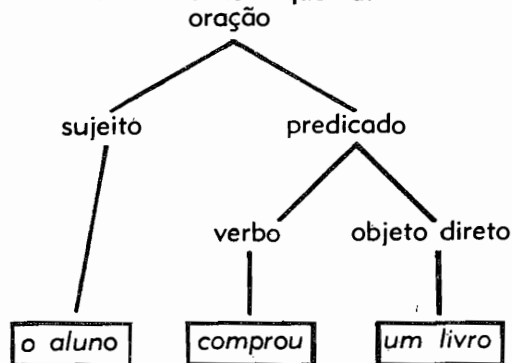
a) o objeto direto passa a ser o sujeito da passiva;

b) o verbo passa à forma passiva analítica do mesmo tempo e modo;

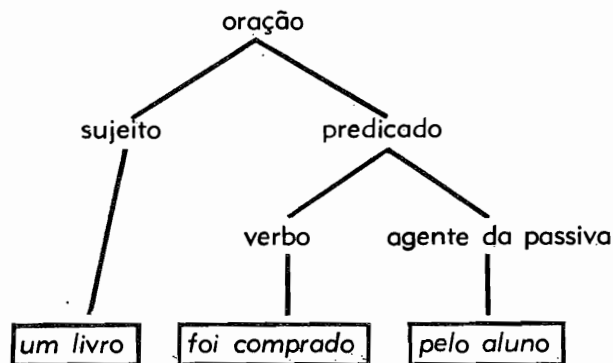
c) o sujeito converte-se em agente da passiva.

Tomando como exemplo a seguinte oração ativa:

O aluno comprou um livro.

poderíamos colocá-la no esquema:

Convertida na oração passiva:

"*Um livro foi comprado pelo aluno.*"

o seu esquema seria:

2. Se, numa oração da voz ativa, o verbo estiver na 3.ª pessoa do plural, para **indicar sujeito indeterminado**, na transformação passiva **cala-se o agente**.

Assim:

voz ativa	**voz passiva**
Venderam a casa.	*A casa foi vendida.*
Venderam as casas.	*As casas foram vendidas.*

Observações

1.ª) Cumpre não esquecer que, na passagem de uma oração da voz ativa para a passiva, ou vice-versa, o agente e o paciente continuam os mesmos; apenas desempenham função sintática diferente.

2.ª) Na voz passiva pronominal, a língua moderna omite sempre o agente:

"Cumpriu-se o acordo à risca."
(M. de Assis, OC, II, 318.)

"A reconciliação fez-se depressa."
(M. de Assis, OC, II, 390.)

A oração e os seus termos acessórios

Chamam-se acessórios os termos que se juntam a um nome ou a um verbo para precisar-lhes o significado. Embora tragam um dado novo à oração, não são eles indispensáveis ao entendimento do enunciado. Daí a sua denominação.

São termos acessórios: a) o adjunto adnominal; b) o adjunto adverbial; c) o aposto.

Adjunto adnominal

Adjunto adnominal é o termo de valor adjetivo que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo, qualquer que seja a função deste.

O adjunto adnominal pode vir expresso por:

a) adjetivo:

"Os galos brancos dormiam nos úmidos poleiros..."
(A. F. Schmidt, AP, 44.)

b) locução adjetiva:

"Uivos de cães entristeciam lamentosamente a noite alva."
(C. Neto, OS, I, 209.)

"O homem já estava acamado
Dentro da noite sem cor."
(M. Bandeira, PP, I, 339.)

c) artigo (definido ou indefinido):

"Uma banda de música enchia o jardim com os estridentes compassos."
(L. Barreto, REIC, 145.)

"Há em nós um gesto do instinto acenando para a beleza."
(R. Couto, PR, 124.)

d) pronome adjetivo:

"*Era o nosso corretor desses homens cujo estômago professa a maior independência em relação ao coração e à cabeça.*"
(*J. de Alencar, OC, I, 823.*)

e) numeral:

"*— Onze mortos e vinte e cinco feridos! repetiu duas ou três vezes o alienista.*"
(*M. de Assis, OC, II, 277.*)

f) oração adjetiva:

"*Eu contemplava os seres que passavam.*"
(*A. F. Schmidt, AP, 83.*)

Observação

O mesmo substantivo pode estar acompanhado por mais de um adjunto adnominal, como neste exemplo:

"*A bela dama é filha de um velho funcionário público.*"
(*M. de Assis, OC, I, 581.*)

Adjunto adverbial

Adjunto adverbial é, como o nome indica, o termo de valor adverbial que denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjetivo, ou de um advérbio:

O adjunto adverbial pode vir representado por:

a) advérbio:

"*A notícia transmitiu-se rapidamente.*"
(*J. de Alencar, OC, II, 437.*)

b) por locução ou expressão adverbial:

"*De repente ecoou pelo campo um grito no meio de confuso tropel.*"
(*J. de Alencar, OC, III, 520.*)

"*Azevedo riu-se a bandeiras despregadas.*"
(*M. de Assis, OC, II, 139.*)

c) por oração adverbial:

"*Quando há lua no céu, deito-me tarde.*"
(*A. de Guimaraens, OC, 598.*)

"*Agora, levam-me para ver o mar.*"
(*A. F. Schmidt, AP, 83.*)

Classificação dos adjuntos adverbiais

É difícil enumerar todos os tipos de adjuntos adverbiais. Muitas vezes, só em face do texto se pode propor uma classificação exata. Convém, no entanto, conhecer os seguintes:

a) de causa:

"*Só por feliz eu cantei.*"
(*S. da Gama, S-M, 61.*)

"*Ternura chorava de alegria.*"
(*A. M. Machado, JT, 208.*)

b) de companhia:

"*Leva contigo o nosso velho criado.*"
(*G. Dias, PCPE, 712.*)

"*— Tranqüiliza-te, não estou disposto a ir com eles...*"
(*A. Peixoto, RC, 139.*)

c) de dúvida:

"*Talvez o susto haja passado.*"
(*M. de Assis, OC, I, 392.*)

"*Acaso fulge ao sol de outros países,*
Por entre as balças de cheirosos lises,
A esposa que tua alma assim procura?"
(*C. Alves, OC, 177.*)

d) de fim:

"*No Ateneu formávamos a dous para tudo.*"
(*R. Pompéia, A, 50.*)

"*Confetes e serpentinas foram-me oferecidos para meus devaneios e brinquedos.*"
(*A. F. Schmidt, AP, 55.*)

e) de instrumento:

"*Tirou do bolso o rolo de fumo, preparou um cigarro com a faca de ponta.*"
(*G. Ramos, VS, 142.*)

"*Deixe; amanhã hei de acordá-lo a pau de vassoura!*"
(*M. de Assis, OC, II, 480.*)

f) de intensidade:

"*Sonho muito, falo pouco.*"
(C. Meireles, OP, 170.)

g) de lugar onde:

"*A noite rola nas ruas.*"
(A. F. Schmidt, AP, 184.)

"*Vivera, antes de vir morar em Sergipe, no Maranhão.*"
(G. Amado, HMI, 174.)

h) de lugar aonde[1]:

"*Chegamos afinal a uma casa.*"
(L. Barreto, REIC, 286.)

"*De noite foram ao teatro.*"
(M. de Assis, OC, 340.)

i) de lugar donde:

"*Quando voltei do colégio, já não a encontrei.*"
(G. Amado, HMI, 140.)

"*De um lado, os enfarados da cidade; de outro, os desconfiados da selva.*"
(A. M. Machado, CJ, 38.)

j) de lugar para onde:

"*Sigo para Genebra.*"
(A. Nobre, CBP, 60.)

"*Aos domingos saíam cedo para a missa.*"
(C. Neto, OS, I, 33.)

l) de lugar por onde:

"*O luar entrava pela janela.*"
(G. Ramos, SB, 237.)

"*A aeronave acaba de fechar o círculo sobre a cidade feérica com repassar pela ilha do Governador.*"
(A. Ribeiro, M, 198.)

---

1) **Sobre o emprego indiscriminado do lugar** *onde* **e** *aonde*, **veja-se p. 355.**

m) de matéria:

"Pois não estavam vendo que ele era de carne e osso? "

(*G. Ramos, VS, 139.*)

"De prata era a agulha,
E de ouro, o dedal."

(*C. Meireles, OP, 797.*)

n) de meio:

"Voltamos de bote para a ponta do Caju."

(*L. Barreto, REIC, 287.*)

"Voltávamos com a maré, a remo."

(*G. Amado, HMI, 110.*)

o) de modo:

"Saí sem destino, a esmo, melancolicamente aproveitando a estiada."

(*L. Barreto, REIC, 37.*)

"O mestre me tratava com benevolência excessiva."

(*J. L. do Rego, MVA, 208-209.*)

p) de negação:

"Não partas, não! Aqui todos te querem!"

(*C. Alves, OC, 177.*)

"Não me contavam nada de sua vida."

(*J. L. do Rego, ME, 78.*)

q) de tempo:

"Havia nessa noite teatro lírico."

(*J. de Alencar, OC, I, 994.*)

"Hoje despertei cheio de lembranças."

(*A. F. Schmidt, AP, 21.*)

Aposto

1. Aposto é o termo de caráter nominal que se junta a um substantivo, a um pronome, ou a um equivalente destes, a título de explicação ou de apreciação:

"Diamantino Dores, assim que se apanhou desenvincilhado dos importunos, meteu rasgadamente para a sala B. Inácio Chichorro, construtor de fama e homem de grandes cambalachos, filhote

de Covas, estava com o empregado, Temístocles da Conceição, a despachar o expediente do dia."
(A. Ribeiro, M, 165-166.)

"Nós, os meninos, queríamos encontrar os estragos da cheia."
(J. L. do Rego, ME, 30.)

2. Entre o aposto e o termo a que ele se refere há em geral pausa, marcada na escrita por vírgula, ou, em casos especiais, por dois pontos, travessão ou parênteses.

Pode, no entanto, não haver pausa entre o aposto e a palavra principal, quando esta é um termo genérico, especificado ou individualizado pelo aposto. Por exemplo:

A cidade de São Paulo
O poeta Camões
O mês de junho
O rei D. Manuel

Por seu caráter individualizante, este tipo de aposto, que pode vir ou não preposicionado, chama-se de especificação.

Observação

O aposto de especificação não deve ser confundido com certas construções formalmente semelhantes, como:

A garoa de São Paulo
As festas de junho
O soneto de Camões
A época de D. Manuel

Aí as expressões de São Paulo, de junho, de Camões *e* de D. Manuel *equivalem a adjetivos* (= paulistana, juninas, camoniano e manuelina) *e funcionam, portanto, como adjuntos adnominais.*

3. O aposto pode também:

a) ser representado por uma oração:

"Tive um movimento espontâneo: atirei-me em seu braços."
(M. de Assis, OC, II, 104.)

b) referir-se a uma oração inteira:

"A frasqueira tinha chave, mas não estava fechada, sinal de que a rapariga não tinha receio de alguém mexer ali."
(A. Arinos, OC, 297.)

c) ser enumerativo, ou recapitulativo:

"*Tudo no homem passeia: o corpo e a alma, os olhos e a imaginação.*"

(*J. de Alencar, OC, IV, 666.*)

"*Gauleses, merovíngios, cristãos, césares, legiões, perseguições, catacumbas, sacrifícios, martírios, tudo me transportava no vôo da poesia a uma região emotiva, alucinante.*"

(*G. Aranha, OC, 548.*)

Valores sintáticos do aposto

O aposto tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere.

Pode haver, pois:

a) aposto no sujeito:

"*Nós já tínhamos imaginado, mamãe e eu, fazer uma grande peregrinação.*"

(*G. Aranha, OC, 470.*)

"*Uma cousa o entristeceu, um pequenino escândalo.*"

(*R. Pompéia, A, 19.*)

b) aposto no predicativo:

"*Ele era o famoso Ricardão, o homem das beiras do Verde Pequeno.*"

(*G. Rosa, GSV, 203.*)

"*A segunda pessoa era um parente de Virgília, o Viegas, um cangalho de setenta invernos...*"

(*M. de Assis, OC, I, 483.*)

c) aposto no complemento nominal:

"*D. Tonica tinha fé em sua madrinha, Nossa Senhora da Conceição, e investiu a fortaleza com muita arte e valor.*"

(*M. de Assis, OC, I, 583.*)

"*João Viegas está ansioso por um amigo, que se demora, o Calisto.*"

(*M. de Assis, OC, II, 521.*)

d) aposto no objeto direto:

"*Duas especialidades tinha a padaria: os bolachões e umas roscas a que me referirei em seguida por causa do estranho nome que lhe deram.*"

(*G. Amado, HMI, 18.*)

"O pequeno italiano, na esquina, apregoava os jornais da tarde: *Notícia! Tribuna! Despacho!*"
(L. Barreto, REIC, 250.)

e) aposto no objeto indireto:

"Casara-se com um bacharel da Paraíba, o dr. Moreira Lima, juiz em Pilar."
(J. L. do Rego, MVA, 96.)

"Então Noé disse a seus filhos Jafé, Sem e Cam: — Vamos sair da arca, segundo a vontade do Senhor."
(M. de Assis, OC, II, 301.)

f) aposto no agente da passiva:

"O nosso candidato, o poeta Martins Júnior, era combatido pelo candidato baiano Filinto Bastos."
(G. Aranha, OC, 575.)

" 'Pata Larga' foi substituído pelo irmão José, marista enérgico mas cheio de compreensão."
(A. Meyer, SI, 114.)

g) aposto no adjunto adverbial:

"Você não tem relações aqui, no Rio, menino?"
(L. Barreto, REIC, 123.)

"Horácio de Almeida, o nosso leão, voltou a casa à hora do costume, quatro da tarde."
(J. de Alencar, OC, I, 577.)

h) aposto no aposto:

"Uma novidade os esperava: dous bustos de mármore, postos sobre ela, os dois Napoleões, o primeiro e o terceiro."
(M. de Assis, OC, I, 675.)

"Os primeiros foram os Vilelas, família composta de Justiniano Vilela, chefe de seção aposentado, D. Margarida, sua esposa, e D. Augusta, sobrinha de ambos."
(M. de Assis, OC, II, 193.)

i) aposto no vocativo:

"Peri, guerreiro livre, tu és meu escravo; tu me seguirás por toda a parte, como a estrela grande acompanha o dia."
(*J. de Alencar, OC, II, 138.*)

"Nesta viagem pelo ermo espaço,
Só busco o teu encontro e o teu abraço,
Morte! irmã do Amor e da Verdade!"
(*A. de Quental, SC, 104.*)

Aposto e predicativo

Com o aposto atribui-se a um substantivo a propriedade representada por outro substantivo. Os dois termos designam sempre o mesmo ser, o mesmo fato ou a mesma idéia.

Por isso, o aposto não deve ser confundido com o adjetivo que, em função de predicativo, costuma vir separado do substantivo que modifica por uma pausa sensível (indicada geralmente por vírgula na escrita). Numa oração como a seguinte:

"Os outros assistiam mudos à cerimônia."
(*G. Aranha, OC, 189.*)

que também poderia ser enunciada:

Os outros, mudos, assistiam à cerimônia.

ou:

Mudos, os outros assistiam à cerimônia.

mudos é predicativo de um predicado verbo-nominal.

O mesmo raciocínio aplica-se à análise de orações elípticas, cujo corpo se reduz a um adjetivo, que nelas desempenha a função de predicativo.

É o caso de frases do tipo:

"Veloz, detestava a carreira; alegre, fugia dos folguedos."
(*R. Pompéia, A, 116.*)

em que *veloz* e *alegre* não são apostos. Equivalem a orações adverbiais concessivas (= *embora fosse veloz* e *embora fosse alegre*), dentro das quais exercem a função de predicativo.

O adjetivo, enquanto adjetivo, "não pode em nenhum caso exercer a função apositiva, porque ele não designa o próprio ser, e sim *uma característica* do ser"[1].

Vocativo

1. Examinando os períodos abaixo:

"— *Cumprirei as vossas ordens, meu pai.*"
(*J. de Alencar, OC, II, 63.*)

"*Ó mar anterior a nós, teus medos*
Tinham coral e praias e arvoredos."
(*F. Pessoa, OP, 15.*)

observamos que, neles, os termos *meu pai* e *Ó mar anterior a nós* não estão subordinados a nenhum outro termo da frase. Servem apenas para invocar, chamar ou nomear, com ênfase maior ou menor, uma pessoa ou coisa personificada.

A estes termos de entoação exclamativa dá-se o nome de vocativo.

2. O vocativo pode referir-se a um termo da oração, sem que a ele esteja subordinado.

Se neste exemplo:

"*Eu vou morrer, meu Deus!*"
(*F. Varela, VA, 12.*)

o vocativo *meu Deus!* não tem relação alguma com os demais termos da frase, já nos seguintes:

"*Meu Anjo, a esta hora, tu que farás?*"
(*A. Nobre, Só, 105.*)

"*Deus te acompanhe, rapaz!*"
(*B. Lopes, VL, 139.*)

os vocativos *Meu Anjo* e *rapaz* relacionam-se, respectivamente, com o sujeito *tu*, na primeira oração, e com o objeto direto *te*, na segunda.

Observações

1.ª) Quando se quer dar mais ênfase à frase, costuma-se preceder o vocativo da interjeição ó! como neste passo:

"*Ó minha linda alegria,*
Trégua dos cuidados meus,
Por que não vens todo dia,
Se és toda vinda de Deus?"
(*M. Bandeira, PP, I, 23.*)

---

1) Georges Galichet. *Grammaire structurale du français moderne.* 2e éd. Paris-Limoges, 1968. p. 135.

2.ª) Na escrita, o vocativo normalmente vem isolado por vírgula, como no exemplo anterior, ou seguido de ponto de exclamação, como no seguinte:

> *"Georges! anda ver meu país de Marinheiros,*
> *O meu país das Naus, de esquadras e de frotas!"*
>
> *(A. Nobre, Só, 30.)*

3.ª) Cumpre distinguir o vocativo do substantivo que, acompanhado ou não de determinação, constitui por si mesmo o predicado em frases exclamativas do tipo:

Coragem! [= Tenha coragem!
Mãos à obra! [= Ponha mãos à obra!]

Colocação dos termos na oração

Ordem direta e ordem inversa

1. Em português, como nas demais línguas românicas, predomina a ordem direta, isto é, os termos da oração se dispõem preferentemente na seqüência:

sujeito + verbo + objeto direto + objeto indireto

ou

sujeito + verbo + predicativo

Essa preferência pela ordem direta é mais sensível nas orações enunciativas ou declarativas (afirmativas ou negativas). Assim:

João entregou a carta ao destinatário.
João é correto.
Joaquim não aceitou as explicações do amigo.
Joaquim não é cordato.

2. Ao reconhecermos a predominância da ordem direta em português, não devemos concluir que as inversões repugnem ao nosso idioma. Pelo contrário, com muito mais facilidade do que outras línguas (do que o francês, por exemplo), ele nos permite alterar a ordem normal dos termos da oração. Há mesmo certas inversões que o uso consagrou, e se tornaram para nós uma exigência gramatical.

Inversões de natureza estilística

Dos fatores que normalmente concorrem para alterar a seqüência lógica dos termos de uma oração, o mais importante é, sem dúvida, a ênfase.

Assim, o realce do sujeito é geralmente expresso por sua posposição ao verbo:

> *"Sublime és tu, bradei eu, lançando-lhe os braços ao pescoço."*
>
> *(M. de Assis, OC, I, 547.)*

O realce do predicativo, do objeto direto ou indireto e do adjunto adverbial, ao contrário, exprime-se de regra por sua antecipação ao verbo:

"*Curta foi a visita de Rubião.*"
(*M. de Assis, OC, I, 611.*)

"*O mistério do meu canto,*
Deus não soube, tu não viste."
(*C. Meireles, OP, 168.*)

"*A todas as perguntas, Capitu ia respondendo prontamente e bem.*"
(*M. de Assis, OC, I, 771.*)

"*Das tuas águas tão verdes*
Nunca mais me esquecerei."
(*C. Meireles, OP, 158.*)

"*Devagar a noite vem...*"
(*R. Couto, PR, 173.*)

"*Junto da ruína da ponte, bifurcavam-se antigas estradas.*"
(*A. Arinos, OC, 462.*)

Inversões de natureza gramatical

Neste capítulo, estudaremos apenas, com fundamento na prática dos escritores modernos e contemporâneos da língua, as condições que aconselham a alteração da ordem normal do verbo relativamente ao sujeito e ao predicativo, pois que, adiante, teremos oportunidade de examinar, com o necessário desenvolvimento, a posição: *a)* do adjetivo como adjunto adnominal (VII, 3.); *b)* dos pronomes, em particular dos pronomes pessoais átonos que servem de objeto direto ou indireto (VII, 4.); *c)* do advérbio (VII, 7.); e de outras classes de palavras em sua função oracional[1].

Inversão verbo + sujeito

1. A inversão verbo + sujeito verifica-se em geral:

a) nas orações interrogativas, quando o sujeito não é expresso por pronome interrogativo:

"Que *lhe fiz eu?*"
(*M. de Assis, OC, I, 385.*)

---

1) Quanto às inversões que se rotulam de figuras de sintaxe — tais como o hipérbato, a anástrofe e a sínquise —, serão objeto de análise especial no Capítulo X.

"Quantas folhas tem a rosa?
Quantos raios tem o sol?"
(A. de Quental, PR, 96.)

"Onde nos vimos nós?"
(C. Alves, OC, 175.)

"Não era ele seu grande eleitor?"
(L. Barreto, REIC, 86.)

b) nas orações que contêm uma forma verbal imperativa:

"Dorme tu, que eu velo, amor!"
(A. de Quental, PR, 105.)

"Dize-o tu, severa musa,
Musa libérrima, audaz!"
(C. Alves, OC, 281.)

c) nas orações em que o verbo está na passiva pronominal:

"Ao longe, ouvem-se gritos agudos de dor."
(A. Arinos, OC, 285.)

"Apagaram-se as luminárias, reconstituíram-se as famílias, tudo parecia reposto nos antigos eixos."
(M. de Assis, OC, II, 281.)

d) nas orações absolutas construídas com o verbo no subjuntivo para denotar uma ordem, uma hipótese, um desejo:

"Que não se apague este lume!"
(A. Meyer, P, 126.)

"Suceda a treva à luz!"
(O. Bilac, P, 116.)

"Benza-a Deus!"
(J. de Alencar, OC, III, 648.)

e) nas orações intercaladas:

"Cultura, dizia-me ele, é o dom de distinguir uma coisa de outra."
(A. F. Schmidt, GB, 264.)

"— Lá está ele embasbacado, diziam os transeuntes, de manhã."
(M. de Assis, OC, II, 265.)

f) nas orações reduzidas de infinitivo, de gerúndio e de particípio:

"Não me podia a Sorte dar guarida
Por não ser eu dos seus."
(F. Pessoa, OP, 12.)

"Ah, poder ser tu, sendo eu!"
(F. Pessoa, OP, 75.)

"Achada a solução do problema, não mais torturou a cabeça."
(A. Arinos, OC, 456.)

g) nas orações subordinadas adverbiais condicionais e concessivas construídas sem conjunção:

"Aprendêssemos nós essa mensagem, e cessaria de súbito a grande e áspera luta que devora os vivos."
(A. F. Schmidt, F, 302.)

"Criando os mundos, não ficou maior;
Não os criasse — o mesmo Deus seria."
(A. C. d'Oliveira, VSVA, 19.)

h) em certas construções com verbos unipessoais:

"Basta-me o teu amor."
(A. de Oliveira, Post., 44.)

"Sucederam muitos acidentes, como o que te vou referir."
(J. de Alencar, OC, I, 545.)

"Convém tudo isso, e muito mais e muito mais. . ."
(C. Meireles, OP, 17.)

"Doem me muito, neste momento, todas as boas recordações."
(E. da Cunha, OC, II, 665.)

i) nas orações que se iniciam pelo predicativo, pelo objeto (direto ou indireto) ou por um adjunto adverbial:

"Este é o mistério do meu coração."
(M. de Assis, OC, II, 257.)

"Essa justiça vulgar, porém, não me soube fazer o meu velho mestre."
(R. Barbosa, R, 86.)

"*Às advertências do velho Campos sucederam as desconfianças de D. Glória.*"
(J. L. do Rego, E, 250.)

"*Na casa de Aristarco reinava o maior silêncio.*"
(R. Pompéia, A, 266.)

2. A oração subordinada substantiva subjetiva coloca-se normalmente depois do verbo da principal:

"*É justo que me defenda.*"
(J. de Alencar, OC, IV, 132.)

"*É preciso prestar atenção à vida.*"
(G. Amado, DP, 253.)

3. Em princípio, os verbos intransitivos podem vir sempre antepostos ao seu sujeito:

"*Dorme a noite, encostada nas colinas.*
Como um sonho de paz e esquecimento
Desponta a lua. Adormeceu o vento,
Adormeceram vales e campinas..."
(A. de Quental, SC, 114.)

Observações

1.ª) Embora nos casos mencionados a tendência da língua seja manifestamente pela inversão verbo + sujeito, em quase todos eles é possível — e perfeitamente correta — a construção sujeito + verbo.

2.ª) O pronome relativo coloca-se no princípio da oração, quer desempenhe a função de sujeito, quer a de objeto.

"*Na sociedade, que se sedentarizava, o nômade ficou mal visto.*"
(A. Rangel, IV, 187.)

"*Desconfiava da impressão que o sítio tinha produzido sobre nós.*"
(R. M. F. de Andrade, V, 120.)

Inversão predicativo + verbo

1. O predicativo segue normalmente o verbo de ligação. Pode, no entanto, precedê-lo:

a) nas orações interrogativas e exclamativas:

"*Que monstro seria ela?*"
(J. L. do Rego, E, 255.)

"*— Que branca que ela é. Parece morta!*"
(F. Espanca, S, 38.)

b) em construções afetivas:

"Mais brasileira, mais tradicional, mais poética, incomparavelmente, é a festa de Nossa Senhora da Glória."

(M. Bandeira, PP, II, 149.)

2. Na voz passiva analítica, o particípio vem de regra posposto às formas do auxiliar *ser*. Costuma, no entanto, precedê-lo em frases afetivas denotadoras de um desejo:

"Bendito, santificado
Seja o teu nome, Senhor!"

(J. de Deus, FS, 62.)

Entoação oracional

1. Dos elementos constitutivos da voz humana é o tom, ou altura musical, o mais sensível às modificações emocionais. Agrada-nos ou desagrada-nos o tom de voz de uma pessoa. Notamos imediatamente se ela fala em *tom alto* ou *baixo*, ou se, pobre de inflexões, a sua elocução é *monótona*, isto é, de "um só tom", o que vale dizer "enfadonha". A fala expressiva exige variedade de tons e sua adequação ao pensamento.

A linha ou curva melódica descrita pela voz ao pronunciar palavras, orações e períodos chama-se entoação.

2. Os diferentes problemas suscitados pelas tentativas de interpretação da curva melódica têm posto à prova a argúcia dos lingüistas contemporâneos.

Entre esses problemas de solução delicada, sobreleva o de caracterizar o valor da entoação na frase, se nela desempenha uma função lingüística (significativa ou distintiva) determinada. Por outras palavras: interessa-nos saber preliminarmente se, pela simples diversidade da curva melódica, duas mensagens — no mais foneticamente idênticas — podem ser interpretadas de maneira distinta pelos usuários de uma mesma língua.

Em vista das razões que aduziremos a seguir, parece-nos lícito reconhecer a funcionalidade lingüística da entoação em nosso idioma.

Observação

"Existem certas leis de entoação comuns a todos os idiomas. Pelos movimentos do tom podemos seguir as linhas gerais da expressão, ouvindo uma conversa ou um discurso em idioma desconhecido. Uma acentuada deflexão da voz no fim de um grupo fônico indica o término de uma oração enunciativa; uma entoação final ascendente denota, pelo contrário, que a expressão do pensamento se acha ainda incompleta. A pergunta termina em geral com uma elevação da voz; a resposta finaliza com uma inflexão descendente. A alegria e a cólera produzem maior variedade de inflexões, intervalos mais extensos e tons mais agudos que a disposição de ânimo cotidiana e normal; o abatimento e a tristeza caracterizam-se, ao contrário, por formas de entoação baixas, monótonas e uniformes. Um caráter vivo e inquieto produz formas de entoação mais variadas que um caráter indolente e fleumático; as crianças falam com inflexões mais amplas e agitadas que os velhos; os doentes melancólicos falam com suavidade e monotonia; os monomaníacos exaltados empregam formas patéticas e declamatórias com inflexões bruscas e extremadas.

Ao lado dessas características de ordem geral, a entoação apresenta um sem-número de circunstâncias particulares pelas quais se diferenciam e se distinguem entre si não só os idiomas de família lingüística diversa, mas também aqueles que têm uma origem comum, e até pequenas modalidades regionais e locais de um mesmo idioma." (T. Navarro Tomás. **Manual de pronunciación española.** *14.ª ed. Madrid, 1968. p. 203-204.)*

Pela simples entoação, distinguimos, por exemplo, a fala de um português da de um brasileiro e, entre brasileiros, a de um carioca da de um nortista, de um gaúcho, de um mineiro, etc.

Grupo acentual e grupo fônico

No Capítulo II, definimos grupo acentual ou de intensidade como todo segmento de frase que se apóia em um acento tônico principal. A um ou vários grupos acentuais compreendidos entre duas pausas (lógicas, expressivas, ou respiratórias) damos o nome de grupo fônico.

Por exemplo: numa elocução lenta, o seguinte período de *Aníbal M. Machado* (JT, 71):

"O povo comprimia-se sob as marquises, e à porta dos edifícios."

apresenta cinco grupos acentuais:

O povo / comprimia-se / sob as marquises, / e à porta / dos edifícios.

Mas encerra apenas dois grupos fônicos:

O povo comprimia-se sob as marquises, // e à porta dos edifícios.

Observação

Advirta-se que o período de Aníbal M. Machado, em exame, poderia conter apenas um grupo fônico numa leitura rápida em que se eliminasse a pausa indicada pela vírgula:

"O povo comprimia-se sob as marquises e à porta dos edifícios."

Por outro lado, numa leitura em que se pretendesse valorizar significativamente os adjuntos adverbiais, teriam eles de ser enunciados entre pausas, com o que o período passaria a apresentar três grupos fônicos:

"O povo comprimia-se // sob as marquises, // e à porta dos edifícios."

Grupo fônico, unidade melódica

A unidade melódica é o segmento mínimo de um enunciado com sentido próprio e com forma musical determinada. Os seus limites coincidem com os do grupo fônico. Podemos, pois, considerar o grupo fônico o equivalente da unidade melódica[1].

Observação

Por sua figura tonal mais regular e definida, o verso presta-se, melhor do que a prosa, a uma divisão precisa em unidades melódicas. Os versos curtos (até sete sílabas) constam geralmente de um só grupo fônico. Os versos longos costumam apresentar internamente uma deflexão da voz, chamada cesura, que divide o verso em hemistíquios. Cada hemistíquio corresponde, em regra, a um grupo fônico. Veja-se, por exemplo, este decassílabo de Guilherme de Almeida (PV, 83), em que a vírgula está a indicar a cesura:

"Quanto mais juntos, tanto mais sozinhos."

---

1) Sobre a identificação do grupo fônico à unidade melódica leiam-se especialmente os estudos de T. Navarro Tomás: El grupo fónico como unidad melódica. In: *Revista de filología hispánica*. Buenos Aires – New York, I. 1939. p. 3-19; *Manual de entonación española*. New York, 1948, particularmente p. 37 e ss.

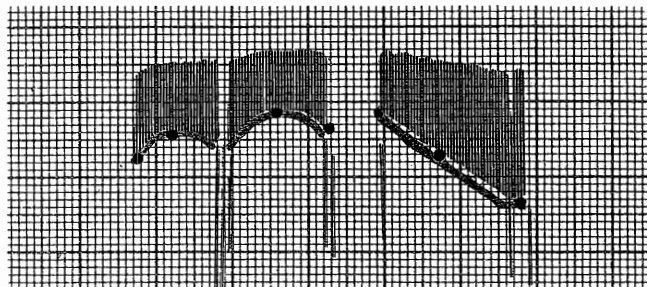
O grupo fônico e a oração

Caracterizada a unidade melódica, passemos à análise das diferenças que se observam na curva tonal descrita por três tipos de oração: a declarativa, a interrogativa e a exclamativa.

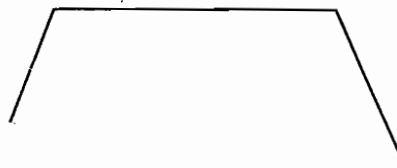
Oração declarativa

1. Examinando a seguinte oração, constituída de um só grupo fônico:

Eles vão ao cinema.

observamos que a voz descreve a curva melódica abaixo, marcada pelo mingógrafo[1]:

170 215 235 215 235 180 150

[ˈẹ l i ž ˈṽ ãw aw s i ˈn ẹ m a]

que poderíamos simplificar no esquema:

2. Notamos, com base no traçado acima, que o grupo fônico estudado compreende três partes distintas:

a) a parte inicial (ou ascendente), que começa em um nível tonal médio (= vibração de 170 ciclos

---

1) O *mingógrafo* é um aparelho que, funcionando junto com um indicador de melodia, registra diretamente sobre o papel, por meio de um jato de tinta, a linha do tom fundamental. No campo da fisiologia médica são variadas as aplicações deste tipo de oscilógrafo a jato líquido.

por segundo[1]), característico das frases afirmativas, e apresenta, em seguida, uma ascensão da voz, que atinge seu ponto culminante na primeira sílaba tônica *(vão)*;

b) a parte medial, em que a voz, com ligeiras ondulações, permanece, aproximadamente, no nível tonal alcançado (= vibração de 235 ciclos por segundo);

c) a parte final (ou descendente), em que a voz cai progressivamente a partir da sílaba *(ci)*, atingindo um nível tonal baixo no final da frase (= 150 ciclos por segundo).

3. Dessas três partes, a inicial e a final são as mais importantes da figura da entoação. Toda oração declarativa completa encerra uma parte inicial *ascendente* e uma parte final *descendente*, ambas muito nítidas e caracterizadas, em resumo, pelo que acabamos de ver:

1.º) a parte inicial (ou ascendente):

a) começa por um nível tonal médio;

b) a diferença de tom entre o ataque da frase e a primeira sílaba tônica não é muito acentuada;

2.º) a parte final (ou descendente):

a) termina em um nível tonal baixo;

b) a queda da voz a partir da última sílaba tônica ou da que imediatamente a precede é muito sensível em sua progressão.

4. No caso de ser a oração declarativa constituída de mais de um grupo fônico, o primeiro grupo começa com uma parte ascendente, e o último finaliza com uma descendente.

---

1) O tom é o resultado do número de vibrações completas das cordas vocais por unidade de tempo. A unidade de tempo é o segundo. Cada vibração dupla (completa) das cordas vocais chama-se, em fonética acústica, ciclo.
Os registros de mingógrafo (mingogramas) que ilustram e enriquecem este capítulo foram realizados, a nosso pedido, pela distinta foneticista brasileira, professora Mirian Teresinha da Mata Machado, no Instituto de Fonética da Universidade de Paris, quando aí preparava a sua monografia *Étude sur l'intonation du portugais de Rio*. Paris, 1966 (ainda inédita).

Oração interrogativa

No estudo da entoação interrogativa não se pode deixar de considerar previamente o fato de iniciar-se ou não a frase por pronome ou advérbio interrogativo, pois que a curva tonal é distinta nos dois casos.

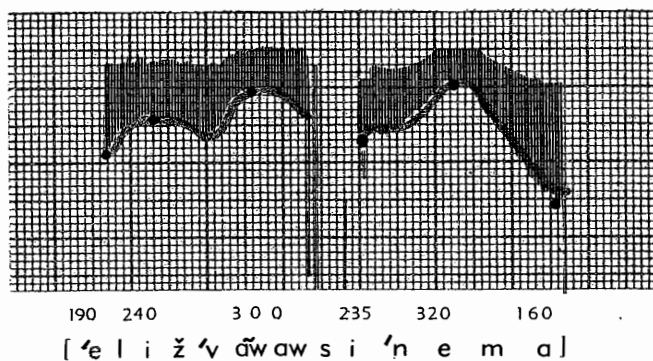
Orações não iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo

1. Tomando como exemplo a mesma oração declarativa e enunciando-a de forma interrogativa:

Eles vão ao cinema?

observamos que ela descreve a curva melódica:

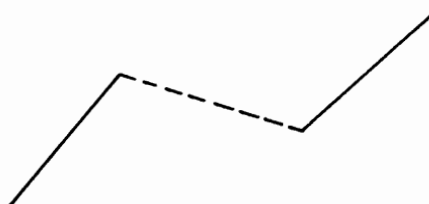
190 240 300 235 320 160

[ˈe̤ l i ž ˈv ãw aw s i ˈn e̤ m a]

cujas características são as seguintes:

a) o ataque da frase começa por um nível tonal mais alto do que na oração declarativa;

b) na parte medial do segmento melódico, há uma queda de voz, que, embora mais acentuada do que nas orações declarativas, não altera o caráter ascendente deste tipo de interrogação;

c) a voz sobe acentuadamente na última vogal tônica, ponto culminante da frase; em seguida, apresenta uma queda brusca, apesar de manter-se em nível tonal elevado.

Em síntese: para este tipo de interrogação absoluta, na qual esperamos uma resposta categórica — *sim*, ou *não* —, podemos propor o esquema:

2. Comparando esta curva à da oração declarativa estudada, verificamos que elas se assemelham em terem ambas a parte inicial ascendente e a parte medial relativamente uniforme.

Distinguem-se, porém:

a) quanto à parte final: descendente, na declarativa; ascendente, na interrogativa;

b) quanto ao nível tonal: médio e baixo, na declarativa; alto e altíssimo, na interrogativa;

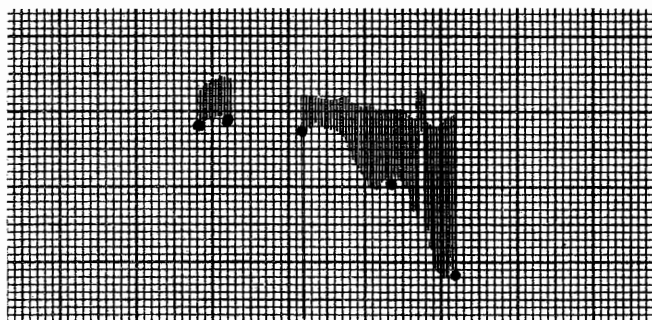
c) quanto à queda da voz a partir da última sílaba tônica: progressiva, na declarativa; brusca, na interrogativa.

3. Por ser a curva melódica descrita pela voz o único elemento que, na frase que estamos examinando, contribui para o caráter interrogativo da mensagem, temos de reconhecer que, em casos tais, a entoação apresenta inequívoco valor funcional em nossa língua.

Orações iniciadas por pronome ou advérbio interrogativo

Sirva-nos de exemplo a oração:

Como fez isto?

Em sua enunciação a voz descreve a seguinte curva melódica:

325 350 310 190 110

[ˈkọmu ˈˈf ẹ ˈz ɨ š t u]

São características de orações interrogativas deste tipo:

a) o ataque da frase que, iniciado em um nível tonal muito alto, sobe, às vezes, bruscamente, até a primeira sílaba tônica, sílaba esta que, na maioria dos casos, pertence ao pronome ou ao advérbio interrogativo, ou seja, ao elemento que realiza a função interrogativa da oração;

b) a curva melódica, que, após a primeira sílaba tônica, decresce progressivamente e de maneira mais acentuada do que nas frases declarativas.

Interrogação direta e indireta

1. Vimos que a interrogação pode ser expressa:

a) ou por meio de uma oração em que a parte final apresenta entoação ascendente, como em:

Eles vão ao cinema?

b) ou por uma oração iniciada por pronome ou advérbio interrogativo, em que a parte final pode apresentar ou não entoação ascendente, pelo exemplo:

Como fez isto?

Nesses dois casos dizemos que a interrogação é direta.

2. Existe, porém, um outro tipo de interrogação, chamada indireta, que se faz por meio de um período composto, em que a pergunta está contida numa oração subordinada de entoação descendente.

Exemplo:

Diga-me como fez isto.

Nas orações interrogativas indiretas a entoação apresenta as seguintes características:

a) o ataque da frase começa por um nível tonal alto; há uma elevação da voz na primeira sílaba tônica, seguida de um lento declínio da curva melódica até o final da frase;

b) o nível tonal da frase é, em geral, mais baixo que o da interrogação direta;

c) a queda da curva melódica é progressiva, semelhante à que observamos nas orações declarativas.

3. A escrita procura refletir a diferença tonal entre essas formas de interrogação com adotar o ponto de interrogação para marcar o término da interrogação direta, e o simples ponto, para o da indireta.

Oração exclamativa

1. Nas exclamações, a entoação depende de múltiplos fatores, especialmente do grau e da natureza da emoção de quem fala.

É a expressão emocional que faz variar o tom, a duração e a intensidade de uma interjeição monossilábica, a exemplo do que acontece com a interjeição *ai!* nestes versos de Cecília Meireles:

> "*Ai, que perdizes nos campos,*
> *e que rubras madrugadas!*"
> (OP, 697)

> "*Ai, que o coração não mente!*"
> (Ib., *ib.*)

> "*Ai, que nomes têm as coisas!*"
> (Ib., 638.)

> "*Ai, a filha de Marianinha!*
> *Ai, a neta do Rei D. João!*"
> (Ib., 851.)

Nas formas exclamativas de maior corpo, a expressão emocional concentra-se fundamentalmente ou na sílaba que recebe o acento de insistência (se houver), ou na sílaba em que recai o acento normal. Como o primeiro não tem valor rítmico, é o acento normal o ápice da curva melódica.

Assim, nas exclamações:

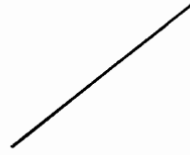
Covarde! *Miserável!* *Magnífico!*

a voz se eleva até a sílaba tônica e, depois de alguma demora, decai bruscamente. Obedecem elas, pois, ao esquema:

semelhante ao da oração declarativa.

Já em exclamações como:

Adeus! *Jesus!* *Oxalá!*

o grupo fônico pode ser ascendente, e se aproximar do esquema da entoação interrogativa:

2. Variedade maior em matizes de entoação apresentam, naturalmente, as frases exclamativas constituídas de duas ou mais palavras. A curva melódica dependerá sempre da posição da palavra de maior conteúdo expressivo, porque é sobre a sua sílaba acentuada que irão incidir o tom agudo, a intensidade mais forte e a maior duração.

Como a sílaba forte da palavra de maior valor expressivo pode ocupar a posição inicial, medial ou final da oração, três soluções devem ser consideradas:

a) se a sílaba em causa for a inicial, todo o resto do enunciado terá entoação descendente:

Deus lhe pague!

b) se for a final, a frase inteira terá entoação ascendente:

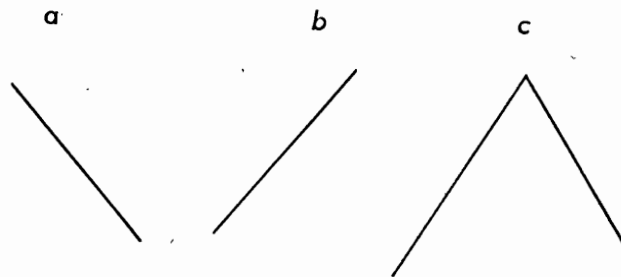
Queira Deus!

c) se for uma das sílabas mediais, a entoação será ascendente até a referida sílaba, e descendente dela até a final:

Ora, bolas!

Tempo horrível!

Jogo péssimo!

A linha tonal de cada um desses casos poderia ser assim esquematizada:

Conclusão

Do que dissemos uma conclusão se impõe: a linha melódica tem uma função essencialmente oracional. Com simples mudança de tom, podemos reforçar, atenuar ou, mesmo, inverter o sentido literal do que dizemos. É, por exemplo, a entoação particular que permite a uma forma imperativa exprimir os matizes que vão da ordem à súplica. Pela entoação que lhes emprestamos, frases como:

Pois sim!
Pois não!

podem ter ora valor afirmativo, ora negativo.

Enfim, a entoação reflete e expressa nossos pensamentos e sentimentos. É ela que insufla, pelo milagre musical, vida à frase — uma simples e amorfa massa sonora antes de receber, com a forma tonal, o seu sentido concreto.

Desenho a bico-de-pena de Potyguara Lazzaroto, 1971.

Capítulo VII

Morfo-sintaxe
1. Substantivo

A classe dos substantivos

1. Substantivo é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral. São, por conseguinte, substantivos:

a) os nomes de pessoas, animais, vegetais, lugares e coisas:

Carlos *gato* *palmeira* *América* *lápis*

b) os nomes de ações, estados e qualidades, tomados como seres:

devoção *civismo* *mocidade* *alegria* *altura*

2. Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve, *privativamente*, de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva. Qualquer palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo (pronome substantivo, numeral ou outra palavra substantivada).

Classificação dos substantivos

Substantivos concretos e abstratos

Chamam-se concretos os substantivos que designam os seres propriamente ditos, isto é, os nomes de pessoas, animais, vegetais, lugares e coisas:

mulher	*galo*	*alface*	*rua*	*pena*
Laura	*leão*	*roseira*	*monte*	*dedal*
José	*onça*	*árvore*	*Pará*	*bloco*
Fernando	*Apis*	*Acaiaca*	*Brasília*	*Durindana*

Dá-se o nome de abstratos aos substantivos que designam ações, estados e qualidades, considerados como seres:

alegria	*devoção*	*pobreza*	*severidade*
reflexão	*julgamento*	*caridade*	*fraqueza*
sabedoria	*censura*	*verdade*	*honestidade*
bravura	*ensino*	*pessimismo*	*amizade*

Substantivos próprios e comuns

Os substantivos podem designar a totalidade dos seres de uma espécie (designação genérica) ou um indivíduo de determinada espécie (designação específica).

Quando se aplica a todos os seres de uma espécie ou quando designa uma abstração, o substantivo é chamado comum

Quando se aplica a determinado indivíduo da espécie, o substantivo é próprio.

Assim, *mulher, continente, oceano* são comuns, porque se empregam para nomear todos os seres e todas as coisas das respectivas classes. *Amélia, Ásia* e *Atlântico*, ao contrário, são substantivos próprios, porque se aplicam a uma determinada mulher, a um dado continente e a um certo oceano.

Substantivos coletivos

Coletivos são os substantivos comuns que, no singular, designam um conjunto de seres ou coisas da mesma espécie.

Comparem-se, por exemplo, estas duas afirmações:

Noventa milhões de brasileiros ansiavam pela vitória.

O povo brasileiro ansiava pela vitória.

Na primeira enuncia-se um número enorme de brasileiros, mas representados como uma *quantidade de indivíduos*. Na segunda, sem indicação de número, sem indicar gramaticalmente a multiplicidade, isto é, com uma forma de singular, consegue-se agrupar maior número ainda de elementos, ou seja, *todos* os brasileiros como um conjunto harmônico.

Além desses coletivos que exprimem um todo, há na língua outros que designam:

a) uma parte organizada de um todo, como: *regimento, batalhão, companhia, divisão, pelotão* (partes do coletivo geral *exército*);

b) um grupo acidental; por exemplo: *multidão, bando: bando de andorinhas, bando de salteadores, bando de ciganos;*

c) um grupo de seres de determinada espécie: *boiada* (de bois), *ramaria* (de ramos);

d) corporações sociais, culturais e religiosas, que não são simples agrupamentos de seres, antes representam instituições de natureza especial, criadas para determinado fim, como *congresso, congregação, concílio*.

Eis alguns coletivos que merecem ser conhecidos:

alcatéia	(de lobos)
armada	(de navios de guerra)
armento	(de gado grande: bois, búfalos, etc.)
arquipélago	(de ilhas)
assembléia	(de parlamentares, de membros de associações, de companhias, etc.)
atilho	(de espigas)
banca	(de examinadores)
banda	(de músicos)
bando	(de aves, de ciganos, de malfeitores, etc.)
cabido	(de cônegos)
cacho	(de bananas, de uvas, etc.)
cáfila	(de camelos)
cambada	(de caranguejos, de chaves, de malandros, etc.)
cancioneiro	(conjunto de canções, de poesias líricas)
caravana	(de viajantes, de peregrinos, de estudantes, etc.)
cardume	(de peixes)
choldra	(de gente ordinária)
chusma	(de gente, de pessoas)
concílio	(de bispos)
conclave	(de cardeais para a eleição do Papa)
congregação	(de professores, de religiosos)
congresso	(conjunto de deputados e senadores, reunião de especialistas em determinado ramo do saber)
consistório	(de cardeais, sob a presidência do Papa)
constelação	(de estrelas)
corja	(de vadios, de tratantes, de velhacos, de ladrões)
coro	(de anjos, de cantores)
elenco	(de atores)
enxame	(de abelhas)
esquadra	(de navios de guerra)
esquadrão	(de soldados de cavalaria)
esquadrilha	(de aviões)
falange	(de soldados, de anjos)
farândula	(de ladrões, de desordeiros, de assassinos, de maltrapilhos e de vadios)
fato	(de cabras)
feixe	(de lenha, de capim)
flotilha	(de navios pequenos, de aviões)
frota	(de navios mercantes, de ônibus)
girândola	(de foguetes)

horda	(de povos selvagens nômades, de desordeiros, de aventureiros, de bandidos, de invasores)
junta	(de bois, de médicos, de credores, de examinadores)
legião	(de soldados, de demônios, etc.)
magote	(de pessoas, de coisas)
malhada	(de ovelhas)
malta	(de desordeiros)
manada	(de bois, de búfalos, de elefantes)
matilha	(de cães de caça)
matula	(de vadios, de desordeiros)
mó	(de gente)
molho	(de chaves, de verdura)
multidão	(de pessoas)
ninhada	(de pintos)
penca	(de bananas, de chaves)
plêiade	(de poetas, de artistas)
quadrilha	(de ladrões, de bandidos)
ramalhete	(de flores)
récua	(de bestas de carga, de cavalgaduras)
rebanho	(de ovelhas)
repertório	(de peças teatrais)
réstia	(de cebolas, de alhos)
roda	(de pessoas)
romanceiro	(conjunto de poesias narrativas)
sínodo	(de párocos)
súcia	(de velhacos, de desonestos)
talha	(de lenha)
tripulação	(de marinheiros)
tropa	(de muares)
turba	(muitas pessoas reunidas, multidão em desordem, o povo, o vulgo)
turma	(de estudantes, de trabalhadores, de médicos)
vara	(de porcos)

Observações

1.ª) Excluímos dessa lista os numerais coletivos, como novena, década, dúzia, etc., *que designam um número de seres absolutamente exato. Leia-se, a propósito, o que dizemos no Capítulo VII, 5.*

2.ª) A rigor, os designativos de corporações sociais, culturais e religiosas, como congresso, congre-

gação, conclave, etc., fogem um pouco do tipo normal dos coletivos. Não são simples agrupamentos de seres, antes representam instituições de natureza especial, criadas para determinado fim.

3.ª) O coletivo especial geralmente dispensa a enunciação da pessoa ou coisa a que se refere. Tal omissão torna-se mesmo obrigatória quando o coletivo é um mero derivado do substantivo a que se aplica. Assim, dir-se-á:

A boiada seguia vagarosamente.

A marinhagem estava a postos.

Quando, porém, a significação do coletivo não for específica, deve-se nomear o ser a que se refere. Assim:

Um feixe de capim, de lenha, etc.

Uma legião de soldados, de demônios, etc.

Flexões dos substantivos

Os substantivos podem variar em número, gênero e grau.

Número

Quanto à flexão de número, os substantivos podem estar:

a) no singular, quando designam um ser único, ou um conjunto de seres considerados como um todo (substantivo coletivo):

criança	*multidão*
gato	*matilha*
cadeira	*batalhão*

b) no plural, quando designam mais de um ser, ou mais de um desses conjuntos:

crianças	*multidões*
gatos	*matilhas*
cadeiras	*batalhões*

Substantivos terminados em vogal ou ditongo

O plural dos substantivos terminados em vogal ou ditongo forma-se pelo acréscimo de *-s* ao singular.

Regra geral

Singular	Plural	Singular	Plural
carta	cartas	pai	pais
estudante	estudantes	degrau	degraus
álcali	álcalis	rei	reis
pombo	pombos	liceu	liceus
guaraná	guaranás	troféu	troféus
café	cafés	tiziu	tizius
jê	jês	boi	bois
abacaxi	abacaxis	herói	heróis
jiló	jilós	grou	grous
babalaô	babalaôs	mãe	mães
urubu	urubus	órgão	órgãos

Incluem-se nesta regra os substantivos terminados em vogal nasal. Como a nasalidade das vogais /e/, /i/, /o/ e /u/, em posição final, é representada graficamente por *-m*, e não se pode escrever *-ms*, muda-se o *-m* em *-n*. Assim: *virgem* faz no plural *virgens; pudim* faz *pudins; tom* faz *tons; atum* faz *atuns*.

Regras especiais

1. Os substantivos terminados em *-ão* formam o plural de três maneiras:

a) a maioria muda a final *-ão* em *-ões:*

Singular	Plural	Singular	Plural
ação	ações	ladrão	ladrões
botão	botões	lição	lições
canção	canções	procissão	procissões
coração	corações	reunião	reuniões
eleição	eleições	talão	talões
fração	frações	verão	verões

Neste grupo se incluem todos os aumentativos:

Singular	Plural	Singular	Plural
amigalhão	amigalhões	moleirão	moleirões
bobalhão	bobalhões	narigão	narigões
casarão	casarões	pobretão	pobretões
chapelão	chapelões	rapagão	rapagões
dramalhão	dramalhões	sabichão	sabichões
espertalhão	espertalhões	vagalhão	vagalhões

b) um reduzido número muda o final *-ão* em *-ões*:

Singular	Plural	Singular	Plural
alemão bastião cão capelão capitão catalão	alemães bastiães cães capelães capitães catalães	charlatão escrivão guardião pão sacristão tabelião	charlatães escrivães guardiães pães sacristães tabeliães

c) um número pequeno de oxítonos e todos os paroxítonos acrescentam simplesmente um *-s* à forma singular:

Singular	Plural	Singular	Plural
cidadão cortesão cristão desvão irmão pagão	cidadãos cortesãos cristãos desvãos irmãos pagãos	acórdão bênção gólfão órfão órgão sótão	acórdãos bênçãos gólfãos órfãos órgãos sótãos

Observações

1.ª) Neste grupo se incluem os monossílabos tônicos chão, grão, mão e vão, *que fazem no plural* chãos, grãos, mãos e vãos.

2.ª) Artesão, *quando significa "artífice", faz no plural* artesãos; *no sentido de "adorno arquitetônico", o seu plural pode ser* artesãos *ou* artesões.

2. Para alguns substantivos finalizados em *-ão*, não há ainda uma forma de plural definitivamente fixada, notando-se, porém, na linguagem corrente, uma preferência sensível pela formação mais comum, em *-ões*. É o caso dos seguintes:

Singular	Plural	Singular	Plural
alão	alãos alões alães	ermitão	ermitães ermitãos ermitões
alazão	alazães alazões	hortelão	hortelãos hortelões

Singular	Plural	Singular	Plural
aldeão	aldeãos aldeões aldeães	refrão	refrães refrãos
anão	anãos anões	rufião	rufiães rufiões
ancião	anciãos anciões anciães	sultão	sultões sultãos sultães
castelão	castelãos castelões	truão	truães truões
corrimão	corrimãos corrimões	verão	verões verãos
deão	deães deões	vilão	vilãos vilões

Observações

1.ª) Corrimão, como composto de mão, deveria apresentar apenas o plural **corrimãos**; *a existência de* **corrimões** *explica-se pelo esquecimento da formação original da palavra.*

2.ª) A lista destes plurais vacilantes poderia ser acrescida com formas como **charlatões, cortesões, guardiões e sacristãos**, *que coexistem com* **charlatães, cortesãos, guardiães e sacristães**, *as preferidas na língua culta.*

3.ª) Certos substantivos, cuja vogal tônica é o fechado, além de receberem a desinência **-s**, *mudam, no plural, o o fechado* [ọ] *para o aberto* [ǫ]*. Assim:* **corpo** *faz* **corpos**, **porto** *faz* **portos**.

Convém conhecer ainda os seguintes substantivos que apresentam, no plural, esta mudança de timbre da vogal tônica:

abrolho	*escolho*	*miolo*	*reforço*
caroço	*esforço*	*olho*	*rogo*
contorno	*fogo*	*osso*	*sobrolho*
corcovo	*forno*	*ovo*	*socorro*
corpo	*foro*	*poço*	*tijolo*
corvo	*fosso*	*porco*	*toco*
despojo	*imposto*	*posto*	*tojo*
destroço	*jogo*	*povo*	*troco*

Note-se, porém, que muitos substantivos conservam no plural o ó fechado do singular. Entre outros, não alteram o timbre da vogal tônica:

adorno	*dorso*	*gosto*	*poltro*
acordo	*encosto*	*lodo*	*reboco*
almoço	*engodo*	*molho*	*repolho*
bojo	*esgoto*	*morro*	*restolho*
bolo	*esposo*	*namoro*	*rolo*
bolso	*estojo*	*pescoço*	*rosto*
broto	*ferrolho*	*piloto*	*sopro*
cachorro	*forro*	*piolho*	*suborno*
coco	*globo*	*polvo*	*topo*

Observação

Atente-se na distinção entre molho *"condimento" (por ex.: o* molho *da carne) e* molho *"feixe" (por ex.: um* molho *de chaves), palavras que conservam no plural a mesma diferença de timbre da vogal tônica.*

Substantivos terminados em consoante

1. Os substantivos terminados em *-r*, *-z* e *-n* formam o plural pelo acréscimo de -es ao singular:

Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural
pilar açúcar mulher feitor	pilares açúcares mulheres feitores	cartaz vez matiz cruz	cartazes vezes matizes cruzes	abdômen cânon dólmen líquen	abdômenes cânones dólmenes líquenes

Observação

Caráter *faz no plural* caracteres, *com deslocação do acento tônico e com permanência do* c *que possuía de origem.*

Também com deslocação do acento é o plural dos substantivos espécimen, Júpiter *e* Lúcifer: espécimenes, Jupíteres *e* Lucíferes.

Advirta-se, porém, que, a par de Lúcifer, *há* Lucifer, *forma antiga no idioma, cujo plural é, naturalmente,* Luciferes.

2. Os substantivos terminados em *-s*, quando oxítonos, formam o plural acrescentando também -es ao singular; quando paroxítonos, são invariáveis:

Singular	Plural	Singular	Plural
o ananás o inglês o revés o país o obus	os ananases os ingleses os reveses os países os obuses	o atlas o pires o lápis o oásis o ônibus	os atlas os pires os lápis os oásis os ônibus

Observações

1.ª) O monossílabo cais *é invariável.* Cós *é geralmente invariável, mas documenta-se também o plural* coses.

2.ª) Como os paroxítonos terminados em -s, os poucos substantivos existentes finalizados em -x *são invariáveis:* o tórax — os tórax, o ônix — os ônix.

3. Os substantivos terminados em *-al, -el, -ol* e *-ul* substituem no plural o *-l* por *-is*:

Singular	Plural	Singular	Plural
tribunal pastel nível	tribunais pastéis níveis	anzol álcool paul	anzóis álcoois pauis

Observação

Excetuam-se as palavras mal, real *(moeda),* cônsul *e seus derivados, que fazem, respectivamente,* males, réis, cônsules *e, por este,* procônsules, vice-cônsules.

4. Os substantivos oxítonos terminados em *-il* mudam o *-l* em *-s*:

Singular	Plural	Singular	Plural
barril	barris	projetil	projetis

5. Os substantivos paroxítonos terminados em *-il* substituem esta terminação por *-eis*:

Singular	Plural	Singular	Plural
fóssil	fósseis	réptil	répteis

Observações

1.ª) Além de projetil, *que é a pronúncia mais generalizada, há na língua a variante paroxítona* projétil, *com o plural* projéteis.

2.ª) Réptil, *pronúncia que postula a origem latina da palavra, tem a variante* reptil, *cujo plural é, naturalmente,* reptis.

6. Nos diminutivos formados com os sufixos *-zinho* e *-zito*, tanto o substantivo primitivo como o sufixo vão para o plural, desaparecendo, porém, o -s do plural do substantivo primitivo. Assim:

Singular	Plural	
fogãozinho	fogõe(s) + zinhos	fogõezinhos
anelzinho	anéi(s) + zinhos	aneizinhos
pãozinho	pãe(s) + zinhos	pãezinhos
cãozito	cãe(s) + zitos	cãezitos

Substantivos de um só número

1. Há substantivos que só se empregam no plural. Assim:

alvíssaras	*fezes*
anais	*matinas*
antolhos	*núpcias*
arredores	*óculos*
belas-artes	*olheiras*
calendas	*pêsames*
cãs	*primícias*
condolências	*víveres*
esponsais	*copas (naipe)*
exéquias	*espadas (naipe)*
fastos	*ouros (naipe)*
férias	*paus (naipe)*

2. Outros substantivos existem que se usam habitualmente no singular. Assim os nomes de metais e os nomes abstratos: *ferro, ouro, cobre; fé, esperança, caridade*. Quando aparecem no plural, têm de regra um sentido diferente. Comparem-se, por exemplo, *cobre* (metal) a *cobres* (dinheiro), *ferro* (metal) a *ferros* (ferramentas, aparelhos).

Substantivos compostos

Não é fácil a formação do plural dos substantivos compostos. Observem-se, porém, as seguintes normas, com fundamento na grafia:

1.ª) Quando o substantivo composto é constituído de palavras que se escrevem ligadamente, sem hífen, forma o plural como se fosse um substantivo simples:

Singular	Plural	Singular	Plural
aguardente clarabóia varapau	aguardentes clarabóias varapaus	girassol malmequer vaivém	girassóis malmequeres vaivéns

2.ª) Quando os termos componentes se ligam por hífen, podem variar todos ou apenas um deles:

Singular	Plural	Singular	Plural
obra-prima peixe-espada terça-feira	obras-primas peixes-espada terças-feiras	grã-cruz guarda-marinha guarda-roupa	grã-cruzes guardas-marinha guarda-roupas

Note-se, porém, que:

a) quando o primeiro termo do composto é verbo ou palavra invariável e o segundo substantivo ou adjetivo, só o segundo vai para o plural:

Singular	Plural	Singular	Plural
guarda-chuva sempre-viva vice-presidente	guarda-chuvas sempre-vivas vice-presidentes	bate-boca abaixo-assinado grão-duque	bate-bocas abaixo-assinados grão-duques

b) quando os termos componentes se ligam por preposição, só o primeiro toma a forma de plural:

Singular	Plural	Singular	Plural
chapéu-de-sol pão-de-ló pé-de-cabra	chapéus-de-sol pães-de-ló pés-de-cabra	peroba-do-campo joão-de-barro mula-sem-cabeça	perobas-do-campo joões-de-barro mulas-sem-cabeça

c) também só o primeiro toma a forma de plural quando o segundo termo da composição é um substantivo que funciona como determinante específico:

Singular	Plural	Singular	Plural
navio-escola salário-família	navios-escola salários-família	banana-prata manga-espada	bananas-prata mangas-espada

d) geralmente ambos os elementos tomam a forma de plural quando o composto é constituído de dois substantivos, ou de um substantivo e um adjetivo:

Singular	Plural	Singular	Plural
carta-bilhete tenente-coronel amor-perfeito	cartas-bilhetes tenentes-coronéis amores-perfeitos	gentil-homem água-marinha vitória-régia	gentis-homens águas-marinhas vitórias-régias

Gênero

1. Há dois gêneros em português: o masculino e o feminino

Pertencem ao gênero masculino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *o*:

o banco *o pão* *o pirata* *o jabuti*

Pertencem ao gênero feminino todos os substantivos a que se pode antepor o artigo *a*:

a cadeira *a mão* *a gravata* *a juriti*

2. O gênero de um substantivo não se conhece, de regra, nem pela sua significação, nem pela sua terminação.

Para facilidade de aprendizado, convém, no entanto, saber:

Quanto à significação

1. São geralmente masculinos:

a) os nomes de homens ou de funções por eles exercidas:

Paulo *professor* *cardeal* *ministro*

b) os nomes de animais do sexo masculino:

boi *leão* *galo* *cão*

c) os nomes de lagos, montes, oceanos, rios e ventos, nos quais se subentendem as palavras *lago, monte, oceano, rio* e *vento,* que são masculinas:

o *Amazonas* = o *rio Amazonas*
o *Pacífico* = o *oceano Pacífico*
o *Ládoga* = o *lago Ládoga*
o *Aracati* = o *vento Aracati*
os *Alpes* = os *montes Alpes*

d) os nomes de meses e dos pontos cardeais:

maio findo o *Norte*
novembro vindouro o *Sul*

2. São geralmente femininos:

a) os nomes de mulheres ou de funções por elas exercidas:

Marta *professora* *freira* *rainha*

b) os nomes de animais do sexo feminino:

vaca *leoa* *galinha* *cadela*

c) os nomes de cidades e ilhas, nos quais se subentendem as palavras *cidade* e *ilha,* que são femininas:

a *antiga Ouro Preto* a *aprazível Paquetá*

Observação

Alguns nomes de cidades, como Rio de Janeiro, Porto, Cairo, Havre, *são masculinos pelas razões que aduzimos, no capítulo seguinte, ao tratarmos do emprego do artigo.*

Quanto à terminação

1. São masculinos os nomes terminados em -o átono:

o *aluno* o *livro* o *gato* o *barco*

2. São geralmente femininos os nomes terminados em *-a* átono:

a aluna *a caneta* *a gata* *a lancha*

Excetuam-se, porém, *clima, cometa, dia, fantasma, mapa, planeta, telefonema* e outros que estudaremos adiante.

3. Dos substantivos simples terminados em *-ão*, os concretos são de regra masculinos, e os abstratos femininos:

o *limão*	o *algodão*	a *instrução*	a *razão*
o *balcão*	o *falcão*	a *aflição*	a *vocação*

Excetua-se *mão*, que, embora concreto, é feminino.

Fora desses casos, é sempre difícil conhecer-se pela terminação o gênero de um dado substantivo.

Formação do feminino

Os substantivos que designam pessoas e animais costumam flexionar-se em gênero, isto é, têm geralmente uma forma para indicar os seres do sexo masculino e outra para indicar os do sexo feminino. Assim:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
homem	mulher	bode	cabra
aluno	aluna	galo	galinha
cidadão	cidadã	leitão	leitoa
cantor	cantora	barão	baronesa
profeta	profetisa	lebrão	lebre

Dos exemplos acima verifica-se que a forma do feminino pode ser:

a) completamente diversa da do masculino, ou seja, proveniente de um radical distinto:

bode *cabra* *homem* *mulher*

b) derivada do radical do masculino, mediante a substituição ou o acréscimo de desinências:

aluno *aluna* *cantor* *cantora*

Examinemos, pois, à luz desses dois processos, a formação do feminino dos substantivos de nossa língua.

Masculinos e femininos de radicais diferentes

Convém conhecer os seguintes:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
bode	cabra	genro	nora
boi (ou touro)	vaca	homem	mulher
carneiro	ovelha	marido	mulher
cavalheiro	dama	padrasto	madrasta
cavalo	égua	padrinho	madrinha
compadre	comadre	pai	mãe
frei	sóror	zangão	abelha

Femininos derivados do radical do masculino

Regras gerais

1. Os substantivos terminados em -o átono formam normalmente o feminino substituindo essa desinência por *-a*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
gato	gata	pombo	pomba
lobo	loba	aluno	aluna

Observação

Além das formações irregulares, que vimos, há um pequeno número de substantivos terminados em -o, que, no feminino, substituem essa final por desinências especiais. Assim:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
diácono	diaconisa	maestro	maestrina
galo	galinha	silfo	sílfide

2. Os substantivos terminados em consoantes formam normalmente o feminino com o acréscimo da desinência *-a*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
camponês	camponesa	leitor	leitora
freguês	freguesa	pintor	pintora

Regras especiais

1. Os substantivos terminados em *-ão* podem formar o feminino de três maneiras:

a) mudando a final *-ão* em *-oa*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
ermitão **hortelão**	**ermitoa** **horteloa**	**leitão** **patrão**	**leitoa** **patroa**

b) mudando a final *-ão* em *-ã*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
anão **campeão**	**anã** **campeã**	**cidadão** **irmão**	**cidadã** **irmã**

c) mudando a final *-ão* em *-ona*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
espertalhão **folião**	**espertalhona** **foliona**	**pobretão** **solteirão**	**pobretona** **solteirona**

Observações

1.ª) Como se vê, os substantivos que fazem o feminino em **-ona** *são ou aumentativos ou adjetivos substantivados.*

2.ª) Além dos anômalos **cão** *e* **zangão,** *a que já nos referimos, não seguem estes três processos de formação os substantivos seguintes:*

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
barão **ladrão** **lebrão**	**baronesa** **ladra** **lebre**	**maganão** **perdigão** **sultão**	**magana** **perdiz** **sultana**

Usa-se às vezes ladrona por ladra.

2. Os substantivos terminados em *-or* formam normalmente o feminino, como dissemos, com o acréscimo da desinência *-a*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
pastor	**pastora**	**remador**	**remadora**

Alguns, porém, fazem o feminino em *-eira*. Assim:

cantador — cantadeira
cerzidor — cerzideira

Outros, dentre os finalizados em *-dor* e *-tor*, mudam estas terminações em *-triz*. Assim:

ator — atriz
imperador — imperatriz

Observação

De embaixador *há, convencionalmente, dois femininos:* embaixatriz *(a esposa de embaixador)* e embaixadora *(funcionária chefe de embaixada).*

3. Certos substantivos que designam títulos de nobreza e dignidades formam o feminino com as terminações *-esa*, *-essa* e *-isa*:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
abade barão conde	abadessa baronesa condessa	diácono duque sacerdote	diaconisa duquesa sacerdotisa

Observação

De prior *há o feminino* prioresa *(superiora de certas ordens)* e priora *(irmã de Ordem Terceira).* Príncipe *faz no feminino* princesa.

4. Os substantivos terminados em *-e*, não incluídos entre os que acabamos de mencionar, são geralmente uniformes. Essa igualdade formal para os dois gêneros é, como veremos adiante, quase que absoluta nos finalizados em *-nte*, de regra originários de particípios presentes e de adjetivos uniformes latinos. Há, porém, um pequeno número que, à semelhança da substituição *-o* (masculino) por *-a* (feminino), troca o *-e*, por *-a*. Assim:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
elefante governante infante	elefanta governanta infanta	mestre monge parente	mestra monja parenta

Observação

Os femininos giganta (de gigante), hóspeda (de hóspede) e presidenta (de presidente) *têm ainda curso restrito no idioma, pelo menos no Brasil.*

5. São dignos de nota os femininos dos seguintes substantivos:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
avô	avó	jogral	jogralesa
cônego	canonisa	maestro	maestrina
cônsul	consulesa	píton	pitonisa
czar	czarina	poeta	poetisa
felá	felaína	profeta	profetisa
frade	freira	rajá	râni
grou	grua	rapaz	rapariga, moça
herói	heroína	rei	rainha
javali	javalina	réu	ré

Observação

Rapariga *é o feminino de* rapaz *mais usado em Portugal. No Brasil, prefere-se* moça *em razão do valor pejorativo que, em certas regiões, adquiriu o primeiro termo.*

Substantivos uniformes

Substantivos epicenos

Denominam-se epicenos os nomes de *animais* que possuem um só gênero gramatical para designar um e outro sexo. Assim:

a *águia* · a *baleia* · a *borboleta* · a *cobra*
a *mosca* · a *onça* · a *pulga* · a *sardinha*
o *besouro* · o *condor* · o *crocodilo* · o *gavião*
o *polvo* · o *rouxinol* · o *tatu* · o *tigre*

Quando há necessidade de especificar o sexo do animal, juntam-se então ao substantivo as palavras macho e fêmea: crocodilo macho, crocodilo fêmea; o macho *ou* a fêmea do jacaré.

Substantivos sobrecomuns

Chamam-se sobrecomuns os substantivos que têm um só gênero gramatical para designar pessoas de ambos os sexos. Assim:

o *algoz* · o *apóstolo* · o *carrasco* · o *cônjuge*
o *indivíduo* · o *verdugo* · a *criança* · a *criatura*
a *pessoa* · a *testemunha* · a *vítima*

Observação

Neste caso, querendo-se discriminar o sexo, *diz-se, por exemplo:* o cônjuge feminino; uma pessoa do sexo masculino.

Substantivos comuns de dois gêneros

Alguns substantivos apresentam uma só forma para os dois gêneros, mas distinguem o masculino do feminino pelo gênero do artigo ou de outro determinativo acompanhante. Chamam-se comuns de dois gêneros estes substantivos.

Exemplos:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
o agente	a agente	o herege	a herege
o artista	a artista	o imigrante	a imigrante
o camarada	a camarada	o indígena	a indígena
o colega	a colega	o intérprete	a intérprete
o colegial	a colegial	o jovem	a jovem
o cliente	a cliente	o jornalista	a jornalista
o compatriota	a compatriota	o mártir	a mártir
o dentista	a dentista	o selvagem	a selvagem
o estudante	a estudante	o servente	a servente
o gerente	a gerente	o suicida	a suicida

Observações

1.ª) São comuns de dois gêneros todos os substantivos ou adjetivos substantivados terminados em -ista:

o *budista* a *budista* o *violinista* a *violinista*

2.ª) Diz-se, indiferentemente, o personagem *ou* a personagem *com referência ao figurante homem ou mulher.*

Mudança de sentido na mudança de gênero

Há um certo número de substantivos cuja significação varia com a mudança de gênero:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
o cabeça	a cabeça	o guarda	a guarda
o caixa	a caixa	o guia	a guia
o capital	a capital	o lente	a lente
o cisma	a cisma	o língua	a língua
o corneta	a corneta	o moral	a moral
o cura	a cura	o voga	a voga

Substantivos masculinos terminados em -a

Vimos que, embora a final *-a* seja de regra a marca do feminino, há vários masculinos com essa terminação: *artista, camarada, colega, poeta, profeta, compatriota,* etc. Alguns destes substantivos apresentam uma forma própria para o feminino, como *poeta (poetisa)* e *profeta (profetisa)*; a maioria, no entanto, distingue o gênero apenas pelo determinativo empregado:

o compatriota	*meu colega*
a compatriota	*minha colega*
este pianista	*um indígena*
essa pianista	*uma indígena*

Um pequeno número de substantivos em *-a* existe, todavia, que só se usa no masculino por designar profissão ou atividade própria do homem. Assim:

jesuíta	*nauta*	*patriarca*	*heresiarca*
monarca	*papa*	*pirata*	*tetrarca*

Observações

1.ª) Entre os substantivos que designam coisas, são masculinos os terminados em **-ema** *e* **-oma**, *que se originam de palavras gregas:*

anátema	*edema*	*sistema*	*diploma*
cinema	*estratagema*	*telefonema*	*idioma*
diadema	*fonema*	*tema*	*aroma*
dilema	*poema*	*teorema*	*axioma*
emblema	*problema*	*trema*	*coma*

2.ª) Embora a palavra **grama** *se use também no gênero feminino* **(quinhentas gramas),** *os seus compostos mantêm-se no gênero masculino:* **um miligrama, o quilograma.**

Substantivos de gênero vacilante

Substantivos há em cujo emprego se nota vacilação de gênero.

Eis alguns, para os quais se recomenda a seguinte preferência:

a) Gênero masculino:

ágape	*clã*	*gengibre*	*sanduíche*
antílope	*contralto*	*lança-perfume*	*soprano*
caudal	*diabete(s)*	*praça (soldado)*	*suéter*

b) Gênero feminino:

abusão	*áspide*	*jaçanã*	*ordenança*
alcíone	*fácies*	*juriti*	*sentinela*
aluvião	*filoxera*	*omoplata*	*sucuri*

Grau

Um substantivo pode apresentar-se:

a) com a sua significação normal: *copo, beiço;*

b) com a sua significação exagerada, ou intensificada disforme ou desprezivelmente (grau aumentativo): copo *grande*, beiço *enorme; copázio, beiçorra;*

c) com a sua significação atenuada, ou valorizada afetivamente (grau diminutivo): copo *pequeno*, beiço *fino; copinho, beicinho;*

Vemos, portanto, que a gradação do significado de um substantivo se faz por dois processos:

a) *analiticamente*, juntando-lhe um adjetivo que indique aumento ou diminuição, ou aspectos relacionados com essas noções:

copo *grande* — copo *pequeno*
beiço *enorme* — beiço *fino*

b) *sinteticamente*, mediante o emprego de sufixos especiais, cuja vitalidade estudamos no Capítulo V; assim:

copázio — *copinho*
beiçorra — *beicinho*

Valor das formas aumentativas e diminutivas

Convém ter presente que o que denominamos aumentativo e diminutivo nem sempre indica o aumento ou a diminuição do tamanho de um ser. Ou melhor, essas noções são expressas em geral pelas formas analíticas, especialmente pelos adjetivos *grande* e *pequeno*, ou sinônimos, que acompanham o substantivo.

Os sufixos aumentativos de regra emprestam ao nome as idéias de desproporção, de disformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível. Assim: *narigão, bocarra, pratarraz, atrevidaço, porcalhão*, etc. Ressalta, pois, na maioria dos aumentativos, esse valor depreciativo ou pejorativo.

"O emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar idéias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona — quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa. Assim se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga."[1]

Especialização de formas

Muitas formas, originariamente aumentativas e diminutivas, adquiriram, com o correr do tempo, significados especiais, por vezes dissociados do sentido da palavra derivante. Nestes casos, não se pode mais, a rigor, falar em aumentativo ou diminutivo. São, em verdade, palavras em sua acepção normal. Assim:

cartão	*portão*	*corpete*	*lingüeta*
ferrão	*cartilha*	*flautim*	*pastilha*
florão	*cavalete*	*folhinha*[2]	*vidrilho*

Emprego do substantivo

Funções sintáticas do substantivo

O substantivo pode figurar na oração como:

1. Sujeito:

"*Paulo riu despreocupado.*"
(*A. Peixoto, RC, 191.*)

"*O sol já ia fraco, e a tarde era amena.*"
(*G. Aranha, OC, 148.*)

2. Predicativo:

a) do sujeito:

"*A beleza é um conceito.*"
(*M. Bandeira, PP, I, 153.*)

---

1) Sílvia Skorge. *Boletim de filologia*, XVII. Lisboa, 1958. p. 50-51.

2) No sentido de "calendário".

"Fui pouco depois aclamado chefe de meu partido."
(A. de Oliveira, *Post.*, 8.)

b) do objeto direto:

"Promete que algum dia me fará baronesa?"
(M. de Assis, *OC*, I, 462.)

c) do objeto indireto:

"O diretor chama-lhe cão, diz que tem calos na cara."
(R. Pompéia, *A*, 39.)

3. Objeto direto:

"A chuva traz melancolia."
(R. Couto, *PR*, 174.)

4. Objeto indireto:

"Gosto muito de crianças."
(M. Bandeira, *PP*, I, 308.)

5. Complemento nominal:

"Eu recebi a participação de seu casamento."
(G. Ramos, *LT*, 12.)

6. Adjunto adverbial:

"Estamos em Coimbra."
(G. Dias, *PCPE*, 782.)

7. Agente da passiva:

"As manhãs, até a hora do almoço, eram ocupadas pelos frades em receber confissões e donativos."
(G. Amado, *HMI*, 144.)

8. Aposto:

"Floriano Peixoto, vice-presidente, assumiu o poder."
(G. Ramos, *AOH*, 178.)

9. Vocativo:

> *"Maria, por que me foges,*
> *Por que me foges, donzela?"*
> *(G. Dias, PCPE, 452.)*

Substantivo como adjunto adnominal

1. Precedido de preposição, pode o substantivo formar uma locução adjetiva, que funciona como adjunto adnominal:

> *"Ele era homem de coragem."*
> *(A. Peixoto, RC, 472.)*

> *"Que é do homem sem esperança?"*
> *(G. Dias, PCPE, 807.)*

2. Pode também o substantivo, em função de adjunto adnominal, referir-se diretamente a outro substantivo. É o que ocorre em expressões modernas do tipo:

um ar província *uma atitude povo*

Compare-se este exemplo literário:

> *"Ou arrasem-se aqueles morros todos e aterrem-se aquelas baías todas, ou faça-se a vontade da Constituição: construa-se uma cidade bem Los Angeles, no planalto central."*
> *(G. de Almeida, N, 36.)*

Substantivo caracterizador de adjetivo

Os adjetivos referentes a cores podem ser modificados por um substantivo que melhor precise uma de suas tonalidades[1]:

amarelo-canário *rosa-maravilha*
azul-rei *verde-bandeira*
cinza-chumbo *vermelho-sangue*

---

1) Neste emprego o substantivo equivale a um advérbio de modo, como bem assinalam R. L. Wagner e J. Pinchon na *Grammaire du français classique et moderne*. Paris, 1962. p. 76. Sobre a interpretação e a duvidosa vernaculidade das expressões do tipo *ramagens verde-garrafa, olhos verde-mar*, leia-se o que escrevem Mário Barreto. In: *Novos estudos da língua portuguesa*. 2.ª ed. Rio de Janeiro, 1921. p. 375-377; e Sousa da Silveira. In: *Trechos seletos*. 4.ª ed. São Paulo, 1938. p. 68.

Substantivo caracterizado por um nome

Recurso expressivo, generalizado nas línguas românicas[1], é a caracterização de um substantivo por meio de um nome (substantivo ou adjetivo) anteposto, ligado pela preposição *de*, num sintagma nominal do tipo:

o raio da menina   *o infeliz do rapaz*

Em que pese às divergências quanto à interpretação dos valores semânticos e sintáticos que entram em jogo nessa estrutura nominal, todos reconhecem a intensidade afetiva de sua caracterização antecipada. A feição particular desta parece advir de, ao mesmo tempo, estar ligada pelo estreito vínculo de uma preposição e gozar do realce significativo que seria o de um aposto ou de uma predicação nominal.

Substantivo como núcleo de frases nominais

As frases nominais, construídas sem verbo, têm o substantivo como centro.

É o que ocorre, por exemplo:

a) nas exclamações:

"— *Luz da noite! Alma da vida!*"
(*C. Meireles, OP, 243.*)

"*Bandeiras! Pajens! O pendão real!*
E na tua mão, vermelha triunfal,
Minha divisa: um coração chagado!..."
(*F. Espanca, S, 150.*)

---

1) A bibliografia relativa a esta construção é já numerosa, principalmente em francês. Citamos aqui apenas as contribuições mais importantes: Alf Lombard. *Li fel d'anemis. Ce fripon de valet.* In: *Studier i modern Sprakvetenskap*, Upsala, II, 1931. p. 145-215; André Eskénazi. *Quelques remarques sur le type* ce fripon de valet *et sur certaines fonctions syntaxiques de la préposition* de. In: *Le Français Moderne*, 35e année. 1967. p. 184-200; Mariana Tutescu. *Le type nominal* ce fripon de valet. In: *Revue de Linguistique Romane*, XXXIII. 1969. p. 299-316; M. Regula. *Encore une fois "ce fripon de valet"*. Ibid., XXXVI. 1972. p. 107-111.

Sobre o uso da construção em espanhol, veja-se Rafael Lapesa. In: *Filología*, año VIII. 1962. p. 169-184. Quanto ao emprego em português, consulte-se Maria Manuela Moreno de Oliveira. *Processos de intensificação no português contemporâneo*. Lisboa, 1962. p. 111-121.

b) nas indicações sumárias:

"*Vida, paixão e morte,*
— taças ao fraco e ao forte,
taças — vida suspensa."
(J. de Lima, *OC*, I, 723.)

"*Primavera. Manhã. Que eflúvio de violetas!*"
(C. Pessanha, *C*, 52.)

c) em títulos como:

Amanhã, Fla-Flu decisivo do campeonato carioca.

Nova crise no Oriente-Médio.

Engarrafamento monstro no aterro da Glória.

Capítulo VII
2. Artigo

Artigo definido e indefinido

Dá-se o nome de artigo às palavras o (com as variações *a, os, as*) e *um* (com as variações *uma, uns, umas*), que se antepõem aos substantivos para indicar:

a) que se trata de um ser já conhecido do leitor ou ouvinte, seja por ter sido mencionado antes, seja por ser objeto de um conhecimento de experiência, como nestes exemplos:

> *"E todos contemplavam o retrato a que o homem se reportava a cada momento, como um professor de geografia que recorre ao mapa."*
> *(A. M. Machado, HR, 174.)*

> *"A vila tomava ares de festa."*
> *(A. Arinos, OC, 394.)*

b) que se trata de um simples representante de cada espécie ao qual não se fez menção anterior:

> *"Ia um menino, com os Tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz; para ele produzia-se em caso de sonho."*
> *(G. Rosa, PE, 3.)*

> *"O pequeno-burguês britânico atinge ao auge da felicidade quando se encontra com um nobre, um lorde, um duque, um príncipe da casa real."*
> *(G. Amado, HMI, 150.)*

No primeiro caso dizemos que o artigo é definido; no segundo, indefinido.

Formas do artigo

Formas simples

1. Estas são as formas simples do artigo:

	Artigo definido		Artigo indefinido	
	Singular	Plural	Singular	Plural
Masculino	o	os	um	uns
Feminino	a	as	uma	umas

2. No português antigo havia as formas *lo (la, los, las)* e *el* do artigo definido.

Lo (e suas variações) só aparecem hoje, como artigo, em construções estereotipadas do tipo *mai-lo*

(= *mais o*), ocorrentes em falares de Portugal, e que alguns escritores não duvidaram em incorporar a suas obras, como nos mostra este passo:

"*A minha noiva sairá de casa*
Mai-la sua Mãe, mai-los seus Irmãos."
(A. Nobre, *Só*, 40.)

Há resquício da antiga forma feminina *la* em *alfim* (aglutinação de *a la fim*), mas em expressões como *a la fresca, a la cria*, usadas por certos escritores gaúchos (Simões Lopes Neto, por exemplo), o artigo é um mero espanholismo, de introdução moderna:

"*— A la fresca! . . . que demorou a tal fritada!*"
(S. Lopes Neto, *CGLS*, 152.)

3. A forma arcaica *el* do artigo masculino fossilizou-se na titulatura *el-rei*, talvez por influência da conservadora linguagem da Corte:

"*E o homem do leme tremeu, e disse,*
'El-Rei D. João Segundo!'"
(F. Pessoa, *OP*, 17.)

Vejam-se topônimos atuais, como *São João del-Rei*, e outros antigos, como *São José del-Rei* (hoje *Tiradentes*) e *Sergipe del-Rei*:

"*Não se pode dizer de Ouro Preto que seja uma cidade morta. Morta é São José del-Rei.*"
(M. Bandeira, *PP*, II, 825.)

Formas combinadas do artigo definido

1. O artigo definido combina-se com as preposições *a, de, em* e *por*, dando:

Preposições	Artigo definido			
	o	a	os	as
a de em por (per)	ao do no pelo	à da na pela	aos dos nos pelos	às das nas pelas

2. Crase. O artigo definido feminino quando vem precedido da preposição *a* com ela se funde, e tal fusão (= crase) se representa na escrita por um acento grave sobre a vogal (à). Assim:

Vamos a + *a praia* = *Vamos à praia*

preposição que introduz o adjunto adverbial do verbo *ir*.	artigo que determina o substantivo *praia*.	*a* craseado, a que se aplica o acento grave

Não raro, o *à* vale como redução sintática da expressão *à moda de* (= *à maneira de, ao estilo de*).

"Mas o major? Por que não ria à inglesa, nem à alemã, nem à francesa, nem à brasileira? Qual o seu gênero?"

(M. Lobato, U, 117.)

Observação

Como se vê, o conhecimento do emprego da forma feminina do artigo definido é de grande importância para se aplicar acertadamente o acento grave denotador da crase com a preposição a. Convém, por isso, atentar sempre na construção de determinada palavra com outras preposições para saber se ela exige ou dispensa o artigo. Assim, escreveremos:

Vamos à feira e, depois, iremos a Copacabana.

porque também diremos:

Vimos da feira e, depois, passamos por Copacabana.

3. Quando a preposição antecede o artigo definido que faz parte do título de obras (livros, revistas, jornais, contos, poemas, etc.), não há uma prática uniforme. Na língua escrita, porém, deve-se evitar a contração, pelo modelo:

"O Erradio vem corrigir e desmentir as facilidades caricatas de O Dicionário."

(A. Meyer, FS, 47.)

"Já em A Iluminação da Vida e em As Sete Cores do Céu, a par de produções em que persistem os temas subjetivos ou visuais, dá-nos o Poeta alguns poemas de inspiração negra."

(M. Bandeira, PP, II, 1.108.)

Tenha-se presente que o uso do apóstrofo (como *d'Os Lusíadas*, *n'O Cruzeiro*) ou do hífen (*d-Os Lusíadas*, *n-O Cruzeiro*) não é permitido pelo Formulário Oficial, e as grafias *dos Lusíadas* e *no Cruzeiro* — sem dúvida, as mais freqüentes — deturpam o título do poema e da revista em causa.

4. Quando a preposição que antecede o artigo está relacionada com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz, os dois elementos ficam separados:

> *"Dona Rosa, Dona Rosa,*
> *Quando eras inda botão*
> *Disseram-te alguma cousa*
> *De a flor não ter coração?"*
> (F. Pessoa, QGP, n.º 160.)

5. A antiga preposição *per* contraía-se com *lo(s)*, *la(s)*, formas primitivas do artigo definido, produzindo *pelo(s)*, *pela(s)*. Estas contrações vieram substituir *polo(s)* e *pola(s)*, de emprego normal no português médio, como ilustram estes versos camonianos:

> *"Que polo mundo todo faça espanto..."*
> (L, I, 15.)

> *"Polas argênteas ondas Neptuninas..."*
> (L, I, 58.)

E ainda hoje se usam em lugar de *por o(s)*, *por a(s)*.

Formas combinadas do artigo indefinido

1. O artigo indefinido pode contrair-se com as preposições *em* e *de*, originando:

num	numa	nuns	numas
dum	duma	duns	dumas

2. As preposições *em* e *de*, antepostas ao artigo indefinido que integra o título de obras, dele se separam na escrita:

> *"Ou no caso da outra Maria, a de 'Um capitão de voluntários', criatura esta 'mais quente e mais fria do que ninguém'."*
> (A. Meyer, SE, 45.)

3. Também o artigo indefinido não se contrai com a preposição que está relacionada com o verbo, e não com o substantivo que o artigo introduz:

Isto se explica pelo fato de um personagem ter sido mal interpretado.

Valores do artigo

A determinação

1. Comparando-se esta frase:

"Na estação estava um pretinho com um cavalo, trazendo umas esporas, um rebenque e um pano branco."

(J. L. do Rego, ME, 8.)

às seguintes:

Na estação estava o pretinho com o cavalo, trazendo as esporas, o rebenque e o pano branco.

Na estação estava este pretinho com este cavalo, trazendo estas esporas, este rebenque e este pano branco.

verifica-se que a determinação dos substantivos *pretinho, cavalo, esporas, rebenque* e *pano* se vai tornando mais precisa à medida que se passa do artigo indefinido (*um, umas*) para o artigo definido (*o, as*) e, depois, para o demonstrativo (*este, estas*).

No primeiro caso, indica-se apenas a espécie dos substantivos que são apresentados ao ouvinte. No segundo, restringe-se a extensão do significado dos substantivos, com *individualizá-los, defini-los*. No terceiro, limita-se ainda mais o sentido dos substantivos, que aparecem situados no *espaço* e no *tempo*. Exemplificando: *este pretinho* não é *um pretinho* qualquer (indefinido), nem *o pretinho* que o interlocutor conhece (definido), mas o que está no momento perto da pessoa que fala.

Por outras palavras: o artigo definido é, essencialmente, um sinal de notoriedade, de conhecimento prévio, por parte dos interlocutores, do ser ou do objeto mencionado; o artigo indefinido, ao contrário, é por excelência um sinal da falta de notoriedade, um índice de desconhecimento individualizado, por parte de um dos interlocutores (o ouvinte), do ser ou do objeto em causa.

2. Quer seja definido (*o* e suas variações *a, os, as*), quer seja indefinido (*um* e suas variações *uma, uns, umas*), o artigo caracteriza-se por ser a palavra que introduz o substantivo, indicando-lhe o gênero e o número.

Assim sendo:

a) qualquer palavra ou expressão antecedida de artigo se torna substantivo:

> "*O 'não!' que desengana, o 'nunca!' que alucina,*
> . . . .
> *Abrasam-nos o ouvido e entram-nos pelo peito.*"
> (O. Bilac, **T**, 165.)

> "*Tem um quê de inexplicável.*"
> (G. Dias, PCPE, 230.)

> "*Entendem os filósofos que nosso conflito essencial e drama talvez único seja mesmo o estar-no-mundo.*"
> (G. Rosa, **T**, 101.)

b) o artigo faz aparecer o gênero e o número do substantivo:

o *Amazonas* — as *amazonas*
o *pires* — os *pires*
o *pianista* — a *pinaista*
um *quilograma* — a *grama*
o *pão* — a *mão*
o *clã* — a *irmã*
o *cliente* — a *cliente*
as *bibliotecas* — os *Astecas*
um *pirata* — uma *gravata*
o *jabuti* — a *juriti*
um *barão* — a *produção*
um *poema* — a *ema*.

Com isso, permite a distinção de substantivos homônimos, tais como:

o *cabeça* — a *cabeça*
o *caixa* — a *caixa*
o *capital* — a *capital*
o *guarda* — a *guarda*
o *guia* — a *guia*
o *lente* — a *lente*

Emprego do artigo definido

1. Com os substantivos comuns

Emprego geral

Na língua contemporânea, o artigo é, em geral, um mero designativo. Como vimos, anteposto a um substantivo comum, serve para determiná-lo, ou seja, para apresentá-lo isolado dos outros indivíduos ou objetos da espécie. Assim:

> "*A menina translúcida passa.*"
> (C. Meirêles, *OP*, 476.)

> "*— O engenho fica ali perto.*"
> (J. L. do Rego, *ME*, 8.)

Empregos particulares

Entre os empregos particulares do artigo definido mencionaremos os seguintes:

Emprego como demonstrativo

1. O nosso artigo definido provém do pronome demonstrativo latino *ille, illa, illud* (= aquele, aquela, aquilo). Este valor demonstrativo foi-se perdendo pouco a pouco, mas subsiste ainda, embora enfraquecido, em alguns casos. É o que se observa em frases do tipo:

> *Ficou a* [= *esta, ou aquela*] *semana de cama.*
> *Parto no* [= *neste*] *momento para Minas.*
> *Pedro não soube arranjar as* [= *essas*] *coisas.*
> *Pretende empregar recursos na* [= *nesta*] *região.*

2. É também sensível o valor demonstrativo do artigo que faz evocar o substantivo como algo presente no espírito do locutor ou do ouvinte, situado, portanto, no tempo e no espaço. Vejam-se, por exemplo, estas frases:

> *Carlos mostrou o seu talento desde o Colégio.* [*Isto é: aquele Colégio que os interlocutores sabem qual seja.*]

> *Vera pretende ser a rainha.* [*Isto é: aquela rainha a que anteriormente se fez referência.*]

Omita-se o artigo na última frase, e o seu sentido ficará profundamente alterado, pois

> *Vera pretende ser rainha.*

indica apenas que ela pretende ter a qualidade de rainha.

3. Relaciona-se com os casos mencionados o emprego do artigo como designativo específico. Assim, na frase

Encontrei finalmente o homem!

o substantivo *homem* assume o sentido de: aquele homem; o tipo, ou a espécie de homem (que tinha em mente).

Emprego do artigo pelo possessivo

1. Quando o sentido geral da frase mostra claramente que o sujeito do verbo é o possuidor, o artigo definido pode substituir o pronome possessivo na determinação da coisa possuída. Este emprego do artigo definido é freqüente antes de substantivos que designam:

a) partes do corpo:

"*Tinha as mãos frias e os olhos fechados.*"
(A. Peixoto, RC, 173.)

b) peças do vestuário ou objetos de uso marcadamente pessoal:

"*— Fique, abra a carta, aqui a tem; leia tudo, — dizia a moça pegando-lhe na manga; mas Rubião puxou violentamente o braço, foi buscar o chapéu, e saiu.*"
(M. de Assis, OC, I, 646.)

c) faculdades do espírito:

"*— Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso! . . .*
(O. Bilac, P, 51.)

d) relações de parentesco:

"*Ela amava muito o marido, não?*"
(M. de Assis, OC, I, 52.)

2. Omite-se, porém, o artigo quando estes nomes formam com as preposições *a* ou *de* uma locução adverbial:

Melhora a olhos vistos.
Caiu de bruços.
Voltou de bolsos vazios.
Conservei tudo de memória.

Emprego do artigo antes dos possessivos

1. Antes de pronome substantivo possessivo. Em português, o emprego ou a omissão do artigo definido antes de possessivos que funcionam como pronomes substantivos não tem apenas valor estilístico, mas corresponde a uma clara distinção significativa.

Comparem-se, por exemplo, as frases seguintes:

Esta caneta é minha.
Esta caneta é a minha.

Com a primeira, pretende-se acentuar a simples idéia de posse. Equivale a dizer-se: Esta caneta me pertence, é de minha propriedade.

Com a segunda, porém, faz-se convergir a atenção para o objeto possuído, que se evidencia como distinto de outros da mesma espécie, não pertencentes à pessoa em causa. O seu sentido será: Esta é a minha caneta, a que possuo.

2. Antes de pronome adjetivo possessivo. Quando trazem claros os seus substantivos, os possessivos podem usar-se com artigo ou sem ele:

"*Mas teus pés andarão por aqui entre flores azuis,*
e o seu perfume te envolverá como um largo céu."
(*C. Meireles, OP, 434.*)

Observe-se, todavia, que o artigo é sistematicamente omitido quando o possessivo:

a) é parte integrante de uma fórmula de tratamento ou de expressões como *Nosso Pai* (referente ao Santíssimo), *Nosso Senhor, Nossa Senhora*:

"*— V. Ex.ª verá as trovas que só Deus viu, e ninguém mais verá no mundo.*"
(*C. C. Branco, OS, I, 850.*)

"*Nosso Senhor tinha o olhar em pranto.*
Chorava Nossa Senhora."
(*A. de Guimaraens, OC, 121.*)

b) faz parte de um vocativo:

"*Meu Anjo, a esta hora, tu que farás?*
O Mar faz medo (Salve-Rainha. . .)
E tu, meu Anjo, tão longe estás!"
(*A. Nobre, Só, 105.*)

c) pertence a certas expressões feitas: *em minha opinião, em meu poder, a seu bel-prazer, por minha vontade, por meu mal,* etc.

d) vem precedido de um demonstrativo:

"*Todos os exames não me indicam lesão alguma. Apenas esta sua predisposição.*"
(*J. L. do Rego,* P, *11.*)

Observação

Se o possessivo estiver posposto ao substantivo, este virá normalmente precedido de artigo:

"*Porque abraçada nos braços meus,*
porque, obediente a minha solidão,
vivo construindo apenas Deus..."
(*C. Meireles,* OP, *403.*)

Emprego genérico

Usa-se às vezes o artigo definido junto a um substantivo no singular para exprimir a totalidade específica de um gênero, de uma categoria, de um grupo, de uma substância:

"*O poeta não fotografa: cria.*"
(*M. de Andrade,* OI, *237.*)

"*Reservado por temperamento, o mineiro prefere escutar.*"
(*A. M. Machado,* JT, *XLIX.*)

É de emprego freqüente em provérbios:

"*O boi pela ponta, e o homem pela palavra.*"
"*O pão pela cor, e o vinho pelo sabor.*"
"*A mulher e o vidro estão sempre em perigo.*"

Se o substantivo é abstrato, o artigo serve, ademais, para personalizá-lo:

"*Dionísio Bentes que amava o óbvio, a evidência, o axioma, o conceito provado e universalmente aceito, o incontestável.*"
(*G. Amado,* PP, *85.*)

Entre os abstratos incluem-se naturalmente os adjetivos substantivados:

"*Ele é o humano que é natural,*
Ele é o divino que sorri e que brinca."
(*F. Pessoa,* OP, *146.*)

Observação

Nestes casos pode-se dispensar o artigo, principalmente quando o substantivo é abstrato, ou quando faz parte de provérbios, frases sentenciosas e comparações breves:

"Pobreza não é vergonha."
"Boi velho ensina a lavrar o novo."
"Honra e proveito não cabem em saco estreito."
"Água mole em pedra dura tanto dá até que fura."
"Sol que muito madruga, pouco dura."
"Preto como azeviche."

Emprego em expressões de tempo

1. Os nomes de meses não admitem artigo, a menos que venham acompanhados de qualificativos:

"Em maio, era em maio,
num maio fatal;
feneciam rosas
pelo seu quintal."
(C. Meireles, OP, 796.)

" 'Como era diferente o junho do meu tempo', dizia-nos ele, acendendo o cigarro fino. . ."
(A. F. Schmidt, GB, 148.)

Observação

Omite-se em geral o artigo antes das datas do mês:

"Rodeado de amigos, desaparece na madrugada de 29 de setembro de 1908."
(T. M. Moreira, VVT, I, 53.)

Costuma-se, no entanto, usá-lo:

a) antes de datas célebres (que adquirem o valor de um substantivo composto de numeral + preposição + substantivo):

O 7 de setembro amanheceu chuvoso.

b) antes de datas mencionadas no curso de uma narração:

Aos 2 de julho de 1494, em Arévalo, foi assinado o Tratado de Tordesilhas.

2. Os nomes dos dias da semana vêm precedidos de artigo, principalmente quando enunciados no plural:

> *"Aos sábados sentava-se na banca do alpendre para dar contas ao meu avô dos serviços da propriedade."*
>
> *(J. L. do Rego, MVA, 118-9.)*

> *"Aos domingos havia exibição de automóveis de luxo, nos corsos da Avenida Paulista."*
>
> *(A. F. Schmidt, GB, 143.)*

Mas podem dispensá-lo (juntamente com a preposição a que se aglutinam), quando funcionam como adjunto adverbial. Assim:

> *"Do povoado do Ão, ou dos sítios perto, alguém precisava urgente de querer vir — segunda, quarta e sexta — por escutar a novela do rádio."*
>
> *(G. Rosa, CB, II, 469.)*

> *"Domingo à noite o Alvear estava sempre vazio."*
>
> *(A. F. Schmidt, AP, 74.)*

3. Não se usa o artigo nas designações das horas do dia, nem com as expressões *meio-dia* e *meia-noite*:

> *"Meio-dia, pouco mais ou menos."*
>
> *(G. Ramos, VS, 168.)*

> *"Meia-noite soara desde muito; o baile estava perdido."*
>
> *(M. de Assis, OC, II, 296.)*

O artigo é, porém, de regra quando, antecedidas de preposição, tais formas se empregam adverbialmente:

> *"Ao meio-dia, davam-nos pão com manteiga."*
>
> *(R. Pompéia, A, 6.)*

> *"A energia monística do mundo,*
> *À meia-noite, penetrava fundo*
> *No meu fenomenal cérebro cheio. . ."*
>
> *(A. dos Anjos, Eu, 45.)*

4. Os nomes das quatro estações do ano são precedidos de artigo:

> *"Venha o inverno, depois do outono benfeitor!"*
>
> *(O. Bilac, T, 202.)*

"*A primavera que nos ri e o doce Amor,*
O inelutável tempo esmaga-os sob os passos."
(*A. de Guimaraens, OC, 181.*)

"*Seria bela? — a andorinha e o verão por ela feito.*"
(*G. Rosa, T, 153.*)

Podem, no entanto, dispensá-lo quando, antecedidos da preposição *de*, funcionam como complemento nominal ou como adjunto adnominal:

"*Que noite de inverno! Que frio, que frio!*
Gelou meu carvão:
Mas boto-o à lareira, tal qual pelo estio,
Faz sol de verão!"
(*A. Nobre, Só, 13.*)

"*Num meio dia de fim de primavera*
Tive um sonho como uma fotografia."
(*F. Pessoa, OP, 143.*)

"*Ó tardes de outono com fontes carpindo*
Entre erva sedenta!"
(*A. Nobre, Só, 16.*)

5. Os nomes de datas festivas se dizem com artigo:

o Ano-Bom	*a Páscoa*
o Carnaval	*a Quaresma*
o Natal	*a Semana-Santa*

É, porém, de regra a omissão do artigo quando estes nomes funcionam como adjunto adnominal das palavras *dia, noite, semana, presente,* etc.:

O terceiro dia de Carnaval.
A véspera de Natal.
O domingo de Páscoa.
Um presente de Ano-Bom.

Emprego com expressões de peso e medida

O artigo definido é usado com força distributiva em frases como as seguintes:

"*— Juju, por quanto pode me sair uma dúzia de fronhas de linho de 16$000 o metro, eu pagando a Dona Conceição oito e quinhentos por dia?*"
(*R. M. F. de Andrade, V, 15.*)

"Se o fiel se verticaliza, ao quilo peso corresponde exatamente o quilo pão."
(M. de Andrade, OI, 235.)

Nelas se expressa por unidade de peso ou medida o custo ou o valor de determinada coisa.

Com a palavra casa

1. Dispensam o artigo os adjuntos adverbiais de lugar em que entra a palavra *casa:*

a) desacompanhada de determinação ou qualificação, no sentido de "residência", "lar":

"Chegamos a casa eu e ela perto das nove horas da noite."
(M. de Assis, OC, II, 751.)

"Todo o mundo tinha doente em casa."
(G. Amado, PP, 60.)

"Ao voltar para casa, encontrei o terrível silêncio da noite passada."
(J. L. do Rego, E, 26.)

b) em sentido vago, embora acompanhado de qualificação:

"Em casa alheia, em terra escassa, já em parte ocupada por outras plantas, eis que essa extraordinária criatura vinda dos jardins de Roberto Burle Marx principia a estender-se e a improvisar novos braços."
(A. F. Schmidt, AP, 192.)

"O fato é que só morávamos em casa alugada."
(A. F. Schmidt, AP, 57.)

2. Mas a palavra *casa* vem de regra antecedida de artigo:

a) quando usada na acepção própria de "prédio", "edifício", "estabelecimento":

"Entrei pela casa adentro."
(A. F. Schmidt, F, 64.)

"Vinha a senhora da casa das Fazendas Pretas."
(Said Ali, GS, 184.)

b) quando está particularizada por adjunto adnominal ou oração adjetiva:

"Correu à casa da comadre, que era distante."
(M. de Assis, OC, I, 567.)

"No dia seguinte chegou o acadêmico à casa do ferrador."
(C. C. Branco, OS, I, 338.)

"Lembrei-me do tacho velho, que era o centro da pequenina casa onde vivíamos."
(G. Ramos, SB, 114.)

Observação

Diz-se o **dono** *(ou a* **dona***) da casa para indicar, com precisão, seja o proprietário do prédio, seja o chefe da família. Em sentido vago dir-se-á, porém: uma boa* **dona de casa.**

Com a palavra palácio

1. A palavra *palácio* usa-se com artigo:

"Quem viesse pelo lado do mar, veria as costas do palácio, os jardins e os lagos..."
(M. de Assis, OC, I, 889.)

2. Costuma, no entanto, dispensá-lo quando, em função de adjunto adverbial, designa a residência ou o local de despacho do Chefe do Governo (da Nação, do Estado, etc.) e vem desacompanhada da competente determinação. Poder-se-á dizer, por conseguinte:

"O Governador chamou-o a Palácio, pedindo-lhe que desse um termo à luta."
(J. L. do Rego, MVA, 134-135.)

"À hora emprazada apresentou-se o novo alferes em palácio e entregou a D. Diogo de Meneses a missiva dos judeus."
(J. de Alencar, OC, II, 1.091.)

Mas se dirá sempre com artigo, quando determinado:

"Recordo-me perfeitamente de certa noite em que subimos, os dois, as escadas do Palácio Monroe — onde funcionava, então, a Câmara dos Deputados —."
(A. F. Schmidt, AP, 52.)

Emprego com o superlativo relativo

1. O artigo definido é de emprego obrigatório com o superlativo relativo.

Pode preceder o substantivo:

Pela sorte dessa empresa, os *homens mais ousados não se responsabilizariam.*

ou o superlativo:

Pela sorte dessa empresa os *mais ousados homens não se responsabilizariam.*

Pela sorte dessa empresa homens os *mais ousados não se responsabilizariam.*

Mas não deve ser repetido antes do superlativo quando já acompanha o substantivo, como neste exemplo:

Pela sorte dessa empresa os *homens* os *mais ousados não se responsabilizariam.*

2. É lícita, no entanto, a repetição do artigo antes do superlativo reforçado pela palavra *ainda* ou sinônimo, pois neste caso se pode subentender o substantivo depois do segundo artigo:

Pela sorte dessa empresa os *homens ainda* os *mais ousados não se responsabilizariam.*

Isto é:

ainda os [*homens*] *mais ousados.*

3. O artigo aparece por vezes com valor intensivo em frases da linguagem coloquial de entoação ascendente particular. Por exemplo:

Ele é o *fim!*

Também o artigo indefinido pode empregar-se com semelhante valor. Comparem-se frases como as seguintes:

Foi uma *festa, quando ele chegou.*

João tem uns *parentes, que...valha-me Deus!*

Observação

Sobre o valor do artigo em frases do tipo:

Ela é a *cantora!*

veja-se o que dizemos no capítulo seguinte, ao tratarmos das formas do superlativo.

2. Com os substantivos próprios

Sendo por definição individualizante, o nome próprio deveria dispensar o artigo. Mas, no curso da história da língua, razões diversas concorreram para que esta norma lógica nem sempre fosse observada e, hoje, há mesmo grande número de nomes próprios que exigem obrigatoriamente o acompanhamento do artigo definido. Entre essas razões, devem ser mencionadas:

a) intenção de reforçar a idéia de individualidade, de um todo intimamente unido, como se concebe, em geral, um país, um continente, um oceano, um mar:

o *Brasil*	a *América*	o *Atlântico*
a *França*	a *África*	o *Mediterrâneo*

b) a de ser o nome próprio originariamente um substantivo comum, construído com o artigo:

a *Guarda*
o *Porto*
o *Cairo* (árabe *El-Kahira* = a vitoriosa)
o *Havre* (francês *Le Havre* = o porto)

c) a influência sintática do italiano, língua em que os nomes de família, quando empregados isoladamente, vêm precedidos de artigo:

o *Ariosto* o *Ticiano* a *Patti*

d) a de cercar o nome próprio de uma atmosfera afetiva ou familiar:

> *"Os janotas acercavam-se, desfrutadores, do Cerveira. Eram o Russel, o Antônio Gaspar, os de Infias, o Bento Miguel de Maximinos, o Paiva Brandão, o D. Manuel da Prelada, o D. João da Tapada, o Antônio Luís de Vilhena, um loiro, muito enamorado, com uma rosa-chá na lapela da casaca azul com botões amarelos."*
>
> *(C. C. Branco, BP, 172.)*

> *"— O Correia, em Londres, manda boas notícias de nosso crédito... O Rui continua na ponta!"*
>
> *(A. Peixoto, RC, 761.)*

Feitas essas considerações preliminares, particularizemos, agora, os principais casos de emprego do artigo definido com os nomes próprios.

Com os nomes de pessoas

Os nomes próprios de pessoas (de batismo e de família) não levam artigo, principalmente quando se aplicam a personagens muito conhecidos. Assim:

Napoleão *Camões* *Alencar*

Emprega-se, porém, o artigo definido:

1.º) quando o nome de pessoa vem precedido de qualificativo:

"*E falando no mal, seus olhos duros e cinzentos execravam* A Pata da Gazela, *do inocente José de Alencar...*"
(*A. F. Schmidt*, GB, *118.*)

2.º) quando o nome de pessoa vem acompanhado de determinativo ou qualificativo denotadores de um aspecto, de uma época, de uma circunstância da vida do indivíduo:

"*Era a Noêmia dos bons tempos.*"
(*J. L. do Rego*, E, *280.*)

"*Do Camões lírico apenas sabia o que vinha nas antologias escolares.*"
(*M. Bandeira*, PP, *II, 16.*)

3.º) quando se pretende atribuir ao nome próprio um sentido depreciativo, como neste passo de Antônio Nobre, em que o *Carlos* é o rei D. Carlos I, de Portugal:

"*Nada me importas, País! seja meu Amo*
O Carlos ou o Zé da T'resa..."
(*Só, 118.*)

4.º) quando o nome de pessoa vem enunciado no plural:

a) seja para indicar indivíduos do mesmo nome:

Os dois Catões

b) seja para designar uma coletividade familiar:

"*Os vencedores hão de ser, como heróis da Renascença, os Médicis magníficos e os Bórgias afrontadores da vida.*"
(*J. Ribeiro*, F, *19.*)

c) seja para caracterizar, enfaticamente, classes ou tipos de indivíduos que se assemelham a um vulto ou personagem célebre, caso em que o nome próprio vale por um nome comum:

"*Hoje que sou um tanto letrado sei que Stendhal dissera que são esses momentos que fazem os Robespierres.*"

(L. Barreto, REIC, 103.)

d) para designar obras de um artista (geralmente quadros de um pintor):

Os Portinaris da Coleção Mem Xavier da Silveira.

Os Leonardos do Louvre.

Observações

1.ª) Na linguagem popular e no trato familiar é muito freqüente a anteposição do artigo definido a nomes de pessoas, o que lhes dá, como dissemos, um tom de afetividade ou de familiaridade, um ar caseiro. É o que muito bem traduz este passo de Thiers Martins Moreira:

"*Machado de Assis, porém, não era ainda Machado de Assis Era o Joaquim, talvez o Quincas, na intimidade maior dos pais.*"

(VVT, I, 22.)

2.ª) As alcunhas são comumente precedidas de artigo:

"*— Mas, você, então, não sabe quem é o Rocha?*
— Não.
— Pois é o Rocha 'Alazão', o Rocha 'Facada', o Rocha 'Mentira', o Henrique Rocha — está aí!"

(L. Barreto, B, 197.)

"*— Mas, Alice, o Lulu não está estudando Direito?*"

(G. Cruls, 4R, 464.)

3.ª) O artigo definido antecede as palavras **senhor, senhora** *e* **senhorita** *quando citamos uma pessoa por seu nome ou por seu título:*

O senhor Silva não veio hoje.
Conversei com a senhora Condessa
Onde está a senhorita Clara?

Não empregamos, porém, o artigo quando nos dirigimos à própria pessoa:

— Até amanhã, senhor Silva!
— Obrigado, senhora Condessa.
— Adeus, senhorita Clara!

4.ª) O adjetivo **santo** *(ou* **são** *e* **santa***) não vem precedido de artigo quando acompanha um nome próprio do qual consideramos ser parte integrante:*

"Assim conversam, gloriosos,
Santa Clara e São Francisco."
(C. Meireles, OP, 903.)

O artigo é, no entanto, de regra se com o nome do santo, precedido do adjetivo em causa, quisermos designar a época em que ele se festeja:

"Junho corria. O S. João estava por pouco."
(J. L. do Rego, P, 162.)

Com os nomes geográficos

O estado atual do uso do artigo com os nomes geográficos é o seguinte:

1. Emprega-se normalmente o artigo definido:

a) com os nomes de países, regiões, continentes, montanhas, vulcões, desertos, constelações, rios, oceanos, mares e grupos de ilhas:

o *Brasil*	o *Saara*
a *França*	a *Via-Láctea*
os *Estados Unidos*	o *Cruzeiro do Sul*
a *Amazônia*	o *Nilo*
a *Sibéria*	o *Paraíba*
o *Nordeste*	o *Atlântico*
a *América*	o *Pacífico*
o *Himalaia*	o *Báltico*
os *Alpes*	as *Canárias*
o *Vesúvio*	os *Açores*

b) com o nome dos pontos cardeais e o dos colaterais, quer no sentido próprio, quer no de regiões ou ventos:

"Aonde irá ela, numa noite destas,
Com Vento da Barra puxado do Sul?"
(A. Nobre, Só, 152.)

"E o rosto de meus avós estava caído
pelos mares do Oriente, com seus corais e pérolas,
e pelos mares do Norte, duros de gelo."
(C. Meireles, OP, 291.)

"O Nordeste não sopra e os sapos dormem."
(G. Ramos, SB, 161.)

Observações

1.ª) Certos nomes de países e regiões costumam, no entanto, rejeitar o artigo. Entre outros: Portugal, Andorra, Mônaco, Aragão, Castela, Leão.

2.ª) Alguns nomes de países, como Espanha, França, Inglaterra, Itália *e poucos mais, podem construir-se sem artigo, principalmente quando regidos de preposição:*

"Ó poentes de França! não vos amo, não!"
(A. Nobre, Só, 86.)

"Mas não basta justificar os exageros dos poetas modernistas de Alemanha e Rússia sofredora."
(M. de Andrade, OI, 223.)

3.ª) Quando indicam apenas direção, os nomes de pontos cardeais podem vir sem artigo:

"Indo de norte a sul, de leste a oeste,
pisei o céu com tudo o que é celeste."
(G. de Almeida, PV, 13.)

2. Não se usa em geral o artigo definido:

a) com os nomes de cidades, de localidades e da maioria das ilhas:

Campinas	*Anadia*	*Creta*
Londres	*Igreja Nova*	*Cuba*
Évora	*Jacarepaguá*	*Malta*

b) com os nomes de planetas e de estrelas:

Júpiter	*Canópus*
Mercúrio	*Sírius*
Vênus	*Vega*

Observações

1.ª) Alguns nomes de cidades que se formaram de substantivos comuns conservam o artigo: a Guarda, o Porto, o Rio de Janeiro, a Figueira da Foz. *O mesmo se dá, como vimos, com o nome de certas cidades estrangeiras:* o Cairo, a Haia, o Havre.

2.ª) À semelhança dos nomes de países, usam-se com artigo alguns nomes de ilhas: a Córsega, a Madeira, a Sardenha, a Sicília.

3. Não é uniforme o emprego do artigo definido com os nomes dos estados brasileiros e das províncias portuguesas.

A maioria leva artigo. Assim:

o *Acre*	o *Rio de Janeiro*
o *Amazonas*	o *Rio Grande do Norte*
a *Bahia*	o *Rio Grande do Sul*
o *Ceará*	o *Alentejo*
o *Espírito Santo*	o *Algarve*
o *Maranhão*	a *Beira*
o *Pará*	o *Douro*
a *Paraíba*	a *Estremadura*
o *Paraná*	o *Minho*
o *Piauí*	o *Ribatejo*

Não se usam, porém, com artigo:

Alagoas	*Minas Gerais*	*São Paulo*
Goiás	*Pernambuco*	*Sergipe*
Mato Grosso	*Santa Catarina*	*Trás-os-Montes*

Observações

1.ª) Diz-se também as Alagoas, *forma que aparece, por exemplo, no título da obra póstuma de Graciliano Ramos,* Viventes das Alagoas.

2.ª) Os nomes das antigas colônias portuguesas, hoje províncias ultramarinas em caminho da independência, se dizem normalmente sem artigo: Angola, Moçambique, Macau, Timor. *Mas com artigo:* a Guiné *(a recente República da Guiné-Bissau).*

4. Como os nomes de pessoas, os nomes geográficos passam a admitir o artigo desde que acompanhados de qualificação ou de determinação:

> *"Oh, minha infância! misturada, graças a eles, à Roma dos Turquínios* e *à Bíblia dos patriarcas."*
> *(G. Amado,* HMI, *54.)*

"Ai canta, canta ao luar, minha guitarra,
A Lisboa dos Poetas Cavaleiros!"
(A. Nobre, D, 68.)

"A Londres de hoje é primaveril."
(A. F. Schmidt, AP, 84.)

Com os nomes de obras literárias e artísticas

Emprega-se em geral o artigo, mesmo quando não pertença ao título:

"Os amigos e a crítica louvavam o Memorial de Aires."
(T. M. Moreira, VVT, I, 52.)

"Estas cavilações dos meus anos mais livrescos, esquecidas num caderno de notas, vieram agora inesperadamente à tona da consciência, avivadas pela contemplação da Virgem dos Rochedos e da Sant'Ana."
(A. Meyer, CM, 210.)

3. Casos especiais

Antes da palavra outro

1. Emprega-se o artigo definido quando a palavra *outro* tem sentido determinado:

"Aceita internamente, foi reconhecida pelos outros países."
(G. Ramos, AOH, 173.)

"Soropita recuara o cavalo. O outro sorria um riso."
(G. Rosa, CB, II, 491.)

2. Cala-se, porém, o artigo quando o seu sentido é indeterminado:

"No comboio descendente
Mas que grande reinação!
Uns dormindo, outros com sono..."
(F. Pessoa, QGP, 119.)

Depois das palavras ambos **e** todo

Ambos e *todo* são as únicas palavras que, em português, precedem o artigo com que formam um sintagma.

1. Se o substantivo determinado pelo numeral *ambos* estiver claro, é de regra o emprego do artigo definido:

"Por detrás dele, o Zeferino ajoelhara batendo com ambas as rótulas no tabuado."
(C. C. Branco, BP, 119.)

2. A presença ou a ausência do artigo depois da palavra *todo* depende, obviamente, de admitir ou rejeitar o substantivo aquela determinação.

Diremos, por exemplo:

Todo o Brasil vibrou com a vitória.
Todo Portugal vibrou com a vitória.

por se construírem de modo diverso esses dois nomes geográficos.

3. Quanto aos substantivos comuns, há casos que devem ser considerados particularmente:

1.º) A língua atual procura distinguir, no singular, *todo* "qualquer, cada", de *todo o* "inteiro, total":

> "*Em Dom João VI as imperfeições de todo ser humano não chegavam para que desmerecessem as sólidas qualidades.*"
> (*O. Lima, D. J. VI, II, 942.*)

> "*Toda a noite ouvi no tanque*
> *A pouca água a pingar.*
> *Toda a noite ouvi na alma*
> *Que não me podes amar.*"
> (*F. Pessoa, QGP, n.º 12.*)

2.º) No plural, *todos* vem acompanhado de artigo, a menos que haja um determinativo que o exclua:

> "*Todos os dias eu penso*
> *Naquele gesto engraçado...*"
> (*F. Pessoa, QGP, n.º 35.*)

> "*Todas as coisas que estão no tempo são passageiras e jamais as reveremos.*"
> (*A. F. Schmidt, AP, 83.*)

Mas:

> "*Todos esses dons do meu amigo ficarão perdidos para sempre...*"
> (*A. F. Schmidt, AP, 98.*)

3.º) Não se usa o artigo antes do numeral em aposição a *todos:*

> "*Elas são, todas duas, minhas irmãs que eu ajudei a criar.*"
> (*R. M. F. de Andrade, V, 67.*)

Se, porém, o substantivo estiver claro, o artigo é de regra:

Todas as duas irmãs estavam presentes.

4.º) Quando *todo* (ou *toda*) está empregado com força adverbial, não admite naturalmente a posposição do artigo:

> *"Vi então um homem todo amarrado de cordas a carregar uma cruz, com outro de chicote na mão batendo nele."*
> *(J. L. do Rego, MVA, 13.)*

Observação

Há numerosas locuções em que todo *(ou* toda*) vem seguido de artigo. Entre outras, mencionem-se as seguintes:*

a todo o custo	*a toda a brida*
a todo o galope	*a toda a hora*
a todo o instante	*a toda a pressa*
a todo o momento	*em toda a parte*
em todo o caso	*por toda a parte.*

Repetição do artigo definido

Com substantivos

1. Quando empregado antes do primeiro substantivo de uma série, o artigo normalmente antecede os substantivos seguintes, ainda que sejam todos do mesmo gênero e do mesmo número:

> *"Para ganhar o céu, venceste a ira, a luxúria,*
> *A gula, a inveja, o orgulho, a preguiça e a avareza."*
> *(O. Bilac, T, 154.)*

2. Mas a alternância de seqüências com artigo e sem ele pode, em certos casos, apresentar efeitos estilísticos apreciáveis:

> *"Não viram sumo bem ao ,*
> *Mas sim o mal, a tentação, o crime,*
> *Orgulho humilhações, remorso e dor."*
> *(A. C. d'Oliveira, VSVA, 213.)*

Observação

Não se repete, porém, o artigo:

a) quando o segundo substantivo designa o mesmo ser ou a mesma coisa que o primeiro:

Veio visitar-nos o primo e amigo Fernando.
A mica, ou malacacheta, é a riqueza da região.

b) quando, no pensamento, os substantivos se representam como um todo estreitamente unido.

"O estudo [do folclore] era necessitado pela existência das histórias, contos de fadas, fábulas, apólogos, superstições, provérbios, poesias e mitos recolhidos da tradição oral."
(J. Ribeiro, FL, 6.)

Com adjetivos

1. Repete-se o artigo antes de dois adjetivos unidos por uma das conjunções e e ou quando os adjetivos acentuam qualidades opostas de um mesmo substantivo:

Visitamos a nova e a velha Lisboa.
O bom ou o mau sucesso da empresa depende de você.

2. Não se repete, porém, o artigo se os dois adjetivos ligados pelas conjunções e, *ou* (e *mas*) se aplicam a um substantivo com o qual formam um conceito único:

"O ilustre e fecundo escritor português Alberto Pimentel vulgarizou as Obras *do poeta Chiado em edição popular e estimável."*
(J. Ribeiro, F, 53.)

As rápidas mas eloqüentes palavras do orador cativaram-nos a todos.

3. Se os adjetivos não vêm unidos pelas conjunções e e *ou*, deve-se repetir o artigo. Tal construção empresta ao enunciado ênfase particular:

As palavras, os gestos, os conceitos, não os poderemos esquecer.

4. Se um mesmo substantivo vem qualificado por uma série de superlativos relativos, antepõe-se o artigo a cada membro da série:

"Amigo! tu terias com certeza
A mais completa e insólita surpresa
Notando — deste grupo bem no meio —

Que o mais belo, o mais forte, o mais ardente
Destes sujeitos é precisamente
O mais triste, o mais pálido, o mais feio."
(E. da Cunha, OC, I, 659.)

Omissão do artigo definido

Do que foi estudado nas páginas anteriores, verificamos que o artigo definido limita sempre a noção expressa pelo substantivo.

1. O seu emprego é, pois, evitado em certos casos:

1.º) Quando o gênero e o número do substantivo já estão claramente determinados por outras classes de palavras (pronomes demonstrativos, numerais, etc.). Assim, diremos:

"Fez-nos bem, muito bem, esta demora."
(C. Pessanha, C, 39.)

"Tive de responder a dois júris."
(G. Amado, PP, 343.)

2.º) Quando queremos indicar a noção expressa pelo substantivo de um modo geral, isto é, na plena extensão do seu significado. Comparem-se, por exemplo, estas três frases:

Foi culpado do erro [*culpa precisa*].
Foi culpado de um erro [*culpa vaga*].
Foi culpado de erro [*culpa mais vaga ainda*].

3.º) Quando, nas enumerações, pretendemos obter um efeito:

a) de acumulação:

"Descobrimentos, poemas, telas, construções, batalhas, revoluções, trustes, só os fazemos por amor da amada, para subirmos ante seus olhos à altura que nos deseja..."
(A. Peixoto, RC, 195.)

b) de rapidez:

"Chovem garras, manchas, laços...
Planos, quebras e espaços
Vertiginam em segredo."
(M. de Sá-Carneiro, P, 76.)

2. Além desses casos gerais e de outros particulares, anteriormente examinados, omite-se o artigo definido:

a) nos vocativos:

"Tardes de outubro! ó tardes de novena!"
(A. Nobre, Só, 76.)

b) nos apostos simplesmente apreciativos:

"Tardes de minha terra, doce encanto,
Tardes duma pureza de açucenas."
(F. Espanca, S, 35.)

c) antes de palavras que designam matéria de estudo, empregadas com os verbos *aprender, estudar, cursar, ensinar* e os sinônimos:

"Maria Benedita consentiu finalmente em aprender francês e piano."
(M. de Assis, OC, I, 613.)

d) antes das palavras *tempo, ocasião, motivo, permissão, força, valor, ânimo* (para alguma coisa), complementos dos verbos *ter, dar, pedir* e seus sinônimos:

Não tenho tempo para descanso.
Não deu motivo à crítica.
Pedimos permissão para sair.

Emprego do artigo indefinido

O artigo *indefinido* provém do numeral latino *unus, una, unum,* que exprime a unidade.

Esse valor numeral, embora enfraquecido em "um certo", transparece ainda hoje nos diversos empregos das formas do singular *(um, uma)*, principalmente no mais comum deles, qual seja o de apresentar o ser ou o objeto expresso pelo substantivo de maneira imprecisa, indeterminada ou desconhecida.

Desse valor fundamental decorrem certos empregos particulares do artigo indefinido, alguns dos quais devem ser conhecidos.

1. Com os substantivos comuns

1.º) O artigo indefinido — já o dissemos — serve principalmente para a apresentação de um ser ou um objeto ainda não conhecido do ouvinte ou do leitor:

> "*Era um burrinho pedrês, miúdo e resignado, vindo de Passa-Tempo, Conceição do Serro, ou não sei onde no sertão.*"
>
> (G. Rosa, S, 7.)

Uma vez apresentados o ser ou o objeto, não há mais razão para o emprego do artigo indefinido, e o escritor ou o locutor deverá usar daí por diante o artigo definido:

> "*O burrinho permanecia na coberta, teso, sonolento e perpendicular ao cocho, apesar de estar o cocho de-todo vazio.*"
>
> (G. Rosa, S, 8.)

2.º) Para se precisar a classe, a espécie ou as características de um substantivo já determinado por artigo definido, costuma-se repeti-lo, na aposição, com o artigo indefinido:

> "*Veio a tarde, uma tarde doce e azul, e eu não tive forças para me apresentar no hotel.*"
>
> (L. Barreto, REIC, 131.)

> "*O major descansou o chapéu-de-sol — um antigo chapéu-de-sol, com haste inteiramente de madeira, e um cabo de volta, incrustado de pequenos losangos de madrepérola. . .*"
>
> (L. Barreto, TFPQ, 30.)

3.º) Por sua força generalizadora, o artigo indefinido pode atribuir a um substantivo no singular a representação de toda a espécie:

> "*— Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.*"
>
> (G. Ramos, VS, 53.)

4.º) A anteposição do plural *uns, umas* a cardinais é a forma preferida do idioma para indicar a aproximação numérica:

> "*Podia ter neste tempo uns 17 anos.*"
> (J. L. do Rego, U, 35.)

> "*Eram umas vinte habitações ao lado e em torno da minha.*"
> (G. Amado, DP, 248.)

Com o mesmo sentido aparece a forma singular *uma* antes da fracionária *meia:*

> "*Decorreu uma boa meia-hora.*"
> (J. de Alencar, OC, II, 569.)

5.º) Antepõe-se o artigo indefinido a alguns nomes de moléstias, descobertas ou melhor classificadas modernamente, em particular quando esses nomes vêm acompanhados de um adjetivo que os enquadre em determinada categoria:

Estar com uma hepatite.
Ter uma rinite alérgica.

Diz-se, porém:

Ter sarampo.	*Estar com malária.*
Ter catapora.	*Estar com varíola.*

por se tratar de moléstias conhecidas antes da generalização do emprego do artigo indefinido.

6.º) Antes dos nomes de partes do corpo ou de objetos que se consideram aos pares, usa-se o plural do artigo indefinido para designar um só par:

> "*Uns olhos cor de esperança.*
> *Uns olhos por que morri. . .*"
> (G. Dias, PCPE, 386.)

Usava uns sapatos incríveis.

Valores afetivos

O artigo indefinido aparece com acentuado valor intensivo em certas frases da linguagem coloquial caracterizadas por uma entoação particular:

Ele é de uma gentileza! . . .
Você tem umas idéias! . . .

A suspensão final da voz faz subentender um adjetivo denotador de qualidade ou defeito de caráter excepcional. Equivale a dizer-se:

Ele é de uma gentileza encantadora.
Você tem umas idéias estapafúrdias (ou ótimas).

Ressalte-se que a força intensiva do indefinido permite que se complete a estrutura consecutiva com o aparecimento de uma oração iniciada por *que*:

Ele é de uma gentileza que encanta.

Entenda-se:

Ele é de uma gentileza tal que encanta.

2. Com os nomes próprios

1. Emprega-se o artigo indefinido antes de um nome de pessoa:

a) para acentuar a semelhança ou a conformidade de alguém com um vulto ou uma personagem célebre, caso em que o nome próprio passa a ser um nome comum:

Era um Narciso [= *era um enamorado de si mesmo*].

b) para indicar ser o indivíduo verdadeiro símbolo de uma espécie:

"*E uma Safo, um Job, um Catulo, um São Francisco de Assis, um Gonzaga, tantos e tantos! apresentam essa característica com a mesma intensidade que o grande Musset.*"
(*M. de Andrade, OI, 285.*)

c) para designar um indivíduo pertencente a determinada família:

D. Pedro I era um Bragança.

d) para evocar aspectos geralmente imprevistos de uma pessoa:

"*Era uma Eurídice como um vampiro.*"
(*J. L. do Rego, E, 280.*)

e) para designar obras de um artista (geralmente quadros de um pintor):

Paguei caro por um *Guignard.* [= *por um quadro de Guignard.*]

2. Como o artigo definido, o indefinido pode acompanhar os nomes geográficos, se qualificados:

"Como éramos felizes quando íamos a passeio à casa de T. em Copacabana, uma *Copacabana ainda primitiva, modesta e simples."*
(A. F. Schmidt, GB, 238-9.)

Omissão do artigo indefinido

Apesar de sua generalização crescente, há circunstâncias que, ainda hoje, pedem ou favorecem a omissão do artigo indefinido. Assim:

1.º) A existência de outro elemento determinativo anteposto ao nome, como seja uma forma de identidade ou de comparação:

Quem poderia aceitar semelhante *argumento?*
Não serias capaz de melhor *exibição do que esta.*

2.º) O fato de um substantivo ser empregado no singular para exprimir não a idéia de unidade, mas uma noção partitiva, ou para designar toda a espécie ou categoria a que pertence:

Parte do auditório não compreendeu a peça.
Amigo disfarçado, inimigo dobrado.

Observação

Rigorosamente falando, não existe omissão do artigo indefinido, mas casos onde ele nunca se empregou de forma regular.

Na fase primitiva das línguas românicas, o artigo indefinido era de uso restrito. Com o correr do tempo, esse determinativo se foi introduzindo em numerosas construções e, hoje, os variados matizes do seu emprego constituem uma inestimável riqueza estilística de todas elas.

Contra essa generalização e valorização progressiva do indefinido se manifestaram sempre os nossos gramáticos, que nela vêem uma simples e desnecessária influência do francês, onde, em ver-

dade, poucas são atualmente as interdições ao uso do determinativo em causa. Mas tal guerra se tem revelado inútil precisamente porque não se trata, no caso, de um mero galicismo extirpável, e sim de uma tendência geral dos idiomas neolatinos em busca de formas mais expressivas, de maior clareza e vigor para o enunciado.

Em expressões de identidade

1. Evita-se, em geral, empregar o artigo indefinido quando já existe, anteposto ao substantivo, um dos pronomes demonstrativos *igual, semelhante* e *tal*; ou um dos indefinidos *certo, outro, qualquer* e *tanto*:

> *"Quem faz semelhante algazarra à porta?"*
> *(M. Pena, T, II, 71.)*

> *"Em certos lugares tínhamos a bolandeira, uma espécie de máquina de pau."*
> *(G. Ramos, AOH, 162.)*

2. Advirta-se, porém, que algumas dessas formas, quando pospostas a um substantivo, passam a ser adjetivos, caso em que se constroem normalmente com artigo indefinido:

> *Tinha um jeito semelhante de andar.*
> *Ele escolheu um lugar certo.*

Costuma-se, no entanto, calar o artigo indefinido, quando a frase é negativa ou interrogativa:

> *Nunca vi cena semelhante.*
> *Fizeste uso de dosagem certa?*

Em expressões comparativas

1. Em princípio, as fórmulas comparativas podem admitir a exclusão do artigo indefinido. É o caso:

a) dos comparativos de igualdade formados com *tão* ou *tanto*:

> *Nunca saí em noite tão escura como aquela.*
> *Tratava-a com tanto carinho como à filha.*

b) dos comparativos de superioridade ou de inferioridade, principalmente quando expressos sob a forma negativa ou interrogativa:

Não poderia escolher pior época para viajar.
Queres maior participação nos lucros?

2. É dispensável também o artigo indefinido em comparações do tipo:

"Zumbia como corda de viola."
(G. Ramos, AOH, 32.)

"Molhado inda do dilúvio,
Qual Tritão descomunal,
O continente desperta
No concerto universal."
(C. Alves, OC, 76.)

Em expressões de quantidade

Costuma-se evitar o artigo indefinido antes de expressões denotadoras de quantidade indeterminada, constituídas seja por substantivos como: *coisa, gente, infinidade, multidão, número, parte, pessoa, porção, quantia, quantidade, soma* e equivalentes, seja por adjetivos como: *escasso, excessivo, suficiente* e sinônimos:

Grande soma foi despendida na obra.
Boa porção do pescado se deteriorou.
Há excessivo otimismo por parte dele.
Conseguimos suficiente base econômica para a empresa.

Observação

A presença do numeral fracionário **meio** *exclui normalmente a do artigo indefinido:*

"E Moleque Nicanor, sempre montado em pêlo, me toma a bênção e toca, a meio galope, sem nem ao menos fazer questão de substituir o cipó pelo cabresto."
(G. Rosa, S, 218.)

"Deve andar na vadiação pelo menos meia dúzia de guaribas."
(G. Ramos, AOH, 102.)

Mas, como vimos, o feminino *meia* se constrói com o indefinido nas designações de quantidade aproximada. E também pode admiti-lo quando forma com o substantivo uma unidade de uso corrente:

> "*Sobressaía uma meia-lua prendendo entre as aspas uma estrela*..."
> (S. Lopes Neto, CGLS, 301.)

Com substantivo denotador da espécie

Quando um substantivo no singular é concebido sob o aspecto de categoria, de espécie, e não sob o de unidade, pode-se calar o artigo indefinido. Esta omissão aparece freqüentemente em provérbios e frases sentenciosas:

> "*Mãe é capaz de tudo.*"
> (M. de Assis, OC, I, 794.)

> "*Criança tem amigos e inimigos.*"
> (G. Amado, HMI, 8.)

> "*Cão ladrador nunca é bom caçador.*"

Outros casos de omissão do artigo indefinido

Além dos casos mencionados, a língua portuguesa admite a omissão do artigo indefinido em muitos outros. Como o artigo definido, ele pode faltar:

a) nas enumerações:

> "*Mortes, nascimentos, agonias — tudo isto vi eu no dia de hoje.*"
> (A. F. Schmidt, GB, 301.)

b) nos apostos:

> "*José de Alencar, romancista enorme, tinha tido barbas enormes, perfeitamente iguais às do imperador — e chegara a ministro.*"
> (G. Ramos, AOH, 162.)

e sempre que a clareza ou a ênfase não o exigirem.

Capítulo VII

3. Adjetivo

Definição

O adjetivo é a espécie de palavra que serve para caracterizar os seres ou os objetos nomeados pelo substantivo, indicando-lhes:

a) uma qualidade (ou defeito): *moça gentil, pensamento obscuro;*

b) o modo de ser: *pessoa hábil;*

c) o aspecto ou aparência: *jardim florido;*

d) o estado: *criança enferma.*

Observação

Por vezes o adjetivo marca apenas uma relação de tempo, de espaço, de matéria, de finalidade, de propriedade, de procedência, etc. Assim, em nota mensal, casa paterna, perfume francês *relacionamos as noções de* nota e mês *(nota relativa ao mês),* de casa e pais *(casa onde habitam os pais)* e de perfume e França *(perfume procedente da França). De regra, esses adjetivos de relação não admitem graus de intensidade. Uma* nota *não pode ser* mais mensal, *nem uma* casa muito paterna, *nem um* perfume menos francês.

Nome substantivo e nome adjetivo

É muito estreita a relação entre o substantivo (termo determinado) e o adjetivo (termo determinante). Não raro, há uma única forma para as duas classes de palavras e, nesse caso, a distinção só poderá ser feita na frase. Comparem-se, por exemplo:

Um cego velho cantava ao desafio.
Um velho cego cantava ao desafio

Na primeira oração, cego é substantivo, porque é a palavra-núcleo caracterizada por *velho*, que, por sua vez, é adjetivo na medida em que é a palavra caracterizadora do termo-núcleo. Na segunda oração, ao contrário, *velho* é substantivo e cego adjetivo.

Como vemos, a subdivisão dos nomes portugueses em substantivos e adjetivos obedece a um critério basicamente sintático, funcional.

Substantivação do adjetivo

Sempre que a qualidade referida a um ser ou objeto for concebida com grande independência, o adjetivo que a representa deixará de ser um termo

subordinado para tornar-se o termo nuclear do tagma nominal. Dá-se, então, o que se chama substantivação do adjetivo, fato que se exprime, gramaticalmente, pela anteposição de um determinativo (em geral, do artigo) ao adjetivo.

Assim, nas orações abaixo:

O	*céu*	*cinzento*	*indica*	*chuva.*
	↑	↑		
artigo	substantivo	adjetivo		

(artigo + substantivo + adjetivo = sintagma nominal)

O	*cinzento*	*do*	*céu*	*indica*	*chuva.*[1]
	↑		↑		
artigo	substantivo	locução	adjetiva		

(artigo + substantivo + locução adjetiva = sintagma nominal)

Substitutos do adjetivo

Palavras ou expressões de outra classe gramatical podem também servir para caracterizar o substantivo, ficando a ele subordinadas na frase. Valem, portanto, por verdadeiros adjetivos, semântica e sintaticamente falando.

Costuma-se, por exemplo, com tal finalidade:

a) associar ao substantivo principal outro substantivo em forma de aposto:

o rio Amazonas *moça cabeça-de-vento*

b) empregar locuções formadas, quer de preposição + substantivo:

barco a vela (= veleiro)
homem sem cabelo (= calvo)

quer de preposição + advérbio:

jornal de hoje (= hodierno)
patas de trás (= traseiras)

c) substituir o adjetivo por um substantivo abstrato, que passa a ter como complemento nominal o antigo substantivo nuclear. Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Admirei a originalidade do trabalho.
Admirei o trabalho original.

---

[1] Veja-se o que dissemos no Capítulo VII, 1, p. 212.

A caracterização do substantivo pode fazer-se ainda por meio de uma oração:

a) seja desenvolvida (quando encabeçada por pronome relativo):

"*A cachorra Baleia, que vinha atrás, incorporou-se ao grupo.*"

(*G. Ramos, VS, 112.*)

"*As influências literárias que fui recebendo são incontáveis.*"

(*M. Bandeira, PP, II, 26.*)

b) seja reduzida:

"*Eram gritos e gente correndo para todos os cantos.*"

(*J. L. do Rego, ME, 3.*)

Morfologia dos adjetivos

Se do ponto de vista semântico e sintático o adjetivo é espécie de palavra que possui um caráter autônomo com relação às demais, já não sucede o mesmo do ponto de vista morfológico.

Apenas os adjetivos referentes a cores, em sua maior parte, e outros como *brando, claro, comprido, curto, estreito, largo, liso, livre, triste,* etc., "pertencem a esta classe de adjetivos primitivos, que designam por si mesmos uma qualidade, sem referência a uma substância ou ação que a representem". [1]

A maioria dos adjetivos é formada por aqueles que morfologicamente se apresentam "como derivados de um substantivo ou de um verbo e que semanticamente se referem ao significado deles". [2]

Adjetivos pátrios

Entre os adjetivos derivados de substantivos cumpre salientar os que se referem a continentes, países, regiões, províncias, estados, cidades, vilas e povoados, bem como aqueles que se aplicam a raças e povos. Os primeiros chamam-se pátrios; os segundos, gentílicos, denominações estas que foram omitidas na *Nomenclatura Gramatical Brasileira,* mas que nos parecem necessárias.

---

1) Gonzalo Sobejano. *El epíteto en la lírica española.* Madrid, 1956. p. 94.
2) *Idem, Ibid.,* p. 97.

Dos sufixos que entram na formação dos adjetivos pátrios e gentílicos os mais usados são *-ês* ou *-ense* e *-ão* ou *-ano*, mas há muitos outros que se prestam a formar tais adjetivos, como vimos no Capítulo V.

Adjetivos pátrios compostos

Comparando-se os dizeres:

línguas indianas
línguas indo-européias
antigüidade grega
antigüidade greco-latina

verificamos que os adjetivos *indianas* e *grega*, ao participarem como primeiro elemento de pátrios compostos, assumem uma forma alatinada, geralmente reduzida: *indo* e *greco*.

Entre as formas alatinadas e reduzidas que servem de primeiro elemento de compostos desse tipo, as mais freqüentes são:

anglo (= inglês)	**Aliança anglo-francesa**
austro (= austríaco)	**Império austro-húngaro**
euro (= europeu)	**Relações euro-africanas**
franco (= francês)	**Falares franco-provençais**
greco (= grego)	**Antigüidade greco-romana**
hispano (= hispânico, espanhol)	**Literatura hispano-americana**
indo (= indiano)	**Línguas indo-européias**
ítalo (= italiano)	**Atlas ítalo-suíço**
galaico (= galego)	**Trovadores galaico-portugueses**
luso (= lusitano, português)	**Glossário luso-asiático**
nipo (= nipônico, japonês)	**Conflito nipo-coreano**
sino (= chinês)	**Guerra sino-japonesa**
teuto (= teutônico, alemão)	**Ginásio teuto-brasileiro**

Flexões dos adjetivos

Como os substantivos, os adjetivos podem flexionar-se em número, gênero e grau.

Número

O adjetivo toma a forma singular ou plural do substantivo que ele qualifica:

clima delicioso	*climas deliciosos*
casa verde	*casas verdes*
homem trabalhador	*homens trabalhadores*

Plural dos adjetivos simples

Na formação do plural, os adjetivos simples seguem as mesmas regras a que obedecem os substantivos.

Plural dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o último elemento recebe a forma de plural:

colóquios luso-brasileiros
consultórios médico-cirúrgicos
sessões lítero-musicais

Observação

Excetuam-se:

a) surdo-mudo, *que faz* surdos-mudos;

b) os adjetivos referentes a cores, que são invariáveis quando o segundo elemento da composição é um substantivo:

blusas amarelo-canário
vestidos azul-petróleo
uniformes verde-oliva

Gênero

Do ponto de vista morfológico, o único traço que, na verdade, singulariza o adjetivo como uma parte da oração diversa das demais é o de poder apresentar duas terminações de gênero, sem que, com isso, seja uma palavra de gênero determinado e sem que o conceito por ele designado corresponda a um gênero real.

O fato de ser o adjetivo capaz de flexões genéricas diversas, sem que ele próprio possua um gênero fixo, distingue-o claramente das outras espécies de palavras, inclusive do substantivo, com que tão estreitamente se relaciona, e com o qual constitui a categoria do nome, por oposição à do verbo.

Formação do feminino

1. Geralmente os adjetivos são biformes, isto é, possuem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino:

Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
bom garboso belo	boa garbosa bela	mau cru inglês	má crua inglesa

2. O processo de formação do feminino destes adjetivos é idêntico ao dos substantivos. Assim:

1.º) Os terminados em -o átono formam o feminino mudando o -o em -a:

lindo	*linda*	*robusto*	*robusta*

2.º) Os terminados em -*u*, -*ês* e -*or* formam geralmente o feminino acrescentando -*a* ao masculino:

cru	*crua*	*nu*	*nua*
burguês	*burguesa*	*francês*	*francesa*
tentador	*tentadora*	*zombador*	*zombadora*

Excetuam-se, porém:

a) dos finalizados em -*u*. *hindu*, que é invariável;

b) dos finalizados em -*ês*: *cortês*, *descortês*, *montês* e *pedrês*, que são invariáveis;

c) dos finalizados em -*or*: *anterior*, *posterior*, *inferior*, *superior*, *interior*, *multicor*, *incolor*, *sensabor*, *melhor*, *pior*, *maior*, *menor* e outros, que são invariáveis; *gerador*, *motor* e mais alguns terminados em -*dor* e -*tor*, que mudam estas sílabas em -*triz*: *geratriz*, *motriz*, etc.; e um pequeno número que muda o -*or* em -*eira*: *trabalhador*, *trabalhadeira*, etc.

3.º) Os terminados em -*ão* formam o feminino em -*ã* ou em -*ona*:

vão	*vã*	*chorão*	*chorona*

Beirão, no entanto, faz no feminino *beiroa*.

4.º) Os terminados em -*eu* (com *e* fechado) formam o feminino em -*éia*:

ateu	*atéia*	*plebeu*	*plebéia*

Excetuam-se *judeu* e *sandeu*, que fazem, respectivamente, *judia* e *sandia*.

5.º) Os terminados em -*éu* (com *e* aberto) formam o feminino em -*oa*:

ilhéu	*ilhoa*	*tabaréu*	*tabaroa*

6.º) Alguns adjetivos que no masculino possuem o tônico fechado [o], além de receberem a desinência *-a*, mudam o o fechado [o] para aberto [o], no feminino:

cheiroso	*cheirosa*	*famoso*	*famosa*
oposto	*oposta*	*grosso*	*grossa*

Outros, porém, conservam no feminino o o fechado do masculino:

chocho	*chocha*	*fofo*	*fofa*
fosco	*fosca*	*oco*	*oca*

Adjetivos uniformes

Há adjetivos que têm uma só forma para os dois gêneros.

São de regra uniformes os que terminam em *-a*, *-e*, *-l*, *-m*, *-r*, *-s* e *-z*. Exemplos:

o *aparelho agrícola*	a *máquina agrícola*
o *bolo excelente*	a *comida excelente*
o *exercício difícil*	a *questão difícil*
o *fato ruim*	a *coisa ruim*
o *estabelecimento exemplar*	a *escola exemplar*
o *estilo simples*	a *redação simples*
o *momento infeliz*	a *atitude infeliz*

Observação

Fazem exceção: andaluz, *fem.* andaluza; bom, *fem.* boa; espanhol, *fem.* espanhola; e *a maior parte dos terminados em* -ês e -or.

Feminino dos adjetivos compostos

Nos adjetivos compostos, apenas o segundo elemento pode assumir a forma feminina:

a cultura luso-brasileira
atividade lúdico-instrutiva

A única exceção é *surdo-mudo*, que faz no feminino *surda-muda:*

uma criança surda-muda

Graus do adjetivo

Dois são os graus do adjetivo: o comparativo e superlativo.

1\. O comparativo pode indicar:

a) que um ser possui determinada qualidade em grau *superior, igual* ou *inferior* a outro:

Carlos é mais estudioso do que João.
Joaquim é tão estudioso como (ou quanto) Carlos.
João é menos estudioso do que Joaquim.

b) que num mesmo ser determinada qualidade é *superior, igual* ou *inferior* a outra que possui:

João é mais inteligente que estudioso.
Carlos é tão inteligente quanto estudioso.
Joaquim é menos inteligente que estudioso.

Daí a existência de um comparativo de superioridade, de um comparativo de igualdade e de um comparativo de inferioridade.

2\. O superlativo pode denotar:

a) que um ser apresenta em elevado grau determinada qualidade (superlativo absoluto):

João é inteligentíssimo.
Carlos é muito inteligente.

b) que, em comparação à totalidade dos seres que apresentam a mesma qualidade, um sobressai por possuí-la em grau maior ou menor que os demais (superlativo relativo):

Paulo é o aluno mais estudioso do Ginásio.
Juvenal é o aluno menos estudioso do Ginásio.

No primeiro exemplo, o superlativo relativo é de superioridade; no segundo, de inferioridade.

Formação do grau comparativo

1\. Forma-se o comparativo de superioridade antepondo-se o advérbio *mais* e pospondo-se a conjunção *que* ou *do que* ao adjetivo:

Flávio é mais calmo do que Luís.
Maria é mais bonita que simpática.

2. Forma-se o comparativo de igualdade antepondo-se o advérbio *tão* e pospondo-se a conjunção *como* ou *quanto* ao adjetivo:

Pedro é tão calmo como Flávio.
Noêmia é tão bonita quanto simpática.

3. Forma-se o comparativo de inferioridade antepondo-se o advérbio *menos* e pospondo-se a conjunção *que* ou *do que* ao adjetivo:

Luís é menos calmo do que Pedro.
Raquel é menos bonita que simpática.

Formação do grau superlativo

Vimos que há duas espécies de superlativo: absoluto e relativo.

O superlativo absoluto pode ser:

a) sintético, se expresso por uma só palavra (adjetivo + sufixo):

lindíssima	*facílimo*
fertilíssimo	*paupérrimo*

b) analítico, se formado com a ajuda de outra palavra, geralmente um advérbio indicador de excesso — *muito, imensamente, extraordinariamente, excessivamente, grandemente,* etc.:

extraordinariamente lindo	*excessivamente fácil*
imensamente fértil	*muito pobre*

Superlativo absoluto sintético

1. Forma-se pelo acréscimo ao adjetivo do sufixo *-íssimo:*

normal	*normalíssimo*
vulgar	*vulgaríssimo*

Se o adjetivo terminar em vogal, esta desaparece ao aglutinar-se o sufixo:

lindo	*lindíssimo*
triste	*tristíssimo*

2. Muitas vezes o adjetivo, ao receber o sufixo *-íssimo*, reassume a primitiva forma latina. Assim:

a) os adjetivos terminados em *-vel* formam o superlativo em *-bilíssimo*:

notável	*notabilíssimo*
indelével	*indelebilíssimo*
sensível	*sensibilíssimo*
móvel	*mobilíssimo*
volúvel	*volubilíssimo*

b) os terminados em *-z* fazem o superlativo em *-císsimo*:

voraz	*voracíssimo*
infeliz	*infelicíssimo*
atroz	*atrocíssimo*

c) os terminados em vogal nasal (representada com *-m* gráfico) formam o superlativo em *-níssimo*:

comum *comuníssimo*

d) os terminados no ditongo *-ão* fazem o superlativo em *-aníssimo*:

pagão *paganíssimo* *vão* *vaníssimo*

3. Não raro a forma portuguesa do adjetivo difere sensivelmente da latina, da qual deriva o superlativo. Assim:

Normal	Superlativo	Normal	Superlativo
amargo	amaríssimo	magnífico	magnificentíssimo
amigo	amicíssimo	maléfico	maleficentíssimo
antigo	antiquíssimo	malévolo	malevolentíssimo
benéfico	beneficentíssimo	miúdo	minutíssimo
benévolo	benevolentíssimo	nobre	nobilíssimo
cristão	cristianíssimo	pessoal	personalíssimo
cruel	crudelíssimo	pródigo	prodigalíssimo
doce	dulcíssimo	sábio	sapientíssimo
fiel	fidelíssimo	sagrado	sacratíssimo
frio	frigidíssimo	simples	simplicíssimo ou simplíssimo
geral	generalíssimo		
inimigo	inimicíssimo	soberbo	superbíssimo

4. Também os superlativos em *-imo* e *-rimo* representam simples formações latinas. Com exclusão de *facílimo*, *dificílimo* e *paupérrimo* (superlativos de

fácil, difícil e *pobre*), que pertencem à linguagem coloquial, são todos de uso literário e um tanto precioso. Anotem-se os seguintes:

Normal	Superlativo	Normal	Superlativo
acre célebre humilde íntegro livre salubre	acérrimo celebérrimo humílimo (ou humildíssimo) integérrimo libérrimo salubérrimo	magro negro pobre	macérrimo (ou magríssimo) nigérrimo (ou negríssimo) paupérrimo (ou pobríssimo)

Observações

1.ª) Modernamente, no centro do país, vem-se generalizando a forma anormal **magérrimo** *como superlativo de* **magro**.

2.ª) Em lugar das formas superlativas **seriíssimo**, **necessariíssimo** *e outras semelhantes, a língua atual prefere* **seríssimo**, **necessaríssimo**, *com um só* **i**.

Outras formas de superlativo

Pode-se formar também o superlativo com:

a) o acréscimo de um prefixo, como *arqui-, extra-, hiper-, super-, ultra-*, etc.: *arquimilionário, extrafino, hipersensível, superexaltado, ultra-rápido.*

b) a repetição do próprio adjetivo:

"*Teus olhos são negros, negros,*
Como as noites sem luar..."
(*C. Alves, OC, 98.*)

"*Pobre, pobre, pobre*
Juriti-pepena!"
(*M. Bandeira, PP, I, 425.*)

c) uma comparação breve:

Isto é claro como água [= *Isto é claríssimo*].
Ele é valente como quê [= *Ele é muito valente*].

d) certas expressões fixas, como *podre de rico* [= *riquíssimo*], *de mão-cheia* [= excelente, de grandes recursos técnicos], e outras semelhantes:

"*Há de dar um padre de mão-cheia.*"
(*M. de Assis, OC, I, 782.*)

"O negro tinha caráter como o diabo."
(J. L. do Rego, MR, 149.)

"Eu tinha um chute que Deus te livre."
(A. M. Machado, JT, 133.)

e) o artigo definido, marcado por uma tonicidade e uma duração particular, em frases do tipo:

Ela não é somente uma boa diretora, ela é a diretora [= *a incomparável, a melhor de todas*].

f) a expressão *um senhor* [= notável, excelente], pronunciada com entoação ascendente particular, em frases de tensa afetividade, como esta, ouvida num programa de televisão:

Dirceu Lopes é um senhor jogador!

Superlativo relativo

O superlativo relativo é sempre analítico.

O de superioridade forma-se antepondo-se o *mais* e pospondo-se *de* ou *dentre* ao adjetivo:

Este aluno é o mais inteligente de todos.
A mais simpática dentre as colegas era Lívia.

O de inferioridade forma-se antepondo-se o *menos* e pospondo-se *de* ou *dentre* ao adjetivo:

Aquele aluno é o menos inteligente de todos.
A menos simpática dentre as colegas era Vilma.

O superlativo relativo denotador dos limites da possibilidade forma-se com a posposição da palavra *possível* ou uma expressão (ou oração) de sentido equivalente:

"O arraial era o mais monótono possível."
(G. Rosa, S, 264.)

Comparativos e superlativos anômalos

Quatro adjetivos — *bom, mau, grande* e *pequeno* — formam o comparativo e o superlativo de modo especial:

Adjetivo	Comparativo de superioridade	Superlativo	
		Absoluto	Relativo
bom mau grande pequeno	melhor pior maior menor	ótimo péssimo máximo mínimo	o melhor o pior o maior o menor

Observações

1.ª) Quando se compara a qualidade de dois seres, não se deve dizer **mais bom, mais mau** e **mais grande**; e *sim:* **melhor, pior** e **maior.** *Obrigatório é, no entanto, usar as formas analíticas desses adjetivos quando se confrontam duas qualidades do mesmo ser:*

Era um infeliz: mais desequilibrado do que mau.
Josias é bom e trabalhador: mais bom do que trabalhador.

Em lugar de **menor** *usa-se também* **mais pequeno**, *que é a forma preferida em Portugal.*

2.ª) A par de **ótimo, péssimo, máximo** e **mínimo**, *existem os superlativos absolutos regulares:* **boníssimo** e **muito bom, malíssimo** e **muito mau, grandíssimo** e **muito grande, pequeníssimo** e **muito pequeno.**

3.ª) **Grande** e **pequeno** *possuem dois superlativos:* **o maior** *ou* **o máximo** e **o menor** *ou* **o mínimo.**

4.ª) Alguns comparativos e superlativos não têm forma normal usada:

Comparativo	Superlativo
superior inferior anterior posterior ulterior	supremo ou sumo ínfimo ——— póstumo último

As formas **superior** e **inferior, supremo** (*ou* **sumo**) e **ínfimo** *podem ser empregadas como comparativo e superlativo de* **alto** e **baixo**, *respectivamente.*

Adjetivos que não se flexionam em grau

Como dissemos, certos adjetivos não se flexionam em grau porque o próprio significado não o permite. Entre outros: *anual, mensal, semanal, diário, hodierno, casado, solteiro, eterno, unânime, perpétuo, áureo, férreo.*

Para que um adjetivo tenha comparativo e superlativo, é necessário, por conseguinte, que o seu sentido admita variação de intensidade.

Emprego do adjetivo

Funções sintáticas do adjetivo

A rigor, o adjetivo só existe referido a um substantivo. Conforme se estabeleça a relação entre os dois termos na frase, o adjetivo desempenhará as funções sintáticas de adjunto adnominal ou de predicativo.

Adjetivo em função de adjunto adnominal

Neste caso, o adjetivo se refere, *sem intermediário,* ao substantivo, a que pode vir posposto ou anteposto. Formam ambos um conjunto significativo, marcado pela *unidade de acento* e *entoação* e pela *identidade de função sintática.*

Assim, no exemplo:

Seu gesto meigo cativou-me.

o sujeito da oração é não apenas *gesto,* mas toda a *unidade significativa* e *acentual:*

Seu gesto meigo.

É dentro deste conjunto que o adjetivo desempenhará a função sintática acessória, secundária portanto, de adjunto adnominal do substantivo *gesto,* núcleo do sujeito.

Adjetivo em função predicativa

Neste caso, a qualidade expressa pelo adjetivo transmite-se ao substantivo por intermédio de um verbo, que pode estar explícito ou implícito na oração.

Temos o adjetivo em função predicativa nas seguintes construções:

1. Predicativo do sujeito, com verbo de ligação explícito:

"*A praia estava deserta.*"
(*G. Amado, TL, 8.*)

2. Predicativo do sujeito, com verbo de ligação implícito:

Terrível aquela noite!

3. Predicativo do objeto direto, com verbo nocional transitivo:

"*Sabia-o decidido, sem medo.*"
(*G. Aranha, OC, 471.*)

4. Predicativo do objeto indireto, com verbo nocional transitivo:

"*Pareceu-lhe que não, sorriu e chamou-lhe incrédulo.*"
(*M. de Assis, OC, I, 922.*)

5. Predicativo do sujeito, com verbo nocional intransitivo:

"*Meu coração desmaia pensativo.*"
(*C. Alves, OC, 94.*)

Nesta última construção, o adjetivo encerra sempre, mais ou menos acentuada, uma noção adverbial.

Emprego adverbial do adjetivo

1. Examinando as seguintes orações:

O cavalo seguia vagaroso pela estrada.
A tropa seguia vagarosa pela estrada.
Os cavalos seguiam vagarosos pela estrada.
As tropas seguiam vagarosas pela estrada.

vemos que, nelas, o adjetivo em função predicativa concorda em gênero e número com o substantivo sujeito. Mas verificamos, por outro lado, que, servindo embora de predicativo do sujeito, com o qual concorda, o adjetivo modifica em todas elas a ação expressa pelo verbo e assume, de alguma forma, um valor também adverbial.

Esse valor naturalmente será o preponderante se, em lugar daquelas construções, usarmos as seguintes:

O cavalo seguia vagarosamente pela estrada.
A tropa seguia vagarosamente pela estrada.
Os cavalos seguiam vagarosamente pela estrada.
As tropas seguiam vagarosamente pela estrada.

Aqui, a forma adverbial, invariável, impede a possibilidade de concordância, justamente o elo que prendia o adjetivo ao sujeito, e, com isso, faz aflorar com toda a nitidez o modo por que se processa a ação indicada pelo verbo *seguir*.

2. É esse emprego do adjetivo em predicados verbo-nominais, com valor fronteiriço de advérbio, que nos vai explicar o fenômeno, hoje muito generalizado, da adverbialização de adjetivos sem o acréscimo do sufixo *-mente*.

Por exemplo, nestas orações:

"Falavam alto, comentando ainda as peripécias do leilão."
(A. Peixoto, RC, 327.)

"Portanto a Maria pagou caro e por junto todas as contas."
(M. A. de Almeida, MSM, 13.)

"D. Felismina sorriu amarelo."
(M. de Assis, OC, II, 519.)

Observação

Embora o adjetivo adverbializado deva permanecer invariável, não faltam exemplos, mesmo em bons autores, de sua concordância com o sujeito da oração, fato justificável pela ampla zona de contato existente, no caso, entre o adjetivo e o advérbio.

"Requeimados pelo sol ardente do estio ou pelo vento gelado dos invernos rigorosos das serranias, incapazes de conhecerem a vantagem da ordem e da disciplina, estes homens rudes combatiam meios nus e desprezavam todas as precauções de guerra."
(A. Herculano, E, 93.)

"Encontrou no caminho a mão do outro. Uma coisa pendente meia solta, molhada."
(M. de Andrade, B, 13.)

Diferença fundamental

A diferença entre o adjetivo em função de adjunto adnominal e o adjetivo em função de predicativo se baseia, principalmente, em dois pontos:

1.º) O primeiro é termo acessório da oração, parte de um termo essencial ou integrante dela; o segundo é, por si próprio, um termo essencial da oração.

Se disséssemos, por exemplo:
Esta rua é estreita.

o adjetivo predicativo não poderia faltar, pois, sendo termo essencial, sem ele a oração não teria sentido.

Se disséssemos, no entanto:

Esta rua estreita desemboca numa praça.

o adjetivo *estreita* seria parte do sujeito, uma dispensável qualificação do substantivo que lhe serve de núcleo, um termo, por conseguinte, acessório da oração.

2.º) A qualidade expressa por um adjetivo em função predicativa vem marcada no tempo, e por essa relação cronológica entre a qualidade e o ser é responsável o verbo que liga o adjetivo ao substantivo. Comparem-se estas frases:

Um homem previdente não sofre decepções.
Carlos anda triste, mas era muito alegre.

Na primeira, acrescentamos a noção de *previdente* à de *homem* sem termos em mente qualquer referência à idéia de tempo. Já na segunda, as noções expressas pelos adjetivos *triste* e *alegre* são por nós atribuídas ao sujeito com a situação de tempo marcada pelo verbo: *triste*, no presente; *alegre*, no passado.

Valor estilístico do adjetivo

Como elemento fundamental para a caracterização dos seres, o adjetivo (ou qualquer expressão adjetiva) desempenha importante papel naquilo que falamos ou escrevemos.

É ele que nos permite configurar os seres ou os objetos tal como a nossa inteligência os distingue,

nomeando-lhes as peculiaridades objetivamente apreensíveis:

moça esguia *igreja gótica*
mesa de mármore *porta baixa*

É ele que nos permite expressar os seres e os objetos enriquecidos pelo que nossa imaginação e sensibilidade lhes atribui. Assim:

casa simpática *temperamento difícil*
voz aveludada *vontade férrea*

Portanto, quer para a *precisão* do enunciado quer para a sua *expressividade*, o adjetivo se impõe como termo imprescindível, mas a exigir de quem dele se utilize cuidados especiais, principalmente bom senso e bom gosto.

Colocação do adjetivo adjunto adnominal

1. Sabemos que, na oração declarativa, prepondera a ordem direta, que corresponde à seqüência progressiva do enunciado lógico.

   Como elemento acessório da oração, o adjetivo em função de adjunto adnominal deverá, portanto, vir com maior freqüência depois do substantivo que ele qualifica.

2. Mas sabemos, também, que ao nosso idioma não repugna a ordem chamada inversa, principalmente nas formas afetivas da linguagem, e que a antecipação de um termo é, de regra, uma forma de realçá-lo.

3. Podemos, então, estabelecer previamente que:

   a) sendo a seqüência substantivo + adjetivo a predominante no enunciado lógico, deriva daí a noção de que o adjetivo posposto possui valor objetivo:

   dia triste *noite escura*
   homem bom *campos floridos*

   b) sendo a seqüência adjetivo + substantivo provocada pela ênfase dada ao qualificativo, decorre daí a noção de que, anteposto, o adjetivo assume um valor subjetivo:

   triste dia *escura noite*
   bom homem *floridos campos*

Adjetivo posposto ao substantivo

Colocam-se preferentemente depois do substantivo:

a) os adjetivos que indicam uma *categoria* na espécie designada pelo substantivo:

galo indiano — *deputado federal*
água mineral — *morango silvestre*

b) os adjetivos que designam características muito salientes do substantivo, tais como forma, dimensão, cor e estado:

mesa redonda — *cabelos castanhos*
rapaz alto — *criança anêmica*

c) os adjetivos seguidos de um complemento nominal:

uma atitude difícil de entender
leis necessárias ao país

Adjetivo anteposto ao substantivo

1. De um modo constante, só se colocam antes do substantivo:

a) os superlativos relativos: o *melhor*, o *pior*, o *maior*, o *menor*:

> O *melhor* meio de ganhar é poupar.
> O *pior* cego é o que não quer ver.
> O *maior* castigo da injúria é havê-la feito.
> O *menor* desleixo pode ser fatal.

b) certos adjetivos monossilábicos que formam com o substantivo expressões equivalentes a substantivos compostos:

bom dia — *má hora*

c) adjetivos que nesta posição adquiriram sentido especial, como *simples* (= mero, só, único); comparem-se:

> O pai era um *simples* operário [= um mero operário].

> Sempre cultivei o estilo *simples* [= o estilo não complexo].

2. Afora esses casos, o adjetivo anteposto assume, em geral, um sentido figurado. Comparem-se, por exemplo:

um grande homem [= *grandeza figurada*]
um homem grande [= *grandeza material*]
uma pobre mulher [= *uma mulher infeliz*]
uma mulher pobre [= *uma mulher sem recursos*]

Outras formas de realce do adjetivo

Para realçar a caracterização do ser ou do objeto, costumam os escritores não só antepor o adjetivo ao substantivo, mas também:

a) estabelecer uma pausa entre o adjetivo e o substantivo, o que na escrita se marca pela colocação do adjetivo entre vírgulas:

"Foi depois do dilúvio... Um viandante,
Negro, sombrio, pálido, arquejante,
Descia do Arará..."
(C. Alves, OC, 292.)

"A criança, lívida, fechava os olhos."
(R. Pompéia, A, 72.)

b) repetir intencionalmente o adjetivo, que é, como vimos, uma das formas de superlativá-lo:

"São uns olhos verdes, verdes,
Uns olhos de verde-mar..."
(G. Dias, PCPE, 386.)

"Aflito, aflito, amargamente aflito,
num gesto estranho que parece um grito."
(Cruz e Sousa, OC, 109.)

c) separar o adjetivo do substantivo, colocando-o no fim da frase:

"Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, inquieta."
(G. Ramos, VS, 114.)

"São meigos infantes, — brincando, saltando
Em jogo infantil,
Inquietos, travessos..."
(G. Dias, PCPE, 126.)

d) acentuar o sentido do adjetivo por meio de um advérbio:

"Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia."
(M. Bandeira, PP, I, 294.)

"Ah, tudo isto é belo, tudo isto é humano e anda ligado
Aos sentimentos humanos, tão conviventes e burgueses,
Tão complicadamente simples, tão metafisicamente tristes."
(F. Pessoa, OP, 292.)

2. O adjetivo, ou particípio, que modifica um pronome substantivo vem sempre numa situação enfática, em razão da pausa nítida que separa os dois termos. Por isso, escreve-se isolado por vírgulas.

"Eu, louco, amara-te, estátua!"
(G. Passos, VS, 37.)

"Eu, comovido, o escutava,
Bebendo as palavras no ar."
(O. Mariano, TVP, II, 491.)

Concordância do adjetivo com o substantivo

O adjetivo varia em gênero e número de acordo com o gênero e o número do substantivo ao qual se refere. É por essa correspondência de flexões que, em nosso idioma, os dois termos se acham inequivocamente relacionados, mesmo quando distantes um do outro na frase:

"Mas eu, Senhor!... Eu, triste abandonada
Em meio das areias esgarrada,
Perdida marcho em vão!"
(C. Alves, OC, 291.)

Regras básicas de concordância nominal

O adjetivo, quer em função de adjunto adnominal, quer em função de predicativo, desde que se refira a *um único substantivo*, com ele concorda em gênero e número.

Adjetivo referido a um substantivo

Assim:

Ganhei uma rosa amarela.
Ganhei rosas amarelas.
O menino estava temeroso.
Os meninos estavam temerosos.

Adjetivo referido a mais de um substantivo

Quando o adjetivo se associa *a mais de um substantivo,* importa considerar:

a) o gênero dos substantivos;

b) a função do adjetivo (adjunto adnominal ou predicativo);

c) a posição do adjetivo (anteposto ou posposto aos substantivos), condição essa que permite a concordância do adjetivo com os substantivos englobados, ou apenas com o mais próximo.

Observação

É oportuno lembrar, com Mattoso Câmara Júnior, que em muitos casos de concordância "não vigora uma norma definitiva e fixa, e a tradição literária nos dá soluções divergentes, conforme certos matizes de intenção, de harmonia ou de clareza, ou meras preferências subjetivas". (Manual de expressão oral e escrita. *Rio de Janeiro, 1961. p. 149.)*

Adjetivo adjunto adnominal

O adjetivo vem antes dos substantivos

Regra geral. O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo mais próximo, ou seja, com o primeiro deles:

Seguia por silenciosas montanhas e vales.
Seguia por silenciosos vales e montanhas.
A obra de Rondon suscita alto respeito e admiração.
A obra de Rondon suscita alta admiração e respeito.

Observação

Quando os substantivos são nomes próprios ou nomes de parentesco, o adjetivo vai sempre para o plural:

Os brasileiros respeitam e admiram os valorosos Rio Branco e Rondon.

Encontraram-se com os simpáticos sogro e sogra da filha.

O adjetivo vem depois dos substantivos

Neste caso, a concordância depende do gênero e do número dos substantivos.

1. Se os substantivos são do *mesmo gênero* e do *singular*, o adjetivo toma o gênero (masculino ou feminino) dos substantivos e, quanto ao número, vai:

a) para o singular (concordância mais comum):

Coserei teu paletó e teu blusão rasgado.
Admiramos a língua e a cultura francesa.

b) para o plural (concordância mais rara):

Coserei teu paletó e teu blusão rasgados.
Admiramos a língua e a cultura francesas.

2. Se os substantivos são de *gêneros diferentes* e do *singular*, o adjetivo pode concordar:

a) com o substantivo mais próximo (concordância mais comum):

Vendi um colar e uma pulseira dourada.
Conheço um rapaz e uma moça japonesa.

b) com os substantivos em conjunto, caso em que vai para o masculino plural (concordância mais rara):

Vendi um colar e uma pulseira dourados.
Conheço um rapaz e uma moça japoneses.

3. Se os substantivos são do *mesmo gênero*, mas de *números diversos*, o adjetivo toma o gênero dos substantivos, e vai:

a) para o plural (concordância mais comum):

A beleza das igrejas e da paisagem baianas atrai os turistas.
Comprei dois gravadores e um toca-disco alemães.

b) para o número do substantivo mais próximo (concordância mais rara):

A beleza das igrejas e da paisagem baiana atrai os turistas.
Comprei dois gravadores e um toca-disco alemão.

4. Se os substantivos são de *gêneros diferentes* e do *plural*, o adjetivo vai:

a) para o plural e para o gênero do substantivo mais próximo (concordância mais comum):

Rapazes e moças estudiosas saíam da biblioteca.
Comprei ternos e gravatas escuras.

b) para o masculino plural (concordância mais rara):

Rapazes e moças estudiosos saíam da biblioteca.
Comprei ternos e gravatas escuros.

5. Se os substantivos são de *gêneros* e *números diferentes*, o adjetivo pode ir:

a) para o masculino plural (concordância mais comum):

Comprei ternos e gravata escuros
A estrada contorna um lago e campinas plácidos.

b) para o gênero e o número do substantivo mais próximo (concordância que não é rara quando o último substantivo é um feminino plural):

Comprei ternos e gravata escura
A estrada contorna um lago e campinas plácidas.

Observação

Quando está em concordância apenas com o substantivo mais próximo, o adjetivo nem sempre caracteriza de forma precisa o substantivo dele distanciado. Por isso, em todas as hipóteses mencionadas, pode-se e deve-se, caso a concordância origine qualquer dúvida, repetir o adjetivo para cada um dos substantivos:

Comprei um terno escuro e uma gravata escura
Estudo os costumes gregos e a língua grega

Adjetivo predicativo de sujeito composto

Quando o adjetivo serve de predicativo a um sujeito múltiplo, constituído de substantivos (ou expressões equivalentes), observa, na maioria dos casos, as mesmas regras de concordância a que está

submetido o adjetivo que funciona como adjunto adnominal.

Convém salientar, no entanto, que:

a) se os substantivos sujeitos são do *mesmo gênero*, o adjetivo toma o gênero dos substantivos e vai, preferentemente, para o plural, ainda que os substantivos estejam no singular:

O jasmineiro e o manacá estão floridos.
A vaidade e a ignorância dele são assustadoras.

b) se os substantivos sujeitos são de *gêneros diversos*, o adjetivo vai, normalmente, para o masculino plural:

O jasmineiro e a roseira estão floridos.
A vaidade e o egoísmo dele são assustadores.

Mas, nos dois casos, é também possível que o adjetivo predicativo concorde com o sujeito mais próximo se o verbo de ligação estiver no singular e anteposto aos sujeitos, como nos exemplos abaixo:

Está florido o jasmineiro e a roseira.
É assustadora a vaidade e a ignorância dele.

Observações

1.ª) O adjetivo predicativo do objeto direto obedece, em geral, às mesmas regras de concordância observadas pelo adjetivo predicativo do sujeito.

2.ª) Como as orações, e as palavras tomadas materialmente, se consideram do número singular e do gênero masculino, quando o sujeito é expresso por uma oração (plena ou reduzida), o adjetivo predicativo fica no masculino singular:

É honroso morrer pela pátria
É justo que a juventude seja inconformista.

Capítulo VII
4. Pronomes

Pronomes substantivos e pronomes adjetivos

1. Os *pronomes* desempenham na frase funções equivalentes às exercidas pelos elementos nominais.

Servem pois:

a) para representar um substantivo:

"Invejava os homens e copiava-os."
(M. de Assis, OC, II, 520.)

b) para acompanhar um substantivo, determinando-lhe a extensão do significado:

"Vi terras da minha terra.
Por outras terras andei.
Mas o que ficou marcado
No meu olhar fatigado,
Foram terras que inventei."
(M. Bandeira, PP, I, 308.)

No primeiro caso desempenham a função de um substantivo e, por isso, recebem o nome de *pronomes substantivos*; no segundo chamam-se *pronomes adjetivos*, porque modificam o substantivo, que acompanham, como se fossem adjetivos.

2. Facilmente, aliás, se distinguem na prática essas duas classes de pronomes, porque os pronomes substantivos aparecem isolados na frase, ao passo que os pronomes adjetivos se empregam sempre junto de um substantivo, com o qual concordam em gênero e número.

Por exemplo, na frase:

"Aquele é o corpo de meu filho."
(R. da Silva, CL, 181.)

aquele é pronome substantivo, e *meu* pronome adjetivo.

3. Há seis espécies de pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos.

Observação

"O característico dos pronomes, do ponto de vista da significação, é a carência de um sentido constante, fixo e determinado — pelo menos parcialmente —, e a diferença mais importante entre

eles é que, enquanto em uns cada situação concreta permite saber exatamente quem representam, em outros, como os interrogativos e indefinidos, a significação é essencialmente indeterminada e não propriamente ocasional." (J. Roca Pons. **Introducción a la Gramática.** 2.ª ed. Barcelona, 1970. p. 186.)

Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais caracterizam-se:

1.º) por denotarem as três pessoas gramaticais, isto é, por terem a capacidade de indicar no colóquio:

a) *quem* fala = 1.ª pessoa: *eu* (singular); *nós* (plural);

b) *com quem* se fala = 2.ª pessoa: *tu* (singular); *vós* (plural);

c) *de quem* se fala = 3.ª pessoa: *ele*, *ela* (singular); *eles*, *elas* (plural);

2.º) por poderem representar, quando na 3.ª pessoa, uma forma nominal anteriormente expressa:

> "*A costureira trabalhava dobrado, ela mesma adiantando a compra dos aviamentos, escolhendo os figurinos.*"
> (A. M. Machado, HR, 273-274.)

3.º) por variarem de forma, segundo:

a) a função que desempenham na oração;

b) a acentuação que nela recebem.

Formas dos pronomes pessoais

Quanto à função, as formas do pronome pessoal podem ser retas ou oblíquas. Retas, quando funcionam como sujeito da oração; oblíquas, quando nela se empregam fundamentalmente como objeto (direto ou indireto).

Quanto à acentuação, distinguem-se, nos pronomes pessoais, as formas tônicas das átonas.

O quadro a seguir mostra claramente a correspondência entre essas formas:

		Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos não reflexivos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1.ª pessoa 2.ª pessoa 3.ª pessoa	eu tu ele, ela	me te o, a, lhe	mim, comigo ti, contigo ele, ela
Plural	1.ª pessoa 2.ª pessoa 3.ª pessoa	nós vós eles, elas	nos vos os, as, lhes	nós, conosco vós, convosco eles, elas

Formas o, lo **e** no **do pronome oblíquo**

1. Quando o pronome oblíquo da 3.ª pessoa, que funciona como objeto direto, vem antes do verbo, apresenta-se sempre com as formas o, *a*, *os*, *as*.

Assim:

> "*— O senhor não o vende, por acaso?*"
> (*A. M. Machado, HR, 242.*)

> "*Ainda hoje a revejo com os olhos da infância.*"
> (*J. L. do Rego, MVA, 18.*)

> "*Não os vi quando desapareceram.*"
> (*A. M. Machado, HR, 149.*)

> "*Ninguém as vê cair dentro de mim!*"
> (*F. Espanca, S, 18.*)

2. Quando, porém, está colocado depois do verbo e, na escrita, se liga a este por hífen (pronome enclítico), a sua forma depende da terminação do verbo.

1.º) Se a forma verbal terminar em vogal ou ditongo oral, empregam-se o, *a*, *os*, *as*:

> "*Macambira encarava-o quieto.*"
> (*C. Neto, OS, I, 1.246.*)

> "*Conheci-a no sertão.*"
> (*A. Arinos, OC, 72.*)

> "*Fixou-os de olhos esbugalhados.*"
> (*A. M. Machado, HR, 290.*)

> "*— Chorei-as pela tua raça.*"
> (*M. de Assis, OC, II, 547.*)

2.º) Se a forma verbal terminar em *-r*, *-s*, ou *-z*, suprimem-se estas consoantes, e o pronome assume as modalidades *lo*, *la*, *los*, *las*:

> "*Querem honrá-lo*, Exmo. Senhor!"
> (A. Ribeiro, M, 252.)

> "A comoção *fê-la* parar um instante."
> (A. Peixoto, RC, 705.)

> "*Vimo-los* de perto; *conversamo-los*."
> (E. da Cunha, OC, I, 252.)

> "Quis *afugentá-las*."
> (L. Barreto, TFPQ, 166.)

O mesmo se dá quando ele vem posposto ao designativo *eis* ou aos pronomes *nos* e *vos*:

> "*Ei-lo* que ao rio arroja-se."
> (C. Alves, OC, 329.)

> "— Hás de *no-la* cantar logo."
> (L. Barreto, TFPQ, 156.)

> "Eu *vo-lo* digo, meus senhores."
> (C. Alves, OC, 589.)

3.º) Se a forma verbal terminar em ditongo nasal, o pronome assume as modalidades *no*, *na*, *nos*, *nas*:

> "*Mandaram-no* esquartejar!"
> (C. Meireles, OP, 666.)

> "Muito pálida, *acudiram-na*."
> (G. Amado, HMI, 145.)

> "*Têm-nos*, os cronistas, sempre prontos na memória..."
> (L. Barreto, REIC, 165.)

> "*Vararam-nas*; *desfalcaram-nas*..."
> (E. da Cunha, OC, I, 391.)

São também estas as formas que o pronome costuma apresentar, na linguagem corrente de Portugal, depois dos advérbios *não* e *bem*, assim como

dos pronomes *alguém* e *ninguém* e outras palavras terminadas em ditongo nasal:

> *"Um deles morreu lá dentro,*
> *E ninguém no foi buscar."*
>
> *(J. Régio, ED, 148.)*

Observações

1.ª) As formas antigas do pronome oblíquo objeto direto eram **lo(s)** *e* **la(s)**, *provenientes do acusativo do demonstrativo latino* **ille, illa, illud** *(= aquele, aquela, aquilo). Pospostas a formas verbais terminadas em* **-r, -s,** *ou* **-z**, *o seu* **l-** *inicial assimilou aquelas consoantes, que depois desapareceram:*

fazer-lo	>	*fazel-lo*	>	*fazê-lo*
fazes-lo	>	*fazel-lo*	>	*faze-lo*
fiz-lo	>	*fil-lo*	>	*fi-lo*

Igual assimilação sofreu o -s *de* **eis, nos** *e* **vos**, *quando em contato com o* **l-** *do pronome.*

2.ª) Com as formas verbais terminadas em nasal, a nasalidade se transmitiu ao **l-** *do pronome, que passou a* **n-**:

fazem-lo	>	*fazem-no*
façam-lo	>	*façam-no*

Cumpre não esquecer que os ditongos nasais [ẽy] *e* [ãw] *(este quando átono) se escrevem nas terceiras pessoas dos verbos,* **-em** *e* **-am**, *respectivamente.*

3.ª) No futuro do presente e no futuro do pretérito o pronome oblíquo não pode ser enclítico, isto é, não pode vir depois do verbo. Dá-se, então, a mesóclise do pronome, ou seja, a sua colocação no interior do verbo. Justifica-se tal colocação por terem sido estes dois tempos formados pela justaposição do infinitivo do verbo principal e das formas reduzidas, respectivamente, do presente e do imperfeito do indicativo do verbo **haver**. *O pronome empregava-se depois do infinitivo do verbo principal, situação que, em última análise, ainda hoje conserva. E,*

como todo infinitivo termina em -r, também nos dois tempos em causa desaparece esta consoante e o pronome toma as formas lo, la, los, las. Assim:

Futuro do presente		Futuro do pretérito	
Louvar-(h)ei	louvá-lo-ei	Louvar-(h)ia	louvá-lo-ia
Louvar-(h)ás	louvá-lo-ás	Louvar-(h)ias	louvá-lo-ias
Louvar-(h)á	louvá-lo-á	Louvar-(h)ia	louvá-lo-ia
Louvar-(h)emos	louvá-lo-emos	Louvar-(h)íamos	louvá-lo-íamos
Louvar-(h)eis	louvá-lo-eis	Louvar-(h)íeis	louvá-lo-íeis
Louvar-(h)ão	louvá-lo-ão	Louvar-(h)iam	louvá-lo-iam

4.ª) Quanto às normas que se observam no emprego proclítico, enclítico ou mesoclítico destes pronomes, veja-se o que dizemos adiante, ao tratarmos da colocação dos pronomes oblíquos átonos.

Pronomes reflexivos e recíprocos

1. Quando o objeto direto ou indireto representa a mesma pessoa ou a mesma coisa que o sujeito do verbo, ele é expresso por um pronome reflexivo.

O reflexivo apresenta três formas próprias — *se, si* e *consigo* —, que se aplicam tanto à 3.ª pessoa do singular como à do plural:

"Fabiano levantou-se, um brilho de indignação nos olhos."
(G. Ramos, VS, 157.)

"Teve raiva de si mesmo."
(A. M. Machado, HR, 63.)

"Em primeiro era mister aproximar-se do major, homem recolhido consigo e pouco amigo de lérias."
(M. Lobato, U, 115.)

Nas demais pessoas, as suas formas identificam-se com as do pronome oblíquo: *me, te, nos* e *vos*:

"Metia-me no meio dos jogadores."
(A. M. Machado, HR, 119.)

"Será que ainda te lembras de ti?"
(A. F. Schmidt, AP, 198.)

"Por vida minha, calai-vos."
(M. de Assis, OC, II, 1.112.)

2. As formas do reflexivo nas pessoas do plural (*nos, vos* e *se*) empregam-se também para exprimir a reciprocidade da ação, isto é, para indicar que a ação é mútua entre dois ou mais indivíduos. Neste caso, diz-se que o pronome é recíproco:

"*Conheçamo-nos de todo, e o proveito será comum.*"
(*M. de Assis, OC, III, 413.*)

"*— Naturalmente amam-se ainda muito?...*"
(*M. de Assis, OC, II, 1.105.*)

3. Como são idênticas as formas do pronome recíproco e do reflexivo, pode haver ambigüidade com um sujeito plural.

Por exemplo, uma frase como a seguinte:

Jorge e Raul iludiram-se.

pode significar que o grupo formado por Jorge e Raul sofreu a ilusão, ou que Jorge iludiu Raul e este a Jorge.

4. Costuma-se remover a dúvida fazendo-se acompanhar tais pronomes de expressões reforçativas especiais. Assim:

a) para marcar expressamente a ação reflexiva, acrescenta-se-lhes, conforme a pessoa, *a mim mesmo, a ti mesmo, a si mesmo*, etc.:

"*Vê-te a ti mesmo.*"
(*C. Meireles, OP, 484.*)

b) para marcar expressamente a ação recíproca, junta-se-lhes, ou uma expressão pronominal, como *um ao outro, uns aos outros, entre si*, ou um advérbio, como *reciprocamente, mutuamente*:

"*A desventura alheia nos aconchega uns aos outros.*"
(*A. Arinos, OC, 707.*)

5. Não raro, a reciprocidade da ação se esclarece pelo emprego de uma forma verbal derivada com o prefixo *entre*:

"*Os dois irmãos entreolharam-se em silêncio...*"
(*C. C. Branco, DO, I, 95.*)

Emprego dos pronomes retos

Funções dos pronomes retos

1. Os pronomes retos empregam-se como:

a) sujeito:

"*Que idéia tenho* eu *das coisas?*"
(F. Pessoa, OP, 141.)

"*Nós temos de calar nossa voz, Companheiros!*"
(T. da Silveira, PC, 195.)

b) predicativo do sujeito:

"*Porque eu sou* Eu *e porque Eu sou Alguém!*"
(F. Espanca, S, 90.)

"*Meu Deus!, quando serei* tu*?*"
(J. Régio, ED, 157.)

2. *Tu* e *vós* podem ser vocativos:

"*Ó tu, Senhor Jesus, o Misericordioso,*
De quem o Amor sublime enaltece o Universo..."
(A. de Guimaraens, OC, 313.)

"*Ó vós, que não sabeis do Inferno,*
olhai, vinde vê-lo..."
(C. Meireles, OP, 781.)

Omissão do pronome sujeito

Os pronomes sujeitos *eu, tu, ele (ela), nós, vós, eles (elas)* são normalmente omitidos em português, porque as desinências verbais bastam, de regra, para indicar a pessoa a que se refere o predicado, assim como o número gramatical (singular ou plural) dessa pessoa:

calo	*caímos*
vendes	*recebestes*
louva	*fugirem*

Presença do pronome sujeito

Emprega-se o pronome sujeito:

a) quando se deseja, enfaticamente, chamar a atenção para a pessoa do sujeito:

"*Eu sinto em mim o borbulhar do gênio.*"
(C. Alves, OC, 88.)

"Vós floristes de azul o meu passado,
E sois a flor-de-lis do meu presente."
(A. de Guimaraens, OC, 161.)

b) para opor duas pessoas diferentes:

"Sorri e disse:
— Ele se irá, creio, mas ficará ela.
Acentuei bem os pronomes, e não seria preciso; Carmo entendeu-me logo e bem."
(M. de Assis, OC, I, 1.081.)

oposição muito do agrado dos escritores românticos, especialmente quando reiterada e simétrica, a exemplo destes passos de Castro Alves:

"Eu calo-me — tu descantas,
Eu rojo — tu te levantas,
Tu és livre — escrava eu sou! . . ."
(OC, 273.)

"Mas eu sou o peito, tu és o ar, eu sou o ninho, tu és o pássaro, eu sou a lagoa, tu és o céu, eu sou a alma, tu és o amor . . ."
(OC, 597.)

c) quando a forma verbal é comum à 1.ª e à 3.ª pessoa do singular e o contexto em que ela ocorre se presta a equívoco, à semelhança destes enunciados:

Convém que eu saiba o que ele disse.
Convém que ele saiba o que eu disse.

Observação

As fórmulas tradicionais de atestados, declarações, requerimentos e escritos semelhantes de uso forense ou administrativo são, de regra, encabeçadas por um pronome de 1.ª pessoa:

Eu, professor deste Colégio, atesto . . .
Nós, abaixo assinados, vimos requerer a V.S.ª . . .

Extensão de emprego dos pronomes retos

Na linguagem formal certos pronomes retos adquirem valores especiais. Enumeremos os seguintes:

O plural de modéstia

Com a finalidade de evitar o tom impositivo ou muito pessoal de suas opiniões, costumam os escritores e os oradores tratar-se por *nós* em lugar da forma normal *eu*:

> *"Desde 1934 que nos estamos aplicando ao português brasileiro. Em fins de 1936 já tínhamos escrito um livro acerca desse tema. Em 1938 já o anunciávamos, como próximo a sair, nas* Fontes do latim vulgar. *Dois anos mais tarde, de novo o prometíamos."*
>
> *(S. da Silva Neto, IELPB, 14.)*

Este emprego da 1.ª pessoa do plural pela correspondente do singular denomina-se plural de modéstia.

Quando o sujeito *nós* é um plural de modéstia, o predicativo ou particípio com ele relacionado costuma permanecer no singular, como se o sujeito fosse efetivamente *eu*. Assim, em vez de:

> *Estou empenhado em terminar a obra.*

pode-se dizer:

> *Estamos empenhado em terminar a obra.*

O plural de majestade

1. O pronome *nós* era usado outrora pelos reis de Portugal — e ainda hoje o é pelos altos dignitários da Igreja — como símbolo de grandeza e poder de suas funções:

> *"Nós El-Rei fazemos saber a quantos este nosso alvará virem que a nós foi feito recontamento..."*
>
> *(DP, I, 555.)*

2. De início, o *nós majestático* deveria ser uma fórmula de modéstia: o rei a confundir-se com a nação, que falava por sua boca. Também na Igreja seria, no princípio, uma forma de humildade: os prelados a se solidarizarem com os seus fiéis dentro de uma comunidade mediante o emprego de *nós*. Mas, perdido o valor originário, este plural com que superiores se dirigiam a inferiores veio a ser sentido como uma enfática expressão de grandeza, de poder, de majestade do cargo.

Fórmula de cortesia (3ª pessoa pela 1ª)

Quando fazemos um requerimento, por deferência à pessoa a quem nos dirigimos, tratamo-nos a nós próprios pela 3.ª pessoa, e não pela 1.ª:

Fulano de tal, aluno desse Colégio, requer a V.S.ª se digne de conceder-lhe data especial para realização das provas mensais, que não pôde fazer na época devida por motivo de força maior.

O emprego da 1.ª pessoa:

"*Eu, Fulano de tal, . . . requeiro. . .*" soa-nos como descortesia de nossa parte para com aquele a quem nos endereçamos. Não seria propriamente um pedido que lhe faríamos, e sim uma exigência ríspida de igual para igual.

O vós **de cerimônia**

O pronome *vós* praticamente desapareceu da linguagem corrente do Brasil e de Portugal. Mas em discursos enfáticos alguns oradores ainda se servem da 2.ª pessoa do plural para se dirigirem cerimoniosamente a um auditório qualificado:

"*Em vós, na vossa mocidade, no vosso entusiasmo, beijo a terra de Minas, coração do Brasil.*"
(O. Bilac, DN, 67.)

Observações

1.ª) Vós pode empregar-se com referência a uma só pessoa por polidez, para marcar a distância, o apreço social:

"*Bem, bem! escusai-me vós. Tendes razão, Duque.*"
(J. Régio, ERS, 76.)

"*— Quando eu os sofresse, D. Jaime, não teríeis razão para vos culpardes a vós mesmo.*"
(G. Dias, PCPE, 703.)

2.ª) Vós é a forma por que os católicos se dirigem a Deus:

"*Pai Nosso, que estais no Céu. . .*"

No culto reformado o tratamento é tu:

"*Pai Nosso, que estás no Céu. . .*"

Em apóstrofes da linguagem poética, no entanto, concorrem os dois tratamentos[1]:

"*Tu, Senhor, tu meu Deus, tu me recebe*
Na tua santa glória: alarga as asas
Do teu santo perdão, que ao teu conspecto
Humilhado me sinto, como a grama."
(G. Dias, PCPE, 467.)

"*Senhor Deus dos desgraçados!*
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus..."
(C. Alves, OC, 281.)

Realce do pronome sujeito

Para dar ênfase ao pronome sujeito, costuma-se reforçá-lo:

a) seja com as palavras *mesmo* e *próprio*:

"*Tu mesma és tua vida.*"
(F. Pessoa, OP, 242.)

"*E essas raras lembranças, elas próprias já se vão apagando.*"
(A. F. Schmidt, GB, 319.)

b) seja com a expressão invariável *é que*:

"*Eu é que não vou com esta espécie de mulher.*"
(J. L. do Rego, E, 254.)

Precedência dos pronomes sujeitos

1. Quando no sujeito composto há um da 1.ª pessoa do singular (*eu*), é boa norma de civilidade colocá-lo em último lugar:

Clara, Antônio e eu fomos a Petrópolis.

2. Se, porém, o que se declara contém algo de desagradável ou importa responsabilidade, por ele devemos iniciar a série:

"*Eu, Antônio e Clara fomos os autores do erro.*"

---

1) Veja-se, a propósito, Luís F. Lindley Cintra. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa, 1972. p. 75-122.

Observação

Convém usar com extrema parcimônia as formas pronominais da 1.ª pessoa do singular, especialmente a forma reta **eu**: *O seu emprego imoderado deixa-nos sempre uma penosa impressão de imodéstia de quem a pratica.*

Veja-se este passo:

"— É isto! Eu, porque eu, porque eu, é só eu para aqui, eu para ali... Não pensas noutra cousa... A vida é feita para ti, todos só devem viver para ti..."

(L. Barreto, TFPQ, 295.)

Não nos devemos esquecer de que as palavras que designam sentimentos exagerados da própria personalidade começam sempre por **ego**, *que era a forma latina do pronome* **eu**: **egoísmo, egocêntrico, ególatra, egotismo.**

Equívocos e incorreções

1. Como o pronome *ele (ela)* pode representar qualquer substantivo anteriormente mencionado, convém ficar bem claro a que elemento da frase ele se refere.

Por exemplo, uma frase como:

Rogério afirmou a Pedro que ele seria promovido.

é ambígua, pois *ele* pode aplicar-se tanto a Rogério como a Pedro.

2. Por outro lado, não devemos empregar o pronome *ele (ela)* para substituir um substantivo que, com sentido indeterminado, se fixou em expressões feitas, como *falar verdade, pedir perdão*, etc.

Assim não estariam bem construídas as frases:

Falei verdade; ela não te convenceu.

Pediste perdão; ele te foi concedido.

3. Se, no entanto, o substantivo estiver determinado, isto é, se não mais pertencer a uma daquelas fórmulas fixas, tem perfeito cabimento o emprego do pronome. Assim:

Falei a verdade; ela não te convenceu.
Pediste o meu perdão; ele te foi concedido.

4. Na fala vulgar e familiar do Brasil é muito freqüente o uso do pronome *ele(s)*, *ela(s)* como objeto direto em frases do tipo:

Vi ele. *Cumprimentei ela.*

Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta nos trovadores portugueses dos séculos XIII e XIV, deve ser hoje evitada.

5. Convém, no entanto, não confundir tal construção com outras, perfeitamente legítimas, em que o pronome em causa funciona como objeto direto.

Assim:

a) quando antecedido da preposição *a*, repete o objeto direto enunciado pela forma normal átona:

"Não sei se elas me compreendem
Nem se eu as compreendo a elas."
(F. Pessoa, OP, 160.)

"Temia-a, a ela, à mulher que o guiava."
(G. Rosa, PE, 126.)

b) quando precedido das palavras *todo* ou *só*:

"E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levara toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito..."
(L. Barreto, TFPQ, 283.)

Contração das preposições de e em com o pronome reto da 3ª pessoa

As preposições *de* e *em* contraem-se com o pronome reto da 3.ª pessoa *ele(s)*, *ela(s)*, dando, respectivamente, *dele(s)*, *dela(s)* e *nele(s)*, *nela(s)*:

"Vi as mãos dela tintas de sangue dele."
(A. Peixoto, RC, 472.)

"Que diabo de coisa haveria neles?"
(A. Arinos, OC, 814.)

É de norma, porém, não haver a contração quando o pronome é sujeito; ou, melhor dizendo, quando as preposições *de* e *em* se relacionam com o verbo, e não com o pronome. Assim:

Em vez de ele prosseguir na tarefa, dela desistiu quase no fim.
Em ela preparar-se esgotou-se o tempo.

Pronomes de tratamento

1. Denominam-se pronomes de tratamento certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você, o senhor, Vossa Excelência*.

Embora designem a pessoa a quem se fala (isto é, a 2.ª), esses pronomes levam o verbo para a 3.ª pessoa:

"— *Você queria arrendar a Torre, Pereira?*
— *Queria conversar com V.Ex.ª*"
(*E. de Queirós, OF, I, 1.195.*)

"— *Vossa Reverendíssima não ouviu?*"
(*A. Ribeiro, ES, 213.*)

2. Convém conhecer as seguintes formas de tratamento reverente e as abreviaturas com que são indicadas na escrita.

Abrev.	Tratamento	Usado para:
V.A.	Vossa Alteza	Príncipes, arquiduques, duques
V.Em.ª	Vossa Eminência	Cardeais
V.Ex.ª	Vossa Excelência	Altas autoridades do Governo e das classes armadas
V.Mag.ª	Vossa Magnificência	Reitores das Universidades
V.M.	Vossa Majestade	Reis, imperadores
V.Ex.ª	Vossa Excelência	Bispos e arcebispos
Rev.ma	Reverendíssima	
V.P.	Vossa Paternidade	Abades, superiores de conventos
V.Rev.ma	Vossa Reverendíssima	Sacerdotes em geral
V.S.	Vossa Santidade	Papas
V.S.ª	Vossa Senhoria	Funcionários públicos graduados, oficiais até coronel, pessoas de cerimônia.

Observações

1.ª) Como dissemos, estas formas aplicam-se à 2.ª pessoa, aquela com quem falamos; para a 3.ª pessoa, aquela de quem falamos, usam-se as formas Sua Alteza, Sua Eminência, etc. *Mas as últimas podem empregar-se com o valor das primeiras, mormente quando seguidas de aposto que contenha uma titulatura determinada por artigo. Assim, em lugar de:*

Vossa Excelência, Senhor Prefeito, aprova a medida?

é lícito dizer-se:

Sua Excelência, o Senhor Prefeito, aprova a medida?

2.ª) Em princípio, os pronomes de tratamento da 2.ª pessoa devem acompanhar o verbo para evitar confusão com sujeito da 3.ª pessoa:

Seu tio entrou, e você saiu.

Não é, porém, necessário repeti-los quando funcionam como sujeito de vários verbos consecutivos:

"Vocês ficam na vida a procurar as correspondências com os casos que leram, quando deviam botar nos livros os que viram e observaram."
(A. Peixoto, RC, 438.)

Emprego dos pronomes de tratamento da 2ª pessoa

1. Você e o Senhor. No português europeu, a forma pronominal *tu* é de emprego geral [1]. No português do Brasil, o seu uso restringe-se ao extremo Sul do País e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território nacional foi ela substituída por *você*. Pode-se mesmo dizer que para a imensa maioria dos brasileiros só há dois tratamentos de 2.ª pessoa realmente vivos: *você*, como forma de intimidade; *o senhor, a senhora,* como forma de respeito ou cortesia. Neste caso, se se trata de moça solteira, usa-se a forma *senhorita*.

O emprego das formas *você* e *o senhor* (e *a senhora*) estende-se, dia a dia, não só nas funções de sujeito e agente da passiva:

"Você repete duas vezes o reflexivo."
(M. de Andrade, CMB, 77.)

"Estava desfeiteado, um portador dele fora maltratado pelo senhor."
(J. L. do Rego, P, 59.)

mas também nas de objeto (direto ou indireto), substituindo com freqüência as correspondentes átonas *o, a* e *lhe*:

"O assunto verdadeiro é explicar a você porque a parte que lhe é dedicada não vai mais com a

[1] Sobre o complexo sistema de formas de tratamento no português europeu, leia-se Luís F. Lindley Cintra. Op. cit., especialmente p. 7-42 e 123-129.

dedicatória. Com a mesma lealdade com que ofereci essa dedicatória e consultei você, retirei a tal e lhe conto porquê."
(M. de Andrade, 71-CMA, 43-44.)

"Só não mandara o negro porque a lei dava razão ao senhor."
(J. L. do Rego, P, 59.)

Observações

1.ª) O tratamento de o senhor *dado por um superior a um inferior hierárquico é geralmente uma forma de marcar as distâncias, de evitar intimidades.*

2.ª) Pelas razões aduzidas no Capítulo II, quando anteposta a um nome próprio, a palavra senhor *assume na linguagem coloquial a forma* seu. *Comparem-se estes exemplos em que concorrem a forma proclítica e a plena:*

"— Seu Coronel não me verá mais, não senhor."
(A. Peixoto, RC, 938.)

"— Só mesmo pelo respeito meu do senhor, seu Major."
(G. Rosa, S, 42.)

2. Tratamento cerimonioso. As formas de tratamento cerimonioso usam-se muito menos no Brasil do que em Portugal.

Vossa Excelência só se emprega, entre nós, para o Presidente da República, ministros, governadores dos Estados, senadores, deputados e as mais altas patentes militares. E assim mesmo quase que exclusivamente na língua escrita e protocolar. Em requerimentos, petições, etc. o seu uso costuma estender-se a presidentes de instituições, diretores de serviços e altas autoridades em geral.

Vossa Senhoria é tratamento muito raro na língua falada. Na língua escrita, emprega-se ainda em cartas comerciais, em requerimentos, em ofícios, etc., quando não é próprio o tratamento de *Vossa Excelência*.

As outras formas — *Vossa Eminência, Vossa Magnificência, Vossa Santidade,* etc. — são protocolares e se aplicam especificamente aos ocupantes dos cargos atrás indicados.

3. Títulos profissionais e honoríficos. Em Portugal, quando uma pessoa possui determinado título, aqueles que a ela se dirigem costumam mencioná-lo, fazendo-o acompanhar por via de regra de o *senhor*:

O senhor Doutor saiu cedo?
O senhor Engenheiro volta hoje?

No Brasil, estes dizeres são inusitados e nos soam como característicos do português europeu.

Entre nós, o emprego dos títulos específicos é bem menor, e só em casos especialíssimos são precedidos do tratamento o *senhor*.

Sistematicamente, mencionamos antes de seus nomes próprios apenas:

a) a patente dos militares:

O Capitão Siqueira
O Coronel Martins
O Almirante Jaceguai

b) os altos cargos e títulos nobiliárquicos, como presidente, ministro, governador, senador, deputado, embaixador, príncipe, conde, etc.:

O Presidente Rodrigues Alves
O Ministro Murtinho
O Embaixador Sousa Dantas

c) o título *Dom* (escrito abreviadamente *D.*) para os membros da família imperial, para os monges beneditinos e para os dignitários do Clero a partir dos bispos:

D. Pedro
D. Silvério
D. Clemente

Observe-se que, se *Dom* tem emprego restrito em português, o feminino *Dona* (abreviado em *D.*) se aplica a senhoras de qualquer classe social.

De uso bastante generalizado no Brasil é o título de *doutor*. Recebem-no não só os médicos e os que defenderam tese de doutoramento, mas, indiscriminadamente, todos os diplomados por escolas superiores.

Também o emprego de *professor* se tem generalizado muito no País. É o tratamento normal que os alunos dão a seus mestres, e o que a coletividade lhes concede, não importando o grau de ensino que ministrem.

Formas de tratamento da 1ª pessoa

Na linguagem coloquial, emprega-se *a gente* por *nós* e, também, por *eu*.

"*Há tanta mágoa nesta vida*
Que a gente sofre sem dizer..."
(A. Meyer, P, 102.)

"*Disse: — 'A gente tem cada cisma de dúvida boba, dessas desconfianças...*'"
(G. Rosa, PE, 13.)

Como se vê dos exemplos acima, o verbo deve ficar sempre na 3.ª pessoa do singular.

Também na 3.ª pessoa do singular deve ficar o verbo que tem por sujeito expressões de tratamento da 1.ª pessoa do singular, como o *degas* e outras que tais:

"*A este degas ninguém engana.*"
(J. L. do Rego, MVA, 339.)

Emprego dos pronomes oblíquos

Formas tônicas

Sabemos que as formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais vêm acompanhadas de preposição. Como pronomes, são sempre termos da oração e, de acordo com a preposição que as acompanhe, podem desempenhar as funções de:

a) complemento nominal:

"*Todos falaram, num louvor a ti!*"
(A. Tavares, PC, 76.)

"*Um grito se alevantava*
Do fundo de mim..."
(J. Régio, PDD, 95.)

b) objeto indireto:

"*Disse-as a ti, e sorriste...*"
(A. Tavares, PC, 15.)

"*Tudo o que penso de mim,*
A minha boca o gritou."
(J. Régio, PDD, 122.)

c) objeto direto (antecedido da preposição *a* e dependente, em geral, de verbos que exprimem sentimento):

> *"Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala, a mulher e a si."*
> *(M. de Assis, OC, I, 679.)*

d) agente da passiva:

> *"Eu sou daqueles que foram por ele consolados. . ."*
> *(G. Aranha, OC, 79.)*

e) adjunto adverbial:

> *"Amanhã virás, andarás* comigo *a colher flores*
> *[pelo campo,*
> *E eu andarei* contigo *pelos campos ver-te colher*
> *[flores."*
> *(F. Pessoa, OP, 167.)*

Observação

Cumpre evitar-se uma incorreção muito generalizada, que consiste em dar forma oblíqua ao sujeito do verbo infinitivo. Diga-se:

Aquela não é tarefa para eu realizar.

e não:

Aquela não é tarefa para mim realizar.

Tal construção viciosa não deve ser confundida com outra, em tudo legítima:

Aquela não é tarefa para mim.

Emprego enfático do pronome oblíquo tônico

Para se ressaltar o objeto usa-se, acompanhando um pronome átono, a sua forma tônica regida da preposição *a*:

> *"A mim ensinou-me tudo."*
> *(F. Pessoa, OP, 145.)*

> *"— A ti, também, não te bastava assim?"*
> *(A. Tavares, PC, 144.)*

Pronomes precedidos de preposição

As formas oblíquas tônicas *mim, ti, ele (ela), nós, vós, eles (elas)* só se usam antecedidas de preposição. Assim:

"*Penso em ti e dentro de mim estou completo.*"
(F. Pessoa, OP, 167.)

"*Não é por ti que virá; mas por mim. A mim é que ele obedece.*"
(J. Régio, JA, 84.)

"*Depois, soube por ela como se tinha passado tudo.*"
(A. Peixoto, RC, 456.)

Se o pronome oblíquo for precedido da preposição *com*, dir-se-á *comigo, contigo, conosco* e *convosco*. **É regular, no entanto, a construção** *com ele (com ela, com eles, com elas)*:

"*Tinha simpatizado comigo e implorava este favor.*"
(A. Peixoto, RC, 447.)

"*— Não gosta de estar conosco?*"
(C. C. Branco, OS, I, 529.)

"*— Concordo plenamente com ele.*"
(L. Barreto, REIC, 236.)

Normal é também o emprego de *com nós* e *com vós* quando os pronomes vêm reforçados por *outros, mesmos, próprios, todos, ambos* ou qualquer numeral:

Queria falar com nós mesmos.
Compartilhamos com vós outros da tristeza que sentis.
Estava conversando com nós dois
Mantive correspondência com todos vós.

Observações

1.ª) Empregam-se as formas **eu** *e* **tu** *depois das preposições acidentais:* **afora, fora, exceto, menos, salvo, segundo, tirante, etc.**:

"*Fora minha mãe e eu, quase todo o mundo representava em Itaporanga.*"
(G. Amado, HMI, 130.)

"Talvez soubessem todos, menos eu, simplesmente por estar de pouco na terceira classe."
(*R. Pompéia, A, 224.*)

2.ª) A tradição gramatical aconselha o emprego das formas oblíquas tônicas depois da preposição **entre**:

"No jantar, Lili ficou entre mim e ele, o padrinho, e, coisa incrível, deu-me mais atenção que a ele."
(*A. Peixoto, RC, 806.*)

"Há não sei que afinidade
Entre mim e a natureza..."
(*Da Costa e Silva, A, 226.*)

Na linguagem coloquial predomina, porém, a construção com as formas retas, sintaxe que se vai insinuando na linguagem literária:

"Entre eu e tu
Tão profundo é o contrato
Que não pode haver disputa."
(*J. Régio, ED, 91.*)

3.ª) Com a preposição **até** *usam-se as formas oblíquas* **mim, ti,** *etc.:*

"Corre pelos vagos campos até mim uma brisa [ligeira."
(*F. Pessoa, OP, 167.*)

Se, porém, **até** *denota inclusão, e equivale a* **mesmo, também, inclusive,** *constrói-se com a forma reta do pronome:*

"— Vede! Até vós mesma..."
(*G. Dias, PCPE, 694.*)

Formas átonas

1. **São formas próprias do objeto direto:** o, a, os, as **e suas variantes:**

"Acompanhemo-lo um dia."
(*A. Arinos, OC, 833.*)

"Beijaram-na muito, acompanharam-na à porta."
(*C. Neto, OS, I, 342.*)

"Ângela dominava-os a todos; vencia-os."
(R. Pompéia, A, 222.)

"Por que não as tinham ali?"
(M. Lobato, U, 98.)

2. São formas próprias do objeto indireto: *lhe, lhes:*

"Eu não lhe contei o caso como foi."
(A. Arinos, OC, 808.)

"Que Deus lhes perdoe!"
(M. de Assis, OC, II, 695.)

3. Podem empregar-se como objeto direto ou indireto: *me, te, nos* e *vos:*

a) objeto direto:

"Enchia-me de atenções e dinheiro."
(L. Barreto, REIC, 281.)

"Quase te mataste,
Quase te mataram!"
(M. Bandeira, AP, 183.)

b) objeto indireto:

"Perdoe-me o laconismo desta carta."
(A. Garrett, O, I, 1.415.)

"Quem te falou nisso?"
(C. Neto, OS, I, 617.)

O pronome oblíquo átono sujeito de um infinitivo

Se compararmos esta frase de *Machado de Assis:*

"Vasconcelos mandou-o subir ao gabinete."
(OC, II, 96.)

à seguinte:

Vasconcelos mandou que ele subisse ao gabinete.

verificamos que ambas expressam o mesmo sentido, transmitem idêntica mensagem. Mas a sua construção é diversa, pois o objeto direto, exigido pela forma verbal *mandou,* é expresso:

a) na segunda, pela oração *que ele subisse* [*ao gabinete*];

b) na primeira, pelo pronome seguido do infinitivo: *o subir.*

Dessa comparação comprova-se que o pronome o está para o infinitivo *subir* como o pronome *ele* para a forma finita *subisse*, da qual é sujeito. Logo, na frase acima, o pronome o desempenha a função de sujeito do verbo *subir*.

Construções semelhantes admitem os pronomes *me, te, nos, vos* e o reflexivo *se*, o qual estudaremos adiante:

> "*O diretor mandou-me sentar junto a ele.*"
> (*J. L. do Rego, D, 7.*)

> "*Partimos de madrugada cedo, vigiados, cabras em torno de nós para não nos deixarem olhar.*"
> (*G. Amado, HMI, 111.*)

Emprego enfático do pronome oblíquo átono

1. Para dar realce ao objeto direto, costuma-se colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal o (*a, os, as*), como nestes passos:

> "*O meu querido Alberto de Oliveira, quem não o reconhecia e distinguia logo?*"
> (*A. F. Schmidt, GB, 172.*)

> "*Cânones, não os assimilou; escolas não as seguiu; ídolos, nunca os adorou.*"
> (*G. Amado, TL, 31.*)

> "*Paisagens, quero-as comigo.*"
> (*F. Pessoa, OP, 531.*)

Note-se que, se o objeto direto for constituído de substantivos de gêneros diferentes, o pronome que os resume deve ir para o masculino plural — *os*:

> "*Salas e coração, habita-os a saudade!*"
> (*A. de Oliveira, P, III, 109.*)

2. Também o pronome *lhe* (*lhes*) pode reiterar o objeto indireto colocado no início da frase.

Comparem-se os provérbios:

"Ao pobre não lhe prometas e ao rico não lhe faltes."

"Ao médico e ao abade, fala-lhes sempre a verdade."

O pronome de interesse

Em frases como as seguintes:

"Não me apanhes muito Sol,
Meu filho! O Sol faz-te mal."
(A. Boto, *OA*, 121.)

"Você me anda gastando o tempo com falatórios!"
(G. Ramos, *SB*, 182.)

o pronome *me* não desempenha função sintática alguma. É apenas um recurso expressivo de que se serve a pessoa que fala para mostrar que está vivamente interessada no cumprimento da ordem emitida ou da exortação feita.

Este pronome de interesse, também conhecido por dativo ético ou de proveito, é de uso freqüente na linguagem coloquial, mas por vezes aparece na pena de escritores e, não raro, produzindo belos efeitos:

"Desde menino me choro
E ainda não me achei fim!"
(F. Pessoa, *OP*, 543.)

Pronome átono com valor possessivo

Os pronomes átonos que funcionam como objeto indireto (*me, te, lhe, nos, vos, lhes*) podem ser usados com sentido possessivo, principalmente quando se aplicam a partes do corpo de uma pessoa ou a objetos de seu uso particular:

"Tudo veio ofender-te os olhos deslumbrados."
(R. Correia, *PCP*, 166.)

"Minha mãe apalpava-lhe o coração, revolvia-lhe os olhos, e o meu nome era entre ambos como a senha da vida futura."
(M. de Assis, *OC*, I, 813.)

Pronome complemento de verbos de regência distinta

1. Um só pronome pode servir de complemento a vários verbos, quando estes admitem a mesma regência, isto é, quando ele desempenha idêntica função com referência a cada verbo.

Assim, a frase:

> "*Os tangedores de harpa me encontrarão e reconhecerão.*"
>
> *(C. Meireles, Q-2, 82.)*

está perfeita, porque os verbos *encontrar* e *reconhecer* pedem objeto direto, que, na oração em exame, vem expresso pelo pronome *me*.

2. Se disséssemos, porém:

> *Os tangedores de harpa me encontrarão e darão assistência.*

a frase não estaria bem construída, porque o *me* ficaria sendo, a um só tempo, objeto direto de *encontrar* e indireto de *dar*.

Neste caso, é de boa norma repetirmos o pronome:

> *Os tangedores de harpa me encontrarão e me darão assistência.*

ainda que da construção abreviada se tenham servido alguns dos melhores escritores da língua [1].

Observação

Mesmo quando complemento de verbos que admitam a mesma regência, o pronome só deve ser omitido com o segundo verbo e seguintes, se estiver proclítico ao primeiro da série, como no citado exemplo de Cecília Meireles.

Vindo enclítico ou mesoclítico ao primeiro, convém repeti-lo com os demais.

---

1) Com razão, diz Mário Barreto que esta regra "não é artificial, e não a combate, nem destrói a infração dela em certos casos, em que praticamente o autorizam os usos e modismos da língua, como as locuções *entrar e sair do carro, vão e vêm do campo, chegar ou sair de casa*, empregadas por muitos e bons escritores." (*Novíssimos estudos da língua portuguesa.* 2.ª edição revista. Rio de Janeiro, 1924. p. 112-13, nota.)

Diga-se, pois:

"És o pai de Álvaro: estimo-te e respeito-te, hoje como sempre."
(C. C. Branco, OS, I, 253.)

Os tangedores de harpa encontrar-me-ão e reconhecer-me-ão.

Valores e empregos do pronome se

O pronome *se* emprega-se como:

a) objeto direto (emprego mais comum):

"Vestiu-se depressa para sair."
(A. M. Machado, JT, 83.)

"Os dous homens cumprimentaram-se friamente."
(M. de Assis, OC, II, 507.)

b) objeto indireto:

"Entretanto, deu-se o cuidado de insistir na preparação edificante."
(R. Pompéia, A, 62.)

"Rubião deu-se pressa em soltá-lo."
(M. de Assis, OC, I, 574.)

emprego que é menos raro quando exprime a reciprocidade da ação:

"As duas miseráveis não se falaram."
(G. Aranha, OC, 170.)

"Os nossos olhos muito perto, imensos
No desespero desse abraço mudo,
Confessaram-se tudo!"
(J. Régio, PDD, 83.)

c) sujeito de um infinitivo:

"Deixou-se cair prostrado, ofegante."
(A. Arinos, OC, 318.)

"Deixou-se estar algum tempo, imóvel, sem palavra."
(A. Peixoto, RC, 158.)

d) pronome apassivador:

"Rasgaram-se tratados, anularam-se convenções e amizades, violaram-se fronteiras, talaram-se campos, arrasaram-se cidades, aniquilaram-se pátrias."
(O. Bilac, DN, 127.)

"Na rua do Ouvidor armavam-se barricadas, cobria-se o pavimento de rolhas para impedir as cargas de cavalaria."
(L. Barreto, REIC, 248.)

e) símbolo de indeterminação do sujeito (junto à 3.ª pessoa do singular de verbos intransitivos, ou de transitivos tomados intransitivamente):

"Discutia-se, gritava-se, acenava-se."
(A. Arinos, OC, 510.)

"— Major, foi uma boa idéia vir para a roça. Vive-se bem e pode-se subir. . ."
(L. Barreto, TFPQ, 151.)

f) palavra expletiva (para realçar, com verbos intransitivos, a espontaneidade de uma atitude ou de um movimento do sujeito):

"Carlos Maria consultou o relógio; eram duas horas, ia-se embora."
(M. de Assis, OC, I, 579.)

"Foram-se os dias da Paraíba."
(J. L. do Rego, MVA, 259.)

g) parte integrante de certos verbos que geralmente exprimem sentimento, ou mudança de estado:

"Paulo entristeceu-se."
(A. Peixoto, RC, 133.)

"Ele não pode arrepender-se."
(G. Rosa, T, 124.)

"O bando de entusiastas evaporou-se."
(A. M. Machado, JT, 85.)

Observações

1.ª) No português antigo e médio usava-se normalmente a passiva pronominal com agente expresso, como ilustra este passo camoniano:

"*Aqui se escreverão novas histórias*
Por gentes estrangeiras que virão."
(*L, VII, 55.*)

Na língua moderna evita-se tal prática Daí soar-nos artificial uma construção como esta, de Rui Barbosa:

"*Este verbo, em nossa língua, nunca se usou pelos escritores vernáculos senão como equivalente de amar.*"
(*R, n.º 384.*)

2.ª) Em frases do tipo:

Vendem-se casas.
Compram-se terrenos.

consideram-se **casas** e **terrenos** *os sujeitos dos verbos* **vendem** e **compram**, *razão por que na linguagem cuidada se evita deixar o verbo no singular.*

Combinações e contrações dos pronomes átonos

Quando numa mesma oração ocorrem dois pronomes átonos, um objeto direto e outro indireto, podem combinar-se, observadas as seguintes regras:

1.ª) *Me, te, nos, vos, lhe* e *lhes* (formas de objeto indireto) juntam-se a *o, a, os, as* (de objeto direto), dando:

mo = me+o	ma = me+a	mos = me+os	mas = me+as
to = te+o	ta = te+a	tos = te+os	tas = te+as
lho = lhe+o	lha = lhe+a	lhos = lhe+os	lhas = lhe+as
no-lo = nos+(l)o	no-la = nos+(l)a	no-los = nos+(l)os	no-las = nos+(l)as
vo-lo = vos+(l)o	vo-la = vos+(l)a	vo-los = vos+(l)os	vo-las = vos+(l)as
lho = lhes+o	lha = lhes+a	lhos = lhes+os	lhas = lhes+as

2.ª) O pronome *se* associa-se a *me, te, nos, vos, lhe* e *lhes* (e nunca a *o, a, os, as*). Na escrita, as duas formas conservam a sua autonomia, quando antepostas ao verbo, e ligam-se por hífen, quando lhe vêm pospostas:

"*O coração se me confrange...*"
(*O. Mariano, TVP, I, 276.*)

"*Gelava-se-me de terror o pensamento...*"
(*C. C. Branco, CC, 150.*)

3.ª) As formas *me, te, nos* e *vos*, quando funcionam como objeto direto, não admitem a posposição de outra forma pronominal átona. O objeto indireto assume em tais casos a forma tônica preposicionada:

> "*Lembra-te de mim.*"
> (*C. C. Branco, OS, I, 375.*)

> "*Quando me hei de livrar de ti?*"
> (*J. Régio, JA, 85.*)

Observações

1.ª) As combinações **lho, lha** *(equivalentes a* **lhes + o, lhes + a**) *e* **lhos, lhas** *(equivalentes a* **lhes + os; lhes + as**) *encontram sua explicação no fato de, no português antigo, ser a forma* **lhe** *(sem -s) empregada tanto para o singular como para o plural. Originariamente, eram, pois, contrações em tudo normais.*

2.ª) No Brasil, quase não se usam as combinações **mo, to, lho, no-lo, vo-lo,** *etc. Da linguagem coloquial estão de todo banidas e, na língua literária, só aparecem geralmente em escritores um tanto artificiais.*

Colocação dos pronomes átonos

1. Em relação ao verbo, o pronome átono pode estar:

a) **enclítico**, isto é, depois dele:

> "*O mar atira-lhe a saliva amarga.*"
> (*C. Alves, OC, 75.*)

b) **proclítico**, isto é, antes dele:

> "*O céu lhe atira o temporal de inverno...*"
> (*C. Alves, OC, 75.*)

c) **mesoclítico**, ou seja, no meio dele, colocação que só é possível com formas do futuro do presente ou do futuro do pretérito:

> "*Recebê-los-ei com fervor, com delícia...*"
> (*A. Peixoto, RC, 687.*)

> "*Ter-se-ia entregue o Conselheiro?*"
> (*E. da Cunha, OC, II, 559.*)

2\. Sendo o pronome átono objeto direto ou indireto do verbo, dentro da ordem lógica a sua posição normal é a ênclise:

"*Andrade olhou-o devagar e virou-lhe as costas.*"
(*L. Barreto, REIC, 147.*)

"*Ela fez-lhe sinal, chamando-o.*"
(*C. Neto, OC, I, 1.051.*)

Há, porém, certos casos em que, na língua culta, evitamos essa colocação. Examinaremos aqui apenas os mais freqüentes.

Com um só verbo

1.º) Quando o verbo está no futuro do presente ou no futuro do pretérito, dá-se tão-somente a próclise ou a mesóclise do pronome:

"*Nunca lhes ouvirei a voz.*"
(*A. F. Schmidt, F, 175.*)

"*— Sabê-lo-ás em tempo.*"
(*M. Lobato, U, 93.*)

"*Quem lhe daria agora*
perdão?"
(*C. Meireles, OP, 792.*)

"*Fixar-se-iam muito longe, adotariam costumes diferentes.*"
(*G. Ramos, VS, 168.*)

2.º) É, ainda, preferida a próclise:

a) nas orações que contêm uma palavra negativa (*não, nunca, jamais, ninguém, nada, etc.*), quando entre ela e o verbo não há pausa:

"*Nunca lhe deram nada.*"
(*C. Meireles, OP, 792.*)

"*Ninguém me respondeu.*"
(*M. de Assis, OC, I, 869.*)

b) nas orações iniciadas por pronomes ou advérbios interrogativos:

"*Quem me segue? Que me querem?*"
(*C. Meireles, OP, 819.*)

"Como o esquecerei?"
(A. F. Schmidt, GB, 73.)

"Por que se deu a estranha convulsão?"
(T. da Silveira, PC, 233.)

"Quando me respondereis?"
(C. Meireles, OP, 817.)

c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo (optativas):

"Quanto ditosa me sentia!"
(A. Tavares, PC, 23.)

"Deus os guie! Deus os guie!"
(A. Ribeiro, ES, 223.)

d) nas orações subordinadas desenvolvidas, ainda quando a conjunção esteja oculta:

"Agora quero também que me ajude."
(J. L. do Rego, FM, 254.)

"Quando me gabam, não creia que me venha nunca um sentimento de vaidade mundana."
(A. Peixoto, RC, 789.)

"Queria falar-lhe assunto do seu interesse; como não o achara e havia pressa, pedia-lhe me procurasse..."
(A. Peixoto, RC, 427.)

e) com o gerúndio regido da preposição *em:*

"Compreende-se o assombro da tia. Entender-se-á também o da sobrinha, em se sabendo que D. Paula vive no alto da Tijuca, donde raras vezes desce."
(M. de Assis, OC, II, 539.)

3.º) Não se dá a ênclise nem a próclise com os particípios. Quando o particípio vem desacompanhado de auxiliar, usa-se a forma oblíqua regida de preposição. Assim:

Concedida a mim a preferência, farei por merecê-la.

4.º) Com os infinitivos soltos, ainda quando modificados por negação, é lícita a próclise ou a ênclise, embora se verifique uma acentuada tendência para esta última colocação pronominal:

"Em que, antes de a amar, se pensa,
mesmo sem precisar vê-la. . .?"
(C. Meireles, OP, 591.)

"Nem falou a Dondon naquela carta, para não incomodá-la."
(J. L. do Rego, U, 225.)

"O que eu queria era só apertá-la nos meus braços."
(G. Rosa, S, 211.)

A ênclise é mesmo de rigor quando o pronome tem a forma o (principalmente no feminino *a*) e o infinitivo está regido da preposição *a*:

"Iaiá deixou-se estar diante dela, a fitá-la e a revolvê-la."
(M. de Assis, OC, I, 402.)

5.º) Pode-se dizer que, além dos casos examinados, a língua portuguesa tende à próclise pronominal:

a) quando o verbo vem antecedido de advérbio, e não há pausa que os separe:

"Duas realezas hoje aqui se abraçam. . ."
(C. Alves, OC, 81.)

"Agora a reconheço e vejo na sua verdade."
(A. F. Schmidt, GB, 19.)

b) quando o sujeito da oração, anteposto ao verbo, contém o numeral *ambos* ou algum dos pronomes indefinidos (*todo, tudo, alguém, qualquer, outro,* etc.):

"Ambos lhe queriam bem, bem diferente."
(J. L. do Rego, MR, 7.)

"Todos se sentem seus donos!"
(C. Meireles, OP, 716.)

"Tudo em nossa casa se preparava para o dia 8 de dezembro."
(J. L. do Rego, E, 108.)

6.º) Observe-se por fim que, sempre que houver pausa entre um elemento capaz de provocar a próclise e o verbo, pode ocorrer a ênclise:

"— *Ameaça-vos?*
— *Não; dá-me conselhos... bons conselhos, meu Luís.*"
(*M. de Assis, OC, II, 1.107.*)

Com uma locução verbal

1. Nas locuções verbais em que o verbo principal está no infinito ou no gerúndio pode dar-se:

1.º) *Sempre* a ênclise ao infinito ou ao gerúndio:

"*Um dia não pôde levantar-se.*"
(*R. Pompéia, A, 235.*)

"*Vou de livro em livro, sem poder fixar-me.*"
(*A. F. Schmidt, GB, 240.*)

"*Bem pouco importa ir já nevando-te os cabelos*
O inverno dos sessenta e seis anos de idade."
(*R. Correia, PCP, 194.*)

2.º) A próclise ao verbo auxiliar, quando ocorrem as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo, isto é:

a) quando a locução verbal vem precedida de palavra negativa, e entre elas não há pausa:

"*Ninguém o pode arrancar!*"
(*C. Meireles, OP, 664.*)

"*Não a posso ouvir...*"
(*L. Barreto, REIC, 280.*)

"*Rita é minha irmã, não me ficaria querendo mal e acabaria rindo também.*"
(*M. de Assis, OC, I, 1.051.*)

b) nas orações iniciadas por pronomes ou advérbios interrogativos:

"*Quem lhe procuraria descobrir os desígnios?*"
(*A. Arinos, OC, 420.*)

"Que lhe estaria reservando sua mãe?"
(A. M. Machado, HR, 275.)

"Como te hei de receber em dia tão posterior?"
(C. Meireles, OP, 406.)

c) nas orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo (optativas):

"Ai! nem me quero lembrar!"
(J. Régio, F, 33.)

Como se andavam agredindo!

d) nas orações subordinadas desenvolvidas, inclusive quando a conjunção está oculta:

"À medida que se vão distanciando no tempo, que se vão tornando antigos, os mortos se fazem cada vez mais leves."
(A. F. Schmidt, AP, 23.)

"Ao cabo de cinco dias, minha mãe amanheceu tão transtornada que ordenou me mandassem buscar no seminário."
(M. de Assis, OC, I, 800.)

3.º) A ênclise ao verbo auxiliar, quando não se verificam essas condições que aconselham a próclise:

"Ia-me submeter a um exame ligeiro."
(J. L. do Rego, D, 7.)

"A idéia do perigo ia-se sumindo."
(G. Ramos, VS, 145.)

2. Quando o verbo principal está no particípio, o pronome átono não pode vir depois dele. Virá, então, proclítico ou enclítico ao verbo auxiliar, de acordo com as normas expostas para os verbos na forma simples:

"Dias depois foi o meu amigo reintegrado no seu emprego, sem o ter solicitado."
(C. C. Branco, OS, I, 573.)

"Por que o tinha sido?"
(L. Barreto, REIC, 288.)

"Fabiano e a coisa perigosa tinham-se sumido."
(G. Ramos, VS, 132.)

Conclusão

A colocação dos pronomes átonos no Brasil difere apreciavelmente da atual colocação portuguesa e encontra, em alguns casos, similar na língua medieval e clássica.

Em Portugal, esses pronomes se tornaram extremamente átonos, em virtude do relaxamento e ensurdecimento de sua vogal. Já no Brasil, embora os chamemos átonos, são eles, em verdade, semitônicos. E essa maior nitidez de pronúncia, aliada a particularidades de entoação e a outros fatores (de ordem lógica, psicológica, estética, histórica, etc.), possibilita-lhes uma grande variabilidade de posição na frase, que contrasta com a colocação mais rígida que têm no português europeu.

Infelizmente, certos gramáticos nossos, esquecidos de que esta variabilidade posicional, em tudo legítima, representa uma inestimável riqueza idiomática, preconizam, no particular, a obediência cega às atuais normas portuguesas, sendo mesmo inflexíveis no exigirem o cumprimento de algumas delas, que violentam duramente a realidade lingüística brasileira.

Dentre essas regras arbitrárias e dogmáticas, a mais conhecida (e, também, a mais infringida no falar normal do Brasil) é a que nos obriga a não começar frases com pronomes átonos.

Com relação à condenada próclise do pronome átono ao verbo principal de locuções verbais, convém meditar nestas agudas observações do professor Martinz de Aguiar:

"Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo e, não, do primeiro. Isto é: deixou a língua falada do Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver*, que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico.) Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe conseqüências imprevistas:

1.ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio procliticamente: *Aqueles haviam se-corrompido.*

2.ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do passado): *Poderá se-reduzir, poderia se-reduzir.* Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se-lhes aos elementos constitutivos.

3.ª) Em frases como *vamo-nos encontrar,* deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamos nos-encontrar*". [1]

Pronomes possessivos

Pronomes pessoais, possessivos e demonstrativos

Relacionados estreitamente com os pronomes pessoais estão os pronomes possessivos e os demonstrativos.

Os pronomes pessoais, vimos, denotam as pessoas gramaticais; os outros dois indicam algo determinado por elas:

a) os possessivos, o que lhes cabe ou pertence;

b) os demonstrativos, o que delas se aproxima no espaço e no tempo.

Podemos, assim, estabelecer estas correspondências prévias:

	1.ª pessoa	2.ª pessoa	3.ª pessoa
Pronome pessoal	eu	tu	ele
Pronome possessivo	meu	teu	seu
Pronome demonstrativo	este	esse	aquele

Formas dos pronomes possessivos

Os pronomes possessivos apresentam três séries de formas, correspondentes à pessoa a que se referem. Em cada série, estas formas variam de acordo com o gênero e o número da coisa possuída e com o número de pessoas representadas no possuidor.

[1] *Notas de português de Filinto a Odorico.* Rio de Janeiro, 1955. p. 409.

	Um possuidor		Vários possuidores	
	Um objeto	Vários objetos	Um objeto	Vários objetos
1.ª pessoa { masc. / fem.	meu minha	meus minhas	nosso nossa	nossos nossas
2.ª pessoa { masc. / fem.	teu tua	teus tuas	vosso vossa	vossos vossas
3.ª pessoa { masc. / fem.	seu sua	seus suas	seu sua	seus suas

Valores e empregos dos possessivos

Os pronomes possessivos acrescentam à noção de pessoa gramatical uma idéia de posse. São, de regra, pronomes adjetivos, equivalentes a um adjunto adnominal antecedido da preposição *de* (*de mim, de ti, de nós, de si*), mas podem empregar-se como pronomes substantivos:

"Cheguei a minha casa, e estranhei-a como se não fosse a minha."
(*C. C. Branco, OS, I, 534.*)

"E as suas lendas eram suas, ninguém sabia contar como ela."
(*J. L. do Rego, ME, 50.*)

Concordância do pronome possessivo

1. O pronome possessivo concorda em gênero e número com o substantivo que designa o objeto possuído; e, em pessoa, com o possuidor do objeto em causa:

"Mas vem! Os hinos meus, as canções minhas
Toda a minha alma em versos te festeja. . ."
(*A. de Oliveira, P, II, 146.*)

2. Quando um só possessivo determina mais de um substantivo, concorda com o que lhe esteja mais próximo:

"E meu cetro e coroa, — eu os deixei
Na antecâmara, feitos em pedaços."
(*F. Pessoa, OP, 67.*)

Posição do pronome adjetivo possessivo

1. O pronome adjetivo possessivo precede normalmente o substantivo que determina:

> *"Em teu louvor, Senhora, estes meus versos,*
> *E a minha Alma aos teus pés para cantar-te."*
> (A. de Guimaraens, OC, 143.)

2. Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo:

a) quando vem desacompanhado de artigo definido:

> *"Entrei pela geografia como em casa minha."*
> (R. Pompéia, A, 54.)

> *"Até à hora em que te escrevo, estou sem notícias tuas!"*
> (A. Nobre, CI, 177.)

b) quando o substantivo já está determinado, seja pelo artigo indefinido ou por numeral, seja por pronome demonstrativo ou indefinido:

> *"Deixa crucificar-me nos teus braços,*
> *Lavra com um beijo teu na minha boca*
> *O epitáfio da minha mocidade!"*
> (A. de Oliveira, P, II, 190.)

> *"Donde houveste, ó pélago revolto,*
> *Esse rugido teu?"*
> (G. Dias, PCPE, 191.)

> *"Manda-me alguns versos teus."*
> (M. de Andrade, CMB, 15.)

c) nas interrogações diretas:

> *"Mas dize: esta amaríssima tristeza*
> *Terá vindo em verdade das mãos tuas?"*
> (E. de Castro, UV, 18.)

d) quando há ênfase:

> *"Senhora minha, com quem te noivas?"*
> (A. de Guimaraens, OC, 107.)

> *"Bem haja, amigos meus, bem haja Minas!"*
> (R. Barbosa, EDS, 470.)

> *"Já lá se vão trinta anos, Deus meu!"*
> (A. F. Schmidt, GB, 111.)

Emprego ambíguo do possessivo de 3ª pessoa

1. As formas *seu, sua, seus, suas* aplicam-se indiferentemente ao possuidor da 3.ª pessoa do singular ou da 3.ª do plural, seja este possuidor masculino ou feminino.

Diremos, pois:

Ciro concluiu *seu(s)* exame(s) [= o(s) exame(s) *dele*].
Ciro concluiu *sua(s)* pesquisa(s) [= a(s) pesquisa(s) *dele*].

Lúcia concluiu *seu(s)* exame(s) [= o(s) exame(s) *dela*].
Lúcia concluiu *sua(s)* pesquisa(s) [= a(s) pesquisa(s) *dela*].

Nelson e Rui concluíram *seu(s) exame(s)* [= o(s) exame(s) *deles*].
Nelson e Rui concluíram *sua(s)* pesquisa(s) [= a(s) pesquisa(s) *deles*].

Vera e Ana concluíram *seu(s)* exame(s) [= o(s) exame(s) *delas*].
Vera e Ana concluíram *sua(s)* pesquisa(s) [= *a(s) pesquisa(s) delas*].

2. O fato de concordar o possessivo unicamente com o substantivo denotador do objeto possuído provoca, não raro, dúvida a respeito do possuidor.

Para evitar qualquer ambigüidade, o português nos oferece o recurso de precisar a pessoa do possuidor com a substituição de *seu(s), sua(s)*, pelas formas *dele(s), dela(s), de você, do senhor* e outras expressões de tratamento.

Por exemplo, a frase:

Ao encontrar-se com Vera, Ciro fez comentários sobre os seus exames.

tem um enunciado equívoco: os comentários de Ciro podem ter sido feitos sobre os exames de Vera; ou sobre os exames dele, Ciro; ou, ainda, sobre os exames de ambos.

Assim sendo, o locutor deverá expressar-se, conforme a intenção que tenha:

Ao encontrar-se com Vera, Ciro fez comentários sobre os exames dela.

Ao encontrar-se com Vera, Ciro fez comentários sobre os exames dele.

Ao encontrar-se com Vera, Ciro fez comentários sobre os exames deles.

Reforço dos possessivos

O valor possessivo destes pronomes pode não ser suficientemente forte. Quando há necessidade de realçar a idéia de posse — seja com vistas à ênfase ou à clareza —, costuma-se reforçá-los:

a) com as palavras *próprio* e *mesmo*:

"*Gemei, sobre estes Ofícios,*
que eles são, transfigurados,
vossos próprios sacrifícios."
(C. Meireles, *OP*, 724.)

"*Era ela mesma; eram os seus mesmos braços.*"
(M. de Assis, *OC*, II, 484.)

b) com as expressões *dele(s)*, *dela(s)*, no caso do possessivo de 3.ª pessoa:

"*O seu carnaval deles é eterno.*"
(J. Ribeiro, *CD*, 65.)

"*Talvez adivinhasse que em suas mãos, dela, estivesse já decretado e pronto o seu fim.*"
(G. Rosa, *PE*, 127.)

Valores dos possessivos

O pronome possessivo não exprime sempre uma relação de posse ou pertinência, real ou figurada. Na língua moderna, tem ele assumido valores variados, que por vezes se distanciam do sentido originário.

É o caso, por exemplo, do seu emprego:

a) como indefinido:

"*A falar verdade, temiam o seu tanto, Perpétua menos que Natividade.*"
(M. de Assis, *OC*, I, 876.)

"*Eu fizera o meu sucessozinho no desenho, e a garatuja evoluíra no meu traço, de modo a merecer encômios.*"
(R. Pompéia, *A*, 170.)

b) para indicar aproximação numérica:

"Revejo sempre uma rapariga que só uma vez fitei, tinha eu meus vinte anos."
(A. F Schmidt, GB, 251.)

"Quando vim aqui para este Catete 200, D. Glória era uma mulher de seus trinta e cinco anos."
(J. L. do Rego, E, 247.)

c) para designar um hábito:

"O rio passava silencioso, calmo nos seus fins de enchente."
(J. L. do Rego, MR, 5.)

"Mudo e mouco vai Sete-de-Ouros, no seu passo curto de introvertido, pondo, com precisão milimétrica, no rasto das patas da frente as mimosas patas de trás."
(G. Rosa, S, 37.)

Valores afetivos

1. Os possessivos apresentam variados matizes afetivos. Servem, por vezes, para acentuar um sentimento:

a) de deferência, de respeito, de polidez:

"— Entre as comidas, meu Fidalgo, nem água nem vinho."
(E. de Queirós, OF, I, 1.194.)

"— Meu Conselheiro tem razão. Mas, com o devido respeito, eu lembro que os hereges estão aumentando todos os dias, porque, como eu já disse, o caminho para Monte Santo está franco."
(A. Arinos, OC, 340.)

"— Quer alguma coisa, minha senhora?"
(E. de Queirós, OF, I, 1.037.)

b) de intimidade, de amizade, como se vê destes passos de Machado de Assis:

"Meu querido Nabuco. / Deixe-me agradecer--lhe a fotografia e a lembrança."
(OC, III, 1.097.)

"D. Glória, a senhora persiste na idéia de meter o nosso Bentinho no seminário?"
(OC, I, 731.)

"Hoje é que ele faria anos, meu velho Aires."
(OC, I, 1.068.)

c) de admiração:

"É o meu Salvador de outrora e de sempre, é aquele generoso espírito a quem nunca faltou simpatia para todo esforço sincero."
(M. de Assis, OC, III, 1.120.)

d) de simpatia, de interesse, com referência a personagem de uma narrativa, a autor de leitura freqüente, a clubes ou associações de que seja sócio ou aficionado, etc.:

"Tal era pelo menos a convicção em que estava o nosso homem."
(J. de Alencar, OC, I, 833.)

"Lembrou-se do seu Fustel de Coulanges. . ."
(L. Barreto, TFPQ, 286.)

"Onde está o meu Tenentes do Diabo?"
(J. L. do Rego, E, 282.)

e) de malícia, de ironia, de sarcasmo:

"Com aquela carinha de sonso, o nosso caro dentista bem que é um safardana, hem?"
(J. Condé, TC, 31.)

"Correram uns dias, muito calmos, reinando a paz na fazenda, porque o Major teve a sua enxaqueca. . ."
(G. Rosa, S, 109.)

"Todos aqueles santos varões comiam, bebiam o seu vinho do Porto na copa."
(E. de Queirós, OF, II, 17.)

Observe-se que, nos três últimos casos, o possessivo vem sempre acompanhado do artigo definido.

2. De acentuado caráter afetivo é também a construção em que uma forma feminina plural do pronome completa a expressão *fazer (uma) das* = "praticar uma ação particular, geralmente passível de crítica":

"*Não há dúvida! Fiz uma das minhas. Este maldito costume de escrever folhetins!...*"
(J. de Alencar, OC, IV, 283.)

"*A distração faz das suas.*"
(M. de Assis, OC, I, 1.046.)

Nosso de modéstia e de majestade

O emprego do pronome pessoal *nós* por *eu* nas fórmulas de modéstia e de majestade que estudamos leva, naturalmente, ao uso paralelo do possessivo *nosso (-a)* por *meu (minha)*.

Comparem-se estes exemplos:

a) de modéstia:

"*Alguns livros, que possuímos e conhecemos, nos terão escapado; outros, apesar de nossos esforços, não chegariam ao nosso conhecimento.*"
(S. Silva Neto, HLP, 11.)

b) de majestade:

"*Mandamos que os ciganos, assi homens, como mulheres, nem outras pessoas, de qualquer nação que sejam, que com eles andarem, não entrem em nossos Reinos e Senhorios.*"
(Ordenações Filipinas, *livro V, título* 69.)

Vosso de cerimônia

1. O uso do pronome *vós* como tratamento cerimonioso aplicado a um só indivíduo ou a um auditório qualificado acarreta igual emprego do possessivo *vosso (-a)*.

Assim:

"*O Brasil ama e admira, Sr. Embaixador, o vosso país.*"
(O. Bilac, DN, 123.)

"*Eu vos tomo por testemunhas de que vós mesmos me chamastes a esta tribuna depois do discurso do Sr. Dr. José Mariano, sabendo que eu seria o meio de repercutir, e não de amortecer, o eco de suas palavras. Elas estão gravadas em vossa alma e ficarão em vossa memória.*"
(J. Nabuco, A, 259.)

2. Quanto ao emprego das formas de tratamento cerimonioso em que se fixaram os possessivos *Sua* e *Vossa* (tipo: *Sua Excelência, Vossa Excelência*), já o estudamos na parte dos pronomes pessoais.

Substantivação dos possessivos

Os possessivos, quando substantivados, designam:

a) no singular, o que pertence a uma pessoa:

"Eu não tenho de meu um momento."
(A. Garrett, O, I, 1.415.)

"A rapariga não tinha um minuto de seu."
(A. Rangel, IV, 61.)

b) no plural, os parentes de alguém, seus companheiros, compatriotas ou correligionários:

"— Peço-lhe que não desampare os meus."
(M. de Assis, OC, I, 394.)

"Não me podia a Sorte dar guarida
Por não ser eu dos seus."
(F. Pessoa, OP, 12.)

Emprego do possessivo pelo pronome oblíquo tônico

O pronome possessivo substitui normalmente o pronome oblíquo tônico antecedido da preposição *de* que funciona como complemento nominal de um substantivo. Assim:

em frente de ti = *em tua frente.*
ao lado de mim = *ao meu lado.*
em favor de nós = *em nosso favor.*
por causa de você = *por sua causa.*

Pronomes demonstrativos

1. Os pronomes demonstrativos situam a pessoa ou a coisa designada relativamente às pessoas gramaticais. Podem situá-la no espaço ou no tempo:

"Vivi; pois Deus me guardava
Para este lugar e hora!"
(G. Dias, PCPE, 269.)

A capacidade de mostrar um objeto sem nomeá-lo, a chamada função deíctica (do grego *deiktikós* = "próprio para demonstrar, demonstrativo"), é a que caracteriza fundamentalmente esta classe de pronomes.

2. Mas os demonstrativos empregam-se também para lembrar ao ouvinte ou ao leitor o que já foi mencionado ou o que se vai mencionar:

"Depois vieram outros e outros, estes fincados de leve, aqueles até à cabeça."
(M. Lobato, U, 110.)

"Minha tristeza é esta —
A das coisas reais."
(F. Pessoa, OP, 100.)

É a sua função anafórica (do grego *anaphorikós* = "que faz lembrar, que traz à memória").

Formas dos pronomes demonstrativos

1. Os pronomes demonstrativos apresentam formas variáveis e formas invariáveis, ou neutras:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
este esse aquele	estes ésses aqueles	esta essa aquela	estas essas aquelas	isto isso aquilo

2. As formas variáveis (*este, esse, aquele,* etc.) podem funcionar como pronomes adjetivos e como pronomes substantivos:

Aquele chapéu é meu.
Meu chapéu é aquele.

3. As formas invariáveis (*isto, isso, aquilo*) são sempre pronomes substantivos.

4. Estes demonstrativos combinam-se com as preposições *de* e *em*, tomando as formas: *deste, desta, disto; neste, nesta, nisto; desse, dessa, disso; nesse, nessa, nisso; daquele, daquela, daquilo; naquele, naquela, naquilo.*

Aquele, aquela e *aquilo* contraem-se ainda com a preposição *a*, dando: *àquele, àquela* e *àquilo.*

5. Podem também ser demonstrativos o *(a, os, as)*, *mesmo*, *próprio*, *semelhante* e *tal*, como veremos adiante.

Valores gerais

Considerando-os em suas relações com as pessoas do discurso, podemos estabelecer as seguintes características gerais para os pronomes demonstrativos:

1.º) *Este*, *esta* e *isto* indicam:

a) o que está perto da pessoa que fala:

"Eu não tinha estas mãos sem força,
tão paradas e frias e mortas;
eu não tinha este coração
que nem se mostra."
(C. Meireles, OP, 10.)

b) o tempo presente em relação à pessoa que fala:

"Esta noite estou triste e não sei a razão."
(R. Couto, PR, 89.)

2.º) *Esse*, *essa* e *isso* designam:

a) o que está perto da pessoa a quem se fala:

"Quis ver ainda uma vez essa janela,
Da qual, quando eu chegava, me sorrias. . ."
(E. de Castro, UV, 63.)

b) o tempo passado ou futuro com relação à época em que se coloca a pessoa que fala:

"Bons tempos, Manuel, esses que já lá vão!"
(A. Nobre, Só, 51.)

"Desses longes imaginados, dessas expectativas de sonho, passava ele ao exame da situação da Europa em geral e da Alemanha em particular."
(G. Amado, DP, 92.)

3.º) *Aquele*, *aquela* e *aquilo* denotam:

a) o que está afastado tanto da pessoa que fala como da pessoa a quem se fala:

"Olhem aquele monte ali na frente. É longe, não é?"
(G. Ramos, AOH, 107.)

b) um afastamento no tempo de modo vago, ou uma época remota:

"Por aquele tempo o Saci andava desesperado."
(*H. de C. Ramos, TB, 47.*)

"Naqueles tempos longínquos o Rio de Janeiro e São Paulo eram grandes capitais, o resto do país valia pouco."
(*G. Ramos, LT, 107.*)

Diversidade de emprego

Estas distinções que nos oferece o sistema ternário dos demonstrativos em português não são, porém, rigorosamente obedecidas na prática.

Com freqüência, na linguagem animada, nos transportamos pelo pensamento a regiões ou épocas distantes, a fim de nos referirmos a pessoas ou objetos que nos interessam particularmente, como se estivéssemos em sua presença. Lingüisticamente, esta aproximação mental traduz-se pelo emprego do pronome *este* (*esta, isto*) onde seria de esperar *esse* ou *aquele*.

Comparem-se estes exemplos, colhidos em obras de José Lins do Rego:

"Amarelo infeliz. Se fosse outro, dizia Deodato, já tinha mandado este mondrongo para as profundas dos infernos."
(*MR, 45.*)

"— Este Alfredo Gama é um danado, dizia D. Júlia, elogiando o compositor."
(*U, 89.*)

Ao contrário, uma atitude de desinteresse ou de desagrado para com algo que esteja perto de nós pode levar-nos a expressar tal sentimento pelo uso do demonstrativo *esse* em lugar de *este*.

Comparem-se os seguintes exemplos:

"Tudo é lícito aqui nessa Sumatra."
(*J. de Lima, OC, I, 681.*)

"Logo depois, começa a ventar. Mas, com o vento era diferente: Tati já sabia que ele nunca

se deixa agarrar nem ver, embora viva sempre em toda parte dando demonstrações de sua presença. Esse vento!..."
(A. M. Machado, *HR*, 251.)

Empregos particulares

1. *Este* (*esta, isto*) é a forma de que nos servimos para chamar a atenção sobre aquilo que dissemos ou que vamos dizer:

"*Este caso se deu, começou Alexandre, um dia em que fui visitar meu sogro, na fazenda dele, três léguas distante da nossa.*"
(G. Ramos, *AOH*, 59.)

"*Dizendo isto, Jorge entrou a falar de suas esperanças e futuros.*"
(M. de Assis, *OC*, I, 311.)

"*Oxalá a minha vida seja sempre isto:*
O dia cheio de sol, ou suave de chuva..."
(F. Pessoa, *OP*, 166.)

2. Para aludirmos ao que por nós foi antes mencionado, costumamos usar também o demonstrativo *esse* (*essa, isso*):

"*Não se falava porém mais entre eles da matéria sentimental; esse capítulo estava cancelado.*"
(J. de Alencar, *OC*, I, 931.)

3. *Esse* (*essa, isso*) é a forma que empregamos quando nos referimos ao que foi dito por nosso interlocutor:

"*— Vamos brincar de bandido?*
— Aqui ninguém conhece esse brinquedo não, respondeu Sira."
(G. Ramos, *AOH*, 149.)

4. Tradicionalmente, usa-se *nisto* no sentido de "então", "nesse momento":

"*Assim o cri, e dispus a minha vida para desposá-la. Nisto, adoeceu o tio gravemente.*"
(M. de Assis, *OC*, II, 495.)

"*Os convidados aplaudiam; moças também botaram versos; os rapazes respondiam; foi se virando tudo numa alegria geral.*
Nisto o capataz da estância chegou à porta..."
(S. Lopes Neto, *CGLS*, 196.)

5. Em certas expressões o uso fixou determinada forma do demonstrativo, nem sempre de acordo com o seu sentido básico. É o caso das locuções: *além disso, isto é, isto de, por isso* (raramente *por isto*), *nem por isso*:

> *"Li, isto é, folheei, os três pesados volumes da Academia e não encontrei rasto da grande, da encomiada fênix dos engenhos."*
> (J. Ribeiro, CD, 69.)

Posição do pronome adjetivo demonstrativo

1. O demonstrativo, quando pronome adjetivo, precede normalmente o substantivo que determina:

> *"Mas sinto-me sorrir de ver esse sorriso*
> *Que me penetra bem, como este sol de inverno."*
> (C. Pessanha, C, 85.)

2. Pode, no entanto, vir posposto ao substantivo para melhor especificar o que se disse anteriormente:

> *"Lia eu traduções de romances franceses, em edições populares vindas de Portugal, edições essas que nunca mais vi."*
> (A. F. Schmidt, F, 67.)

3. Usa-se para determinar o aposto, geralmente quando este salienta uma característica marcante da pessoa ou do objeto:

> *"Acudiu à memória de Rubião que o Freitas — aquele Freitas tão alegre — estava gravemente enfermo."*
> (M. de Assis, OC, I, 630.)

4. *Esse* (e mais raramente *este*) emprega-se também para pôr em relevo um substantivo que lhe venha anteposto:

> *"Se o marido deu assim em urumbeva, a mulher, essa enraizou de peão para o resto da vida."*
> (M. Lobato, U, 125.)

> *"Ricardo, este, fora ferido mais gravemente."*
> (L. Barreto, TFPQ, 271.)

Alusão a termos precedentes

1. Quando queremos aludir, discriminadamente, a termos já mencionados, servimo-nos do demonstrativo *aquele* para o referido em primeiro lugar, e do demonstrativo *este* para o que foi nomeado por último:

"*Carlota, a escrava, vem denunciar Carlota livre; amaldiçoe esta, lembre-se daquela.*"
(C. Alves, *OC*, 594.)

"*Todos têm olhos para ver e prezar a formosura, poucos inteligência para avaliar e admirar a sabedoria: esta vence com o tempo, aquela triunfa aparecendo.*"
(M. de Maricá, *MPR*, n.º 2.091.)

2. Por vezes, os demonstrativos alternados têm valor indefinido:

"*Eles, porém, distinguem-se perfeitamente; um é gordo, o Artur; o outro, magro, o Aluísio; um, o Artur, é míope; outro, o Aluísio, vê bem; este escreveu* **Uma Lágrima de Mulher**, *aquele, a* **Maria Angu**, *este, etc., aquele, e tal...*"
(R. Correia, *PCP*, 605.)

3. Observe-se também a ocorrência de dois demonstrativos em construções nas quais o predicativo introduzido por *aquele* melhor esclarece o sujeito, expresso por um substantivo determinado por *este* ou *esse*.

"*Este homem foi aquele que me dizia 'que não me afligisse que eu ainda estava muito novo para curar-me'.*"
(A. Nobre, *CI*, 144.)

"*Mas esses atos são justamente aqueles que os psiquiatras designam como característicos de qualquer perturbação mental.*"
(T. Barreto, *QV*, 39.)

Reforço dos demonstrativos

Quando, por motivo de clareza ou de ênfase, queremos precisar a situação das pessoas ou das coisas a que nos referimos, usamos reforçar os demonstrativos:

a) com os advérbios *aqui, aí, ali, cá, lá, acolá*:

"*Isto aqui é estalagem?*"
(L. Barreto, *REIC*, 114.)

"*Este cá é meus exércitos!...*"
(G. Rosa, GSV, 71.)

"*Aquela ali é que é minha mãe, olha lá!*"
(A. M. Machado, HR, 263.)

b) com as palavras *mesmo* e *próprio*:

"*— O Relógio da Sé em casa do Sarralheiro?*
— Esse mesmo.
— O da Matriz?
— Esse próprio."
(D. F. Manuel de Melo, AD, 16.)

c) com o pronome *outro*, possibilitando as aglutinações *estoutro*, *essoutro*, *aqueloutro*, desusadas no português coloquial do Brasil.

Valores afetivos

1. Os demonstrativos reúnem o sentido de atualização ao de determinação. São verdadeiros "gestos verbais", acompanhados em geral de entoação particular e, não raro, de gestos físicos.

A capacidade de fazerem aproximar ou distanciar no espaço e no tempo as pessoas e as coisas a que se referem permite a estes pronomes expressarem variados matizes afetivos, em especial os irônicos.

2. Nos exemplos abaixo, servem para intensificar, de acordo com a entoação e o contexto, os sentimentos de:

a) admiração:

"*Aqueles, sim, eram dois torenas que se valiam!*"
(S. Lopes Neto, CGLS, 233.)

"*— Que gente tinha o Pestana, dizia um. Nunca pensei que houvesse homens com aquela coragem.*"
(J. L. do Rego, MR, 79.)

b) confiança, esperança:

"*Ah, este Norte em remanência: progresso forte, fartura para todos, a alegria nacional!*"
(G. Rosa, GSV, 212.)

c) **indignação:**

"— *Isso não! isso não! interrompeu a boa senhora com energia.*"
(*M. de Assis, OC, II, 264.*)

"*Foi isto, meu senhor; foi esta praga daquele maldito.*"
(*M. de Assis, OC, II, 265.*)

d) **pena, comiseração:**

"*Quem mora ali? Mora ela,*
Aquela!, —
Que nessa triste viela
Foi a flor da Mouraria!"
(*A. Boto, OA, 225.*)

"*Coitada de D. Ritinha! Aquilo é que é mesmo uma santa.*"
(*G. Cruls, 4R, 442.*)

e) **malícia:**

"*Tem um decote pequeno,*
Um ar modesto e tranqüilo;
Mas vá-se lá descobrir
Coisa pior do que aquilo!"
(*F. Pessoa, QGP, n.º 251.*)

"*Germaninha, essa Germaninha! . . .*"
(*M. de Andrade, CMB, 163.*)

f) **sarcasmo, desprezo:**

"*Que indigência de frase e que pontuação! Um estudante imberbe não escreveria aquilo.*"
(*G. Junqueiro, P, XXV.*)

"*Aquilo é um selvagem.*"
(*G. Ramos, AOH, 147.*)

"*Lá se vão aquelas imundas.*"
(*J. L. do Rego, FM, 100.*)

3. Quando aplicados a pessoas, os neutros *isto, isso* e *aquilo* têm, em geral, sentido fortemente depreciativo:

> "*Aquilo tem o diabo n'alma!*"
> (*F. de Almeida, PU, 117.*)

> "*Aquilo é mofino que só galinha.*"
> (*J. L. do Rego, FM, 105.*)

Mas, pelos contrastes que não raro se observam nos empregos afetivos, podem esses demonstrativos expressar também alto apreço por determinada pessoa. Assim neste exemplo de Camilo Castelo Branco:

> "*Aquilo é que dava um deputado às direitas!*"
> (QA, 19.)

e neste outro:

> "*Aquilo, sim, é que era mulher!*"

verso de um célebre samba de Ataulfo Alves, no qual *aquilo* está em lugar de Amélia, a companheira solícita e resignada, a "mulher de verdade", como a classifica o poeta.

4. A forma feminina fixou-se em construções elípticas do tipo:

Essa é boa!	*Esta é fina!*
Essa não!	*Mais esta!*
Esta cá me fica!	*Ora essa!*

5. Fixa também aparece a forma neutra na locução *isto de*, que equivale a "com referência a", "a respeito de":

> "*Há de amansar; isto de filhos, conselheiro, não imagina, é o diabo; eu, se perdesse o meu Carlos, creio que me ia logo desta vida.*"
> (*M. de Assis, OC, I, 1.050.*)

O(s), a(s) como demonstrativos

O demonstrativo o (*a, os, as*) só se emprega como pronome substantivo, e nos seguintes casos:

a) quando vem determinado por uma oração ou, mais raramente, por uma expressão adjetiva, e tem o significado de *aquele(s), aquela(s), aquilo*:

> "*É O que eu me sonhei que eterno dura,*
> *É Esse que regressarei.*"
> (*F. Pessoa, OP, 21.*)

"*Fui Essa que nas ruas esmolou*
E fui a que habitou Paços Reais."
(*F. Espanca, S, 103.*)

"*Ingrata para os da terra,*
boa para os que não são."
(*C. Pena Filho, LG, 120.*)

"*Onde estão as que eram belas,*
As que tinham nos olhos o brilho das estrelas?"
(*A. F. Schmidt, PE, 221.*)

"*Imagino o que a mulher padeceu.*"
(*G. Ramos, LT, 126.*)

b) quando, no singular masculino, equivale a *isto, isso, aquilo* **e exerce as funções de objeto direto ou de predicativo, referindo-se a um substantivo, a um adjetivo ou ao sentido geral de uma frase ou de um termo dela:**

"*Só ele o sabia ao certo.*"
(*A. Arinos, OC, 340.*)

"*Escrava tu!... não o és, nunca o foste, e nunca o serás.*"
(*B. Guimarães, EI, 212.*)

"*Não sei se sou feliz*
Nem se desejo sê-lo."
(*F. Pessoa, OP, 82.*)

"*A máquina devorou o artesão — todos o sabem.*"
(*G. Amado, DP, 252.*)

Substitutos dos pronomes demonstrativos

Podem também ser demonstrativos as palavras *tal, mesmo, próprio* **e** *semelhante:*

1. *Tal* **é demonstrativo quando sinônimo:**

a) de "este", "esta", "isto", "esse", "essa", "isso", "aquele", "aquela", "aquilo":

"*Tal foi a primeira conclusão do Palha; mas vieram outras hipóteses.*"
(*M. de Assis, OC, I, 602.*)

"Não faça tal! Porque os anos
O que trazem? Desenganos
Que fazem a gente velho."
(J. de Deus, FS, 88.)

b) de "semelhante":

"Partires com tal denodo,
voltares com tal cansaço!"
(C. Meireles, OP, 759.)

"Eulália, assustada por vê-la em tal estado, convidou-a a recolher-se."
(M. de Assis, OC, II, 727.)

2. Como demonstrativo, *mesmo* pode significar:

a) "exato", "preciso", quando empregado como reforço a um demonstrativo, ou a um artigo com valor de demonstrativo, que se refira a algo anteriormente mencionado:

"Mas, dentro daquela mesma semana, Antônio Maria apareceu de luto no escritório."
(R. Couto, CEB, 131.)

"No mesmo momento, mestre Vicente, na sala de sua casinha baixa, metido nos calções e em mangas de camisa, espiava a rua pelos buracos das rótulas."
(A. Arinos, OC, 476.)

b) "idêntico", "igual":

Entrei a amar Virgília com muito mais ardor, depois que estive a pique de a perder, e a mesma cousa lhe aconteceu a ela."
(M. de Assis, OC, I, 499.)

c) "em pessoa":

"E a história, para mim, deste meio século, sou eu mesmo, o que vi, o que senti."
(A. F. Schmidt, GB, 16.)

"Durante um século estivemos a olhar para fora, para o estrangeiro: olhemos agora para nós mesmos."
(A. Arinos, OC, 707.)

3. *Próprio* é demonstrativo quando corresponde a *mesmo* nas acepções atrás mencionadas:

> *"Vão crucificá-lo, vão fazê-lo subir a montanha carregando o seu próprio instrumento de martírio, o próprio sinal da sua ignomínia."*
> (A. F. Schmidt, GB, 341.)

> *"Euricão Árabe traiu a todo o mundo e a si próprio"*
> (M. Bandeira, AA, 127.)

4. *Semelhante* serve de demonstrativo de identidade:

> *"Ele, Fabiano, espremendo os miolos, não diria semelhante frase."*
> (G. Ramos, VS, 159.)

Advérbios pronominais

Existe uma estreita relação entre o sistema tripartido dos pronomes demonstrativos:

este	*esse*	*aquele*
isto	*isso*	*aquilo*

e o dos advérbios:

aqui	*aí*	*ali*

Além do seu emprego como reforço daqueles pronomes, tais advérbios podem apresentar uma significação puramente ocasional, inclusive quando relacionada com o tempo, como nestes passos de Graciliano Ramos:

> *"Aqui as idéias de Fabiano atrapalharam-se: a cachorra misturou-se com as arribações, que não se distinguiam da seca."*
> (VS, 160.)

> *"— Espera aí, paisano, gritou o amarelo."*
> (VS, 64.)

> *"Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou."*
> (VS, 136.)

Por isso são denominados advérbios pronominais

Pronomes indefinidos

Indefinidos são os pronomes que se aplicam à 3.ª pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado.

Formas dos pronomes indefinidos

Os pronomes indefinidos apresentam formas variáveis e invariáveis.

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
algum	**alguns**	**alguma**	**algumas**	**alguém**
nenhum	**nenhuns**	**nenhuma**	**nenhumas**	**ninguém**
todo	**todos**	**toda**	**todas**	**tudo**
outro	**outros**	**outra**	**outras**	**outrem**
muito	**muitos**	**muita**	**muitas**	**nada**
pouco	**poucos**	**pouca**	**poucas**	**cada**
certo	**certos**	**certa**	**certas**	**algo**
vário	**vários**	**vária**	**várias**	
tanto	**tantos**	**tanta**	**tantas**	
quanto	**quantos**	**quanta**	**quantas**	
qualquer	**quaisquer**	**qualquer**	**quaisquer**	

Locuções pronominais indefinidas

Dá-se o nome de locuções pronominais indefinidas aos grupos de palavras que equivalem a pronomes indefinidos: *cada um, cada qual, quem quer que, seja quem for, seja qual for,* etc.

Pronomes indefinidos substantivos e adjetivos

1. Os indefinidos *alguém, ninguém, outrem, algo* e *nada* só se usam como pronomes substantivos. *Tudo* é normalmente pronome substantivo, mas tem valor de adjetivo nas combinações *tudo isto, tudo isso, tudo aquilo, tudo o que, tudo o mais* e semelhantes:

> "*Ninguém calcula o que será tudo isso. . .*"
> (Cruz e Sousa, OC, 329.)

> "*Vestido à moda clássica, tudo isto desapareceria.*"
> (J. de Alencar, OC, III, 319.)

2. *Algum, nenhum, todo, outro, muito, pouco, vário, tanto* e *quanto* são pronomes adjetivos que, em certos casos, se empregam como pronomes substantivos. Assim nestes períodos:

> "*Todos queriam que ele se casasse.*"
> (J. L. do Rego, MR, 169.)

"*Quando nos tornamos a ver, nenhum teve para o outro a mínima palavra; ficamos a um banco, lado a lado, em expansivo silêncio.*"
(R. Pompéia, A, 205.)

3. *Certo* só se usa como pronome adjetivo:

"*Em certo ponto a água cobria um homem.*"
(R. Pompéia, A, 47.)

4. Também os indefinidos *cada* e *qualquer*, de acordo com a boa tradição da língua, devem sempre vir acompanhados de substantivo, pronome, ou numeral cardinal:

"*Cada coisa a seu tempo tem seu tempo.*"
(F. Pessoa, OP, 206.)

"*Chegaram algumas crianças timidamente, cada qual sobraçando uma boneca pavorosa.*"
(A. M. Machado, HR, 254.)

"*Para o desempenho dos papéis femininos havia dificuldades; cada um queria a parte mais enérgica do recitativo.*"
(R. Pompéia, A, 207-208.)

"*Parece que depois de tamanha paixão, qualquer outro afeto não terá longa vida.*"
(M. de Assis, OC, I, 403.)

Oposições sistemáticas entre os indefinidos

Observam-se algumas oposições sistemáticas na classe dos pronomes indefinidos. São bastante nítidas, por exemplo, as que se verificam:

a) entre o caráter afirmativo da série:

algum *alguém* *algo*

e o negativo da série:

nenhum *ninguém* *nada*

b) entre o caráter de totalidade inclusiva de:

tudo *todo(s)*

e o de totalidade exclusiva de:

nada *nenhum(ns)*

c) entre a presença da idéia de pessoa em:

alguém *ninguém*

e a ausência dessa idéia em:

algo *nada*

Outras oposições privativas podem ser ainda assinaladas nesta classe tão heterogênea de pronomes (as de *certo* / *qualquer*; *muito* / *pouco*; *outro* / *outrem*, etc.), com vistas a apresentá-la de maneira mais coerente e, assim, justificar-lhe, em parte pelo menos, a tradicional e unitária conceituação.

Valores de alguns indefinidos

Algum e nenhum

1. Anteposto a um substantivo, *algum* tem, como acabamos de dizer, valor positivo. É o contrário de *nenhum*:

> "*A saudade do paraíso perdido ainda plange em alguns corações.*"
> (*G. Amado, DP, 1.*)

> "*Não havia nele senão aspiração à grandeza verdadeira; nenhum cabotinismo, nenhuma vaidade, e sim um compreensível orgulho.*"
> (*A. F. Schmidt, F, 237.*)

2. Posposto a um substantivo, *algum* assumiu, na língua moderna, significação negativa, mais forte do que a expressa por *nenhum*. De regra, o indefinido adquire este valor em frases onde aparecem expressões negativas, como *não, nem, sem*:

> "*A sua crítica não obedecia a nenhum sistema; não seguia escola alguma.*"
> (*L. Barreto, REIC, 183.*)

> "*O eremita não teve surpresa alguma.*"
> (*A. Arinos, OC, 437.*)

No português antigo e no médio, podia dar-se a posposição de *algum* com sentido positivo. Veja-se,

por exemplo, este passo de *Os Lusíadas*, em que a expressão *palavra alguma* deve ser entendida como "uma ou outra palavra":

> *"Etíopes são todos, mas parece*
> *Que com gente milhor comunicavam;*
> *— Palavra alguma arábia se conhece*
> *Entre a linguagem sua que falavam."*
> (Camões, L, V, 76.)

3. Substantivado, *algum* se usa, popularmente, na acepção de "dinheiro":

> *Ter algum* — *Estar com algum*

4. Reforçado por negativa, *nenhum* pode equivaler ao indefinido *um*:

> *"Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro,*
> *fui honrado pastor da tua aldeia."*
> (T. A. Gonzaga, OC, I, 137.)

Cada

1. Como dissemos, o indefinido *cada* é, na língua culta, pronome adjetivo. Quando falta o substantivo, usa-se *cada um (uma)*, *cada qual*:

> *"Cada um lembrou uma história da sua localidade originária."*
> (G. Aranha, OC, 92.)

> *"Cada qual, com mais entusiasmo, pugnava por suas razões."*
> (A. Arinos, OC, 394.)

2. *Cada* pode preceder um numeral cardinal para indicar discriminação entre unidades, ou entre grupos ou séries de unidades:

> *De cada cento de laranja que vendia, a metade era lucro.*
> *Escrevia-me invariavelmente cada três dias.*

3. Tem acentuado valor intensivo em frases do tipo:

> *"Cesária tem cada lembrança!"*
> (G. Ramos, AOH, 68.)

"Quando a gente é criança faz *cada uma!*"
(J. de Alencar, OC, IV, 308.)

"Este Pontes tem *cada uma*. . ."
(M. Lobato, U, 111.)

Observação

Na linguagem informal é cada dia mais freqüente o emprego substantivo deste pronome em construções como a seguinte:

Aqueles cadernos me custaram dois cruzeiros cada.

Certo

1. *Certo* é pronome indefinido quando anteposto a um substantivo. Caracteriza-o a capacidade de particularizar o ser expresso pelo substantivo, distinguindo-o dos outros da espécie, mas sem identificá-lo.

Dispensa, em geral, o artigo. A presença deste torna a expressão menos vaga e dá-lhe um matiz afetivo.

Comparem-se os exemplos seguintes:

"*Certos motivos* cansam à força de repetição."
(M. de Assis, OC, I, 737.)

"É preciso em *certas ocasiões* dar murros em ponta de faca."
(G. Amado, DP, 253.)

"Achava o coronel um homem simpático, de conversação fácil, comentando as coisas com *um certo humor*."
(J. L. do Rego, P, 58.)

"*Uns certos profundíssimos filólogos* negam-nos, a nós brasileiros, o direito de legislar sobre a língua que falamos."
(J. de Alencar, NC, 22.)

2. É adjetivo, com o significado de "seguro", "verdadeiro", "exato", "fiel", "constante":

a) quando posposto ao substantivo:

"Eleição certa, disse ele."
(M. de Assis, *OC*, I, 1.128.)

"Porém, se na engrenagem complicada das candidaturas se anular a minha, eu terei, certo, mais um desapontamento que recalcarei como muitos outros, mas continuarei a ser sempre o mesmo amigo certo."
(E. da Cunha, *OC*, II, 601.)

b) quando anteposto ao substantivo, mas precedido de palavra que exprima gradação:

"Mais certo amigo é João do que Pedro, tão certo amigo é João como Paulo."
(Sousa da Silveira, *LP*, 244.)

3. Pode ter valor intensivo em frases do tipo:

Para dizer isso, é preciso ter um certo topete

Nada

1. *Nada* significa "nenhuma coisa", mas equivale a "alguma coisa" em frases interrogativas do tipo:

"— O capitão não come nada?
— Eu agradeço, minha senhora."
(J. L. do Rego, *FM*, 317.)

2. Junto a um adjetivo ou a um verbo intransitivo pode ter força adverbial:

Aquele menino não é nada tolo
O cavalo favorito não correu nada

Outro

1. Convém distinguir as expressões:

a) *outro dia*, ou *o outro dia* = "um dia passado mas próximo":

"Veio abrir a mesma criadinha de outro dia, a cujo olhar indagador já não corou."
(A. Peixoto, *RC*, 670.)

> *"Contou-me a Ama, o outro dia,*
> *Que Deus, somente o veria*
> *Quem fosse Anjo, ninguém mais."*
>
> (A. C. d'Oliveira, M, 92.)

b) *no outro dia,* ou *ao outro dia* = "no dia seguinte":

> *"No outro dia, de volta do campo, encontrei no alpendre João Nogueira, Padilha e Azevedo Gondim."*
>
> (G. Ramos, SB, 102.)

> *"Ao outro dia, Jorge madrugou na tapera dos cajueiros."*
>
> (A. Peixoto, RC, 541.)

2. Em expressões denotadoras de reciprocidade, como *um ao outro, um do outro, um para o outro,* conserva-se de regra a forma masculina, ainda que aplicada a indivíduos de sexos diferentes:

> *"De pé, numa porta, estavam ainda Vivi e o embaixador Vilhena. Pareciam indiferentes um ao outro."*
>
> (A. Peixoto, RC, 663.)

> *"Tristão lá estava também, e ambos faziam a estética um do outro. Ele admirava menos a tela que a pintora, ela menos o espetáculo que o admirador."*
>
> (M. de Assis, OC, I, 1.105.)

> *"Sentou-se no canapé e ficamos a olhar um para o outro, ela desfeita em graça, eu desmentindo Shelley com todas as forças sexagenárias restantes."*
>
> (M. de Assis, OC, I, 1.129.)

3. *Outro* pode empregar-se como adjetivo na acepção de "diferente", "mudado", "novo":

> *"Teria hoje outra visão."*
>
> (T. M. Moreira, VVT, 14.)

> *"Estava mudado. Outro indivíduo, muito diferente do Fabiano que levantava poeira nas salas de dança."*
>
> (G. Ramos, VS, 151.)

Qualquer

Tem por vezes sentido pejorativo, particularmente quando precedido de artigo indefinido:

> "— *Júlio, se eu te falo assim é porque não te vejo como um qualquer.*"
> (J. L. do Rego, E, 253.)

A tonalidade depreciativa torna-se mais forte se o indefinido vem posposto a um nome de pessoa:

> "*Antigamente quando a gente falava em deputado, vinha-se com o nome de um José Mariano, de um Joaquim Nabuco. Hoje é isto que o senhor vê: um Pestana qualquer acha-se com o direito de ser deputado.*"
> (J. L. do Rego, MR, 205.)

Todo

No Capítulo VII, 2, estudamos o emprego do artigo com este indefinido. Aqui acrescentaremos apenas o seguinte:

1. No singular e posposto ao substantivo, *todo* indica a totalidade das partes:

> "*Percorrera a matéria toda em rápida antecipação de estudo.*"
> (R. Pompéia, A, 65.)

> "*Durante a narração toda, o missionário parecia estar atento às palavras de José Maria.*"
> (A. Arinos, OC, 195.)

2. No plural, anteposto ou não, designa a totalidade numérica:

> "*Todos os mares, todos os estreitos, todas as baías, todos os golfos,*
> *Queria apertá-los ao peito, senti-los bem e morrer!*"
> (F. Pessoa, OP, 274.)

> "*Essas coisas todas Cordeiro afirmava para que o ouvissem.*"
> (J. L. do Rego, MR, 47.)

3. Anteposto ao artigo indefinido, significa "inteiro", "completo":

> "*Quando me vinha à cabeça a cena da rua Conde de Lage, todo um drama se desenrolava.*"
> (J. L. do Rego, E, 162.)

"*Todo um período histórico ali diante dos meus olhos.*"
(G. Amado, DP, 89.)

4. Anteposto a um elemento nominal, aposto ou predicativo, emprega-se com o sentido de "inteiramente", "em todas as suas partes", "muito":

"*Garota viva, toda sorrisos e simpatia, com sua fala gaúcha carregada nos 'rr', seus modos diretos, sem bobagens de filha de Presidente, fazia-se estimar, impondo-se por si própria.*"
(G. Amado, DP, 244.)

"*D. Carmo é toda ternura para ela.*"
(M. de Assis, OC, I, 1.044.)

Tudo

1. Refere-se normalmente a coisas:

"*Delícia era ver as vitrinas. A princípio Tati queria possuir tudo que aparecia nelas.*"
(A. M. Machado, HR, 262.)

"*Vinho e aguardente é tudo a mesma família.*"
(A. Ribeiro, ES, 89.)

2. Pode, no entanto, aplicar-se também a pessoas:

"*Ah! mulheres . . .*
Estancieiras ou peonas é tudo a mesma cousa . . ."
(S. Lopes Neto, CGLS, 137.)

"*Tudo alegre, cheio de saúde . . . A propósito, ninguém adoece em Tatipirun, não é verdade?*"
(G. Ramos, AOH, 147.)

"*Morreu-me tudo, a filha, a neta . . .*"
(M. Lobato, U, 130.)

Indefinidos no singular com valor de plural

Os quantitativos *tanto, quanto, pouco* e *muito*, quando, no singular, precedem um substantivo empregado para denotar a espécie e não a unidade, podem exprimir uma idéia de plural:

"*Tanta mata queimada, tanta devastação maluca.*"
(G. Amado, PP, 108.)

"*Seu senso político revelou-se em muita ocasião.*"
(O. Lima, *D. João VI*, *III*, 969.)

"*Quanta mulher no teu passado, quanta!*"
(F. Espanca, *S*, 106.)

Pronomes interrogativos

1. Chamam-se interrogativos os pronomes *que*, *quem*, *qual* e *quanto*, empregados para formular uma pergunta direta ou indireta:

Que informação deseja?
Diga-me *que* informação deseja.

Quem pensou nisso?
Não sei *quem* pensou nisso.

Qual dos dois é seu irmão?
Ignoro *qual* dos dois é seu irmão.

Quantos anos tens?
Perguntaram-me *quantos* anos tens.

2. Os pronomes interrogativos estão estreitamente ligados aos pronomes indefinidos. Em uns e outros a significação é indeterminada, embora, no caso dos interrogativos, a resposta venha esclarecer o que foi perguntado.

Flexão dos interrogativos

Os interrogativos *que* e *quem* são invariáveis. *Qual* flexiona-se em número (*qual* — *quais*); *quanto*, em gênero e em número (*quanto* — *quanta* — *quantos* — *quantas*).

Emprego dos interrogativos

Que

1. O pronome interrogativo *que* pode ser:

a) pronome substantivo, quando significa "que coisa":

"*Que és tu, abismo e jaula, aonde tudo*
Vive na dor e em luta cega e brava?"
(A. de Quental, *SC*, 64.)

"*Que se teria passado?*"
(C. Neto, *OS*, *I*, 1.412.)

"*Mas não sei* que *disse a estrela...*"
(A. Tavares, PC, 9.)

b) pronome adjetivo, quando significa "que espécie de", e neste caso pode referir-se tanto a pessoas como a coisas:

"*Que dor de mim me transtorna?*
Que coisa inútil me dói?"
(F. Pessoa, OP, 543.)

"*Que história é aquela?*"
(G. Ramos, AOH, 144.)

"*Seria interessante que essa mulher fosse examinada com cuidado, que pudéssemos saber que espécie de criança ela foi.*"
(A. F. Schmidt, AP, 205.)

2. Para dar maior ênfase à pergunta, em lugar de *que* pronome substantivo, usa-se o *que*:

"*O* que *quer dizer isto, praça?*"
(F. L. do Rego, FM, 332.)

"*Desejo saber primeiro* o que *pedis.*"
(M. de Assis, OC, II, 272.)

3. Tanto uma como outra forma pode ser reforçada por é *que*.

"*Que* é que *elas haviam de querer aqui?*"
(G. Rosa, S, 115.)

"*Pelo mundo, na vida,* o que é que *esperas?...*"
(F. Espanca, S, 70.)

Observação

Nenhuma razão assiste aos que condenam a anteposição do artigo o *ao* **que** *interrogativo, como exaustivamente mostrou Said Ali, em* **Dificuldades da língua portuguesa.** *5.ª ed. Rio de Janeiro, 1957. p. 12-20; e* **Gramática histórica da língua portuguesa.** *3.ª ed. São Paulo, 1964. p. 112-114.*

Quem

1. O interrogativo *quem* é pronome substantivo e refere-se apenas a pessoa ou a algo personificado:

> "*Quem estará tocando violão?*"
> (*R. Couto, PR, 223.*)

> "*Não perguntes quem encheu a tua taça.*"
> (*R. de Carvalho, EIS, 17.*)

> "*Mas a Idéia quem é? quem foi que a viu,*
> *Jamais, a essa encoberta peregrina?*
> *Quem lhe beijou a sua mão divina?*
> *Com seu olhar de amor quem se vestiu?*"
> (*A. de Quental, SC, 59.*)

2. Em orações com o verbo *ser*, pode servir de predicativo a um sujeito no plural:

> "*Quem sois, visões misérrimas e atrozes?*"
> (*A. de Quental, SC, 92.*)

Qual

1. O interrogativo *qual* tem valor seletivo e pode referir-se tanto a pessoas como a coisas. Usa-se geralmente como pronome adjetivo, mas nem sempre com o substantivo contíguo. Nas perguntas feitas com o verbo *ser*, costuma-se empregar o verbo depois de *qual*:

> "*— Qual a razão deste mistério?*"
> (*J. de Alencar, OC, I, 998.*)

> "*— Qual é a missão da crítica?*"
> (*A. de Quental, P, I, 99.*)

2. A idéia seletiva pode ser reforçada pelo emprego da expressão *qual dos* (*das* ou *de*), anteposta a substantivo ou a pronome no plural, bem como a numeral:

> "*Qual a mais firme das armas?*"
> (*F. Varela, VA, 236.*)

> "*Qual de vós não teve na Vida*
> *Uma jornada parecida,*
> *Ou assim, como eu, uma Avó?*"
> (*A. Nobre, Só, 65.*)

> "*— Então, moça? qual foi dos nove?*"
> (*C. C. Branco, BP, 25.*)

Quanto

O interrogativo *quanto* é um quantitativo indefinido. Refere-se a pessoas e a coisas e usa-se quer como pronome substantivo, quer como pronome adjetivo:

> "*Quantos* sois vós?"
> (A. Herculano, E, 177.)

> "*Quantos* anos teria?"
> (G. Ramos, VS, 150.)

> "Tenha a bondade de ir até lá e contar *quantas janelas* tem o Hotel de Bragança."
> (J. de Alencar, OC, IV, 383.)

Emprego exclamativo dos interrogativos

Estes pronomes são também freqüentemente usados nas exclamações, que não passam muitas vezes de interrogações impregnadas de admiração. Conforme a curva tonal e o contexto, podem assumir então os mais variados matizes afetivos.

Comparem-se as frases seguintes:

> "O cão atirou-se fora. *Que* alegria! *que* entusiasmo! *que* saltos em volta do amo! . . ."
> (M. de Assis, OC, I, 574.)

> "*Que* tristeza e *que* sossego!"
> (G. Crespo, N, 118.)

> "Tão longe o trono se encontra!
> *Quem* no Brasil o tivera!"
> (C. Meireles, OP, 711.)

> "*Qual* acabávamos! Ninguém acabou."
> (R. Pompéia, A, 186.)

> "*Quanta* coisa vista, vivida e ultrapassada!"
> (A. F. Schmidt, GB, 242.)

> "Oh! *quanta* graça e formosura adorna
> Teu rosto eloqüente e vivo!"
> (G. Dias, PCPE, 433.)

Pronomes relativos

Estes pronomes são assim chamados porque se referem, de regra geral, a um termo anterior — o antecedente.

Formas dos pronomes relativos

1. Os pronomes relativos apresentam:

a) formas variáveis e formas invariáveis:

Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
o qual cujo quanto	os quais cujos quantos	a qual cuja ———	as quais cujas quantas	que quem onde

b) formas simples: *que, quem, cujo, quanto* e *onde*; e forma composta: o *qual*.

2. Antecedido das preposições *a* e *de*, o pronome *onde* com elas se aglutina, produzindo as formas *aonde* e *donde*.

Natureza do antecedente

O antecedente do pronome relativo pode ser:

a) um substantivo:

"Uma curiosidade irresistível me aproximara da porta que ficara aberta."
(J. de Alencar, OC, I, 352.)

b) um pronome:

"És tu que ocupas o lugar primeiro!"
(C. Alves, OC, 438.)

c) um adjetivo:

"As opiniões têm como as frutas o seu tempo de madureza em que se tornam doces de azedas ou astringentes que dantes eram."
(M. de Maricá, MPR, n.º 1.638.)

d) um advérbio:

"Ali, onde o mar quebra, num cachão
Rugidor e monótono, e os ventos
Erguem pelo areal os seus lamentos,
Ali se há de enterrar meu coração."
(A. de Quental, SC, 52.)

e) uma oração (de regra resumida pelo demonstrativo o):

"A idéia gorou o que já declarei."
(G. Ramos, SB, 240.)

"Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato.
(G. Ramos, VS, 172.)

Função sintática dos pronomes relativos

Os pronomes relativos assumem um duplo papel no período com representarem um determinado antecedente e servirem de elo subordinante da oração que iniciam. Por isso, ao contrário das conjunções, que são meros conectivos, e não exercem nenhuma função interna nas orações por elas introduzidas, estes pronomes desempenham sempre uma função sintática nas orações que encabeçam. Podem ser:

a) sujeito:

"Vejo mares tranqüilos, que repousam,
Atrás dos olhos das meninas sérias."
(M. Bandeira, PP, I, 430.)

[*que* = sujeito de *repousam*.]

b) objeto direto:

"No meu coração secaram
As lágrimas que sofri."
(F. Pessoa, OP, 546.)

[*que* = objeto direto de *sofri*.]

c) objeto indireto:

"— O remédio de que eu preciso é o da religião."
(J. de Alencar, OC, I, 456.)

[*de que* = objeto indireto de *preciso*.]

d) predicativo:

"Reduze-me ao pó que fui!"
(*C. Meireles, OP, 415.*)

[*que* = predicativo do sujeito *eu*.]

e) adjunto adnominal:

"Problemas, equações, figuras em acrobacias, cujo jogo e cuja solução me traziam encantado naqueles maravilhosos instantes."

[*cujo* = adjunto adnominal de *jogo*; *cuja* = adjunto adnominal de *solução*.]

f) complemento nominal:

"Lembrava-me de que deixara toda a minha vida ao acaso e que a não pusera ao estudo e ao trabalho com a força de que era capaz."
(*L. Barreto, REIC, 287.*)

[*de que* = complemento nominal de *capaz*.]

g) adjunto adverbial:

"O bonifrate de chapéu branco encaminhava-se para o ponto em que se achavam os dois."
(*C. Neto, OS, I, 1.003.*)

h) agente da passiva:

"Mas uma atroz mensagem acaba de me ser mandada por quem, como eu, devia horrorizar-se dela."
(*A. Herculano, E, 140.*)

Observação

Note-se que o relativo **cujo** *funciona sempre como adjunto adnominal; e o relativo* **onde,** *apenas como adjunto adverbial.*

Pronomes relativos sem antecedente

1. Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem ser empregados sem antecedente em frases do tipo:

> "*Quem* não logra tornar o seu trabalho leve não fará obra de peso."
> (G. Amado, DP, 254.)

> "Ensina-me *onde* estão os teus cordeiros..."
> (R. de Carvalho, EIS, 30.)

Denominam-se, então, relativos indefinidos.

2. Nestes casos de emprego absoluto dos relativos, muitos gramáticos admitem a existência de um antecedente interno, desenvolvendo, na análise, *quem* em *aquele que*, e *onde* em *o lugar em que*.

Os exemplos citados se interpretariam, pois:

Aquele que não logra...
Ensina-me *o lugar em que* estão...

3. O antecedente do relativo *quanto(s)* costuma ser omitido:

> "Deus não nos concedeu essa inefável alegria, a fonte pura de *quanto* há de nobre e grande para o coração."
> (J. de Alencar, OC, I, 1.164.)

> "Saibam *quantos* este meu verso virem
> Que te amo
> Do amor maior
> Que possível for."
> (O. de Andrade, PR, 167.)

Valores e empregos dos relativos

Que

1. *Que* é o relativo básico. Emprega-se com referência a pessoa ou coisa, no singular ou no plural, e pode iniciar orações:

a) adjetivas restritivas:

> "Havia outrora, no passeio *que* contorna o lago e na avenida *que* corre paralela num plano mais alto, uma agitação contínua."
> (A. F. Schmidt, F, 22.)

"Está vendo aquela dama que vai entrando na igreja da Cruz?"
(M. de Assis, OC, II, 386.)

b) adjetivas explicativas:

"O próprio som do piano, que fez calar todos os rumores, não o atraiu à terra."
(M. de Assis, OC, I, 656.)

"Tive desejo de torcer o pescoço do Gondim, que, percebendo a tolice, se encostou à parede, raspando o queixo."
(G. Ramos, SB, 147.)

2. O antecedente do relativo *que* pode ser o sentido de uma expressão ou oração anterior:

"E seu cabelo em cachos, cachos d'uvas,
E negro como a capa das viúvas...
(À maneira o trará das virgens de Belém
Que a Nossa Senhora ficava tão bem!)"
(A. Nobre, Só, 39.)

Neste caso, o *que* vem geralmente antecedido do demonstrativo *o* ou da palavra *coisa*, que resumem a expressão ou oração a que o relativo se refere.

3. Por vezes, o antecedente de *que* está subentendido:

"Esta palavra doeu-me muito, e não achei logo que lhe replicasse."
(M. de Assis, OC, I, 826.)

Isto é: *palavra (forma, aquilo, o) que lhe replicasse.*

Qual, o qual

1. Nas orações adjetivas explicativas, o pronome *que*, com antecedente substantivo, pode ser substituído por *o qual* (*a qual, os quais, as quais*):

"No dia seguinte foi celebrada missa cantada, pregando mesmo o administrador, o qual proclamou em José de Anchieta o Apóstolo do Brasil."
(J. de Lima, A, 209.)

2. Esta substituição pode ser um recurso de estilo, isto é, pode ser aconselhada pela clareza, pela

eufonia, pelo ritmo do enunciado. Mas há casos em que a língua exige o emprego da forma o *qual*.

Em princípio, podemos estabelecer a seguinte distinção:

a) o relativo *que* emprega-se, preferentemente, depois das preposições monossilábicas *a*, *com*, *de*, *em* e *por*:

> "*A noitinha em que nos encontramos e em que eu colhi os ramos de murta foi seguida do jantar, a que ela compareceu.*"
> (A. Peixoto, RC, 362.)

> "*És tu a mesma de que fala a História?*"
> (A. Nobre, D, 67.)

> "*As artes com que o bacharel flautista vingou insinuar-se na estima de D. Maria I e Pedro II não as sei eu.*"
> (C. C. Branco, OS, I, 322.)

b) constroem-se, obrigatória ou predominantemente, com o pronome o *qual* as demais preposições simples, essenciais ou acidentais, assim como as locuções prepositivas:

> "*Era um velho barracão coberto de telha carcomida e negra, sobre a qual um limo verde crescia...*"
> (G. Aranha, OC, 50.)

> "*Houve um espaço de silêncio constrangido, durante o qual Cipriano não ousou encarar a rapariga.*"
> (A. Arinos, OC, 308.)

> "*O livro tinha numa página a figura de um bicho corcunda ao lado do qual, em letras graúdas, destacava-se esta palavra:* ESTÔMAGO."
> (G. Amado, HMI, 42.)

c) a forma composta é também a empregada como partitivo após certos indefinidos, numerais e superlativos:

> "*Os dias se passaram, muitos dos quais enfadonhos, entre o cruzar de fogos espaçadamente.*"
> (A. Arinos, OC, 337.)

"*Aos versos dos contos da carochinha devo juntar os das cantigas de roda, algumas das quais sempre me encantaram.*"
(*M. Bandeira, PP, II, 12.*)

"*Seguiam-no algumas praças, das quais uma levava uma lanterna.*"
(*L. Barreto, TFPQ, 281.*)

3. *Qual*, quando repetido simetricamente, é indefinido, e equivale a *um... outro:*

"*Qual lhe dava um colar, qual uma axorca.*"
(*M. de Andrade, OI, 202.*)

Observação

Quanto a outros valores e empregos da forma simples **qual**, *veja-se o que escrevemos sobre os pronomes interrogativos e as conjunções subordinativas.*

Quem

1. No português moderno, o relativo *quem*, assim como a forma equivalente do interrogativo, só se empregam com referência a pessoas ou a algo personificado:

"*Mas quem falou de deserto*
sem nunca ver os meus olhos...
— falou, mas não estava certo."
(*C. Meireles, OP, 105.*)

"*Assinalado com o ferrete indelével de traidor, havia-se habituado a viver para um sentimento único — a vingança. E a vingança era quem o impelia.*"
(*A. Herculano, E, 102.*)

2. Como simples relativo, isto é, com referência a um antecedente explícito, *quem* equivale a "o qual" e vem sempre acompanhado de preposição:

"*O professor Mânlio, a quem eu fora recomendado, recomendou-me por sua vez ao mais sério dos seus discípulos, o honrado Rebelo.*"
(*R. Pompéia, A, 33.*)

"*Leporace, em quem sempre encontrei a mais completa má vontade, redobrou.*"
(*L. Barreto, REIC, 277.*)

Observe-se, no entanto, que a língua moderna substitui por *sem o (a) qual* a dissonante combinação *sem quem*, de emprego corrente no português antigo e médio.

3. Repetido, em fórmulas alternadas, *quem* corresponde ao indefinido *um... outro*. Esta construção, que não era rara no português médio (cf. Camões, *L.*, I, 92; IV, 5), só aparece, modernamente, em autores de expressão artificial:

> *"Quem no Rostro pasmando se extasia;*
> *Quem pelo cúneo aos redobrados vivas*
> *Da plebe e dos patrícios embasbaca;*
> *Outro em sangue de irmãos folga ensopar-se..."*
> *(O. Mendes, VB, 125.)*

Cujo

Cujo é, a um tempo, relativo e possessivo, equivalente pelo sentido a *do qual, de quem, de que*. Emprega-se apenas como pronome adjetivo e concorda com a coisa possuída em gênero e número:

> *"Herculano é para mim, nas letras, depois de Camões, a figura em cujo espírito e em cuja obra sinto com plenitude o gênio heróico de Portugal."*
> *(G. Amado, CS, 36.)*

Quanto

Quanto, como simples relativo, tem por termo antecedente os pronomes indefinidos *tudo, todos* (ou *todas*), que podem ser omitidos. Daí o seu valor também indefinido:

> *"Em tudo quanto olhei fiquei em parte.*
> *Com tudo quanto vi, se passa, passo."*
> *(F. Pessoa, OP, 231.)*

> *"Entre quantos te rodeiam,*
> *Tu não enxergas teus pais."*
> *(G. Dias, PCPE, 385.)*

Onde

1. Como desempenha normalmente a função de adjunto adverbial (= o lugar em que, no qual), *onde* costuma ser considerado por alguns gramáticos advérbio relativo:

> *"Estava em casa dela, onde a irmã escurecia tudo com a sua viuvez recente."*
> *(M. de Assis, OC, I, 1.118.)*

"Mostrem-me esse País onde eu nasci!"
(F. Espanca, S, 113.)

"E talvez esse lugar para onde iam fosse melhor que os outros onde tinham estado."
(G. Ramos, VS, 167.)

2. Embora a ponderável razão de maior clareza idiomática justifique o contraste que a disciplina gramatical procura estabelecer, na língua culta contemporânea, entre *onde* (= o lugar em que) e *aonde* (= o lugar a que), cumpre ressaltar que esta distinção, praticamente anulada na linguagem coloquial, já não era rigorosa nos clássicos.

Comparem-se estes passos em que concorrem as duas formas:

"Por estas verdes florestas
Onde correm águas suaves,
Por aquelas partes e estas
Aonde cantam as aves
Suas e minhas requestas,
Fugindo do povoado
Me acolhi para esta serra."
(Sá de Miranda, P, 675.)

"Nise? Nise? onde estás? aonde? aonde?"
(C. M. da Costa, OP, I, 109.)

Não é, pois, de admirar que autores modernos, brasileiros e portugueses, continuem tal prática:

"Mas aonde te vais agora,
Onde vais, esposo meu?"[1]
(M. de Assis, OC, III, 109.)

"Minha terra onde meu irmão nasceu,
Aonde a mãe que eu tive e que morreu
Foi moça e loira, amou e foi amada!"
(F. Espanca, S, 131.)

---

1) Na edição de 1902 das *Poesias completas* (Rio de Janeiro — Paris. p. 207) lê-se *vás* em ambos os versos.
Sobre o emprego indiscriminado de *onde* e *aonde*, consulte-se a abundante exemplificação coligida pelo professor Aurélio Buarque de Holanda, inserta em sua edição crítica dos *Contos gauchescos* e *lendas do sul*, de Simões Lopes Neto (5.ª ed. Porto Alegre, 1957. p. 79-82).

Capítulo VII
5. Numeral

Espécies de numerais

1. Quando queremos indicar uma quantidade exata de pessoas ou coisas, ou assinalar o lugar que elas ocupam numa série, empregamos uma classe especial de palavras — os numerais.

Os numerais podem ser cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

2. Os numerais cardinais são os números básicos.

Empregam-se para designar:

a) a quantidade em si mesma, caso em que valem por verdadeiros substantivos:

Um e *um* são *dois.*

Três vezes *três* são *nove.*

b) uma quantidade certa de pessoas ou coisas, caso em que acompanham um substantivo à semelhança dos adjetivos:

> "*Era domingo; dous amigos vieram almoçar com ele, um rapaz de vinte e quatro anos, que roía as primeiras aparas dos bens da mãe, e um homem de quarenta e quatro ou quarenta e seis, que já não tinha que roer.*"
>
> (M. de Assis, OC, I, 575.)

> "*Recordo: um largo verde e uma igrejinha*
> *Um sino, um rio, um pontilhão e um carro*
> *De três juntas bovinas que ia e vinha*
> *Rinchando alegre, carregando barro.*"
>
> (B. Lopes, H, 65.)

3. Os numerais ordinais indicam a ordem de sucessão que os seres e os objetos ocupam em determinada série. São, de regra, adjetivos, mas se substantivam facilmente:

> "*Ai, a neta de D. João Quinto*
> *filha de D. José Primeiro...*"
>
> (C. Meireles, OP, 854.)

> *Carlos Maria chamava-se o primeiro Freitas o segundo.*"
>
> (M. de Assis, OC, I, 575.)

4. Os numerais multiplicativos indicam o aumento proporcional da quantidade, a sua multiplicação:

> "*É um duplo receber, que é duplo dar.*"
> (J. M. de Macedo, RQ, 2.)

5. Os numerais fracionários exprimem a diminuição proporcional da quantidade, a sua divisão:

> "*E entre pesar e ventura,*
> *Me fico repartido:*
> *Metade aqui, outra metade*
> *Em Minas.*"
> (A. de Oliveira, P, III, 190.)

Numerais coletivos

Assim se denominam certos numerais que, como os substantivos coletivos, designam um conjunto de pessoas ou coisas. Caracterizam-se, no entanto, por denotarem o número de seres rigorosamente exato: *novena, dezena, década, dúzia, centena, cento, grosa, lustro, milhar, milheiro, par.*

Flexão dos numerais

Cardinais

1. Os numerais cardinais *um, dois* e as centenas a partir de *duzentos* variam em gênero, isto é, têm uma forma masculina e outra feminina:

um	*uma*	*duzentos*	*duzentas*
dois	*duas*	*trezentos*	*trezentas*

2. *Milhão, bilhão, trilhão,* etc. comportam-se como substantivo e variam em número:

três milhões *quinze bilhões*

3. *Ambos,* que substitui o cardinal *os dois,* varia em gênero.

ambos os pés *ambas as mãos*

4. Os outros cardinais são invariáveis.

Ordinais

Os numerais ordinais variam em gênero e número:

primeiro	*primeira*	*primeiros*	*primeiras*
segundo	*segunda*	*segundos*	*segundas*
vigésimo	*vigésima*	*vigésimos*	*vigésimas*
milésimo	*milésima*	*milésimos*	*milésimas*

Multiplicativos

1. Os *numerais multiplicativos* são invariáveis quando equivalem a substantivos:

Já ganho o duplo e ele o triplo dos vencimentos do ano passado.

Empregados com o valor de adjetivos, flexionam-se em gênero e em número:

Bebeu três copos duplos de laranjada.
Tomava remédio em doses quíntuplas.

2. As formas multiplicativas *dúplice, tríplice*, etc. variam apenas em número:

Não sou homem de atitudes dúplices.
Nos saltos tríplices já fomos campeões.

Fracionários

1. Os numerais fracionários concordam com os cardinais que indicam o número das partes:

Comprei um quinto e meu irmão dois quintos das novas ações.

2. *Meio* concorda em gênero com o designativo da quantidade de que é fração:

Do aeroporto à cidade são duas léguas e meia por estrada asfaltada.

Traga-me três quilos e meio de peixe.

Observação

Em lugar de meio-dia e meia (hora), *diz-se normalmente* meio-dia e meio:

"Meio-dia e meio... nada de Luzardo."
(G. Amado, DP, 147.)

Numerais coletivos

Todos os numerais coletivos flexionam-se em número:

duas grosas — *cinco lustros*
três dezenas — *quatro décadas*

Quadro dos numerais

I. Numerais cardinais e ordinais

Algarismos		Cardinais	Ordinais
Romanos	Arábicos		
I	1	um	primeiro
II	2	dois	segundo
III	3	três	terceiro
IV	4	quatro	quarto
V	5	cinco	quinto
VI	6	seis	sexto
VII	7	sete	sétimo
VIII	8	oito	oitavo
IX	9	nove	nono
X	10	dez	décimo
XI	11	onze	undécimo ou décimo primeiro
XII	12	doze	duodécimo ou décimo segundo
XIII	13	treze	décimo terceiro
XIV	14	quatorze	décimo quarto
XV	15	quinze	décimo quinto
XVI	16	dezesseis	décimo sexto
XVII	17	dezessete	décimo sétimo
XVIII	18	dezoito	décimo oitavo
XIX	19	dezenove	décimo nono
XX	20	vinte	vigésimo
XXI	21	vinte e um	vigésimo primeiro
XXX	30	trinta	trigésimo
XL	40	quarenta	quadragésimo
L	50	cinqüenta	qüinquagésimo
LX	60	sessenta	sexagésimo
LXX	70	setenta	septuagésimo
LXXX	80	oitenta	octogésimo
XC	90	noventa	nonagésimo
C	100	cem	centésimo
CC	200	duzentos	ducentésimo
CCC	300	trezentos	trecentésimo
CD	400	quatrocentos	quadringentésimo
D	500	quinhentos	qüingentésimo
DC	600	seiscentos	seiscentésimo ou sexcentésimo
DCC	700	setecentos	septingentésimo
DCCC	800	oitocentos	octingentésimo
CM	900	novecentos	noningentésimo ou nongentésimo
M	1 000	mil	milésimo
$\overline{X}$	10 000	dez mil	dez milésimos
$\overline{C}$	100 000	cem mil	cem milésimos
$\overline{M}$	1 000 000	um milhão	milionésimo
$\overline{\overline{M}}$	1 000 000 000	um bilhão	bilionésimo

Valores e empregos dos cardinais

1. Na lista dos cardinais costuma-se incluir *zero* (0), adaptação italiana de uma forma árabe, cujo emprego só começa a generalizar-se, na Península Ibérica, a partir do século XVII. Do ponto de vista gramatical, *zero* equivale a um substantivo geralmente usado em aposição:

nota zero *desinência zero*

2. *Cem*, forma reduzida de *cento*, usa-se como um adjetivo invariável:

Cem homens — *Cem* mulheres

Cento é também invariável, na língua moderna. Emprega-se apenas:

a) na designação dos números entre *cem* e *duzentos*:

cento e dois homens — *cento e duas* mulheres

b) precedido do artigo, com valor de substantivo:

Comprei um cento de limas.
Vendia mangas a dez cruzeiros o cento

c) na expressão *cem por cento*.

3. Na linguagem coloquial, usa-se ainda *conto* (antigamente = um milhão de réis) no sentido de "um cruzeiro":

Pagou três contos pelo ingresso.

4. *Bilhão* (que também se escreve *bilião*) hoje representa "mil milhões". Mas significava outrora "um milhão de milhões", valor que ainda conserva no mundo de língua espanhola.

Observação

No Brasil, quatorze *alterna com* catorze, que *é a forma normal portuguesa. Em Portugal empregam-se também* dezasseis, dezassete e dezanove, *variantes desusadas no Brasil.*

Cardinal como indefinido

O emprego do número determinado pelo indeterminado, tipo de sinédoque já comum em latim, é um dos processos de superlativação preferidos pelas línguas românicas.

Sirva de exemplo o cardinal *mil*, que desde os começos da língua se emprega para expressar a indeterminação exagerada. Assim nesta quadrinha popular:

"*Tenho dentro do meu peito*
Mil velas, mil castiçais;
No altar onde tu moras,
Estás tu e ninguém mais."

Emprego da conjunção e com os cardinais

1. A conjunção e é sempre intercalada entre as centenas, as dezenas e as unidades:

vinte e *três*
cento e *trinta* e *dois*

2. Não se emprega a conjunção entre os milhares e as centenas, salvo nas centenas terminadas em dois zeros:

1969 = mil, novecentos e *sessenta* e *nove*
1900 = mil e *novecentos*

3. Em números muito grandes, a conjunção e se emprega entre os membros da mesma ordem de unidades, e omite-se quando se passa de uma ordem a outra:

353.425 = trezentos e *cinqüenta* e *três mil quatrocentos* e *vinte* e *cinco*

221.312.563.972 = duzentos e *vinte* e *um bilhões, trezentos* e *doze milhões, quinhentos* e *sessenta* e *três mil novecentos* e *setenta* e *dois*

Valores e empregos dos ordinais

1. Ao lado de *primeiro,* que é a forma própria do ordinal, a língua portuguesa conserva o latinismo *primo (-a),* empregado:

a) seja como substantivo, para designar parentesco *(os primos)* e, na forma feminina *(a prima),* "a primeira das horas canônicas" e "a mais delgada corda de alguns instrumentos";

b) seja como adjetivo, fixado em compostos como *obra-prima* e *matéria-prima,* ou em expressões como *números primos.*

2. Certos ordinais, empregados com freqüência para exprimir uma qualidade, tornam-se verdadeiros adjetivos. Comparem-se:

Um artigo de primeira qualidade
[= *superior*].

É um clube de segunda categoria
[= *inferior*].

Um material de terceira ordem
[= *muito medíocre*].

3. Como em certos jogos as cartas, pedras ou pontos são designados pelas palavras *ás, duque, terno, quadra, quina;* a forma *ás*, equivalente a *primeiro*, passou a designar os campeões, especialmente dos esportes:

Os ases do volante.

Emprego dos cardinais pelos ordinais

Em alguns casos o numeral ordinal é substituído pelo cardinal correspondente. Assim:

1.º) Na designação de papas e soberanos, bem como na de séculos e de partes em que se divide uma obra, usam-se os ordinais até *décimo*, e daí por diante o cardinal, sempre que o numeral vier depois do substantivo:

Henrique VIII (oitavo)
Paulo VI (sexto)
Século X (décimo)
Ato II (segundo)
Canto IV (quarto)
Leão XIII (treze)
Luís XV (quinze)
Século XX (vinte)
Capítulo XXI (vinte e um)
Tomo XI (onze)

Quando o numeral antecede o substantivo, emprega-se, porém, o ordinal:

Décimo século
Segundo ato
Quarto canto
Vigésimo século
Trigésimo segundo capítulo
Décimo primeiro tomo

2.º) Na numeração de artigos de leis, decretos e portarias, usa-se o ordinal até *nove*, e o cardinal de *dez* em diante:

Artigo 1.º (primeiro)
Artigo 9.º (nono)
Artigo 10 (dez)
Artigo 91 (noventa e um)

3.º) Nas referências aos dias do mês, usam-se os cardinais, salvo na designação do primeiro dia, em que é de regra o ordinal. Também na indicação dos anos e das horas empregam-se os cardinais:

Regressaremos no dia primeiro de setembro.

Eram seis horas da tarde de vinte e quatro de dezembro de mil novecentos e sessenta e oito.

4.º) Na enumeração de páginas e de folhas de um livro, assim como na de casas, apartamentos, quartos de hotel, cabines de navio, poltronas de casas de diversões e equivalentes empregam-se os cardinais:

Página 5 (cinco)
Folha 33 (trinta e três)
Cabine 2 (dois)
Casa 1 (um)
Apartamento 203 (duzentos e três)
Quarto 25 (vinte e cinco)

Se o numeral vier anteposto, usa-se o ordinal:

Quinta página
Trigésima terceira folha
Segunda cabine
Primeira casa

Observações

1.ª) Em verdade, este último caso não deve ser equiparado aos anteriores. Sente-se aí a omissão da palavra número, *com a qual o cardinal concorda:*

Cabine número dois
Casa número um

2.ª) Na linguagem forense diz-se:

De folhas trinta e duas a folhas sessenta e uma.

3.ª) "A tradição da língua estabelece que, se o ordinal é de 2.000 em diante, o primeiro numeral usado é cardinal: 2345.ª — a duas milésima trecentésima quadragésima quinta. *A língua moderna, entretanto, parece preferir o primeiro numeral como ordinal, se o número é redondo:* décimo milésimo aniversário." *(E. Bechara, G, 125.)*

II. Numerais multiplicativos e fracionários

Multiplicativos	Fracionários
duplo ou dobro	meio ou metade
triplo	terço
quádruplo	quarto
quíntuplo	quinto
sêxtuplo	sexto
séptuplo	sétimo
óctuplo	oitavo
nônuplo	nono
décuplo	décimo
undécuplo	undécimo ou onze avos
duodécuplo	duodécimo ou doze avos
cêntuplo	centésimo

Emprego dos multiplicativos

Dos multiplicativos apenas *dobro*, *duplo* e *triplo* são de uso corrente. Os demais pertencem à linguagem erudita. Em seu lugar, emprega-se o numeral cardinal seguido da palavra *vezes*: *quatro vezes*, *oito vezes*, *doze vezes*, etc.

Emprego dos fracionários

1. Os numerais fracionários apresentam as formas próprias *meio*, ou *metade*, e *terço*. Os demais são expressos:

a) pelo ordinal correspondente, quando este se compõe de um só radical: *quarto*, *quinto*, *décimo*, *vigésimo*, *milésimo*, etc.;

b) pelo cardinal correspondente, seguido da palavra *avos*, quando o ordinal é uma forma composta: *treze avos*, *dezoito avos*, *trinta e cinco avos*, *cento e quarenta avos*.

2. Excetuando-se *meio*, os numerais fracionários vêm antecedidos de um cardinal, que designa o número de partes da unidade: *um terço*, *quatro quintos*, *cinco treze avos*.

Observações

1.ª) No Brasil, a expressão **meia-dúzia** *(não raro reduzida* **à meia**) *substitui o cardinal* **seis**, *principalmente quando se enunciam números de telefone.*

2.ª) A forma fracionária **duodécimo** *é de uso normal, na linguagem administrativa, nas áreas em que a distribuição orçamentária se processa por parcelas mensais.*

Capítulo VII

6. Verbo

Definição

1. Verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo:

> "*Ninguém ria, ninguém estranhava.*"
> (*G. Amado, HMI, 19.*)
>
> "*Éramos arrebatados pelo espaço.*"
> (*C. Alves, OC, 687.*)
>
> "*Onde está a poesia da vida?*"
> (*A. F. Schmidt, GB, 256.*)
>
> "*Cai o crepúsculo. Chove.*"
> (*Da Costa e Silva, A, 225.*)

2. O verbo não tem, sintaticamente, uma função que lhe seja privativa, pois também o substantivo e o adjetivo podem ser núcleos do predicado. Individualiza-se, no entanto, pela função obrigatória de predicado, a única que desempenha na estrutura oracional.[1]

Flexões do verbo

O verbo apresenta as variações de número, de pessoa, de modo, de tempo e de voz.

Números

Como as outras palavras variáveis, o verbo admite dois números: o singular e o plural. Dizemos que um verbo está no singular quando ele se refere a uma só pessoa ou coisa, e no plural, quando tem por sujeito mais de uma pessoa ou coisa. Exemplo:

Singular	**louvo, louvas, louva**
Plural	**louvamos, louvais, louvam**

Pessoas

O verbo possui três pessoas relacionadas diretamente com a pessoa gramatical que lhe serve de sujeito.

1. A primeira é aquela que fala e corresponde aos pronomes pessoais *eu* (singular) e *nós* (plural):

louvo *louvamos*

---

[1] Daí a definição de Ana María Barrenechea: "Los verbos son las palabras que tienen la función obligatoria de predicado y un régimen propio" (Las clases de palabras en español como clases funcionales. *Romance Philology*, XVII. p. 306-307).

2. A segunda é aquela a quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais *tu* (singular) e *vós* (plural):

louvas *louvais*

3. A terceira é aquela de quem se fala e corresponde aos pronomes pessoais *ele, ela* (singular) e *eles, elas* (plural):

louva *louvam*

Modos

Chamam-se modos as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

Há três modos em português: o indicativo, o subjuntivo e o imperativo. De seus valores e empregos tratamos, com o necessário desenvolvimento, adiante, neste mesmo capítulo, onde também estudamos as formas nominais do verbo: o infinitivo, o gerúndio e o particípio.

Tempos

Tempo é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo.

Os três tempos naturais são o presente, o pretérito (ou passado) e o futuro, que designam, respectivamente, um fato ocorrido *no momento em que se fala, antes do momento em que se fala* e *após o momento em que se fala.*

O presente é indivisível, mas o pretérito e o futuro subdividem-se no modo indicativo e no subjuntivo, como se vê do seguinte esquema:

- Indicativo
  - Presente: *louvo*
  - Pretérito
    - imperfeito: *louvava*
    - perfeito
      - simples: *louvei*
      - composto: *tenho louvado*
    - mais-que-perfeito
      - simples: *louvara*
      - composto: *tinha louvado*
  - Futuro
    - do presente
      - simples: *louvarei*
      - composto: *terei louvado*
    - do pretérito
      - simples: *louvaria*
      - composto: *teria louvado*

Subjuntivo	Presente:		*louve*	
	Pretérito	imperfeito:	*louvasse*	
		perfeito:	*tenha louvado*	
		mais-que-perfeito:	*tivesse louvado*	
	Futuro	simples:	*louvar*	
		composto:	*tiver louvado*	

Vozes

O fato expresso pelo verbo pode ser representado de três formas:

a) como *praticado* pelo sujeito:

Joaquim feriu Roberto.
Não vejo nuvens no céu.

b) como *sofrido* pelo sujeito:

Roberto foi ferido por Joaquim.
Não se vêem [= são vistas] nuvens no céu.

c) como *praticado* e *sofrido* pelo sujeito:

Roberto feriu-se.
Dei-me pressa em voltar.

No primeiro caso, diz-se que o verbo está na voz ativa; no segundo, na voz passiva; no terceiro, na voz reflexiva

Como se verifica dos exemplos acima, o objeto direto da voz ativa corresponde ao sujeito da voz passiva; e, na voz reflexiva, o objeto direto ou indireto é a mesma pessoa do sujeito. Logo, para que um verbo admita flexão de voz, é necessário que ele seja transitivo

Voz passiva

Exprime-se a voz passiva:

a) com o verbo auxiliar *ser* e o particípio do verbo que se quer conjugar:

Roberto foi ferido por Joaquim.

b) com o pronome apassivador *se* e uma terceira pessoa verbal, singular ou plural, em concordância com o sujeito:

Não se vê [= *é vista*] *uma nuvem no céu.*
Não se vêem [= *são vistas*] *nuvens no céu.*

Voz reflexiva

Exprime-se a voz reflexiva juntando-se às formas verbais da voz ativa os pronomes oblíquos *me, te, nos, vos* e *se* (singular e plural):

Eu me feri [= *a mim mesmo*].
Tu te feriste [= *a ti mesmo*].
Ele se feriu [= *a si mesmo*].
Nós nos ferimos [= *a nós mesmos*].
Vós vos feristes [= *a vós mesmos*].
Eles se feriram [= *a si mesmos*].

Observações

1.ª) Além do verbo **ser**, *há outros auxiliares que, combinados com um particípio, podem formar a voz passiva. Estão nesse caso certos verbos que exprimem estado* (**estar, andar, viver**, *etc.*), *mudança de estado* (**ficar**) *e movimento* (**ir, vir**):

Os inimigos já **estavam** *vencidos* **pelos** *nossos.*
Fiquei cansado **pelo esforço** *excessivo.*
O **Presidente** *vinha acompanhado* **de** *seus ministros.*

2.ª) Nas formas da voz passiva o particípio concorda em gênero e número com o sujeito:

Ele **foi** *louvado.*	*Eles* **foram** *louvados.*
Ela **foi** *louvada.*	*Elas* **foram** *louvadas.*

Formas rizotônicas e arrizotônicas

Em certas formas verbais o acento tônico recai no radical:

louvo	*louvas*	*louva*	*louvam*
louve	*louves*	*louve*	*louvem*

Em outras, o acento tônico recai na terminação:

louvamos	*louvais*	*louvei*	*louvar*
louvemos	*louvava*	*louvara*	*louvará*

Às primeiras damos o nome de formas rizotônicas; às segundas, de formas arrizotônicas.

Classificação do verbo

1\. Quanto à *flexão*, o verbo pode ser *regular, irregular, defectivo* e *abundante*.

Os regulares flexionam-se de acordo com o paradigma, modelo que representa o tipo comum da conjugação. Tomando-se, por exemplo, *cantar, vender* e *partir* como paradigmas da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1.ª conjugação formam os seus tempos como *cantar;* os da 2.ª, como *vender;* os da 3.ª, como *partir*.

São irregulares os verbos que se afastam do paradigma de sua conjugação, como *dar, estar, fazer, ser, pedir, ir* e vários outros, que no lugar próprio estudaremos.

Verbos defectivos são aqueles que não têm certas formas, como *abolir, falir* e mais alguns de que tratamos adiante. Entre os defectivos costumam os gramáticos incluir os *unipessoais*, especialmente os *impessoais*, usados apenas na 3.ª pessoa do singular: *chover, ventar,* etc.

Abundantes são os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. De regra, essa abundância ocorre no particípio. Assim, o verbo *aceitar* apresenta os particípios *aceitado, aceito* e *aceite;* o verbo *entregar*, os particípios *entregado* e *entregue;* o verbo *matar*, os particípios *matado* e *morto*.

Observação

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira distingue verbos irregulares de verbos anômalos, aplicando a última denominação a verbos como* **estar, haver, ser, ter, ir, vir** e **pôr**, *cujas profundas irregularidades não se enquadram em classificação alguma.*

2\. Quanto à *função*, o verbo pode ser *principal* ou *auxiliar*.

Principal é o verbo que, numa frase, conserva sua significação plena. Assim:

Ensino geografia.
Certamente, haverá uma saída pelos fundos.
Premiamos o seu esforço.

Auxiliar é aquele que, combinado com formas nominais de um verbo principal, constitui a conjugação composta deste, perdendo, com isso, o seu significado próprio. Assim:

Tenho ensinado geografia.

Certamente, há de haver uma saída pelos fundos.

O seu esforço foi premiado por nós.

Os auxiliares mais comuns são *ter, haver, ser* e *estar*, de que apresentamos, adiante, a conjugação completa.

Conjugações

Conjugar um verbo é dizê-lo em todos os modos, tempos, pessoas, números e vozes. O agrupamento de todas essas flexões, segundo uma ordem determinada, chama-se conjugação.

Há três conjugações em português, caracterizadas pela vogal temática.

A 1.ª conjugação compreende os verbos que têm a vogal temática *-a-*:

ensin-a-r *louv-a-r* *premi-a-r*

A 2.ª conjugação abarca os verbos que têm a vogal temática *-e-*:

dev-e-r *hav-e-r* *sab-e-r*

À 3.ª conjugação pertencem os verbos que têm a vogal temática *-i-*:

fug-i-r *med-i-r* *part-i-r*

Como as vogais temáticas se apresentam com maior nitidez no infinitivo, costuma-se indicar pela terminação deste (= vogal temática + sufixo *-r*) a conjugação a que pertence um dado verbo. Assim, os verbos de infinitivo terminado em *-ar* são da 1.ª conjugação; os de infinitivo em *-er*, da 2.ª; os de infinitivo em *-ir*, da 3.ª.

Tempos simples

Estrutura do verbo

1. Examinemos os seguintes tempos do indicativo do verbo *cantar*:

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito mais-que-perfeito
canto	cantava	cantara
cantas	cantavas	cantaras
canta	cantava	cantara
cantamos	cantávamos	cantáramos
cantais	cantáveis	cantáreis
cantam	cantavam	cantaram

Verificamos que todas as suas formas se irmanam pelo radical *cant-*, a parte invariável que lhes dá a base comum de significação.

Verificamos também que a esse radical verbal se junta, em cada forma, uma terminação, da qual participa pelo menos um dos seguintes elementos:

a) a vogal temática *-a-*, característica dos verbos da 1.ª conjugação:

cant-a *cant-a-va* *cant-a-ra*

b) o sufixo temporal (ou modo-temporal), que indica o tempo e o modo:

cant-a-va *cant-a-ra*

c) a desinência pessoal (ou número-pessoal), que identifica a pessoa e o número:

cant-o *cant-a-va-s* *cant-á-ra-mos*

2. Todo o mecanismo da formação dos tempos simples repousa na combinação harmônica desses três elementos flexivos com um determinado radical verbal. Muitas vezes falta um deles, como:

a) a vogal temática no presente do subjuntivo e, em decorrência, nas formas do imperativo dele derivadas: *cante, cantes, cante,* etc.;

b) o sufixo temporal, no presente e no pretérito perfeito do indicativo, bem como nas formas do imperativo derivadas do presente do indicativo: *canto, cantas, canta,* etc.; *cantei, cantaste, cantou,* etc.; *canta* (tu), *cantai* (vós);

c) a desinência pessoal, na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo *(canta)*; na 1.ª e na 3.ª pessoa do singular do imperfeito *(cantava)*, do mais-que-perfeito *(cantara)* e do futuro do pretérito *(cantaria)* do indicativo; e nestas mesmas pessoas do presente *(cante)*, do imperfeito *(cantasse)* e do futuro *(cantar)* do subjuntivo, assim como nas do infinitivo pessoal *(cantar)*.

Mas, salvo no caso em que a falta de desinência iguala duas pessoas de um só tempo, perturbando a clareza, a ausência de qualquer desses elementos flexivos é sempre um sinal particularizante, pois caracteriza a forma lacunosa pelo seu contraste com as que não o são.

Formação dos tempos simples

Como artifício didático para apreender-se o mecanismo das conjugações, admite-se que o verbo apresente três tempos primitivos, sendo os outros deles derivados.

São tempos primitivos: o presente do indicativo, o pretérito perfeito do indicativo e o infinitivo impessoal.

Derivados do presente do indicativo

Do presente do indicativo formam-se o imperfeito do indicativo, o presente do subjuntivo e o imperativo.

1.º) Imperfeito do indicativo. É formado do radical do presente acrescido:

a) na 1.ª conjugação, das terminações *-ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam* (constituídas da vogal temática *-a-* + sufixo temporal *-va-* + desinências pessoais);

b) na 3.ª conjugação, das terminações *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam* (constituídas da vogal temática *-i-* + sufixo temporal *-a-* + desinências pessoais);

c) na 2.ª conjugação, das mesmas terminações da 3.ª, por ter a vogal temática *-e-* passado a *-i-* antes de *-a-*.

Assim, nos verbos *cantar, vender* e *partir,* temos:

	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
Radical do presente	**cant-**	**vend-**	**part-**
Pretérito imperfeito do indicativo	cant-ava cant-avas cant-ava cant-ávamos cant-áveis cant-avam	vend-ia vend-ias vend-ia vend-íamos vend-íeis vend-iam	part-ia part-ias part-ia part-íamos part-íeis part-iam

Observação

Fogem à regra acima os verbos ser, ter, vir *e* pôr, *que fazem no imperfeito* era, tinha, vinha *e* punha, *respectivamente.*

2.º) Presente do subjuntivo. **Forma-se do radical da 1.ª pessoa do presente do indicativo, substituindo-se a desinência -o pelas flexões próprias do presente do subjuntivo**: *-e, -es, -e, -emos, -eis, -em,* **nos verbos da 1.ª conjugação;** *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am,* **nos verbos da 2.ª e da 3.ª conjugações. Assim:**

Presente do indicativo	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
1.ª pessoa do singular	cant-o	vend-o	part-o
Presente do subjuntivo	cant-e cant-es cant-e cant-emos cant-eis cant-em	vend-a vend-as vend-a vend-amos vend-ais vend-am	part-a part-as part-a part-amos part-ais part-am

Observações

1.ª) Dentre todos os verbos da língua apenas os seguintes não obedecem à regra anterior: **haver, ser, estar, dar, ir, querer** e **saber,** *que fazem no presente do subjuntivo:* **haja, seja, esteja, dê, vá, queira** e **saiba.**

2.ª) Os verbos defectivos em que a 1.ª pessoa do presente do indicativo caiu em desuso não têm presente do subjuntivo.

3.º) Imperativo. **O imperativo afirmativo só possui formas próprias de 2.ª pessoa do singular e 2.ª pessoa do plural, derivadas das correspondentes do presente do indicativo com a supressão do** *-s* **final. Assim:**

canta(s)	vende(s)	parte(s)
cantai(s)	vendei(s)	parti(s)

Observações

1.ª) Excetua-se o verbo **ser,** *que faz* **sê** *(tu)* **e sede** *(vós).*

2.ª) Costumam perder o **-e** *na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo os verbos* **dizer, fazer, trazer** e *os terminados em* **-uzir: dize** (ou **diz**) *tu,* **faze** (ou **faz**) *tu,* **traze** (ou **traz**) *tu,* **aduze** (ou **aduz**) *tu,* **traduze** (ou **traduz**) *tu.*

As outras pessoas do imperativo afirmativo, bem como todas as do imperativo negativo, são supridas pelas equivalentes do presente do subjuntivo.

Derivados do pretérito perfeito do indicativo

Do tema do pretérito perfeito formam-se os seguintes tempos simples:

1.º) O mais-que-perfeito do indicativo, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-ra-* + desinências pessoais): *-ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram*:

	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
Radical do perfeito + vogal temática	canta-	vende-	parti-
Pretérito mais-que-perfeito do indicativo	canta-ra canta-ras canta-ra cantá-ramos cantá-reis canta-ram	vende-ra vende-ras vende-ra vendê-ramos vendê-reis vende-ram	parti-ra parti-ras parti-ra partí-ramos partí-reis parti-ram

2.º) O imperfeito do subjuntivo, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-sse-* + desinências pessoais): *-sse, -sses, -sse, -ssemos, -sseis, -ssem*:

	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
Radical do perfeito + vogal temática	canta-	vende-	parti-
Pretérito imperfeito do subjuntivo	canta-sse canta-sses canta-sse cantá-ssemos cantá-sseis canta-ssem	vende-sse vende-sses vende-sse vendê-ssemos vendê-sseis vende-ssem	parti-sse parti-sses parti-sse partí-ssemos partí-sseis parti-ssem

3.º) O futuro do subjuntivo, juntando-se as terminações (= sufixo temporal *-r-* + desinências pessoais): *-r, -res, -r, -rmos, -rdes, rem.*

	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
Radical do perfeito + vogal temática	canta-	vende-	parti-
Futuro do subjuntivo	canta-r canta-res canta-r canta-rmos canta-rdes canta-rem	vende-r vende-res vende-r vende-rmos vende-rdes vende-rem	parti-r parti-res parti-r parti-rmos parti-rdes parti-rem

Observações

1.ª) O tema do pretérito perfeito pode ser obtido suprimindo-se a desinência da 2.ª pessoa do singular ou da 1.ª pessoa do plural:

canta *(ste)* fize *(ste)* vie *(ste)* puse *(ste)*
canta *(mos)* fize *(mos)* vie *(mos)* puse *(mos)*

2.ª) Embora as suas formas sejam quase sempre idênticas, o futuro do subjuntivo e o infinitivo pessoal têm origem diversa, que deve ser conhecida para evitar-se a freqüente confusão que se estabelece nos poucos verbos em que as formas são distintas: fizer — fazer; for — ser; souber — saber, *etc.*

Derivados do infinitivo impessoal

Do infinitivo impessoal formam-se os dois futuros simples do indicativo, o infinitivo pessoal, o gerúndio e o particípio.

1.º) O futuro do presente, com o simples acréscimo das terminações *-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão:*

	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
Infinitivo impessoal	cantar	vender	partir
Futuro do presente	cantar-ei cantar-ás cantar-á cantar-emos cantar-eis cantar-ão	vender-ei vender-ás vender-á vender-emos vender-eis vender-ão	partir-ei partir-ás partir-á partir-emos partir-eis partir-ão

2.º) O futuro do pretérito, com o acréscimo das terminações *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam:*

	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
Infinitivo impessoal	cantar	vender	partir
Futuro do pretérito	cantar-ia cantar-ias cantar-ia cantar-íamos cantar-íeis cantar-iam	vender-ia vender-ias vender-ia vender-íamos vender-íeis vender-iam	partir-ia partir-ias partir-ia partir-íamos partir-íeis partir-iam

Observações

1.ª) Não seguem esta regra os verbos **dizer, fazer** e **trazer**, *cujas formas do futuro do presente e do pretérito são, respectivamente:* **direi, diria; farei, faria; trarei, traria.**

2.ª) O futuro do presente e o futuro do pretérito são formados pela aglutinação do infinitivo do verbo principal às formas reduzidas do presente e do imperfeito do indicativo do auxiliar **haver: amar + hei, amar + hiá (por havia),** *etc.*

3.º) O infinitivo pessoal, com o acréscimo das desinências pessoais: *-es* (2.ª pessoa do singular), *-mos, -des, -em:*

	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
Infinitivo impessoal	cantar	vender	partir
Infinitivo pessoal	cantar cantar-es cantar cantar-mos cantar-des cantar-em	vender vender-es vender vender-mos vender-des vender-em	partir partir-es partir partir-mos partir-des partir-em

4.º) O gerúndio forma-se substituindo-se o sufixo *-r* do infinitivo pelo sufixo *-ndo:*

	1.ª conjugação	2.ª conjugação	3.ª conjugação
Infinitivo impessoal	canta-r	vende-r	parti-r
Gerúndio	canta-ndo	vende-ndo	parti-ndo

5.º) O particípio forma-se substituindo-se o sufixo *-r* do infinitivo pelo sufixo *-do*, sendo de notar que, por influência da vogal temática da 3.ª, a da 2.ª conjugação passou a *-i-*:

	1.ª conjugação	**2.ª conjugação**	**3.ª conjugação**
Infinitivo impessoal	canta-r	vende-r	parti-r
Particípio	canta-do	vendi-do	parti-do

Observação

Os verbos dizer, escrever, fazer, ver, pôr, abrir, cobrir, vir *e seus derivados formam o particípio irregularmente. Exclui-se* prover, *cujo particípio é* provido.

Verbos auxiliares e o seu emprego

1. Denominam-se auxiliares os verbos que, desprovidos total ou parcialmente da acepção própria, se juntam a outro verbo, ao qual emprestam matizes significativos especiais.

Os conjuntos formados de um verbo auxiliar com um verbo principal chamam-se locuções verbais. Nas locuções verbais conjuga-se apenas o auxiliar, pois o verbo principal vem sempre numa das formas nominais: no particípio, no gerúndio, ou no infinitivo impessoal.

2. Os auxiliares de uso mais freqüente são *ter, haver, ser* e *estar.*

Ter e *haver* empregam-se:

a) com o particípio do verbo principal, para formar os tempos compostos da voz ativa, denotadores de um fato acabado, repetido ou contínuo:

Tenho escrito a meus pais.
Havíamos comprado um barco.

b) com o infinitivo do verbo principal antecedido da preposição *de*, para exprimir, respectivamente, a obrigatoriedade ou o firme propósito de realizar o fato:

Tenho de escrever a meus pais.
Havemos de comprar um barco.

Ser emprega-se com o particípio do verbo principal, para formar os tempos da voz passiva de ação:

Cartas foram escritas por mim.
Um barco será comprado por nós.

Estar emprega-se:

a) com o particípio do verbo principal, para formar tempos da voz passiva de estado:

Estou magoado com você.
Estivemos sugestionados por ele.

b) com o gerúndio do verbo principal, para indicar uma ação durativa:

Está chovendo a cântaros.
Estava escrevendo a meus pais.

Observação

Não é demais insistir em que esses verbos são auxiliares somente quando acompanham uma forma nominal de outro verbo, constituindo com ela um todo significativo. Empregados isoladamente na oração, funcionam como verbo principal. Ser *e* estar *servem também, como vimos, de verbo de ligação para unir o predicativo ao sujeito.*

3. Além dos quatro verbos estudados, outros há que podem funcionar como auxiliares. Estão neste caso os verbos *ir, vir, andar* e mais alguns que se ligam ao infinitivo ou ao gerúndio do verbo principal para indicar matizes de tempo ou para marcar certos aspectos do desenvolvimento da ação.[1] Assim:

Ir emprega-se:

a) com o gerúndio do verbo principal, para indicar que a ação se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

---

1) Como não há uniformidade de critério lingüístico para determinação dos limites da auxiliaridade, costuma variar de gramática para gramática o elenco de verbos auxiliares. Sobre o assunto, no âmbito da língua portuguesa, o estudo mais desenvolvido é o de Lúcia Maria Pinheiro Lobato. *L'Auxiliarité en langue portugaise* (tese de doutorado apresentada à Universidade de Paris-III). Paris, 1970. [Mimeografado.] Menção particular merece também o recente trabalho de Eunice Pontes. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis, 1973, onde a auxiliaridade, principalmente dos verbos que se constroem com infinitivo, é estudada à luz da Gramática Transformacional.

"Vias o mar infindo
ir-se abrindo . . . ir-se abrindo . . .
E ir recuando o horizonte. . . E o céu profundo
ir ficando mais alto, mais sem fim. . ."
(T. da Silveira, PC, 36.)

b) com o infinitivo do verbo principal, para exprimir o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo:

"Vou dormir "
(G. Ramos, AOH, 126.)

"Iam começar os hinos pela manhã no oratório do Ateneu."
(R. Pompéia, A, 77.)

Vir emprega-se:

a) com o gerúndio do verbo principal, para indicar que a ação se desenvolve gradualmente (compare-se a construção similar com *ir*):

"Vem baixando o crepúsculo de leve. . ."
(O. Mariano, TVP, II, 459.)

"A manhã vinha vindo."
(A. Peixoto, RC, 162.)

b) com o infinitivo do verbo principal, para denotar movimento para determinado fim ou intenção de realizar um ato:

"Vinha buscar-me um criado."
(R. Pompéia, A, 102.)

"O roupeiro veio interromper-me."
(R. Pompéia, A, 37.)

c) com o infinitivo antecedido da preposição *a*, para expressar o resultado final da ação:

"Quanto a Eugênio de Castro, só depois de 1904 vim a conhecê-lo."
(M. Bandeira, PP, II, 18.)

"Veio a dar com os burros nágua."

d) com o infinitivo antecipado da preposição *de*, para indicar o término recente da ação:

"Um homem vem de falar com el-rei, e topa com uma cavalgadura destas!"
(C. C. Branco, BP, 132.)

"Vinham de estar com Aires no teatro, uma noite, matando o tempo."
(M. de Assis, OC, I, 987.)

Esta última construção é tida por alguns gramáticos como galicismo.

Andar emprega-se com o gerúndio do verbo principal, para indicar uma ação durativa (construção semelhante à de *estar* + gerúndio):

"Quem sabe o que andam planeando,
pelas Minas, os mazombos?"
(C. Meireles, OP, 716.)

"— Que anda fazendo aqui?"
(M. de Assis, OC, I, 366.)

Observação

A construção de estar *(ou* andar*) + gerúndio, preferida no Brasil, é a mais antiga no idioma. Na língua moderna de Portugal predomina a construção, de sentido idêntico, formada de* estar *(ou* andar*) + preposição* a *+ infinitivo:*

Estou a ler os clássicos. Andava a procurar um livro.

Ficar, além de juntar-se ao particípio para constituir a voz passiva denotadora de mudança de estado *(ficou molhado)*, emprega-se:

a) com o gerúndio do verbo principal, para indicar uma ação durativa costumeira, ou mais longa do que a expressa por *estar*; comparem-se:

Ficava cantando	*Ficou esperando*
Estava cantando	*Esteve esperando*

b) com o infinitivo do verbo principal antecedido da preposição *por*, para indicar que uma coisa não foi feita embora devesse sê-lo:

As compras ficaram por fazer

Compare-se a construção paralela com *estar*:

As compras estão por fazer.

Acabar emprega-se com o infinitivo do verbo principal antecedido da preposição *de*, para indicar uma ação recém-concluída:

"*Meu pai acabava de deixar o leito.*"
(R. Pompéia, A, 102.)

Voltar, e *tornar* empregam-se com o infinitivo do verbo principal antecedido da preposição *a*, para exprimir a repetição da ação (sentido que neles se contém):

"*Oitenta anos separavam as nossas idades, mas mentalmente ele voltara a ter a minha.*"
(G. Amado, HMI, 6.)

"*Procópio Dias tornou a falar-lhe de Santa Teresa, na noite do dia seguinte, em uma casa onde jantaram juntos.*"
(M. de Assis, OC, I, 344.)

Conjugação dos verbos ter, haver, ser e estar

Modo indicativo

Presente

tenho	hei	sou	estou
tens	hás	és	estás
tem	há	é	está
temos	havemos	somos	estamos
tendes	haveis	sois	estais
têm	hão	são	estão

Pretérito imperfeito

tinha	havia	era	estava
tinhas	havias	eras	estavas
tinha	havia	era	estava
tínhamos	havíamos	éramos	estávamos
tínheis	havíeis	éreis	estáveis
tinham	haviam	eram	estavam

Pretérito perfeito

tive	houve	fui	estive
tiveste	houveste	foste	estiveste
teve	houve	foi	esteve
tivemos	houvemos	fomos	estivemos
tivestes	houvestes	fostes	estivestes
tiveram	houveram	foram	estiveram

Pretérito mais-que-perfeito

tivera	houvera	fora	estivera
tiveras	houveras	foras	estiveras
tivera	houvera	fora	estivera
tivéramos	houvéramos	fôramos	estivéramos
tivéreis	houvéreis	fôreis	estivéreis
tiveram	houveram	foram	estiveram

Futuro do presente

terei	haverei	serei	estarei
terás	haverás	serás	estarás
terá	haverá	será	estará
teremos	haveremos	seremos	estaremos
tereis	havereis	sereis	estareis
terão	haverão	serão	estarão

Futuro do pretérito

teria	haveria	seria	estaria
terias	haverias	serias	estarias
teria	haveria	seria	estaria
teríamos	haveríamos	seríamos	estaríamos
teríeis	haveríeis	seríeis	estaríeis
teriam	haveriam	seriam	estariam

Modo subjuntivo

Presente

tenha	haja	seja	esteja
tenhas	hajas	sejas	estejas
tenha	haja	seja	esteja
tenhamos	hajamos	sejamos	estejamos
tenhais	hajais	sejais	estejais
tenham	hajam	sejam	estejam

Pretérito imperfeito

tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivesses	houvesses	fosses	estivesses
tivesse	houvesse	fosse	estivesse
tivéssemos	houvéssemos	fôssemos	estivéssemos
tivésseis	houvésseis	fôsseis	estivésseis
tivessem	houvessem	fossem	estivessem

Futuro

tiver	houver	for	estiver
tiveres	houveres	fores	estiveres
tiver	houver	for	estiver
tivermos	houvermos	formos	estivermos
tiverdes	houverdes	fordes	estiverdes
tiverem	houverem	forem	estiverem

Modo imperativo

Afirmativo

tem (tu)	(desusado)	sê (tu)	está (tu)
tenha (você)	haja (você)	seja (você)	esteja (você)
tenhamos (nós)	hajamos (nós)	sejamos (nós)	estejamos (nós)
tende (vós)	havei (vós)	sede (vós)	estai (vós)
tenham (vocês)	hajam (vocês)	sejam (vocês)	estejam (vocês)

Negativo

não tenhas (tu)	não sejas (tu)
não tenha (você)	não seja (você)
não tenhamos (nós)	não sejamos (nós)
não tenhais (vós)	não sejais (vós)
não tenham (vocês)	não sejam (vocês)
não hajas (tu)	não estejas (tu)
não haja (você)	não esteja (você)
não hajamos (nós)	não estejamos (nós)
não hajais (vós)	não estejais (vós)
não hajam (vocês)	não estejam (vocês)

Formas nominais

Infinitivo impessoal

ter	haver	ser	estar

Infinitivo pessoal

ter	haver	ser	estar
teres	haveres	seres	estares
ter	haver	ser	estar
termos	havermos	sermos	estarmos
terdes	haverdes	serdes	estardes
terem	haverem	serem	estarem

Gerúndio

tendo	havendo	sendo	estando

Particípio

tido	havido	sido	estado

Formação dos tempos compostos

Entre os tempos compostos da voz ativa merecem realce particular aqueles que são constituídos de formas do verbo *ter* (ou, mais raramente, *haver*) com o particípio do verbo que se quer conjugar,

porque é costume incluí-los nos próprios paradigmas de conjugação.

Eis os tempos em causa:

Modo indicativo

1.º) Pretérito perfeito composto. Formado do presente do indicativo do verbo *ter* com o particípio do verbo principal:

tenho cantado	tenho vendido	tenho partido
tens cantado	tens vendido	tens partido
tem cantodo	tem vendido	tem partido
temos cantado	temos vendido	temos partido
tendes cantado	tendes vendido	tendes partido
têm cantado	têm vendido	têm partido

2.º) Pretérito mais-que-perfeito composto. Formado do imperfeito do indicativo do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal:

tinha cantado	tinha vendido	tinha partido
tinhas cantado	tinhas vendido	tinhas partido
tinha cantado	tinha vendido	tinha partido
tínhamos cantado	tínhamos vendido	tínhamos partido
tínheis cantado	tínheis vendido	tínheis partido
tinham cantado	tinham vendido	tinham partido

3.º) Futuro do presente composto. Formado do futuro do presente simples do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal:

terei cantado	terei vendido	terei partido
terás cantado	terás vendido	terás partido
terá cantado	terá vendido	terá partido
teremos cantado	teremos vendido	teremos partido
tereis cantado	tereis vendido	tereis partido
terão cantado	terão vendido	terão partido

4.º) Futuro do pretérito composto. Formado do futuro do pretérito simples do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal:

teria cantado	teria vendido	teria partido
terias cantado	terias vendido	terias partido
teria cantado	teria vendido	teria partido
teríamos cantado	teríamos vendido	teríamos partido
teríeis cantado	teríeis vendido	teríeis partido
teriam cantado	teriam vendido	teriam partido

Modo subjuntivo

1.º) Pretérito perfeito. Formado do presente do subjuntivo do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal:

tenha cantado tenhas cantado tenha cantado tenhamos cantado tenhais cantado tenham cantado	tenha vendido tenhas vendido tenha vendido tenhamos vendido tenhais vendido tenham vendido	tenha partido tenhas partido tenha partido tenhamos partido tenhais partido tenham partido

2.º) Pretérito mais-que-perfeito. Formado do imperfeito do subjuntivo do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal:

tivesse cantado tivesses cantado tivesse cantado tivéssemos cantado tivésseis cantado tivessem cantado	tivesse vendido tivesses vendido tivesse vendido tivéssemos vendido tivésseis vendido tivessem vendido	tivesse partido tivesses partido tivesse partido tivéssemos partido tivésseis partido tivessem partido

3.º) Futuro composto. Formado do futuro simples do subjuntivo do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal:

tiver cantado tiveres cantado tiver cantado tivermos cantado tiverdes cantado tiverem cantado	tiver vendido tiveres vendido tiver vendido tivermos vendido tiverdes vendido tiverem vendido	tiver partido tiveres partido tiver partido tivermos partido tiverdes partido tiverem partido

Formas nominais

1.º) Infinitivo impessoal composto (pretérito impessoal). Formado do infinitivo impessoal do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal:

ter cantado	ter vendido	ter partido

2.º) Infinitivo pessoal composto (ou pretérito pessoal). Formado do infinitivo pessoal do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal:

ter cantado teres cantado ter cantado termos cantado terdes cantado terem cantado	ter vendido teres vendido ter vendido termos vendido terdes vendido terem vendido	ter partido teres partido ter partido termos partido terdes partido terem partido

3.º) Gerúndio composto (pretérito). Formado do gerúndio do verbo *ter* (ou *haver*) com o particípio do verbo principal:

tendo cantado	tendo vendido	tendo partido

Conjugação dos verbos regulares

Como dissemos, são regulares os verbos que se flexionam de acordo com o paradigma de sua conjugação. Assim, tomando os verbos *cantar, vender* e *partir* como paradigmas, respectivamente, da 1.ª, 2.ª e 3.ª conjugações, verificamos que todos os verbos regulares da 1.ª conjugação formam os seus tempos pelo modelo de *cantar*; os da 2.ª, pelo de *vender*; os da 3.ª, pelo de *partir*.

Conjugação da voz passiva

Modelo: ser louvado

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito
sou louvado (-a) és louvado (-a) é louvado (-a) somos louvados (-as) sois louvados (-as) são louvados (-as)	era louvado (-a) eras louvado (-a) era louvado (-a) éramos louvados (-as) éreis louvados (-as) eram louvados (-as)

Pretérito perfeito (simples)	Pretérito perfeito (composto)
fui louvado (-a) foste louvado (-a) foi louvado (-a) fomos louvados (-as) fostes louvados (-as) foram louvados (-as)	tenho sido louvado (-a) tens sido louvado (-a) tem sido louvado (-a) temos sido louvados (-as) tendes sido louvados (-as) têm sido louvados (-as)

Pretérito mais-que-perfeito (simples)	Pretérito mais-que-perfeito (composto)
fora louvado (-a) foras louvado (-a) fora louvado (-a) fôramos louvados (-as) fôreis louvados (-as) foram louvados (-as)	tinha sido louvado (-a) tinhas sido louvado (-a) tinha sido louvado (-a) tínhamos sido louvados (-as) tínheis sido louvados (-as) tinham sido louvados (-as)

Futuro do presente (simples)	Futuro do presente (composto)
serei louvado (-a) serás louvado (-a) será louvado (-a) seremos louvados (-as) sereis louvados (-as) serão louvados (-as)	terei sido louvado (-a) terás sido louvado (-a) terá sido louvado (-a) teremos sido louvados (-as) tereis sido louvados (-as) terão sido louvados (-as)

Futuro do pretérito (simples)	Futuro do pretérito (composto)
seria louvado (-a) serias louvado (-a) seria louvado (-a) seríamos louvados (-as) seríeis louvados (-as) seriam louvados (-as)	teria sido louvado (-a) terias sido louvado (-a) teria sido louvado (-a) teríamos sido louvados (-as) teríeis sido louvados (-as) teriam sido louvados (-as)

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito
seja louvado (-a) sejas louvado (-a) seja louvado (-a) sejamos louvados (-as) sejais louvados (-as) sejam louvados (-as)	fosse louvado (-a) fosses louvado (-a) fosse louvado (-a) fôssemos louvados (-as) fôsseis louvados (-as) fossem louvados (-as)

Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
tenha sido louvado (-a) tenhas sido louvado (-a) tenha sido louvado (-a) tenhamos sido louvados (-as) tenhais sido louvados (-as) tenham sido louvados (-as)	tivesse sido louvado (-a) tivesses sido louvado (-a) tivesse sido louvado (-a) tivéssemos sido louvados (-as) tivésseis sido louvados (-as) tivessem sido louvados (-as)

Futuro (simples)	Futuro (composto)
for louvado (-a) fores louvado (-a) for louvado (-a) formos louvados (-as) fordes louvados (-as) forem louvados (-as)	tiver sido louvado (-a) tiveres sido louvado (-a) tiver sido louvado (-a) tivermos sido louvados (-as) tiverdes sido louvados (-as) tiverem sido louvados (-as)

Formas nominais

Infinitivo impessoal presente	Infinitivo impessoal pretérito
ser louvado (-a)	ter sido louvado (-a)
Infinitivo pessoal presente	**Infinitivo pessoal pretérito**
ser louvado (-a) seres louvado (-a) ser louvado (-a) sermos louvados (-as) serdes louvados (-as) serem louvados (-as)	ter sido louvado (-a) teres sido louvado (-a) ter sido louvado (-a) termos sido louvados (-as) terdes sido louvados (-as) terem sido louvados (-as)
Gerúndio presente	**Gerúndio pretérito**
sendo louvado (-a, -os, -as)	tendo sido louvado (-a, -os, -as)
Particípio	
louvado (-a, -os, -as)	

Observações

1.ª) Só há uma forma simples na voz passiva, que é o particípio. Colocamos, no entanto, entre parênteses, as designações simples e composto para lembrar a correspondência das formas assim nomeadas com as da voz ativa, que apresentam semelhante oposição.

2.ª) Na voz passiva não se usa o imperativo.

Voz reflexiva

Na voz reflexiva o verbo vem acompanhado de um pronome oblíquo que lhe serve de objeto direto ou, mais raramente, de objeto indireto, e representa a mesma pessoa que o sujeito. Assim:

Eu me visto.
Ela se deu o trabalho de vir aqui.

O verbo reflexivo pode indicar também a reciprocidade, isto é, uma ação mútua de dois ou mais sujeitos:

Eles ainda se amam muito [= *mutuamente*].
As horas sucedem-se [= *umas às outras*] *monotonamente.*

Verbo reflexivo e verbo pronominal

Muitos verbos são conjugados com pronomes átonos, à semelhança dos reflexivos, sem que tenham exatamente o seu sentido. São os chamados verbos pronominais, de que podemos distinguir dois tipos:

a) os que só se usam na forma pronominal, como:

apiedar-se	*queixar-se*
arrepender-se	*suicidar-se*

b) os que se usam também na forma simples, mas esta difere ou pelo sentido ou pela construção da forma pronominal, como os seguintes:

debater [= *discutir*]	*enganar alguém*
debater-se [= *agitar-se*]	*enganar-se com alguém.*

Observação

Distingue-se, na prática, o verbo reflexivo do verbo pronominal porque ao primeiro se podem acrescentar, conforme a pessoa, as expressões a **mim** mesmo, a ti mesmo, a si mesmo, *etc. Quando o reflexivo tem valor recíproco, as expressões reforçativas passam a* ser um ao outro, reciprocamente, **mutuamente**, *etc., como dissemos à página 283.*

Conjugação de um verbo reflexivo

Modo indicativo

Modelo: lavar-se

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Presente	
lavo-me	eu me lavo
lavas-te	tu te lavas
lava-se	ele se lava
lavamo-nos	nós nos lavamos
lavais-vos	vós vos lavais
lavam-se	eles se lavam
Pretérito imperfeito	
lavava-me	eu me lavava
lavavas-te	tu te lavavas
lavava-se	ele se lavava
lavávamo-nos	nós nos lavávamos
laváveis-vos	vós vos laváveis
lavavam-se	eles se lavavam

Com o pronome enclítico ou mesoclítico	Com o pronome proclítico
Pretérito perfeito simples	
lavei-me	eu me lavei
lavaste-te	tu te lavaste
lavou-se	ele se lavou
lavamo-nos	nós nos lavamos
lavastes-vos	vós vos lavastes
lavaram-se	eles se lavaram
Pretérito perfeito composto	
tenho-me lavado	eu me tenho lavado
tens-te lavado	tu te tens lavado
tem-se lavado	ele se tem lavado
temo-nos lavado	nós nos temos lavado
tendes-vos lavado	vós vos tendes lavado
têm-se lavado	eles se têm lavado
Pretérito mais-que-perfeito simples	
lavara-me	eu me lavara
lavaras-te	tu te lavaras
lavara-se	ele se lavara
laváramo-nos	nós nos laváramos
laváreis-vos	vós vos laváreis
lavaram-se	eles se lavaram
Pretérito mais-que-perfeito composto	
tinha-me lavado	eu me tinha lavado
tinhas-te lavado	tu te tinhas lavado
tinha-se lavado	ele se tinha lavado
tínhamo-nos lavado	nós nos tínhamos lavado
tínheis-vos lavado	vós vos tínheis lavado
tinham-se lavado	eles se tinham lavado
Futuro do presente simples	
lavar-me-ei	eu me lavarei
lavar-te-ás	tu te lavarás
lavar-se-á	ele se lavará
lavar-nos-emos	nós nos lavaremos
lavar-vos-eis	vós vos lavareis
lavar-se-ão	eles se lavarão
Futuro do presente composto	
ter-me-ei lavado	eu me terei lavado
ter-te-ás lavado	tu te terás lavado
ter-se-á lavado	ele se terá lavado
ter-nos-emos lavado	nós nos teremos lavado
ter-vos-eis lavado	vós vos tereis lavado
ter-se-ão lavado	eles se terão lavado
Futuro do pretérito simples	
lavar-me-ia	eu me lavaria
lavar-te-ias	tu te lavarias
lavar-se-ia	ele se lavaria
lavar-nos-íamos	nós nos lavaríamos
lavar-vos-íeis	vós vos lavaríeis
lavar-se-iam	eles se lavariam
Futuro do pretérito composto	
ter-me-ia lavado	eu me teria lavado
ter-te-ias lavado	tu te terias lavado
ter-se-ia lavado	ele se teria lavado
ter-nos-íamos lavado	nós nos teríamos lavado
ter-vos-íeis lavado	vós vos teríeis lavado
ter-se-iam lavado	eles se teriam lavado

Modo subjuntivo

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Presente	
lave-me	eu me lave
laves-te	tu te laves
lave-se	ele se lave
lavemo-nos	nós nos lavemos
laveis-vos	vós vos laveis
lavem-se	eles se lavem
Pretérito imperfeito	
lavasse-me	eu me lavasse
lavasses-te	tu te lavasses
lavasse-se	ele se lavasse
lavássemo-nos	nós nos lavássemos
lavásseis-vos	vós vos lavásseis
lavassem-se	eles se lavassem
Pretérito perfeito	
É pouco usado com o pronome enclítico.	eu me tenha lavado
	tu te tenhas lavado
	ele se tenha lavado
	nós nos tenhamos lavado
	vós vos tenhais lavado
	eles se tenham lavado
Pretérito mais-que-perfeito	
tivesse-me lavado	eu me tivesse lavado
tivesses-te lavado	tu te tivesses lavado
tivesse-se lavado	ele se tivesse lavado
tivéssemo-nos lavado	nós nos tivéssemos lavado
tivésseis-vos lavado	vós vos tivésseis lavado
tivessem-se lavado	eles se tivessem lavado
Futuro simples	
É pouco usado com o pronome enclítico.	eu me lavar
	tu te lavares
	ele se lavar
	nós nos lavarmos
	vós vos lavardes
	eles se lavarem
Futuro composto	
É pouco usado com o pronome enclítico.	eu me tiver lavado
	tu te tiveres lavado
	ele se tiver lavado
	nós nos tivermos lavado
	vós vos tiverdes lavado
	eles se tiverem lavado

Modo imperativo

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Afirmativo	
lava-te lave-se lavemo-nos lavai-vos lavem-se	Não pode vir proclítico o pronome.
Negativo	
É pouco usado com o pronome enclítico.	não te laves não se lave não nos lavemos não vos laveis não se lavem

Formas nominais

Com o pronome enclítico	Com o pronome proclítico
Infinitivo impessoal presente	
lavar-se	— se lavar
Infinitivo impessoal pretérito	
ter-se lavado	— se ter lavado
Infinitivo pessoal presente	
lavar-me lavares-te lavar-se lavarmo-nos lavardes-vos lavarem-se	eu me lavar tu te lavares ele se lavar nós nos lavarmos vós vos lavardes eles se lavarem
Infinitivo pessoal pretérito	
ter-me lavado teres-te lavado ter-se lavado termo-nos lavado terdes-vos lavado terem-se lavado	eu me ter lavado tu te teres lavado ele se ter lavado nós nos termos lavado vós vos terdes lavado eles se terem lavado
Gerúndio presente	
lavando-se	— se lavando
Gerúndio pretérito	
tendo-se lavado	— se tendo lavado
Particípio	
O pronome oblíquo não pode vir posposto ao particípio.	

Conjugação dos verbos irregulares

Irregularidade verbal

A irregularidade de um verbo pode estar na flexão ou no radical.

Se examinarmos, por exemplo, a 1.ª pessoa do presente do indicativo dos verbos *dar* e *pedir*, verificamos que:

a) a forma *dou* não recebe a desinência normal -o da referida pessoa;

b) a forma *peço* apresenta o radical *peç-*, distinto do radical *ped-*, que aparece no infinitivo e em outras formas do verbo: *ped-ir, ped-es, ped-i, ped-ira.*

Dar e *pedir* são, pois, verbos irregulares.

Se examinarmos, por outro lado, o pretérito imperfeito do indicativo dos verbos em causa, observamos que as formas:

a) *dava, davas, dava, dávamos, dáveis, davam* se enquadram no paradigma dos verbos regulares da 1.ª conjugação;

b) *pedia, pedias, pedia, pedíamos, pedíeis, pediam,* por sua vez, incorporam-se ao paradigma dos verbos regulares da 3.ª conjugação.

Vemos, assim, que num verbo irregular pode haver determinadas formas perfeitamente regulares.

Observação

Para mais fácil conhecimento dos verbos irregulares, convém ter em mente o que dissemos sobre a formação dos tempos simples. Excetuando-se a anomalia que apontamos na conjugação dos verbos dar, estar, haver, querer, saber, ser *e* ir, *a irregularidade dos demais é sempre constante nas formas de cada um dos grupos:*

1.º grupo	2.º grupo	3.º grupo
Presente do indicativo Presente do subjuntivo Imperativo	Pretérito perfeito do indicativo Pretérito mais-que-perfeito do indicativo Pretérito imperfeito do subjuntivo Futuro do subjuntivo	Futuro do presente Futuro do pretérito

Atentando-se, pois, nas formas do presente, do pretérito perfeito e do futuro do presente do modo indicativo, sabe-se se um verbo é ou não irregular e, também, como conjugá-lo nos tempos de cada um dos três grupos.

Irregularidade verbal e discordância gráfica

É necessário não confundir irregularidade verbal com certas discordâncias gráficas que aparecem em formas do mesmo verbo e que visam apenas a indicar-lhes a uniformidade de pronúncia dentro das convenções do nosso sistema de escrita. Assim:

a) os verbos da 1.ª conjugação cujos radicais terminem em *-c*, *-ç* e *-g* mudam estas letras, respectivamente, em *-qu*, *-c* e *-gu* sempre que se lhes segue um *-e*:

ficar — fiquei
justiçar — justicei
chegar — cheguei

b) os verbos da 2.ª e da 3.ª conjugações cujos radicais terminem em *-c*, *-g* e *-gu* mudam tais letras, respectivamente, em *-ç*, *-j* e *-g* sempre que se lhes segue um -o ou um *-a*:

vencer	—	*venço*	—	*vença*
tanger	—	*tanjo*	—	*tanja*
erguer	—	*ergo*	—	*erga*
restringir	—	*restrinjo*	—	*restrinja*
extinguir	—	*extingo*	—	*extinga*

São, como vemos, simples acomodações gráficas, que não implicam irregularidade do verbo.

Verbos com alternância vocálica

Muitos verbos da língua portuguesa apresentam mudança na vogal do radical quando neste recai o acento tônico. Assim, às formas *levamos* e *levais*, com e fechado [ẹ], se contrapõem *levo*, *levas*, *leva* e *levam*, com e aberto [ę]; às formas *rogamos* e *rogais*, com o fechado [ọ], se opõem *rogo*, *rogas*, *rogam*, com o aberto [ǫ]. Às vezes a alternância vocálica se observa nas próprias formas rizotônicas. Por exemplo: *subo*, em contraste com *sobes*, *sobe* e *sobem*; *firo*, em oposição a *feres*, *fere* e *ferem*.

Por sofrerem tais mutações vocálicas no radical, esses verbos, ou melhor, os pertencentes à 3.ª conjugação, vêm de regra incluídos no elenco dos verbos irregulares. Cumpre ponderar, no entanto, que essas alternâncias são características do idioma; os verbos que as apresentam não formam exceções, mas a norma dentro de nossa complexa morfologia. Saliente-se, ademais, que não é lógico que se considerem regulares verbos como *beber* e *mover*, que sofrem, respectivamente, as mutações de e fechado [ẹ] em e aberto [ę] e de o fechado [ọ] em o aberto [ǫ]; e, de outro lado, se tenham por irregulares verbos como *frigir* e *acudir*, que alternam [*i*] com e aberto [ę] e [*u*] com o aberto [ǫ]. Há flagrante semelhança nos casos citados.

Apenas em *beber* e em *mover* não se distinguem na escrita (fato meramente gráfico, por conseguinte) aquelas oposições vocálicas a que nos referimos.

Feitas essas considerações, examinemos os principais tipos de alternância vocálica dos verbos portugueses nos quatro únicos tempos em que existem formas rizotônicas: o presente do indicativo, o presente do subjuntivo, o imperativo afirmativo e o imperativo negativo.

1ª Conjugação

Modelos: *levar* e *lograr*

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
levo	leve		
levas	leves	leva	não leves
leva	leve	leve	não leve
levamos	levemos	levemos	não levemos
levais	leveis	levai	não leveis
levam	levem	levem	não levem
logro	logre		
logras	logres	logra	não logres
logra	logre	logre	não logre
logramos	logremos	logremos	não logremos
lograis	logreis	lograi	não logreis
logram	logrem	logrem	não logrem

Verificamos que, no primeiro, a vogal fechada [ẹ] da 1.ª e 2.ª pessoas do plural passa a aberta [ę] na 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª do plural; no segundo, há uma mutação semelhante: a vogal fechada [ọ] das formas arrizotônicas passa a aberta [ǫ] nas formas rizotônicas.

Observações

1.ª) Seguem o modelo de **levar** *os verbos da 1.ª conjugação que têm [ẹ] no radical, a menos que esta vogal:*

a) faça parte do ditongo [ẹy], como em **cheirar: cheiro, cheiras, cheira,** *etc. (sempre com e fechado);*

b) esteja seguida de consoante nasal **[m], [n]** *ou* **[ŋ]: remo, remas, rema,** *etc.;* **ordeno, ordenas, ordena,** *etc.;* **empenho, empenhas, empenha,** *etc. (sempre com o e fechado);*

c) venha seguida de consoante palatal [š], [ž] *ou* [ļ]: **fecho, fechas, fecha,** *etc.;* **desejo, desejas, deseja,** *etc.;* **aparelho, aparelhas, aparelha,** *etc. (sempre com o e fechado);*

Apenas os verbos **invejar, embrechar, frechar** *e* **vexar,** *dentre os que ao [ẹ] segue uma consoante palatal, apresentam a vogal aberta nas formas rizotônicas.*

Embora não se enquadre nos três casos exceptivos, o verbo **chegar** *(e seus derivados, como* **achegar, conchegar,** *etc.) conserva a vogal fechada* **[ẹ]** *em todas as formas rizotônicas.*

2.ª) Seguem o modelo de **lograr** *os verbos da 1.ª conjugação que têm [ọ] no radical, salvo nos casos em que esta vogal:*

a) faz parte dos ditongos [ọy] (seguido de consoante) e [ọw]: **pernoito, pernoitas, pernoita,** *etc.;* **douro, douras, doura,** *etc. (sempre com o* **o** *fechado);*

b) antecede consoante nasal **[m], [n]** *e* **[ŋ]: tomo, tomas, toma,** *etc.;* **leciono, lecionas, leciona,** *etc.;* **sonho, sonhas, sonha,** *etc. (sempre com o o fechado);*

c) pertence a verbos terminados em **-oar,** *como* **voar: vôo, voas, voa,** *etc. (sempre com o o fechado).*

2ª Conjugação

Modelos: *dever* e *mover*

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
devo	deva		
deves	devas	deve	não devas
deve	deva	deva	não deva
devemos	devamos	devamos	não devamos
deveis	devais	devei	não devais
devem	devam	devam	não devam
movo	mova		
moves	movas	move	não movas
move	mova	mova	não mova
movemos	movamos	movamos	não movamos
moveis	movais	movei	não movais
movem	movam	movam	não movam

Observamos que:

a) no presente do indicativo, as vogais fechadas [ẹ] ou [ọ] das formas arrizotônicas se conservam na 1.ª pessoa do singular, mas tornam-se abertas [ę] ou [ǫ] nas demais formas rizotônicas, na 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª do plural;

b) no presente do subjuntivo, derivado da 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo, mantém-se em todas as formas a vogal fechada [ẹ] ou [ọ] daquela pessoa;

c) no imperativo afirmativo, a 2.ª pessoa do singular, em correspondência com a do presente do indicativo, tem a vogal aberta [ę] ou [ǫ]; a 2.ª pessoa do plural, forma arrizotônica, e as formas derivadas do presente do subjuntivo (3.ª do singular, 1.ª e 3.ª do plural e todas as pessoas do imperativo negativo) conservam a vogal fechada [ẹ] ou [ọ] deste tempo.

Observações

1.ª) Seguem o modelo de **dever** *os verbos da 2.ª conjugação que têm [ẹ] no radical, com exceção:*

a) do verbo **querer**, *cujo presente do subjuntivo é irregular* (**queira, queiras,** *etc.) e que, no presente do indicativo, apresenta todas as formas rizotônicas com o e aberto:* **quero, queres, quer, querem;**

b) dos verbos em que o [ẹ] antecede uma consoante nasal, como **gemer, encher: gemo, gemes, geme,** *etc.;* **encho, enches, enche,** *etc. (sempre com o e fechado).*

. 2.ª) Seguem o modelo de **mover** *os verbos da 2.ª conjugação que têm [ọ] no radical, com exceção:*

a) do verbo **poder,** *em que a vogal aberta [ǫ] aparece também na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo e, conseqüentemente, em todas as formas rizotônicas do presente do subjuntivo:* **posso, podes, pode, podem; possa, possas, possa, possam;**

b) dos verbos em que o [ọ] antecede consoante nasal, a exemplo de **comer: comes, come,** *etc.*

Note-se, porém, que em algumas regiões de Portugal e do Brasil se profere aberto o o das formas rizotônicas de **comer.**

3ª Conjugação

Modelos: *servir* e *dormir*

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
sirvo serves serve servimos servis servem	sirva sirvas sirva sirvamos sirvais sirvam	serve sirva sirvamos servi sirvam	não sirvas não sirva não sirvamos não sirvais não sirvam
durmo dormes dorme dormimos dormis dormem	durma durmas durma durmamos durmais durmam	dorme durma durmamos dormi durmam	não durmas não durma não durmamos não durmais não durmam

Notamos que, nesses verbos, as vogais do radical se alternam de modo ainda mais sensível. Assim:

a) no presente do indicativo, as vogais reduzidas [ẹ/*i*] e [ọ/*u*] das formas arrizotônicas passam, respectivamente, a [*i*] e [*u*] na 1.ª pessoa do singular e a [ę] e [ǫ] nas outras formas rizotônicas, 2.ª e 3.ª pessoas do singular e 3.ª do plural;

b) no presente do subjuntivo, derivado da 1.ª pessoa do presente do indicativo, mantém-se em todas as formas as vogais daquela pessoa, [i] ou [u], conforme o caso;

c) no imperativo afirmativo, a 2.ª pessoa do singular, em correspondência com a do presente do indicativo, tem a vogal aberta [ę] ou [ǫ]; a 2.ª do plural, em consonância com a do presente do indicativo, apresenta a vogal reduzida [ẹ/i] ou [ọ/u]; as formas derivadas do presente do subjuntivo (3.ª do singular, 1.ª e 3.ª do plural e todas as pessoas do imperativo negativo) conservam a vogal [i] ou [u] deste tempo.

Observações

1.ª) Seguem o modelo de **servir** *os verbos da 3.ª conjugação que têm* e *gráfico no infinitivo:*

aderir	*conferir*	*digerir*	*ingerir*	*repelir*
advertir	*convergir*	*discernir*	*inserir*	*repetir*
aferir	*deferir*	*divergir*	*preferir*	*seguir*
compelir	*desferir*	*ferir*	*referir*	*sugerir*
competir	*despir*	*inferir*	*refletir*	*vestir*

Excetuam-se no entanto:

a) os verbos medir, pedir, despedir e impedir, *que apresentam* e *aberto* [ę] *em todas as formas rizotônicas do presente do indicativo e, por conseguinte, nas do presente do subjuntivo e dos imperativos afirmativo e negativo:* meço, medes, mede, medem; meça, meças, meça, meçam, *etc.*; peço, pedes, pede, pedem; peça, peças, peça, peçam, *etc.*

b) os verbos agredir, denegrir, prevenir, progredir e transgredir, *que apresentam* [i] *nas quatro formas rizotônicas do presente do indicativo, em todo o presente do subjuntivo e nas formas dos imperativos afirmativo e negativo dele derivadas:*

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
agrido	agrida		
agrides	agridas	agride	não agridas
agride	agrida	agrida	não agrida
agredimos	agridamos	agridamos	não agridamos
agredis	agridais	agredi	não agridais
agridem	agridam	agridam	não agridam

2.ª) *Seguem o modelo de* **dormir** *os verbos da 3.ª conjugação que têm* o *gráfico no infinitivo:* **tossir, engolir, cobrir** *(e seus derivados, como* **descobrir, encobrir** *e* **recobrir**). *Excetuam-se, porém:*

a) os verbos em que o [ọ] *pertence ao ditongo* [ọw], *caso em que se conserva fechado em toda a conjugação:* **ouço, ouves, ouve**, *etc.*

b) os verbos **polir** *e* **sortir**, *que apresentam* [u] *nas formas rizotônicas, formas, aliás, de pouco uso:* **pulo, pules, pule, pulem; surto, surtes, surte, surtem;** *etc.*

Modelos: *frigir* e *acudir*

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
frijo freges frege frigimos frigis fregem	frija frijas frija frijamos frijais frijam	 frege frija frijamos frigi frijam	 não frijas não frija não frijamos não frijais não frijam
acudo acodes acode acudimos acudis acodem	acuda acudas acuda acudamos acudais acudam	 acode acuda acudamos acudi acudam	 não acudas não acuda não acudamos não acudais não acudam

Vemos que, embora tenham [*i*] e [*u*] no radical, os verbos *frigir* e *acudir* se comportam como se fossem verbos de radical em [ẹ] ou em [ọ], conjugando-se nas formas rizotônicas dos quatro tempos mencionados exatamente pelos modelos de *servir* e *dormir*.

Observações

1.ª) *Seguem o modelo de* **acudir** *os seguintes verbos:*

bulir	*destruir*	*fugir*	*subir*
construir	*engolir*	*reconstruir*	
cuspir	*escapulir*	*sacudir*	

Na língua corrente é também esta a conjugação dos verbos **entupir** *e* **desentupir**. *Alguns gramáticos, porém, em luta contra a realidade, pretendem que neles —* e *nos verbos* **construir, destruir** e **reconstruir** — *só se devem legitimar as antigas formas com* [u]: **entupo, entupes, entupe,** *etc.;* **desentupo, desentupes, desentupe,** *etc.;* **construo, construis, construi,** *etc.*

2.ª) Não apresentam alternância vocálica, isto é, conservam o [u] *do radical em toda a conjugação, entre outros menos usados, os verbos:*

aludir	*curtir*	*instruir*	*presumir*
assumir	*iludir*	*obstruir*	*resumir*

e seus derivados.

3.ª) Os verbos **aspergir** *e* **submergir** *têm* /e/ *fechado na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo e, conseqüentemente, em todo o presente do subjuntivo. Na 2.ª e 3.ª pessoas do singular e na 3.ª do plural, a exemplo de* **servir**, *apresentam e aberto.*

Outros tipos de irregularidade

1ª Conjugação

Embora seja a mais rica em número de verbos, a 1.ª conjugação é a mais pobre em número de verbos irregulares. Além de *estar*, cuja conjugação estudamos, há apenas os seguintes:

1. Dar

Apresenta irregularidades nestes tempos:

Modo indicativo

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
dou	dei	dera
dás	deste	deras
dá	deu	dera
damos	demos	déramos
dais	destes	déreis
dão	deram	deram

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
dê	desse	der
dês	desses	deres
dê	desse	der
demos	déssemos	dermos
deis	désseis	derdes
dêem	dessem	derem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
dá dê demos dai dêem	não dês não dê não demos não deis não dêem

No mais, conjuga-se como um verbo regular da 1.ª conjugação.

O derivado *circundar* não apresenta nenhuma destas irregularidades. Segue em tudo o paradigma dos verbos regulares da 1.ª conjugação.

2. Verbos terminados em *-ear* e *-iar*

Os verbos terminados em *-ear* recebem *i* [y] depois do [ẹ] nas formas rizotônicas.

1.º) Sirva de exemplo o verbo *passear*, que assim se conjuga no presente do indicativo, no presente do subjuntivo e nos imperativos afirmativo e negativo

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
passeio	passeie		
passeias	passeies	passeia	não passeies
passeia	passeie	passeie	não passeie
passeamos	passeemos	passeemos	não passeemos
passeais	passeeis	passeai	não passeeis
passeiam	passeiem	passeiem	não passeiem

2.º) Os verbos terminados em *-iar* são, em geral, regulares. Sirva de modelo o verbo *anunciar*:

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
anuncio	anuncie		
anuncias	anuncies	anuncia	não anuncies
anuncia	anuncie	anuncie	não anuncie
anunciamos	anunciemos	anunciemos	não anunciemos
anunciais	anuncieis	anunciai	não anuncieis
anunciam	anunciem	anunciem	não anunciem

Observação

O verbo **mobiliar** *apresenta, nas formas rizotônicas, o acento na sílaba* **bí**: *presente do indicativo:* **mobílio, mobílias, mobília, mobíliam**; *presente do subjuntivo:* **mobílie, mobílies, mobílie, mobíliem**; *etc. Mas, em verdade, tal anomalia é mais gráfica do que fonética. Este verbo também se escreve* **mobilhar**, *variante gráfica admitida pelo Vocabulário Oficial e que melhor reproduz a sua pronúncia corrente. Advirta-se, ainda, que em Portugal a forma preferida é* **mobilar**, *conjugada regularmente.*

3.º) Por analogia com os verbos em *-ear* (já que na pronúncia se confundem o *e* e o *i* reduzidos), cinco verbos de infinitivo em *-iar* mudam o [*i*] em [*e*] nas formas rizotônicas. São eles: *ansiar, incendiar, mediar, odiar* e *remediar*.

Tomemos, como exemplo, o verbo *incendiar*:

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
incendeio	incendeie		
incendeias	incendeies	incendeia	não incendeies
incendeia	incendeie	incendeie	não incendeie
incendiamos	incendiemos	incendiemos	não incendiemos
incendiais	incendieis	incendiai	não incendieis
incendeiam	incendeiem	incendeiem	não incendeiem

Os demais verbos em *-iar* são regulares na língua culta do Brasil.

Observações

1.ª) Há verbos, como agenciar, comerciar, licenciar, negociar, premiar, providenciar, sentenciar, silenciar *e outros mais, que no português de Portugal e na língua popular do Brasil se conjugam pelo modelo de* **incendiar**.

2.ª) **Criar**, *em qualquer acepção, conjuga-se como verbo regular em* **-iar**: **crio, crias, cria, criamos**, *etc.*

3.ª) Convém distinguir, cuidadosamente, certos verbos terminados em **-ear** *e* **-iar**, *de forma muito parecida, mas de sentido diverso. Entre outros:* **afear** *(relacionado com* **feio**) *e* **afiar** *(relacionado com* **fio**), **enfrear** *(relacionado com* **freio**) *e* **enfriar** *(com* **frio**), **estear** *(relacionado com* **esteio**) *e* **estiar** *(com* **estio**),

estrear (*relacionado* com estréia) e estriar (com estria), mear (*relacionado* com meio) e miar (com mio, miado), pear (*relacionado* com peia) e piar (com pio), vadear (*relacionado* com vau) e vadiar (com vadio).

2ª Conjugação

Além dos verbos *haver*, *ser* e *ter*, já conhecidos, devem ser mencionados os seguintes:

1. Caber

Apresenta irregularidades no presente e no pretérito perfeito do indicativo, irregularidades que se transmitem às formas deles derivadas.

Modo indicativo

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
caibo	coube	coubera
cabes	coubeste	couberas
cabe	coube	coubera
cabemos	coubemos	coubéramos
cabeis	coubestes	coubéreis
cabem	couberam	couberam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
caiba	coubesse	couber
caibas	coubesses	couberes
caiba	coubesse	couber
caibamos	coubéssemos	coubermos
caibais	coubésseis	couberdes
caibam	coubessem	couberem

Observação

No sentido próprio este verbo não admite imperativo.

2. Crer e ler

São irregulares no presente do indicativo e, em decorrência, no presente do subjuntivo e nos imperativos afirmativo e negativo.

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
creio crês crê cremos credes crêem	creia creias creia creiamos creiais creiam	crê creia creiamos crede creiam	não creias não creia não creiamos não creiais não creiam
leio lês lê lemos ledes lêem	leia leias leia leiamos leiais leiam	lê leia leiamos lede leiam	não leias não leia não leiamos não leiais não leiam

Observação

Assim também se conjugam os derivados destes verbos, como descrer, reler, tresler.

3. Dizer

Apenas o pretérito imperfeito do indicativo e o gerúndio são regulares neste verbo. Estas as demais formas simples:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
digo dizes diz dizemos dizeis dizem	dizia dizias dizia dizíamos dizíeis diziam	disse disseste disse dissemos dissestes disseram
Pretérito mais-que-perfeito	**Futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
dissera disseras dissera disséramos disséreis disseram	direi dirás dirá diremos direis dirão	diria dirias diria diríamos diríeis diriam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
diga digas diga digamos digais digam	dissesse dissesses dissesse disséssemos dissésseis dissessem	disser disseres disser dissermos disserdes disserem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
dize (diz) diga digamos dizei digam	não digas não diga não digamos não digais não digam

Formas nominais

Infinitivo impessoal	Infinitivo pessoal	Gerúndio	Particípio
dizer	dizer dizeres dizer dizermos dizerdes dizerem	dizendo	dito

Observação

Segundo o modelo de **dizer** *conjugam-se os verbos dele formados, como:* **bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer** e **predizer.**

4. Fazer

Também neste verbo só o pretérito imperfeito do indicativo e o gerúndio são regulares. As outras formas conjugam-se:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
faço fazes faz fazemos fazeis fazem	fazia fazias fazia fazíamos fazíeis faziam	fiz fizeste fez fizemos fizestes fizeram
Pretérito mais-que-perfeito	**Futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
fizera fizeras fizera fizéramos fizéreis fizeram	farei farás fará faremos fareis farão	faria farias faria faríamos faríeis fariam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
faça faças faça façamos façais façam	fizesse fizesses fizesse fizéssemos fizésseis fizessem	fizer fizeres fizer fizermos fizerdes fizerem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
faze (faz) faça façamos fazei façam	não faças não faça não façamos não façais não façam

Formas nominais

Infinitivo impessoal	Infinitivo pessoal	Gerúndio	Particípio
fazer	fazer fazeres fazer fazermos fazerdes fazerem	fazendo	feito

Observação

Por fazer se conjugam os seus derivados: afazer, contrafazer, desfazer, liqüefazer, perfazer, rarefazer, refazer e satisfazer.

5. Perder

Oferece irregularidade no presente do indicativo e esta se transmite às formas derivadas do presente do subjuntivo e dos imperativos afirmativo e negativo.

Eis as suas formas irregulares:

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
perco perdes perde perdemos perdeis perdem	perca percas perca percamos percais percam	perde perca percamos perdei percam	não percas não perca não percamos não percais não percam

6. Poder

Apresenta irregularidades no presente e no pretérito perfeito do indicativo e, em conseqüência, nas formas derivadas destes dois tempos:

Modo indicativo

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
posso podes pode podemos podeis podem	pude pudeste pôde pudemos pudestes puderam	pudera puderas pudera pudéramos pudéreis puderam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
possa possas possa possamos possais possam	pudesse pudesses pudesse pudéssemos pudésseis pudessem	puder puderes puder pudermos puderdes puderem

Observação

É desusado o imperativo deste verbo.

7. Pôr

Pôr é o único verbo da língua que tem o infinitivo irregular, razão por que alguns gramáticos preferem incluí-lo numa 4.ª conjugação, que seria formada por ele e seus derivados.

Eis os seus tempos simples:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
ponho pões põe pomos pondes põem	punha punhas punha púnhamos púnheis punham	pus puseste pôs pusemos pusestes puseram
Pretérito mais-que-perfeito	**Futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
pusera puseras pusera puséramos puséreis puseram	porei porás porá poremos poreis porão	poria porias poria poríamos poríeis poriam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
ponha ponhas ponha ponhamos ponhais ponham	pusesse pusesses pusesse puséssemos pusésseis pusessem	puser puseres puser pusermos puserdes puserem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
põe ponha ponhamos ponde ponham	não ponhas não ponha não ponhamos não ponhais não ponham

Formas nominais

Infinitivo impessoal	Infinitivo pessoal	Gerúndio	Particípio
pôr	pôr pores pôr pormos pordes porem	pondo	posto

Observações

1.ª) Pôr (antigo **poer**) *é um verbo anômalo da 2.ª conjugação, que perdeu sua vogal* **-e-** *no infinitivo impessoal e em outros tempos. Esta vogal conservou-se, no entanto, em várias formas do verbo:* **pus-e-ste, pus-e-mos, pus-e-ra, pus-e-sse,** *etc.*

2.ª) Pelo paradigma de **pôr** *se conjugam todos os seus derivados:* **antepor, apor, compor, contrapor, decompor, descompor, dispor, expor, impor, opor, propor, repor, supor, transpor,** *etc.*

8. Prazer

Empregado apenas na 3.ª pessoa, este verbo apresenta as seguintes formas irregulares:

Modo indicativo

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
praz	prouve	prouvera

Modo subjuntivo

Pretérito imperfeito	Futuro
prouvesse	prouver

Observações

1.ª) As outras formas, inclusive o presente do subjuntivo (= **praza**), *são regulares.*

Por **prazer** *se conjugam* **aprazer** *e* **desprazer.**

2.ª) O derivado **comprazer,** *além de não ser unipessoal, é regular no pretérito perfeito e nos tempos formados do seu radical. Assim,* **comprazi, comprazeste, comprazeu,** *etc.;* **comprazera, comprazeras, comprazera,** *etc.;* **comprazesse, comprazesses, comprazesse,** *etc.;* **comprazer, comprazeres, comprazer,** *etc.*

9. Querer

Oferece irregularidades nos seguintes tempos:

Modo indicativo

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
quero queres quer queremos quereis querem	quis quiseste quis quisemos quisestes quiseram	quisera quiseras quisera quiséramos quiséreis quiseram

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
queira queiras queira queiramos queirais queiram	quisesse quisesses quisesse quiséssemos quisésseis quisessem	quiser quiseres quiser quisermos quiserdes quiserem

Observações

1.ª) A par de **quer**, *3.ª pessoa do singular do presente do indicativo, há* **querë**, *forma preferida em Portugal.*

2.ª) É desusado o imperativo deste verbo.

3.ª) O derivado **requerer** *faz* **requeiro** *na 1.ª pessoa do presente do indicativo e é regular no pretérito perfeito e nos tempos formados do seu radical:* **requeri, requereste, requereu,** *etc.;* **requerera, requereras, requerera,** *etc.;* **requeresse, requeresses, requeresse,** *etc.;* **requerer, requereres, requerer,** *etc. Além disso, emprega-se no imperativo.*

4.ª) **Bem-querer** *e* **malquerer** *fazem no particípio* **benquisto** *e* **malquisto**, *respectivamente.*

10. Saber

Formas irregulares:

Modo indicativo

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
sei sabes sabe sabemos sabeis sabem	soube soubeste soube soubemos soubestes souberam	soubera souberas soubera soubéramos soubéreis souberam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
saiba saibas saiba saibamos saibais saibam	soubesse soubesses soubesse soubéssemos soubésseis soubessem	souber souberes souber soubermos souberdes souberem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
sabe saiba saibamos sabei saibam	não saibas não saiba não saibamos não saibais não saibam

11. Trazer

É regular apenas no pretérito imperfeito do indicativo e nas formas nominais. Esta a sua conjugação:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
trago trazes traz trazemos trazeis trazem	trazia trazias trazia trazíamos trazíeis traziam	trouxe trouxeste trouxe trouxemos trouxestes trouxeram
Pretérito mais-que-perfeito	**Futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
trouxera trouxeras trouxera trouxéramos trouxéreis trouxeram	trarei trarás trará traremos trareis trarão	traria trarias traria traríamos traríeis trariam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
traga	trouxesse	trouxer
tragas	trouxesses	trouxeres
traga	trouxesse	trouxer
tragamos	trouxéssemos	trouxermos
tragais	trouxésseis	trouxerdes
tragam	trouxessem	trouxerem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
traze (traz)	não tragas
traga	não traga
tragamos	não tragamos
trazei	não tragais
tragam	não tragam

12. Valer

Apresenta irregularidade na 1.ª pessoa do presente do indicativo, irregularidade que se transmite ao presente do subjuntivo e às formas do imperativo dele derivadas. Assim:

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
valho	valha		
vales	valhas	vale	não valhas
vale	valha	valha	não valha
valemos	valhamos	valhamos	não valhamos
valeis	valhais	valei	não valhais
valem	valham	valham	não valham

Observação *Por* **valer** *se conjugam* **desvaler** e **equivaler.**

13. Ver

É irregular no presente **e no** pretérito perfeito do indicativo, **nas formas deles derivadas, assim como no** particípio, **que é** *visto*.

Enumeremos tais formas irregulares:

Modo indicativo

Presente	Pretérito perfeito	Pretérito mais-que-perfeito
vejo	vi	vira
vês	viste	viras
vê	viu	vira
vemos	vimos	víramos
vedes	vistes	víreis
vêem	viram	viram

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
veja	visse	vir
vejas	visses	vires
veja	visse	vir
vejamos	víssemos	virmos
vejais	vísseis	virdes
vejam	vissem	virem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
vê	não vejas
veja	não veja
vejamos	não vejamos
vede	não vejais
vejam	não vejam

1.ª) Assim se conjugam **antever, entrever, prever** e **rever.**

2.ª) **Prover,** *embora formado de* **ver,** *é regular no pretérito perfeito do indicativo* e *nas formas dele derivadas:* **provi, proveste, proveu,** *etc.;* **provera, proveras, provera,** *etc.;* **provesse, provesses, provesse,** *etc.;* **prover, proveres, prover,** *etc.* *O particípio é* **provido,** *também regular.*

Por **prover** *conjuga-se o seu derivado* **desprover.**

3ª Conjugação

Excluídos os que sofrem apenas mutação na vogal do radical, que estudamos no início deste Capítulo, restam ainda alguns verbos da 3.ª conjugação cujas irregularidades devem ser conhecidas. São eles:

1. Ir

É verbo anômalo, somente regular:

a) no pretérito imperfeito e nos futuros do presente e do pretérito do modo indicativo: *ia, irei, iria.*

b) nas formas nominais — infinitivo: *ir;* gerúndio: *indo;* particípio: *ido.*

Suas formas do pretérito perfeito do indicativo e dos tempos dele derivados — pretérito mais-que-perfeito do indicativo, pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo — identificam-se com as correspondentes do verbo *ser: fui, fora, fosse* e *for.*

Nos demais tempos simples é assim conjugado:

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
vou	vá		
vais	vás	vai	não vás
vai	vá	vá	não vá
vamos	vamos	vamos	não vamos
ides	vades	ide	não vades
vão	vão	vão	não vão

2. Medir e Pedir

Além da alternância vocálica entre as formas rizotônicas e arrizotônicas, estes verbos apresentam

modificação do radical *med-* e *ped-* na 1.ª pessoa do presente do indicativo e, conseqüentemente, no presente do subjuntivo e nas pessoas do imperativo dele derivadas.

Eis os tempos que oferecem irregularidades:

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
meço medes mede medimos medis medem	meça meças meça meçamos meçais meçam	 mede meça meçamos medi meçam	 não meças não meça não meçamos não meçais não meçam
peço pedes pede pedimos pedis pedem	peça peças peça peçamos peçais peçam	 pede peça peçamos pedi peçam	 não peças não peça não peçamos não peçais não peçam

Observação

Por **medir** *conjuga-se* **desmedir.**

Seguem o modelo de **pedir,** *embora dele não sejam derivados, os verbos* **despedir, expedir** *e* **impedir,** *bem como os que se formam destes:* **desimpedir, reexpedir,** *etc.*

3. Ouvir

Irregularidade semelhante à anterior. O radical *ouv-* muda-se em *ouç-* na 1.ª pessoa do presente do indicativo e, em decorrência, em todo o presente do subjuntivo e nas pessoas do imperativo dele derivadas. Assim:

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
ouço ouves ouve ouvimos ouvis ouvem	ouça ouças ouça ouçamos ouçais ouçam	 ouve ouça ouçamos ouvi ouçam	 não ouças não ouça não ouçamos não ouçais não ouçam

4. Rir

Apresenta irregularidades nos seguintes tempos:

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
rio ris ri rimos rides riem	ria rias ria riamos riais riam	ri ria riamos ride riam	não rias não ria não riamos não riais não riam

Observação

O verbo **sorrir** *segue o modelo de* **rir.** *Apresenta, no entanto, duas formas na 2.ª pessoa do plural do presente do indicativo:* **sorris** e **sorrides,** *que aparece, por exemplo, neste passo:*

> *"Essas graças que tendes (vós sorrides?)*
> *Só nas flores as vejo, em mais ninguém."*
> *(A. Nobre, D, 12.)*

A dualidade de formas existe também na pessoa correspondente do imperativo, com predominância quase que absoluta de **sorri.**

5. Vir

É verbo anômalo, assim conjugado nos tempos simples:

Modo indicativo

Presente	Pretérito imperfeito	Pretérito perfeito
venho vens vem vimos vindes vêm	vinha vinhas vinha vínhamos vínheis vinham	vim vieste veio viemos viestes vieram
Pretérito mais-que-perfeito	**Futuro do presente**	**Futuro do pretérito**
viera vieras viera viéramos viéreis vieram	virei virás virá viremos vireis virão	viria virias viria viríamos viríeis viriam

Modo subjuntivo

Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
venha venhas venha venhamos venhais venham	viesse viesses viesse viéssemos viésseis viessem	vier vieres vier viermos vierdes vierem

Modo imperativo

Afirmativo	Negativo
vem venha venhamos vinde venham	não venhas não venha não venhamos não venhais não venham

Formas nominais

Infinitivo impessoal	Infinitivo pessoal	Gerúndio	Particípio
vir	vir vires vir virmos virdes virem	vindo	vindo

Observação

Por este verbo se conjugam todos os seus derivados: advir, avir, convir, desavir, intervir, provir, sobrevir.

6. Verbos terminados em *-air*

Os verbos *atrair, cair, esvair, sair, trair* e seus derivados formam o presente do indicativo e, por

conseqüência, o presente do subjuntivo e os imperativos afirmativo e negativo de modo irregular.

Sirva de modelo o verbo *sair*:

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
saio sais sai saímos saís saem	saia saias saia saiamos saiais saiam	sai saia saiamos saí saiam	não saias não saia não saiamos não saiais não saiam

Nas outras formas estes verbos são regulares.

7. Verbos terminados em *-uzir*

Os verbos assim terminados, como *aduzir, conduzir, deduzir, induzir, introduzir, luzir, produzir, reduzir, reluzir, traduzir*, etc., não apresentam a vogal -e na 3.ª pessoa do singular do presente do indicativo: (ele) *aduz, conduz, deduz, induz, introduz, luz*, etc.

Verbos unipessoais e defectivos

Há verbos que são usados apenas em alguns tempos, modos ou pessoas.

As razões que provocam a falta de certas formas verbais são múltiplas e nem sempre apreensíveis.

Muitas vezes é a própria idéia expressa pelo verbo que não pode aplicar-se a determinadas pessoas. Assim, no seu significado próprio, os verbos que exprimem fenômenos da natureza, como *chover, trovejar, ventar*, só aparecem na 3.ª pessoa do singular; os que indicam vozes de animais, como *ganir, ladrar, zurrar*, normalmente só se empregam na 3.ª pessoa do singular ou do plural.

A esses verbos chamamos unipessoais.

2. Outras vezes o desuso de uma forma verbal é ocasionado por sua pronúncia desagradável ou por prestar-se a confusão com forma de outro verbo, de emprego mais freqüente. A razões de ordem eufônica atribui-se, por exemplo, a falta da 1.ª pessoa

do singular do *presente do indicativo* e, conseqüentemente, de todas as pessoas do *presente do subjuntivo* do verbo *abolir*; pela homofonia com formas do verbo *falar*, justifica-se a inexistência das formas rizotônicas do verbo *falir*. Mas, como a própria caracterização do que é agradável ou desagradável ao ouvido é sempre difícil, pois está condicionada ao gosto pessoal, há freqüentes discordâncias entre os gramáticos em estabelecer os casos de lacuna verbal aconselhados por motivos eufônicos. Não raro, não se vislumbra mesmo razão maior do que o simples desuso de uma forma para que ela continue sendo evitada pelos que falam ou escrevem.

Aos verbos que não têm a conjugação completa consagrada pelo uso damos o nome de **defectivos**.

Feitas essas considerações preliminares, vejamos como se deixam agrupar os verbos unipessoais e os verbos defectivos do idioma.

Verbos unipessoais

1. São **unipessoais** os verbos que, em determinado sentido, só se empregam na 3.ª pessoa.

Entre os unipessoais, cumpre distinguir, em primeiro lugar, os **verbos impessoais**, que, não tendo sujeito, são invariavelmente usados na 3.ª pessoa do singular. Assim:

a) os verbos que exprimem fenômenos da natureza, como:

alvorecer	*chuviscar*	*relampejar*
amanhecer	*estiar*	*saraivar*
anoitecer	*nevar*	*trovejar*
chover	*orvalhar*	*ventar*

b) o verbo *haver*, na acepção de "existir", e o verbo *fazer*, quando indica tempo decorrido:

"*Há* três donzelas sentadas
na verde, imensa campina."
(C. Meireles, OP, 859.)

"*Fará* somente vinte e quatro horas que me deixaram aqui derreado?"
(G. Ramos, I, 47.)

c) certos verbos que indicam necessidade, conveniência ou sensações, quando regidos de preposição em frases do tipo:

Basta de reclamações!
Dói-me do lado esquerdo.

2. São também unipessoais os verbos que, pelo sentido, só admitem um sujeito da 3.ª pessoa do singular ou do plural. Assim:

a) os verbos que exprimem uma ação ou um estado peculiar a determinado animal, como *coaxar, galopar, ladrar, grazinar, pipilar, zurrar*:

> "*Os sapos coaxavam nas águas mortas...*"
> (C. Neto, S, 197.)

> "*Zumbem moscas nos tabuleiros de doce.*"
> (R. Couto, PR, 203.)

b) os verbos que indicam necessidade, conveniência, sensações, quando têm por sujeito um substantivo, ou uma oração substantiva, seja reduzida de infinitivo, seja iniciada pela integrante *que*:

> "*Urgia fundar o jornal.*"
> (M. de Assis, OC, I, 540.)

> "*Pareceu-lhe o figurão orçar pela meia idade e seu semblante ser afável posto que zombador.*"
> (A. Ribeiro, ES, 246.)

c) os verbos *acontecer, concernir, grassar* e outros, como *constar* (= ser constituído), *assentar* (= ajustar uma vestimenta), etc.:

> *Grassavam epidemias na longínqua região.*
> *Aconteceu o que não desejávamos.*
> *A blusa lhe assentou bem.*
> *A obra completa consta de três tomos.*

Observação

É claro que, em sentido figurado, tanto os verbos que exprimem fenômenos da natureza como os que designam vozes de animais podem aparecer em todas as pessoas:

> "*Anoiteço em miragem luminosa.*"
> (O. Bilac, T, 129.)

> "*Tanto ladras, rosnei com os botões, que trincas a língua.*"
> (A. Ribeiro, ES, 189.)

Por outro lado, convém não esquecer que, nos casos de personificação, como as fábulas, tais verbos podem ser empregados, com o significado próprio, em todas as pessoas.

Verbos defectivos

Os verbos defectivos que, em sua grande maioria, pertencem à 3.ª conjugação, podem ser distribuídos por dois grupos principais:

1.º grupo. Verbos que não possuem a 1.ª pessoa do presente do indicativo e, conseqüentemente, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem as formas do imperativo que delas se derivam, isto é, todas as do imperativo negativo e três do imperativo afirmativo: a 3.ª pessoa do singular e a 1.ª e 3.ª do plural.

Sirva de exemplo o verbo *banir*:

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
	—		
banes	—	bane	—
bane	—	—	—
banimos	—	—	—
banis	—	bani	—
banem	—	—	—

Pelo modelo de *banir* conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos:

abolir	*carpir*	*exaurir*	*imergir*
aturdir	*colorir*	*fremir*	*jungir*
brandir	*demolir*	*fulgir*	*retorquir*
brunir	*emergir*	*haurir*	*ungir*

2.º grupo. Verbos que, no presente do indicativo, só se conjugam nas formas arrizotônicas e não possuem, portanto, nenhuma das pessoas do presente do subjuntivo nem do imperativo negativo; e, no imperativo afirmativo, apresentam apenas a 2.ª pessoa do plural.

Sirva de exemplo o verbo *falir*:

Indicativo presente	Subjuntivo presente	Imperativo	
		afirmativo	negativo
—	—		
—	—	—	—
—	—	—	—
falimos	—	—	—
falis	—	fali	—
—	—	—	—

Pelo modelo de *falir* conjugam-se, entre outros, os seguintes verbos da 3.ª conjugação:

aguerrir	*descomedir-se*	*fornir*
combalir	*embair*	*punir*
comedir-se	*empedernir*	*renhir*
delinqüir	*foragir-se*	*remir*

bem como o verbo *adequar*, da 1.ª conjugação, e *precaver-se* e *reaver*, da 2.ª.

Outros casos de defectividade

1. Os verbos *adequar* e *antiquar* usam-se quase que exclusivamente no infinito impessoal e no particípio. *Transir* só aparece no particípio *transido*:

   Estava transido de frio.

2. *Soer* praticamente só se emprega nas seguintes formas: *sói*, *soem* (do presente do indicativo) e *soía*, *soías*, *soía*, *soíamos*, *soíeis*, *soíam* (do imperfeito do indicativo).

3. *Precaver-se*, como dissemos, só possui as formas arrizotônicas (*precavemo-nos*, *precaveis-vos*) do presente do indicativo; a 2.ª pessoa do plural (*precavei-vos*) do imperativo afirmativo; e nenhuma do subjuntivo presente e do imperativo negativo. É um verbo regular, não dependendo nem de *ver* nem de *vir*. Faz, por conseguinte, *precavi*, *precaveste*, *precaveu*, etc., no pretérito perfeito do indicativo; *precavesse*, *precavesses*, etc., no imperfeito do subjuntivo, de acordo com o paradigma dos verbos da 2.ª conjugação.

4. *Haver*, mesmo quando pessoal, não se usa na 2.ª pessoa do singular do imperativo afirmativo.

5. Há certos verbos que são desusados no particípio e, conseqüentemente, nos tempos compostos. Assim: *concernir*, *esplender* e alguns mais.

Substitutos dos defectivos

As carências de um verbo defectivo podem ser supridas pelo emprego de formas verbais ou de perífrases sinônimas. Dir-se-á, por exemplo, *redimo* e *abro falência*, em lugar da lacunosa primeira pessoa do presente do indicativo dos verbos *remir* e *falir*; *acautelo-me*, ou *precato-me*, pela equivalente pessoa de *precaver-se*; e assim por diante.

Vimos que são chamados abundantes os verbos que possuem duas ou mais formas equivalentes. Vimos também que, na quase totalidade dos casos, essa abundância ocorre apenas no particípio, o qual, em certos verbos, se apresenta com uma forma reduzida ou anormal ao lado da forma regular em -*ado* ou -*ido*.

De regra, a forma regular emprega-se na constituição dos tempos compostos da voz ativa, isto é, acompanhada dos auxiliares *ter* ou *haver*; a irregular usa-se, de preferência, na formação dos tempos da voz passiva, ou seja, acompanhada do auxiliar *ser*.

Examinemos os principais verbos abundantes no particípio.

Primeira conjugação

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
aceitar	aceitado	aceito
entregar	entregado	entregue
enxugar	enxugado	enxuto
expressar	expressado	expresso
expulsar	expulsado	expulso
isentar	isentado	isento
matar	matado	morto
salvar	salvado	salvo
soltar	soltado	solto
vagar	vagado	vago

Segunda conjugação

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
acender	acendido	aceso
benzer	benzido	bento
eleger	elegido	eleito
incorrer	incorrido	incurso
morrer	morrido	morto
prender	prendido	preso
romper	rompido	roto
suspender	suspendido	suspenso

Terceira conjugação

Infinitivo	Particípio regular	Particípio irregular
emergir	emergido	emerso
exprimir	exprimido	expresso
extinguir	extinguido	extinto
frigir	frigido	frito
imergir	imergido	imerso
imprimir	imprimido	impresso
inserir	inserido	inserto
omitir	omitido	omisso
submergir	submergido	submerso

Observações

1.ª) *Somente as formas irregulares se usam como adjetivos e são elas as únicas que se combinam com os verbos* **estar, ficar, andar, ir** *e* **vir.**

2.ª) *Além de* **aceito,** *há a forma irregular* **acei-te,** *mais usada em Portugal.*

3.ª) **Morto** *é particípio de* **morrer** *e estendeu-se também a* **matar.**

4.ª) *O particípio* **rompido** *usa-se também com o auxiliar* **ser:**

Foi rompido o nosso contrato.

Roto *emprega-se mais como adjetivo.*

5.ª) **Imprimir** *possui duplo particípio quando significa "estampar", "gravar". Na acepção de "produzir movimento", "infundir", usa-se apenas o particípio em* **-ido.**

Dir-se-á, por exemplo:

Esta obra foi impressa em São Paulo.

Mas, por outro lado:

Foi imprimida grande velocidade ao motor.

6.ª) *Pelo modelo de* **entregue,** *formou-se* **empregue,** *de uso popular.*

7.ª) *Muitos particípios irregulares, que outrora serviam para formar tempos compostos, caíram em desuso. Entre outros, estão nesse caso:* **cinto,** *do verbo* **cingir;** **colheito,** *do verbo* **colher;** **despeso,** *do verbo* **despender.** *Alguns, como* **absoluto** *(de* **absolver)** *e* **resoluto** *(de* **resolver),** *continuam na língua, mas com valor de adjetivos.*

Verbos de um único particípio irregular

Há alguns verbos da 2.ª e da 3.ª conjugação que possuem apenas particípio irregular, não tendo conhecido jamais a forma regular em *-ido.*

São os seguintes:

Infinitivo	Particípio	Infinitivo	Particípio
dizer	dito	pôr	posto
escrever	escrito	abrir	aberto
fazer	feito	cobrir	coberto
ver	visto	vir	vindo

Observações

1.ª) *Também os derivados destes verbos apresentam somente o particípio irregular. Assim,* **desdito**, *de* **desdizer**; **reescrito**, *de* **reescrever**; **contrafeito**, *de* **contrafazer**; **previsto**, *de* **prever**; **imposto**, *de* **impor**; **entreaberto**, *de* **entreabrir**; **descoberto**, *de* **descobrir**; **convindo**, *de* **convir**, *etc.*

2.ª) **Desabrido** *não é particípio regular de* **desabrir**, *mas forma reduzida de* **dessaborido**, *"sem sabor", provavelmente de origem espanhola. Usa-se apenas como adjetivo, na acepção de "rude", "violento", "descontrolado":* **palavras desabridas, ventos desabridos, discurso desabrido.**

3.ª) *Neste grupo devemos incluir três verbos da 1.ª conjugação —* **ganhar, gastar** *e* **pagar** *—, de que outrora se usavam normalmente os dois particípios. Na linguagem atual preferem-se, tanto nas construções com o auxiliar* **ser** *como naquelas em que entra o auxiliar* **ter**, *as formas irregulares* **ganho, gasto** *e* **pago**, *sendo que a última substituiu completamente o antigo* **pagado**.

Emprego dos modos e dos tempos

Vimos que modo é a propriedade que tem o verbo de indicar a atitude (de certeza, de dúvida, de suposição, de mando, etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia; e tempo, a de localizar o processo verbal no momento de sua ocorrência, referindo-o seja à pessoa que fala, seja a outro fato em causa.

Modo indicativo

Com o modo indicativo exprime-se, em geral, uma ação ou um estado considerados na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro. É, fundamentalmente, o modo da oração principal.

Emprego dos tempos do indicativo

Presente

O presente do indicativo emprega-se:

1.º) para enunciar um fato atual, isto é, que ocorre no momento em que se fala (presente momentâneo):

"Escrevo estas linhas em Paris."
(G. Amado, HMI, 67.)

"— Tia Marina, eu estou com medo!"
(A. M. Machado, JT, 33.)

"A noite paira suspensa! . . ."
(A. Boto, OA, 165.)

2.º) para indicar ações e estados permanentes ou assim considerados, como seja uma verdade científica, um dogma, um artigo de lei (presente durativo):

Os corpos caem no vácuo com igual velocidade.

A Santíssima Trindade é o mesmo Deus. Nela há três pessoas distintas e um só Deus verdadeiro.

"O marido é o chefe da sociedade conjugal, função que exerce com a colaboração da mulher, no interesse comum do casal e dos filhos." (Código Civil Brasileiro, *art.* 233).

3.º) para expressar uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito, ainda que não estejam sendo exercidas no momento em que se fala (presente habitual ou freqüentativo):

"Acordo cedo, tomo uma xícara de café, pequena, faço a barba, vou ao banho."
(G. Ramos, SB, 125.)

"Gosto muito de valsa, disse ela."
(M. de Assis, OC, I, 44.)

4.º) para dar vivacidade a fatos ocorridos no passado (presente histórico ou narrativo), como neste passo em que se descreve o marquês de Marialva, ardido de desespero, em luta vingadora com o touro que lhe matara o filho:

"Fez-se no circo um silêncio gélido...
O touro arremete contra ele... Uma e muitas vezes o investe cégo e irado, mas a destreza do marquês esquiva sempre a pancada.

Os ilhais da fera arfam de fadiga, a espuma franja-lhe a boca, as pernas vergam e resvalam, e os olhos amortecem de cansaço. O ancião zomba da sua fúria. Calculando as distâncias, frustra-lhe todos os golpes sem recuar um passo.

O combate demora-se.

A vida dos espectadores resume-se nos olhos.
Nenhum ousa desviar a vista de cima da praça.
A imensidade da catástrofe imobiliza todos."
(R. da Silva, CL, 183.)

5.º) para marcar um fato futuro, mas próximo; caso em que, para impedir qualquer ambigüidade,

se faz acompanhar geralmente de um adjunto adverbial:

> "— *Amanhã vamos passar o dia no Oiteiro.*"
> (*J. L. do Rego, ME, 62.*)

> "*Volto a semana que vem.*"
> (*M. de Andrade, PC, 315.*)

Valores afetivos

1. Ao empregarmos o presente histórico ou narrativo (denominações provenientes do seu tradicional e largo uso nas narrativas históricas), imaginamo-nos no passado, visualizando os fatos que descrevemos ou narramos. É um processo de dramatização lingüística de alta eficiência, se utilizado de forma adequada e sóbria, pois que o seu valor expressivo decorre da aparente impropriedade, de ser acidental num contexto organizado com formas normais do pretérito. O abuso que dele fazem alguns romancistas contemporâneos é contraproducente: torna invariável o estilo e, com isso, elimina a sua intensidade particular.

Como nos ensinam aqueles que o souberam usar com mestria, quando se emprega o presente histórico numa série de orações absolutas, ou coordenadas, deve a última oração conter o verbo novamente no pretérito. Veja-se, por exemplo, o final do passo que citamos e a sua continuação.

> "*De súbito solta el-rei um grito e recolhe-se para dentro da tribuna. O velho aparava a peito descoberto a marrada do touro, e quase todos ajoelharam para rezarem por alma do último marquês de Marialva.*"
> (*R. da Silva, CL, 183.*)

Observe-se, porém, que, sendo o período composto por subordinação, não se deve empregar na principal o pretérito e na subordinada o presente histórico, ou vice-versa. Exemplos clássicos, como o seguinte:

> "*Vi logo por sinais e por acenos*
> *Que com isto se alegra grandemente.*"
> (*Camões, L, V, 29.*)

não são de imitar.

2. O emprego comedido do presente para designar ação futura pode ser um meio expressivo de valioso efeito por emprestar a certeza da atualidade a um

fato por ocorrer. É particularmente sensível tal expressividade em afirmações condicionadas do tipo:

Se ele voltar amanhã, sigo com ele.
Se ele volta amanhã, sigo com ele.
Mais um passo, e és um homem morto!

3. É forma delicada de linguagem, e denota intimidade entre pessoas, um pedido feito no presente do indicativo quando, logicamente, deveria sê-lo no imperativo ou no futuro. Exemplo:

Você me resolve isto amanhã [= *Resolva-me isto amanhã* ou: *Você me resolverá isto amanhã*].

4. Para atenuar a rudeza do tom imperativo, empregamos, vez por outra, o presente do verbo *querer* seguido do infinitivo do verbo principal:

"*Quer sentar-se, minha senhora?...*"
(C. C. Branco, CC, 198.)

Pretérito imperfeito

O pretérito imperfeito designa fundamentalmente um fato passado, mas não concluído (*imperfeito* = não perfeito, inacabado). Encerra, pois, uma idéia de continuidade, de duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos, razão por que se presta especialmente para descrições e narrações de acontecimentos passados.

Empregamo-lo, pois:

1.º) quando, pelo pensamento, nos transportamos a uma época passada e descrevemos o que então era presente, como neste passo:

"*Ontem à tarde, quando o sol morria,*
A natureza era um poema santo."
(C. Alves, OC, 150.)

2.º) para indicar, entre ações simultâneas, a que se estava processando quando sobreveio a outra:

"*Era noite, quando o trem parou na Central.*"
(G. Aranha, OC, 468.)

3.º) para denotar uma ação passada habitual ou repetida (imperfeito freqüentativo):

"Erguia-se com o sol, tomava do regador, dava de beber às flores e à hortaliça; depois recolhia-se e ia trabalhar antes do almoço, que era às oito horas."

(M. de Assis, *OC*, I, 300.)

4.º) para designar fatos passados concebidos como contínuos ou permanentes:

"Andava com o ar inspirado de todos os poetas novéis que se supõem apóstolos e mártires."

(M. de Assis, *OC*, II, 221.)

"A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau."

(M. de Assis, *OC*, II, 532.)

5.º) pelo futuro do pretérito, para denotar um fato que seria conseqüência certa e imediata de outro, que não ocorreu:

"O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto virava um fazendão."

(M. Lobato, *U*, 236.)

6.º) pelo presente do indicativo, como forma de polidez para atenuar uma afirmação ou um pedido (imperfeito de cortesia):

"O senhor podia permitir que eu acendesse a minha vela na sua? Cheguei sem fósforos e, vendo que no seu quarto havia luz, vinha-lhe pedir esse favor."

(L. Barreto, *REIC*, 134.)

"— Você vem aganado!
— Vinha perguntar-lhe se conhece um sujeito de fora que lá está na eira."

(C. C. Branco, *BP*, 205.)

7.º) para situar vagamente no tempo contos, lendas, fábulas, etc. (caso em que se usa o imperfeito do verbo ser, com sentido existencial):

"Era uma vez um Poeta
Que vivia num Castelo,
Num Castelo abandonado,
Povoado só de medos..."

(J. Régio, *PDD*, 98.)

"— Era uma vez um homem submergido..."

(J. Régio, *PDD*, 114.)

Valores afetivos

1. O imperfeito é o mais rico em expressividade dos tempos do passado. A simples entoação da voz pode, em certos casos, alterar o sentido de enunciados, na aparência equivalentes, em que ele ocorre. Sirva de exemplo uma frase como a seguinte:

Dormia quando ele fechou a porta.

Pronunciada sem pausa da voz antes de *quando*, ela indica tão-somente a simultaneidade das duas ações, a de *dormir* e a de *fechar a porta*. Não cogitamos de saber se a primeira ação continuou ou não depois de acontecida a segunda. A existência de uma pausa entre *dormia* e *quando* é, porém, suficiente para realçar o conteúdo significativo da segunda oração, que passa a encerrar o fato predominante do contexto — o de *fechar a porta* —, que, subentendemos, interrompeu ação expressa pelo verbo *dormir*. Um terceiro efeito poderíamos obter do exemplo em exame, se lhe omitíssemos a conjunção *quando*:

Dormia; ele fechou a porta.

O imperfeito adquiriria então um matiz causal, e a frase assumiria o sentido aproximado de:

[Porque] eu dormia, ele fechou a porta.

2. Por expressar um fato inacabado, impreciso, em contínua realização na linha do passado para o presente, o imperfeito é, como dissemos, o tempo que melhor se presta a descrições e narrações, sendo de notar que nas narrações serve menos para enumerar os fatos do que para explicá-los com minúcias.

Com os escritores naturalistas este imperfeito descritivo assume importância capital na língua literária e, hoje, é um dos recursos expressivos mais eficazes de que dispõem os nossos romancistas.

3. Relevância particular tem o imperfeito do indicativo no chamado discurso indireto livre, em que autor e personagem se confundem na narração viva de um fato. Leia-se o que, a propósito de tal meio de expressão, escrevemos no Capítulo XII.

4. Além dos empregos a que nos referimos, o imperfeito pode ter outros, já que, sendo um tempo relativo, o seu valor temporal é comandado pelos verbos com os quais se relaciona ou pelas expressões temporais que o acompanham. Nos casos em que a época

ou a data em que ocorre a ação vem claramente mencionada, ele pode indicar até um só fato preciso. Assim:

> "*Dentro em pouco os capinhas, salvando a pulos as trincheiras, fugiam à velocidade espantosa do animal...*"
> (R. da Silva, CL, 177.)

> "*Em um momento do século XVII colocava-se o autor da* **Ulisséia** *acima do Camões!*"
> (J. Ribeiro, PE, 8.)

Pretérito perfeito

Ao contrário do que ocorre em algumas línguas românicas, há em português clara distinção no emprego das duas formas do pretérito perfeito: a simples e a composta, constituída do presente do indicativo do auxiliar *ter* e do particípio do verbo principal.

A forma simples indica uma ação que se produziu em certo momento do passado. É a que se emprega para "descrever o passado tal como aparece a um observador situado no presente e que o considera do presente":

> "*Sentei-me no chão, deitei-me na relva e me esqueci do mundo.*"
> (J. L. do Rego, MVA, 301.)

> "*Vi-te uma vez, e estremeci de medo...*"
> (O. Bilac, T, 162.)

A forma composta exprime geralmente a repetição de um ato ou a sua continuidade até o presente em que falamos:

> "*E coisas assim se têm repetido constantemente nestes últimos tempos.*"
> (A. F. Schmidt, F, 252.)

> "*Eu filho da Utopia e primo do Ideal*
> *Tenho estado rimando esta canção florida,*
> *Que seria melhor, não sendo tão comprida.*"
> (G. Junqueiro, MF, 166.)

Em síntese:

O pretérito perfeito simples, denotador de uma ação completamente concluída, afasta-se do presente; o pretérito perfeito composto, expressão de um fato repetido ou contínuo, aproxima-me do presente.

Observações

1.ª) Para exprimir uma ação repetida ou contínua, o pretérito perfeito simples exige sempre o acompanhamento de advérbios ou locuções adverbiais, como várias vezes, muitas vezes, freqüentemente, sempre, todos os dias, *etc. Assim:*

> *"Aludi várias vezes ao revestimento exterior de divindade com que se apresentava habitualmente Aristarco."*
>
> *(R. Pompéia, A, 81.)*

Em tais casos, a idéia de repetição ou de continuidade é dada não pelo verbo mas pelo advérbio que o modifica.

2.ª) Na linguagem coloquial não é raro o emprego do pretérito perfeito simples pelo futuro do presente composto. Assim:

> *Quando ele vier, já saí [= terei saído].*

Distinções entre o pretérito imperfeito e o perfeito

Convém ter presentes as seguintes distinções de emprego do pretérito imperfeito e do pretérito perfeito simples do indicativo:

a) o pretérito imperfeito exprime o fato passado habitual; o pretérito perfeito, o não habitual:

> *Quando eu chegava, ela saía.*
> *Quando eu cheguei, ela saiu.*

b) o pretérito imperfeito exprime a ação durativa, e não a limita no tempo; o pretérito perfeito, ao contrário, indica a ação momentânea, definida no tempo. Comparem-se estes dois exemplos:

> *"Raimundo acendia as velas, ia buscar a marimba, caminhava para o jardim, onde se sentava a tocar e a cantarolar baixinho umas vozes de África, memórias desmaiadas da tribo em que nascera."*
>
> *(M. de Assis, OC, I, 301.)*

> *"Mas o pequeno esperneou acuado, depois sossegou, deitou, fechou os olhos."*
>
> *(G. Ramos, VS, 43.)*

Pretérito mais-que-perfeito

O pretérito mais-que-perfeito indica uma ação que ocorreu antes de outra ação já passada:

> *"Foi ao gabinete do marido, que já devorara cinco ou seis jornais, escrevera dez cartas e retificava a posição de alguns livros nas estantes."*
>
> *(M. de Assis, OC, I, 721.)*

"Saímos então para ver de perto o que o rio tinha feito."

(J. L. do Rego, ME, 31.)

Além desse valor normal, o mais-que-perfeito pode denotar:

a) um fato vagamente situado no passado, em frases como as seguintes:

"Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos."

(M. Lobato, N, 3.)

b) um fato passado em relação ao momento presente, quando se deseja atenuar uma afirmação ou um pedido:

Tinha vindo para pedir-lhe uma explicação.

Na linguagem literária emprega-se, vez por outra, o mais-que-perfeito simples em lugar:

a) do futuro do pretérito (simples ou composto):

"Sem Tabira dos Lusos, que fora?" [= *seria*]

(G. Dias, PCPE, 240.)

Um pouco mais de sol — e fora [= *teria sido*] *brasa,*
Um pouco mais de azul — e fora [= *teria sido*] *além.*
Para atingir, faltou-me um golpe de asa..."

(M. de Sá-Carneiro, P, 69.)

b) do pretérito imperfeito do subjuntivo:

"Daí por diante, Cipriano, a pretexto disto, ou daquilo, proferia exclamações, soltava meias frases, como se falara consigo mesmo, pois não se voltava para s'Aninha."

(A. Arinos, OC, 308.)

Na linguagem corrente este emprego fixou-se em certas frases exclamativas:

Quem me dera! [= *Quem me desse!*]
Prouvera a Deus! [= *Prouvesse a Deus!*]

Exemplos literários:

"Quem me dera ser como Casimiro Lopes?"
(G. Ramos, SB, 207.)

"Prouvera a Deus que eu não soubesse tanto!"
(F. Pessoa, OP, 544.)

Futuro do presente

Possui uma forma simples e outra composta

Futuro do presente simples

Emprega-se:

1.º) para indicar fatos certos ou prováveis, posteriores ao momento em que se fala:

"Apaixonadamente
Eu me defenderei!"
(M. de Andrade, PC, 262.)

"Não me queixarei nem terei motivos para isso."
(G. Dias, PCPE, 813.)

2.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos atuais:

"Falo a mim mesmo: 'onde andará toda essa gente?
Por que não me vem ver? Estarei diferente?
A minha mãe: onde andará que não responde?' "
(O. Mariano, TVP, II, 424.)

"Quem saberá do seu destino agora?"
(G. Dias, PCPE, 276.)

3.º) como forma polida de presente:

"Direis agora: — Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo? —
E eu vos direi: — Amai para entendê-las!"
(O. Bilac, P, 51.)

4.º) como expressão de uma súplica, de um desejo, de uma ordem, caso em que o tom de voz pode atenuar ou reforçar o caráter imperativo:

"*Lerás porém algum dia*
Meus versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados..."
(G. Dias, PCPE, 273.)

"— *Ah! meu filho, ferir a um mestre é como ferir ao próprio pai, e os parricidas serão malditos.*"
(R. Pompéia, A, 191.)

Não matarás.

5.º) nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos de realização provável:

"*Vem, dizia ele na última carta; se não vieres depressa, acharás tua mãe morta!*"
(M. de Assis, OC, I, 444.)

Observações

1.ª) Convém atentar nos efeitos estilísticos opositivos: se o emprego do presente pelo futuro empresta ao fato a idéia de certeza, o uso do futuro pelo presente provoca efeito contrário, por transformar o certo em possível.

2.ª) Em alguns escritores modernos, vai encontrando guarida o emprego do futuro para indicar que uma ação foi posterior a outra no passado. Assim:

João casou-se em 1930, mas Antônio esperará ainda cinco anos para constituir família.

Tal uso se assemelha ao do presente histórico.

Substitutos do futuro do presente simples

Na língua falada o *futuro simples* é de emprego relativamente raro. Prefere-se, na conversação, substituí-lo por locuções constituídas:

a) do presente do indicativo do verbo *haver* + preposição *de* + infinitivo do verbo principal, para exprimir a intenção de realizar um ato futuro:

"*Desço ao quintal... Que rosas*
Hei-de colher?!"
(J. Régio, CL, 25.)

b) do presente do indicativo do verbo *ter* + preposição *de* + infinitivo do verbo principal, para indicar uma ação futura de caráter obrigatório, independente, pois, da vontade do sujeito:

"Não sou mais extenso porque tenho de atender a todo o instante ao doentinho que exige agora toda a nossa atenção."
(E. da Cunha, OC, II, 617.)

c) do presente do indicativo do verbo *ir* + infinitivo do verbo principal, para indicar uma ação futura imediata:

"— Parece que vai sair o Santíssimo, disse alguém no ônibus."
(M. de Assis, OC, I, 759.)

Futuro do presente composto

Emprega-se:

1.º) para indicar que uma ação futura estará consumada antes de outra:

Quando voltares, já terei concluído o trabalho.

Quando ele conseguir entrar, já terá terminado a cerimônia.

2.º) para exprimir a certeza de uma ação futura:

"— Pelágio! se dentro de oito dias não houvermos voltado, ora a Deus por nós, que teremos dormido o nosso último sono, e chora por tua irmã, cujo cativeiro já ninguém, provavelmente, quebrará, senão o anjo da morte."
(A. Herculano, E, 180.)

3.º) para exprimir a possibilidade de um fato passado:

"E quem vai saber agora
o que se terá passado?"
(C. Meireles, OP, 786.)

"Terá parado, o maldito relógio? Terá batido enquanto me ausentei, consumi séculos da cama para aqui?"
(G. Ramos, I, 12.)

Futuro do pretérito

Também possui uma forma simples e outra composta

Futuro do pretérito simples

Emprega-se:

1.º) para designar ações posteriores à epoca de que se fala:

> "*O essencial, o que me* consolaria *e me* engrandeceria, *o que me* justificaria *aos meus próprios olhos* seria *ter eu alcançado a graça de ouvir a música que se cristalizou nesta floresta de mármore.*"
>
> (*A. F. Schmidt, AP, 81.*)

> "*Isto foi em 1929. Stresemann* morreria *dois meses depois da Conferência.*"
>
> (*G. Amado, DP, 88.*)

2.º) para exprimir a incerteza (probabilidade, dúvida, suposição) sobre fatos passados:

> "*A que distância* estaríamos?"
>
> (*G. Amado, HMI, 36.*)

> "*Era mulher de idade incerta, que* andaria *pela casa dos cinqüenta.*"
>
> (*R. M. F. de Andrade, V, 95.*)

3.º) como forma polida de presente, em geral denotadora de desejo:

> "Seríeis *capazes, minhas Senhoras,*
> *De amar um homem deste feitio?*"
>
> (*A. Nobre, Só, 79.*)

4.º) em certas frases interrogativas ou exclamativas, para denotar surpresa ou indignação:

> "*O nosso amor morreu . . . Quem o* diria?"
>
> (*F. Espanca, S, 168.*)

> "Seria *possível que assim se desvanecessem as esperanças da iminente vitória da verdade à calúnia, urdida contra o pobre moço! . . .*"
>
> (*D. Olímpio, LH, 158.*)

5.º) nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos que não se realizaram e que provavelmente não se realizarão:

> "*Se o encontrasse na rua,* passaria *indiferente.*"
>
> (*G. Ramos, I, 172.*)

> "*Se soubesse rezas compridas para se livrar daquilo,* rezaria *todas.*"
>
> (*J. L. do Rego, MR, 198.*)

Futuro do pretérito composto

Emprega-se:

1.º) para indicar que um fato teria acontecido no passado, mediante certa condição:

— "*Este é que teria sido, se quisesse, o príncipe dos prosadores.*"
(*R. M. F. de Andrade, V, 109.*)

"*Se José Lins do Rego fosse vivo, já teria derramado o coração num artigo.*"
(*M. Bandeira, AA, 314.*)

2.º) para exprimir a possibilidade de um fato passado:

"*Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa?*"
(*M. de Assis, OC, II, 471.*)

"*Coração dos Outros não teve ânimo de responder; adivinhava uma cena violenta que ele teria querido evitar; mas Olga adiantou-se.*"
(*L. Barreto, TFPQ, 294.*)

3.º) para indicar a incerteza sobre fatos passados, em certas frases interrogativas que podem dispensar a resposta do interlocutor:

"*Para onde teria ido?*"
(*J. L. do Rego, E, 281.*)

"*De que mundo misterioso teria vindo meu [canário...*"
(*A. Tavares, PC, 216.*)

Modo subjuntivo

Indicativo e subjuntivo

1. Quando nos servimos do modo indicativo, consideramos o fato expresso pelo verbo como *certo*, *real*, seja no presente, seja no passado, seja no futuro.

Ao empregarmos o modo subjuntivo, é diversa a nossa atitude. Encaramos, então, a existência ou não existência do fato como uma coisa *incerta*, *duvidosa*, *eventual*, ou, mesmo, *irreal*.

Comparem-se, por exemplo, estas frases:

Tempo	Modo indicativo	Modo subjuntivo
Presente Imperfeito	Creio que ele **vem**. Disse que ele **voltava**.	Duvido que ele **venha**. Desejei que ele **voltasse**.

2. Em decorrência dessas distinções, podemos estabelecer os seguintes princípios gerais, norteadores do emprego dos dois modos nas orações subordinadas substantivas:

1.º) O indicativo é usado geralmente nas orações que completam o sentido de verbos como *afirmar, compreender, comprovar, crer* (no sentido afirmativo), *dizer, pensar, ver, verificar.*

2.º) O subjuntivo é o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado à idéia de ordem, de proibição, de desejo, de vontade, de súplica, de condição e outras correlatas. É o caso, por exemplo, dos verbos *desejar, duvidar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, querer, rogar* e *suplicar.*

Emprego do subjuntivo

Como o próprio nome indica, o subjuntivo (do latim *subjunctivus* "que serve para ligar, para subordinar") denota que uma ação, ainda não realizada, é concebida como dependente de outra, expressa ou subentendida. Daí o seu emprego normal na oração subordinada. Quando usado em orações absolutas, ou orações principais, envolve sempre a ação verbal de um matiz afetivo que acentua fortemente a expressão da vontade do indivíduo que fala.

Subjuntivo independente

Empregado em orações absolutas, em orações coordenadas ou em orações principais, o subjuntivo pode exprimir, além das noções imperativas que examinaremos adiante:

a) um desejo, um anelo:

"*Deus os leve! Deus os traga!...*"
(*S. Lopes Neto, CGLS, 173.*)

"*Rolem trenos no oceano e alegrias no vento!*"
(*O. Bilac, T, 166.*)

b) uma hipótese, uma concessão:

"*Imaginemos uma dama e um pajem:*"
(*B. Lopes, P, 41.*)

"*Não façam cerimônia: suponham que estão em suas casas... Haja liberdade.*"
(*M. Pena, T, I, 44.*)

c) uma dúvida (geralmente precedido do advérbio *talvez*):

> *"Talvez o mundo nascesse certo."*
> *(C. Meireles, OP, 237.)*

> *"Talvez seu juízo seja diferente."*
> *(M. de Assis, OC, I, 365.)*

d) uma ordem, uma proibição (na 3.ª pessoa):

> *"— Que esta alucinação táctil não cresça!"*
> *(A. dos Anjos, Eu, 95.)*

> *"Que eu não sinto o coração!"*
> *(F. Pessoa, OP, 78.)*

e) uma exclamação denotadora de indignação:

> *"Raios partam tal malandro!"*
> *(M. de Sá-Carneiro, CFP, II, 121.)*

> *"— Diabos o levem, Dedê!"*
> *(A. Ribeiro, M, 166.)*

Observações

1.ª) Vemos que estas orações geralmente se iniciam por **que,** *partícula de classificação difícil, pois o seu valor, no caso, é mais afetivo do que lógico. É uma espécie de prefixo conjuncional, peculiar ao subjuntivo.*

2.ª) A exclamação **viva!** *é um antigo subjuntivo, que outrora concordava sempre com o seu sujeito. Hoje a concordância é facultativa, porque o singular adquiriu o valor de interjeição:*

Viva os campeões!
Vivam os campeões!

Subjuntivo subordinado

O subjuntivo é por excelência o modo da oração subordinada. Emprega-se tanto nas subordinadas substantivas, como nas adjetivas e nas adverbiais.

Nas orações substantivas

Usa-se geralmente o subjuntivo quando a oração principal exprime:

a) a *vontade* (nos matizes que vão do comando ao desejo) com referência ao fato de que se fala:

"Querem que *experimentemos* uma valsa figurada!"

(A. Arinos, OC, 564.)

"Não podia admitir que *viessem* à sua vista ensebar as instituições!"

(R. Pompéia, A, 132.)

b) um *sentimento*, ou uma *apreciação* que se emite com referência ao próprio fato em causa:

"Seria melhor que o homem *tivesse feito* artigos."

(G. Ramos, I, 165.)

"Não julguei que a incisão *tivesse sido* profunda."

(G. Ramos, I, 40.)

c) a *dúvida* que se tem quanto à realidade do fato enunciado:

"Receio muito que assim *aconteça*."

(M. de Assis, OC, I, 1375.)

"Podia ser que *quisesse* mesmo fazer-se deputado."

(J. L. do Rego, U, 159.)

Nas orações adjetivas

O subjuntivo é de regra nas orações adjetivas que exprimem:

a) um fim que se pretende alcançar, uma conseqüência:

Aguardo uma oportunidade que me permita uma transferência de posto.

b) um fato improvável (caso freqüente quando a principal é interrogativa, negativa ou restritiva):

Pensaste em alguém que pudesse substituir-te?

Não houve ninguém que aceitasse o encargo.

Conheci poucos indivíduos que tivessem tanta consciência do dever.

c) uma hipótese, uma conjetura:

Se te oferecerem um emprego que te convenha deves aceitá-lo.

Alguém que houvesse sofrido uma injustiça compreenderia seu gesto.

Nas orações adverbiais

1. Nas orações subordinadas adverbiais, o subjuntivo, em geral, não tem valor próprio. É um mero instrumento sintático de emprego regulado por certas conjunções.

Em princípio, podemos dizer que o subjuntivo é de regra depois das conjunções:

a) causais, que negam a idéia da causa (*não porque, não que*):

"O certo é que **O País** *estava morto. Mas não porque sua colaboração literária tivesse baixado de qualidade ou porque o seu noticiário já não fosse tão bem arranjado."*
(G. Amado, PP, 298.)

b) concessivas (*embora, ainda que, conquanto, posto que, mesmo que, se bem que,* etc.);

"Realmente saímos com alguma precipitação, embora estivesse eu curioso de ver o resto."
(J. Ribeiro, FE, 23.)

"Mesmo que pegasse mais outros fornecedores da Bom Jesus, ela teria recursos para o norte, expandindo-se."
(J. L. do Rego, U, 160.)

c) finais (*para que, a fim de que, porque*):

"Depois insistiu com ela para que entrasse."
(M. de Assis, OC, I, 291.)

d) temporais, que marcam a anterioridade (*antes que, até que* e semelhantes):

"Escondia-me no fundo da canoa até que ele fosse para longe."
(J. L. do Rego, MVA, 38.)

2. Usa-se também o subjuntivo, em razão de ser o modo do eventual e do imaginário, nas:

a) orações comparativas iniciadas pela hipotética *como se*:

"Muitas vezes viajavam por esses desertos, descuidados e imprevidentes, como se nada devessem recear."
(A. Arinos, OC, 613.)

"*Dona Olívia olhava para cada um como se quisesse nos reconhecer.*"
(J. L. do Rego, MVA, 209.)

b) orações condicionais, em que a condição é irrealizável ou hipotética:

"*Se o mal fosse de natureza objetiva, estaríamos definitivamente perdidos, a menos que o meio se transformasse.*"
(G. Ramos, LT, 256.)

"*Se pudesse haver epopéia nacional, esta seria sem dúvida a dos bandeirantes.*"
(A. Arinos, OC, 613.)

c) orações consecutivas que exprimem "simplesmente uma concepção, um fim a que se pretende ou pretenderia chegar, e não uma realidade": [1]

Procure agir de maneira que agrade a todos.

Não faça planos tão ambiciosos que não os possa realizar.

Substitutos do subjuntivo

Por vezes a construção com o subjuntivo é pesada ou malsoante. Convém, nesses casos, substituí-la por uma forma expressional equivalente.

Entre os substitutos possíveis do subjuntivo, devem ser mencionados:

1. O infinitivo. Comparem-se estas frases:

O professor deixou que o aluno escrevesse livremente.
O professor deixou o aluno escrever livremente.

Aconselhava sempre os funcionários a que respondessem a todos com urbanidade.
Aconselhava sempre os funcionários a responderem a todos com urbanidade.

2. O gerúndio, principalmente nas orações condicionais. Comparem-se estas frases:

---

1) Epifânio Dias. *Gramática portuguesa*. 3.ª ed. Porto. 1880. p. 129.

Se comprasses em quantidade, farias economia.

Comprando em quantidade, farias economia.

Se formos por aqui, chegaremos mais depressa.

Indo por aqui, chegaremos mais depressa.

3. Um substantivo abstrato. Comparem-se estas frases:

Espero que retornes breve.

Espero teu retorno breve.

Desejo que ele triunfe.

Desejo o seu triunfo.

4. Uma construção elíptica. Comparem-se estas frases:

Quer sejam crentes ou ateus, quer sejam sábios ou ignorantes, são todos criaturas de Deus.

Crentes ou ateus, sábios ou ignorantes, são todos criaturas de Deus.

Se fosse de ouro, o anel não se oxidaria.

De ouro, o anel não se oxidaria.

Observação

Quanto à substituição do imperfeito do subjuntivo pelo mais-que-perfeito do indicativo, veja-se o que dissemos ao tratar deste tempo.

Tempos do subjuntivo

A modalidade subjuntiva é, por princípio, uma modalidade de oposição à modalidade indicativa. Logo, "os tempos do subjuntivo não representam noções de época da forma por que o fazem os do indicativo. Pode-se, no entanto, falar de certos hábitos de concordância dos tempos, que não procedem de um automatismo rígido e puramente formal, antes resultam do funcionamento de mecanismos delicados e complexos". [1]

Feita essa advertência, examinemos os principais valores dos tempos do subjuntivo.

---

1) Gérard Moignet. *Essai sur le mode subjonctif en latin post-classique et en ancien français*, I. Paris-Alger. 1959. p. 131.

Presente

O *presente do subjuntivo* pode indicar um fato:

a) presente:

"*É melhor que eu não minta a você.*"
(A. F. Schmidt, AP, 63-4.)

b) futuro:

Deus a conserve assim, coitadinha, tão boa que ela é!"
(A. Arinos, OC, 595.)

Pretérito imperfeito

O *imperfeito do subjuntivo* pode ter o valor:

a) de passado:

"*Mas, mesmo se João Laje não saísse da redação e não largasse a sua mesa, estaria condenado da mesma maneira.*"
(G. Amado, PP, 298.)

b) de futuro:

"*Era provável que a ocasião aparecesse.*"
(M. de Assis, OC, II, 515.)

"*Deus não consentiu que ele atingisse a glória tribunícia.*"
(A. F. Schmidt, AP, 47.)

c) de presente:

"*Tivesses coração, terias tudo. . .*"
(G. Passos, VS, 166.)

Pretérito perfeito

O *pretérito perfeito do subjuntivo* pode exprimir um fato:

a) passado (supostamente concluído):

"*Impossível dizer que o romancista haja procedido mal.*"
(G. Ramos, LT, 119.)

b) futuro (terminado em relação a outro fato futuro):

Espero que o marceneiro tenha terminado a obra, quando chegarmos.

Pretérito mais-que-perfeito

O pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo pode indicar:

a) uma ação anterior a outra ação passada (dentro do sentido eventual do modo subjuntivo):

"*Se ele tivesse escutado os conselhos do capitão Barros, seria um homem.*"
(*G. Ramos, I, 107.*)

b) uma ação irreal no passado:

"*— Diga-me; acredita que Lúcia tivesse gostado do senhor?*"
(*A. Peixoto, RC, 202.*)

Futuro simples

O futuro do subjuntivo simples marca a eventualidade no futuro, e emprega-se em orações subordinadas:

a) adverbiais (condicionais, conformativas e temporais), cuja principal vem enunciada no futuro ou no presente:

Se puder, voltarei.
Se puder, volte amanhã.

Agirei conforme decidires.
Aja como lhe aprouver.

Quando quiser, partiremos.
Quando quiser partir, diga-me.

b) adjetivas, dependentes de uma principal também enunciada no futuro ou no presente:

Não faltarei aos que me apoiarem neste momento.
Não faltes aos que te apoiarem neste momento.

Futuro composto

O futuro do subjuntivo composto indica um fato futuro como terminado em relação a outro fato futuro (dentro do sentido geral do modo subjuntivo):

"*D. Sancha, peço-lhe que não leia este livro; ou, se o houver lido até aqui, abandone o resto.*"
(*M. de Assis, OC, I, 855.*)

Modo imperativo

Formas do imperativo

1. Há em português, como sabemos, dois imperativos: um *afirmativo*, outro *negativo*.

O imperativo afirmativo possui formas próprias somente para as segundas pessoas do singular (sujeito *tu*) e do plural (sujeito *vós*). As demais pessoas são expressas pelas formas correspondentes do presente do subjuntivo.

O imperativo negativo não tem nenhuma forma própria. É integralmente suprido pelo presente do subjuntivo.

2. Como no imperativo o indivíduo que fala se dirige a um interlocutor, só admite este modo as pessoas que indicam *aquele a quem se fala*, isto é:

a) as 2.as pessoas do singular e do plural;

b) as 3.as pessoas do singular e do plural quando o sujeito é expresso por pronome de tratamento, como *você*, *o senhor*, *Vossa Senhoria*, etc.

c) a 1.a pessoa do plural, que no caso denota estar o indivíduo que fala disposto a associar-se ao cumprimento da ordem, conselho ou súplica que dirige a outros.

3. Cumpre distinguir das correspondentes do imperativo certas formas do presente do subjuntivo empregadas sem a anteposição do *que*. O imperativo, no caso, exprime ordem, ou exortação; o subjuntivo, desejo ou anelo.

Cubram o rosto! (imperativo)
Cubram de rosas o seu caminho! (subjuntivo)

Emprego do modo imperativo

1. Embora a palavra imperativo esteja ligada, pela origem, ao latim *imperare*, "comandar", não é para ordem ou comando que, na maioria dos casos, nos servimos desse modo. Há, como veremos, outros meios mais eficazes para expressarmos tal noção. Quando empregamos o imperativo, em geral, temos o intuito de exortar o nosso interlocutor a cumprir a ação indicada pelo verbo. É, pois, mais o modo da exortação, do conselho, do convite, do que propriamente do comando, da ordem.

2. Tanto o imperativo afirmativo como o negativo usam-se somente em orações absolutas, em orações principais, ou em orações coordenadas. Ambos podem exprimir:

a) uma ordem, um comando:

"... *Abre* essa rede,
Abre essa rede, digo-te."
(F. Varela, PC, I, 203.)

"... Mísero cão!
Humilha-te, *abaixa*-te"...
(F. Varela, PC, I, 194.)

b) uma exortação, um conselho:

"*Dorme. Sonha. Desperta.* Da colmeia
nasce a manhã de mel contra a janela.
Fecha a cancela
e *vai*. Há sol nos frutos dos pomares."
(G. de Almeida, PV, 23-24.)

"Não *clameis* por sua sorte!"
(C. Meireles, OP, 641.)

c) um convite, uma solicitação:

"Amada, *vem! acende* o teu sorriso,
porque em minha alma anoiteceu..."
(T. da Silveira, PC, 305.)

"*Vinde* e *contemplai*-nos, que entardece."
(C. Meireles, OP, 318.)

d) uma súplica:

"Pela noite escura implora:
"*Valei*-me, Nossa Senhora!"
(A. de Oliveira, Post., 72.)

"*Deixai*-me dormir agora."
(T. da Silveira, PC, 365.)

3. Emprega-se também o imperativo, para sugerir uma hipótese, em lugar de asserções condicionadas expressas por se + futuro do subjuntivo:

"*Tirai* do mundo a mulher, e a ambição desaparecerá de todas as almas generosas."
(A. Herculano, E, 74.)

[= Se tirardes do mundo a mulher, a ambição desaparecerá de todas as almas generosas.]

Suprima a vírgula, e o sentido ficará mais claro.
[= Se suprimir a vírgula, o sentido ficará mais claro.]

Note-se que a voz se eleva no fim da primeira oração, e retoma a segunda em tom sensivelmente mais baixo.

4. Esses diversos valores dependem do significado do verbo, do sentido geral do contexto e, principalmente, da entoação que dermos à frase imperativa. Por exemplo, em frases como:

> *"Fala e deixa-me."*
> (F. Varela, PC, I, 200.)

> *"Venha cá depressa."*
> (M. Pena, T, I, 41.)

conforme o tom da voz, a noção de comando pode enfraquecer-se até chegar à de súplica.

5. Pondere-se ainda que o imperativo é enunciado no tempo presente, mas na realidade este "presente do imperativo" tem valor de um futuro, pois a ação que exprime está por realizar-se.

Substitutos do imperativo

A língua nos oferece outros meios para exprimir os diversos matizes apresentados pelo imperativo. Assim:

1. Uma ordem pode ser enunciada por frases nominais, ou por simples interjeições:

Fogo! Silêncio! Avante! Mãos ao alto!

Saliente-se, porém, que nessas frases, em que a supressão do verbo reforça o tom de comando, as palavras ou locuções vocabulares perdem o seu valor próprio para denotar uma idéia verbal de ação. Podemos, portanto, estabelecer as seguintes equivalências:

Fogo! [= *Atire! Faça fogo!*]
Silêncio! [= *Cale-se! Faça silêncio!*]
Avante! [= *Siga avante!*]
Mãos ao alto! [= *Levante as mãos! Ponha as mãos ao alto!*]

2. Certos tempos do indicativo, como dissemos ao estudarmos este modo, podem ser utilizados com valor de imperativo.

Assim:

a) com o presente atenuamos a rudeza da forma imperativa:

Você vem comigo. [= *Venha você comigo.*]
O senhor me resolve a questão. [= *Resolva-me a questão.*]

b) com o futuro do presente simples atenuamos ou reforçamos o caráter imperativo de frases do tipo:

Você seguirá comigo. [= *Siga comigo.*]
Não matarás. [= *Não mates.*]

de acordo com a entoação que lhes emprestarmos.

3. O imperfeito do subjuntivo transforma a ordem numa simples sugestão em frases interrogativas como as seguintes:

"*E se tentasses compreender?*" [= *Tenta compreender.*]
(*J. Régio, SM, 275.*)

Se falasses mais baixo!? [= *Fala mais baixo!*]

4. Com o valor de imperativo impessoal, usam-se:

a) o infinitivo (principalmente na expressão de um comando, de uma proibição):

Marchar!

Direita, volver!

Não pisar na grama.

Não assinar a prova.

b) o gerúndio (construção elíptica, freqüente na linguagem popular):

Andando! [= *Vá andando! Ande!*]

Correndo! [= *Vá correndo! Corra!*]

5. Ressalta sobremaneira o sentido do verbo a perífrase formada de *ir* ou *vir* (no imperativo) e do verbo principal (no infinitivo):

"*Não confessei cousa alguma; e não vá por isso adoecer outra vez.*"
(J. de Alencar, *OC*, IV, 424.)

"*— Não venha me dizer que está arrependido.*"
(A. M. Machado, *JT*, 115.)

6. Em frases de entoação interrogativa, usa-se não raro o infinitivo do verbo que exprime a ordem antecedido de formas do presente ou do imperfeito do indicativo dos verbos *querer* e *poder*:

Quer retirar-se? [= *Retire-se!*]
Podia fechar a porta? [= *Feche a porta!*]

7. Para se fazer sentir a intervenção do indivíduo que fala, costuma-se subordinar o verbo denotador da ação que deve ser cumprida a outro verbo, o qual marca a vontade do locutor:

Desejo que retornes cedo. [= *Retorna cedo.*]
Ordeno-te que partas imediatamente. [= *Parte imediatamente.*]

Reforço ou atenuação da ordem

Além dos processos que examinamos, dispõe a língua de variados recursos estilísticos para reforçar ou atenuar a vontade expressa pelo imperativo. A sua eficácia, porém, está sempre condicionada ao tom de voz, que é, nas formas afetivas da linguagem, um elemento essencial.

Reforço

Pode também ser obtido pelo emprego:

a) da forma verbal repetida:

"*Deixem-me, deixem-me pelas chagas de Cristo!*"
(C. C. Branco, *BP*, 371.)

b) de um advérbio, de uma expressão de insistência, ou de imprecações:

"*— Fala, mulher, pelo amor de Deus.*"
(D. Olímpio, *LH*, 88.)

"— *Peste! Vai para o inferno!*"
(*J. L. do Rego, E, 67.*)

"— *Ora, vá-se com os diabos, não seja tolo.*"
(*M. Pena, T, I, 42.*)

c) da 3.ª pessoa do subjuntivo aplicada ao interlocutor:

"*Pega... Pega... Lá se foi... Que o leve o diabo.*"
(*M. Pena, T, I, 36.*)

Atenuação

Por dever social e moral, geralmente evitamos ferir a suscetibilidade de nosso interlocutor com a rudeza de uma ordem. Entre os numerosos meios de que nos servimos para enfraquecer a noção de comando, devemos ressaltar (além dos já estudados), pela sua eficiência, o emprego de fórmulas de polidez ou de civilidade, tais como: *por favor, por gentileza, digne-se de, tenha a bondade de,* **etc.**:

"*Faz-me o favor, assente-se.*"
(*M. Pena, T, I, 225.*)

"*Tenha a bondade de contar.*" [= Conte.]
(*J. de Alencar, OC, I, 1.205.*)

É claro que também aqui o tom de voz é de suma importância. Qualquer dessas frases pode, não obstante as fórmulas de cortesia empregadas, tornar-se rude e seca, ou mesmo insolente, com a simples mudança de entoação.

Emprego das formas nominais

1. As formas nominais do verbo identificam-se pelo fato de não poderem exprimir por si nem o tempo nem o modo. O seu valor temporal e modal está sempre em dependência do contexto em que aparecem.

Características gerais

2. Distinguem-se, fundamentalmente, pelas seguintes peculiaridades:

a) o infinitivo apresenta o processo verbal em potência; exprime a idéia da ação, aproximando-se, assim, do substantivo:

"*Sofrer por sofrer,*
Somente eu sofria."
(*C. Meireles, OP, 581.*)

"*Para alguns, querer é poder.*"
(*J. Ribeiro, CD, 94.*)

b) o gerúndio apresenta o processo verbal em curso e desempenha funções exercidas pelo advérbio ou pelo adjetivo:

"Abrindo as grandes asas fulgurantes,
A Esperança tomou-me os braços hirtos..."
(A. de Guimaraens, OC, 150.)

c) o particípio apresenta o resultado do processo verbal; acumula as características de verbo com as de adjetivo, podendo, em certos casos, receber como este as desinências *-a* de feminino e *-s* de plural:

"Tens os olhos encovados,
De fundos visos cercados,
Sinistros sulcos deixados
Por atros vícios talvez;
A fronte escura e abatida,
Roxa a boca comprimida,
A face magra tingida
Da morte na palidez."
(F. Varela, PC, I, 211.)

3. Acrescente-se, ainda, que:

a) o infinitivo e o gerúndio possuem, ao lado da forma simples, uma forma composta, que exprime a ação concluída:

	Aspecto não concluído	Aspecto concluído
Infinitivo	escrever	ter escrito
Gerúndio	escrevendo	tendo escrito

b) o infinitivo apresenta, em português, duas formas: uma não flexionada; outra flexionada, como qualquer forma pessoal do verbo:

c) o gerúndio é invariável;

d) o particípio não se flexiona em pessoa.

Feitas essas considerações de ordem geral, passemos ao exame de alguns dos valores e empregos particulares das formas nominais.

Emprego do infinitivo

Infinitivo impessoal e infinitivo pessoal

A par do infinitivo impessoal, isto é, do infinitivo que não tem sujeito, porque não se refere a uma pessoa gramatical, conhece a língua portuguesa o infinitivo pessoal, que tem sujeito próprio e pode ou não flexionar-se. Assim, em:

> "*Lembrar é viver e reviver.*"
> (*O. Bilac*, DN, *51.*)

> "*Amar é caminhar junto.*"
> (*A. M. Machado*, JT, *134.*)

o infinitivo é impessoal.

Já nas frases:

> "*Voz obstinada que estás ao longe chamando-me, conduze-te a mim, para compreenderes minha ausência.*"
> (*C. Meireles*, OP, *86.*)

> "*O sol encontrou as crianças procurando outra vez o vento para soltarem papagaios de papel.*"
> (*C. Meireles*, OP, *129.*)

estamos diante de formas do infinitivo pessoal.

O infinitivo pessoal flexionado possui, como vimos, desinências especiais para as três pessoas do plural e para a segunda pessoa do singular.

Emprego distintivo

O emprego das formas flexionadas e não flexionadas do infinitivo é uma das questões mais controvertidas da sintaxe portuguesa. Numerosas têm sido as regras propostas pelos gramáticos para orientar com precisão o uso seletivo das duas formas. Quase todas, porém, submetidas a um exame mais acurado, revelaram-se insuficientes ou irreais. Em verdade, os escritores das diversas fases da língua portuguesa nunca se pautaram, no caso, por exclusivas razões de lógica gramatical, mas se viram sempre, no ato da escolha, influenciados por ponderáveis motivos de ordem estilística, tais como o ritmo da frase, a ênfase do enunciado, a clareza da expressão.

Por tudo isso, parece-nos mais acertado falar não de regras, mas de tendências que se observam no emprego de uma e de outra forma do infinitivo. São algumas destas tendências que passamos a indicar.

Emprego da forma não flexionada

O infinitivo conserva a forma não flexionada:

1.º) quando é impessoal, ou seja, quando não se refere a nenhum sujeito:

> "*Amar e odiar será de todo o mundo,*
> *mas saber desprezar não é para qualquer.*"
> (R. Correia, PCP, 514.)

2.º) quando tem valor de imperativo:

> "'*Trabalhar!*' *brada na sombra*
> *A voz imensa de Deus* —"
> (C. Alves, OC, 307.)

3.º) quando, precedido da preposição *de*, tem sentido passivo e serve de complemento nominal a adjetivos como *fácil, possível, bom, raro* e outros semelhantes:

> "*Versos! são bons de ler, mais nada; eu penso assim.*"
> (M. de Assis, OC, III, 65.)

4.º) quando pertence a uma locução verbal:

> "*Vamos vê-lo, quero ver se lhe posso falar.*"
> (C. C. Branco, BP, 170.)

5.º) quando depende dos auxiliares causativos (*deixar, mandar, fazer* e sinônimos) ou sensitivos (*ver, ouvir, sentir* e sinônimos) e vem imediatamente depois desses verbos ou apenas separado deles por seu sujeito, expresso por um pronome oblíquo:

> "*Deixas correr os dias como as águas do Paraíba?*"
> (M. de Assis, OC, II, 119.)

> "*Sentia-os parar.*"
> (A. Herculano, apud Said Ali, DLP, 120.)

Neste caso, ocorre também a forma flexionada, quando entre o auxiliar e o infinitivo se insere o sujeito deste, expresso por substantivo:

> "*. . . Levantas-te de leve, ó límpida criança! . . .*
> *E deixas tuas mãos correrem no piano . . .*"
> (C. Alves, OC, 496.)

> "*Eu vi as altas montanhas*
> *ficarem planas.*"
> (C. Meireles, OP, 627.)

E, mais raramente, quando o sujeito é um pronome oblíquo:

> "*Ele viu-as entrarem, prostrarem-se de braços estendidos, chorando, e não se comoveu . . .*"
> (C. Neto, OS, I, 1.328.)

Construções do tipo:

> "*Ouvi tremerem os campos.*"
> (C. Meireles, OP, 243.)

são mais raras e explicam-se pelo realce que, no caso, se quer dar ao sujeito do infinitivo.

Emprego da forma flexionada

O infinitivo assume a forma flexionada:

1.º) quando tem sujeito claramente expresso:

> "*Um dos vizinhos disse-lhe serem as autoridades do Cachoeiro.*"
> (G. Aranha, OC, 118.)

2.º) quando se refere a um sujeito oculto, que se quer dar a conhecer pela terminação verbal:

> "*Meus amigos, é para colaborardes em dar existência a essas duas instituições que hoje saís daqui habilitados.*"
> (R. Barbosa, EDS, 693.)

3.º) quando, na 3.ª pessoa do plural, indica a indeterminação do sujeito:

> "*Ia por diante Rebelo com os extraordinários avisos, quando senti puxarem-me a blusa.*"
> (R. Pompéia, A, 40.)

4.º) quando se quer dar à frase maior ênfase ou harmonia:

> "*Quem te deu, pois, o direito de correres à morte certa?*"
> (A. Herculano, E, 177.)

> "*Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante.*"
> (A. Azevedo, C, 66.)

Conclusão

Como vemos, "a escolha da forma infinitiva depende de cogitarmos somente da ação ou do intuito ou necessidade de pormos em evidência o agente da ação".[1] No primeiro caso, preferiremos o infinitivo não flexionado; no segundo, o flexionado.

Trata-se, pois, de um emprego seletivo dentro de uma linguagem formalizada —, mais do terreno da estilística do que, propriamente, da gramática.

Emprego do gerúndio

Vimos que o gerúndio apresenta duas formas: uma simples (*escrevendo*), outra composta (*tendo* ou *havendo escrito*).

Forma simples e composta

A forma composta é de caráter perfeito e indica uma ação concluída anteriormente à que exprime o verbo da oração principal:

> *"Não tendo enviado o bilhete de Helena, meteu-o na algibeira para entregá-lo ele próprio; depois tirou-o e releu-o: tendo-o relido, fez um gesto para rasgá-lo, conteve-se e perpassou-o ainda uma vez pelos olhos."*
>
> (*M. de Assis, OC, I, 258.*)

A forma simples expressa uma ação em curso, que pode ser imediatamente anterior ou posterior à do verbo da oração principal, ou contemporânea dela.

Este valor temporal do gerúndio depende quase sempre de sua colocação na frase, como passamos a examinar.

---

1) Said Ali. *Gramática secundária*. p. 180. Sobre o emprego das formas flexionada e não flexionada do infinitivo, consulte-se a excelente monografia histórico-descritiva de Theodoro Henrique Maurer Jr.: *O infinitivo flexionado português*, São Paulo, 1968; e, também: Holger Sten. L'infinitivo impessoal et l'infinitivo pessoal en portugais moderne. In *Boletim de filologia*, XIII, 1952. p. 83-142 e 201-256; Maurice Molho. Le problème de l'infinitif en portugais. In *Bulletin hispanique*, LXI. Bordeaux, 1959. p. 26-73, onde se discutem as principais teses aventadas para explicá-lo. Leiam-se ainda: Said Ali. *Dificuldades da língua portuguesa*. p. 55-76; Knud Togeby. *L'énigmatique infinitif personnel en portugais*. In *Studia neophilologica*, XXVII, 1955. p. 211-218.

Gerúndio anteposto à oração principal

Colocado no início do período, o gerúndio exprime:

a) uma ação realizada imediatamente antes da indicada na oração principal:

> "*Dizendo estas palavras, estendeu-lhe a nota.*"
> (*M. de Assis, OC, II, 184.*)

> "*Deixando Roberto, saíram os três do armazém.*"
> (*G. Aranha, OC, 59.*)

b) uma ação que teve começo antes da indicada na oração principal e ainda continuou:

> "*Visitando há poucos dias a cidade de Santos, relembrei alguns episódios ligados à minha vida comercial, nos seus primeiros ensaios.*"
> (*A. F. Schmidt, F, 80.*)

Gerúndio ao lado do verbo principal

Colocado junto do verbo principal, o gerúndio expressa de regra uma ação simultânea, correspondente a um adjunto adverbial de modo:

> "*O trovão ronca tremendo,*
> *Os cedros pendem rangendo,*
> *Os gênios pulam gemendo*
> *No embate das ventanias!*"
> (*F. Varela, PC, I, 212.*)

Gerúndio posposto à oração principal

Colocado depois da oração principal, o gerúndio indica uma ação posterior e equivale a uma oração coordenada iniciada pela conjunção e:

> "*Estávamos à porta de casa; deram-me uma carta, dizendo que vinha de uma senhora.*"
> (*M. de Assis, OC, I, 538.*)

Gerúndio antecedido da preposição em

Precedido da preposição *em*, o gerúndio marca enfaticamente a anterioridade imediata da ação com referência à do verbo principal:

> "*Em se lhe dando corda, ressurgia nele o tagarela da cidade.*"
> (*M. Lobato, U, 127.*)

> "*Ele, em chegando aos setecentos mil-réis, trancaria a porta.*"
> (*M. de Assis, OC, II, 1.089.*)

Construções afetivas

1. O aspecto inacabado do gerúndio permite-lhe exprimir a idéia de progressão contínua, naturalmente mais acentuada se a forma vier repetida, como neste passo:

"*Reduzindo, reduzindo ficou nisto.*"
(*M. de Andrade, CMB, 65.*)

2. Na linguagem popular, já o dissemos, o gerúndio substitui por vezes a forma imperativa:

Seguindo! [= *Vá seguindo! Siga!*]

O gerúndio na locução verbal

O gerúndio combina-se com os auxiliares *estar, andar, ir* e *vir*, para marcar diferentes aspectos da execução do processo verbal.

1. *Estar* seguido de gerúndio indica uma ação durativa num momento rigoroso:

"*O mundo está mudando a sua fisionomia, a vida está adquirindo novas formas e novo colorido.*"
(*A. F. Schmidt, GB, 254.*)

2. *Andar* seguido de gerúndio indica uma ação durativa em que predomina a idéia de intensidade ou de movimento reiterado:

"*Muita gente andou pensando que o M. Bandeira de tantos desenhos admiráveis era eu.*"
(*M. Bandeira, PP, II, 450.*)

"*Os jornais andam cantando a tua verve flamante, pertences a uma seita de princípios transcendentais.*"
(*Cruz e Sousa, OC, 453.*)

3. *Ir* seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

"*Uma porta vai rodando,*
vão rodando grossas chaves."
(*C. Meireles, OP, 869.*)

4. *Vir* seguido de gerúndio expressa uma ação durativa que se desenvolve gradualmente em direção à época ou ao lugar em que nos encontramos:

"*Vinha, entre nuvens, o luar nascendo*"...
(*O. Bilac, P, 85.*)

"*Veio vindo a ventania.*"
(*C. Meireles, OP, 37.*)

Emprego do particípio

Elemento de tempos compostos

O particípio desempenha importantíssimo papel no sistema do verbo, com permitir a formação dos tempos compostos que exprimem o aspecto conclusivo do processo verbal.

Emprega-se, como vimos:

a) com os auxiliares *ter* e *haver*, para formar os tempos compostos da voz ativa:

tenha lido *havia feito*

b) com o auxiliar *ser*, para formar os tempos da voz passiva de ação:

seja lido *era feito*

c) com o auxiliar *estar*, para formar tempos da voz passiva de estado:

esteja lido *estava feito*

Particípio sem auxiliar

1. Desacompanhado de auxiliar, o particípio exprime fundamentalmente o estado resultante de uma ação acabada:

"*Desesperado, rasgou o escrito.*"
(*A. Meyer, FS, 46.*)

"*Largado no térreo, e meio tonto ainda, dirigiu-se a um contínuo.*"
(*A. M. Machado, JT, 106.*)

2. O particípio dos verbos transitivos tem de regra valor passivo:

"*Dado o sinal, os pares punham-se em ordem e iniciavam as marchas polacas.*"
(*G. Aranha, OC, 183.*)

"*Lida a pergunta, Afonso abancou para responder.*"
(*C. C. Branco, OS, I, 743.*)

3. O particípio dos verbos intransitivos tem quase sempre valor ativo:

"Desci em Lima, *vindo* da Colômbia, na qualidade de um dos homens da 'Comissão dos 21', da Operação Pan-Americana."
(A. F. Schmidt, AP, 82.)

"*Chegado*, porém, à conclusão deste livro, pôr-lhe-emos remate com uma reflexão."
(A. Herculano, HP, V, 81.)

4. Exprimindo embora o resultado de uma ação acabada, o particípio não indica por si próprio se a ação em causa é passada, presente ou futura. Só o contexto a que pertence precisa a sua relação temporal. Assim, a mesma forma pode expressar:

a) ação passada:

Aprovada a lei, só nos restava cumpri-la.

b) ação presente:

Aprovada a lei, só nos resta cumpri-la.

c) ação futura:

Aprovada a lei, só nos restará cumpri-la.

Nos casos acima, vemos que a oração de particípio tem sujeito diferente da principal e estabelece, para com esta, uma relação de anterioridade.

Mas a relação temporal entre as duas orações pode ser de simultaneidade, principalmente se o sujeito for o mesmo:

"*Abraçada* com eles, caía num pranto perdido."
(A. M. Machado, JT, 35.)

"*Deitado* no couro, José Maria escutava o sussurro das águas."
(A. M. Machado, HR, 58.)

5. Quando o particípio exprime apenas o estado, sem estabelecer nenhuma relação temporal, ele se confunde com o adjetivo:

"Sobre a cidade *adormecida* a chaminé vela."
(A. Meyer, P, 91.)

Concordância verbal

A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na concordância, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito.

A concordância evita a repetição do sujeito, que pode ser indicado pela flexão verbal a ele ajustada:

"Eu já ia indo um pedaço, quando dei de rédeas para trás e ajuntei-me outra vez com o compadre."
(A. Arinos, OC, 790.)

"Dizes-me: tu és mais alguma coisa
Que uma pedra ou uma planta.
Dizes-me: sentes, pensas e sabes
Que pensas e sentes."
(F. Pessoa, OP, 174.)

"Ele esperava, insistia, não podia sair da cidade."
(G. Rosa, T, 116.)

Regras gerais

Há um só sujeito

O verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido:

"Fui a Porto Alegre, alistei-me e marchei para a campanha."
(M. de Assis, OC, II, 654.)

"Senta-te ao sol. Abdica
E sê rei de ti próprio."
(F. Pessoa, OP, 203.)

"Subimos a ladeira, achamos a igreja aberta e entramos."
(M. de Assis, OC, II, 568.)

Há mais de um sujeito

O verbo que tem mais de um sujeito (sujeito composto) vai para o plural e, quanto à pessoa, irá:

a) para a 1.ª pessoa do plural, se entre os sujeitos figurar um da 1.ª pessoa:

"Tu, nas miragens, e eu, no pensamento,
Somos a força e a afirmação da Vida!"
(O. Bilac, T, 45.)

"*Um dia, achávamo-nos ao almoço, a Senhora Thyssen com o ar longínquo, toda modesta, o marido e eu absorvidos em animada conversa.*"
(*G. Amado, DP, 93.*)

b) para a 2.ª pessoa do plural, se, não existindo sujeito da 1.ª pessoa, houver um da 2.ª:

"*Tu ou os teus filhos vereis a revolução dos espíritos e costumes.*"
(*C. C. Branco, J, I, 21.*)

"*Tu e Túlia estais bons.*"
(*J. Ribeiro, GP, 227.*)

c) para a 3.ª pessoa do plural, se os sujeitos forem da 3.ª pessoa:

"*Seguiram então o guarda, Ternura e o capote.*"
(*A. M. Machado, JT, 229.*)

"*A noite, o tempo, o mundo, rodam com precisão legítima de aparelho.*"
(*G. Rosa, T, 125.*)

Observação

Na linguagem corrente do Brasil evitam-se as formas do sujeito composto que levam o verbo à 2.ª pessoa do plural, em virtude do desuso do tratamento tu e, também, da substituição do tratamento vós por você, na maior parte do território nacional.

Em lugar da 2.ª pessoa do plural, encontramos, vez por outra, o verbo na 3.ª pessoa do plural, quando um dos sujeitos é da 2.ª pessoa do singular (tu) *e os demais da 3.ª pessoa:*

"*A propósito de Graça continuo a achar que tu e o Couto não tiveram razão em não homenagear o homem.*"
(*M. de Andrade, CMB, 61.*)

"*Tu e Beata devem ir preparar-se, pois temos gente para o jantar...*"
(*A. Peixoto, RC, 673.*)

Casos particulares

1. Com um só sujeito

O sujeito é uma expressão partitiva

1. Quando o sujeito é constituído por expressão partitiva (como: *parte de, uma porção de, o grosso de, o resto de, metade de* e equivalentes) e um substantivo ou pronome plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural:

> *"Uma turba de moleques acompanhava o Rubião, alguns tão próximos, que lhe ouviam as palavras."*
>
> (M. de Assis, OC, I, 715.)

> *"Estão surgindo uma porção de razões* contra *mim."*
>
> (A. M. Machado, CJ, 166.)

> *"A maioria dos versos da* Estrela da Manhã *e da* Lira dos Cinqüent'Anos *datam* de Morais e *Vale."*
>
> (M. Bandeira, PP, II, 83.)

2. A cada uma destas possibilidades corresponde um novo matiz da expressão. Deixamos o verbo no singular quando queremos destacar o conjunto como uma unidade. Levamos o verbo ao plural para evidenciarmos os vários elementos que compõem o todo.

O sujeito denota quantidade aproximada

1. Quando o sujeito, indicador de quantidade aproximada, é formado de um *número plural* precedido das expressões *cerca de, mais de, menos de* e similares, o verbo vai normalmente para o plural:

> "Os companheiros de classe *eram cerca de vinte;* uma variedade de tipos que me divertia."
>
> (R. Pompéia, A, 33.)

2. O sujeito formado pelas expressões *mais de um* ou *mais que um,* seguidas de substantivo, deixa o verbo de regra no singular:

> *"Mais de um emigrado conseguiu* penetrar este território e guardar aqui o segredo de sua qualidade e procedência."
>
> (A. Arinos, OC, 407.)

Emprega-se, porém, o verbo no plural quando tais expressões vêm repetidas, ou quando nelas há idéia de reciprocidade. Assim:

> *Mais de um oficial, mais de um soldado não arredaram* o pé.
>
> *Mais de um canoeiro se revezaram entre si* no *transporte dos lavradores insulados.*

O sujeito é o pronome relativo que

1. O verbo que tem como sujeito o pronome relativo *que* concorda em número e pessoa com o antecedente deste pronome:

> "*Sou eu agora que tenho medo*. . ."
> (*R. Couto, PR, 72.*)

> "*Foste tu que ensinaste aos homens que havia tempo*
> *e, para te medir, se inventaram as horas.*"
> (*C. Meireles, OP, 13.*)

> "— *Que tendes vós, que inclinais as pétalas para o chão?*"
> (*M. de Assis, OC, III, 1.018.*)

2. Se o antecedente do relativo *que* é predicativo ou aposto de um pronome pessoal sujeito, costuma o verbo do relativo concordar com este pronome pessoal, principalmente quando o antecedente é expresso pelos pronomes demonstrativos *o* (*a, os, as*) e *aquele* (*aquela, aqueles, aquelas*), claros ou subentendidos:

> "*Fui eu que cansei primeiro.*"
> (*M. de Assis, OC, I, 820.*)

> "*Não somos nós os que vamos chamar esses leais companheiros de além-mundo.*"
> (*R. Barbosa, EDS, 680.*)

3. Quando o relativo *que* vem antecedido das expressões *um dos, uma das* (+ substantivo), o verbo de que ele é sujeito vai para a 3.ª pessoa do plural ou, mais raramente, para a 3.ª pessoa do singular:

> "*A baronesa era uma das pessoas que mais desconfiavam de nós.*"
> (*M. de Assis, OC, I, 483.*)

> "*Foi um dos poucos do seu tempo que reconheceu a originalidade e importância da literatura brasileira.*"
> (*J. Ribeiro, AC, 326.*)

O verbo no singular destaca o sujeito do grupo em relação ao qual vem mencionado, ao contrário do que ocorre se construirmos a oração com o verbo no plural.

O sujeito é o pronome relativo quem

4. Depois de *um dos que* [= *um daqueles que*] o verbo vai normalmente para a 3.ª pessoa do plural:

"*Naqueles dias a meninada do colégio interessava-se vivamente pelos concursos e eu era um dos que não perdiam o bate-boca das argüições.*"
(*M. Bandeira, PP, II, 360-1.*)

São raros exemplos literários contemporâneos como estes, colhidos em escritores do século passado:

"*Não havia poeta sério, e ele foi um dos que mais fez rir.*"
(*C. C. Branco, RI, 9.*)

"*Eu sou um dos que o fiz, que dele me não separei.*"
(*A. Garrett, O, I, 1.350.*)

1. O pronome relativo *quem* constrói-se, de regra, com o verbo na 3.ª pessoa do singular:

"*Não, prima; sou eu quem o diz.*"
(*C. C. Branco, OS, I, 1.070.*)

2. Não faltam, porém, exemplos de bons autores em que o verbo concorda com o pronome pessoal, sujeito da oração anterior. Neste caso, põe-se em relevo, sem rodeios mentais, o sujeito efetivo da ação expressa pelo verbo.

Vejam-se estes exemplos:

"*Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela*
E oculta mão colora alguém em mim."
(*F. Pessoa, OP, 55.*)

"*És tu quem dás rumor à quieta noite,*
És tu quem dás frescor à mansa brisa..."
(*G. Dias, PCPE, 204.*)

É esta a construção preferida da linguagem popular.

O sujeito é um pronome interrogativo ou indefinido plural, seguido de de **(ou** dentre) nós **ou** vós

1. Se o sujeito é formado por algum dos pronomes interrogativos *quais?*, *quantos?* ou dos indefinidos do plural (*alguns, muitos, poucos, quaisquer, vários*), seguido de uma das expressões *de nós, de vós, dentre nós* ou *dentre vós*, o verbo pode ficar na 3.ª pessoa do plural ou concordar com o pronome pessoal que designa o todo:

"*Alguns de nós nem esperavam jantar.*"
(*G. Amado, HMI, 82.*)

"*A verdade, porém, e verdade agradável, é que poucos e raros dentre vós estarão penetrados do meu desânimo.*"

(*J. Ribeiro, F, 48.*)

"*Quantos dentre vós que me ouvis não tereis tomado parte em romagens a Aparecida?*"

(*A. Arinos, OC, 770.*)

2. Se o interrogativo ou o indefinido estiver no singular, também no singular deverá ficar o verbo:

"*Qual de nós vai ser Rainha?*"

(*C. Meireles, OP, 856.*)

"*Nenhum de nós logrará atingir a idade das verdadeiras distribuições e do equilíbrio das vocações verdadeiras.*"

(*J. Ribeiro, CD, 108.*)

O sujeito é um plural aparente

1. Os nomes de lugar, e também os títulos de obras, que têm forma de plural são tratados como singular, se não vierem acompanhados de artigo:

"*Duas Igrejas palpita em hora intensa.*"

(*A. F. Schmidt, F, 98.*)

"*Alegrias de Nossa Senhora tem a sua história.*"

(*M. Bandeira, PP, II, 70.*)

Duas Igrejas é o nome de uma povoação perto de Miranda do Douro, em Portugal; *Alegrias de Nossa Senhora* é o título de um poema de Manuel Bandeira.

2. Quando precedidos de artigo, o verbo assume normalmente a forma plural:

"*Ainda então os Estados Unidos não haviam logrado essa conquista. . .*"

(*R. Barbosa, EDS, 85.*)

"*A observação não se aplica unicamente ao caráter que as Memórias Póstumas deverão ter, como confissões de um autor defunto, mas se estende a toda a obra da última fase.*"

(*A. Meyer, MA, 26.*)

O sujeito é indeterminado

1. Nas orações de sujeito indeterminado, já o sabemos, o verbo vai para a 3.ª pessoa do plural:

> "*Cortaram aquelas verrugas incômodas, deitaram abaixo uns pardieiros, alargaram tudo, arejaram a cidade.*"
> (G. Ramos, AOH, 192.)

2. Se, no entanto, a indeterminação do sujeito for indicada pelo pronome *se*, o verbo fica na 3.ª pessoa do singular:

> "*Não se falou de outra coisa, não se escreveu de outra coisa durante semanas.*"
> (A. Peixoto, RC, 181.)

Concordância do verbo *ser*

1. Em alguns casos o verbo *ser* concorda com o predicativo. Assim:

1.º) Nas orações começadas pelos pronomes interrogativos substantivos *que?* e *quem?*

> "*Que são minutos e que são meses?*"
> (M. de Assis, OC, I, 246.)

> "*Quem és tu? Quem és tu, ó criatura?*"
> (T. de Pascoais, OC, II, 174.)

2.º) Quando o sujeito do verbo *ser* é um dos pronomes *isto, isso, aquilo, tudo* ou *o* (= *aquilo*) e o predicativo vem expresso por um substantivo no plural:

> "*Tudo eram sonhos de Arcádia,*
> *ilusões da vida em flor. . .*"
> (C. Meireles, OP, 847.)

> "*Isto eram punhais que dilaceravam o coração de Camilo.*"
> (M. de Assis, OC, II, 164.)

Tal concordância se explica pela tendência que tem o nosso espírito de preferir destacar como sujeito o que representamos por palavra nocional, pois esta alude a realidades mais evidentes.

Mas, neste caso, também não é raro aparecer o verbo no singular, em concordância com o pronome demonstrativo ou com o indefinido:

"*E tudo é chuvas que orvalham*
folhas caídas que secam."
(*F. Pessoa, OP, 83.*)

Neste exemplo, o poeta, com o singular (isto é, colocando o verbo em concordância com o pronome indefinido), procura realçar um conjunto, e não os elementos que o compõem, a fim de sugerir-nos as diferentes realidades transformadas numa só coisa.

3.º) Quando o sujeito é uma expressão de sentido coletivo, como *o resto, o mais*:

"*São sempre assim os pais: quando as esperanças se projetam sobre um filho, o resto são sombras mal reparadas.*"
(*M. de Andrade, AVI, 129.*)

"*Eram eles modestos sitiantes, segundo me confiou o homem, possuíam umas poucas vaquinhas e o mais eram plantações.*"
(*A. F. Schmidt, GB, 285.*)

4.º) Nas frases em que o primeiro termo é um substantivo e o segundo um pronome pessoal:

"*Meu vinho és tu.*"
(*A. de Oliveira, Post., 44.*)

"*O Brasil, senhores, sois vós.*"
(*R. Barbosa, EDS, 432.*)

5.º) Nas orações impessoais:

"*Eram onze horas da manhã.*"
(*J. de Alencar, OC, I, 632.*)

"*Seriam quatro horas da tarde.*"
(*J. de Alencar, OC, I, 657.*)

"*Deviam ser oito horas e eu vim descendo a pé pela borda do cais.*"
(*L. Barreto, REIC, 130.*)

Observação

Empregados com referência às horas do dia, os verbos dar, bater, soar e sinônimos concordam com o número que indica as horas:

"*Davam seis horas, todos à mesa.*"
(*M. de Assis, OC, I, 675.*)

"*Batiam três horas da tarde.*"
(M. de Assis, OC, II, 438.)

"*Quatro horas soaram.*"
(M. Bandeira, PP, I, 651.)

Quando há o sujeito **relógio** *(ou* **sino, sineta,** *etc.), o verbo naturalmente concorda com ele:*

"*O relógio de uma das torres da cidade dava duas horas.*"
(J. de Alencar, OC, I, 244.)

"*O sino da Matriz bateu seis horas.*"
(A. Meyer, P, 159.)

2. Se o sujeito for nome de pessoa ou pronome pessoal, o verbo normalmente concorda com ele, qualquer que seja o número do predicativo:

"*Ovídio é muitos poetas ao mesmo tempo, e todos excelentes.*"
(A. F. de Castilho, AO, 25.)

"*Todo eu era olhos e coração...*"
(M. de Assis, OC, I, 742.)

Não é rara, porém, a concordância com o predicativo plural quando este representa partes do corpo da pessoa nomeada no sujeito:

"*Santinha eram dois olhos míopes, quatro incisivos claros à flor da boca.*"
(M. Bandeira, PP, I, 403.)

3. Quando o sujeito é constituído de uma expressão numérica que se considera em sua totalidade, o verbo *ser* **fica no singular:**

"*Cinqüenta anos é a idade da ciência e do governo.*"
(M. de Assis, OC, I, 534.)

"*Trezentos contos, pensava o rapaz, é quanto basta para eu ser mais do que fui.*"
(M. de Assis, OC, II, 56.)

4. Nas frases em que ocorre a locução invariável *é que*, **o verbo concorda com o substantivo ou pronome que a precede, pois são eles efetivamente o seu sujeito:**

"*Eu é que o entendi de vez.*"
(M. de Assis, OC, III, 741.)

Os meus é que não souberam ver-lha; eram olhos da primeira edição."
(M. de Assis, OC, I, 459.)

Observação

A locução de realce é que vem sempre colocada entre o sujeito da oração e o verbo que a ele se refere. É uma construção fixa, que não deve ser confundida com outra semelhante, mas móvel, em que o verbo ser antecede o sujeito e passa, naturalmente, a concordar com ele e a harmonizar-se com o tempo dos outros verbos.

Comparem-se, por exemplo, as orações:

Pedro é que se esforça, mas são os parentes que se aproveitam do seu esforço.

2. Com mais de um sujeito

Concordância com o sujeito mais próximo

Como o adjetivo que modifica vários substantivos pode, em certos casos, concordar com o substantivo mais próximo, também o verbo que tem mais de um sujeito pode concordar com o que lhe esteja mais próximo:

a) quando os sujeitos vêm depois dele:

"De repente, ouviu-se um estouro, um gemido um grito de triunfo."
(M. de Assis, OC, III, 997.)

"Em tudo reina a desolação, a pobreza extrema, o abandono."
(A. F. Schmidt, F, 135.)

b) quando os sujeitos são sinônimos ou quase sinônimos:

"A sua família, o seu lar era aquele em que fora recolhida."
(G. Aranha, OC, 139.)

c) quando há uma enumeração gradativa:

"A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos."
(M. Lobato, N, 4.)

d) quando os sujeitos são interpretados como se constituíssem em conjunto uma qualidade, uma atitude:

"Morro, se a graça e a misericórdia de Deus me não acode."
(C. C. Branco, CE, 40.)

Infinitivos sujeitos

Quando os sujeitos são dois ou mais infinitivos, o verbo fica no singular:

> "*Correr, cair sobre o italiano, desviar a pontaria e dobrá-lo sobre os joelhos, foi um movimento tão rápido que os dois aventureiros apenas o viram passar, viram ao mesmo tempo o seu companheiro subjugado.*"
>
> (J. de Alencar, *OC*, II, 163.)

Mas o verbo pode ir para o plural se os infinitivos exprimem idéias nitidamente contrárias.

> "*Em sua vida, à porfia,*
> *Se alternam rir e chorar.*"
>
> (A. de Oliveira, *Post.*, 43.)

Sujeitos resumidos por um pronome indefinido

Quando os sujeitos são resumidos por um pronome indefinido (como *tudo, nada, ninguém*), o verbo fica no singular, em concordância com esse pronome:

> "*Canção, pimenta, abacate,*
> *flores, crepúsculo — tudo*
> *é inútil, ó poema, acaba-te!*
> *Este mundo é surdo-mudo...*"
>
> (C. Meireles, *OP*, 228.)

> "*Frases alegres, anedotas de sacristia, caricaturas, facécias, disparates, aspectos estúrdios, nada os retém, menos ainda os faz sorrir.*"
>
> (M. de Assis, *OC*, II, 553.)

A mesma concordância se faz quando o pronome anuncia os sujeitos:

> "*Colheria tudo, plantas, lendas, cantigas, locuções.*"
>
> (M. de Assis, *OC*, II, 569.)

Sujeitos representantes da mesma pessoa ou coisa

Quando os sujeitos, por palavras diferentes, representam uma só pessoa ou uma só coisa, o verbo fica naturalmente no singular:

> "*A Idéia, o sumo Bem, o Verbo, a Essência*
> *Só se revela aos homens e às nações*
> *No céu incorruptível da Consciência!*"
>
> (A. de Quental, *SC*, 62.)

Sujeitos ligados por ou ou por nem

1. Quando o sujeito composto é formado de substantivos no singular ligados pelas conjunções *ou* ou *nem*, o verbo costuma ir:

a) para o *plural*, se o fato expresso pelo verbo pode ser atribuído a todos os sujeitos:

> "*Nunca de sua parte um gesto mais ousado, ou uma palavra menos casta* haviam feito *assomar ao rosto da cativa o rubor do pejo.*"
> (*B. Guimarães, El, 213.*)

> "*Nem ar nem onda corrente*
> possuem *suspiro igual.*"
> (*C. Meireles, OP, 76.*)

b) para o *singular*, se o fato expresso pelo verbo só pode ser atribuído a um dos sujeitos, isto é, se há idéia de alternativa:

> "*Fui devagar, mas ou o pé ou o espelho* traiu-me."
> (*M. de Assis, OC, I, 763.*)

> *Nem João nem Raul será nomeado* presidente *da Companhia.*

2. Nota-se, porém, na linguagem coloquial uma tendência de anular tais distinções, principalmente quando os sujeitos estão ligados pela conjunção *nem*.

Encontra-se freqüentemente o plural onde seria de esperar o singular. Assim:

> *Nem João nem Raul serão nomeados* presidente *da Companhia.*

O cargo de presidente é exercido por um só indivíduo. Logo, o verbo deveria marcar a alternância.

Outras vezes, faz-se a concordância com o sujeito mais próximo, embora a ação se refira a cada um dos sujeitos:

> "*Nem eu, nem ela o sabe;*
> *São cousas de bastidores;*
> *Choveram versos e flores,*
> *Foi solene mangação!*"
> (*G. Dias, PCPE, 619.*)

3. Se os sujeitos ligados por *ou* ou por *nem* não são da mesma pessoa, isto é, se entre eles há algum expresso por pronome da 1.ª ou da 2.ª pessoa, o verbo irá normalmente para o plural e para a pessoa que tiver precedência:

> *"Ou eu ou ela havemos de abandonar para sempre esta casa; e isto hoje mesmo."*
> *(B. Guimarães, EI, 56.)*

4. As expressões *um ou outro* e *nem um nem outro*, empregadas como pronome substantivo ou como pronome adjetivo, exigem normalmente o verbo no singular:

> *"Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que um ou outro lhe ficava bem."*
> *(M. de Assis, OC, II, 280.)*

> *"Um ou outro acontecimento vinha-lhes dar a ilusão de que eram guias da opinião."*
> *(L. Barreto, REIC, 135.)*

A locução
um e outro

A locução *um e outro* pode levar o verbo ao plural ou, com menos freqüência, ao singular:

> *"Um e outro entraram a devorar o espaço, o tempo, a luz."*
> *(M. de Assis, OC, III, 997.)*

> *"Um e outro é sagaz e pressentido;*
> *um e outro aos ladrões declaram guerra."*
> *(A. F. de Castilho, F, III, 19.)*

As duas construções são admissíveis ainda quando a locução é usada como pronome adjetivo, caso em que precede sempre um substantivo no singular:

> *"Um e outro jugo nos é odioso; contra ambos protestamos."*
> *(A. de Quental, P, I, 167.)*

Sujeitos ligados
por com

Quando os sujeitos vêm unidos pela partícula *com*, o verbo pode usar-se no plural ou em concordância com o primeiro sujeito, segundo a valorização expressiva que dermos ao elemento regido de *com*.

Assim, o verbo irá normalmente:

a) para o *plural*, quando os sujeitos estão em pé de igualdade, e a partícula *com* os enlaça como se fosse a conjunção *e*:

"*O mestre com o boleeiro fizeram a emenda.*"
(*J. L. do Rego, FM, 69.*)

b) para o número do primeiro sujeito, quando pretendemos realçá-lo em detrimento do segundo, reduzido à condição de adjunto adverbial de companhia:

"*A Princesa Sereníssima, com o augusto esposo, chegou pontual às duas horas, acedendo ao convite que recebera primeiro que ninguém.*"
(*R. Pompéia, A, 243.*)

Sujeitos ligados por conjunção comparativa

Quando dois sujeitos estão unidos por uma das conjunções comparativas *como*, *assim como*, *bem como* e equivalentes, a concordância depende da interpretação que dermos ao conjunto.

O verbo concordará:

a) *Com o primeiro sujeito*, se quisermos destacá-lo:

"*Meu caro amigo, você, como eu, tem cuidadoso interessê pela história comparada das literaturas e, muito mais do que eu, tem colhido frutos preciosos nesta seara.*"
(*J. Ribeiro, CD, 19.*)

Neste caso, a conjunção conserva pleno o seu valor comparativo; e o segundo termo vem enunciado entre pausas, que se marcam, na escrita, por vírgulas.

b) *Com os dois sujeitos englobadamente* (isto é: o verbo irá para o plural), se os considerarmos termos que se adicionam, que se reforçam, interpretação que normalmente damos, por exemplo, a estruturas correlativas do tipo *tanto... como*:

"*Tanto Vilar como o procurador notaram a alteração do alferes.*"
(*A. Arinos, OC, 397.*)

Entre os sujeitos não há pausa; logo, não devem ser separados, na escrita, por vírgula.

De modo semelhante se comportam os sujeitos ligados por série aditiva enfática (*não só... mas* [*senão* ou *como*] *também*):

> "*Qualquer se persuadirá de que não só a nação, mas também o príncipe estariam pobres.*"
> (*A. Herculano, HP, III, 303.*)

Regência

1. Em geral, as palavras de uma oração são interdependentes, isto é, relacionam-se entre si para formar um todo significativo.

Essa relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais serve de complemento a outra, é o que se chama regência. A palavra dependente denomina-se regida, e o termo a que ela se subordina, regente.

2. As relações de regência podem ser indicadas:

a) pela ordem por que se dispõem os termos na oração;

b) pelas preposições, cuja função é justamente a de ligar palavras estabelecendo entre elas um nexo de dependência;

c) pelas conjunções subordinativas, quando se trata de um período composto.

3. Em outros capítulos deste livro, estudamos parceladamente tais relações. Procuraremos, agora, examinar melhor as formas que assume a regência verbal.

Observação

A regência é o movimento lógico irreversível de um termo regente a um regido. Reconhece-se o termo regido por ser aquele que é necessariamente exigido pelo outro. Por exemplo: a conjunção embora *pede o verbo no subjuntivo, mas o verbo no subjuntivo não exige obrigatoriamente a conjunção* embora*, logo a conjunção é o termo regente, e a forma verbal o termo regido. Sobre o conceito de regência e suas relações com o de concordância, veja-se L. Hjelmslev.* La notion de rection. *In: Acta linguistica, I. 1939. p. 10-23.*

Regência verbal

1. Vimos que, quanto à predicação, os verbos nocionais se dividem em *intransitivos* e *transitivos*.

Os intransitivos expressam uma idéia completa:

Carlos saiu.	*O pássaro voou.*
O cavalo galopava.	*O navio partiu.*

Os transitivos, mais numerosos, exigem sempre o acompanhamento de uma palavra de valor substantivo (objeto direto ou indireto) para integrar-lhes o sentido:

Recebemos tuas lembranças.
Mário gosta de flores.
João entregou a carta ao destinatário.

2. A ligação do verbo com o seu complemento, isto é, a regência verbal, pode, como nos mostram os exemplos acima, fazer-se:

a) *diretamente*, sem uma preposição intermédia, quando o complemento é objeto direto.

b) *indiretamente*, mediante o emprego de uma preposição, quando o complemento é objeto indireto.

Diversidade e igualdade de regência

Há verbos que admitem mais de uma regência. Em geral a diversidade de regência corresponde a uma variação significativa do verbo. Assim:

Aspirar [= sorver, respirar] um delicioso perfume.

Aspirar [= desejar, pretender] a uma boa situação.

Alguns verbos, no entanto, usam-se em acepção semelhante com mais de uma regência. Assim:

Distribuía livros aos alunos.
Distribuía livros com os alunos.
Distribuía livros entre os alunos.
Distribuía livros pelos alunos.

Outros, finalmente, mudam de significação, sem variar de regência. Assim:

Carecer [= não ter] de roupa.
Carecer [= precisar] de roupa.

Advertência

No estudo da regência verbal cumpre ter presentes os seguintes fatos:

1.º) O objeto indireto só não vem preposicionado quando é expresso pelos pronomes pessoais oblíquos *me, te, se, lhe, nos, vos* e *lhes*.

2.º) Somente as preposições que ligam complementos a um verbo (objeto indireto) ou a um nome (complemento nominal) estabelecem relações de regência. Por isso, convém distingui-las, com clareza, das que encabeçam adjuntos adverbiais ou adjuntos adnominais.

3.º) Os verbos intransitivos podem, em certos casos, ser seguidos de objeto direto. De regra, isso se dá quando o substantivo, núcleo do objeto, é formado da mesma raiz ou contém o sentido fundamental do verbo:

> *"Ângela, torcendo os pulsos, reclinando-se para trás, ria perdidamente um grande riso..."*
> *(R. Pompéia, A, 49.)*

4.º) Também verbos transitivos costumam ser usados intransitivamente:

O pior cego é o que não quer ver.

5.º) Muitas vezes, a regência de um verbo se estende aos substantivos e aos adjetivos cognatos:

Obedecer ao chefe.
Obediência ao chefe.
Obediente ao chefe.
Contentar-se com a sorte.
Contentamento com a sorte.
Contente com a sorte.

Regência de alguns verbos

Aspirar

1.º) É transitivo direto quando significa "sorver", "respirar":

> *"Calisto aspirou o aroma das flores, osculou a mão que lhas oferecera."*
> *(C. C. Branco, OS, I, 872.)*

> *"Tu és a minha vida... o ar que aspiro..."*
> *(C. Alves, OC, 478.)*

2.º) É transitivo indireto na acepção de "pretender", "desejar". Neste caso, o objeto indireto vem introduzido pela preposição *a* (ou *por*), não admitindo a substituição pela forma pronominal *lhe* (ou *lhes*), mas somente por *a ele(s)* ou *a ela(s)*:

> *"Contento-me com tão pouco, quero tão pouco,*
> *aspiro a tão pouco!"*
> (A. F. Schmidt, GB, 245.)

> *"E a mim, que aspiro a ele, a mim, que o amo,*
> *Que anseio por mais vida e maior brilho,*
> *Há de negar-me o termo deste anseio?"*
> (A. de Quental, SC, 10.)

Advirta-se, porém, que, embora invariavelmente condenado pelos gramáticos, o regime direto se insinua, vez por outra, na pena de escritores contemporâneos:

> *"Oh! o que eu não aspirava, no titanismo das minhas ânsias de moço, para o meu país!"*
> (G. Amado, PP, 49.)

Assistir

1.º) A tradição gramatical ensina que este verbo é transitivo indireto no sentido de "estar presente", "presenciar". Com tal significado, deve o objeto indireto ser encabeçado pela preposição *a*, e, se for expresso por pronome de 3.ª pessoa, exigirá a forma *a ele(s)* ou *a ela(s)*, e não *lhe(s)* Assim:

> *"Assisto a tudo e definitivamente."*
> (F. Pessoa, OP, 309.)

> *"Acrescento mais: quem o relatou assistiu a ele."*
> (G. Junqueiro, P, XXIV.)

Na linguagem coloquial brasileira, o verbo constrói-se, em tal acepção, de preferência com objeto direto (cf.: *assistir o jogo, um filme*), e escritores modernos têm dado acolhida à regência gramaticalmente condenada:

> *"O que ele assistia no Recife desenganaria a qualquer um que pensasse em construir obra séria."*
> (J. L. do Rego, MR, 84.)

2.º) É *transitivo indireto* na acepção de "favorecer", "caber (direito ou razão a alguém)", mas, neste caso, pode construir-se com a forma pronominal átona: *me, te, lhe,* etc.

"E por que apenas ao pobre Machado não assiste direito algum de beber no mesmo turvo bebedouro, toldado por todas as sedes?"
(A. Meyer, FS, 169.)

"Verifico mais uma vez como me assistia razão."
(G. Amado, PP, 84.)

3.º) Usa-se, indiferentemente, como *transitivo direto* ou *indireto* nos sentidos de "acompanhar" "ajudar", "prestar assistência", "socorrer":

"A noção da insignificância humana assistia-o constantemente contra o ridículo da cólera e das atitudes patéticas."
(G. Amado, TL, 49.)

"O dono da casa era um padre que lhe assistiu com muita caridade..."
(C. C. Branco, OS, I, 994.)

4.º) No sentido de "morar", "residir", "habitar", o locativo vem introduzido pela preposição *em:*

"Dois daqueles assistiam no termo de Vila Nova da Rainha."
(A. Arinos, OC, 407.)

"Todos em louvor dessa que ora assiste
Em teu lar, dois destinos misturando."
(M. Bandeira, PP, I, 319.)

Chamar

Atente-se nos seguintes valores e empregos:

1.º) Com o significado de "fazer vir", "convocar", usa-se com *objeto direto:*

"Quem chama o sol?"
(C. Meireles, OP, 191.)

"Davam-lhe lugar nos trens e nunca juiz nenhum chamou-o para jurado."
(J. L. do Rego, MVA, 124.)

2.º) Na acepção de "invocar", pede objeto indireto encabeçado pela preposição *por*:

"*Era o velho Lula a chamar pela filha.*"
(*J. L. do Rego, MVA, 304.*)

3.º) No sentido de "qualificar", "dar nome", constrói-se:

a) com objeto direto + predicativo:

"*Chamavam-na 'a rua', talvez pelo alinhado de sua disposição.*"
(*J. L. do Rego, MVA, 27.*)

b) com objeto direto + predicativo (precedido de preposição *de*):

"*O menino fôra para a casa do vigário, que ele chamava de 'padrinho'.*"
(*A. Arinos, OC, 469.*)

c) com objeto indireto + predicativo:

"*Não lhe chamam glória?...*"
(*J. de Alencar, OC, II, 1.468.*)

d) com objeto indireto + predicativo (precedido da preposição *de*):

"*Chamava ele a esses homens ferrados de reúnas.*"
(*J. de Alencar, OC, III, 1.302.*)

"*Como Sofia não confessasse nada, Rubião chamou-lhe de bonita...*"
(*M. de Assis, OC, I, 690.*)

4.º) Pode ser intransitivo, quando equivale a "dar ou fazer sinal com a voz ou o gesto, para que alguém venha":

"*E chamo, grito... Qual!*"
(*E. de Queirós, OF, I, 1.242.*)

Ensinar

1.º) Na língua de nossos dias, constrói-se preferentemente com objeto direto de "coisa" e indireto de "pessoa":

"*Ensinou-lhe a altura provável da casa.*"
(*M. de Assis, OC, II, 387.*)

"Quem [illegible] *?"*
(L. Barreto, TFPQ, 295.)

2.º) Quando a "coisa" ensinada vem expressa por um infinitivo precedido da preposição *a*, a língua atual oferece-nos dois tipos de construção:

a) *ensinar-lhe a + infinitivo;*

b) *ensiná-lo a + infinitivo.*

Assim:

"O profeta ensinara-lhes a temer o pecado mortal do bem-estar mais breve."
(E. da Cunha, OC, II, 222.)

"Quer Cirne que eu, em lugar de ensinar a ler à criança, a ensine a adivinhar."
(J. de Deus, CMC, 236.)

"As grandes e autênticas humilhações viriam mais tarde ensinar-me a ser melhor."
(A. F. Schmidt, GB, 231.)

3.º) Quando se silencia a "coisa" ensinada, a denominação da "pessoa" costuma funcionar como objeto direto:

"Uma moça formada de anel no dedo podia ensinar as meninas até o curso secundário."
(J. L. do Rego, MVA, 189.)

4.º) nos sentidos de "castigar", "bater", "adestrar", "amestrar", "educar", usa-se normalmente com objeto direto:

"A tarimba é que viria ensiná-lo."
(M. de Assis, OC, II, 482.)

Ensinar um atrevido.

Ensinar um cachorro.

5.º) Assinalem-se ainda as construções:

a) com objeto direto de "coisa" explícito e objeto indireto de "pessoa" não expresso:

"Podia até ensinar francês, se quisesse."
(J. L. do Rego, MVA, 189.)

b) com objeto indireto de "pessoa" explícito e com objeto direto de "coisa" calado:

"*Pode ser mesmo que em alguma ocasião lhe tivesse ensinado mal. . .*"
(*M. de Assis, OC, II, 534.*)

c) como intransitivo:

"*Ensine como ensinar, o professor há de adotar um método ou próprio ou alheio.*"
(*T. Coelho, in J. de Deus, CMC, XVII.*)

Esquecer

1.º) Na acepção própria de "olvidar", "sair da lembrança", este verbo constrói-se, tradicionalmente:

a) seja com objeto direto:

"*Nunca mais esqueci isto.*"
(*G. Amado, HMI, 154.*)

"*Tu juras esquecê-lo, e não o esqueces.*"
(*M. de Assis, OC, I, 680.*)

b) seja com objeto indireto introduzido pela preposição *de*, quando pronominal:

"*Sentei-me no chão, deitei-me na relva e me esqueci do mundo.*"
(*J. L. do Rego, MVA, 301.*)

2.º) Do cruzamento destas duas construções resultou uma terceira, sem pronome reflexivo, mas com o objeto introduzido por *de*:

"*Nos meses que [Luisinha] passara no Rio fizera o que fora possível para esquecer de tudo.*"
(*J. L. do Rego, A-M, 243.*)

Tal construção, considerada viciosa pelos gramáticos, mas muito freqüente no colóquio diário, já se vem insinuando na linguagem literária, principalmente quando o complemento de *esquecer* é um infinitivo.

3.º) Também não é raro na língua atual o tipo sintático *esquecer-se que*, com elipse da preposição:

"*Não se esqueça que foram criados juntos. . .*"
(*M. de Assis, OC, I, 731.*)

4.º) Finalmente, à semelhança de *lembrar-se*, o verbo *esquecer-se* admite uma construção de estru-

tura diversa das que até agora examinamos. Os elementos que nestas funcionam como objeto (direto ou indireto) vão figurar nela como sujeito.

"*Esqueceu-me apresentar-lhe minha mulher, acudiu Cristiano.*"
(M. de Assis, OC, I, 571.)

"*Se houvesse de compor um livro novo, não me esqueceria esta fortuna de amigo, que aliás cá fica no coração.*"
(M. de Assis, OC, III, 1.092.)

Interessar

1.º) Emprega-se, indiferentemente, como transitivo direto ou indireto nas acepções de "dizer respeito a", "importar", "ser proveitoso", "ser do interesse de":

"*O andamento deste processo, que interessava pecuniariamente os jesuítas, prendia-se com o caso da sublevação do Manuelinho em Évora, insurreição grotesca...*"
(O. Martins, in C. C. Branco, BE, 41.)

"*O que lhes interessava um tanto sutilmente era, provado o fato, descobrir uma face desconhecida do herói do Túnel.*"
(A. M. Machado, JT, 119.)

2.º) É transitivo direto quando significa:

a) "captar ou prender o espírito, a atenção, a curiosidade"; "excitar a":

"*As histórias de Zefinha não o interessavam.*"
(J. L. do Rego, MVA, 318.)

b) "alcançar", "ofender", "ferir":

"*A facada interessou o pulmão direito.*"
(C. Aulete, DCLP, 986.)

3.º) Emprega-se com objeto indireto introduzido pela preposição *em* nos sentidos de "ter interesse", "tirar utilidade, lucro ou proveito":

"*O povo interessava em que o poder desta vigorasse dilatando-se, porque era esse o meio de se libertar das tiranias locais: o rei interessava em*

que os concelhos fossem poderosos e livres, porque eram a alavanca mais bem temperada para aluir a independência da aristocracia e fazê-la cair despedaçada em volta do seu trono."
(A. Herculano, MC, II, 78-79.)

4.º) É transitivo direto e indireto quando significa:

a) "dar a alguém parte num negócio ou nos lucros":

"*Interessei-o nesta empresa.*"
(M. de S. Lima, GP, 294.)

b) "atrair", "provocar o interesse ou a curiosidade de":

Interessou-o cedo na política.

5.º) No sentido de "empenhar-se", "tomar interesse por", tem forma reflexa e faz-se acompanhar de objeto indireto encabeçado por uma das preposições *em* ou *por*:

"*Diga, diga, que eu interesso-me em aspirar todos os aromas que recendem das essências angélicas.*"
(C. C. Branco, OS, I, 509.)

"*Interessou-se pelo vôo dos urubus.*"
(G. Ramos, VS, 90.)

Lembrar

O verbo *lembrar(-se)* apresenta os mesmos tipos de construção que o seu antônimo *esquecer(-se)*. Assim:

1.º) Com o sentido de "trazer à lembrança", "evocar", "sugerir", "recordar-se", é transitivo direto:

"*Lembrava sempre que a mocidade era breve.*"
(A. F. Schmidt, AP, 35.)

"*Sem nada, sem ninguém que o lembrasse, era como se nunca tivesse existido.*"
(A. M. Machado, JT, 220.)

2.º) Na acepção de "sugerir a lembrança", "fazer recordar", "advertir", constrói-se com objeto direto e indireto:

> *"Lembrei-lhe o justo, o filho de Deus coberto de afrontas, perdoando na cruz aos seus perseguidores; lembrei-lhe que mais de uma vez, por obra e por palavra, o Crucificado ensinara o perdão das injúrias."*
> *(A. Herculano, MC, I, 33.)*

3.º) Com o sentido de "vir à memória", que é o mais usual, admite, à semelhança de *esquecer,* três modelos de construção:

a) *Lembro-me do episódio.*

b) *Lembra-me o episódio.*

c) *Lembra-me do episódio.*

O primeiro é o preponderante no português do Brasil, seja na linguagem coloquial, seja na literária:

> *"Lembrei-me da minha casa paterna."*
> *(L. Barreto, REIC, 286.)*

> *"Lembrou-se de Fabiano e procurou esquecê-lo."*
> *(G. Ramos, VS, 91.)*

Quando o objeto indireto vem expresso por uma oração desenvolvida, a preposição *de* pode faltar:

> *"Lembro-me que devo voltar à missa solene..."*
> *(A. F. Schmidt, F, 37.)*

O segundo modelo sintático pertence à linguagem formal:

> *"Não chorei; lembra-me que não chorei durante o espetáculo: tinha os olhos estúpidos, a garganta presa, a consciência boquiaberta."*
> *(M. de Assis, OC, I, 445.)*

O terceiro, cruzamento dos dois esquemas anteriores, é de emprego raro na língua atual:

> *"Voltei depois que ela entrou em casa, e só muito abaixo é que me lembrou de ver as horas; era quase uma e meia."*
> *(M. de Assis, OC, II, 648.)*

4.º) Paralelamente à construção *esquecer de (alguém ou alguma coisa)*, aparece na linguagem coloquial *lembrar de (alguém ou alguma coisa)*, regência também tida por viciosa:

"*Macunaíma lembrou de procurar.*"
(*M. de Andrade, M, 52.*)

Obedecer

1.º) Na língua culta moderna, fixou-se como transitivo indireto:

"*Iaiá não obedeceu ao convite.*"
(*M. de Assis, OC, I, 367.*)

"*Por que lhe obedeciam as forças?*"
(*G. Amado, PP, 294.*)

"*As suas roseiras obedeciam a ele, mudava de um canto para outro os seus pés e as rosas desabrochavam com a ajuda de suas mãos.*"
(*J. L. do Rego, MR, 202.*)

2.º) Admite, no entanto, voz passiva:

"*Manobrava-os a distância, dava-lhes ordens como chefe ciente da sua autoridade e certo de ser obedecido.*"
(*G. Amado, PP, 294.*)

Esta construção corresponde ao antigo regime transitivo direto do verbo, que ainda se documenta em José de Alencar:

"*— Meu tio Campelo ordenou-me e eu o obedeço.*"
(*OC, III, 1.243.*)

3.º) Idêntica é a construção do antônimo *desobedecer*:

"*— Peri desobedece à tua voz, senhora, para obedecer ao teu coração.*"
(*J. de Alencar, OC, II, 175.*)

"*A avó já lhe dissera que ele não podia mais desobedecer às vontades de Deus.*"
(*J. L. do Rego, RD, 242.*)

Perdoar

1.º) Na língua culta de hoje, constrói-se, preferentemente, com objeto direto de "coisa" e objeto indireto de "pessoa":

"Malheiro não lhe perdoava a culpa de ser bravo."
(R. Pompéia, A, 144.)

"Costa não se deteve um minuto, foi ao devedor e perdoou-lhe a dívida."
(M. de Assis, OC, II, 264.)

2.º) Na voz passiva pode o sujeito corresponder também ao objeto indireto da ativa:

"Custou-lhe muita hesitação, muito arrependimento; mais de uma vez chegou a sair com o propósito de visitar Sofia e pedir-lhe perdão. De quê? Não sabia; mas queria ser perdoado."
(M. de Assis, OC, I, 648.)

3.º) A construção com objeto direto de "pessoa", freqüente no português antigo e médio, é a predominante na linguagem coloquial brasileira, razão por que nossos escritores atuais não têm duvidado em acolhê-la:

"A velha tia Nenén não perdoava ninguém."
(J. L. do Rego, U, 221.)

Responder

Admite várias construções. Entre elas, apontem-se as seguintes:

1.º) Na acepção de "dar resposta, dizer ou escrever em resposta", emprega-se, geralmente:

a) com objeto indireto em relação à pergunta:

"Responde com vivacidade e segurança a todas as perguntas."
(E. da Cunha, OC, II, 515.)

b) com objeto direto para exprimir a resposta:

"Respondi que não era nem alegre nem triste."
(A. M. Machado, CJ, 125.)

podendo, naturalmente, usar-se na passiva; como neste exemplo:

"... um violento panfleto contra o Brasil que foi vitoriosamente respondido por De Ângelis."
(E. Prado, IA, 145.)

c) com objeto direto e indireto:

"Com que indiferença ela lhe respondeu: não volta!"
(L. Barreto, TFPQ, 258.)

2.º) Na acepção de "replicar", "retorquir", usa-se, normalmente, com objeto indireto.

"À linguagem do deputado o jovem médico respondeu com igual franqueza."
(M. de Assis, OC, II, 60.)

Não é raro, porém, o emprego intransitivo:

"Marta não ergueu os olhos nem respondeu."
(C. C. Branco, BP, 25.)

3.º) Na acepção de "repetir a voz, o som", "dizer, cantar ou tocar em resposta", é intransitivo:

"Fr. José, depois de ter invocado Nossa Senhora do Salvamento, encetou o terço e as monjas responderam."
(A. Ribeiro, ES, 210.)

4.º) No sentido de "corresponder", "equivaler", "condizer", constrói-se com objeto indireto:

"Legítimo português é reclamo, do gênero masculino, que responde cabalmente ao francês une réclame.*"*
(R. Barbosa, R, 184.)

5.º) Quando significa "ser ou ficar responsável", "responsabilizar-se", "fazer as vezes (de alguém)", exige complemento introduzido pela preposição *por*:

"Parecia que outro personagem respondia por ele, a fim de deixá-lo à vontade."
(A. M. Machado, JT, 112.)

Visar

1.º) É transitivo direto nas acepções de:

a) "mirar", "apontar (arma de fogo)":

Visando o alvo, atirou.

b) "dar ou pôr o visto (em algum documento)":

Visar um passaporte.
Visar o diploma.

2.º) No sentido de "ter em vista", "ter por objetivo", "pretender", "propor-se", pode construir-se:

a) com objeto indireto introduzido pela preposição *a*:

"Durante dez anos não visei a outra coisa senão a captar o interesse da dinastia, e a acordar o sentimento do país."
(J. Nabuco, MF, 192.)

b) com objeto direto:

"O Doutor Pestana só visa em tudo isto a pessoa dele."
(J. L. do Rego, MR, 47.)

Esta última construção, condenada por alguns gramáticos, é a dominante na linguagem coloquial brasileira e tende a dominar também na língua literária, principalmente quando o complemento vem expresso por uma oração reduzida de infinitivo:

"O ataque visava cortar a retaguarda da linha da frente."
(E. da Cunha, OC, II, 399.)

Sintaxe do verbo haver

O verbo *haver*, conforme o seu significado, pode empregar-se em todas as pessoas ou apenas na **3.ª** pessoa do singular.

1. Emprega-se em todas as pessoas:

a) quando é auxiliar (com sentido equivalente a *ter*) de verbo pessoal, quer junto a particípio, quer junto a infinitivo antecedido da preposição *de*:

"O tempo que hei sonhado
Quantos anos foi de vida!"
(F. Pessoa, OP, 89.)

"Haviam decorrido cinco anos sem nos vermos."
(C. C. Branco, OS, I, 662.)

"Deixe; amanhã hei de acordá-lo a pau de vassoura!"
(M. de Assis, OC, II, 480.)

b) quando é verbo principal, com as significações de "conseguir", "obter", "alcançar", "adquirir":

"Donde houveste, ó pélago revolto,
Esse rugido teu?"
(G. Dias, PCPE, 191.)

"Tão nobre és, como os melhores, e rico; porque a ninguém mais que a ti devem de pertencer as terras que teu avô Diogo Álvares conquistou ao gentio para El-Rei, de quem as houvemos nós e nossos pais."
(J. de Alencar, OC, II, 422-3.)

c) quando é verbo principal, com a forma reflexa, nas acepções de "portar-se", "proceder", "comportar-se", "conduzir-se":

"Soares houve-se como pôde na singular situação em que se achava."
(M. de Assis, OC, II, 51.)

"Não vão crer que era pesar nem dor; por ocasião do casamento, houve-se com grande discrição, cuidou do enxoval da noiva e despediu-se dela com muitos beijos chorados."
(M. de Assis, OC, I, 668.)

d) quando é verbo principal, também com a forma reflexa, no sentido de "entender-se", "ajustar contas":

"Dava Belmiro passagem de graça a gente pobre, e se por acaso aparecia valentão no seu trem, teria que se haver com ele."
(J. L. do Rego, MVA, 133.)

e) quando é verbo principal, acompanhado de infinitivo sem preposição, com sentido equivalente a "ser possível":

"Não há negá-lo, o apito é de uso geral e comum."
(M. de Assis, OC, III, 536.)

Não havia contê-los."
(E. da Cunha, OC, II, 322.)

2. É raro nos escritores modernos, mas muito freqüente nos do português antigo e médio, o uso pessoal do verbo *haver,* como verbo principal, nas acepções de:

a) "ter", "possuir":

"Hei medo de deixar nome de injusto."
(A. Ferreira, C, II, 703.)

b) "julgar", "pensar", "considerar", "ter para si":

"Por bom hei guardar o gado."
(C. Falcão, C, 460.)

3. Comparem-se as expressões:

a) *haver por bem* = "dignar-se", "resolver assentar", "julgar oportuno ou conveniente":

"Havemos por bem decretar."
(C. Aulete, DCLP 215.)

b) *haver mister* = "precisar", "necessitar":

"Ora, o soldado, entre nós, há mister de três benefícios urgentes."
(R. Barbosa, EDS, 388.)

4. Emprega-se como impessoal, isto é, sem sujeito, quando significa "existir", ou quando indica tempo decorrido. Nestes casos, em qualquer tempo, conjuga-se tão-somente na 3.ª pessoa do singular:

"Havia pitangueiras na praia."
(A. F. Schmidt, AP, 36.)

"Há três anos vivemos uma vida horrível."
(G. Ramos, SB, 219.)

5. Quando o verbo *haver* exprime existência e vem acompanhado dos auxiliares *ir, dever, poder,* etc., a locução assim formada é, naturalmente, impessoal:

"Lá e acolá, devia haver terríveis cabeças humanas apontando da água, como repolhos de um canteiro, como moscas grudadas no papel-de-cola."
(G. Rosa, S, 70.)

Distinção essencial

O verbo *haver*, quando sinônimo de "existir", constrói-se de modo diverso deste. Nesta acepção, *haver* não tem sujeito e é transitivo direto, sendo o seu objeto o nome da coisa existente ou, a substituí-lo, o pronome pessoal o *(a, lo, la)*. *Existir*, ao contrário, é intransitivo e possui sujeito, expresso pelo nome da coisa existente.

Dir-se-á, pois:

Outrora, havia amendoeiras no parque.
Outrora, existiam amendoeiras no parque.

Construção do tipo:

"*Houveram muitas lágrimas de alegria.*"
(C. C. Branco, V, 82.)

"*Ali haviam vários deputados que conversavam de política, e os quais se reuniram a Meneses.*"
(M. de Assis, OC, II, 67-68.)

embora se documentem em alguns dos melhores escritores da língua, especialmente do século passado, não devem ser hoje imitadas.

Capítulo VII

7. Advérbio

1. *Advérbios* são palavras que se juntam a verbos, para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos, para intensificar uma qualidade:

"*Ternura leu-o depressa e, meio atordoado, guardou-o no bolso.*"
(*A. M. Machado, JT, 174.*)

"*O silêncio é tão largo, é tão longo, é tão lento*
Que dá medo... O ar, parado, incomoda, angustia..."
(*M. Bandeira, PP, I, 73.*)

2. Saliente-se ainda que:

a) os advérbios chamados de intensidade podem reforçar o sentido de outro advérbio:

"*A vida não lhes correra nem muito bem nem muito mal.*"
(*A. F. Schmidt, GB, 285.*)

b) certos advérbios aparecem modificando toda a oração:

"*Felizmente, estava vago o lugar de inspetor escolar.*"
(*G. Rosa, S, 105.*)

"*Tudo se separou, naturalmente.*"
(*G. Ramos, AOH, 211.*)

Observação

Sob a denominação de advérbios reúnem-se, tradicionalmente, palavras de natureza nominal e pronominal de emprego muito diverso. Por esta razão, nota-se entre os lingüistas modernos uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o, seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico. Bernard Pottier chega mesmo a eliminar a denominação do seu léxico lingüístico. (Cf. Introduction à l'étude de la morphosyntaxe espagnole. *3ᵉ éd. Paris, 1964. p. 78.)*

Classificação dos advérbios

Os advérbios recebem a denominação da circunstância ou de outra idéia acessória que expressam.

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira* **distingue as seguintes espécies:**

a) advérbios de afirmação: *sim, certamente, efetivamente, realmente,* etc.;

b) advérbios de dúvida: *acaso, porventura, possivelmente, provavelmente, quiçá, talvez,* etc.;

c) advérbios de intensidade: *assaz, bastante, bem, demais, mais, meio, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão,* etc.;

d) advérbios de lugar: *abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, aquém, aqui, através, atrás, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto,* etc.;

e) advérbios de modo: *assim, bem, debalde, depressa, devagar, mal, melhor, pior* **e quase todos os terminados em** *mente: bondosamente, regularmente,* etc.;

f) advérbio de negação: *não;*

g) advérbios de tempo: *agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde,* etc.

Advérbios interrogativos

Na classe de advérbios inclui ainda a *NGB* **os** interrogativos, **que indicam circunstâncias de causa, de lugar, de modo e de tempo nas interrogações diretas e indiretas:**

a) de causa: *por quê?*

"*Por que* me desvendaste a tua sedução?"
(M. Bandeira, PP, I, 61.)

Queria saber por que me desvendaste a tua sedução.

b) de lugar: *onde?*

"— *Onde* estou com a cabeça?"
(G. Ramos, I, 90.)

Não sei onde estou com a cabeça.

c) de modo: *como?*

"*Como* vai o meu substituto?"
(M. de Assis, OC, I, 829.)

Diga-me como vai o meu substituto.

d) *de tempo*: *quando?*

"*Quando virás?*"
(*R. de Carvalho, EIS, 96.*)

Ignoro quando virás.

Locução adverbial

Denomina-se *locução adverbial* o conjunto de duas ou mais palavras que tem valor de advérbio. De regra, as locuções adverbiais se formam da associação de uma preposição com um substantivo, com um adjetivo ou com um advérbio:

"*Meu pai batia-lhe no ombro em silêncio.*"
(*G. Amado, HMI, 142.*)

"*Não, não vou por aí! Só vou por onde*
Me levam meus próprios passos..."
(*J. Régio, PDD, 108.*)

Mas há formações mais complexas:

"*Olha a vida, rindo ou chorando, frente a frente.*"
(*R. de Carvalho, EIS, 109.*)

"*Caminhamos ombro a ombro para a casa da eira.*"
(*C. C. Branco, OS, I, 526.*)

"*Já Brás Cubas recomendava ao seu leitor de vez em quando limpar os óculos.*"
(*A. Meyer, FS, 170.*)

2. À semelhança dos advérbios, as locuções adverbiais podem ser:

a) *de afirmação* (ou *dúvida*): *com certeza, por certo, sem dúvida.*

Atente-se na distinção:

Com certeza [= *provavelmente*] *ele voltará.*
Ele voltará com certeza [= *com segurança*].

b) *de intensidade*: *de muito, de pouco, de todo*, etc.;

c) *de lugar*: *à direita, à esquerda, à distância, ao lado, de dentro, de cima, de longe, de perto, em cima, para dentro, para onde, por ali, por aqui, por dentro, por fora, por onde, por perto*, etc.;

d) de modo: *à toa, à vontade, ao contrário, ao léu, às avessas, às claras, às direitas, às pressas, com gosto, com amor, de bom grado, de cor, de má vontade, de regra, em geral, em silêncio, em vão, frente a frente, gota a gota, ombro a ombro, passo a passo, por acaso*, etc.;

e) de negação: *de forma alguma, de modo nenhum*, etc.;

f) de tempo: *à noite, à tarde, à tardinha, de dia, de manhã, de noite, de vez em quando, de tempos em tempos, em breve, pela manhã*, etc.

Locução adverbial e locução prepositiva

1. Quando uma preposição vem *antes* do advérbio, não muda a natureza deste; forma com ele uma locução adverbial:

de dentro — *por detrás*

2. Se, ao contrário, a preposição vem *depois* de um advérbio ou de uma locução adverbial, o grupo inteiro se transforma numa locução prepositiva:

dentro de — *por detrás de*

Colocação dos advérbios

1. Os advérbios que modificam um adjetivo, um particípio isolado, ou outro advérbio colocam-se de regra antes destes:

> "*Meio tonto, meio confuso, deixou-se cair no banco.*"
>
> (*A. M. Machado, JT, 151.*)

> "*Tão pura e modesta,*
> *Tão perto do chão,*
> *Tão longe na glória*
> *Da mística altura...*"
>
> (*M. Bandeira, PP, I, 317-318.*)

> "*As cidadezinhas do interior, mediocremente povoadas, ignoravam a iluminação elétrica e o bar.*"
>
> (*G. Ramos, AOH, 162.*)

2. Dos advérbios que modificam o verbo:

a) os de modo colocam-se normalmente depois dele:

> "*Os cachorros latiam desesperadamente.*"
>
> (*J. L. do Rego, FM, 288.*)

b) os de tempo e de lugar podem colocar-se antes ou depois do verbo:

"*Outrora matavas o tempo, agora o tempo te mata.*"

(*A. M. Machado, CJ, 102.*)

"*O visconde tinha sido ministro e o barão foi ministro depois.*"

(*G. Ramos, AOH, 161.*)

"*Cá fora a algazarra distanciava-se...*"

(*A. Ribeiro, ES, 203.*)

"*A noite cresce lá fora.*"

(*A. F. Schmidt, GB, 240.*)

c) o de negação antecede sempre o verbo:

"*Não digas — adeus —, Maria!*
Ou não me fales de amor!"

(*C. Alves, OC, 334.*)

3. O realce do adjunto adverbial é expresso de regra por sua antecipação:

"*Daqui por diante há só um talher à mesa.*"

(*E. de Queirós, OF, II, 24.*)

"*Embaixo — o mar... em cima — o firmamento...*"

(*C. Alves, OC, 277.*)

"*Em cima, é a lua,*
no meio, é a nuvem,
embaixo, é o mar."

(*C. Meireles, OP, 258.*)

Repetição de advérbios em -mente

1. Quando numa frase dois ou mais advérbios em *-mente* modificam a mesma palavra, pode-se, para tornar mais leve o enunciado, juntar o sufixo apenas ao último deles:

"*O outro respondeu, vaga e maquinalmente:*
— É verdade, meu senhor, é verdade..."

(*E. de Queirós, OF, II, 25.*)

"*Está lá na sua cidadezinha, criando agora os netos, como criara os filhos, pacífica, honrada e banalmente.*"

(*G. Amado, HMI, 170.*)

Note-se o efeito que tira Lima Barreto do emprego de seqüência adverbial desse tipo como reforço da idéia contida num adjetivo adverbializado anterior:

> *"Nada omitiu do seu pensamento; falou claro, franca e nitidamente."*
>
> (*TFPQ, 284.*)

2. Se, no entanto, a intenção é realçar as circunstâncias expressas pelos advérbios, costuma-se omitir a conjunção e e acrescentar o sufixo a cada um dos advérbios:

> *"O mar chora, como sempre, longamente, monotonamente."*
>
> (*A. F. Schmidt*, GB, *240.*)

> *"Olha a vida, primeiro longamente,*
> *enternecidamente,*
> *como quem a quer adivinhar. . ."*
>
> (*R. de Carvalho*, EIS, *109.*)

> *"Quis ainda ver se a dissuadia daquele pensamento; Ismênia, porém, continuava a repeti-lo pacientemente, docemente, serenamente. . ."*
>
> (*L. Barreto*, TFPQ, *257.*)

Observação

Sobre os tipos de construção com adjetivos e advérbios sucessivos, sua origem e seu emprego, consultem-se especialmente Harri Meier. Ensaios de filologia românica. *Lisboa, 1948. p. 55-114; e Bernard Pottier.* Lingüística moderna y filología hispánica, *Madrid, 1968. p. 217-231, que trazem bibliografia referente à questão. Quanto aos valores estilísticos dos advérbios em* -mente *nos escritores modernos da língua, vejam-se Rodrigues Lapa.* Estilística da língua portuguesa. *4.ª ed. Rio de Janeiro, 1965. p. 180-184; Ernesto Guerra da Cal.* Lengua y estilo de Eça de Queiroz. *Coimbra, 1954. p. 168-194. Maria Helena de Novais Paiva.* Contribuição para uma estilística da ironia. *Lisboa, 1961. p. 267-272; Maria Manuela Moreno de Oliveira.* Processos de intensificação no português contemporâneo. *Lisboa, 1962. p. 136-140.*

Gradação dos advérbios

Certos advérbios, principalmente os de modo, são suscetíveis de gradação. Podem apresentar um comparativo e um superlativo, formados por processos análogos aos que observamos na flexão correspondente dos adjetivos.

Grau comparativo

Forma-se o comparativo:

a) de superioridade — antepondo *mais* e pospondo *que* ou *do que* ao advérbio:

Agiu mais nobremente que o irmão.

b) de igualdade — antepondo *tão* e pospondo *como* ou *quanto* ao advérbio:

Agiu tão nobremente como o irmão.

c) de inferioridade — antepondo *menos* e pospondo *que* ou *do que* ao advérbio:

Agiu menos nobremente que o irmão.

Grau superlativo

Forma-se o superlativo absoluto:

a) sintético — com o acréscimo de sufixo:

muitíssimo *pouquíssimo*

sendo de notar que nos advérbios em *-mente* esta terminação se pospõe à forma superlativa feminina do adjetivo de que se deriva o advérbio:

		Superlativo
Adjetivo	**nobre**	**nobilíssimo**
Advérbio	**nobremente**	**nobilissimamente**

b) analítico — com a ajuda de um advérbio indicador de excesso:

"Canudos devia estar muito perto, ao alcance da artilharia."
(E. da Cunha, OC, II, 305.)

"Sábado, deu-me uma palmada de alegria, muito satisfeito, exclamando 'vai belo, vai belo! vai muitíssimo bem'."
(A. Nobre, CI, 147.)

"Estou mal em Paris, estou mal em Barcelona — estarei horrivelmente mal em Lisboa."
(M. de Sá-Carneiro, CFP, II, 8.)

Outras formas de comparativo e superlativo

1. *Melhor* e *pior* podem ser comparativos dos adjetivos *bom* e *mau* e, também, dos advérbios *bem* e *mal*. Neste caso são, naturalmente, invariáveis:

> *"Se não aprendi melhor, não foi senão por minha própria culpa."*
> (A. F. Schmidt, GB, 33.)

> *"Meu sabiá das palmeiras*
> *Canta aqui melhor que lá."*
> (R. Couto, PR, 278.)

> *. "Ah tu não imaginas*
> *Quanto isto me faz mal! Pior que as sabatinas*
> *Dos ursos na aula, pior que as beatas correrias*
> *Das velhas magras, galopando Ave-Marias,*
> *Pior que um diamante a riscar na vidraça,*
> *Pior eu sei lá, Manuel, pior que uma desgraça!"*
> (A. Nobre, Só, 51.)

2. A par dessas formas anômalas, existem os *comparativos* regulares *mais bem* e *mais mal*, usados, de preferência, antes de adjetivos-particípios:

> *As paredes da sala estão mais bem pintadas que as dos quartos.*

> *Não pode haver um projeto mais mal executado do que este.*

Advirta-se, porém, que na posposição só se empregam as formas sintéticas:

> *As paredes das salas estão pintadas melhor que as dos quartos.*
> *Não pode haver um projeto executado pior do que este.*

3. No superlativo absoluto sintético, *bem* apresenta a forma *otimamente*; e *mal*, a forma *pessimamente*:

> *"Disseram-lhe muito bem de mim e dito feito: cá estou e receberam-me otimamente."*
> (A. Nobre, Cl, 158.)

4. *Muito* e *pouco*, quando advérbios, têm como comparativos *mais* e *menos*, e como superlativos o *mais* ou *muitíssimo* e o *menos* ou *pouquíssimo*, respectivamente:

> *"Se não sou mais que os do Norte,*
> *Menos também é que não."*
> (R. Couto, PR, 285.)

"*Eu, como romancista, lamento que ele não viva* muitíssimo *apoquentado, para poder tirar a limpo a sã moralidade deste conto.*"
(*C. C. Branco, QA, 286.*)

"*Esse tipo de publicação,* pouquíssimo *difundido entre nós, é todavia da maior importância e largamente praticado em outros países.*"
(*E. Pereira Filho, in TPB, de Gândavo, 13.*)

5. O superlativo intensivo denotador dos limites da possibilidade forma-se — tal como o do adjetivo — antepondo o *mais* ou o *menos* ao advérbio e pospondo-lhe a palavra *possível* ou uma expressão (ou oração) de sentido equivalente:

"*Escreva-me o* mais depressa possível."
(*M. de Sá-Carneiro, CFP, II, 15.*)

Repetição do advérbio

Como a do adjetivo, a repetição do advérbio é uma forma de intensificá-lo:

"*Costa emprestou o dinheiro* logo, logo, *e sem juros.*"
(*M. de Assis, OC, II, 264.*)

"*Rubião agradeceu-lhe* muito *e* muito *o obséquio e pediu-lhe que repetisse; podiam passar alguns domingos assim em boa palestra amigável.*"
(*M. de Assis, OC, I, 579.*)

O mesmo valor terá, naturalmente, o adjetivo adverbializado:

"*O vulto levantou-se e encobriu-se,* lento *e* lento, *entre as primeiras casas.*"
(*E. da Cunha, OC, II, 308.*)

Diminutivo com valor superlativo

Na linguagem coloquial é comum o advérbio assumir uma forma diminutiva (com os sufixos *-inho* e *-zinho*), que têm valor de superlativo:

"*O rumor das águas parecia* pertinho *da casa-grande.*"
(*J. L. do Rego, U, 335.*)

"*Deixa-me andar assim no teu caminho*
Por toda a vida, Amor, devagarinho,
Até a Morte me levar consigo..."
(*F. Espanca, S, 162.*)

Advérbios que não se flexionam em grau

Como sucede com alguns adjetivos, há advérbios que não se flexionam em grau porque o próprio significado não admite variação de intensidade. Entre outros, apontem-se: *aqui, aí, ali, lá, hoje, amanhã, diariamente, anualmente* e formações semelhantes.

Palavras de classificação à parte

1. Certas palavras, enquadradas freqüente e impropriamente entre os advérbios, passaram a ter, com a *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, classificação à parte, mas sem nome especial.

São palavras que denotam, por exemplo:

a) inclusão: *até, inclusive, mesmo, também,* etc.:

> "*Não são só melhoras que ele verifica, verifico-as eu* também."
> (*A. Nobre, CI, 173.*)

> "*Não sei* mesmo *como você agüenta.*"
> (*G. Cruls, 4R, 471.*)

b) exclusão: *apenas, menos, salvo, senão, só, somente,* etc.:

> "*Faltou-lhe* apenas *citar o autor.*"
> (*J. Ribeiro, CD, 70.*)

> "*Todos,* menos *o juiz, o fixavam com interesse.*"
> (*A. M. Machado, HR, 18.*)

c) designação: *eis:*

> "Eis*-me eu, pobre homem, a contemplá-la de novo.*"
> (*A. de Guimaraens, OC, 599.*)

d) realce: *cá, lá, é que, que, ora, só,* etc.:

> "*Tinham* lá *coragem?*"
> (*G. Ramos, VS, 71.*)

> "*Esse povo é* que *é o meu.*"
> (*C. Meireles, OP, 113.*)

e) retificação: *aliás, ou antes, isto é, ou melhor*, etc.:

"*Li, isto é, folheei, os três pesados volumes da Academia...*"
(*J. Ribeiro, CD, 69.*)

"*Calo-me, pois, e desta vez seriamente; dou um ponto na boca, ou antes, no papel.*"
(*J. de Alencar, OC, IV, 833.*)

f) explicação: *a saber, isto é, por exemplo*, etc.:

"*Uma vez produzido o efeito essencial, isto é, uma vez cessada a privação, torna o organismo ao estado anterior, ao estado indiferente.*"
(*M. de Assis, OC, I, 542.*)

"*Os outros brancos eram diferentes. O patrão atual, por exemplo, berrava sem precisão.*"
(*G. Ramos, VS, 58.*)

g) situação: *afinal, agora, então, com efeito, mas*, etc.:

"*Mas, você, então, não sabe quem é o Rocha?*"
(*L. Barreto, B, 197.*)

"*E é com efeito o sr. D. Miguel esse homem que chegou preso?*"
(*C. C. Branco, BP, 170.*)

2. **Como nos mostram os exemplos acima, tais palavras são de classificação difícil. Não devem, porém, ser incluídas entre os advérbios, pois que não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio, característica desta classe de palavras.**

Capítulo VII

8. Preposição

Função das preposições

Chamam-se *preposições* os vocábulos gramaticais invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (*antecedente*) é explicado ou completado pelo sentido do segundo (*conseqüente*). Assim:

Antecedente	Preposição	Conseqüente
Foi	*a*	*Roma*
Compareceu	*à*	*hora prevista*
Fugiu	*de*	*casa*
Vibrou	*de*	*alegria*
Mora	*com*	*a família*
Combinou	*com*	*você*

Forma das preposições

Quanto à forma, as preposições podem ser:

a) *simples*, quando expressas por um só vocábulo;

b) *compostas* (ou *locuções prepositivas*), quando constituídas de dois ou mais vocábulos, sendo o último deles uma preposição simples (geralmente *de*).

Preposições simples

As preposições são:

a	*com*	*em*	*por (per)*
ante	*contra*	*entre*	*sem*
após	*de*	*para*	*sob*
até	*desde*	*perante*	*sobre*
			trás

Tais preposições se denominam também *essenciais* para se distinguirem de certas palavras que, pertencendo normalmente a outras classes, funcionam às vezes como preposições e, por isso, se dizem *preposições acidentais*. Assim, *afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto*, etc.

Locuções prepositivas

Eis algumas *locuções prepositivas*:

abaixo de	*a fim de*
acerca de	*além de*
acima de	*antes de*
a despeito de	*ao lado de*
adiante de	*ao redor de*

a par de
apesar de
a respeito de
atrás de
através de
de acordo com
debaixo de
de cima de
defronte de
dentro de
depois de
diante de
embaixo de
em cima de
em frente a
em frente de
em lugar de
em redor de
em torno de
em vez de
graças a
junto a
junto de
para baixo de
para cima de
para com
perto de
por baixo de
por causa de
por cima de
por detrás de
por diante de
por entre
por trás de

Significação das preposições

1. A relação que se estabelece entre palavras ligadas por preposição pode implicar movimento ou situação daí resultante.

A idéia de movimento em sua totalidade está presente em:

Ao refeitório, sem demora!
Ao desistir, já havia cativado a todos.

A mesma preposição *a*, nos exemplos abaixo, exprime relações das quais só se percebe o ponto limite do movimento, ou situação:

Nos trópicos vive-se exposto ao sol.
Levou-o à força.

2. Tanto o movimento como a situação podem ser considerados em referência ao espaço, ao tempo e à noção.

A preposição *de*, por exemplo, estabelece uma relação:

a) espacial em:

"Vão de uma alma para outra
com riscos de naufragar."
(F. Pessoa, QGP, n.º 1.)

b) temporal em:

"Quando fomos para a casa de Matacavalos já ela estava assim decorada; vinha do decênio anterior."

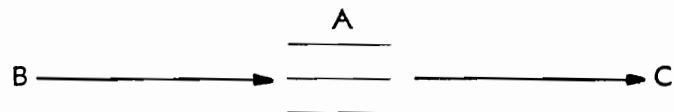
(M. de Assis, *OC*, I, 730.)

c) nocional em:

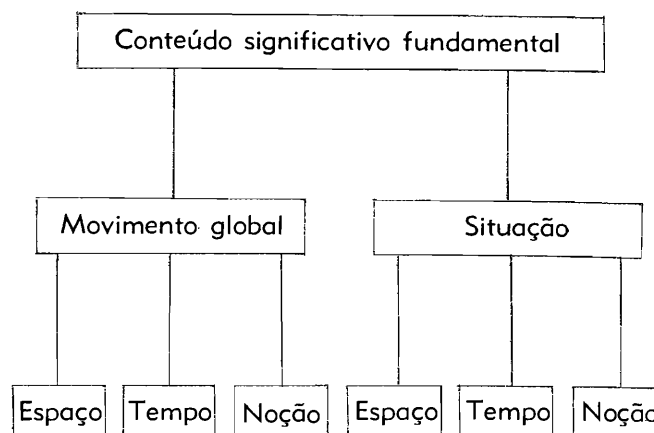
"Um dia, meia dúzia de rapazes libertinos. . ., ainda quentes do último discurso de Gladstone ou do mais recente artigo do Courrier de l'Europe*. . ., resolveram dar com o monumento bizantino em terra. . ."*

(M. de Assis, *OC*, III, 369.)

Nos três casos a preposição *de* relaciona palavras à base de uma idéia central: "movimento de afastamento de um limite", "procedência". Em outros casos, mais raros, predomina a noção, daí derivada, de "situação *longe de*". Os matizes significativos que esta preposição pode adquirir em contextos diversos derivarão sempre desse conteúdo significativo fundamental e das suas possibilidades de aplicação aos campos espacial, temporal ou nocional.

3. Na expressão de relações preposicionais com idéia de movimento considerado globalmente, importa levar em conta um ponto limite (A), em referência ao qual o movimento será de aproximação (B → A) ou afastamento (A → C):

Foi à escola	*Veio da escola.*
Lutou até o amanhecer	*Lutou desde o amanhecer.*
Seguiu para o Oeste	*Seguiu pelo Oeste.*

4. Recapitulando e sintetizando, podemos concluir que, embora as preposições apresentem grande variedade de usos, bastante diferenciados no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas uma significação fundamental, marcada pela expressão de movimento ou de situação resultante e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional.

Esquematizando:

Esta subdivisão possibilita a análise do sistema das preposições em português, sem que precisemos levar em conta os variados matizes significativos que podem adquirir em decorrência do contexto.[1]

Conteúdo significativo e função relacional

1. Comparando as frases:

Mora com a família.
Combinou com você.

observamos que, em ambas, a preposição *com* tem como antecedente uma forma verbal (*mora* e *combinou*), ligada por ela a um conseqüente, que, no primeiro caso, é um termo acessório (*com a família* = adjunto adverbial) e, no segundo, um termo integrante (*com você* = objeto indireto) da oração.

1) Para a elaboração deste capítulo nos inspiramos fundamentalmente nas obras de Bernard Pottier: *Systématique des éléments de relation. Étude de morphosyntaxe structurale romane*. Paris, 1962; Sobre la naturaleza del caso y la preposición e Espacio y tiempo en el sistema de las preposiciones, estudos incluídos no livro *Lingüística moderna y filología hispánica*. p. 137-153. Na mesma linha é o ensaio de María Luísa López, *Problemas y métodos en el análisis de las preposiciones*, Madrid. 1970.

2. A preposição *com* exprime, fundamentalmente, a idéia de "associação", "companhia". E esta idéia básica, sentimo-la muito mais intensa no primeiro exemplo:

Mora com a família.

do que no segundo:

Combinou com você.

Aqui o uso da partícula *com* após o verbo *combinar*, por ser construção já fixada no idioma, provoca um esvaecimento do conteúdo significativo de "associação", "companhia" em favor da função relacional pura.

3. Costuma-se nesses casos desprezar o sentido da preposição e considerá-la um simples elo sintático, vazio de conteúdo nocional.[1]

Cumpre, no entanto, salientar que as relações sintáticas que se fazem por intermédio de preposição obrigatória selecionam determinadas preposições exatamente por causa do seu significado básico.

Exemplificando:

O verbo *combinar* elege a preposição *com* em virtude das afinidades que existem entre o sentido do próprio verbo e a idéia de "associação" inerente a *com*.

O objeto indireto, que em geral é introduzido pelas preposições *a* ou *para*, corresponde a um "movimento em direção a", coincidente com a base significativa daquelas preposições.

---

1) A respeito, escreve Bernard Pottier, que tem sistematicamente combatido esta interpretação: "Hasta se ha podido decir que hay preposiciones que llegan a no tener significación (a propósito del de francés), lo que no se puede justificar; si existe un morfema en una lengua, está este condicionado y por lo tanto desempeña un papel en la *estructura* de la lengua." (*Lingüística moderna y filología hispánica*. p. 145.)

4. Completamente distinto é o caso do objeto direto preposicionado, em que o emprego de preposição não obrigatória transmite à relação um vigor novo, pois o reforço que advém do conteúdo significativo da preposição é sempre um elemento intensificador e clarificador da relação verbo-objeto:

"Oh! se a estes conheceras,
Meu Frei Gil de Santarém!"
(G. Dias, PCPE, 289.)

5. Em resumo: a maior ou menor intensidade significativa da preposição depende do tipo de relação sintática por ela estabelecida. Essa relação, como esclareceremos a seguir, pode ser fixa, necessária ou livre.

Relações fixas

Examinando as relações sintáticas estabelecidas, nas frases abaixo, pelas preposições assinaladas:

"Nós temos fibra patriótica; mas um estimulante de longe em longe não faz mal a ninguém."
(M. de Assis, OC, III, 346.)

"Hei de sempre adorá-la, hei de querê-la..."
(A. de Guimaraens, OC, 92.)

"Por onde é que andas, ribeiro,
descoberto por acaso?"
(C. Meireles, OP, 655.)

"Ao levantar-se deu com o médico e teve um sobressalto."
(M. de Assis, OC, II, 503.)

verificamos que o uso associou de tal forma as preposições a determinadas palavras (ou grupo de palavras), que esses elementos não mais se desvinculam: passam a constituir um todo significativo, uma verdadeira palavra composta.

Nesses casos, a primitiva função relacional e o sentido mesmo da preposição se esvaziam profundamente, preponderando tanto na organização da frase como no valor significativo um conjunto léxico resultante da fixação da relação sintática preposicional.

Em *dar com* ("topar"), por exemplo, a preposição, fixada à forma verbal, faz mais do que acrescentar-lhe novos matizes conotativos: altera-lhe a própria denotação.

Relações necessárias

Nas orações:

"*Minha mãe acedeu prontamente à minha vontade.*"
(*C. C. Branco, OS, I, 713.*)

"*A sua admiração por Zezinho era ilimitada.*"
(*G. Aranha, OC, 459.*)

"*Volto de sua casa.*"
(*J. de Alencar, OC, I, 552.*)

"*A vila foi tomada de misticismo.*"
(*G. Amado, HMI, 143.*)

as preposições relacionam ao termo principal um conseqüente sintaticamente necessário:

acedeu à minha vontade (verbo + objeto indireto)

admiração por Zezinho (substantivo + complemento nominal)

Volto de sua casa (verbo + adjunto adverbial necessário)[1]

foi tomada de misticismo (verbo + agente da passiva)

Em tais casos, intensifica-se a função relacional das preposições com prejuízo do seu conteúdo significativo, reduzido aos traços característicos mínimos.

Daí o relevo, no plano expressivo, da relação sintática em si.

---

1) "Tratando-se de verbos intransitivos de movimento, o complemento de direção não pode ser considerado elemento meramente acessório" (Antenor Nascentes. *O problema da regência*. 2.ª ed., 1960. p. 17-18).

Relações livres

A comparação dos enunciados:

Encontrar com um amigo.
Encontrar um amigo.
Procurar por alguém.
Procurar alguém.

mostra-nos que a presença da preposição (possível, mas não necessária sintaticamente) acrescenta, às relações que estabelece, as idéias de "associação" (*com*) e de "movimento que tende a completar-se numa direção determinada" (*por*).

O emprego da preposição em relações livres é, normalmente, recurso de alto valor estilístico, por assumir ela então a plenitude de seu conteúdo significativo.

Valores das preposições

A

1. *Movimento* = direção a um limite:

a) no espaço:

"Dirigem-se as duas à fonte."
(M. Bandeira, PP, I, 722.)

"Gastei trinta dias para ir do Rocio Grande ao coração de Marcela . . ."
(M. de Assis, OC, I, 434.)

b) no tempo:

"Daqui a trezentos anos
Não existirei mais."
(M. Bandeira, PP, I, 563.)

"— Vou. Quando embarcas?
Daqui a dous ou três dias."
(M. de Assis, OC, I, 438.)

c) na noção:

"Sou para cair e para me levantar,
para viver e para não ligar à vida
nem à morte nem ao tempo
nem às águas paradas
que apodrecem dentro dele."
(J. de Lima, OC, I, 400.)

"Que vento, que cavalo, que bravia
saudade me arrastava a esse deserto,
me obrigava a adorar o que sofria?"
(C. Meireles, OP, 649.)

2. *Situação* = **coincidência, concomitância:**

a) no espaço:

"Esses ficarão à direita da Mão."
(J. de Lima, OC, I, 411.)

"Isabéis, Dorotéias, Eliodoras,
ao longo desses vales, desses rios,
viram as suas mais douradas horas."
(C. Meireles, OP, 652.)

"Trema todo o universo à sua Presença."
(J. de Lima, OC, I, 410.)

b) no tempo:

"Estou molhado dos limos primitivos,
e ao mesmo tempo ressôo as trombetas finais."
(J. de Lima, OC, I, 425.)

"Às vezes vinha o arrufo temperar o nímio adocicado da situação."
(M. de Assis, OC, I, 489.)

c) na noção:

"Santos cumpriu tudo à risca."
(M. de Assis, OC, I, 928.)

"Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma cousa, que me dava às escondidas."
(M. de Assis, OC, I, 435.)

Ante

Situação = **anterioridade relativa a um limite:**

a) no espaço:

"Ajoelhada ante o painel de S. Bernardo, patrono da comunidade, a madre-coreira orava."
(A. Ribeiro, ES, 216.)

"Paro *ante* as portas abertas
Sem escolha nem decisão."
(F. Pessoa, OP, 543.)

b) no tempo (substituída por *antes de*):

"*Antes de* se empenhar no lançante do morro, o esquadrão fez alta, ouvindo fortes exclamações ao longe."
(A. Arinos, OC, 514.)

"As melhores coisas, muito pensadas *antes de* possuídas, desmerecem quando se possuem."
(C. C. Branco, OS, I, 896.)

c) na noção:

"Morrerei sem ter realizado, na minha poesia, algo que traduza o meu sentimento e a minha reação *ante* o problema da pobreza, *ante* o mistério da miséria."
(A. F. Schmidt, GB, 239.)

"Gonçalo esqueceu a sopa, numa emoção que lhe afogueou a face fina, *ante* um tal acréscimo de renda . . ."
(E. de Queirós, OF, I, 1.196.)

Após

Situação = posterioridade relativamente a um limite próximo. (Pode adquirir no discurso o efeito secundário de *conseqüência*):

a) no espaço (usa-se também *após de*):

"Nós, porém, se roubam-nos o coração, não podemos ir *após* ele."
(J. de Alencar, OC, III, 1.220.)

"Luzia foi subindo *após* eles, sem esforço, lentamente, até a primeira volta da ladeira."
(D. Olímpio, LH, 274.)

b) no tempo:

"Que horrível pesadelo,
Após sonho tão belo!"
(A. de Oliveira, P, I, 366.)

"*Uma tarde, após algumas semanas de gestação, esboroou-se todo o edifício das minhas quimeras paternais.*"
(*M. de Assis, OC, I, 507.*)

Até

Movimento = aproximação a um limite com insistência nele:

a) no espaço:

"*Leu-a depois até o fim.*"
(*M. de Assis, OC, I, 353.*)

"*Primeiramente fui até à Espanha,*
— A nação das mais típicas do mundo!"
(*A. Boto, OA, 230.*)

"*Os gemidos abalavam a casa, ressoavam até ao fundo do pomar.*"
(*A. M. Machado, JT, 12.*)

b) no tempo:

"*Até a consumação dos séculos os nossos irmãos que nascerem*
se reunirão como nós."
(*J. de Lima, OC, I, 412.*)

"*Joana Inês desvelou-se no tratamento das irmãs até cair ela mesma vítima do mal.*"
(*M. Bandeira, PP, I, 729.*)

Observações

1.ª) No português moderno, esta preposição, quando rege substantivo acompanhado de artigo, pode vir, ou não, seguida da preposição **a**.

2.ª) Cumpre distinguir a preposição **até**, *que indica movimento, da palavra de forma idêntica, denotadora de inclusão, que estudamos à página 508. Quanto à diferença de construção de uma e outra com o pronome pessoal, leia-se o que dissemos na página 298.*

Com

Situação = adição, associação, companhia, comunidade, simultaneidade:

na noção:

"*Vieste agora com o vento.*"
(*A. F. Schmidt, GB, 282.*)

"*Dormíamos sonhando com aparições.*"
(*R. Couto, PR, 136.*)

"*Marcela suspirou com tristeza.*"
(*M. de Assis, OC, I, 459.*)

"*Faleceu aos 17 de abril, com quarenta e quatro anos de idade.*"
(*M. Bandeira, PP, I, 729.*)

"*O menino com o dedo riscava na areia o traçado sinuoso de um rio.*"
(*A. M. Machado, JT, 51-52.*)

Observação

As noções de modo, meio, causa, concessão, *que esta preposição por vezes exprime, são efeitos secundários decorrentes do contexto.*

Contra

Situação = proximidade de um limite (a noção de oposição é um efeito secundário de sentido que pode adquirir no contexto):

a) no espaço:

"*Eu castigava a mão contra o meu próprio rosto*
E contra a minha sombra erguia a lança em riste..."
(*O. Bilac, T, 175.*)

"*De noite, à hora dos gatunos e dos barulhos suspeitos, o pai abria a janela do lado sul e disparava um tiro contra a escuridão.*"
(*A. M. Machado, JT, 19.*)

b) na noção:

"*A máxima não era idealista; Maria Benedita protestou contra ela.*"
(*M. de Assis, OC, I, 663.*)

"Contra a Arte, oh! Morte, em vão teu ódio exerces!"

(A. dos Anjos, Eu, 66.)

"Cumpri contra o Destino o meu dever."

(F. Pessoa, OP, 11.)

De

Movimento = afastamento de um limite, procedência, origem. (As noções de *causa, posse*, etc., daí derivadas, podem prevalecer em razão do contexto):

a) no espaço:

"De Vila Rica ao Tejuco,
parte carta, volta carta. . ."

(C. Meireles, OP, 771.)

"Ninguém sabe de onde vem esse vento, Dona Maria."

(A. M. Machado, JT, 11.)

b) no tempo:

"A casa, cujo lugar e direção não é preciso dizer, tinha entre o povo o nome de Casa Velha, e era-o realmente: datava dos fins do outro século."

(M. de Assis, OC, II, 967.)

"Santa Ifigênia fica invisível,
entre os escravos, de sol a sol."

(C. Meireles, OP, 676.)

c) na noção:

"Chorinho de clarineta,
de clarineta de prata,
na úmida noite de lua."

(C. Meireles, OP, 255.)

"Mendonça não reprimiu um gesto de espanto."

(M. de Assis, OC, II, 35.)

Desde

Movimento = afastamento de um limite com insistência no ponto de partida (intensivo de *de*):

a) no espaço:

"No interior das terras, estabelecimentos dos tupi seguiam-se desde a Lagoa dos Patos até ao Amazonas."

(J. Cortesão, RT, 14.)

"Contava seu pai que, em vida do bisavô Inácio, ainda desde Ramilde até Corinde, os homens dobravam o joelho nos caminhos quando passava o senhor da Torre."

(E. de Queirós, OF, I, 1.244.)

b) no tempo:

"Foi desde sempre o mar."

(C. Meireles, OP, 291.)

"Não sei por quê, passamos a cumprimentar-nos desde esse dia."

(F. Pessoa, OP, XXXVI.)

Em

1. *Movimento* = superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de:

a) no espaço:

"Minutos depois, adejando de mão em mão, veio subindo a mamadeira salvadora."

(A. M. Machado, JT, 15.)

"Depois foi crescendo uma luz maior e mais excitante que baixou rapidamente na direção do berço."

(A. M. Machado, JT, 15.)

b) no tempo:

"Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás..."

(F. Pessoa, OP, 138.)

"De quando em quando ouvia-se uma voz, sussurrando..."

(A. M. Machado, JT, 14.)

c) na noção:

"Quanta tristeza e amargura afoga
Em confusão a estreita vida!"

(F. Pessoa, OP, 227.)

"*E a lagoa entrou* em *festa.*"
(*A. M. Machado, JT, 21.*)

"*. . . e essa aventura magnífica, que contrastava com a irrisória miséria dos outros movimentos da República, transformava-se,* em *sua boca,* numa *longa e confusa parlenda.*"
(*C. Pena, RC, 25.*)

2. *Situação* = posição no interior de, dentro dos limites de, em contato com, em cima de:

a) no espaço:

"*Há um grande som* no *arvoredo.*
Parece um mar que há lá em *cima.*"
(*F. Pessoa, OP, 527.*)

"No *fundo da cozinha, as netas de antigas escravas rezavam pela glória do menino de Sinhá.*"
(*A. M. Machado, JT, 11.*)

"*Soluçam as águas*
em *seu manancial.*"
(*C. Meireles, OP, 798.*)

b) no tempo:

"*O major sucumbira* em *poucos minutos.*"
(*G. Ramos, I, 95.*)

"*Venceu a hesitação e foi a Santa Teresa,* na *tarde do terceiro dia.*"
(*M. de Assis, OC, I, 341.*)

"*Ele também ia nascer* numa *noite de Natal!*"
(*A. M. Machado, JT, 12.*)

c) na noção:

"*O companheiro fora reprovado* em *química.*"
(*G. Ramos, I, 117.*)

"*Escrevo estas linhas, estas notas,* em *estado de alegria.*"
(*A. F. Schmidt, GB, 250.*)

Entre

Situação = posição no interior de dois limites indicados:

a) no espaço:

"Entre as pedras do fundo, que andará fazendo?"
(A M Machado, JT, 24.)

"Entre esta porta e esta ponte,
fica o mistério parado."
(C Meireles, OP, 787.)

b) no tempo:

"Há um nome levado no vento.
Palavra. Pequeno rumor
entre a eternidade e o momento."
(C. Meireles, OP, 922.)

"Entre o que a brisa traz e a hora,
Entre o que foi e o que a alma faz,
Meu ser oculto já não chora"
(F. Pessoa, OP, 517.)

c) na noção:

"E vinha-lhe à boca um sorriso entre surpreso e desconfiado."
(F. de Almeida, PU, 151.)

"*Nesta humilde glosa machadiana, o enlace de Sílvio e Sílvia simboliza o harmonioso compromisso entre esforço e vocação, disciplina e poesia.*"
(A. Meyer, FS, 48.)

"*Numa angústia indizível, entre revoltado e vencido, Paulo afastava-se dos conhecidos, procurando sair...*"
(A. Peixoto, RC, 117.)

Para

Movimento = tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva. (Distingue-se de *a* por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida):

a) no espaço:

"Vós sabeis onde estão as latitudes,
longitudes, limites, tordesilhas
e as fronteiras fechadas para as ilhas."
(J. de Lima, OC, I, 630.)

"Da porta da sacristia, passando por um saguão, descemos dous degraus para um pátio, vasto, calçado de cantaria, com uma cisterna no meio."
(M. de Assis, OC, I, 968.)

b) no tempo:

"Enquanto às outras condições, aceitava as do antigo arrendamento. E escritura assinada para a outra semana, no sábado..."
(E. de Queirós, OF, I, 1.197.)

"Meu olhar se volta constantemente para o passado."
(A. F. Schmidt, GB, 257.)

c) na noção:

"A casa, que tinha capela para uso da família e dos moradores próximos, tinha também um padre contratado para dizer missa aos domingos..."
(M. de Assis, OC, II, 966.)

"Queimei meus pecados
para lhe agradar!"
(C. Meireles, OP, 269.)

Perante

Situação = anterioridade relativamente a um limite (intensivo de *ante*):

a) no espaço:

"Era toda a corte, perante o homem de Bouças, rei verdadeiro de Lisboa."
(O. Martins, PC, II, 79.)

"Eu desafio agora essa grandeza,
Perante a qual meus olhos se extasiam..."
(A. dos Anjos, Eu, 109.)

b) na noção:

"Perante a despreconcebida investigação do moço, a Narcisa rendeu-se sem usar para com ele de mais resguardos."
(A. Ribeiro, ES, 272.)

"Então, perante despotismo tão declarado, o Fidalgo da Torre teve uma brusca revolta."
(E. de Queirós, OF, I, 1.347.)

1. *Movimento* = percurso de uma extensão entre limites, através de, duração (com essa preposição dá-se ênfase ao ponto de origem do movimento, daí seu uso para exprimir causa específica, enquanto de exprime causa genérica):

a) no espaço:

"*Teresa continuava* pela *avenida vagarosamente.*"
(G. Aranha, OC, 272.)

"*Meu coração escorre* pelo *bico da pena.*"
(A. F. Schmidt, GB, 251.)

b) no tempo:

"*Lá vão* pelo *tempo a dentro esses homens desgrenhados. . .*"
(C. Meireles, OP, 656.)

"*E eu ficava* por *muito tempo a olhá-lo, a olhá-lo. . .*"
(Cruz e Sousa, OC, 481.)

"*Onde vais tu, cavaleiro,*
Pela *noite sem luar?*"
(A. Nobre, Só, 97.)

c) na noção:

"*Tudo isto me era agora apresentado* pela *boca de José Dias, que me denunciara a mim mesmo. . .*"
(M. de Assis, OC, I, 741.)

"*Dançaria* por *comprazer, mas entre nós seria uma atitude constrangida e falsa.*"
(G. Aranha, OC, 286.)

"*Os rios que passam,*
os rios que descem
já foram cantados
por *muitos.*"
(J. de Lima, OC, I, 634.)

2. *Situação* = resultado do movimento de aproximação a um limite:

a) no tempo:

"*Pela madrugada, se aparece poeira no alto da serra, é porque os engenheiros de bota já estão lá mexendo com os instrumentos.*"
(*A. M. Machado, JT, 20.*)

"*Era em maio, foi por maio,*
sem calhandra ou rouxinol..."
(*C. Meireles, OP, 833.*)

b) na noção:

"*Por muita ladineza que a gente tenha, há de às vezes repetir as mesmas artes...*"
(*A. Peixoto, RC, 453.*)

Sem

Situação = subtração, ausência, desacompanhamento:

na noção:

"*Li esta carta sem entendê-la.*"
(*M. de Assis, OC, I, 504.*)

"*Sem nunca ter começo, teve fim.*"
(*G. de Almeida, PV, 86.*)

"*Na casa pisavam sem sapatos, e falava-se baixo.*"
(*A. M. Machado, JT, 13.*)

Sob

Situação = posição de inferioridade em relação a um limite:

a) no espaço:

"*Encaminhou-se aos juazeiros. Sob a raiz de um deles havia uma barroca macia e funda.*"
(*G. Ramos, VS, 130.*)

"*O sol já esquentava muito, e sob os seus ardores a impaciência crescia.*"
(*G. Aranha, OC, 118.*)

b) no tempo:

"*Sob os Filipes, os Ramires, amuados, bebem e caçam nas suas terras.*"
(*E. de Queirós, OF, I, 1.157.*)

c) na noção:

"*Contrastava sob todos os aspectos com Martiniano, de quem, entretanto, fora sempre o maior amigo desde a Escola Militar.*"
(*R. M. F. de Andrade, V, 30-31.*)

"*Das flores que na nossa infância ida*
Com outra consciência nós colhíamos
E sob uma outra espécie
De olhar lançado ao mundo."
(*F. Pessoa, OP, 206.*)

Sobre

Situação = posição de superioridade em relação a um limite (com contato, aproximação, ou com alguma distância):

a) no espaço:

"*Cai o céu sobre mim em pirilampos...*"
(*O. Bilac, T, 37.*)

"*Sobre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.*"
(*O. Bilac, T, 121.*)

"*Cisnes em bando*
Sonambulando
Sobre o mar."
(*A. de Guimaraens, OC, 108.*)

b) no tempo:

"*Jorge foi jantar, e sobre a tarde apareceu Procópio Dias.*"
(*M. de Assis, OC, 357.*)

"*Entrementes foi acabando o ano e já era sobre o Natal.*"
(*S. Lopes Neto, CGLS, 255.*)

c) na noção:

"Durante um momento repisou sobre a intimidade da prima Maria na Feitosa, *com a tentação de desabafar, logo ali na estrada, sobre o inesperado romance que desabrochara."*
(*E.* de Queirós, OF, *I, 1.337.)*

"Suspendi o trabalho, e conversamos, perto de meia hora, sobre uma infinidade de cousas, presentes e passadas."
(M. de *Assis,* OC, *II, 978.)*

Trás

A *preposição trás,* que indica situação posterior, arcaizou-se. Na língua atual é substituída pelas locuções *atrás de* e *depois de;* mais raramente, por sua sinônima *após.*

O sentido originário desta preposição era "além de", que subsiste nos compostos *Trás-os-Montes* e *trasanteontem.*

Capítulo VII

9. Conjunção

Conjunção coordenativa e subordinativa

1. Os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração chamam-se conjunções.

As conjunções que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de coordenativas. Comparem-se:

"*Sentia frio e fome.*"
(*G. Ramos, I, 32.*)

"*Esses sonhos iam e vinham.*"
(*M. de Assis, OC, I, 627.*)

Denominam-se subordinativas as que ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra. Comparem-se:

"*Era noite fechada, quando Jorge chegou à casa de Estela.*"
(*M. de Assis, OC, I, 319.*)

"*Ele disse que não se lembrava do nome.*"
(*A. M. Machado, JT, 117.*)

2. Percebe-se facilmente a diferença entre as conjunções coordenativas e as subordinativas quando comparamos construções de orações a construções de nomes.

Assim, nestes enunciados:

Ler e escrever.	*A leitura e a escrita.*
Ler ou escrever.	*A leitura ou a escrita.*

vemos que a conjunção coordenativa não se altera com a mudança de construção, pois liga elementos independentes, estabelecendo entre eles relações de adição, no primeiro caso, e de igualdade, no segundo.

Já nos enunciados seguintes:

Quando tiver lido o livro, escreva a carta.
Depois da leitura, a escrita.

observamos a dependência do primeiro termo ao segundo.

No último exemplo, em lugar da conjunção subordinativa, temos uma preposição, que está indicando a dependência de um elemento a outro.

Conjunções coordenativas

Dividem-se as conjunções coordenativas em: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

1. As aditivas servem para ligar simplesmente dois termos ou duas orações de idêntica função. São as conjunções e, *nem* [= e não]:

   "*A Nossa Alma é múltipla, misteriosa* e *estranha.*"
   (*G. Aranha, OC, 773.*)

   "*Deram o braço* e *desceram a rua.*"
   (*M. de Assis, OC, I, 38.*)

   "*Não te ponhas a reprová-los* nem *a aplaudi-los.*"
   (*A. M. Machado, CJ, 89.*)

2. As adversativas ligam dois termos ou duas orações de igual função, acrescentando-lhes, porém, uma idéia de contraste. Assim: *mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto*:

   "*Ela sorriu,* mas *foi um sorrir de incrédula.*"
   (*M. de Assis, OC, I, 293.*)

   "*Tinha vontade de não mais pensar, de não mais amar; queria,* contudo, *viver, por prazer físico, pela sensação material pura e simples de viver.*"
   (*L. Barreto, TFPQ, 272.*)

   "*Antigamente, mandava fazer as botinas de encomenda; ultimamente,* porém, *comprava-as feitas.*"
   (*L. Barreto, REIC, 137.*)

3. As alternativas ligam dois termos ou orações de sentido distinto, indicando que, ao cumprir-se um fato, o outro não se cumpre. São as conjunções *ou* (repetida ou não) e, quando repetidas, *ora, quer, seja, nem, já*, etc.:

"Na guerra é preciso matar *ou* morrer."
(M. de Assis, OC, I, 343.)

"Ora se esconde, *ora* ressurge, *ora* se inclina,
Aumentando o esplendor da sua cidadela."
(O. Mariano, TVP, II, 450.)

"As setas dos pitiguaras *já* caem do céu, *já* voam da terra, e se embebem todas no seio do inimigo."
(J. de Alencar, OC, III, 297.)

4. **As** conclusivas **servem para ligar à anterior uma oração que exprime conclusão, conseqüência. São:** *logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim,* **etc.:**

"Homem político, e, *portanto*, indispensável, não suportava o silêncio."
(J. Ribeiro, CD, 201.)

"Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, *pois*, de exclamações e de gestos..."
(G. Ramos, VS, 94.)

5. **As** explicativas **ligam duas orações, a segunda das quais justifica a idéia contida na primeira. São as conjunções** *que, porque, pois, porquanto,* **em exemplos como:**

"Vamos dormir, *que* é tarde."
(M. de Assis, OC, II, 293.)

"Comandou Pedro a partida, e a pé, *porque* era perto, o grupo dirigiu-se para a casa."
(A. Peixoto, RC, 134.)

"Um pouquinho só lhe bastava no momento, *pois* estava com fome..."
(A. M. Machado, JT, 105.)

Posição das conjunções coordenativas

Nem todas as conjunções coordenativas encabeçam a oração que delas recebe o nome. Assim:

1. **Das** conjunções adversativas **apenas** *mas* **aparece obrigatoriamente no começo da oração;** *contudo, entretanto, no entanto, porém* **e** *todavia* **podem**

vir seja no início da oração, seja após um de seus termos:

> *"A briga era sonho, mas Fabiano acreditava nela."*
> (G. Ramos, VS, 107.)

> *"As palavras aí estão, uma por uma:*
> *porém minha alma sabe mais."*
> (C. Meireles, OP, 362.)

O enunciado do último verso de Cecília Meireles poderia ser também:

minha alma, porém, sabe mais.
minha alma sabe, porém, mais.
minha alma sabe mais, porém

2. *Pois*, quando conjunção conclusiva, vem sempre posposta a um termo da oração a que pertence:

> *"Era, pois, um homem de grande caráter e foi, pois, também um grande estilista."*
> (J. Ribeiro, PE, 17.)

As conclusivas *logo, portanto* e *por conseguinte* podem variar de posição, conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase.

Valores particulares

Certas conjunções coordenativas assumem variados matizes significativos de acordo com a relação que estabelecem entre os membros (palavras e orações) coordenados.

1. *E*, por exemplo, pode:

a) ter valor adversativo:

> *"Era M. C. um homem feio* e *extremamente inteligente."*
> (A. F. Schmidt, GB, 246.)

matizado, por vezes, com o concessivo:

> *"Fui, como ervas,* e *não me arrancaram."*
> (F. Pessoa, OP, 328.)

b) indicar uma conseqüência, uma conclusão:

> "*Vocês nunca pensaram nisso, e culparam-na.*"
> (*G. Rosa, PE, 128.*)

> "*Continue nessa boa ação de amigo e Deus lhe pague.*"
> (*M. de Andrade, CMB, 93.*)

c) expressar uma finalidade:

> "*Ia decorá-la e transmiti-la ao irmão e à cachorra.*"
> (*G. Ramos, VS, 98.*)

d) introduzir uma explicação enfática:

> "*Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?*"
> (*M. de Assis, OC, II, 538.*)

e) iniciar frases de alta intensidade afetiva, com valor próximo ao de interjeições:

> "*— El-rei preso!... E não se levanta este Minho a livrá-lo!...*"
> (*C. C. Branco, BP, 170.*)

f) facilitar a passagem de uma idéia a outra, mesmo que não relacionadas, quando vem repetido ritmicamente em fórmulas paralelísticas que imitam o chamado estilo bíblico:

> "*E a minha terra se chamará a terra de Jafé, e a tua se chamará a terra de Sem; e iremos às tendas um do outro, e partiremos o pão da alegria e da concórdia.*"
> (*M. de Assis, OC, II, 302.*)

2. *Mas* é outra partícula que apresenta múltiplos valores afetivos.[1] Além da idéia básica de oposição, de contraste, pode exprimir, por exemplo, as:

---

1) Veja-se, a propósito dos valores desta conjunção, Sousa da Silveira. *Lições de português*. 7.ª ed. Rio, 1964. p. 240-245; C. Coelho Pereira Leite. In: *Actas del XI congreso internacional de lingüística y filología románicas*, I. Madrid, 1968. p. 247-254. Sobre o *mas* empregado como palavra de situação, leia-se o que dissemos no Capítulo VII, 7.

a) de restrição:

"— *Vai, se queres, disse-me este,* mas *temporariamente.*"

(*M. de Assis, OC, I, 547.*)

b) de retificação:

"*Aqui o major chorou,* mas *suspendeu de repente as lágrimas.*"

(*M. de Assis, OC, I, 672.*)

c) de atenuação ou compensação:

"*Vinha um pouco transtornado,* mas *dissimulava, afetando sossego e até alegria.*"

(*M. de Assis, OC, I, 541.*)

"*Lima surpreendeu-me pela sua poesia cinzenta, um pouco triste,* mas *poderosa.*"

(*A. F. Schmidt, AP, 82.*)

d) de adição:

"*Era bela,* mas *principalmente rara.*"

(*M. de Assis, OC, I, 639.*)

e outras mais.

É particularmente importante o emprego desta conjunção (assim como o de *porém*) para mudar a seqüência de um assunto, geralmente com o fim de retomar o fio de enunciado anterior que ficara suspenso. Assim:

"Mas *voltemos à esquina.*"

(*M. A. de Almeida, MSM, 7.*)

"Mas *os dias foram passando.*"

(*J. L. do Rego, U, 16.*)

"*Interrompamos,* porém, *este respigar em ruínas.*"

(*E. da Cunha, OC, II, 327.*)

"*Vamos,* porém, *ao que importa.*"

(*J. Ribeiro, PE, 35.*)

Conjunções subordinativas

As conjunções subordinativas classificam-se em: causais, concessivas, condicionais, conformativas, finais, proporcionais, temporais, comparativas, consecutivas e integrantes.

As causais, concessivas, condicionais, conformativas, finais, proporcionais, temporais, comparativas e consecutivas iniciam orações adverbiais

As integrantes introduzem orações substantivas

Observação

Saliente-se que as comparativas e consecutivas (e às vezes as proporcionais) introduzem orações subordinadas adverbiais, mas vêm geralmente correlacionadas com um termo da oração principal.

Exemplifiquemos:

1. Causais (iniciam uma oração subordinada denotadora de causa): *porque, pois, porquanto, como* [=porque], *pois que, por isso que, já que, uma vez que, visto que, visto como, que,* etc.:

> "— *É o que te digo: vou e vou, porque devo, porque quero, porque é do meu direito.*"
> (*L. Barreto,* TFPQ, *295.*)

> "*Como o silêncio se prolongasse, Anselmo resolveu rompê-lo.*"
> (*M. de Assis, OC, II, 54.*)

> "*Aconselharam-na que ordenasse o sobrinho, visto que ele já tinha exames de latim e lógica.*"
> (*C. C. Branco,* BP, *181-182.*)

2. Concessivas (iniciam uma oração subordinada em que se admite um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la): *embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, apesar de que, nem que, que,* etc.:

> "*Embora lhe desaprovassem a forma, justificavam-lhe a essência.*"
> (*G. Junqueiro,* P, *XXIII.*)

> "*O passeio foi encantador, conquanto não tivéssemos visto um único galo-da-serra.*"
> (*G. Cruls,* 4R, *107.*)

"*Flora, posto que já mui caída, fez esforço e voltou-se para o lado da luz.*"
(*M. de Assis, OC, I, 1.008.*)

3. **Condicionais (iniciam uma oração subordinada em que se indica uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato principal):** *se, caso, quando, contanto que, salvo se, sem que, dado que, desde que, a menos que, a não ser que,* **etc.:**

"*Se o encontrasse na rua, passaria indiferente.*"
(*G. Ramos, I, 172.*)

"*— Que emprego preferes?*
— O que quiser, meu tio, contanto que eu trabalhe."
(*M. de Assis, OC, II, 49.*)

"*Convenceu-me de que ouvir cantar Laura lhe lisonjeava os ouvidos, quando lhe não mitigasse saudades.*"
(*C. C. Branco, OS, II, 32.*)

4. **Conformativas (iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da oração principal):** *conforme, como* **[= conforme],** *segundo, consoante,* **etc.:**

"*Conforme declarei, Madalena possuía um excelente coração.*"
(*G. Ramos, SB, 163.*)

"*Proust nos transmite a sensação dos objetos, como ele os percebe.*"
(*G. Aranha, OC, 775.*)

"*Tal foi a conclusão de Aires, segundo se lê no* **Memorial.**"
(*M. de Assis, OC, I, 948.*)

5. **Finais (iniciam uma oração subordinada que indica a finalidade da oração principal):** *para que, a fim de que, porque* [= *para que*], *que:*

"*É cedo ainda para que se lhe defina a altitude relativa e a depressão do meio em que surgiu.*"
(*E. da Cunha, OC, II, 288.*)

"Fiz-lhe sinal que se calasse..."
(M. de Assis, OC, I, 525.)

"Este assalto era uma manobra para chamar a atenção das tropas, a fim de que os jagunços saíssem por outro lado sem maiores obstáculos."
(A. Arinos, OC, 341.)

6. Proporcionais **(iniciam uma oração subordinada em que se menciona um fato realizado ou para realizar-se simultaneamente com o da oração principal):** *à medida que, ao passo que, à proporção que, enquanto, quanto mais... (mais), quanto mais... (tanto mais), quanto mais... (menos), quanto mais... (tanto menos), quanto menos... (menos), quanto menos... (tanto menos), quanto menos... (mais), quanto menos... (tanto mais):*

"À medida que descia tranqüilizava-se."
(G. Ramos, I, 159.)

"Vão os hóspedes saindo do banquete, à proporção que outros chegam e ocupam o seu lugar; é a perpétua substituição de convivas."
(M. de Assis, OC, III, 441.)

7. Temporais **(iniciam uma oração subordinada indicadora de circunstância de tempo):** *quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, mal, que* [= *desde que*], **etc.:**

"Custas a vir e, quando vens, não te demoras."
(C. Meireles, OP, 13.)

"Implicou comigo assim que me viu."
(G. Amado, HMI, 155.)

"Apenas entrou em casa examinou cuidadosamente a cadelinha."
(M. de Assis, OC, II, 29.)

8. Comparativas **(iniciam uma oração que encerra o segundo membro de uma comparação, de um confronto):** que, do que **(depois de** *mais, menos, maior,*

menor, melhor, pior), qual (depois de *tal*), *como, assim como, bem como:*

> *"As idéias amorteceram* como *a brasa do cigarro."*
>
> *(G. Ramos, I, 15.)*

> *"Parecia mais agitado* que *de costume."*
>
> *(A. M. Machado, JT, 157.)*

> *"Meu coração tombou na vida*
> tal qual *uma estrela ferida*
> *pela flecha de um caçador."*
>
> *(C. Meireles, OP, 267.)*

9. Consecutivas (iniciam uma oração na qual se indica a conseqüência do que foi declarado na anterior): *que* (combinada com uma das palavras *tal, tanto, tão* ou *tamanho*, presentes ou latentes na oração anterior):

> *"A declaração da tia da viúva era tão inesperada* que *o rapaz cuidou estar sonhando."*
>
> *(M. de Assis, OC, II, 42.)*

> *"A estrela que nasceu tinha tanta beleza*
> que *voluntariamente a elegeu minha sorte."*
>
> *(C. Meireles, OP, 304.)*

> *"Tal ódio votava a esse homem abjeto e vil,* que *teve medo de si, medo de o matar."*
>
> *(J. de Alencar, OC, II, 288.)*

10. Integrantes (servem para introduzir oração que funciona como sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal ou aposto de outra oração): *que* e *se:*

> *"— Não sei se você reparou* que *não há felicidade má."*
>
> *(A. Peixoto, PC, 183.)*

Quando o verbo exprime uma certeza, usa-se *que*:

"*Afirmo* que *sou estudante.*"
(*G. Ramos, I, 180.*)

"*A verdade é* que *me escreveram o livro.*"
(*J. Ribeiro, CD, 204.*)

Quando o verbo indica incerteza, emprega-se *se*

Assim:

a) numa dúvida:

"*Não sabia* se *avançava pela direita ou pela esquerda.*"
(*G. Ramos, I, 123.*)

b) numa interrogação indireta:

"*Perguntei ao divino sol* se *era essa a harmonia das esferas.*"
(*J. Ribeiro, CD, 60.*)

Polissemia conjuncional

Como vimos, algumas conjunções subordinativas (*que, se, como, porque,* etc.) podem pertencer a mais de uma classe. Em verdade, o valor desses vocábulos gramaticais está condicionado ao contexto em que se inserem, nem sempre isento de ambigüidade, pois que há circunstâncias fronteiriças: a condição da concessão, o fim da conseqüência, etc.[1]

Locução conjuntiva

A par das conjunções simples, há numerosas outras formadas da partícula *que* antecedida de advérbios, de preposições e de particípios:

antes que	*até que*	*dado que*
desde que	*para que*	*posto que*
já que	*sem que*	*visto que*

São as chamadas locuções conjuntivas

1) Cf. *Grammaire Larousse du français contemporain*. Paris, 1964. p. 127.

Xilogravura de Newton Cavalcanti.

Capítulo VIII

Interjeição

Interjeição é uma espécie de grito com que traduzimos de modo vivo nossas emoções.

A mesma reação emotiva pode ser expressa por mais de uma interjeição. Inversamente, uma só interjeição pode corresponder a sentimentos variados e, até, opostos. O valor de cada forma interjectiva depende fundamentalmente do contexto e da entoação.

Classificação das interjeições

Classificam-se as interjeições segundo o sentimento que denotam. Entre as mais usadas, podemos enumerar as:

a) de alegria ou satisfação: *ah! oh! oba! opa!*

b) de animação: *avante! coragem! eia! vamos!*

c) de aplauso: *bis! bem! bravo! viva!*

d) de desejo: *oh! oxalá! tomara!*

e) de dor: *ai! ui!*

f) de espanto ou supresa: *ah! xi! ih! oh! ué! uai!*

g) de impaciência: *hum! hem!*

h) de invocação: *alô! ô! olá! psiu! psit!*

i) de silêncio: *psiu, silêncio!*

j) de suspensão: *alto! basta!*

l) de terror: *ui! uh!*

Locução interjectiva

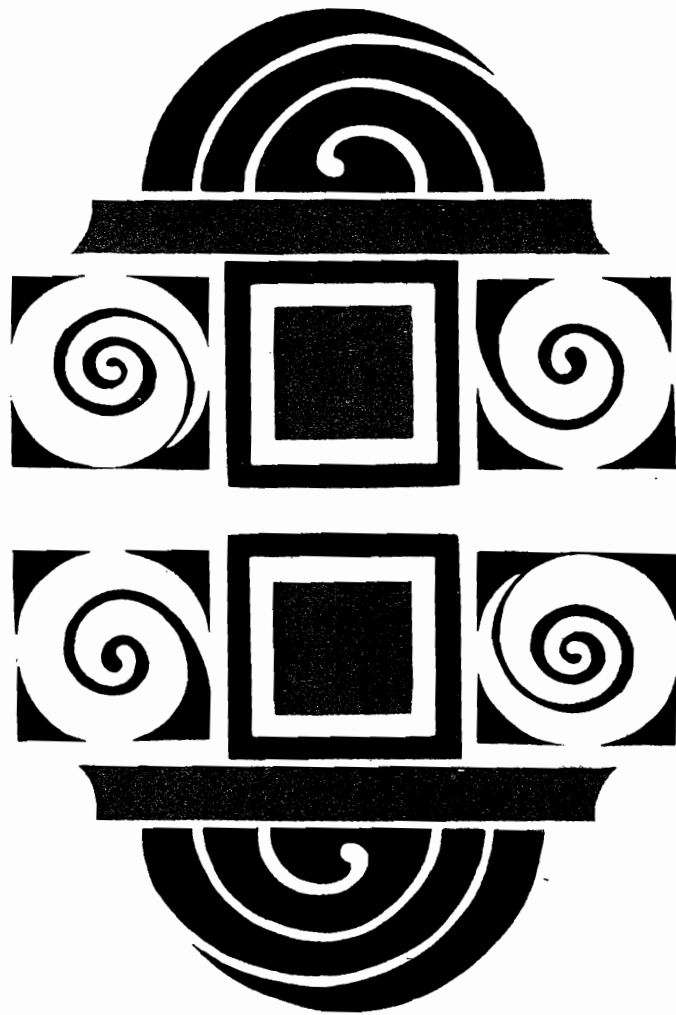
Além de interjeições expressas por um só vocábulo, há outras formadas por grupos de duas ou mais palavras. São as locuções interjectivas. Exemplos: *ai de mim! ora, bolas! raios te partam! valha-me Deus! alto lá!*.

Observações

1.ª) Não incluímos a interjeição entre as classes de palavras pela razão aduzida à pág. 90.

Com efeito, traduzindo sentimentos súbitos e espontâneos, são as interjeições gritos instintivos, equivalendo a frases emocionais.

2.ª) Na escrita, as interjeições vêm de regra acompanhadas do ponto de exclamação (!).

Gravura em metal de Ana Letícia, 1967.

Capítulo IX

O período

Período simples e período composto

No Capítulo VI fizemos a análise interna de períodos simples, isto é, daqueles constituídos de uma só oração, chamada absoluta.

Estudaremos agora as estruturas que pode apresentar o período composto, ou seja aquele formado de duas ou mais orações.

Composição do período

1. Vejamos este período do poeta Augusto Frederico Schmidt:

"*Conheceste as horas amargas e monótonas,*
Conheceste o amor infeliz e sem glória,
Conheceste a luta sem consolo,
E a pobreza velou sempre teu sono."
(PC, 403.)

Há nele quatro orações:

1.ª = Conheceste as horas amargas e monótonas,
2.ª = Conheceste o amor infeliz e sem glória,
3.ª = Conheceste a luta sem consolo,
4.ª = E a pobreza velou sempre teu sono.

As quatro orações são da mesma natureza, pois:

a) cada uma tem sentido próprio; é autônoma, independente;

b) nenhuma delas funciona como termo de outra oração, nem a ele se refere; apenas uma pode enriquecer, com o seu sentido, a totalidade da outra.

Às orações que têm sentido próprio, que são autônomas, independentes, e pertencem a um mesmo período, dá-se o nome de coordenadas.

O período composto de orações coordenadas se diz composto por coordenação.

2. Examinemos agora este período de Machado de Assis:

"*Toda a gente que estava em casa, quando ela nasceu, anunciou que seria a felicidade da família.*"
(OC, II, 1.081.)

Temos aqui, também, um período de quatro orações:

1.ª = Toda a gente anunciou
2.ª = que estava em casa
3.ª = quando ela nasceu
4.ª = que seria a felicidade da família.

Mas a sua estrutura é diferente da do anterior, pois:

a) a primeira oração rege-se por si, não desempenha nenhuma função sintática em outra do período; chama-se, por isso, oração principal;

b) a segunda oração depende da primeira, de cujo sujeito é adjunto adnominal; funciona, assim, como termo acessório dela;

c) a terceira oração depende da segunda, de cujo verbo é adjunto adverbial; funciona, portanto, como termo acessório dela;

d) a quarta oração tem sua existência dependente da primeira, de cujo verbo é objeto direto; funciona, por conseguinte, como termo integrante da principal.

As orações sem autonomia gramatical, isto é, as orações que funcionam como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração chamam-se subordinadas.

O período constituído de oração principal e de uma ou mais orações subordinadas denomina-se composto por subordinação

3. Analisemos, por fim, este período de Bernardo Guimarães:

"Não creia nisso, minha sinhá; está-se vendo que ele é mesmo pobre."

(G, *10.*)

Contém ele três orações:

1.ª = Não creia nisso, minha sinhá;
2.ª = está-se vendo
3.ª = que ele é mesmo pobre.

As duas primeiras orações têm a mesma natureza; nenhuma delas é termo de outra oração: são ambas coordenadas. A terceira, porém, depende da

segunda, na qual desempenha a função de sujeito: é, pois, uma oração subordinada.

O período que apresenta orações coordenadas e subordinadas diz-se composto por coordenação e subordinação.

Conclusão

Resumindo o que foi dito, podemos estabelecer como características fundamentais dos diversos tipos de oração e de período:

1.º) A oração é:

a) principal, quando não exerce nenhuma função sintática em outra oração do período composto por subordinação;

b) coordenada, quando, à semelhança da principal, não é termo de outra oração nem a ele se refere; justapõe-se ou liga-se com conjunção coordenativa a outra coordenada, com a qual pode relacionar-se, mas em sua integridade;

c) subordinada, quando funciona como um termo ou parte de um termo essencial, integrante ou acessório de outra oração.

2.º) O período é:

a) simples, se constituído de uma só oração, chamada absoluta;

b) composto por coordenação, se constituído de orações coordenadas;

c) composto por subordinação, se constituído de oração principal + subordinada ou subordinadas;

d) composto por coordenação e subordinação, se constituído de orações coordenadas + subordinada ou subordinadas.

A coordenação

Orações coordenadas sindéticas e assindéticas

1. Examinemos este período:

"Não bulia uma folha, não cintilava um luzeiro."
(A. Ribeiro, ES, 211.)

Há nele duas orações coordenadas:

1.ª = Não havia uma folha,
2.ª = não cintilava um luzeiro.

A segunda oração está justaposta à primeira, isto é, posta simplesmente ao seu lado. Nenhum conectivo as enlaça.

A oração coordenada desprovida de conectivo chama-se assindética.

2. Vejamos este outro período:

"O galo cantou, o cachorro uivou, mas a moça não os ouviu."
(G. Ramos, I, 173.)

Contém ele três orações coordenadas:

1.ª = O galo cantou,
2.ª = o cachorro uivou,
3.ª = mas a moça não os ouviu.

Aqui também a segunda está apenas justaposta à primeira; é, portanto, coordenada assindética.

A terceira, porém, liga-se à segunda pela conjunção coordenativa *mas*.

A oração coordenada que se prende à anterior por meio de conectivo denomina-se sindética

Orações coordenadas sindéticas

As orações coordenadas sindéticas classificam-se pelo nome da conjunção coordenativa que as encabeça.

Temos assim:

1. Coordenada sindética aditiva, se a conjunção é aditiva:

"Tio Cosme acomodava as carnes, / e a besta partia a trote."
(M. de Assis, OC, I, 734.)

"A poesia não se recusa a ninguém, / nem é exclusividade de alguns."
(A. F. Schmidt, GB, 256.)

2. Coordenada sindética adversativa, se a conjunção é adversativa:

"A casa dela era de pobre, / mas estava às ordens."
(J. L. do Rego, A-M, 156.)

"*Sim, eu te amo; / porém nunca*
Saberás do meu amor..."
(*G. Dias, PCPE, 399.*)

"*Ambos se amavam, / contudo*
Nenhum ao outro o dizia."
(*G. Dias, PCPE, 664.*)

3. Coordenada sindética alternativa, **se a conjunção é alternativa:**

"*Cada um de nós fará o que lhe parecer melhor: e plantará, caçará, / ou lavrará a madeira, / ou fiará o linho.*"
(*M. de Assis, OC, II, 301.*)

"*/ As rugas da testa ora se lhe dilatavam, / ora se lhe contraíam, / e nos lábios adejava-lhe vago sorriso.*"
(*A. Herculano, MC, II, 214.*)

4. Coordenada sindética conclusiva, **se a conjunção é conclusiva:**

"*O aumento do subsídio fez-se inconstitucionalmente; / logo, a redução pode ser feita pela mesma forma inconstitucional.*"
(*M. de Assis, OC, III, 449.*)

5. Coordenada sindética explicativa, **se a conjunção é explicativa:**

"*Poesia é realidade, / pois poesia é iluminação e penetração no impenetrável.*"
(*A. F. Schmidt, GB, 274.*)

"*Reza, / que Deus endireita tudo...*"
(*G. Rosa, S, 343.*)

Observações

1.ª) Pode haver no mesmo período orações coordenadas de vários tipos:

"*O Pajé vibrou o maracá / e saiu da cabana; / porém o estrangeiro não ficou só.*"
(*J. de Alencar, OC, III, 242.*)

2.ª) Como dissemos, a colocação de certas conjunções coordenativas não é fixa: as adversativas **porém, contudo, no entanto, entretanto** e **todavia,**

bem como as conclusivas logo, portanto e por conseguinte, *podem variar de colocação conforme o ritmo, a entoação, a harmonia da frase. A conclusiva* pois *vem sempre posposta a um dos termos da oração.*

A subordinação

Oração subordinada como termo de outra oração

Vimos que as orações subordinadas funcionam sempre como um termo esencial, integrante ou acessório de outra oração. Examinemos mais detidamente esse ponto.

1. Neste exemplo:

Urge o teu regresso.

temos um período simples, que assim analisamos:

Sujeito simples: o *teu regresso*
Adjuntos adnominais: o, *teu*
Predicado verbal: *urge*

O mesmo pensamento, entretanto, poderia ser expresso por meio do período composto:

Urge que regresses.

O sujeito de *urge* seria, então, *que regresses*, tal como o *teu regresso* no exemplo anterior, mas agora em forma de oração. Como o sujeito é termo essencial da oração, a oração subordinada que em outra desempenhe essa função será, necessariamente, um termo essencial dela.

2. Neste exemplo:

Aguardo o teu regresso.

temos um período simples, que assim analisamos:

Sujeito: *eu*
Predicado verbal: *aguardo o teu regresso*
Objeto direto: o *teu regresso*
Adjuntos adnominais: o, *teu*

Poderíamos, no entanto, expressar o mesmo pensamento pelo período composto:

Aguardo que regresses

O objeto direto de *aguardo* seria, agora, a oração *que regresses*, que substitui o *teu regresso*, construção nominal do exemplo anterior. Sendo o objeto direto termo integrante da oração, a subordinada que em outra oração exercer essa função também dela será termo integrante.

3. Neste exemplo:

À saída do bosque sagrado encontrou Iracema.

temos um período simples, que assim analisamos:

Sujeito: *ele*.

Predicado verbal: *à saída do bosque sagrado encontrou Iracema*.

Objeto direto: *Iracema*.

Adjunto adverbial: *à saída do bosque sagrado*.

Pensamento idêntico seria expresso pelo período composto:

Quando saía do bosque sagrado, encontrou *Iracema*.

Com essa transformação, o adjunto adverbial passaria a ser representado pela oração *quando saía do bosque sagrado*, equivalente à expressão *à saída do bosque sagrado*, que aparece no período simples. Como o adjunto adverbial é termo acessório da oração, segue-se que uma subordinada pode também ser termo acessório de outra oração.

4. Do que dissemos, uma conclusão se evidencia: o período composto por subordinação é, no fundo, equivalente a um período simples. Distingue-os apenas o fato de os termos (essenciais, integrantes e acessórios) deste serem representados naquele por orações.

Classificação das orações subordinadas

As orações subordinadas classificam-se em substantivas, adjetivas e adverbiais, porque as funções que desempenham no período composto são comparáveis às exercidas por substantivos, adjetivos e advérbios no interior da oração.

Orações subordinadas substantivas

As orações subordinadas substantivas, com verbo no indicativo ou no subjuntivo, vêm normalmente introduzidas pelas conjunções integrantes *que* ou *se*.

Quanto ao seu valor sintático, podem ser:

1. Subjetivas, quando exercem a função de sujeito:

> *"Parece / que ali a imponência dos problemas implica o discurso vagaroso das análises."*
> *(E. da Cunha, OC, I, 225.)*

2. Objetivas diretas, quando exercem a função de objeto direto:

> *"Ele disse / que não se lembrava do nome."*
> *(A. M. Machado, JT, 117.)*
>
> *"Não sei / se pára, / se flui; /*
> *Não sei / se existe / ou se dói."*
> *(F. Pessoa, OP, 82.)*

3. Objetivas indiretas, quando exercem a função de objeto indireto:

> *"Lembrou-se / de que esse professor de geografia venerava o escritor decadente."*
> *(G. Ramos, I, 169.)*

4. Completivas nominais, quando exercem a função de complemento nominal:

> *"Escrevo estas notas não sei porque, sem plano, certo / de que se vão perder, / de que nunca as reunirei em livro."*
> *(A. F. Schmidt, GB, 258.)*

5. Predicativas, quando exercem a função de predicativo:

> *"A verdade é / que minha mãe não podia tê-la agora longe de si."*
> *(M. de Assis, OC, I, 812.)*

6. Apositivas, quando exercem a função de aposto:

> *"De uma coisa sei: / que é preciso morrer / para viver."*
> *(A. F. Schmidt, GB, 250.)*

7. Agentes da passiva, quando exercem a função de agente da passiva:

> *"O elenco era formado / por quem soubesse ao menos ler as 'partes', velhos, moços, crianças."*
> *(G. Amado, HMI, 130.)*

Observação

As orações que desempenham a função de agente da passiva iniciam-se por pronomes indefinidos (quem, quantos, qualquer, *etc.) precedidos de uma das preposições* por *ou* de.

Omissão da integrante que

A língua portuguesa permite, em alguns casos, silenciar a integrante *que:*

"(Não cuideis / seja a masmorra... /
Não cuideis / seja o degredo...)"
(C. Meireles, OP, 862.)

Em geral, a omissão da integrante é possível depois de certos verbos que exprimem ordem, desejo, pedido ou súplica: *mandar, ordenar, querer, esperar, pedir, solicitar, rogar, suplicar,* etc.

Orações subordinadas adjetivas

As *orações subordinadas adjetivas*, com verbo no indicativo ou no subjuntivo, vêm normalmente introduzidas por pronome relativo, e exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente:

"Há nomes / que andam, / nomes / que rastejam, / nomes / que voam."
(R. Ortigão, H, 37.)

"Oh! Bendito o / que semeia
Livros... livros à mão cheia..."
(C. Alves, OC, 78.)

"Há uma outra pátria / onde as flores são sempre viçosas, / onde o riso é eterno, / onde o amor se transforma em astros."
(C. Alves, OC, 658.)

Relação com o termo antecedente

A oração subordinada adjetiva pode, como todo adjunto adnominal, depender de qualquer termo da oração cujo núcleo seja um substantivo ou um pronome: sujeito, predicativo, complemento nominal, objeto direto, objeto indireto, agente da passiva, adjunto adverbial, aposto e, até mesmo, vocativo.

1. Neste período de Jorge de Lima:

"As pessoas / que eu nomeio / são pessoas / que existem."
(OC, *I*, 530.)

a oração subordinada adjetiva — *que eu nomeio* — está funcionando como adjunto adnominal do sujeito *pessoas*, e a oração subordinada adjetiva — *que existem* — está funcionando como adjunto adnominal do predicativo *pessoas*.

2. Neste período de Rebelo da Silva:

"*Sem fazer caso dos / que o rodeavam, / tornou a abraçar-se com o corpo do filho...*"
(CL, 184.)

a oração subordinada adjetiva — *que o rodeavam* — está funcionando como adjunto adnominal do complemento nominal *os*.

3. Neste período de José Lins do Rego:

"*Cantava para a noite tépida qualquer coisa / que o gelo do Norte lhe ensinara.*"
(RD, 94.)

a oração subordinada adjetiva — *que o gelo do Norte lhe ensinara* — está funcionando como adjunto adnominal do objeto direto *coisa*.

4. Neste período de José de Alencar:

"*Com esforço grande pôde erguer o filho nos braços e apresentá-lo ao pai, / que o olhava extático em seu amor.*"
(OC, II, 302.)

a oração subordinada adjetiva — *que o olhava extático em seu amor* — está funcionando como adjunto adnominal do objeto indireto *ao pai*.

5. Neste período de Machado de Assis:

"*Mariana era apreciada por todos / quantos iam a nossa casa, homens e senhoras.*"
(OC, II, 746.)

a oração subordinada adjetiva — *quantos iam a nossa casa* — está funcionando como adjunto adnominal do agente da passiva *por todos*.

6. Neste período de José de Alencar:

"*— A juriti, quando a árvore seca, foge do ninho / em que nasceu.*"
(OC, III, 251.)

a oração subordinada adjetiva — *em que nasceu* — está funcionando como adjunto adnominal do adjunto adverbial *do ninho*.

7. Neste período de Lima Barreto:

> "*Pensou num jornal, 'O Violão', / em que ele desafiasse o rival / e o esmagasse numa polêmica.*"
>
> (TFPQ, 107.)

a oração subordinada adjetiva — *em que ele desafiasse o rival* — está funcionando como adjunto adnominal do aposto "*O Violão*".

8. Neste período de Castro Alves:

> "*Branco cisne, / que vogavas*
> *Das harmonias no mar,*
> *Pomba errante de outros climas,*
> *Vieste aos cerros pousar.*"
>
> (OC, 190.)

a oração subordinada adjetiva — *que vogavas das harmonias no mar* — está funcionando como adjunto adnominal do vocativo *Branco cisne*.

Orações adjetivas restritivas e explicativas

As orações subordinadas adjetivas classificam-se em restritivas e explicativas.

1. As orações adjetivas restritivas limitam, precisam, restringem a significação do substantivo (ou pronome) antecedente, tornando-se, por isso, indispensáveis ao sentido da frase. Como se ligam sem pausa ao antecedente, deste não se separam por vírgula, na escrita:

> "*Residem juntamente no teu peito*
> *Um demônio / que ruge / e um deus / que chora.*"
>
> (O. Bilac, T, 61.)

2. As orações adjetivas explicativas acrescentam qualidade acessória ao antecedente, isto é, esclarecem melhor a sua significação, à semelhança de um aposto, mas não são indispensáveis ao sentido essencial da frase. Na fala, há entre elas e o antecedente uma pausa, indicada por vírgula na escrita:

> "*Seu olhar inquieto se repartia entre Guida, / que ia perto, / mas pouco adiante, e Fábio, / que o seguia a pequena distância, / do lado oposto.*"
>
> (J. de Alencar, OC, I, 810.)

Orações subordinadas adverbiais

Como vimos, funcionam como adjunto adverbial de outra oração e vêm, normalmente, introduzidas por conjunção subordinativa não integrante. De acordo com a conjunção subordinativa ou locução conjuntiva que as inicie, as orações subordinadas adverbiais classificam-se em:

1. Causais, se a conjunção é subordinativa causal:

> *"Como segurava a boca do saco e a coronha da espingarda, / não pôde realizar o desejo."*
> *(G. Ramos, VS, 166.)*

> *"E ela [a poesia] há de sempre viver, / porque o sentimento sempre há de existir, / porque o belo nunca há de morrer no mundo..."*
> *(C. Alves, OC, 666.)*

2. Comparativas, se a conjunção é subordinativa comparativa:

> *"A lagoa falava baixinho, cantava mais / que gemia."*
> *(J. L. do Rego, A-M, 9.)*

> *"Era pálida e fria, /*
> *Como vela de altar."*
> *(A. de Oliveira, Post., 46.)*

Observações

1.ª) O primeiro membro da comparação pode estar oculto: [tal] qual, [tal] como, *etc.*:

> *"Ei-lo sublime por terra, /*
> *Qual no ocaso é grande o sol..."*
> *(C. Alves, OC, 659.)*

> *"A língua é a nacionalidade do pensamento / como a pátria é a nacionalidade do povo."*
> *(J. de Alencar, OC, I, 559.)*

2.ª) Pode omitir-se o predicado da oração subordinada comparativa, normalmente o mesmo da oração principal:

> *"O Valentim conhece mais a vida / do que você."*
> *(L. Barreto, REIC, 49.)*

Isto é: *do que você conhece a vida.*

3. *Concessivas*, se a conjunção é subordinativa concessiva:

"*Não pude resistir, / embora temesse a tentação.*"
(A. Peixoto, RC, 824.)

"*Luís, só posso agora chorar contigo, mas / ainda que não esteja nas minhas mãos, / juro que terás a tua felicidade.*"
(C. Alves, OC, 584.)

Observação

Nas orações concessivas, a conjunção subordinativa pode:

a) vir intensificada em por mais que, por maior que, por melhor que, por menos que, por menor que, por pior que; *ou* mais que, maior que, melhor que, menos que, menor que, pior que, *etc.*:

"*Por mais que se busca o segredo dessa perfeição, / ele fica impenetrável.*"
(G. Aranha, OC, 732.)

"*Não há nada mais complexo do que uma realidade, / por mínima que seja.*"
(G. Amado, TL, 100.)

b) ficar reduzida à palavra que, *com antecipação do predicativo:*

"*Primeiro que fosse do coro dos anjos, / no meu conceito era a derradeira das criaturas.*"
(R. Pompéia, A, 35.)

"*Grande homem que fosse, / a recordação era menor que esta.*"
(M. de Assis, OC, I, 766.)

c) apresentar a omissão do que *na locução conjuntiva* posto que:

"*Obedeciam aos pais sem grande esforço, / posto fossem teimosos.*"
(M. de Assis, OC, I, 899.)

Advirta-se que não é pacífica a análise que propomos para as fórmulas concessivas das alíneas a) *e* b). *Vários filólogos consideram, em tais construções, o* que *como pronome relativo em função de*

predicativo. Cf. Gramática do português contemporâneo, p. 411.

4. Condicionais, se a conjunção é subordinativa condicional:

"Se Vossa Excelência quer alguma cousa urgente, / pode procurá-la agora no Pascoal."
(L. Barreto, REIC, 109.)

"Consultava-se, receosa de revelar sua comoção, / caso se levantasse."
(J. de Alencar, OC, I, 1.205.)

5. Conformativas, se a conjunção é subordinativa conformativa:

"Houve, segundo me pareceu,
cochichos e movimentos equívocos."
(G. Ramos, SB, 196.)

"Não lhe restava senão uma esperança: a de morrer rodeado dos entes que amava, cercado de sua família, / como um fidalgo português devia morrer, com honra e coragem."
(J. de Alencar, OC, II, 294.)

6. Consecutivas, se a conjunção é subordinativa consecutiva:

"O caminho é tão comprido / que não tem fim."
(J. de Lima, OC, I, 311.)

"Outrora o passado surgia com tanto vigor na vida desse homem, / que anulava o presente."
(J. de Alencar, OC, I, 1.320.)

"Estas palavras romperam dos lábios de Seixas com uma impetuosidade, / que ele dificilmente pôde conter."
(J. de Alencar, OC, I, 1.204.)

7. Finais, se a conjunção é subordinativa final:

"Aqui vai o livro / para que o leias."
(M. de Andrade, CMB, 60.)

"Passava um bote a pouca distância de terra; o velho acenou-lhe / que se aproximasse."
(J. de Alencar, OC, I, 279.)

8. Proporcionais, se a conjunção é subordinativa proporcional:

> "*À medida que descia / tranqüilizava-se.*"
> *(G. Ramos, I, 159.)*

> "*Ao passo que nos elevávamos, / elevava-se igualmente o dia nos ares.*"
> *(R. Pompéia, A, 178.)*

Observação

Os elementos que expressam a proporção podem estar correlacionados entre as orações: quanto mais... tanto mais, quanto mais... tanto menos, quanto menos... tanto mais, quanto menos... tanto menos:

Quanto mais descia, tanto mais se tranqüilizava.

As palavras quanto *e* tanto *costumam ser omitidas:*

Quanto mais descia, mais se tranqüilizava.
Mais descia, tanto mais se tranqüilizava.
Mais descia, mais se tranqüilizava.

9. Temporais, se a conjunção é subordinativa temporal:

> "*Não os vi / quando desapareceram.*"
> *(A. M. Machado, HR, 149.)*

> "*Fechemos os olhos / até que o sol comece a declinar.*"
> *(A. M. Machado, CJ, 82.)*

Orações reduzidas

Orações desenvolvidas e orações reduzidas

1. As orações subordinadas podem ter o verbo numa forma finita (do indicativo ou do subjuntivo) ou numa das formas nominais — o infinitivo, o gerúndio ou o particípio. No primeiro caso, vêm encabeçadas por pronomes relativos ou conjunções subordinativas; no segundo, não apresentam nexo subordinativo.

Quando o verbo se encontra numa das formas nominais, as orações subordinadas chamam-se reduzidas e, de acordo com a forma nominal empregada, se dizem reduzidas de infinitivo, de gerúndio ou de particípio. Assim:

Neste período:

"*Para não ser arrastado, / agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros. . .*"
(M. de Assis, OC, I, 763.)

a oração — *Para não ser arrastado* — tem o verbo no infinitivo. É, pois, subordinada reduzida de infinitivo.

Neste período:

"*No posto havia grande lufa-lufa de gente que embarcava e desembarcava simultaneamente, / bracejando, / falando alto.*"
(A. Caminha, N, 57.)

as orações — *bracejando* e *falando alto* — têm o verbo no gerúndio. São, por conseguinte, subordinadas reduzidas de gerúndio.

Neste período:

"*Desorganizados os batalhões, / cada um lutava pela vida.*"
(E. da Cunha, OC, II, 392.)

a oração — *Desorganizados os batalhões* — tem o verbo no particípio. É, portanto, subordinada reduzida de particípio.

2. As orações subordinadas reduzidas, assim como as desenvolvidas, podem ser substantivas, adjetivas e adverbiais.

Neste período:

"*Convinha / perguntar.*"
(C. C .Branco, OS, II, 51.)

a oração subordinada reduzida de infinitivo — *perguntar* — tem valor substantivo. Exerce a função de sujeito da oração *convinha* e corresponde à oração desenvolvida *que perguntasse*.

Neste período:

"*As paredes circumpostas eram ladrilhadas de tijolo azul e apainelado, / figurando passagens mitológicas e campestres.*"
(C. C. Branco, OS, I, 196.)

a oração subordinada reduzida de gerúndio — *figurando passagens mitológicas e campestres* — tem valor adjetivo. Funciona como adjunto adnominal de um termo da oração principal e equivale à desenvolvida — *que figuravam passagens mitológicas e campestres.*

Neste período:

"*Neste direi somente que, / passados alguns dias do ajuste com o agregado, / fui ver a minha amiga; eram dez horas da manhã.*"
(M. de Assis, OC, I, 762.)

a oração subordinada reduzida de particípio — *passados alguns dias do ajuste com o agregado* — tem valor de advérbio. Desempenha a função de adjunto adverbial da 2.ª oração *(que fui ver a minha amiga)* e pode ser equiparada à desenvolvida — *depois que passaram alguns dias do ajuste com o agregado.*

Orações reduzidas de infinitivo

As orações reduzidas de infinitivo podem vir ou não regidas de preposição e, como as desenvolvidas, classificam-se em substantivas, adjetivas e adverbiais.

Substantivas

1. Subjetivas:

"*Era preciso / tirar a impressão do rapaz.*"
(J. L. do Rego, MR, 199.)

2. Objetivas diretas:

"*Naquele instante de angústia que passara, ele tinha jurado / não salvar a Oiticica e seus moradores, / senão por aquele preço.*"
(J. de Alencar, OC, III, 1.243.)

3. Objetivas indiretas:

"*— Quem é que se livra / de ser logrado uma vez, ainda mais daquela maneira?*"
(J. de Alencar, OC, III, 1.214.)

4. Completivas nominais:

"*Desanimou: estava agora quase certo / de a ter lido.*"
(G. Ramos, I, 167.)

5. Predicativas:

> "*Amor é vida; é / ter constantemente*
> *Alma, sentidos, coração — abertos*
> *Ao grande, ao belo; / é / ser capaz d'extre-*
> *mos...*"
> (*G. Dias, PCPE, 278.*)

6. Apositivas:

> "*Em tais circunstâncias restavam duas alternativas; / trair a obrigação estipulada, / tornar-me um caloteiro; / ou respeitar a fé do contrato / e cumprir minha palavra.*"
> (*J. de Alencar, OC, I, 1.203.*)

Adjetivas

As orações adjetivas **reduzidas de infinitivo são freqüentes no português europeu. Assim:**

> "*Quando me lembra tudo isto; quando vejo os conventos em ruínas, os egressos / a pedir esmola / e os barões de berlinda, tenho saudade dos frades — não dos frades que foram, mas dos frades que podiam ser.*"
> (*A. Garrett, O, I, 63.*)

No Brasil, empregamos de preferência as adjetivas reduzidas de gerúndio.

Adverbiais

Vêm normalmente antecedidas de preposição e podem ser:

1. Causais:

> "*Por ser da minha terra / é que sou nobre,*
> *Por ser da minha gente / é que sou rico.*"
> (*O. Bilac, T, 117.*)

2. Concessivas:

> "*Com ser espontânea, / não foi precoce a produção do escritor fantasista.*"
> (*M. de Alencar, in J. de Alencar, OC, IV, 13.*)

3. Condicionais:

> "*D. Genoveva com Flor e Alina... tomaram todas as providências para socorrer os combatentes de munições, e de pronto curativo / no caso de serem feridos.*"
> (*J. de Alencar, OC, III, 1.234.*)

4. Consecutivas:

"*O mancebo desprezava o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos furtavam de longe, levou o arrojo / a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.*"

(R. da Silva, CL, 178.)

5. Finais:

"*Abri todas as porteiras /*
Para o meu amor passar."

(O. Mariano, TVP, II, 638.)

6. Temporais:

"*Ao deitar-me na padiola, / deixei os chinelos junto da cama; / ao voltar da sala de operações, / não os vi.*"

(G. Ramos, I, 39.)

Orações reduzidas de gerúndio

Podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

1. O emprego do gerúndio com valor de oração adjetiva tem sido condenado por certos gramáticos como um galicismo intolerável. Cumpre acentuar, no entanto, que é muito antiga no idioma a construção em que o gerúndio expressa idéia de atividade atual e passageira. Cite-se este exemplo de D. Denis, trovador que poetou em fins do século XIII e princípios do XIV:

"*Ela tragia na mão*
um papagai mui fremoso, /
cantando [= *que cantava*] *mui saboroso...*"

(CBN, *534* — CV, *137.)*

Construção em tudo semelhante a uma contemporânea do tipo:

Vi um menino / correndo.

2. Distinto deste é o emprego, cada dia mais freqüente, do gerúndio como representante de oração adjetiva, que designa modo de ser ou atividade permanente do substantivo a que se refere. Assim:

"*Meu coração é um pórtico partido / Dando excessivamente sobre o mar.*"
(F. Pessoa, OP, 54.)

Tal construção é um simples decalque do francês.

Adverbiais

Como o gerúndio tem fundamentalmente sentido temporal, as reduzidas por ele formadas equivalem, na grande maioria dos casos, a orações subordinadas adverbiais temporais. Assim:

"*Entrando na Câmara, / verifiquei que a grandiosa representação que eu fazia do legislador não me tinha diminuído com o exame da opaca figura do doutor Castro.*"
(L. Barreto, REIC, 76.)

"*Apartando-se do ajudante, / Arnaldo esteve algum tempo a refletir, e encaminhou-se para a gruta.*"
(J. de Alencar, OC, III, 1.210.)

Mas podem corresponder também a orações subordinadas adverbiais:

1. Causais:

"*Não possuindo os dons do Presidente / de acreditar no impossível, / nem raciocinando o meu espírito da mesma maneira / que o seu, eu via as coisas ruins, mal paradas mesmo.*"
(G. Amado, DP, 106.)

2. Concessivas:

"*Para ser franco, tive vontade de sair. Era que ninguém podia voltar, / mesmo querendo.*"
(J. L. do Rego, MR, 151.)

3. Condicionais:

"*Todos os sacrifícios ela os faria, / sendo necessário, / para poupar-lhe um desgosto, e auxiliá-lo nos trabalhos da vida.*"
(J. de Alencar, OC, III, 1.206.)

Orações reduzidas de particípio

Também podem ser adjetivas ou adverbiais.

Adjetivas

"*Aves andavam cacarejando e mariscando nos monturos e a uniformidade da paisagem dava uma impressão fatigante à vista, / enfarada de arvoredo e de ervas raras, / onde não aparecia um vulto humano.*"

(*C. Neto, C, 220.*)

"*O moleque, / extremamente irritado, / vagueava pelos fundões de Goiás.*"

(*H. de C. Ramos, TB, 47.*)

Adverbiais

São mais comuns as temporais:

"*Terminada a leitura, / a pirâmide se desmanchou depressa e Josias desapareceu.*"

(*A. M. Machado, JT, 179.*)

Mas ocorrem também as:

1. Causais:

"*Desenganado, olhou para o tabelião com um gesto de despedida.*"

(*M. de Assis, OC, II, 333.*)

2. Concessivas:

"*Apesar de enfronhado na legislação, / não tinha uma idéia das suas origens e dos seus fins, não a ligava à vida total da sociedade.*"

(*L. Barreto, VMMJGS, 144.*)

3. Condicionais:

"*Dada essa hipótese, / espero de nossos amigos dedicados que não sofrerão impassíveis uma oposição injusta, e o que é mais ingrata.*"

(*J. de Alencar, CD, 33.*)

Xilogravura de Gilka Vianna, 1969.

Capítulo X

Figuras de sintaxe

O empenho de maior expressividade leva-nos, com freqüência, a lacunas, a superabundâncias, a desvios nas estruturas frásicas tidas por modelares. Em tais construções a coesão gramatical é substituída por uma coesão significativa, condicionada pelo contexto geral e pela situação.

Os processos expressivos que provocam essas particularidades de construção denominam-se figuras de sintaxe.

Estudaremos aqui apenas as principais.

Elipse

1. Elipse (do grego *élleipsis*, "falta", "insuficiência") é a omissão, espontânea ou voluntária, de um termo que o contexto ou a situação permitem facilmente suprir:

> *"Adiante seguiu Caubi; a alguma distância o estrangeiro; logo após Iracema."*
> (J. de Alencar, OC, III, 253.)

> *"Lá fora, a noite fechada; tinha chovido um pouco."*
> (G. Rosa, PE, 26.)

> *"Duas margens — dois destinos,*
> *Um alegre, outro sombrio."*
> (O. Mariano, TVP, II, 631.)

2. A elipse é responsável por numerosos casos de derivação imprópria, nos quais o termo expresso absorve o conteúdo significativo do termo omitido. Sirvam de exemplo as reduções:

a (cidade) capital	*uma (igreja) catedral*
um (dente) molar	*uma (carta) circular*
um (navio a) vapor	*uma folha (de papel)*

A elipse como processo gramatical

1. Em gramática, a elipse de um termo deve ser invocada apenas quando manifesta. E, ainda assim, com extrema prudência.

São correntes, por exemplo, as elipses:

a) do sujeito:

> *"Ternura foi se embalando, se embalando. Adormeceu. Queria esperar a hora do desastre para se defender..."*
> (A. M. Machado, JT, 50.)

"Na sombra do Monte Abiegno
Repousei de meditar.
Vi no alto o alto Castelo
Onde sonhei de chegar.
Mas repousei de pensar
Na sombra do Monte Abiegno."
(F. Pessoa, OP, 94.)

b) do verbo (parcial ou total):

"Jorge releu o escrito, e ora o achava claro demais, ora obscuro."
(M. de Assis, OC, I, 325.)

"As letras, de ouro; ele, imortal: única diferença."
(R. Pompéia, A, 20.)

c) da preposição que introduz certos adjuntos adverbiais:

"Ribas, quinze anos, era feio, magro, linfático."
(R. Pompéia, A, 74.)

"Eu tive a impressão, a primeira vez, de que me esperava uma festa."
(G. Amado, HMI, 114.)

d) da preposição *de* antes da integrante que introduz as orações objetivas indiretas e as completivas nominais:

"Não me lembro que tenha chorado; ganhava sempre as apostas."
(G. Amado, HMI, 53.)

"Não tenho mais dúvida que o lugar que melhor me convém é este."
(M. Bandeira, PP, II, 1.380.)

e) da conjunção integrante *que*:

"Ao cabo de cinco dias, minha mãe amanheceu tão transtornada que ordenou me mandassem buscar no seminário."
(M. de Assis, OC, I, 800.)

"Só quero me prometas nunca mais andar de faca. . ."
(A. Ribeiro, ES, 95.)

2. Na análise dessas e de outras orações manifestamente incompletas convém repor os elementos omitidos. Mas seria uma arbitrariedade pretender reconstruir, nas mesmas bases, formas expressivas elaboradas dentro de princípios lingüísticos diversos.

É o caso, por exemplo, da frase nominal, organizada sem verbo e, justamente por isso, mais incisiva:

"Roma em chamas, que espetáculo!"
(R. Pompéia, A, 144.)

"Tantos naufrágios, perdições, destroços!"
(C. Pessanha, C, 60.)

ou mais sugestiva:

"Caminho do campo verde,
estrada depois de estrada.
Cercas de flores, palmeiras,
serra azul, água calada."
(C. Meireles, OP, 229.)

"Fim da tarde, boquinha da noite
com as primeiras estrelas
e os derradeiros sinos."
(J. de Lima, OC, 225.)

A elipse como processo estilístico

Recurso condensador da expressão, a elipse é naturalmente empregada de preferência naqueles tipos de enunciado que se devem caracterizar pela concisão ou pela rapidez:

Seus efeitos estilísticos são, pois, apreciáveis:

a) na descrição esquemática de ambientes, de estados de alma, de perfis:

"Na copa, o rumor de torneiras abertas e de vidros se quebrando. Correria e pânico."
(A. M. Machado, JT, 15.)

"Pobreza, devastação, indícios de miséria. Desalento, rugas e cabelos grisalhos."
(G. Ramos, AOH, 166.)

b) em anotações rápidas, como as de um diário íntimo, de um caderno de notas:

"10 de maio.
Noite escura. Duros passos."
(*C. Meireles, OP, 752.*)

"— Moça decente, instruída, matando-se para auxiliar a família. Um modelo. A mãe doente..."
(*G. Ramos, A, 68.*)

c) na enunciação de pensamentos condensados, provérbios, divisas, ditos sentenciosos e irônicos:

"Maus pensamentos, má saúde..."
(*A. Peixoto, RC, 168.*)

"Na roça, como na roça."
(*M. Lobato, U, 125.*)

Ordem e Progresso.

"A paciência da Esfinge. Que paciência!"
(*A. M. Machado, CJ, 244.*)

d) nas enumerações, onde a inexistência do artigo, como vimos, costuma sugerir as idéias de acumulação, de rapidez:

"Colheria tudo, plantas, lendas, cantigas, locuções."
(*M. de Assis, OC, II, 569.*)

"Volteiam dentro de mim,
Em rodopio, em novelos,
Milagres, uivos, castelos,
Forças de luz, pesadelos,
Altas torres de marfim."
(*M. de Sá-Carneiro, P, 75.*)

1. Zeugma é uma das formas da elipse. Consiste em fazer participar de dois ou mais enunciados um termo expresso apenas em um deles.

"Rubião fez um gesto, Palha outro; mas quão diferentes!"
(*M. de Assis, OC, I, 601.*)

Isto é: *Palha fez outro.*

Podemos denominar simples a zeugma em que o termo omitido é exatamente o mesmo empregado na oração anterior, como no exemplo acima.

2. Com mais freqüência, a designação aplica-se à chamada zeugma complexa, que abarca principalmente os casos em que se subentende um verbo já expresso, mas sob outra flexão. Exemplo:

> *"Chamo-me Inácio; ele, Benedito."*
> *(M. de Assis, OC, II, 680.)*

Isto é: *ele chama-se Benedito.*

3. A zeugma tem na oração comparativa o campo, por excelência, de produção de efeitos estilísticos, como nos mostram estes exemplos:

> *"Despi a realeza, corpo e alma,*
> *E regressei à noite antiga e calma*
> *Como a paisagem ao morrer do dia."*
> *(F. Pessoa, OP, 67.)*

> *"Ela foi-se ao pôr da tarde*
> *Como as gaivotas do rio."*
> *(C. Alves, OC, 256.)*

Pleonasmo

1. Pleonasmo (do grego *pleonasmós*, "demasia, excesso, redundância") é a superabundância de palavras para enunciar uma idéia, como se vê nestes passos, em que se procura reproduzir a fala popular:

> "— *Entre cá dentro,* disse o morgado."
> *(C. C. Branco, QA, 224.)*

> "— *Oh! — bradou o Pílula! — muito bem aparecido nesta função, Sr. D. Miguel I! Suba p'ra cima desse trono e dê lá de cima um bocado de cavaco às tropas! Mas o melhor é descer cá p'ra baixo, real senhor!"*
> *(C. C. Branco, BP, 161.)*

> *"E aquela saudade parece que saiu para fora do meu peito, subiu aos olhos feita em lágrima e ponteou para algum rumo, ao encontro doutra saudade rastreada sem engano..."*
> *(S. Lopes Neto, CGLS, 302.)*

2. Acentue-se que o pleonasmo é a reiteração da idéia. A repetição da mesma palavra é um recurso de ênfase e, segundo a forma por que se disponha no período ou na oração, tem na retórica nome especial. Não é, porém, um pleonasmo.

Pleonasmo vicioso

O pleonasmo só se justifica para dar maior relevo, para emprestar maior vigor a um pensamento ou sentimento. Quando nada acrescenta à força da expressão, quando resulta apenas da ignorância do sentido exato dos termos empregados, ou de negligência, é uma falta grosseira:

Estão neste caso dizeres como:

Pronunciar uma breve alocução.
Reiterar de novo os agradecimentos.
Considera-se a penicilina uma panacéia universal.

Na primeira e na terceira frases, o adjetivo empregado representa uma demasia condenável: *alocução* significa "discurso breve" e *panacéia* é o mesmo que "remédio universal". Por outro lado, sabendo-se que *reiterar* equivale a "dizer de novo", cumpre omitir na segunda frase a locução adverbial.

Pleonasmo e epíteto de natureza

Deve-se, no entanto, distinguir dessas redundâncias viciosas o uso do adjetivo como epíteto de natureza em expressões do tipo *céu azul, fria neve, mar salgado, noite escura, prado verde* e equivalentes.

Comparem-se estes exemplos:

"Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!"
(F. Pessoa, *OP*, 19.)

"E a Noite sou eu própria! A Noite escura!"
(F. Espanca, *S*, 41.)

Em nenhum dos dois casos trata-se de inútil reiteração da idéia que já se continha no substantivo. O adjetivo insiste sobre o caráter intrínseco, normal ou dominante do objeto. É um recurso literário.

Objeto pleonástico

1. Vimos que, para dar maior realce ao objeto direto, é costume colocá-lo no início da frase e, depois, repeti-lo com a forma pronominal (*o, a, os, as*), como neste passo:

"*Letras vencidas, urge pagá-las, disse eu ao levantar-me.*"
(*M. de Assis, OC, 539.*)

"*Os primeiros dias de sua viuvez passou-os Leonor no seu quarto.*"
(*C. C. Branco, OS, I, 288.*)

2. Com a mesma finalidade de ênfase, o pronome *lhe* (*lhes*) pode reiterar o objeto indireto expresso por sintagma nominal colocado no início da frase:

"*À doente trouxeram-lhe uma xícara de caldo que ela pareceu beber com gosto.*"
(*A. Garrett, O, I, 426.*)

3. Também para ressaltar o objeto direto ou o indireto usa-se fazer acompanhar um pronome átono da sua forma tônica regida da preposição *a*:

"*Temia-a, a ela, à mulher que o guiava.*"
(*G. Rosa, PE, 126.*)

"*— Você vê como eles se divertem em me dar a mim estas notícias?*"
(*A. Peixoto, RC, 130.*)

Anacoluto

Anacoluto (do grego *anakólouthos*, "sem seqüência, inconseqüente") é a mudança de construção sintática no meio do enunciado, geralmente depois de uma pausa sensível.

Comparem-se estes exemplos:

"*Aquela mina de ouro, ela não ia deixar que outras espertas botassem as mãos.*"
(*J. L. do Rego, U, 79.*)

"*Eu parece-me que conheço este diabo de o ver em Braga, no* Café *da Açucena, na Cruz de Pedra.*"
(*C. C. Branco, BP, 164.*)

No primeiro exemplo, observamos que a oração iniciada por — *Aquela mina de ouro* — não teve seguimento depois das duas outras e, em conseqüência, tais palavras ficaram soltas no período.

No exemplo de Camilo Castelo Branco foi o pronome *eu*, que se anunciava como sujeito do verbo seguinte, o elemento que ficou sem função. Com a imprevista estrutura assumida pela frase, a primeira pessoa, por ele representada, passou a objeto indireto *(me)*.

Fenômeno muito comum, especialmente na linguagem falada, o anacoluto é assim explicado por Maurice Dessaintes: "*a seguir a uma pausa, aquele que fala ou escreve abstrai-se do começo do enunciado e continua a exprimir-se como se iniciasse uma nova frase*".[1]

Hipérbato

Hipérbato (do grego *hypérbaton*, "inversão, transposição") é a separação de palavras que pertencem ao mesmo sintagma, pela intercalação de um membro frásico, como nestes passos:

> "*Que arcanjo teus sonhos veio*
> *Velar, maternos, um dia?*"
> (*F. Pessoa, OP, 11.*)

> "*De novo aqui tornando,*
> *A casa torno a ver em que moramos.*"
> (*A. de Oliveira, Post., 56.*)

Em sentido corrente, porém, hipérbato é termo genérico para designar toda inversão da ordem normal das palavras na oração, ou da ordem das orações no período, com finalidade expressiva.

Anástrofe

Anástrofe (do grego *anastrophé*, "mudança de posição, inversão, transposição") é o tipo de inversão vocabular que consiste na anteposição do determinante (preposição + substantivo) ao determinado, pelo modelo:

> "*Bem sei que um dia o vendaval da sorte*
> *Do mar lançou-me na gelada areia.*"
> (*C. Alves, OC, 108.*)

---

1) *L'Analyse grammaticale. Au seuil de la stylistique.* Namur-Bruxelles-Tournai, 1962, p. 371.

"Ai! tu virias comigo
Sonhar [illegible]
Das folhas [illegible] *no le*[illegible]*!"*
(*F. Varela, PC, I, 299.*)

Prolepse

Prolepse (do grego *prólepsis* "ação de tomar antes"), figura também conhecida por *antecipação*,[1] consiste na deslocação de um termo de uma oração para outra precedente, com o que adquire excepcional realce. Assim:

"Prima Justina creio que se levantou e foi ter com ela."
(*M. de Assis, OC, I, 732.*)

"A Europa dizem que é tão bonita, e a Itália principalmente."
(*M. de Assis, OC, I, 826.*)

Sínquise

Sínquise (do grego *sýgchysis*, "confusão, mistura") é a inversão de tal modo violenta das palavras de uma frase, que torna difícil a sua interpretação. É antes um vício que uma figura de sintaxe.

Comparem-se estes versos da fábula *Um animal na Lua*, de La Fontaine, na tradução de Filinto Elísio:

"Quando, inteiros, virá, como tu, dar-nos
A paz às boas Artes?"

Comentando-os, esclarece em nota o tradutor: "Creio que há aqui hipérbato, ou coisa que o valha. Se eu escrevesse em prosa diria assim: — *Quando é que virá a Paz fazer com que inteiros nos entreguemos, como tu, às boas Artes?*"[2]

---

1) Sob esta denominação, o professor José Oiticica estudou, com agudeza, certas formas que assume a prolepse. Cf. o seu *Manual de análise (léxica e sintática)*. 6.ª edição refundida. Rio de Janeiro, 1942. p. 228-234.

2) Cf. *Fábulas escolhidas entre as de La Fontaine*, traduzidas em verso português... por Francisco Manuel do Nascimento. Paris, 1874. p. 249 e nota 4.

Assíndeto

Há assíndeto (do grego *asýndeton*, "não unido, não ligado") quando as orações de um período ou as palavras de uma oração se sucedem sem conjunção coordenativa que poderia enlaçá-las. É um vigoroso processo de encadeamento do enunciado, que reclama do leitor ou do ouvinte uma atenção maior no exame de cada fato, mantido em sua individualidade, em sua independência, por força das pausas rítmicas:

"Rezei o credo, segurei a vela, fiz todos os gestos do ritual."
(A. F. Schmidt, GB, 247.)

"A multidão agitou-se, murmurou, bradou, ameaçou, congregou-se toda em derredor do barbeiro."
(M. de Assis, OC, II, 273.)

"Arreamos, montamos, saímos."
(G. Rosa, GSV, 217.)

"E a vista sonda, reconstrui, compara.
Tantos naufrágios, perdições, destroços!
— Ó fúlgida visão, linda mentira!

Róseas unhinhas que a maré partia...
Dentinhos que o vaivém desengastara...
Conchas, pedrinhas, pedacinhos de ossos..."
(C. Pessanha, C, 60.)

Polissíndeto

O polissíndeto (do grego *polysýndeton*, "que contém muitas conjunções") é o contrário do assíndeto, ou seja, o emprego reiterado de conjunções coordenativas:

"Fui cisne, e lírio, e águia, e catedral!"
(F. Espanca, S, 59.)

"E prometia-lhe o Tio as muitas coisas que ia brincar e ver, e fazer e passear."
(G. Rosa, PE, 4.)

"E cintilava e tremia,
E tremia... e a cintilar
E a tremer, sempre a me olhar,
Parece que me dizia:
— Tem pena dela!..."
(A. de Oliveira, P, I, 356-357.)

Com o polissíndeto interpenetram-se os elementos coordenados; a expressão adquire assim uma continuidade, uma fluidez, que a tornam particularmente apta para sugerir movimentos ininterruptos ou vertiginosos, como nos mostram os passos citados, e mais ainda o seguinte:

> "*Wilfredo foge. O horror vai com ele, inclemente.*
> *Foge. E corre, e vacila, e tropeça, e resvala,*
> *E levanta-se, e foge alucinadamente...*"
> (*O. Bilac, P, 217.*)

Por vezes, a repetição é simétrica, rítmica, e o polissíndeto passa a ser o recurso característico do chamado estilo bíblico. Veja-se este exemplo de Simões Lopes Neto:

> "*Eu era que cuidava dos altares e ajudava a missa dos santos padres da igreja de S. Tomé, do lado do poente do grande Rio Uruguai. Sabia bem acender os círios, feitos com a cera virgem das abelheiras da serra; e bem balançar o turíbulo, fazendo ondear a fumaça cheirosa do rito; e bem tocar a santos, na quina de altar, dois degraus abaixo, à direita do padre; e dizia as palavras do missal; e nos dias de festa sabia repicar o sino; e bater as horas, e dobrar a finados...*"
> (*CGLS, 295.*)

Silepse

Silepse (do grego *sýllepsis*, "ação de reunir, de tomar em conjunto") é a concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com o seu sentido, com a idéia que elas expressam.

Segundo a acepção originária, o termo silepse deveria referir-se apenas à concordância de número. Cedo, porém, ele passou a ser aplicado a certas anomalias formais na concordância de gênero e pessoa e, hoje, abarca praticamente todo o campo da concordância ideológica.

Silepse de número

1. Pode ocorrer a silepse de número com todo substantivo singular concebido como plural e, particularmente, com os termos coletivos. Assim:

> "*O casal não tivera filhos, mas criaram dois ou três meninos.*"
> (*A. F. Schmidt, GB, 285.*)

"Prostra-se o [illegible], e repetindo
As palavras do Mestre pronunciam
As santas orações da madrugada."
(F. Varela, PC, III, 95.)

2\. Há também silepse de número quando o sujeito da oração é um dos pronomes *nós* e *vós*, aplicados a uma só pessoa, e permanecem no singular os adjetivos e particípios que a eles se referem.

"Arrastado pelo desejo de apresentar trabalho mais completo, tivemos de desatender ao escasso horário, que a lei outorga ao 4.° ano para o estudo desta matéria."
(E. Carlos Pereira, GH, IV.)

"Parece, porém, senhor, quererdes acusar-me de pôr peias aos vossos desenhos pelo que tange à milícia. Sois injusto comigo."
(A. Herculano, MC, II, 35.)

Silepse de gênero

As expressões de tratamento *Vossa Majestade*, *Vossa Excelência*, *Vossa Senhoria* e semelhantes, embora tenham forma gramatical feminina, aplicam-se com freqüência a pessoas do sexo masculino. Neste caso, quando funciona como predicativo, o adjetivo que a elas se refere vai sempre para o masculino.

Eis alguns exemplos desta silepse de gênero:

"— Sr. doutor, V. S.ª é servido?"
(J. de Alencar, OC, I, 834.)

"V. Ex.ª é sempre lisonjeiro."
(C. Alves, OC, 604.)

"Então dizer que V. Ex.ª está trajado de branco é ser ingênuo!"
(G. Amado, PP, 115.)

Silepse de pessoa

1\. Quando a pessoa que fala ou escreve se inclui num sujeito enunciado na 3.ª pessoa do plural, o verbo pode ir para a 1.ª pessoa do plural:

"Na noite do dia seguinte estávamos reunidas algumas pessoas."
(M. de Assis, OC, II, 111.)

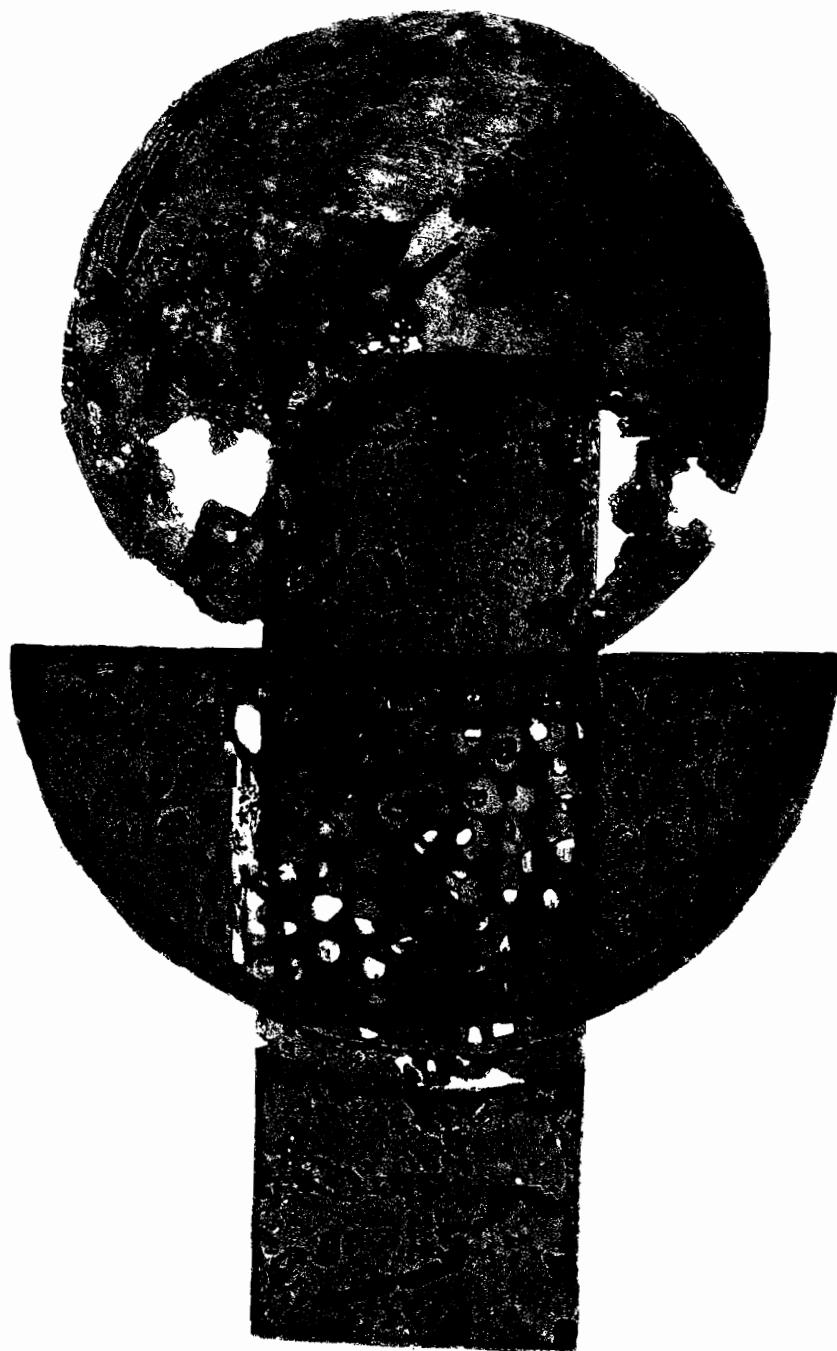
"Leitores comuns e perfeitamente equilibrados, buscamos na arte figuras vivas, imagens de sonho; tipos que se comportem como toda a gente, não nos mostrem ações e idéias que briguem com as nossas."

(G. Ramos, LT, 260.)

2. Se no sujeito expresso na 3.ª pessoa do plural queremos abranger a pessoa a quem nos dirigimos, é lícito usarmos a 2.ª pessoa do plural, construção de que se serviu um escritor de nossos dias:

"Os dois ora estais reunidos
numa aliança bem maior
que o simples elo da terra."

(C. Drummond de Andrade, R, 197.)

Gravura em metal de Marília Rodrigues.

Capítulo XI

Pontuação

Os sinais de pontuação podem ser classificados em dois grupos:

O primeiro grupo compreende os sinais que, fundamentalmente, servem para marcar as *pausas:*

a) a vírgula (,)
b) o ponto (.)
c) o ponto e vírgula (;)

O segundo grupo abarca os sinais cuja função essencial é marcar a *melodia,* a *entoação:*

a) os dois pontos (:)
b) o ponto de interrogação (?)
c) o ponto de exclamação (!)
d) as reticências (. . .)
e) as aspas (" ")
f) os parênteses (())
g) os colchetes ([ ])
h) o travessão (—)

Observações

1.ª) Esta distinção, didaticamente cômoda, não é, porém, rigorosa. Em geral, os sinais de pontuação indicam, ao mesmo tempo, a pausa e a melodia.

2.ª) Outros sinais podem ter valor expressivo: o hífen, o parágrafo, o emprego de letras maiúsculas e o uso de diversos tipos e cores dos caracteres de imprensa (itálico, versal, versalete, negrito, etc.)

I. Sinais que marcam sobretudo a pausa

A vírgula marca uma pausa de pequena duração. Emprega-se não só para separar elementos de uma oração, mas também orações de um período.

A vírgula

1. No interior da oração serve:

1.º) Para separar elementos que exercem a mesma função sintática (sujeito composto, complementos, adjuntos), quando não vêm unidos pelas conjunções *e, ou* e *nem:*

"*As nuvens, as folhas, os ventos não são deste mundo.*"
(*A. Meyer, P, 242.*)

"*Depois naquele homem tudo era português, sóbrio, simples, varonil, vernáculo: figura, gesto,*

palavra, entonação, modo de vestir, maneira de andar."

(G. Junqueiro, *P*, XIII.)

"Ela tem sua claridade, seus caminhos, suas escadas, seus andaimes."

(C. Meireles, *OP*, 604.)

"Levava-os muita vez a passeio, ao teatro, a visitas."

(M. de Assis, *OC*, I, 989.)

"Deus a proteja na Felicidade,
do sonho, do mistério, da saudade,
de cânticos, de aroma e luz ardente."

(Cruz e Sousa, *OC*, 192.)

"Todo o mundo o verá, com lua, com chuva, com escuridão,
navegar nos canais, recostado em sua própria leveza e claridade."

(C. Meireles, *OP*, 621.)

Observação

Quando as conjunções **e, ou** *e* **nem** *vêm repetidas numa enumeração, costuma-se separar por vírgula os elementos coordenados:*

"Portões abriam-se, e fechavam-se, e giravam sem rumor."

(J. Régio, *PDD*, 99.)

"Vai o fero Itajuba perseguir-vos
Por água ou terra, ou campos, ou florestas;
Tremei! . . ."

(G. Dias, *PCPE*, 523.)

"O sol no caso da vida
É como archote sem luz:
Já não aquece, nem queima,
Nem fulgura, nem seduz!"

(T. de Melo, *P*, 184.)

2.º) Para separar elementos que exercem funções sintáticas diversas, geralmente com a finalidade de realçá-los. Em particular, a vírgula é usada:

a) para isolar o aposto, ou qualquer elemento de valor meramente explicativo:

"Conhecia também o marido, seu Ramalho, sujeito calado, sério, asmático, eletricista da Nordeste."

(G. Ramos, *A*, 62.)

"Ela ia, tranqüila pastorinha,
Pela estrada da minha imperfeição."
(F. Pessoa, OP, 55.)

Observação

Incluem-se neste caso certas palavras e expressões explicativas, retificativas, conclusivas, continuativas, tais como: **além disso, aliás, antes, a saber, assim, com efeito, digo, então, isto é, ou melhor, outrossim, por exemplo, etc.**, *emitidas quase sempre entre duas pausas muito sensíveis.*

b) para isolar o vocativo:

"Dom Casmurro, domingo vou jantar com você."
(M. de Assis, OC, I, 729.)

c) para isolar o adjunto adverbial antecipado:

"A esta hora, recomeçam a fumegar as casas."
(A. Meyer, P, 215.)

Observações

1.ª) Quando os adjuntos adverbiais são de pequeno corpo (um advérbio, por exemplo), costuma-se dispensar a vírgula. A vírgula é, porém, de regra quando se pretende realçá-los. Comparem-se estes passos:

"Realmente demoram-se..."
(M. de Assis, OC, II, 432.)

"Realmente, deve ter sido muito bonita."
(M. de Assis, OC, II, 388.)

2.ª) É também normal a omissão da vírgula quando ao adjunto antecipado segue imediatamente o verbo com o sujeito posposto. Assim:

"Por cima do alagadiço tremiam nuvens de mosquitos."
(G. Amado, HMI, 48.)

d) para isolar os elementos pleonásticos ou repetidos:

"Tornou a andar, a andar, a andar."
(M. de Assis, OC, II, 1.084.)

3.º) Emprega-se ainda a vírgula no interior da oração:

a) para separar, na datação de um escrito, o nome do lugar:

Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1970.

b) para indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo) ou de um grupo de palavras:

"Em frente, um gramal vastíssimo."
(R. Pompéia, A, 15.)

2. Entre orações, emprega-se a vírgula:

1.º) Para separar as orações coordenadas assindéticas:

"Levantava-me, subia a ladeira Santa Cruz, percorria ruas cheias de lama, entrava numa bodega, tentava conversas com os vagabundos, bebia aguardente."
(G. Ramos, A, 124.)

2.º) Para separar as orações coordenadas sindéticas, salvo as introduzidas pela conjunção *e*:

"Cessaram as buzinas, mas prosseguia o alarido nas ruas."
(A. M. Machado, JT, 140.)

"Nem te arrufaste, nem tinhas desconfiança."
(M. de Assis, OC, I, 38.)

"Dorme, que eu penso."
(C. Meireles, OP, 426.)

"E os campônios vão chegando,
Ora rindo, ora cantando . . ."
(B. Lopes, VL, 134.)

Observações

1.ª) Separam-se por vírgula as orações coordenadas unidas pela conjunção **e**, *quando têm sujeito diferente:*

"Os soldados agacharam-se, e ele saltou."
(C. C. Branco, OS, I, 109.)

"Fora meu condiscípulo João Carlos, e ficamos sempre amigos com regular correspondência."
(C. C. Branco, OS, I, 573.)

Costuma-se também separar por vírgula as orações introduzidas por essa conjunção quando ela vem reiterada:

"O circo desapareceu, mas a semente ficou, e germinou, e brotou, e cresceu, e fez-se a magnífica árvore, a cuja sombra se pode hoje estirar a nossa filosofia."
(M. de Assis, OC, III, 415.)

2.ª) Das conjunções adversativas, **mas** *emprega-se sempre no começo da oração;* **porém, todavia, contudo, entretanto** *e* **no entanto** *podem vir ora no início da oração, ora após um de seus termos. No primeiro caso, põe-se uma vírgula antes da conjunção; no segundo, vem ela isolada por vírgulas:*

"Tento contar as horas, mas isto é impossível."
(G. Ramos, I, 44.)

"Nesse tumultuoso rio, várias correntes se despejam e as águas são turvas, porém violentas e bravias e às vezes de uma livre e grandiosa beleza."
(G. Aranha, OC, 660-1.)

"Quase todos procediam da Prússia Oriental, da Pomerânia; havia, porém, alguns que vinham das bandas do Reno."
(G. Aranha, OC, 89.)

"O major pensara até ali pouco nessas cousas de festas e danças tradicionais, entretanto viu logo a significação altamente patriótica do intento."
(L. Barreto, TFPQ, 46.)

Se a pausa que separa tais orações é acentuada, pode-se marcá-la, na escrita, com ponto e vírgula:

"Foi discreto e sem rumor;
Mas se o visse alguém, por certo,
Descoberto estava o amor!"
(R. Correia, PCP, 422.)

3.ª) Quando conjunção conclusiva, **pois** *vem sempre posposto a um termo da oração a que pertence e, portanto, isolado por vírgulas:*

"Não pacteia com a ordem; é, pois, uma rebelde."
(J. Ribeiro, PE, 95.)

As demais conjunções conclusivas (**logo, portanto, por conseguinte**, *etc.*) *podem encabeçar a oração, ou pospor-se a um de seus termos. À semelhança das adversativas, escrevem-se, conforme o caso, com uma vírgula anteposta, ou entre vírgulas. Veja-se a* **Observação 2.ª)** *ao* **ponto e vírgula.**

3.º) Para isolar as orações intercaladas:

"— A rosa, disse o Gênio, é a tua infância."
(A. Meyer, P, 219.)

"Foi porque vi logo que a cachorra era diferente das outras, explicou Cesária, lá da esteira."
(G. Ramos, AOH, 113.)

4.º) Para isolar as orações subordinadas adjetivas explicativas:

"Encontrei a bordo um homem, que vinha do Pará, a quem meu pai me apresentou e recomendou."
(M. de Assis, OC, II, 1.073.)

"Tia Natália, que se achava no quarto, ouviu uma explosão no pomar. . ."
(A. M. Machado, JT, 21.)

Observação

Vimos que as orações subordinadas adjetivas se classificam em restritivas *e* explicativas.

As restritivas, *indispensáveis ao sentido da frase, ligam-se a um substantivo (ou pronome) antecedente sem pausa, razão por que dele não se separam, na escrita, por vírgula. Já as* explicativas, *denotadoras de uma qualidade acessória do antecedente — e, portanto, dispensáveis ao sentido essencial da frase —, separam-se dele por uma pausa, indicada na escrita por vírgula.*

Comparem-se, por exemplo, estes dois passos:

"Quem terá sido a senhora
Que me fez tamanho bem?"
(O. Mariano, TVP, II, 557.)

"Árvore, que ergues os braços,
Que queres a bracejar?"
(O. Mariano, TVP, II, 434.)

No primeiro, há uma oração adjetiva restritiva: **que me fez tamanho bem.** *No segundo, uma adjetiva*

explicativa: que ergues os braços. *Daí a diversidade de pontuação.*

5.º) Para separar as orações subordinadas adverbiais, principalmente quando antepostas à principal:

"— *Assim como a abelha fabrica mel no coração negro do jacarandá, a doçura está no peito do mais valente guerreiro.*"
(*J. de Alencar, OC, III, 287.*)

6.º) Para separar as orações reduzidas de gerúndio, de particípio e de infinitivo, quando equivalentes a orações adverbiais:

a) reduzidas de gerúndio:

"*Refletindo deste modo, Cristiana era levada às últimas conseqüências.*"
(*M. de Assis, OC, II, 728.*)

"*E com pequeno esforço, sendo o título seu, poderá cuidar que a obra é sua.*"
(*M. de Assis, OC, I, 729.*)

b) reduzidas de particípio:

"*Dadas todas estas explicações, continuo a minha história.*"
(*M. de Assis, OC, II, 724.*)

"*Mas que espada é que, erguida,*
Faz esse halo no céu?"
(*F. Pessoa, OP, 13.*)

c) reduzidas de infinitivo:

"*Para atingir, faltou-me um golpe de asa . . .*"
(*M. de Sá-Carneiro, P, 69.*)

"*A Guerra e a Fé imperavam e, ao crepitar do lume doméstico, outras histórias não se contavam que as dos soldados e dos monges.*"
(*J. Ribeiro, PE, 138.*)

Conclusão

Finalizando as nossas observações, devemos acentuar o seguinte:

a) toda oração ou todo termo de oração de valor meramente explicativo pronunciam-se entre pausas; por isso, são isolados por vírgulas, na escrita;

b) os termos essenciais e integrantes da oração ligam-se uns com os outros sem pausa; não podem, assim, ser separados por vírgula. Esta a razão por que não é admissível o uso de vírgula entre uma oração subordinada substantiva e a sua principal;

c) há uns poucos casos em que o emprego da vírgula não corresponde a uma pausa real na fala; é o que se observa em respostas rápidas, como: *Sim, senhor. Não, senhor.*

O ponto

1. O ponto assinala a pausa máxima da voz depois de um grupo fônico de final descendente.

Emprega-se, pois, fundamentalmente, para indicar o término de uma *oração declarativa,* seja ela absoluta, seja a derradeira de um período composto. Vejam-se estes exemplos:

> *"Hoje, despertei cheio de lembranças. E senti a necessidade de libertar-me das imagens remotas. Antes de escrever estas linhas, fiquei por longo tempo sentado, em silêncio. Fui, então, assaltado de repente por um bando de pássaros. Cantavam, diziam coisas, faziam círculos em torno de mim e partiam em direção ao mar."*
>
> *(A. F. Schmidt,* AP, *21.)*

2. Quando os períodos (simples ou compostos) se encadeiam pelos pensamentos que expressam, sucedem-se uns aos outros na mesma linha. Diz-se, neste caso, que estão separados por um ponto simples

Observação

O ponto tem sido utilizado pelos escritores modernos onde os antigos poriam ponto e vírgula, ou mesmo vírgula. Trata-se de um eficiente recurso estilístico, quando usado adequada e sobriamente. Com a segmentação de períodos compostos em orações absolutas, ou com a transformação de termos destas em novas orações, obriga-se o leitor a ampliar as pausas entre os grupos fônicos de determinado texto, com o que lhe modifica a entoação e, conseqüentemente, o próprio sentido. As orações assim criadas adquirem um realce particular, ganham em afetividade e, não raro, passam a insinuar idéias e sentimentos, inexprimíveis numa pontuação normal e lógica. Leia-se, por exemplo, este passo:

> *"Meus poemas atuais, de 1922 para diante, são verdadeiros ensaios, exercícios, estudos. Procuro.*

Julgo achar. Uma rápida alegria. E a dúvida. A desolação. Terrível. Escrevo muito. Tenho um livro pronto."

(M. de Andrade, CMC, 16.)

3. Quando se passa de um grupo a outro grupo de idéias, costuma-se marcar a transposição com um maior repouso da voz, o que, na escrita, se representa pelo ponto parágrafo. Deixa-se, então, em branco o resto da linha em que termina um dado grupo ideológico, e inicia-se o seguinte na linha abaixo, com o recuo de algumas letras. Veja-se este trecho:

"Não chovia mais. As nuvens tinham corrido de um lado do horizonte, deixando ver uma nesga de céu azul.

Um pouco de sol banhava aquelas colinas tristes e fatigadas, por entre as quais caminhávamos.

As cigarras puseram-se a estridular e vim vindo de cabeça baixa, sem apreensões, cheio de esperanças, exuberante de alegrias."

(L. Barreto, REIC, 53.)

4. Ao ponto que encerra um enunciado escrito dá-se o nome de ponto final

Observações

1.ª) Além de servir para assinalar uma pausa longa, o ponto tem outra utilidade. É o sinal que se emprega depois de qualquer palavra escrita abreviadamente. Assim: V. S.ª (Vossa Senhoria), Sr. (Senhor), C. F. E. (Conselho Federal de Educação).

Note-se que, se a palavra assim reduzida estiver no fim do período, este se encerra com o ponto abreviativo, pois não se coloca outro ponto depois dele.

2.ª) Quanto ao uso do ponto depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., vejam-se nossas Observações aos dois pontos.

O ponto e vírgula

1. Como o nome indica, este sinal serve de intermediário entre o ponto e a vírgula, podendo aproximar-se ora mais daquele, ora mais desta, segundo os valores pausais e melódicos que assume no texto. No primeiro caso, equivale a uma espécie de ponto reduzido; no segundo, assemelha-se a uma vírgula alongada.

2. Esta imprecisão do ponto e vírgula faz que o seu emprego dependa substancialmente do contexto. Entretanto, podemos estabelecer que, em princípio, ele é usado:

1.º) Para separar, num período, as orações da mesma natureza que tenham uma certa extensão:

> *"Os dois primeiros alvitres foram desprezados por impraticáveis; Ernesto não tinha dinheiro nem crédito tão alto."*
>
> *(M. de Assis, OC, II, 203.)*

2.º) Para separar partes de um período, das quais uma pelo menos esteja subdividida por vírgula, como este passo:

> *"O incêndio é a mais impaciente das catástrofes; a explosão, a mais impulsiva e lacônica; o abalroamento, a mais colérica; a inundação, a mais feminina e majestosa."*
>
> *(A. M. Machado, CJ, 189.)*

3.º) Para separar os diversos itens de enunciados enumerativos (em leis, decretos, portarias, regulamentos, etc.). Sirva de exemplo o Título I *(Dos fins da Educação)* da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

Art. 1.º A educação nacional, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por fim:

a) a compreensão dos direitos e deveres da pessoa humana, do cidadão, do Estado, da família e dos demais grupos que compõem a comunidade;

b) o respeito à dignidade e às liberdades fundamentais do homem;

c) o fortalecimento da unidade nacional e da solidariedade internacional;

d) o desenvolvimento integral da personalidade humana e a sua participação na obra do bem comum;

e) o preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio;

f) a preservação e expansão do patrimônio cultural;

g) a condenação a qualquer tratamento desigual por motivo de convicção filosófica, política ou religiosa, bem como a quaisquer preconceitos de classe ou de raça.

Observações

1.ª) O ponto e vírgula divide longos períodos em partes menores à semelhança da cesura, ou deflexão interna de um verso longo. Às vezes, os elementos separados são simétricos, e disso resulta um ritmado encadeamento do período, muito ao gosto do estilo oratório. Leia-se este passo de Rui Barbosa em louvor de Machado de Assis:

"Modelo foi de pureza e correção, temperança e doçura; na família, que a unidade e devoção do seu amor converteu em santuário; na carreira pública, onde se extremou pela fidelidade e pela honra; no sentimento da língua pátria, em que prosava como Luís de Sousa, e cantava como Luís de Camões; na convivência dos seus colegas, dos seus amigos em que nunca deslizou da modéstia, do recato, da tolerância, da gentileza."
(R. Barbosa, EDS, 676.)

2.ª) Em lugar da vírgula, costuma-se empregar o ponto e vírgula antes das conjunções adversativas (**mas, porém, todavia, contudo, no entanto,** *etc.) e das conclusivas* (**logo, portanto, por isso,** *etc.) colocadas no início de uma oração coordenada. Com o alongamento da pausa, acentua-se o sentido adversativo, ou conclusivo, das referidas conjunções. Comparem-se estes períodos:*

"Desgostou-se, sofreu, mas não maldisse a Pátria."
(L. Barreto, TFPQ, 32.)

"Desgostou-se, sofreu; mas não maldisse a Pátria."

Ele está acamado, por isso não poderá vir às aulas.

Ele está acamado; por isso não poderá vir às aulas.

Em certos casos, o tom enfático aconselha mesmo o uso do ponto em tal posição. É o que ocorre neste exemplo:

"*Este [o substantivo mais próximo] é* **testador.** *Logo,* **aos sucessores deste** *é que devo inferir aí se aluda. Mas o intento da codificação é que se referisse aos sucessores do* **legatário.** *Logo, mal redigido, obscuro está o texto; e cumpre clareá-lo.*"

(R. Barbosa, R, 397.)

Valor melódico dos sinais pausais

Dissemos que a vírgula, o ponto e o ponto e vírgula marcam *sobretudo* — e não exclusivamente — a pausa. No correr de nosso estudo, ressaltamos até algumas de suas características melódicas. É o momento de sintetizá-las:

a) o ponto corresponde sempre à final descendente absoluta de um grupo fônico;

b) a vírgula indica que a voz fica em suspenso, à espera de que o período se complete;

c) o ponto e vírgula assinala em geral uma débil inflexão suspensiva, suficiente, no entanto, para indicar que o período não está concluído.

II. Sinais que marcam sobretudo a melodia

Os dois pontos

Os dois pontos marcam, na escrita, uma sensível suspensão da voz na melodia de uma frase não concluída. Empregam-se, pois, para anunciar:

1.º) Uma citação (geralmente depois de verbo ou expressão que signifique *dizer, responder, perguntar* e sinônimos):

"*Murmura a relva: 'Que suave raio!'.*
Responde o ramo: 'Como a luz é meiga!'."

(C. Alves, OC, 108.)

2.º) Uma enumeração explicativa:

"*De vez em quando o olhar distraído esbarra numa novidade: bangalô em construção, obras na calçada, ou apenas um papel na vidraça . . .*".

(A. Meyer, P, 195.)

3.º) Um esclarecimento, uma síntese ou uma conseqüência do que foi dito:

"Não és bom, nem és mau. és triste e humano..."
(O. Bilac, T, 60.)

"Existe apenas um recurso: Deus."
(G. Junqueiro, P, XVII.)

"A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima."
(R. Barbosa, EDS, 676.)

Observação

Depois do vocativo que encabeça cartas, requerimentos, ofícios, etc., costuma-se colocar dois pontos, vírgula ou ponto, havendo escritores que, no caso, dispensam qualquer pontuação. Assim:

Prezado senhor:	*Prezado senhor.*
Prezado senhor,	*Prezado senhor*

Sendo o vocativo inicial emitido com entoação suspensiva, deve ser acompanhado, preferentemente, de dois pontos *ou de* vírgula, *sinais denotadores daquele tipo de inflexão.*

O ponto de interrogação

1. É o sinal que se usa no fim de qualquer interrogação direta, ainda que a pergunta não exija resposta:

"Quem sou? Para onde vou? Qual minha origem?"
(A. dos Anjos, Eu, 108.)

"Por que tarda tanto o príncipe encantado?"
(R. Couto, PR, 193.)

2. Nos casos em que a pergunta envolve dúvida, costuma-se fazer seguir de reticências o ponto de interrogação:

"Se sou alegre ou triste?...
Francamente, não o sei."
(F. Pessoa, OP, 514.)

"Foram as sereias...
Quem as viu voltar?..."
(M. Bandeira, PP, I, 314.)

3. Nas perguntas que denotam surpresa, ou naquelas que não têm endereço nem resposta, empregam-se por vezes combinados o ponto de interrogação e o ponto de exclamação:

"— *Já foste bater língua pela vizinhança, Felícia!...*
— *Eu?! Eu não, nhozinho.*"
(C. Neto, OS, I, 882.)

"*Ah, é a senhora?! Pois entre, a casa é sua...*"
(A. M. Machado, HR, 86.)

Observações

1.ª) O ponto de interrogação nunca se usa no fim de uma interrogação indireta. Como salientamos no estudo da entoação, a interrogação indireta termina com entoação descendente, exigindo, por isso, um ponto. Comparem-se:

Quantas horas são? [= interrogação direta]

Diga-me quantas horas são. [= interrogação indireta]

Quanto ao emprego do ponto de interrogação no chamado estilo indireto livre, veja-se o que dizemos no Capítulo XII deste livro.

2.ª) Há escritores que, para acentuar, nos diálogos, a atitude de expectativa de um dos interlocutores, usam reduzir a sua réplica ao ponto de interrogação, seguido às vezes do ponto de exclamação. Exemplos:

"— *É... mas está cara, patrão! Um vidrinho assim, três cruzados. Estou vendo que tenho de vender a paineira.*
— *??*
— *Não vê que Chico Bastião dá dezoito mil réis por ela — e inda um capadinho de choro.*"
(M. Lobato, U, 196.)

"— *Mas que há contigo? Estás tão esquisito hoje, Antônio.*
— *Nada... Ou melhor, algo de importantíssimo.*
— *?!*
— *Só te peço uma coisa: esqueceres tudo o que sabes de mim. Meu passado ficou sem efeito...*"
(A. M. Machado, CJ, 149.)

Esses recursos de pontuação não têm apenas valor lingüístico; visam a indicar também a mímica, a expressão do corpo e do espírito que acompanha e valoriza a pausa lingüística.

O ponto de exclamação

1. É o sinal que se pospõe a qualquer enunciado de entoação exclamativa. Mas, como a melodia das exclamações apresenta muitas variedades, o seu valor só pode ser depreendido do contexto. Cabe, pois, ao leitor a tarefa, extremamente delicada, de interpretar a intenção do escritor; de recriar, com apoio em um simples sinal, as diversas possibilidades da inflexão exclamativa e, em cada caso, escolher dentre elas a mais adequada — se se trata de uma expressão de espanto, de surpresa, de alegria, de entusiasmo, de cólera, de dor, de súplica e muitas outras.

2. Normalmente, emprega-se o ponto de exclamação:

a) depois de interjeições ou de termos equivalentes, como os vocativos intensivos, as apóstrofes:

"Ó crepúsculos mortos! Voz dos ermos!
Montes azuis! Sussurros da floresta!"
(C. Alves, OC, 184.)

"Oh! mocidade! bem te sinto e vejo!
De amor e vida me trasborda o peito. . . ."
(C. de Abreu, O, 110.)

b) depois de um imperativo:

— "Ide!" Eu vos digo, e logo após: — "Não vades!"
(A. de Guimaraens, OC, 278.)

Observações

1.ª) A interjeição oh! *(escrita com* h*), que denota geralmente surpresa, alegria ou desejo, vem sempre seguida de ponto de exclamação. Já à interjeição de apelo* ó, *quando acompanhada de vocativo, não se pospõe ponto de exclamação; este se coloca, no caso, depois do vocativo. Vejam-se os exemplos acima.*

2.ª) Tão variado como o seu valor melódico é o valor pausal do ponto de exclamação. Para acentuar a inflexão da voz e a duração das pausas pedidas por certas formas exclamativas — ou para sugerir a mímica emocional que as acompanha —, alguns escritores usam de artifícios semelhantes aos que apontamos no emprego do ponto de interrogação. Costumam, assim:

a) juntar o ponto de exclamação ao de interrogação, para obter os efeitos que indicamos. Quando a entoação é predominantemente interrogativa, o ponto de interrogação antecede o de exclamação; quando é mais sensível o tom exclamativo, o de exclamação precede o de interrogação:

"E eu precisei de fazer alguma coisa, de mim, chorei e gritei, a eles dois: — Vocês não sabem de nada, ouviram?! — Vocês já se esqueceram de tudo o que, algum dia, sabiam!..."

(G. Rosa, PE, 57.)

"Ah! minha Nossa Senhora, para que Felícia veio falar dessas histórias agora de noite!?"

(C. Neto, OS, I, 926.)

A referida combinação costuma ser seguida de reticências, o que lhe acrescenta uma nota de incerteza:

"— Ó minha filha! acalentei-te o sono,
Por que me deixas pra viver no sul?!..."

(C. de Abreu, O, 125.)

Mais frisante ainda se torna o indício de dúvida nos casos em que as reticências precedem tal combinação:

"— Então sim. E Mamede? Como há de ser?
— Como há de ser...?! Eu digo que não quero mais saber de estalagem, que estou muito bem."

(C. Neto, OS, I, 1.064.)

b) repetir o ponto de exclamação, para marcar um reforço especial na duração, na intensidade ou na altura da voz:

"Saudade que eu nem sei donde me vem...
Talvez de ti, ó Noite!... Ou de ninguém!...
Que eu nunca sei quem sou, nem o que tenho!!"
(F. Espanca, S, 27.)

"A glória e o nome português morreram!
E este tinir de ferros?! São algemas,
São grilhões que nos vem lançar Castela!!"
(C. de Abreu, O, 24.)

c) sugerir, em diálogos, com um ou mais pontos de exclamação, a mímica que supre em expressividade as palavras admirativas silenciadas por um dos interlocutores, como ocorre neste passo:

"A velha acenava chamando-o. Conseguiu que ele entrasse, 'tome alguma coisa quente, uma xicrinha de café, moço'.
— !!!"
(A. M. Machado, JT, 72.)

Às vezes, encadeiam-se em forma dialogada essas tentativas de notação mímica. Veja-se este exemplo:

"Enfim, feliz! — ? — ! — Desesperado. — Vem!"
(A. Nobre, Só, 128.)

Lembre-se, a propósito, que todo o Capítulo LV do romance Memórias póstumas de Brás Cubas, *de Machado de Assis, é um diálogo entre Brás Cubas e Virgília feito com tais notações:*

"Brás Cubas
.... ?
Virgília
....
Brás Cubas
..
....
Virgília
.... !"
(M. de Assis, OC, I, 473.)

As reticências

1. **As** reticências **marcam uma interrupção da frase e, conseqüentemente, a suspensão de sua melodia.**

Empregam-se em casos muito variados. Assim:

a) para indicar que o narrador ou o personagem interrompe uma idéia que começou a exprimir, e passa a considerações acessórias:

> *"Talvez estejas a criar pele nova, outra cara, outras maneiras, outro nome, e não é impossível que... Já me não lembra onde estava... Ah! nas estradas escusas."*
>
> (M. de Assis, *OC*, I, 474.)

b) para marcar suspensões provocadas por hesitação, dúvida ou timidez de quem fala:

> *"— É promessa, há de cumprir-se.*
> *— Sei que você fez promessa... mas uma promessa assim... não sei... Creio que, bem pensado... Você que acha, prima Justina?"*
>
> (M. de Assis, *OC*, I, 732.)

> *"— Quem vem lá?...*
> *— Foi o Marcos que nos mandou; andávamos extraviados... ele nos conhece... vamos levar um aviso ao comandante... É dos farrapos que andavam ontem por aqui..."*
>
> (S. Lopes Neto, *CGLS*, 180.)

c) para assinalar certas inflexões de natureza emocional (de alegria, de tristeza, de cólera, de sarcasmo, etc.):

> *"Apesar das apreensões da hora, Juliano quase sorriu ao humorismo do 'convite'... Fora 'convidado' a tornar... 'vivo ou morto'... Mas o momento não lhe permitia uma digressão..."*
>
> (A. Peixoto, *RC*, 932.)

> *"No dia triste o meu coração mais triste que o dia...*
> *No dia triste todos os dias...*
> *No dia tão triste..."*
>
> (F. Pessoa, *OP*, 336.)

d) para indicar que a idéia que se pretende exprimir não se completa com o término gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor:

"Um pouco mais de sol — e fora brasa.
Um pouco mais de azul — e fora além.
Para atingir, faltou-me um golpe de asa...
Se ao menos eu permanecesse aquém..."
(M. de Sá-Carneiro, P, 69.)

2. Empregam-se também as reticências para reproduzir, nos diálogos, não uma suspensão do tom da voz, mas o corte da frase de um personagem pela interferência da fala de outro:

"Narciso — Isso é demais, é...
John — Silêncio!"
(M. Pena, T, I, 409.)

Se a fala do personagem continua normalmente depois dessa interferência, costuma-se preceder o seguimento de reticências. Exemplo:

"Leonor — Pois bem, senhor, de tudo sabereis, já que assim o ordenais. Informaram-me que o Infante, ligado por diferentes tratados particulares com el-rei de Castela...
D. Fernando — Oh!
Leonor, continuando — ...pretendeu assassinar-vos para se fazer rei de Portugal."
(M. Pena, T, II, 158.)

3. Usam-se ainda as reticências antes de uma palavra ou de uma expressão que se quer realçar:

"Os males de Anto toda a gente os sabe!
Os meus... ninguém... A minha Dor não cabe
Nos cem milhões de versos que eu fizera!..."
(F. Espanca, S, 44.)

4. Como os outros sinais melódicos, as reticências têm certo valor pausal. Mas esse é extremamente variável, porque depende do matiz afetivo que elas expressam. A pausa é geralmente longa, quando as reticências indicam hesitação, dúvida, ou timidez de quem fala; é brevíssima, quando, nos diálogos animados, assinala o corte de palavra ou frase de um interlocutor por outro.

5. O valor pausal das reticências é mais acentuado quando elas se combinam com outro sinal de pontuação.

Duas combinações são possíveis:

1.ª) Com um sinal pausal (vírgula, ou ponto e vírgula). Neste caso, as reticências têm apenas valor melódico; a pausa é indicada pela vírgula, ou pelo ponto e vírgula que as segue, como no exemplo abaixo:

"Cantai, ó brisas, mas cantai baixinho!
Passai, ó vagas. . ., mas passai de manso!
Não perturbeis-lhe o plácido remanso,
Vozes do ar! emanações do rio!"
(C. Alves, OC, 331.)

2.ª) Com um sinal melódico (ponto de interrogação, ou ponto de exclamação, ou os dois conjugados). Neste caso, as reticências prolongam a duração das inflexões interrogativa e exclamativa e lhes acrescentam certos matizes particulares, que indicamos ao estudarmos aqueles sinais.

Assim:

"— Você está vendo, Isaac?. . .
Que é que terá acontecido?!. . ."
(A. M. Machado, JT, 48.)

"— É Rita! É Rita!. . . É ela, Matias!. . . Passou e desapareceu!. . ."
(A. M. Machado, JT, 126.)

6. Quando, em diálogos, a réplica de um personagem vem representada somente por reticências, o valor pausal destas é óbvio. Há, no caso, um silêncio, e silêncio associado a uma atitude de passividade do personagem:

"— A grande, a minha grande preocupação, cada vez mais cuidada. Não sabe?
— . . .
— Quero professar. . ."
(A. Peixoto, RC, 780.)

7. Não se devem confundir as reticências, que têm valor estilístico apreciável, com os três pontos que se empregam, como simples sinal tipográfico, para indicar que foram suprimidas palavras no início, no meio, ou no fim de uma citação.

Modernamente, para evitar qualquer dúvida, tende a generalizar-se o uso de quatro pontos para marcar tais supressões, ficando os três pontos como sinal exclusivo das reticências.

As aspas

1. Empregam-se principalmente:

a) no início e no fim de uma citação, para distingui-la do resto do contexto:

"Tio Cosme respondeu com um "Ora!" que, traduzido em vulgar, queria dizer: "São imaginações do José Dias; os pequenos divertem-se, eu divirto-me; onde está o gamão?" "
(*M. de Assis, OC, I, 731.*)

b) para fazer sobressair termos ou expressões, geralmente não peculiares à linguagem normal de quem escreve (estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, vulgarismos, etc.):

"Na cidade de Assis, "il Poverello"
Santo, três vezes santo, andou pregando. . ."
(*F. Espanca, S, 125.*)

"— "Me passe" os cobres. . . é a fórmula de uma cobrança amigável."
— "Passe-me" os cobres, é já uma intimação violenta, judicial, "manu militari"."
(*J. Ribeiro, LN, 12.*)

"Dividido todo o gado, a um sinal do "cabeça de campo", os vaqueiros de cada fazenda tocam os gados de suas "entregas". Um vai à frente, aboiando. É o "guia". Cercando o gado, quase na frente, seguem os "cabeceiras"; ao meio, os "esteiras"; mais atrás os "costaneiras", e, por fim, na retaguarda, os do "couce"."
(*G. Barroso, TS, 51.*)

c) para acentuar o valor significativo de uma palavra:

"Adeus! O Vento soluça e geme,
O Mar é negro, mas "lá" é azul. . ."
(*A. Nobre, Só, 105.*)

d) para realçar ironicamente uma palavra ou uma expressão:

"Juliana lisonjeava sempre a cozinheira: dependia dela: Joana dava-lhe caldinhos às horas de debilidade, ou quando ela estava mais adoentada, fazia-lhe um bife às escondidas da senhora. Juliana tinha um grande medo de "cair em fraqueza", e a cada momento precisava tomar a "sustância"."

(E. de Queirós, OF, I, 878.)

Observação

Nesses casos, em que as aspas indicam não pertencerem à linguagem do escritor os dizeres por elas isolados, o seu valor melódico é sensível. Servem para reproduzir, na escrita, formas da expressão oral com modulações próprias dentro do contexto.

2. Usam-se também as aspas para indicar:

a) a significação de uma palavra ou de uma frase, em geral de língua estrangeira:

"No Alentejo fazenda *significa "rebanho de gado macho"."*

(J. L. de Vasconcelos, LFP, 274.)

*"O artista, segundo a lei do seu próprio trabalho, compõe de "dentro para fora" (*von innen nach aussen*) e empresta fluido vital a quanto de aéreo e fugitivo vai criando."*

(J. Ribeiro, PE, 134.)

b) o título de uma obra:

"Li a "Cinzas das Horas" e fui vestir-me. Estava com um louco desejo de reler teu "Carnaval"."

(M. de Andrade, CMB, 20.)

Observações

1.ª) Na escrita, em vez de isolarmos por aspas tais dizeres, costumamos sublinhá-los. Nas obras impressas os elementos sublinhados vêm em tipo diverso, preferentemente em itálico (ou grifo).

2.ª) No emprego das aspas, cumpre atender a estes preceitos do Formulário Ortográfico *oficial: "Quando a pausa coincide com o final da expressão*

ou sentença que se acha entre aspas, coloca-se o competente sinal de pontuação depois delas, se encerram apenas uma parte da proposição; quando, porém, as aspas abrangem todo o período, sentença, frase ou expressão, a respectiva notação fica abrangida por elas:"

"— Mas o doutor não tem um filho?
"Que sim, tinha", afirmou Julião."
(C. Neto, OS, I, 689.)

"Dizes: — "É lindo o teu olhar, querida!" "
(A. Meyer, P, 35.)

Os parênteses

1. Empregam-se os parênteses para intercalar num texto qualquer indicação acessória. Seja, por exemplo:

a) uma explicação dada ou uma circunstância mencionada incidentemente:

"Às noites, rezava (e rezo ainda agora)
Ao pé da lareira.
(A chuva gemente caía lá fora,
Fervia a chaleira...)"
(A. Nobre, Só, 15.)

b) uma reflexão, um comentário à margem do que se afirma:

"Lá vai a nau pelos mares,
sem adeuses nem clamor.
(Este era o vento da alheta?
Quem o pudera supor?)"
(C. Meireles, OP, 835.)

c) uma nota emocional, expressa geralmente em forma exclamativa ou interrogativa:

"Havia a escola, que era azul e tinha
Um mestre mau, de assustador pigarro...
(Meu Deus! que é isto? que emoção a minha
Quando estas coisas tão singelas narro?)"
(B. Lopes, H, 65.)

Observação

Entre as explicações e as circunstâncias acessórias que costumam ser escritas entre parênteses, incluem-se:

a) referências a datas, a indicações bibliográficas, etc.

"A choça do desterro é nua e fria!"
(Castro Alves. *Espumas Fluctuantes. Poesias.* Bahia, 1870. p. 155.)

b) a citação textual de uma palavra ou frase traduzida:

"Em certos casos e por disposição legal, a assembléia pública dos vizinhos (conventus publicus vicinorum) *funcionava como corpo coletivo."*
(S. da Silva Neto, HLP, *319.)*

c) as indicações cênicas (numa peça de teatro):

"Pimenta — Entre quem é. (Entra Antônio Domingos.)
Ah, é o Sr. Antônio Domingos! Seja bem aparecido; como vai isso?
Antônio — A seu dispor.
Pimenta — Dê cá o seu chapéu. (Toma o chapéu e o põe sobre a mesa.) Então, o que ordena?"
(M. Pena, T, I, 144.)

2. Usam-se também os parênteses para isolar orações intercaladas com verbos declarativos:

"— Se esta espada que empunho é coruscante,
(Responde o negro cavaleiro-andante)
É porque esta é a espada da Verdade."
(A. de Quental, SC, *78.)*

o que se faz geralmente por meio de vírgulas ou de travessões, segundo nos mostram estes exemplos:

"— Dou-lhe um conselho, disse Guiomar depois de alguns segundos de pausa, seja homem, vença-se a si próprio; seu grande defeito é ter ficado com a alma criança."
(M. de Assis, OC, *I, 140.)*

"— Não um, mas dez — respondeu a moça estacando o passo e voltando o rosto para ele — e serão provavelmente os últimos em que falaremos a sós."
(M. de Assis, OC, *I, 138.)*

Observações

1.ª) Às vezes se colocam entre vírgulas elementos que deveriam vir entre parênteses. É o que ocorre, por exemplo, com a frase o que é a fantasia, *nos versos de Antônio Nobre:*

"Na praia lá da Boa Nova, um dia,
Edifiquei (foi esse o grande mal)
Alto Castelo, o que é a fantasia,
Todo de lápis-lázuli e coral!"
(Só, 119.)

A diversidade de pontuação corresponde, no caso, a uma diferença de entoação. Os elementos escritos entre parênteses exigem, na leitura, um abaixamento do tom de voz muito maior do que os que vêm separados por vírgulas. E não é só. Ficam completamente isolados do texto em que se inserem pela melodia particular com que são emitidos.

2.ª) A posição dos parênteses com referência aos sinais pausais obedece a esta norma do Formulário Ortográfico *oficial:*

"Quando uma pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses; mas, estando a proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação:

"Não, filhos meus (deixai-me experimentar, uma vez que seja, convosco, este suavíssimo nome); não: o coração não é tão frívolo, tão exterior, tão carnal, quanto se cuida."
(R. Barbosa, EDS, 678.)

"A imprensa (quem o contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento." (Carta inserta nos Anais da Biblioteca Nacional, *vol. I, Carlos de Laet.)"*

Os colchetes

Os colchetes são uma variedade dos parênteses, mas de uso restrito. Empregam-se:

a) quando, numa transcrição de texto alheio, o autor intercala observações próprias, como nesta nota de Sousa da Silveira a um passo de Casimiro de Abreu:

"Entenda-se, pois 'obrigado! obrigado! [pelo teu canto em que] tu respondes [à minha pergunta sobre o porvir (versos 11-12) e me acenas para o futuro (versos 14 e 85), embora o que eu percebo no horizonte me pareça apenas uma nuvem (verso 15)]'."

(C. de Abreu, O, 374.)

b) quando se quer isolar uma construção internamente já separada por parênteses, à semelhança do que ocorre com os segundos colchetes do exemplo anterior;

c) quando se deseja incluir, numa referência bibliográfica escrita entre parênteses, qualquer indicação que não conste da obra citada, como neste exemplo:

(José de Alencar. O Guarani. 2.ª edição. Rio de Janeiro, B. L. Garnier Editor [1864]).

Observação

O uso dos colchetes é mais freqüente nos trabalhos de lingüística e de filologia.

Coloca-se de regra entre colchetes uma palavra transcrita foneticamente. Por exemplo:

fumaça [fu'masa]
saudade [saw'dadi]

Também entre colchetes se colocam, nas edições críticas, os elementos que devem ser introduzidos no texto, encerrando-se entre parênteses os que dele devem ser eliminados.

O travessão

Emprega-se principalmente em dois casos:

1.º) Para indicar, nos diálogos, a mudança de interlocutor;

"— Não esperava a minha visita? disse ela com tranqüilidade.
— Confesso que não."

(M. de Assis, OC, I, 62.)

2.º) Para isolar, num contexto, palavras ou frases. Neste caso, em que desempenha função aná-

loga à dos parênteses, usa-se geralmente o travessão duplo:

"Tu, que por mim passaste a horas tantas,
Demoraste — e por quê? — o teu olhar no meu!"
(J. Régio, PDD, 119.)

Mas não é raro o emprego de um só travessão para destacar, enfaticamente, a parte final de um enunciado:

"Fecho os meus olhos sobre o mundo — quanta luz!"
(A. Meyer, P, 120.)

"Porque é do português, pai de amplos mares,
Querer, poder só isto:
O inteiro mar, ou a orla vã desfeita —
O todo, ou o seu nada."
(F. Pessoa, OP, 12.)

Ressalte-se que a primeira parte finaliza com uma suspensão da voz, semelhante à que se costuma indicar por dois pontos. Depois, há uma pausa muito sensível e, em seguida, retoma-se o período com uma inflexão ascendente particular.

Observações

1.ª) Às vezes, para dar maior realce a uma conclusão, que representa a síntese do que se vinha dizendo, usa-se o travessão simples em lugar dos dois pontos:

"Um pensamento, um perfume,
A carícia mais querida,
— Um beijo, em que se resume
Toda a afeição de uma vida."
(M. Bandeira, PP, I, 538.)

No exemplo de Fernando Pessoa, atrás citado, o travessão simples tem o mesmo valor. Mas aí o seu emprego é especialmente aconselhável por mostrar que o elemento final conclusivo faz parte de uma construção mais ampla, já antecedida de dois pontos.

2.ª) Emprega-se o travessão, e não o hífen, para ligar palavras ou grupos de palavras que formam, por assim dizer, uma cadeia na frase:

"*O trajeto* Mauá—Cascadura; *a estrada de ferro* Rio—Petrópolis; *a linha aérea* Brasil—Argentina; *o percurso* Barcas—Tijuca; *etc.*" (Formulário Ortográfico.)

Conclusão

1. Pontuar é sinalizar gramatical e expressivamente um texto. O emprego inadequado de um sinal de pontuação pode não só prejudicar, mas até alterar o seu sentido. Cumpre, pois, utilizar com precisão tais sinais.

2. Além de sua função lingüística, a pontuação tem uma utilidade social. Um texto mal pontuado é de acesso difícil e, em geral, deixa no leitor uma penosa impressão de ignorância, ou de desleixo, daquele que o escreveu. E dar de si uma tal impressão pode ter repercussões nefastas na vida prática. Por isso, devem-se observar rigorosamente as seguintes normas:

   a) colocar ponto no fim de um período; e vírgula entre os diversos elementos de uma enumeração;

   b) colocar entre aspas os elementos de uma citação textual;

   c) fechar sempre as aspas, os parênteses e os colchetes;

   d) não separar por vírgulas o verbo do seu sujeito e o objeto direto do seu verbo;

   e) não colocar ponto de interrogação, e sim ponto final, no término de uma interrogação indireta;

   f) isolar por vírgulas toda oração ou todo membro de oração de valor meramente explicativo: oração adjetiva explicativa, aposto, etc.

3. Por outro lado, não se deve abusar dos sinais de pontuação. Escritores há que empregam vírgulas em demasia, com o que travam o enunciado, prejudicando o seu ritmo natural e, às vezes, tornando-o obscuro.

4. Para bem pontuar, siga-se este conselho de Galichet e Chatelain: "Para saber onde deve colocar os seus sinais de pontuação habitue-se a ouvir a melo-

dia da frase que escreve e, quando hesitar, leia a frase em voz alta: as pausas que será obrigado a observar e as mudanças de entoação lhe indicarão geralmente a escolha e o lugar dos sinais de pontuação que nela terá de introduzir."

Observações

1.ª) Certos poetas modernos, à imitação dos franceses Aragon e Eluard, costumam dispensar os sinais de pontuação. Com isso, os seus versos adquirem maior continuidade, mas também, com freqüência, maior obscuridade.

2.ª) No estudo da pontuação, baseamo-nos na prática dos escritores modernos e contemporâneos. Exemplificar com autores mais antigos é, no caso, particularmente desaconselhável, porque nos arriscamos a dar uma falsa impressão da realidade. As obras dos autores clássicos só muito raramente são publicadas na forma original. Nas edições correntes, o seu texto vem quase sempre simplificado na ortografia e modernizado na pontuação. E, para termos uma idéia da natureza dessas modificações, basta atentarmos nos seguintes fatos históricos: "Os primeiros sinais de pontuação aparecem nos manuscritos, muito irregularmente, entre os séculos IX e XVI. É a partir desse último século, depois, portanto, da invenção da imprensa, que o nosso sistema moderno de pontuação começa a fixar-se e a desenvolver-se. Compreendia então a vírgula, o ponto, os dois pontos e o ponto de interrogação; um pouco mais tarde, aparecem as aspas e o hífen. No século XVII, são introduzidos o ponto e vírgula e o ponto de exclamação. O uso das reticências data de fins do século XVIII; o do travessão e dos colchetes do século XIX. (G. Galichet — L. Chatelain — R. Galichet. Grammaire française expliquée. *Classes de 4ᵉ et 3ᵉ Classes de Lettres. Paris—Limoges—Nancy, 1960. p. 308.)*

Gravura em metal de Augusto Rodrigues, 1971.

Capítulo XII

Discurso direto
Discurso indireto
Discurso indireto livre

Enunciação e reprodução de enunciações

Comparando as seguintes frases:

"A vida é luta constante".
"Dizem os homens experientes que a vida é luta constante".

notamos que, em ambas, é emitido um mesmo conceito sobre a vida.

Mas, enquanto o autor da primeira frase *enuncia* tal conceito como tendo sido por ele próprio formulado, o autor da segunda o *reproduz* como tendo sido formulado por outrem.

Estruturas de reprodução de enunciações

Para dar-nos a conhecer os pensamentos e as palavras de personagens reais ou fictícios, os locutores e os escritores dispõem de três moldes lingüísticos diversos, conhecidos pelos nomes de:

discurso direto
discurso indireto
discurso indireto livre

Discurso direto

Examinando este passo do conto *Guaxinim do banhado*, de Mário de Andrade:

> *"O Guaxinim está inquieto, mexe dum lado pra outro. Eis que suspira lá na língua dele: — "Chente! que vida dura esta de guaxinim do banhado!. . ."*
>
> *(M. de Andrade, FC, 213.)*

verificamos que o narrador, após introduzir o personagem, o guaxinim, deixou-o expressar-se "lá na língua dele", reproduzindo-lhe a fala tal como ele a teria organizado e emitido.

A essa forma de expressão, em que o personagem é chamado a apresentar as suas próprias palavras, denominamos discurso direto

Observação

No exemplo anterior, distinguimos claramente o narrador, Mário de Andrade, do locutor, o guaxinim.

Mas narrador e locutor podem confundir-se em casos como o das narrativas memorialistas feitas na primeira pessoa. Assim, na fala de Riobaldo, o personagem-narrador do romance **Grande Sertão: Veredas**, *de Guimarães Rosa:*

"Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa, mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do que em primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?"

(GSV, 30.)

Ou, também, nestes versos de Augusto Meyer, em que o autor, liricamente identificado com a natureza de sua terra, ouve na voz do Minuano o convite que, na verdade, quem lhe faz é a sua própria alma:

"Ouço o meu grito gritar na voz do vento:
— Mano Poeta, se enganche na minha garupa!"

(P, 153.)

Características do discurso direto

1. No plano formal, um enunciado em discurso direto é marcado, geralmente, pela presença de verbos do tipo *dizer, afirmar, ponderar, sugerir, perguntar, indagar* ou expressões sinônimas, que podem introduzi-lo, arrematá-lo ou nele se inserir:

"E Alexandre abriu a torneira
— Meu pai, homem de boa família, possuía fortuna grossa, como não ignoram."

(G. Ramos, AOH, 28.)

"Felizmente, ninguém tinha morrido — diziam em redor."

(C. Meireles, Q-I, 128.)

" "Os que não têm filhos são órfãos às avessas", escreveu Machado de Assis, creio que no Memorial de Aires."

(A. F. Schmidt, AP, 162.)

Quando falta um desses verbos *dicendi*, cabe ao contexto e a recursos gráficos — tais como os dois pontos, as aspas, o travessão e a mudança de linha — a função de indicar a fala do personagem. É o que observamos neste passo:

"Ao aviso da criada, a família tinha chegado à janela. Não avistaram o menino:
— Joãozinho!
Nada. Será que ele voou mesmo?"

(A. M. Machado, JT, 40.)

2. No *plano expressivo*, a força da narração em *discurso direto* provém essencialmente de sua capacidade de atualizar o episódio, fazendo emergir da situação o personagem, tornando-o vivo para o ouvinte, à maneira de uma cena teatral, em que o narrador desempenha a mera função de indicador das falas.

Daí ser esta a forma de relatar preferentemente adotada nos atos diários de comunicação e nos estilos literários narrativos em que os autores pretendem representar diante dos que os lêem "a comédia humana, com a maior naturalidade possível". (E. Zola.)

Discurso indireto

1. Tomemos como exemplo esta frase de Machado de Assis:

> "*Elisiário confessou que estava com sono.*"
> (OC, *II*, 575.)

Ao contrário do que observamos nos enunciados em discurso direto, o narrador (Machado de Assis) incorpora aqui, ao seu próprio falar, uma informação do personagem (Elisiário), contentando-se em transmitir ao leitor o seu conteúdo, sem nenhum respeito à forma lingüística que teria sido realmente empregada.

Este processo de reproduzir enunciados chama-se *discurso indireto*.

2. Também, neste caso, narrador e personagem podem confundir-se num só:

> "*Engrosso a voz e afirmo que sou estudante.*"
> (*G. Ramos*, I, 180.)

Características do discurso indireto

1. No *plano formal* verifica-se que, introduzidas também por um verbo declarativo (*dizer, afirmar, ponderar, confessar, responder*, etc.), as falas dos personagens se contêm, no entanto, numa oração subordinada substantiva, de regra desenvolvida:

> "*O padre Lopes confessou que não imaginara a existência de tantos doudos no mundo, e menos ainda o inexplicável de alguns casos.*"
> (*M. de Assis, OC, II, 258.*)

Nestas orações, como vimos, pode ocorrer a elipse da conjunção integrante:

> "*Fora preso pela manhã, logo ao erguer-se da cama; e, pelo cálculo aproximado do tempo, pois estava sem relógio e mesmo se o tivesse não poderia consultá-lo à fraca luz da masmorra, imaginava podiam ser onze horas.*"
> (*L. Barreto,* TFPQ, *283.*)

A integrante falta, naturalmente, quando, numa construção em discurso indireto, a subordinada substantiva assume a forma reduzida:

> "*Um dos vizinhos disse-lhe serem as autoridades do Cachoeiro.*"
> (*G. Aranha,* OC, *118.*)

2. No plano expressivo assinale-se, em primeiro lugar, que o emprego do discurso indireto pressupõe um tipo de relato de caráter predominantemente informativo e intelectivo, sem a feição teatral e atualizadora do discurso direto. O narrador passa a subordinar a si o personagem, com retirar-lhe a forma própria da expressão. Mas não se conclua daí que o discurso indireto seja uma construção estilística pobre. É, na verdade, do emprego sabiamente dosado de um e de outro tipo de discurso que os bons escritores extraem da narrativa os mais variados efeitos artísticos, em consonância com intenções expressivas que só a análise em profundidade de uma dada obra pode revelar.

Transposição do discurso direto para o indireto

1. Do confronto destas duas frases:

"*— Guardo tudo o que meu neto escreve — dizia ela.*" (*A. F. Schmidt,* GB, *32.*)	"*Ela dizia que guardava tudo o que o seu neto escrevia.*"

verifica-se que, ao passar-se de um tipo de relato para outro, certos elementos do enunciado se modificam, por acomodação ao novo molde sintático.

2. As principais transposições que ocorrem são:

Discurso direto	Discurso indireto
a) enunciado em 1.ª ou 2.ª pessoa:	a) enunciado em 3.ª pessoa:

"— Devia bastar, disse ela; eu não me atrevo a pedir mais."
(M. de Assis, OC, I, 781.)

"Ela disse que devia bastar, que ela não se atrevia a pedir mais."

"Elisa voltou para junto de seu pai.
— Chega-te para mais perto, disse este."
(M. de Assis, OC, II, 717.)

"Elisa voltou para junto de seu pai.
Disse este que ela se chegasse para mais perto."

b) verbo enunciado no presente:

"— O major é um filósofo, disse ele com malícia."
(L. Barreto, TFPQ, 129.)

b) verbo enunciado no imperfeito:

"Disse ele com malícia que o major era um filósofo."

c) verbo enunciado no pretérito perfeito:

"— Caubi voltou, disse o guerreiro Tabajara."
(J. de Alencar, OC, III, 252.)

c) verbo enunciado no pretérito mais-que-perfeito:

"O guerreiro Tabajara disse que Caubi tinha voltado."

d) verbo enunciado no futuro do presente:

"— Virão buscar V. muito cedo? — perguntei."
(A. F. Schmidt, F, 32.)

d) verbo enunciado no futuro do pretérito:

"Perguntei se viriam buscar V. muito cedo."

e) verbo no modo imperativo:

"— Segue a dança!, gritaram em volta."
(A. Azevedo, C, 178.)

e) verbo no modo subjuntivo:

Gritaram em volta que seguisse a dança."

f) enunciado justaposto:

"O dia vai ficar triste, disse Caubi."
(J. Alencar, OC, III, 253.)

f) enunciado subordinado, geralmente introduzido pela integrante *que*:

"Disse Caubi que o dia ia ficar triste."

g) enunciado em forma interrogativa direta:	g) enunciado em forma interrogativa indireta:
"*Pergunto: — É verdade que a Aldinha do Juca está uma moça encantadora?*" (*G. Rosa, S, 219.*)	"*Pergunto se é verdade que a Aldinha do Juca está uma moça encantadora.*"
h) pronome demonstrativo de 1.ª (*este, esta, isto*) ou de 2.ª pessoa (*esse, essa, isso*):	h) pronome demonstrativo de 3.ª pessoa (*aquele, aquela, aquilo*):
"*Isto vai depressa, disse Lopo Alves.*" (*M. de Assis, OC, II, 295.*)	"*Lopo Alves disse que aquilo ia depressa.*"
i) advérbio de lugar *aqui*:	i) advérbio de lugar *ali*:
"*E depois de torcer nas mãos a bolsa, meteu-a de novo na gaveta, concluindo:* *— Aqui não está o que procuro.*" (*A. Arinos, OC, 495.*)	"*E depois de torcer nas mãos a bolsa, meteu-a de novo na gaveta, concluindo que ali não estava o que procurava.*"

Discurso indireto livre

Na moderna literatura narrativa, tem sido amplamente utilizado um terceiro processo de reprodução de enunciados, resultante da conciliação dos dois anteriormente descritos. É o chamado discurso indireto livre,[1] forma de expressão que, ao invés de apresentar o personagem em sua voz própria (discurso direto), ou de informar objetivamente o leitor sobre o que ele teria dito (discurso indireto), aproxima narrador e personagem, dando-nos a impressão de que passam a falar em uníssono.

---

1) Este molde lingüístico tem recebido variadas denominações. Charles Bally, o primeiro que o analisou, deu-lhe o nome de estilo indireto livre T. Kalepky chamou-o discurso velado; Leo Spitzer serviu-se das designações discurso mímico, discurso irônico e discurso cênico; E. Lorck usou a expressão discurso revivido, que teve fortuna, especialmente na Itália, onde Nicola Vita sugeriu a denominação discurso narrativo; O. Jerpersen caracterizou-o como discurso representado e E. Lerch preferiu chamá-lo discurso direto impropriamente dito, mas nenhuma dessas designações conseguiu vulgarizar-se como a de Bally.

Comparem-se estes exemplos:

"Que vontade de voar lhe veio agora! Correu outra vez com a respiração presa. Já nem podia mais. Estava desanimado. *Que pena! Houve um momento em que esteve quase... quase!*
Retirou as asas e estraçalhou-as. Só tinham beleza. *Entretanto, qualquer urubu... que raiva!...*"
(A. M. Machado, JT, 40-41.)

"D. Aurora sacudiu a cabeça e afastou o juízo temerário. *Para que estar catando defeitos no próximo? Eram todos irmãos. Irmãos.*"
(G. Ramos, I, 89.)

O matuto sentiu uma frialdade mortuária percorrendo-o ao longo da espinha.
Era uma urutu, a terrível urutu do sertão, para a qual a mezinha doméstica nem a dos campos possuíam salvação.
Perdido... completamente perdido..."
(H. de C. Ramos, TB, 46.)

Características do discurso indireto livre

Do exame dos enunciados em itálico comprova-se que o discurso indireto livre conserva toda a afetividade e a expressividade próprias do discurso direto, ao mesmo tempo que mantém as transposições de pronomes, verbos e advérbios típicos do discurso indireto. É, por conseguinte, um processo de reprodução de enunciados que combina as características dos dois anteriormente descritos.

1. No plano formal, verifica-se que o emprego do discurso indireto livre "pressupõe duas condições: a absoluta liberdade sintática do escritor (fator gramatical) e a sua completa adesão à vida do personagem (fator estético)". [1]

Observe-se que essa absoluta liberdade sintática do escritor pode levar o leitor desatento a confundir as palavras ou manifestações dos locutores com a simples narração. Daí que, para a apreensão da fala do personagem nos trechos em discurso indireto livre, ganhe em importância o papel do contexto, pois que a passagem do que seja relato por parte do narrador a enunciado real do locutor é, muitas vezes, extremamente sutil, tal como nos mostra o seguinte passo de Machado de Assis:

---

1) Nicola Vita In: *Cultura neolatina*, XV. Modena, 1955. p. 18.

"Quincas Borba calou-se de exausto, e sentou-se ofegante. Rubião acudiu, levando-lhe água e pedindo que se deitasse para descansar; mas o enfermo, após alguns minutos, respondeu que não era nada. Perdera o costume de fazer discursos é o que era"

(OC, I, 560-1.)

2. No plano expressivo, devem ser realçados alguns valores desta construção híbrida:

1.º) Evitando, por um lado, o acúmulo de *quês*, ocorrente no discurso indireto, e, por outro lado, os cortes das aposições dialogadas peculiares ao discurso direto, o discurso indireto livre permite uma narrativa mais fluente, de ritmo e tom mais artisticamente elaborados;

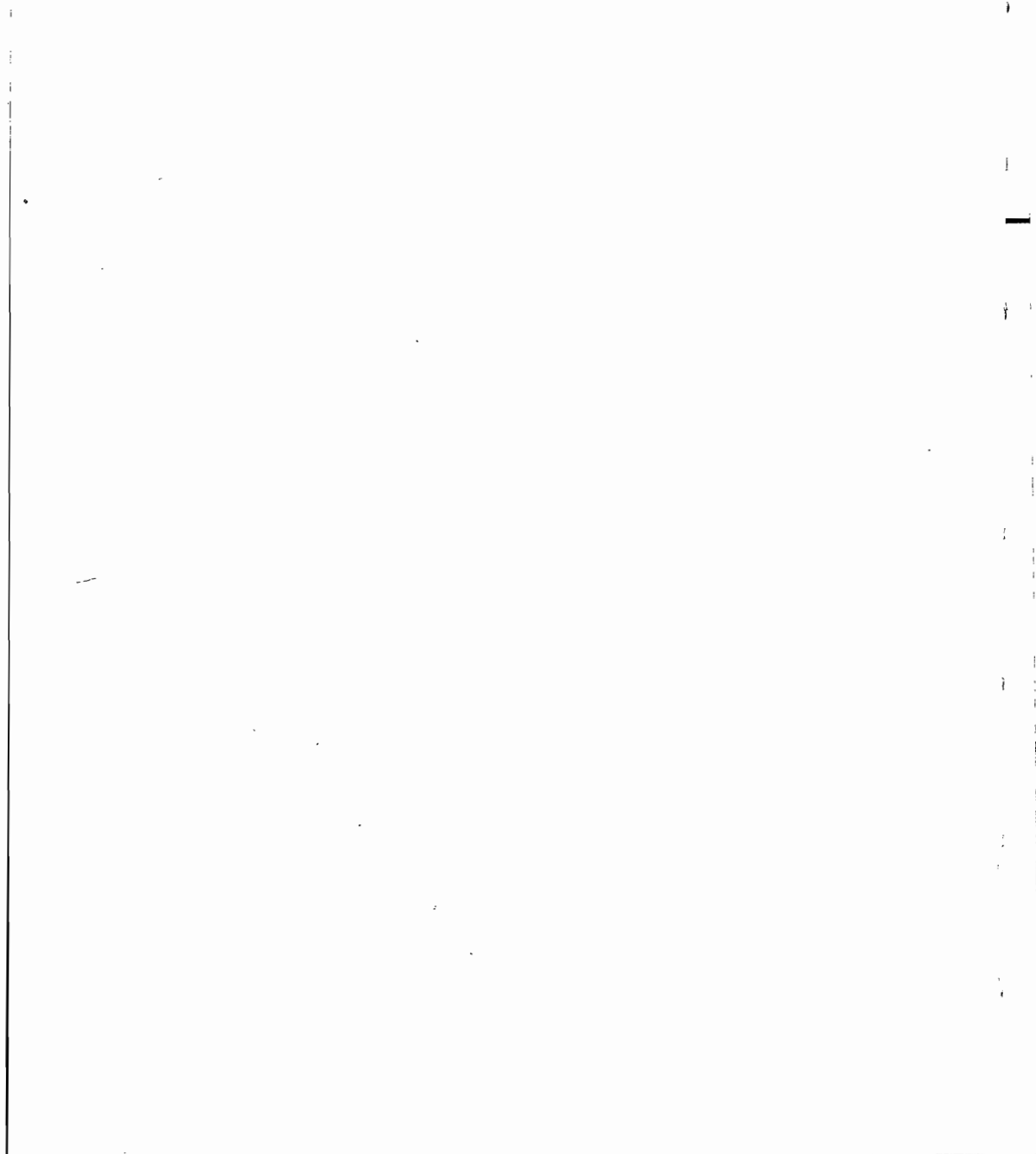
2.º) O elo psíquico que se estabelece entre narrador e personagem neste molde frásico torna-o o preferido dos escritores memorialistas, em suas páginas de monólogo interior;

3.º) Finalmente, cumpre ressaltar que o discurso indireto livre nem sempre aparece isolado em meio da narração. Sua "riqueza expressiva aumenta quando ele se relaciona, dentro do mesmo parágrafo, com os discursos direto e indireto puro", pois o emprego conjunto faz que para o enunciado confluam, "numa soma total, as características de três estilos diferentes entre si".[1]

---

[1] Guillermo Verdín Díaz. *Introducción al estilo indireto libre en español*. Madrid, 1970. p. 149. Com razão, ressalta Verdín Díaz a função definida que no uso tem o discurso indireto livre. "Seu emprego por parte dos personagens literários e dos falantes", escreve, "não pode reger-se por capricho. É necessário que tanto uns como outros — personagens literários e falantes — se encontrem diante de situações idôneas para poderem expressar-se em discurso indireto livre. Quando se faz um uso adequado do discurso indireto livre, este se torna natural, tão natural como qualquer dos métodos de reprodução já conhecidos, embora menos usado que eles nas obras literárias e na linguagem coloquial. Quando se abusa do estilo em causa, ou melhor, quando não se tem domínio sobre ele — não importa qual seja a razão — violenta-se a sintaxe e o seu emprego passa a constituir mais um defeito do que uma qualidade literária." (*Ibid.*, p. 156.)

ELENCO

e desenvolvimento das abreviaturas usadas

ELENCO

e desenvolvimento das abreviaturas usadas[1]

A. Arinos, OC =

ARINOS, Afonso. *Obra completa.* Rio de Janeiro, MEC — Instituto Nacional do Livro, 1969.

A. Azevedo, C =

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço.* Segundo milheiro. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1890.

A. de Azevedo, PC =

AZEVEDO, Álvares de. *Poesias completas.* Saraiva, 1957.

A. Boto, C =

BOTTO, António. *Canções.* Lisboa, Bertrand Irmãos, 1941.

A. Boto, OA =

———. *Ódio e amor.* Lisboa, Ática, 1947.

A. Caminha, N =

CAMINHA, Adolfo. *A normalista;* Scenas do Ceará... Rio de Janeiro, Magalhães, 1893.

A. C. d'Oliveira, M =

OLIVEIRA, Antônio Corrêa d'. *Menino.* Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1914.

A. C. d'Oliveira, VSVA =

———. *Verbo ser e verbo amar.* Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1926.

A. de Guimaraens, OC =

GUIMARAENS, Alphonsus de. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

A. de Oliveira, Post. =

OLIVEIRA, Alberto de. *Póstuma.* Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1944.

A. de Oliveira, P I;II;III ou IV =

———. *Poesias;* 1.ª e 2.ª series, edição melhorada. Rio de Janeiro, Garnier, 1912. 3.ª serie. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1913. 4.ª serie, 2.ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1928.

A. de Quental, PR =

QUENTAL, Antero de. *Primaveras romanticas;* Versos dos vinte anos. 3.ª ed. Coimbra, Impr. da Universidade, 1926.

A. de Quental, SC =

OS SONETOS COMPLETOS *de Antero de Quental;* publicados por J. P. Oliveira Martins. 2.ª ed. aumentada. Porto, Portuense, 1890.

A. dos Anjos, Eu =

ANJOS, Augusto dos. *Eu,* Rio de Janeiro, s. ed., 1912.

---

1) Como a exemplificação de que nos servimos nesta obra visa antes a ilustrar do que a documentar os fatos lingüísticos estudados, não tivemos dúvida em fazer remissão a edições modernas de obras completas ou seletas dos autores escolhidos pela evidente comodidade, para o leitor, da redução do número de siglas. Queremos, no entanto, advertir que quase todas as citações foram cotejadas com os textos das melhores edições desses escritores, que, em sua grande maioria, existem em nossa biblioteca particular.

Seguindo a prática adotàda pelo Acadêmico Marques Rebelo nas Antologias que organizou para a FENAME, preferimos ater-nos à exemplificação haurida em autores falecidos. Fugimos uma só vez à regra, para atestar uma construção extremamente rara na língua contemporânea, colhida em seu mais completo estilista.

A. F. de Castilho, AO =

CASTILHO, Antonio Feliciano de. *Os amores de P. Ovidio Nasão.* Rio de Janeiro, Publ. em casa do editor Bernardo Xavier Pinto de Sousa, 1858. tomos I-IV.

A. F. de Castilho, F =

———. *Os fastos de Publio Ovidio Nasão.* Lisboa, Imprensa da Academia Real das Ciências, 1862, t. III.

A. Ferreira, C =

FERREIRA, Antônio. *Castro.* In SILVEIRA, A. F. de Sousa da. *Textos quinhentistas;* estabelecidos e comentados por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 1945.

A. F. Schmidt, AP =

SCHMIDT, Augusto Frederico. *Antologia de prosa.* Rio de Janeiro, Letras e Artes, 1964.

A. F. Schmidt, F =

———. *As florestas.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

A. F. Schmidt, GB =

———. *O galo branco.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

A. F. Schmidt, PC =

———. *Poesias completas.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

A. F. Schmidt, PE =

———. *Poesias escolhidas.* Rio de Janeiro, Americ = Edit., 1946.

A. Garrett, O =

OBRAS de *Almeida Garrett.* Porto, Lello & Irmão, 1966. 2 vols.

A. Herculano, E =

HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero.* 32.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa, Bertrand, s. d.

A. Herculano, HP =

———. *História de Portugal, desde o começo da monarchia até o fim do reinado de Afonso III.* Oitava edição definitiva conforme com as edições da vida do auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa, Aillaud & Bertrand, s. d. 8 tomos.

A. Herculano, MC =

———. *O Monge de Cistér, ou a epocha de D. João I.* 19.ª ed. Edição definitiva conforme com as edições da vida do auctor, dirigida por David Lopes. Lisboa, Bertrand, s. d. 2 tomos.

A. Meyer CM =

MEYER, Augusto. *A chave e a máscara.* Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1964.

A. Meyer FS =

———. *A forma secreta.* Rio de Janeiro, Ed. Lidador, 1965.

A. Meyer, MA =

———. *Machado de Assis.* Rio de Janeiro, São José, 1958.

A. Meyer, P =

———. *Poesias.* Rio de Janeiro, São José, 1957.

A. Meyer, SE =

———. *À sombra da estante.* São Paulo, José Olympio, 1947.

A. Meyer, SI =

———. *Segredos da infância.* Porto Alegre, Globo, 1949.

A. M. Machado, CJ =

MACHADO, Aníbal M. *Cadernos de João.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

A. M. Machado, HR =

———. *Histórias reunidas.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

A. M. Machado, JT =

———. *João Ternura.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

A. Nobre, CBP =

NOBRE, António. *Cartas e bilhetes-postais.* Porto, Figueirinhas, 1956.

A. Nobre, CI =

CARTAS INÉDITAS de *António Nobre.* Coimbra, "Presença", 1934.

A. Nobre, D =

———. *Despedidas.* Porto, s. ed., 1902.

A. Nobre, Só =

———. *Só.* 2.ª ed. Lisboa, Guillard & Aillaud, 1898.

A. Peixoto, RC =

PEIXOTO, Afrânio. *Romances completos.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1962.

A. Rangel, IV =

RANGEL, Alberto. *Inferno verde.* 3.ª ed. Tours, E. Arralt., 1920.

A. Ribeiro, ES =

RIBEIRO, Aquilino. *Estrada de Santiago.* Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1922. Cita-se também por ——.
——. 6.ª ed. Lisboa, s. d.

A. Ribeiro, M =

———. *O malhadinhas — Mina de diamantes.* Lisboa, Bertrand, 1958.

A. Tavares, PC =

TAVARES, Adelmar. *Poesias completas.* Nova ed. Rio de Janeiro, São José, 1958.

B. Guimarães, EI =

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura; romance.* Rio de Janeiro, Garnier, 1875.

B. Guimarães, G =

———. *O garimpeiro;* Coleção dos autores célebres da literatura brasileira. Rio de Janeiro, Garnier, 1895.

B. Lopes, H =

LOPES, B. *Helenos.* Rio de Janeiro, s. ed., 1901.

B. Lopes, P =

———. *Plumário.* s. l., s. ed., s. d.

B. Lopes, VL =

———. *Val de Lyrios.* Rio de Janeiro, Laemmert, 1900.

C. Alves, OC =

ALVES, Castro. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

Camões, L =

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas.* Reimpressão "Fac-Similada" da Verdadeira 1.ª edição dos Lusíadas, de 1572. Lisboa, Tip. da Biblioteca Nacional, 1921.

C. Aulete, DCLP =

AULETE, F. J. Caldas, *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa;* Feito sobre um plano inteiramente novo. Lisboa, Antonio Maria Pereira, [1902]. 2 vols.

CBN =

CANCIONEIRO *da Biblioteca Nacional* [de Lisboa], antigo Colocci-Brancuti; Leitura, comentários e glossário por Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado. Lisboa, "Revista de Portugal", 1949-1964. 8 vols.

CÓDIGO CIVIL BRASILEIRO =

BRASIL. *Código Civil.* 17.ª ed. São Paulo, Saraiva, 1965.

C. C. Branco, BP =

BRANCO, Camillo Castello. *A brazileira de Prazins; Scenas do Minho.* Porto, Ernesto Chardron, 1883.

C. C. Branco, CC =

———. *Scenas contemporaneas* 2.ª ed. Porto, Cruz Coutinho, 1862.

C. C. Branco, CE =

———. *Coisas espantosas.* 2.ª ed. Lisboa, Antonio Maria Pereira, 1864.

C. C. Branco, DO =

———. *O demonio do ouro;* romance. Lisboa, Ed. Mattos Moreira, 1873-74. 2 tomos.

C. C. Branco, in A. S. de Castro, RI =

———. Prefacio. In: CASTRO, Antonio Serrão de. *Os ratos da Inquisição.* Porto, Ernesto Chardron, 1883. p. 5-109.

C. C. Branco, J =

———. *O judeu;* Romance histórico. Porto, ed. em Casa de Viúva Moré, 1866.

C. C. Branco, OS =

———. *Obra seleta;* organização, seleção, introdução e notas de Jacinto do Prado Coelho. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960-1963. 2 vols.

C. C. Branco, QA =

———. *A queda d'um anjo.* Lisboa, Campos & C.ª, 1887.

C. C. Branco, V =

———. *Vingança.* Porto, Cruz Coutinho, 1863.

C. de Abreu, OCA =

OBRAS *de Casimiro de Abreu;* apuração e revisão do texto, escorço bibliográfico, notas e índice por Sousa da Silveira. 2.ª ed. melhorada. Rio de Janeiro, MEC — Casa de Rui Barbosa, 1955.

C. de Abreu, P =

AS PRIMAVERAS *de Casimiro de Abreu*, 1855-1858. Rio de Janeiro, Typ. de Paula Brito, 1859.

C. Drummond de Andrade, R =

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião, 10 livros de poesia.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

C. Falcão, C =

FALCÃO, Cristóvão. *Crisfal.* In SILVEIRA, Sousa da. *Textos quinhentistas;* estabelecidos e comentados por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945. p. 57--142.

C. M. da Costa, OP =

OBRAS POÉTICAS *de Cláudio Manoel da Costa;* Glauceste Saturnio. Nova edição... por João Ribeiro. Rio de Janeiro, Garnier, 1903. 2 tomos.

C. Meireles, OP =

MEIRELES, Cecília. *Obra poética.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

C. Meireles, Q-1 =

———. In *Quadrante-1.* 5.ª ed. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1968.

C. Meireles, Q-2 =

———. In *Quadrante-2.* 2.ª ed. Rio de Janeiro. Ed. do Autor, 1963.

C. Neto, C =

NETO, Coelho. *A conquista.* Porto, Chardron, 1913.

C. Neto, OS =

———. *Obra seleta.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. 1.° vol.

C. Neto, S =

———. *Sertão.* Porto, Lello & Irmão, 1933.

C. Pena Filho, LG =

PENA FILHO, Carlos. *Livro geral.* Rio de Janeiro, São José, 1959.

C. Penna, RC =

PENNA, Cornelio. *Romances completos.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1958.

C. Pessanha, C =

PESSANHA, Camilo. *Clépsidra.* Lisboa, Editorial Ática, 1945.

Cruz e Sousa, OC =

CRUZ E SOUSA. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1961.

CV =

CANCIONEIRO *da Vaticana;* Cf. Il Canzoniere Portoghese della Biblioteca Vaticana, messo a stampa da Ernesto Monaci. Halle a/S., Max Niemeyer Editore, 1875.

Da Costa e Silva, A =

SILVA, Da Costa e. *Anthologia.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934.

D. F. Manuel de Melo, AD =

MELLO, D. Francisco Manoel de. *Apologos dialogaes;* Reprodução fiel do texto da edição de 1721. Rio de Janeiro, Castilho, 1920.

D. Olímpio, LH =

OLIMPIO, Domingos. *Luzia Homem.* Rio de Janeiro, 1903.

DP =

DESCOBRIMENTOS *Portugueses;* Documentos para a sua História publicados e prefaciados por João Martins da Silva Marques, prof. da Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa, Instituto para a Alta Cultura, 1944. Vol. I (1147--1460).

E. Bechara, G =

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa.* 18.ª ed. São Paulo, Ed. Nacional. 1970.

E. Carlos Pereira, GH =

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica historica.* 9.ª ed. São Paulo, Ed. Nacional, 1935.

E. da Cunha, OC =

CUNHA, Euclides da. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1966. 2 vols.

E. de Castro, UV =

CASTRO, Eugenio de. *Últimos versos.* Lisboa, Bertrand, 1938.

E. de Queirós, OF =

OBRAS de *Eça de Queiroz;* obra de Ficção. Porto, Lello & Irmão, 1958. 3 vols.

E. Pereira Filho, in TPB **de Gândavo** =

PEREIRA FILHO, E. In: GÂNDAVO, Pedro de Magalhães. *Tratado da província do Brasil;* Edição crítica. Instituto Nacional do Livro, 1965.

E. Prado, IA =

PRADO, Eduardo. *A ilusão americana.* 3.ª ed. São Paulo, Escola Typ. Salesiana, 1902.

F. de Almeida, PU =

ALMEIDA, Fialho de. *O país das uvas;* ed. especial. Lisboa, M. Gomes ed. Porto, Magalhães e Moniz, 1893.

F. Espanca, S =

ESPANCA, Florbela. *Sonetos;* Ed. integral. 10.ª ed. Porto, Tavares Martins, 1962.

F. Pessoa, OP =

PESSOA, Fernando. *Obra poética.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

F. Pessoa, QGP =

———. *Quadras ao gosto popular.* Lisboa, Ática, 1965.

F. Varela, PC =

POESIAS COMPLETAS de *L. N. Fagundes Varela;* Organização e apuração do texto de Miécio Táti e E. Carreira Guerra. São Paulo. Ed. Nacional, 1957. 3 vols.

F. Varela, VA =

VARELLA, L. N. *Vozes da América;* Poesias. 2.ª ed. Porto, Tip. de António José da Silva Teixeira, 1876.

G. Amado, CS =

AMADO, Gilberto. *A chave de Salomão e outros escritos.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1963.

G. Amado, DP =

———. *Depois da política.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

G. Amado, HMI =

———. *História da minha infância.* 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

G. Amado, PP =

———. *Presença na política.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. Amado, TL =

———. *Três livros.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1963.

G. Aranha, C =

ARANHA, Graça. *Chanaan.* 3.ª ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1904.

G. Aranha, OC =

———. *Obra completa.* Rio de Janeiro, MEC — Instituto Nacional do Livro, 1969.

G. Barroso, TS =

BARROSO, Gustavo. *Terra de sol;* Natureza e costumes do Norte. 5.ª ed. Rio de Janeiro, São José, 1956.

G. Crespo, N =

CRESPO, Gonçalves. *Nocturnos.* 3.ª ed. Lisboa, Tavares Cardoso & Irmãos, 1888.

G. Cruls, 4R =

CRULS, Gastão. *4 Romances.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1958.

G. de Almeida, N =

ALMEIDA, Guilherme de. *Natalika.* Rio de Janeiro, Candeia Azul, 1924.

G. de Almeida, PV =

———. *Poesia vária.* 2.ª ed. São Paulo, Martins, 1963.

G. Dias, PCPE =

DIAS, Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1959.

G. Junqueiro, MF =

JUNQUEIRO, Guerra. *A musa em ferias;* Idilios e Satiras. Lisboa, Typ. das Horas Romanticas, 1879.

G. Junqueiro, P =

———. *Patria.* S. loc., s. ed.; 1896.

G. Passos, VS =

PASSOS, Guimarães. *Versos de um simples;* 1886-1891. Rio de Janeiro, s. ed., 1891.

G. Ramos, A =

RAMOS, Graciliano. *Angústia.* 11.ª ed. São Paulo, Martins, 1969.

G. Ramos, AOH =

———. *Alexandre e outros heróis;* Obra póstuma. 4.ª ed. São Paulo, Martins, 1968.

G. Ramos, I =

———. *Insônia;* Contos. 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1952.

G. Ramos, LT =

———. *Linhas tortas;* Obra póstuma. São Paulo, Martins, 1962.

G. Ramos, SB =

———. *São Bernardo.* 11.ª ed. São Paulo, Martins, 1969.

G. Ramos, VS =

———. *Vidas secas.* 23.ª ed. São Paulo, Martins, 1969.

G. Rosa, CB =

ROSA, João Guimarães. *Corpo de baile;* Sete novelas. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956. 2 vols.

G. Rosa, GSV =

———. *Grande Sertão: Veredas.* 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

G. Rosa, PE =

———. *Primeiras estórias.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1962.

G. Rosa, S =

———. *Sagarana.* 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

G. Rosa, T =

———. *Tutaméia — Terceiras estórias.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

H. de C. Ramos, TB =

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e boiadas.* 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

J. Condé, TC —

CONDÉ, José. *Terra de Caruaru.* 2.ª ed. [Rio de Janeiro], Bloch, 1968.

J. Cortesão, RT =

CORTESÃO, Jaime. *Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil.* Rio de Janeiro, MEC — Serviço de Documentação, 1958.

J. de Alencar, CD =

MENEZES, Raimundo de. *Cartas e documentos de José de Alencar.* São Paulo, Conselho Estadual de Cultura, 1967.

J. de Alencar, NC =

ALENCAR, José de. *O nosso cancioneiro - Cartas ao Sr. Joaquim Serra;* Introdução e notas de Manuel Esteves e M. Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro, São José, 1962.

J. de Alencar, OC =

———. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1959-1960. 4 vols.

J. de Deus, CF =

DEUS, João de. *Campo de flores;* Poesias lyricas completas. 2.ª ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1896.

J. de Deus, CMC =

———. *Pedagogia, a cartilha maternal e a crítica.* Lisboa, Antiga Casa Bertrand — José Bastos, 1897.

J. de Deus, FS =

———. *Folhas soltas.* Porto, Liv. Universal de Magalhães & Moniz Ed., 1876.

J. de Lima, A =

LIMA, Jorge de. *Anchieta.* Rio de Janeiro, Getúlio Costa, s. d.

J. de Lima, OC =

———. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. 1.º vol.

J. L. de Vasconcelos, LFP =

VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de filologia portuguesa.* 2.ª ed. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926.

J. L. do Rego, A-M =

REGO, José Lins do. *Água-mãe.* 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. L. do Rego, D =

———. *Doidinho.* 9.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

J. L. do Rego, E =

———. *Eurídice.* 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. L. do Rego, FM =

———. *Fogo morto.* 14.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.

J. L. do Rego, ME =

———. *Menino de engenho.* 8.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

J. L. do Rego, MR =

———. *O moleque Ricardo.* 7.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

J. L. do Rego, MVA =

———. *Meus verdes anos.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

J. L. do Rego, P =

———. *Pureza.* 5.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. L. do Rego, RD =

———. *Riacho Doce.* 3.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. L. do Rego, U =

———. *Usina.* 4.ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

J. M. de Macedo, RQ =

MACEDO, Joaquim Manoel de. *O rio do quarto.* 3.ª ed. Rio de Janeiro, Garnier, 1901.

J. Nabuco, A =

NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo;* Conferências e discursos abolicionistas. São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1949.

J. Nabuco, MF =

———. *Minha formação.* São Paulo, IPÊ, 1947.

J. Régio, CL =

RÉGIO, José. *A chaga do lado.* 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1956.

J. Régio, ED =

———. *As encruzilhadas de Deus.* 3.ª ed. Lisboa, Portugália, s.d.

J. Régio, ERS =

———. *El-Rei Sebastião;* poema espetacular em três actos. Coimbra, Atlântida, 1949.

J. Régio, F =

———. *Fado.* 2.ª ed. Lisboa, Portugália, 1957.

J. Régio, JA =

———. *Jacob e o anjo;* mistério em três atos, um prólogo e um epílogo. 2.ª ed. Vila do Conde, SER, 1953.

J. Régio, PDD =

———. *Poemas de Deus e do diabo.* 4.ª ed. Lisboa, Portugália, 1955.

J. Régio, SM =

———. *A salvação do mundo.* Lisboa, Inquérito, 1954.

J. Ribeiro, AC =

RIBEIRO, João. *Autores contemporaneos;* Excerptos de escriptores brazileiros e portuguezes contemporaneos. 25.ª ed. refundida, anotada e atualizada. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1937.

J. Ribeiro, CD =

———. *Cartas devolvidas.* Porto, Liv. Chardron, de Lello & Irmão, 1926.

J. Ribeiro, FE =

———. *Floresta de exemplos.* Rio de Janeiro, J. R. de Oliveira, 1931.

J. Ribeiro, F =

———. *O fabordão;* Cronica de vario assunto. Rio de Janeiro, Garnier, 1910.

J. Ribeiro, FL =

———. *O folk-lore;* Estudos de literatura popular. Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.

J. Ribeiro, GP =

———. *Grammatica portugueza;* Curso superior. 22.ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1933.

J. Ribeiro, LN =

———. *A língua nacional;* Notas aproveitáveis. São Paulo, Monteiro Lobato, 1921.

J. Ribeiro, PE =

———. *Paginas de esthetica.* Lisboa, Classica Editora, 1905.

L. Barreto, B =

BARRETO, Lima. *Bagatelas* 2.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1956.

L. Barreto, REIC =

———. *Recordações do escrivão Isaías Caminha.* 2.ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1961.

L. Barreto, TFPQ =

———. *Triste fim de Policarpo Quaresma.* 3.ª ed. São Paulo, Braliense, 1965.

L. Barreto, VMMJGS =

———. *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá.* Rio de Janeiro, Mérito, 1949.

M. A. de Almeida, MSM =

ALMEIDA, Manoel Antonio de. *Memorias de um sargento de milicias, por um brasileiro.* Rio de Janeiro, Typ. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1854-1855, 2 tomos.

M. Bandeira, AA =

BANDEIRA, Manuel. *Andorinha, andorinha.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

M. Bandeira, AP =

———. *Antologia poética.* Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1961.

M. Bandeira, PP =

———. *Poesia e prosa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1958. 2 vols.

M. de Alencar, in J. de Alencar, OC =

ALENCAR, Mário de. *José de Alencar, o escritor e o político.* In: ALENCAR, José de. *Obra Completa.* Rio de Janeiro, Agùilar, 1959-1960. vol. IV, p. 13-23.

M. de Andrade, AVI =

ANDRADE, Mário de. *Amar, verbo intransitivo;* Idílio. 2.ª ed. São Paulo, Martins, [1955].

M. de Andrade, B =

———. *Belazarte;* contos. São Paulo, Piratininga, 1934.

M. de Andrade, CMB =

———. *Cartas de Mário de Andrade a Manuel Bandeira.* Rio de Janeiro, Organização Simões, 1958.

M. de Andrade, FC =

———. *Os filhos da Candinha.* São Paulo, Martins, [1963].

M. de Andrade, M =

———. *Macunaíma.* 5.ª ed. São Paulo, Martins, 1969.

M. de Andrade, OI =

———. *Obra imatura.* São Paulo, Martins, 1960.

M. de Andrade, PC =

———. *Poesias completas.* São Paulo, Martins, 1955.

M. de Andrade, 71 CMA =

71 CARTAS *de Mário de Andrade;* Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes. Rio de Janeiro, São José, s. d.

M. de Assis, OC =

ASSIS, Machado de. *Obra completa.* Rio de Janeiro, Aguilar, 1959. 3 vols.

M. de Maricá, MPR =

MÁXIMAS, *pensamentos e reflexões do marquês de Maricá;* Edição dirigida e anotada por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, MEC — Casa de Rui Barbosa, 1958.

M. de Sá-Carneiro, CFP =

CARNEIRO, Mário de Sá. *Cartas a Fernando Pessoa.* Lisboa, Ática, 1958-1959. 2 vols.

M. de Sá-Carneiro, P =

———. *Poesias.* Lisboa, Ática, 1953.

M. de S. Lima, GP =

LIMA, Mario Pereira de Souza. *Gramática portuguesa;* Edição revista e aumentada de acordo com o Programa Oficial, para as 4 séries. Rio de Janeiro, José Olympio, 1945.

M. Lobato, N =

LOBATO, Monteiro. *Negrinha; Contos.* 3.ª ed. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1951.

M. Lobato, U =

———. *Urupês.* São Paulo, Brasiliense, 1962.

M. Mesquita, LT =

MESQUITA, Marcelino. *Leonor Teles.* Lisboa, s. ed., 1892.

M. Pena, T =

PENA, Martins. *Teatro.* Rio de Janeiro, MEC — Instituto Nacional do Livro, 1956. 2 vols.

O. Bilac, DN =

BILAC, Olavo. *A defesa nacional; Discursos.* Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1965.

O. Bilac, P =

———. *Poesias.* Rio de Janeiro, Garnier, 1904.

O. Bilac, T =

———. *Tarde.* Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1919.

O. de Andrade, MSJM =

ANDRADE, Oswald de. *Memórias sentimentais de João Miramar.* São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964.

O. de Andrade, PR =

———. *Poesias reunidas.* São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1966.

O. Lima, D.J. VI =

LIMA, Oliveira. *Dom João VI no Brasil,* 1808-1821. Rio de Janeiro, José Olympio, 1945. 3 vols.

O. Mariano, TVP =

MARIANO, Olegário. *Toda uma vida de poesia;* Poesias completas, 1911-1959. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957. 2 vols.

O. Martins, PC =

MARTINS, J. P. de Oliveira. *Portugal contemporâneo.* 2.ª ed. emendada. Lisboa, Bertrand, 1881. 2 vols.

O. Mendes, VB =

MENDES, Manuel Odorico. *Virgilio brazileiro;* Tradução do Poeta Latino. Rio de Janeiro — Paris, Garnier, s. d.

O. Martins, in C. C. Branco, BE =

MARTINS, J. P. de Oliveira. Os jesuitas e a restauração de 1640. In: BRANCO, Camilo Castelo. *Bohemia do espirito.* Porto, Civilização, 1886. p. 29-43.

Ordenações Filipinas =

ORDENAÇÕES e *Leis do Reino de Portugal, recopiladas per mandado del Rei, D. Filipe o primeiro.* Coimbra, Imprensa da Universidade, 1847. tomo III.

R. Barbosa, EDS =

BARBOSA, Rui. *Escritos e discursos seletos;* Seleção, organização e notas de Virginia Côrtes de Lacerda. Rio de Janeiro, Aguilar, 1960.

R. Barbosa, R =

———. *Replica do Senador Ruy Barbosa às defesas da redacção do projecto da Camara dos Deputados.* Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1904.

R. Correia, PCP =

CORREIA, Raimundo. *Poesia completa e prosa;* Texto, cronologia, notas e estudo biográfico por Waldir Ribeiro do Val. Rio de Janeiro, Aguilar, 1961.

R. Couto, CEB =

COUTO, Ribeiro. *O crime do estudante Baptista.* São Paulo, Monteiro Lobato & Cia., 1922.

R. Couto, PR =

———. *Poesias reunidas.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

R. da Silva, CL =

SILVA, Rebello da. *Contos e lendas.* Lisboa, Liv. Ed. de Mattos Moreira, 1873.

R. de Carvalho, EIS =

CARVALHO, Ronald de. *Epigrammas ironicos e sentimentais.* Rio de Janeiro, Annuario do Brasil, 1922.

R. M. F. de Andrade, V =

ANDRADE, R. M. F. de. *Velorios.* Belo Horizonte. Os Amigos do Livro, s. d.

R. Ortigão, H =

ORTIGÃO, Ramalho. *A Hollanda.* 3.ª ed. Lisboa, A. M.ª Pereira, 1900.

R. Pompéia, A =

POMPEIA, Raul. *O Atheneu.* 4.ª ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, s. d.

Sá de Miranda, P =

POESIAS *de Francisco de Sâ de Miranda;* Edição feita sobre cinco manuscriptos ineditos e todas as edições impressas por Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Halle, Max Niemeyer, 1885.

Said Ali, DLP =

ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa.* 5.ª ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

Said Ali, GS =

———. *Grammatica secundaria da lingua portugueza.* 4.ª ed. São Paulo, Melhoramentos, s. d. Cita-se também por ———. ———. 5.ª ed. Rio de Janeiro, Liv. Acadêmica, 1957.

S. da Gama, S-M =

GAMA, Sebastião da. *Serra-mãe;* Poemas. 2.ª ed. Lisboa, Ática, 1957.

S. da Silva Neto, HLP =

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1970.

S. da Silva Neto, IELPB =

———. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.* 2.ª ed. Rio de Janeiro, MEC — Instituto Nacional do Livro, 1963.

Sousa da Silveira, LP =

SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português.* 5.ª ed. melhorada. Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1952.

S. Lopes Neto, CGLS =

LOPES NETO, J. Simões. *Contos gauchescos e lendas do sul;* Ed. crítica. 5.ª ed. Porto Alegre, Globo, 1957.

T. A. Gonzaga, OC =

OBRAS COMPLETAS *de Tomás Antônio Gonzaga;* Edição crítica de M. Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro, MEC — Instituto Nacional do Livro, 1957. 2 vols.

T. Barreto, QV =

BARRETO, Tobias. *Questões vigentes.* In: ———. *Obras completas.* Ed. do Estado de Sergipe, 1926. IX.

T. Coelho, in J. de Deus, CMC =

COELHO, Trindade. *Ao leitor.* In: DEUS, J. de. *A cartilha maternal* e a *crítica.* Lisboa, Antiga Casa Bertrand-José Bastos, 1897, p. V-XXII.

T. da Silveira, PC =

SILVEIRA, Tasso da. *Puro canto;* Poemas completos. Rio de Janeiro, Ed. GRD, 1962.

T. de Melo, P =

MELLO, José Alexandre Teixeira de. *Poesias.* Edição definitiva. Liège, Typ. F. Brimbois, 1914.

T. de Pascoais, OC =

PASCOAIS, Teixeira de. *Obras completas;* edição do autor. Paris, Aillaud & Bertrand, s. d. 7 vols.

T. M. Moreira, VVT =

MOREIRA, Thiers Martins. *Visão em vários tempos.* Rio de Janeiro, São José. 1970.

V. de Carvalho, PC =

CARVALHO, Vicente de. *Poemas e canções.* 16.ª ed. São Paulo, Saraiva, 1962.

Equipe Técnica Editorial

Anna Maria Borges Guerra Rêgo
Anna Maria Bruno
Flávia Augusta Cavalcanti de Arruda
Gioietta Timoteo Lana
José Tedin Pinto
Maria Lúcia L. F. da Costa
Maria Regina Fernandes de Souza
Maria Thereza Pessôa da Costa
Sérgio Bellinello Soares
Vicente de Paula Reis e Silva

Artes-Finais

Aloísio Vieira Vilanova

Capa

Plínio Lopes Cypriano

Paginação

José Maria Campos do Nascimento

Esta obra foi impressa pela
IMPRES — Companhia Brasileira de Impressão e Propaganda
Rua Cadete, 209 — Barra Funda — São Paulo — SP
para a
FENAME — Fundação Nacional de Material Escolar
Rua Miguel Ângelo, 96 — Maria da Graça — RJ
República Federativa do Brasil